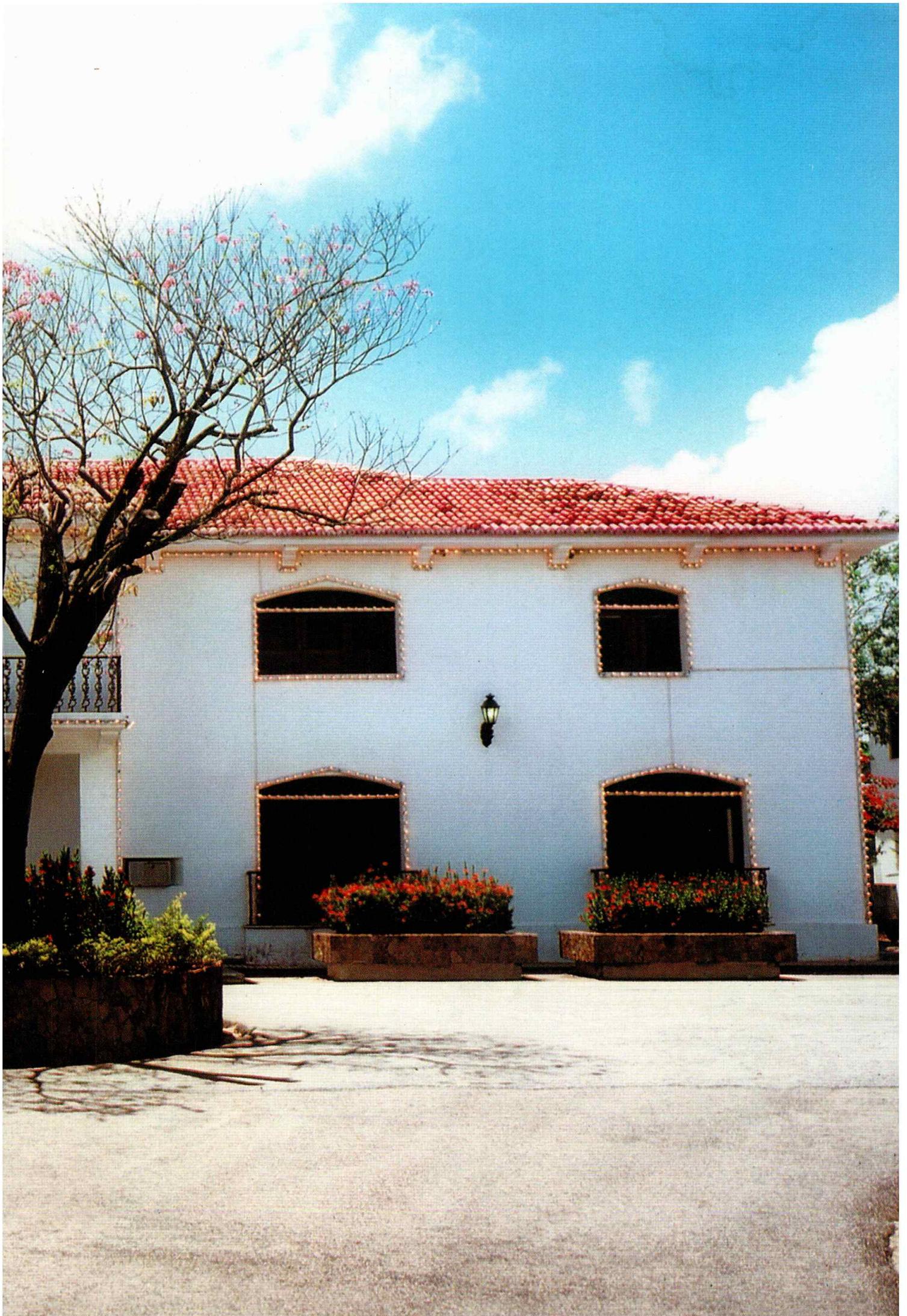
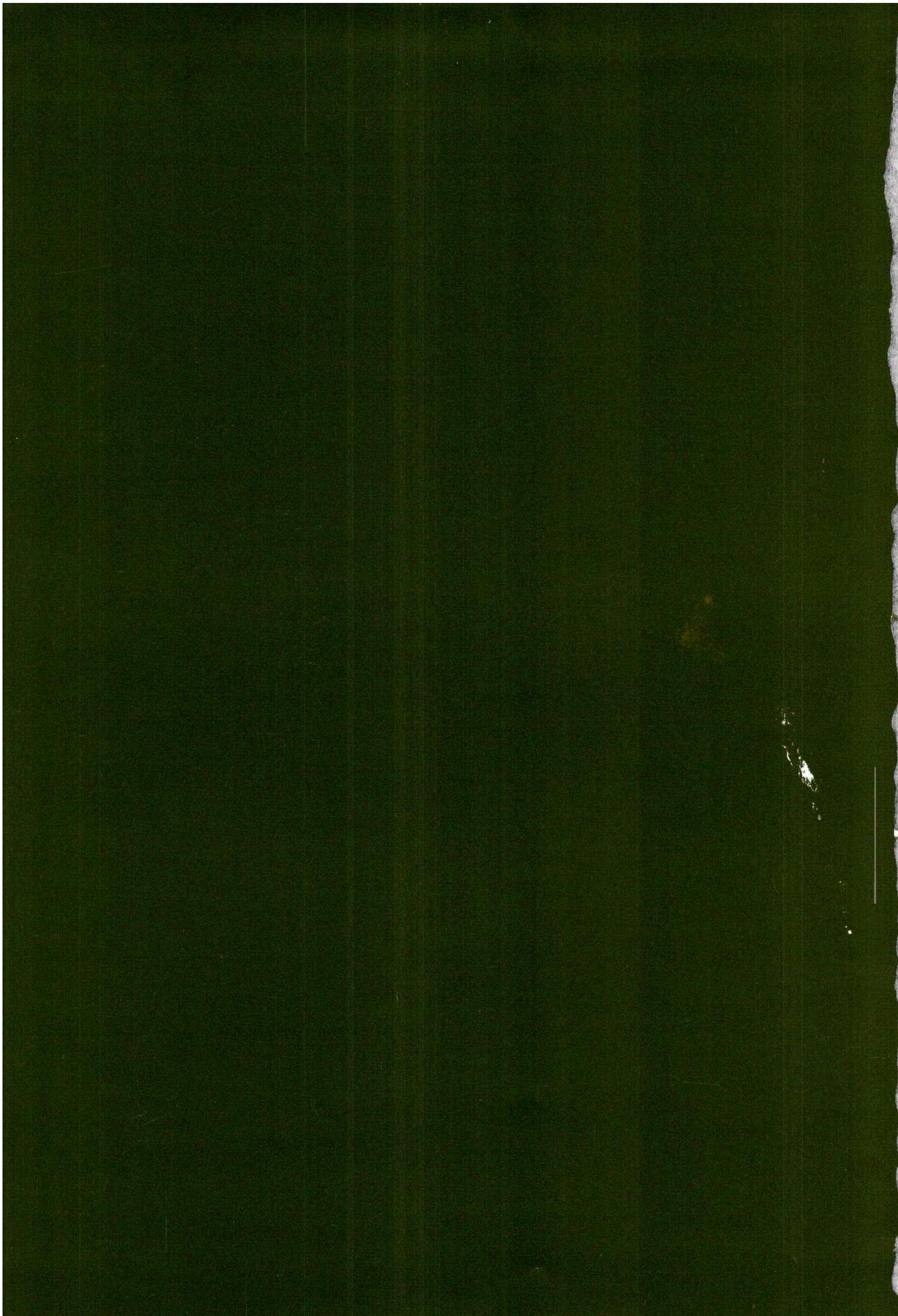


Daladier Pessoa Cunha Lima

Noilde  
Ramalho

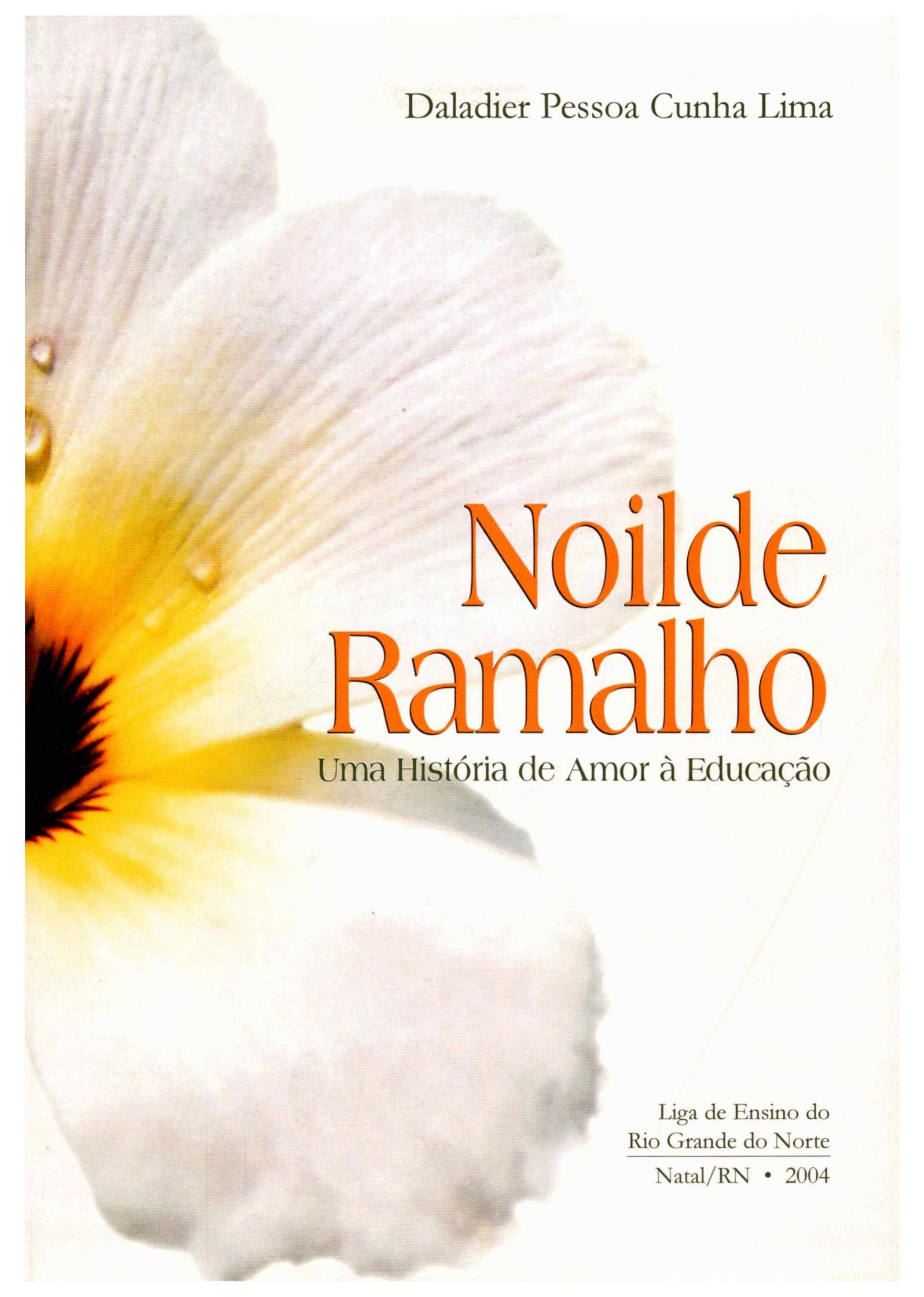
Uma História de Amor à Educação





# Noilde Ramalho

Uma História de Amor à Educação



Daladier Pessoa Cunha Lima

# Noilde Ramalho

Uma História de Amor à Educação

Liga de Ensino do  
Rio Grande do Norte  
Natal/RN • 2004

© 2004 by Daladier Pessoa Cunha Lima

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,  
desde que citados autor e fonte.

REVISÃO

**Zélia Ramos Santiago**

FOTOGRAFIAS

**Acervo do Museu Nísia Floresta**

**Jaeci**

**Giovanni Sérgio (capa)**

**Miro Braz**

**Wellington Barbosa**

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

**Terceirize Editora**

IMPRESSÃO

**Geográfica - Santo André - SP**

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

**Elisângela Alves Moura**

**Maria de Lourdes Teixeira**

L967n

Lima, Daladier Pessoa Cunha

Noilde Ramalho: uma história de amor à  
educação / Daladier Pessoa Cunha Lima - Natal:  
Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, 2004.  
554p

ISBN 85-904581-1-3

1. Ramalho, Noilde Pessoa - 1920 - 2. Escola  
Doméstica de Natal - História I. Título.

CDD 920

CDU 929 (RAMALHO, Noilde Pessoa)

RN/FARN/BC

## O que é o tempo?

(...)

*De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente só existe porque tende a não ser?*

(...)

*Quem, por conseguinte, se atreve a negar que as coisas futuras **ainda** não existem? Não está já no espírito a expectativa das coisas futuras? Quem pode negar que as coisas pretéritas **já** não existem? Mas está ainda na alma a memória das coisas passadas. E quem contesta que o presente carece de espaço, porque passa num momento? Contudo a atenção perdura e através dela continua a retirar-se o que era presente. Portanto, o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: o **futuro longo** é apenas a **longa expectativa do futuro**. Nem é longo o tempo passado porque não existe, mas o **pretérito longo** outra coisa não é senão a **longa lembrança do passado**.*

*Santo Agostinho (354 – 430)*

*“Era a isenção, era o ter atravessado a vida intacta e pura.  
O Cabo das Tormentas converteu-se em Cabo da Boa  
Esperança, e ela venceu a primeira e a segunda mocidade, sem  
que os ventos lhe derribassem a nau, nem as ondas a engolissem.”*

**Machado de Assis (1839 - 1908),  
em Esaú e Jacó, Cap. XIX**

*“A emancipação da mulher começou com o cristianismo.  
Teve início numa noite, há quase dois mil anos, quando veio a  
uma mulher chamada Maria uma mensagem dos céus.”*

**Peter Marshall (1902-1949)  
Pastor Presbiteriano nascido na Escócia.**

*“O Capitain! my Capitain! our fearful trip is done,  
The ship has weathered every rack, the prize we sought is  
won, the port is near, the bells I hear, the people all exulting.”*

**Walt Whitman (1819-1892)  
American Poet**

## Dedicatória

*D*edico este livro àquela que mais contribuiu para a sua concretização, minha esposa Ana Maria, pela paciência em ter-me quase enclausurado a escrevê-lo. Atenta e solidária à minha satisfação pela tarefa, ela renunciou momentos que poderiam ter sido dedicados ao lazer. Por extensão, aos meus filhos e netos, repito a afetiva dedicatória. Não somente pelos mesmos motivos, mas também pelos vínculos do bem-querer familiar, que afloram e crescem na mente e no coração, toda vez que um forte apelo emocional invade seus territórios.

## Agradecimentos

Primeiramente, a Deus, que na Sua bondade me tem oferecido oportunidades que conduzem ao sentimento de realização existencial.

Em seguida, à Professora Noilde Ramalho, desde o instante em que ela me aceitou para seu biógrafo, confiando-me suas reminiscências e confissões. Esse seu gesto, nascido de um coração magnânimo, trouxe para mim um sentimento de gratidão imensurável.

Ao Professor Paulo Bonavides, que, generosamente, concordou em fazer o Prefácio deste livro, valorizando-o muito.

Ao Professor Itamar de Souza, pelo apoio oferecido desde o primeiro momento, acompanhando com interesse a evolução do projeto, além de redigir texto sobre a emancipação da mulher brasileira, inserido no capítulo 19. À jornalista Graciêma Carneiro, entusiasta deste trabalho biográfico, pela especial e valiosa contribuição na escolha das fotografias. A Talita Câmara de Medeiros Lima, responsável pela digitação, fazendo-a com muito esmero; às bibliotecárias da FARN, Maria de Lourdes Teixeira da Silva e Elisângela Alves de Moura, que realizaram a normalização. Às professoras Aparecida Fernandes e Zélia Ramos Santiago e ao professor Alcir Veras, que tiveram a incumbência da revisão do texto, além da professora Tereza Neuma de Castro Dantas, que fez a tradução do material consultado escrito em Língua Francesa. Impossível referir aqui tantas outras pessoas que me ajudaram, de várias maneiras, para que este trabalho se realizasse.

Assinalo, ainda, com satisfação, que nesta página deveriam estar os nomes de todas aquelas ilustres figuras que enviaram seus depoimentos, os quais fazem parte deste livro e que lhe conferem um adicional e significativo valor.

*Daladier Pessoa Cunha Lima*

# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	21
<b>Introdução</b> .....	27
<b>Capítulo I</b>	
Genealogia .....	34
<b>Capítulo II</b>	
O Encontro .....	46
<b>Capítulo III</b>	
Anyole .....	54
<b>Capítulo IV</b>	
Reminiscências .....	66
<b>Capítulo V</b>	
Confissões .....	108
<b>Capítulo VI</b>	
Homenagens .....	114
<b>Capítulo VII</b>	
Memoráveis Recepções .....	128
<b>Capítulo VIII</b>	
Viagens e Mais Viagens .....	166
<b>Capítulo IX</b>	
A Escola Doméstica de Natal e as Ecoles Ménagères na Suíça .....	212
<b>Capítulo X</b>	
A Natal que Viu Nascer a Escola Doméstica – A Inauguração – A Vanguarda do Projeto .....	228

## **Capítulo XI**

As Diretoras da Escola Doméstica – Diretora  
Alix Ramalho Pessoa – Diretora Leora James ..... 248

## **Capítulo XII**

Novo Prédio da Escola Doméstica – A Luta sem  
Tréguas para a Concretização de um Sonho -  
Expansão Gradativa e Segura ..... 272

## **Capítulo XIII**

Duas Decisões Cruciais ..... 296

## **Capítulo XIV**

A Escola, a Cultura e o Esporte: *Mens Sana in  
Corpore Sano* ..... 308

## **Capítulo XV**

Liga de Ensino do Rio Grande do Norte ..... 324

## **Capítulo XVI**

Complexo Educacional Henrique Castriciano ..... 350

## **Capítulo XVII**

Faculdade Natalense para o Desenvolvimento  
do Rio Grande do Norte - FARN ..... 364

## **Capítulo XVIII**

Depoimentos ..... 388

## **Capítulo XIX**

Textos, Fotografias e Documentos Relevantes ..... 486

**Referências** ..... 544

## Prefácio

Professor  
Paulo Bonavides

Este livro “NOILDE RAMALHO: UMA HISTÓRIA DE AMOR À EDUCAÇÃO,” de autoria do Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, não pertence ao Rio Grande do Norte, mas ao Brasil; não cabe em limites provinciais senão que impetra projeção nacional, porque a pessoa nele retratada e homenageada é a síntese histórica e humana de uma grande vocação pedagógica. Daladier, associado a esse admirável projeto, tinha, pelo testemunho da vivência, da colaboração diuturna, que ser mesmo o biógrafo da insigne educadora.

A província no Brasil sempre foi sede de órgãos educacionais que estenderam, já pelo pioneirismo, já pela qualidade do ensino ministrado, sua fama por todo o país. Assim aconteceu com as Faculdades de Direito de Recife e São Paulo; com a Faculdade de Medicina da Bahia; com o seminário de Olinda, em Pernambuco, e com o Caraça, em Minas; com os colégios militares de Fortaleza e Porto Alegre, e, por derradeiro, com a Escola Doméstica de Natal, única no gênero em toda a América Latina.

É de lastimar, porém, que, nesse rol, não entre sequer uma única Universidade, a exemplo da de São Marcos no Peru. A ferócia obscurantista do imperialismo de Portugal na América Portuguesa, infesto a colégios, livros e prelos retardou por séculos o advento da Universidade nesta parte do continente. Não consentia, por conseguinte, que se acendessem aqui as luzes da educação e, debaixo das trevas, opressões e iniquidades do sistema colonial, forcejava sempre por manter perpetuamente embrutecidos e sem voz os súditos brasileiros.

Mas com o tempo e o advento formal da liberdade e da independência a situação se transformou e foi possível, ao transcurso de quase um século, cimentar aquela iniciativa fecunda de Henrique Castriciano,

de que resultou, por 1911, a fundação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, e alguns anos depois, no dia 01 de setembro de 1914, a criação da Escola Doméstica de Natal.

Esses foram os dois grandes passos iniciais que na aurora do século XX fizeram nascer em terra rio-grandense uma instituição do prestígio nacional e internacional da Escola Doméstica de Natal. Mas sua consolidação, expansão e renome tem sido obra sobretudo dos derradeiros sessenta anos, graças ao labor dessa memorável figura de mulher que as páginas do livro do Professor Daladier perpetuam como testemunho da gratidão do Rio Grande do Norte a Noilde Ramalho.

A terra potiguar há gerado uma dinastia de mulheres célebres. A História desde muito as condecorou em seus anais. De Clara Camarão, heroína da primeira guerra colonial de libertação contra os invasores holandeses, a Noilde Ramalho, abalizada educadora do nosso tempo, o Rio Grande do Norte conheceu também outras duas mulheres extraordinárias: Nísia Floresta, que patrocinou, com liderança ímpar, os primeiros movimentos feministas do País, e Auta de Souza, a poetisa cujos versos tristes, estampados em seletas e antologias do curso ginásial, tanto fascinaram a nossa geração.

Para ocupar o posto a que faz jus na memória do Rio Grande setentrional, não precisou Noilde de escrever um só livro; sua grandeza brota do gênio e do pulso com que tem administrado a Escola; esta, sem dúvida, monumento institucional e grande livro de granito, para não dizer, obra prima de uma existência consagrada, com extrema devoção, à tarefa de educar, sob moldes emancipatórios, muitas gerações de alunas que o preconceito contra a mulher freqüentes vezes segregou das esferas políticas, acadêmicas e espirituais.

A ausência de livros no currículo de Noilde, educadora, não a priva, porém, de um lugar ao lado

de Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro, príncipes da pedagogia no Brasil. Sócrates e Cristo não deixaram um só escrito e, todavia, mudaram com o pensamento e a palavra, com a revolução da doutrina e das lições sobre a verdade e a virtude os destinos do gênero humano; foram libertadores da consciência e propugnadores da razão e da fé, respectivamente.

Ao fruir, pois, um nome nacional de educadora respeitada e reverenciada, Noilde entrou a ombrear com as grandes figuras contemporâneas do Rio Grande do Norte, bem como com aquelas que, ao longo de muitas décadas, ilustraram o nome daquele Estado: um José Augusto, um Djalma Marinho, um Dinarte Mariz na política, na governança; um Câmara Cascudo nas letras folclóricas; um Café Filho nas lutas sindicais, enquanto guia, líder e agitador que foi de reivindicações operárias; um Amaro Cavalcanti e um Seabra Fagundes, na magistratura e na advocacia, e, de último, um D. Eugenio Sales, nos ofícios eclesiásticos e sacerdotais; todos já com lugar de honra e consideração e respeito na memória do país.

Depois de fazer da Escola Doméstica um edifício pedagógico, Noilde arrojou-se a outras empresas educacionais que a sua capacidade e o seu projeto de vida levaram a cabo. A continuidade vocacional da Diretora daquele estabelecimento se acha agora estampada nas paredes, nas salas de aulas, nos laboratórios, nas bibliotecas de novas instituições de alto nível universitário que seu ânimo criativo e empreendedor tem feito vingar ampliando horizontes espirituais e culturais, fundando faculdades como a FARN - Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - a qual, com poucos anos de vida, se tornou, desde algum tempo, por obra dos cursos inaugurados, uma esperançosa Universidade do mais elevado padrão: aberta, renovadora, original, fecunda.

Tomo o depoimento de Diógenes da Cunha Lima, ex. Presidente do Conselho de Reitores do Brasil, quando este, com extrema fidelidade, traçou em rápidas e conclusivas linhas o perfil e o contributo da personalidade ora homenageada. Disse Diógenes, com inteira justiça: “Noilde Ramalho orienta as instituições com vínculo afetivo e altivez, com zelo que beira à veneração. E Natal tem o privilégio, único no mundo, de oferecer um estabelecimento escolar em que um aluno pode ter entrado no berçário para a puericultura, começar os estudos e continuar até a conclusão do curso superior”.

Quem teve a capacidade de fazer isso ergueu um monumento, escreveu sua própria imortalidade.

A Escola Doméstica tem nome, história, tradição e conceito. Tem Noilde Ramalho, que é um exemplo. E o exemplo “vale mais do que as máximas e as doutrinas,” disse o primeiro orador de Portugal, o gigante da retórica lusitana, o grande José Estevão. E prosseguiu ele com uma força de convicção, com essa energia de idéias que eu vejo, por igual, no empenho de Noilde em aprimorar sua Escola, feita de fé, coragem, luta, trabalho, amor e determinação.

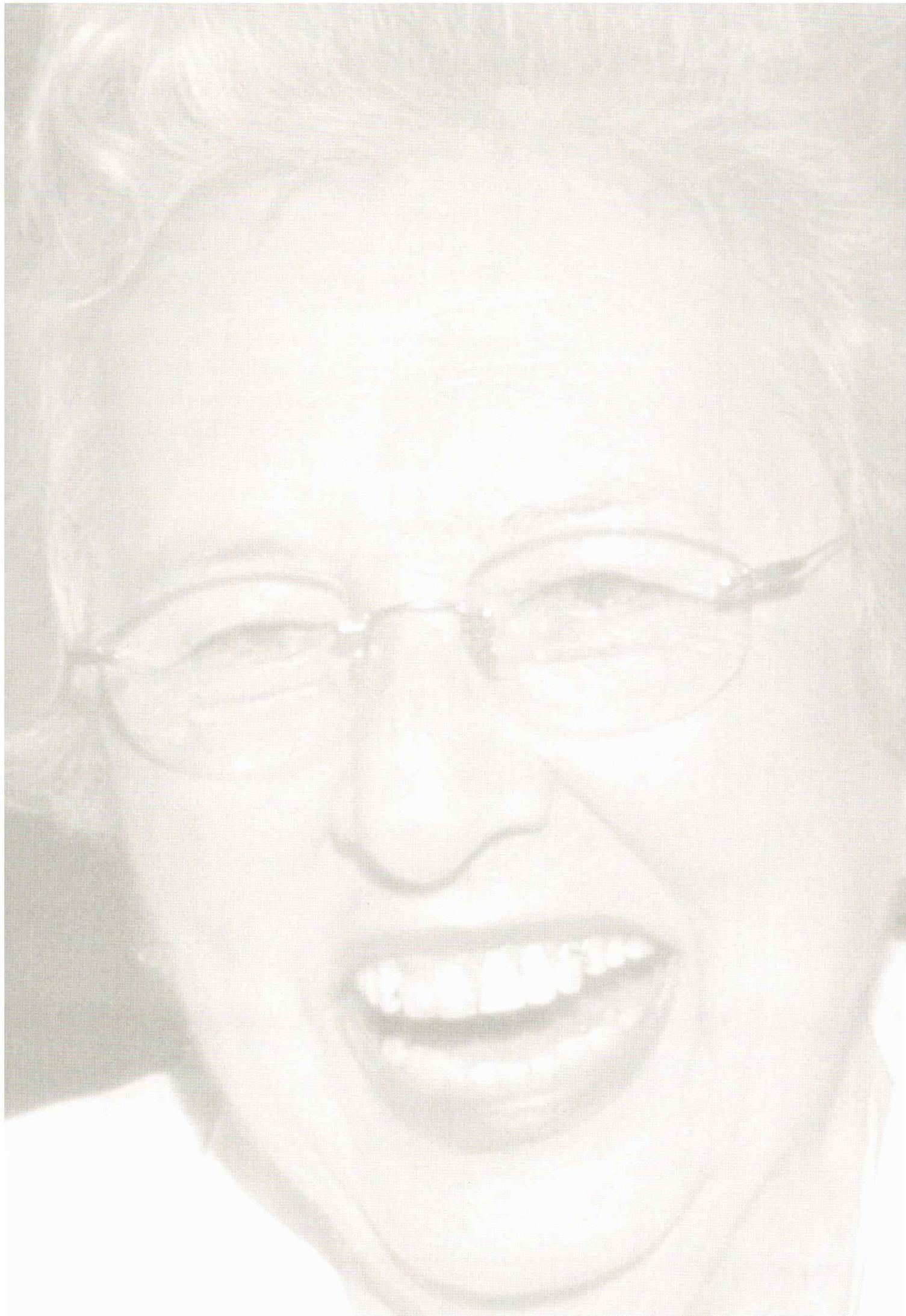
Asseverou o rival de Garrett na tribuna do parlamento português que o exemplo “reúne as seduções da eloquência à verdade dos fatos.” E acrescentou: “Desbarata argumentos; dissipa dúvidas; emudece desculpas. Com o exemplo acobardam-se os maus e alentam-se os bons. No exemplo tudo é claro, definido, perceptível. Quem o não segue, condena-se; quem o adota está seguro da aprovação pública.” Tais palavras constam de uma alusão célebre do orador ao duque da Terceira, companheiro de D. Pedro IV - o mesmo Pedro I da nossa independência e do grito do Ipiranga, durante a grande jornada que libertou Portugal do absolutismo e levantou na península um trono constitucional.

Noilde é o exemplo que o Rio Grande adota e que a opinião pública aprova. Tanto quanto o livro de Daladier, a notável educadora não pertence apenas ao Rio Grande do Norte, mas ao Brasil.

O texto de Daladier disse tudo acerca de Noilde. É ele de leitura fácil e amena, redigido com elegância e, acima de tudo, com uma simplicidade que encanta o leitor da primeira à última página.

Em suma, a meu parecer, a pena do professor rio-grandense mostrou que Noilde Ramalho é a Escola Doméstica de Natal, assim como o Barão de Studart foi o Instituto do Ceará, Machado de Assis a Academia Brasileira de Letras, Gilberto Freyre o Instituto Joaquim Nabuco e Miguel Reale tem sido o Instituto Brasileiro de Filosofia. Figuras humanas de incontrastável dimensão institucional. Todas elas fazem jus à láurea da gratidão nacional.

*Paulo Bonavides*



## Introdução

“Felizes são aqueles que no princípio da vida olham os outros e, ao cabo de tanto esforço, são por todos olhados.”

*Nilo Pereira*

Todas as pessoas, no decorrer da vida, influenciam e são influenciadas pelos seus contemporâneos, em intensidade variável. Há pessoas, entretanto, que nascem predestinadas a exercer um papel marcante em todos os aspectos do relacionamento humano e nos vários setores do ambiente social em que vivem. Noilde Ramalho é uma dessas criaturas nascidas com a predestinação de aglutinar virtudes e sentimentos bons, de transmitir otimismo, de ser porto seguro para incertezas e de ser luz para iluminar caminhos a serem seguidos. Ela é possuidora de forte e benéfico carisma, pois exerce natural influência no vasto ambiente de sua convivência, recebendo de todos especial atenção e admiração.

É sobre esse ser humano extraordinário, especial, reconhecido pelos seus méritos pessoais e educacionais, pelas suas virtudes de mulher criadora e criativa, pioneira, sempre apta a surpreender pelas suas ações e disponibilidade de servir, de ser solidária, que este livro pretende traçar o perfil.

A admiração por Noilde Ramalho teve início muito cedo, ainda na minha infância, em tempos passados, vividos na cidade de Nova Cruz, quando meu pai, Diógenes da Cunha Lima, fazia sempre as melhores referências ao seu desempenho como educadora exemplar e como pessoa fascinante.

Essa admiração, que tenho desde menino, vem crescendo com o decorrer do tempo. Entretanto, há seis anos, quando envolvi-me com a criação e, logo em seguida, com a direção da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN, passando, então, a conviver com a professora Noilde Ramalho mais de perto, pude ver, presenciar e conhecer melhor sua grandeza humana, seus gestos marcantes de amor ao próximo, suas demonstrações de entendimento da vida e do mundo, sua capacidade de

interagir sempre na direção do bem. Não é à toa que várias gerações reverenciam seu nome, têm-na como paradigma de conduta, regozijam-se em revê-la e em abraçá-la, quase como a realimentar as esperanças, as energias positivas e os ensinamentos de ética para uma convivência humana mais fraterna.

Pensei, então, que seus edificantes exemplos deveriam ir mais longe, no espaço e no tempo, através do registro de um perfil biográfico tão pródigo de significações benfazejas. Senti-me compulsivamente levado a propor-lhe realizar essa tarefa, ficando felicíssimo quando ela concordou. Veio, nesse instante, a idéia de publicá-lo nas comemorações dos noventa anos da Escola Doméstica, as quais já se avizinhavam. Havia, portanto, de dar início ao trabalho, sem tréguas e sem demoras. Passei a fazer entrevistas quase semanais com a Professora Noilde Ramalho, nas quais desfilavam, livremente, suas reminiscências e confissões. Foram muitas horas de perguntas e respostas, de conversas e relatos, quando, às vezes, predominava a emoção pelas afetivas lembranças e, em outras, a alegria e a descontração pelos fatos pitorescos rememorados. Sua prodigiosa memória ia resgatando o passado com extrema nitidez. Certas passagens ela mesma escreveu, tornando-as mais autênticas.

A história de vida de Noilde Pessoa Ramalho é indissociável da história da Escola Doméstica de Natal, do Complexo Educacional Henrique Castriciano e da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN. Os dois últimos foram por ela criados; a ED ela não criou, mas tem sido sua Diretora por quase 60 anos. Assim, Noilde Ramalho, além da imensa prole que a sua fértil inspiração de educadora gerou, representada em várias gerações de jovens, tem três filhos educacionais, sendo duas filhas

e um filho. A Escola Doméstica, filha que ela adotou, tem, segundo os mais próximos, um lugar bem especial em seu coração. O Complexo Educacional Henrique Castriciano, o filho querido, orgulho de uma mãe cuidadora e vaidosa do rebento. E a filha caçula, a Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, representante ativa da nova mentalidade feminina, a mulher do século XXI. Talvez por ser caçula, tem merecido um carinho especial, o que por vezes chegou a despertar um leve e compreensível ciúme. Esses seus diletos “filhos” são “personagens” importantes de “Uma História de Amor à Educação”.

Noilde Ramalho detém uma energia impressionante. Para ela, tudo parece estar agora começando. Em seus pensamentos, o passado é fonte de inspiração e de orgulho, mas o futuro é sempre contemplado em sua inesgotável vontade de realizar mais e mais. Inteligente, culta, sensível, organizada, compreensiva, ela associa essas qualidades a serviço de sua inexcedível jornada educacional. O Cardeal Eugenio Sales, em depoimento que faz parte deste livro, disse: “Há pessoas, como Noilde Ramalho, que avançam em idade e em virtudes”. Essa afirmação, por si só, justifica o sentimento unânime de respeito e admiração por essa grande educadora.

Com a responsabilidade de gerir uma importante Instituição Educacional, ela demonstra capacidade extraordinária de trabalho, que se revela tanto nas lides com alunos e professores, quanto na ação do dia-a-dia administrativo e no planejamento estratégico organizacional. Olha e vê a Instituição na sua globalidade, em todos os seus aspectos, assim como é capaz de olhar e ver um papel jogado ao chão, uma cadeira fora do lugar, uma mancha na parede ou uma planta do jardim sem receber o devido cuidado. Sem precipitações, suas

Há pessoas, como Noilde Ramalho, que avançam em idade e em virtudes.

decisões não demoram; são pensadas, mas nunca postergadas por hesitação. Da mesma forma que é capaz de se emocionar com a beleza das grandes obras, ela também se deslumbra com as folhas e as flores do campo, com o sorriso de uma criança ou o canto de pássaros anunciando a alegria da liberdade.

São tantas virtudes, atavios da personalidade, que suas fragilidades – todos os seres humanos as têm – perdem vitalidade e desaparecem.

Uma das suas marcas distintivas é a capacidade de ser solidária, com suas alunas e ex-alunas, com seus familiares, com os amigos e, ainda, com aqueles que são partícipes das mesmas circunstâncias vivenciais na comunidade. Nunca se deixa levar pela superficialidade nem pelos artificialismos. O seu pensamento é claro, as suas opiniões são transparentes; não tergiversa quando tem que assumir posições, mesmo que algum desgaste ocasional possa existir. Eis o que diz Dom Nivaldo Monte em seu depoimento: “Noilde nunca me pareceu uma mulher artificial, cheia de modismo e afetações. Nisto podemos dizer que ela sempre foi uma mulher autêntica, e nesta autenticidade está a grandeza da sua personalidade”.

Todas as alunas e ex-alunas da Escola Doméstica conhecem o quanto Noilde Ramalho exercita a sua autoridade, com firmeza, mas sem autoritarismo e sem perder a brandura e a ternura que afloram do seu inerente impulso maternal. Assim, ela sabe ser amiga e terna, mas também sabe mostrar os limites exigidos para se ter uma vida correta e feliz.

Discreta no agir, no falar, no vestir, no chegar e no sair, Noilde Ramalho revela grande elegância em todas essas oportunidades e em todos esses aspectos. Aliás, a palavra elegância, no seu sentido mais abrangente, adequa-se, perfeitamente, à sua personalidade e

à sua maneira de viver, como se fosse a mão em uma luva. Esse apanágio se exercita, também, na fidalguia da forma de receber, propiciando as grandes recepções que ocorreram e ocorrem na Escola Doméstica. Jessé Dantas Cavalcanti, em seu depoimento, diz que Noilde Ramalho é “ a maior anfitriã que Natal já viu”.

De porte um tanto majestoso, alta, cabeça erguida – mas sem arrogância, olhar sereno e atento, cabelos sempre bem arrumados, face de pele clara e jovial, sem ressaltar as marcas dos anos vividos, Noilde é uma mulher bonita, que impressiona e chama a atenção pela beleza que o tempo não consegue desfazer.

Ela sabe bem aproveitar seus momentos de lazer, quando se revela totalmente descontraída e disposta a usufruir as amenidades que a ocasião oferece. A alegria é permanente em sua vida, excetuando-se, é claro, os instantes em que os indesejáveis influxos da existência toldam-lhe a felicidade. Diverte-se com a presença dos bons amigos, em uma conversa animada, nas horas de leitura, nas muitas viagens que empreende ou até nos encontros casuais com as pessoas do seu bem-querer. Seu largo sorriso traduz a evidência de uma pessoa de bem com a vida e que transmite, aos outros, esse benfazejo estado de espírito. Ela exercita a extraordinária capacidade de amar no dia-a-dia do seu viver. O amor que impregna e preside suas ações fazem-na uma pessoa feliz, capaz de compartilhar com muitos essa felicidade.

O seu característico fascínio cresce e transborda quando se trata de crianças, evidência de forte aura maternal. Há uma permanente e natural empatia entre ela e essas pequenas criaturas, um vínculo afetivo que se manifesta com rapidez e espontaneidade. Seus gestos de afeição, carinho e alegria cativam as crianças de forma impressionante.

A presença de Noilde Ramalho, em alguma reunião ou solenidade, é sempre notada com auspiciosas simpatias, quase sempre seguindo-se espontâneos aplausos quando o seu nome é citado. Essas manifestações revelam o reconhecimento da comunidade a uma mulher de vida coerente e dedicada à causa nobre da educação, além de traduzir a valorização de qualquer ambiente pelo seu comparecimento.

Em ocasiões propícias, usa da palavra para exprimir os lúcidos pensamentos, seja com texto escrito ou de improviso, quando se mostra hábil em fazer o discurso correto, pois detém a aptidão de transmitir o essencial de forma concisa, pertinente e objetiva.

A religiosidade de Noilde Ramalho incorpora-se à sua existência, confunde-se com a razão do seu viver. Educação e religião são seus principais sustentáculos existenciais. A fé é tão forte que esse vigor espiritual revela-se contagiante. Suas orações são tão fervorosas que, certamente, tendem a resultar na obtenção do bem almejado. As luzes que, diariamente, pede ao Divino Espírito Santo ela as recebe, tornando-a, realmente, uma pessoa iluminada.

Essa extraordinária educadora fez uma opção: doar-se à causa educacional, abdicando de situações que a teriam conduzido para outros destinos. Em momentos de inconfidência, revelou que desistiu de algumas propostas de casamento, sabedora que uma aceitação a obrigaria a renunciar seu plano de vida, o qual contemplava dedicação exclusiva às lides educacionais.

Portanto, o itinerário existencial de Noilde Ramalho se faz de uma seqüência de instantes ininterruptos de amor à educação da pessoa humana, na sua interpretação mais abrangente e mais fecunda. São poucas as criaturas, podemos dizer, em todo o mundo, que têm tanto tempo dedicado ao trabalho educacional.

E sua energia, seu otimismo, sua busca permanente do bem, sua perseverança e determinação em servir, continuam com a mesma força; são inexauríveis.

Obviamente, esse painel biográfico, que abriga elementos essenciais da fascinante existência de Noilde Ramalho, tem de acolher, também, a história das três instituições de ensino que lhe animam a alma, as quais são quase como o ar que ela respira ou a pele que lhe cobre o corpo. Querer separar seria o mesmo que dissociar do compositor a sinfonia; do pássaro, o canto que alegra; do poeta, a poesia que enleva; do sol, a luz que aquece e ilumina.

*Daladier Pessoa Cunha Lima*

Educação e religião são seus principais sustentáculos existenciais. A fé é tão forte que esse vigor espiritual revela-se contagiante.

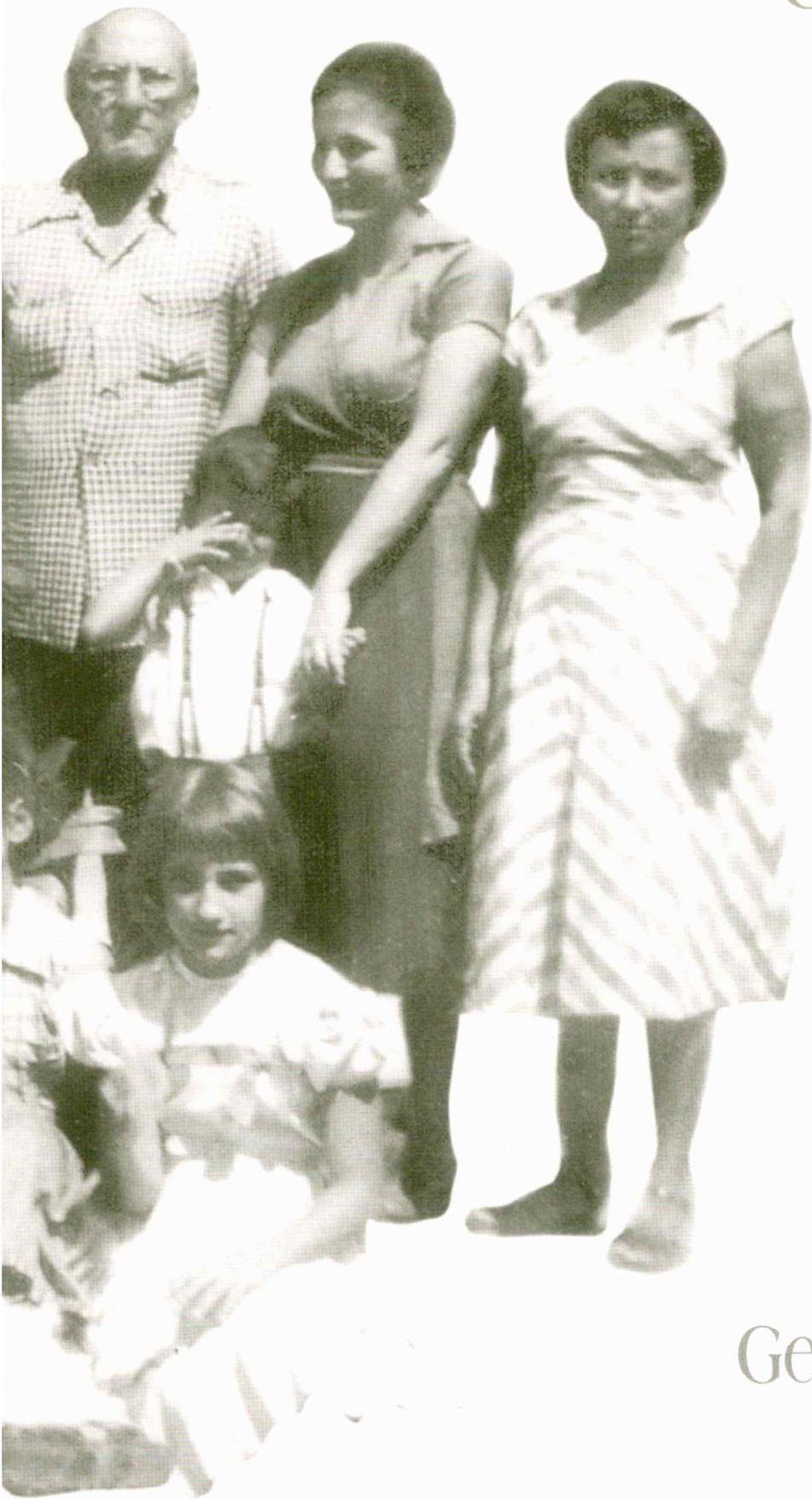
A Família Pessoa Ramalho  
reunida no Engenho Angelim.



...  
...  
...

# Capítulo

# I



# Genealogia

Noilde Pessoa Ramalho é filha de Odilon Amâncio Ramalho e Lucilla Pessoa Ramalho. Seu pai era filho de Antônio Amâncio Ramalho, que contraiu núpcias com Águida Rodrigues Leite Ramalho. Sua mãe era filha de Manoel Targino Pessoa, que casou com Ana Idalina Cruz.

Assim, as quatro famílias que estão na linha de ascendência de Noilde Pessoa Ramalho são: Pessoa, Cruz, Rodrigues e Ramalho.

As origens das famílias são, predominantemente, da Paraíba, dos municípios de Borborema, Belém e Araruna, além de outros, sendo que significativas ramificações se estenderam ao Rio Grande do Norte.

Do casamento de Manoel Targino Pessoa com Ana Idalina da Cruz resultaram os seguintes filhos: **Lucilla Cruz Pessoa**, Áurea Cruz Pessoa e Adélia Cruz Pessoa.

Da união matrimonial de Antônio Amâncio Ramalho com Águida Rodrigues Leite Ramalho resultaram os seguintes filhos: José Amâncio Ramalho, Benjamin A. Ramalho, Luiz A. Ramalho, Celso A. Ramalho, **Odilon Amâncio Ramalho**, Cosme A. Ramalho, Damião A. Ramalho, Olíndina A. Ramalho, Elvídio A. Ramalho e Celina A. Ramalho.

Odilon Amâncio Ramalho casou, na cidade de Tacima – PB, a 26 de abril de 1913, com Lucilla Cruz Pessoa, que passou a se chamar Lucilla Pessoa Ramalho. O casal teve os seguintes filhos: Anyole Pessoa Ramalho, Ernani Pessoa Ramalho, Clóris Pessoa Ramalho, **Noilde Pessoa Ramalho**, Aline Pessoa Ramalho e Haydée Pessoa Ramalho. Os dois primeiros nasceram em Tacima – PB, e os outros em Nova Cruz – RN.

Noilde Ramalho não se lembra bem dos avós maternos, pois faleceram precocemente. As filhas do casal, incluindo Lucilla – mãe de Noilde – receberam apoio integral de um tio, Francisco Targino Pessoa,



Anyole, Noilde, Aline, Clóris e Ernani (antes do nascimento de Haydée).

carinhosamente chamado Tio Chiquinho. Francisco Targino Pessoa casou com uma irmã do pai de Noilde, Olindina Amâncio Ramalho, que passou a se chamar Olindina Ramalho Pessoa.

Por outro lado, ela tem boas lembranças dos avós paternos. O avô Antônio Amâncio Ramalho, proprietário de terras na Paraíba, era um homem muito decidido, vontade férrea, porém afetuoso e ameno no trato familiar. Com prole numerosa, soube orientar todos para a vida, mediante rígidos valores éticos e cristãos. Era o tipo clássico do “pater famílias”. Com idéias avançadas, proporcionou aos filhos a possibilidade de estudar, como é o caso de Benjamim, que se formou em Medicina no Rio de Janeiro. A avó Águída era a ternura em pessoa. Alegre, gostava de viver. Bastante comunicativa, adorava viajar, fazendo um verdadeiro “périplo” de alguns dias de permanência nas residências de filhos e netos, nas cidades circunvizinhas. Todos queriam sua companhia. Morreu com mais de 90 anos, tendo desfrutado de uma vida longa, amena e prazerosa.

Lucilla Pessoa Ramalho nasceu em 14 de setembro de 1892, em Santo Antônio-RN e faleceu em Natal, no ano de 1963. Era bonita, traços faciais afilados, olhar comunicativo, estatura mediana. Sua beleza exterior bem traduzia sua infinda beleza interior. Transmitia serenidade e paz, além de mostrar permanente ternura nos gestos e na forma de falar. Delicada, atenciosa com todos, carinhosa com seus entes mais queridos. Era uma verdadeira **Dama**, pela finura do trato e pela nobreza de sentimentos.

Odilon Amâncio Ramalho nasceu em Tacima-PB, a 20 de dezembro de 1892 e faleceu em Natal, no ano de 1983. Alto, de compleição robusta, não era obeso, nem franzino. Rosto largo, olhar perquiridor, desde cedo usava óculos e tinha calvície progressiva.

Falava alto, pois sua audição já apresentava deficiência desde o alvorecer da maturidade. Como seu pai, era um homem de idéias modernas, além de possuir mente curiosa, com tendências inventivas. Quando surgiram as primeiras máquinas de beneficiamento do sisal, ele criou um protótipo que oferecia ao produto beneficiado uma qualidade bem superior às congêneres. Inventou outras máquinas, entre as quais as de beneficiamento de algodão e de fabricação de farinhas. Com idade acima de 90 anos, tendo já perdido a audição e a visão, quis construir uma cama para seu cachorrinho que permanecia junto ao dono quase de forma ininterrupta. Pediu, então, a um amigo – Damião, funcionário da Escola Doméstica – que comprasse algumas conexões e alguns tubos e, depois, orientou todos os passos do processo de montagem, até completar, com absoluto êxito, o objeto de repouso do seu querido animalzinho.

Odilon Amâncio Ramalho estava sempre pensando adiante do seu tempo. Foi um empreendedor e um pioneiro. Nas primeiras décadas do século XX, as novidades tecnológicas chegaram a Nova Cruz pelas suas mãos e pela sua inteligência. Com efeito, foi ele quem iluminou com energia elétrica a cidade pela primeira vez, instalando sua Empresa de Força e Luz. De modo similar, foi por sua iniciativa que os nova-cruzenses conheceram o cinema e o telefone, bem como, as indústrias de beneficiamento de milho, café e algodão, além das fábricas de vinho, vinagre, sabão e colorau. Usando o melhor do seu espírito de vanguarda e criatividade, foi ele, por décadas, o grande impulsionador do desenvolvimento de Nova Cruz e, conseqüentemente, da região que tem essa cidade como pólo do crescimento sócio-econômico. É pertinente dizer que, no plano político-administrativo, Odilon Amâncio Ramalho também deu sua contribuição, pois exerceu, com



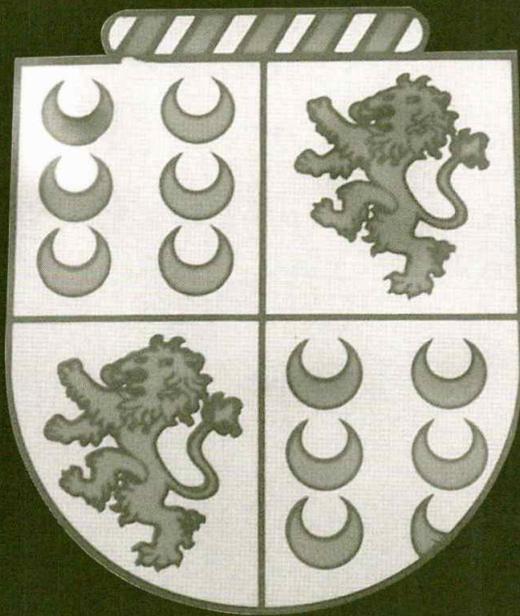
Odilon Amâncio Ramalho, pai de Noilde Ramalho, instalou a Empresa de Força e Luz em Nova Cruz, (década de 20), entre outros empreendimentos de vanguarda.

muita competência, as funções de Presidente da Intendência (Prefeito) e Delegado responsável pela ordem pública. Seus restos mortais repousam no cemitério dessa cidade que, se não lhe serviu de berço, é sua, por adoção e bem-querer.

Odilon Amâncio Ramalho e sua esposa Lucilla deixaram Nova Cruz, em 1942. Vieram para Natal, onde permaneceram até 1945, quando foram residir no Engenho Angelim, de sua propriedade, em uma região alta, nas cercanias de Belém, na Paraíba. Pouco tempo depois do falecimento da esposa, Odilon transferiu-se para Natal, onde viveu até os últimos dias.

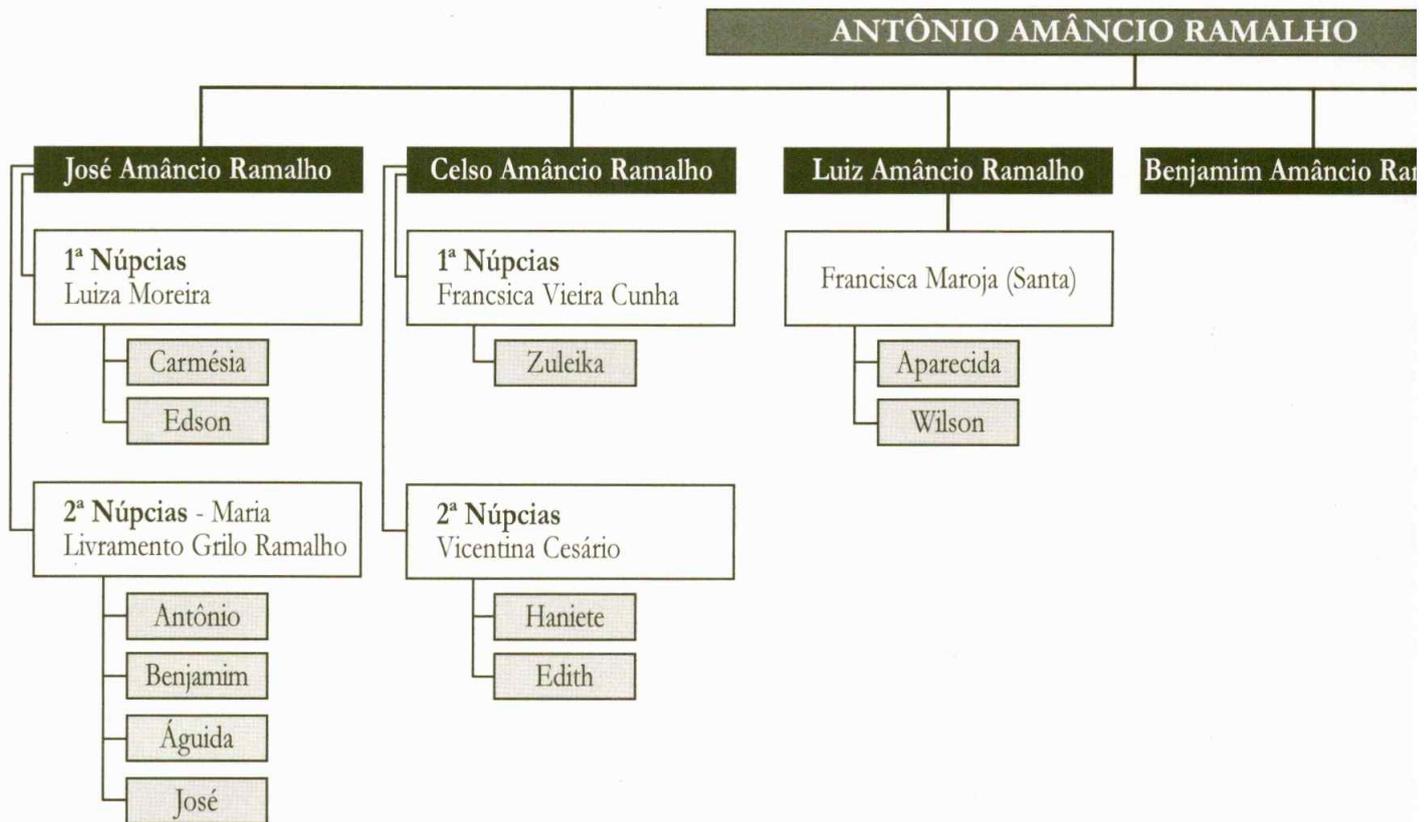
Era um homem obstinado quando tinha uma meta a alcançar. Sabia empreender, entretanto, não sabia acumular riquezas. Era um visionário, no sentido de perseguir as transformações que o futuro poderia proporcionar. Suas empresas eram mais voltadas para o social do que para o resultado financeiro. Ficava feliz quando sabia que o benefício dos seus empreendimentos estava sendo compartilhado. Com uma formação moral rígida, pautou-se a vida toda com muita honradez e dignidade. De personalidade forte, era bastante decidido, sem ser autoritário.

Foi sempre solidário com seus amigos e fiel com suas amigadas. Seu lazer foi o trabalho, sua descontração e bem-estar ele encontrava no lar e na família. À sua maneira, sem ser do tipo derramado, foi um pai amoroso e um esposo dedicado.



Brasão da Família Ramalho.

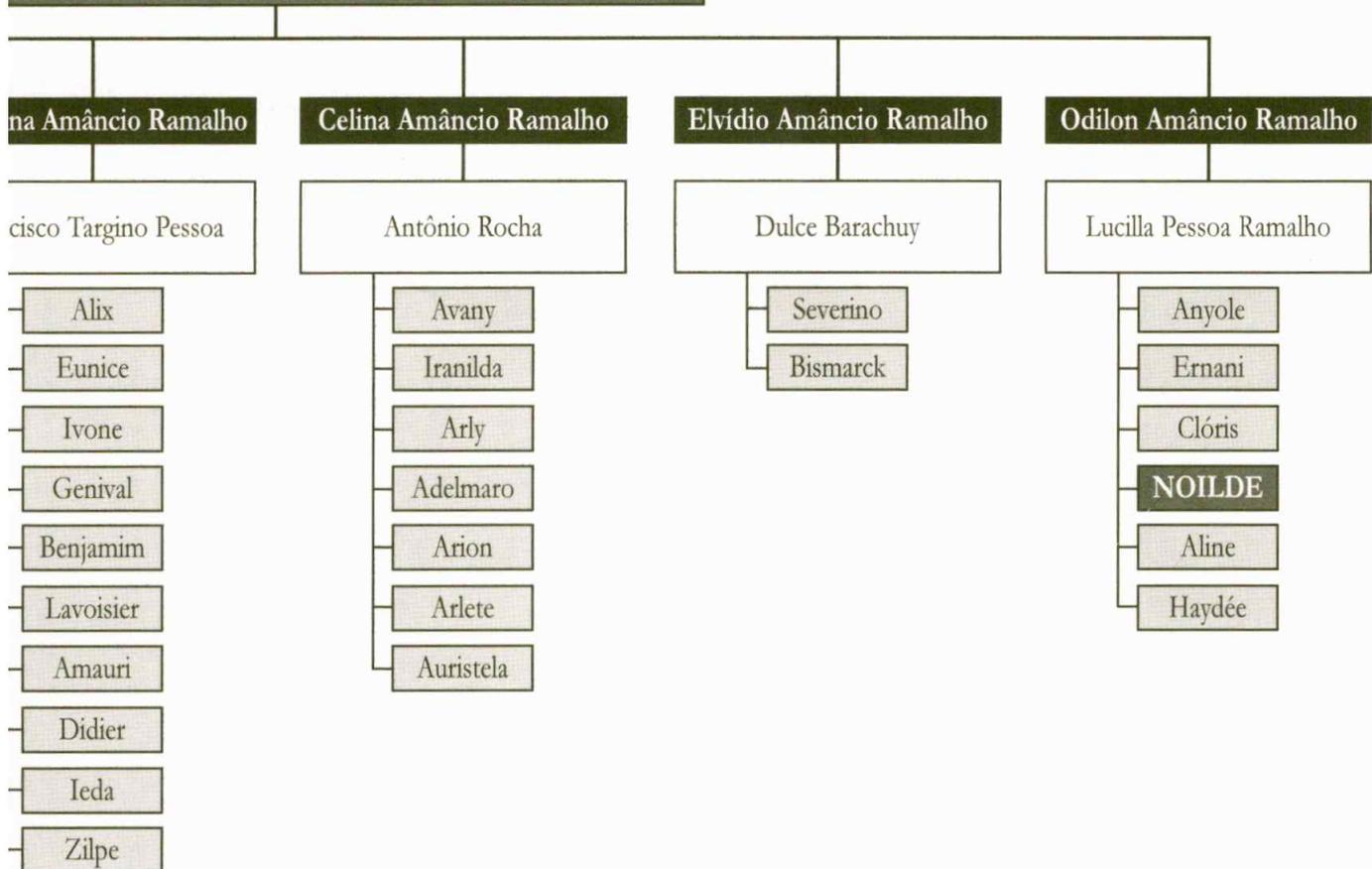
# FAMÍLIA RAMALHO





Noilde com irmãs e cunhados, pais e sobrinhas, em dia de 1ª Eucaristia.

## ÁGUILA RODRIGUES RAMALHO





# FAMÍLI

ANTÔNIO AMÂNCIO RAMALHO

ODILON AMÂNCIO RAMALHO

Anyole Pessoa Ramalho

Ernani Pessoa Ramalho

Clóris Pessoa Ramalho

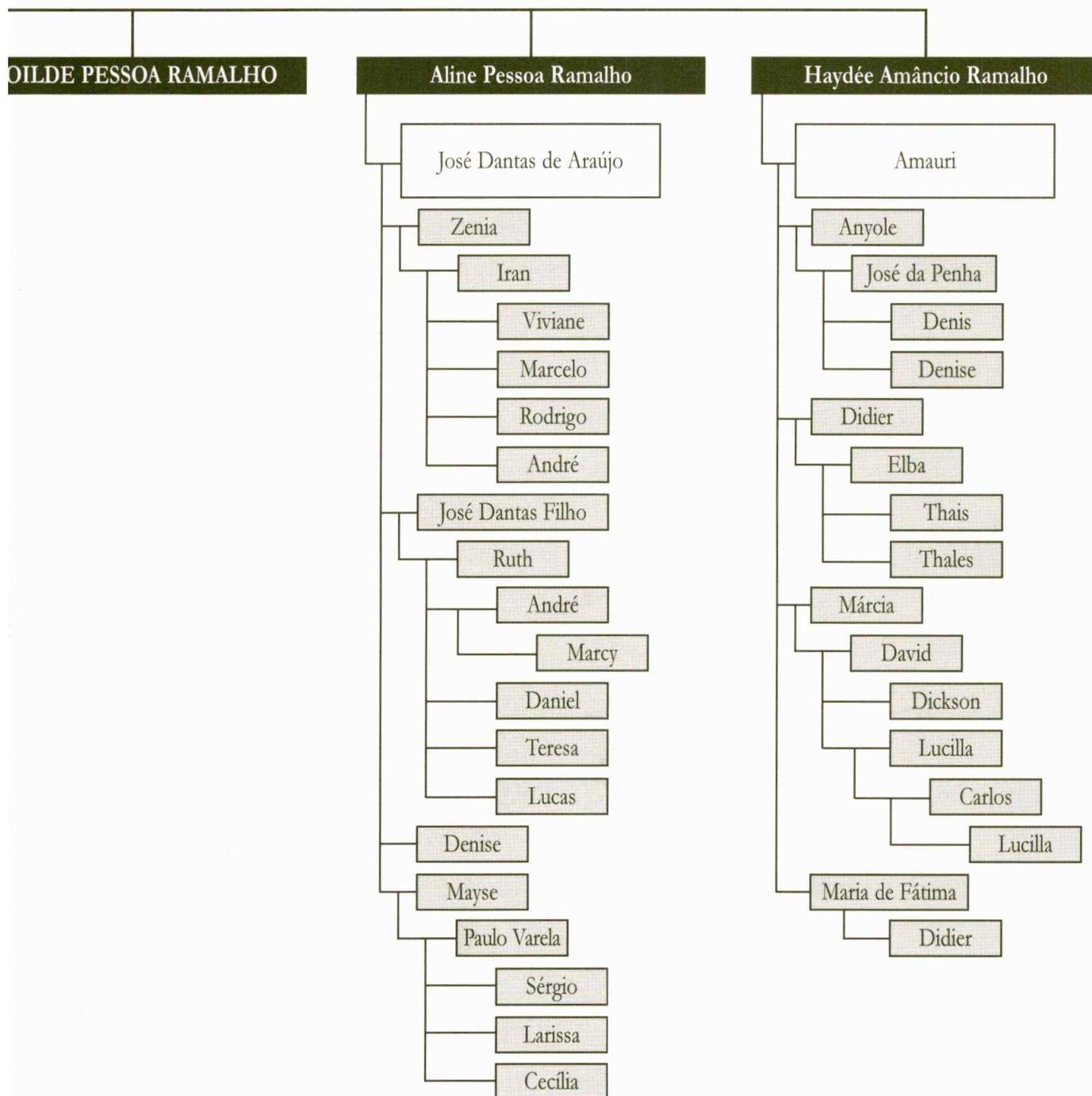


Sentados: Lucilla e Odilon, com as netas Anyole e Márcia. De pé: Clóris, Noilde, Haydée e Amauri.

# RAMALHO

ÁGUIDA RODRIGUES RAMALHO

LUCILLA PESSOA RAMALHO



Eu estava morando com meus avós, Francisco Targino Pessoa e Olindina Ramalho Pessoa, em uma residência na Avenida Alexandrino de Alencar, em frente ao Abrigo Juvino Barreto, onde morava também meu primo e amigo Frederico Petrônio Pessoa Joffily (Fred). Era 1963 e eu estava cursando o 4º ano de Medicina. Alguns meses antes, minha querida avó, de quem guardo as melhores recordações, viera buscar-me na singela pensão de estudantes onde eu residia e me levou para sua casa.

Lucilla Pessoa Ramalho – Tia Lucilla – estava hospedada na casa dos meus avós, seus parentes próximos, pois seu tio, Francisco Targino Pessoa, foi seu tutor quando a precoce orfandade lhe ocorreu. Aprendi a admirar e a querer bem à Tia Lucilla desde a infância, quase como uma sucessão de bem-querer, pois meu pai lhe tinha grande afeto e minha mãe a tratava carinhosamente de madrinha Lucilla. Aliás, ela sempre foi muito querida por toda a família.

Tia Lucilla tinha vindo a Natal, deixando o Engenho Angelim, em Belém, Paraíba, onde morava com o esposo, Odilon Amâncio Ramalho, a fim de dar continuidade ao tratamento cardiológico que estava fazendo, há algum tempo, com o famoso e competente Médico Helen Costa. Era o dia 7 de novembro de 1963. Meus avós haviam viajado para São José de Campestre. Na hora habitual, sentamos à mesa para almoçar, eu, Fred e Tia Lucilla, sob a ajuda atenciosa de Rosa, antiga auxiliar da família. Como sempre, conversamos um pouco de amenidades. Ela parecia confiante com o tratamento que estava fazendo, apesar de um tanto apreensiva.

Após o almoço, ficamos, eu e Fred, conversando no quarto que nos servia de aposentos, o qual se comunicava por uma janela, com uma área contígua, para onde tinha ido Tia Lucilla repousar em uma rede.

## Um dia de tristeza

Depoimento de  
Daladier Pessoa  
Cunha Lima

Aprendi a admirar e a querer bem a Tia Lucilla desde a infância, quase como uma sucessão de bem-querer... Aliás, ela sempre foi muito querida pela família.

De repente, ouvimos um curto e estertoroso gemido. Corremos ao encontro de Tia Lucilla, mas ela já não respirava e o seu coração estava parado. Ainda tentei, em balde, reanimação.

Nesse instante, Rosa me avisa: “Dona Noilde está chegando”. Apressado, dirijo-me para a frente da casa e encontro Noilde saindo de um jipe verde. Na tentativa de prepará-la para a triste surpresa, eu lhe digo:

– Tia Lucilla está muito mal, dificilmente ela irá resistir.

A cuidadosa filha sente a crueza da situação inelutável. Beija, chorando, a face pálida da mãe e abraça o corpo inerte, antes mesmo de desvair-se o calor da vida, pela ação arrebatadora da morte.

Essa foi uma cena comovedora, um dia de tristeza, inesquecível.



Noilde Ramalho aos  
15 anos de idade.

Capítulo  
**II**



O Encontro



Noilde, aluna da Escola Doméstica,  
nos jardins da Escola, na Ribeira.

## O encontro dos dois principais protagonistas de uma fascinante história educacional



Dr. Henrique Castriciano.

O empresário e líder da comunidade Odilon Amâncio Ramalho mostrava-se preocupado com a recepção ao Dr. Henrique Castriciano de Souza, o qual estava chegando a Nova Cruz para ser atendido pelo Dr. Fábio. Afinal de contas, tratava-se de um dos homens mais prestigiados do Rio Grande do Norte, escritor, poeta, respeitado e admirado por todos. Teria que descobrir uma maneira de diferenciá-lo o atendimento sem, contudo, causar constrangimento às inúmeras pessoas que aguardavam, pacientemente, para encontrar o “Doutor Farmacêutico,” que prometia uma grande inovação terapêutica:

– O Dr. Henrique Castriciano não pode entrar na fila, esperando muito para ser atendido. Ele é muito ocupado, não tem tanto tempo disponível. Além disso, é uma pessoa muito ilustre. Certamente, todos que estão aí fora irão compreender.

Lucilla Ramalho, sentada em confortável cadeira ao lado de uma das filhas do casal, sempre amável, delicadeza em pessoa, atenta a não melindrar ninguém, possuidora que era de refinada sensibilidade, levantou-se, olhou pela janela e com voz suave retrucou:

– Mas Odilon, faz tanto tempo que esperam, eles podem se aborrecer. Aliás, vou mandar colocar bancos e cadeiras para os mais velhos e debilitados.

Odilon Ramalho, sem ser autoritário, era um homem com grande poder de decisão, não vacilava em nada na vida:

– Tem nada não, eu explico pra eles; muitos já ouviram falar no Dr. Henrique Castriciano, sabem do seu grande valor.

Já se dirigia para o exterior da residência quando parou e voltou-se para a filha que estava sentada:

– E você Noilde, vai ajudar no atendimento que será realizado aqui mesmo nesta sala.

Corria o ano de 1936. Nova Cruz/RN era uma cidade tranqüila, tinha aproximadamente 2.000 habitantes, os quais, em sua maioria, dedicavam-se à pecuária e à agricultura, ao comércio ou aos serviços públicos. O lazer principal eram os encontros das famílias, que tinham o hábito de ficar sentadas nas calçadas, conversando animadamente sobre os “causos” da cidade. A luz elétrica, somente das 19 às 22 horas, era uma benesse e os nova-cruzenses se orgulhavam de já possuir um grande feito da nova tecnologia: o cinema mudo. Esses dois fantásticos avanços da civilização haviam sido levados para Nova Cruz por Odilon Amâncio Ramalho.

O atendimento ao Dr. Henrique Castriciano, na residência de Odilon Amâncio Ramalho, foi realizado pelo Dr. Fábio, um farmacêutico que idealizou uma espécie de vacina, produzida através da saliva de um menino por ele selecionado e, após processos laboratoriais de filtração, além de outros que ele mantinha em segredo, injetava o preparado na coxa do “paciente”. Não havia uma indicação específica. Tudo levava a crer que o objetivo era aumentar as defesas individuais e, com isso, a promessa de curar e prevenir gripes, resfriados, bronquite, pneumonia, tuberculose – incurável naquela época – artrites, sífilis, doenças dos aparelhos digestivo e urinário, lepra, enfim, uma verdadeira panacéia que logrou a credibilidade da maioria da população, inclusive de pessoas de nível intelectual elevado: juízes, padres, advogados, engenheiros, escritores e até médicos.

A pacata cidade de Nova Cruz de repente se transformou em centro de atenção de todo o Estado. O Dr. Fábio havia chegado, vindo da Paraíba, para fazer a aplicação da sua vacina. Uma multidão acorreu a Nova Cruz, gente que chegava de carro – ainda eram poucos – de ônibus, ou melhor, de sopa, com



Solenidade cívica na cidade de Nova Cruz, vendo-se o Coreto no centro da rua Dr. Pedro Velho (década de 30).

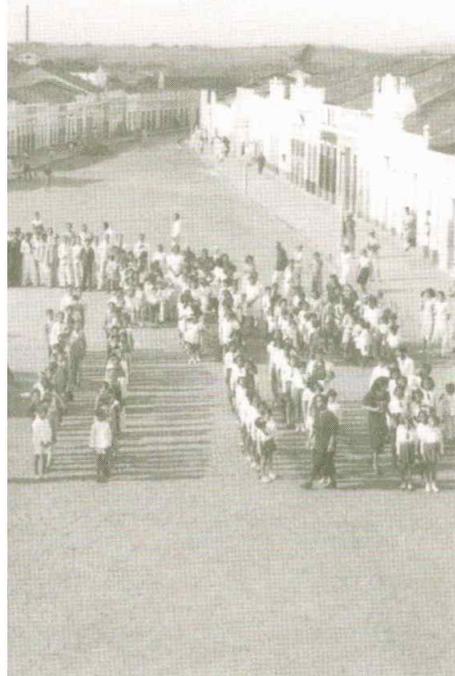


Foto cedida por Antonio da Cunha Lima Pessoa

bancos inteiriços e abertos dos lados, de charrete, montados em burros, cavalos ou a pé. Gente vinda de toda parte, das cidades vizinhas de Natal, do Trairi, do Seridó e do Oeste, na esperança de ter seus males curados ou na expectativa de prevenir futuras doenças. Nova Cruz estava vivendo dias completamente diferentes de sua rotina. As pessoas se acomodavam em hospedarias, hotéis, em casas de familiares e de amigos. Um pequeno negócio logo surgiu, movido pela necessidade de acomodar e alimentar tantos visitantes.

Odilon Amâncio Ramalho era um líder da cidade, admirado e querido por todos. Ao lado da sua bonita e simpática esposa Lucilla, e dos filhos, estava sempre no centro das principais decisões que interessassem à cidade e ao povo do lugar. Empreendedor, era como se vivesse à frente do seu tempo, antecipando-se na adoção dos benefícios que a modernidade oferecia. Morando com a família em uma grande e confortável casa que ele construiu, e sabendo da vinda a Nova Cruz do Dr. Fábio para aplicação da inusitada terapia, pôs à disposição do farmacêutico, gratuitamente, uma dependência anexa à sua casa para que os atendimentos pudessem ser adequadamente realizados na cidade. Foi aí que grandes filas se formaram, numa verdadeira romaria, todos recebendo atenção e guarda da família Amâncio Ramalho.

Não havendo comprovação científica dos métodos adotados pelo Dr. Fábio, viu-se o Serviço de Saúde do Governo obrigado a enviar a Nova Cruz um técnico para ouvir o farmacêutico, fazer anotações e até impedir o prosseguimento das aplicações da terapia da saliva. O homem enviado pelo Governo chegou à cidade para o cumprimento da sua missão, mas, antes de tomar qualquer atitude, quis mesmo foi receber sua dose da “vacina milagrosa”...

O homem enviado pelo Governo chegou à cidade para o cumprimento da sua missão, mas, antes de tomar qualquer atitude, quis mesmo foi receber sua dose da “vacina milagrosa”...

Noilde Ramalho tinha 16 anos e assistia àquelas cenas com grande curiosidade. Um sentimento de alegria, e até mesmo de orgulho dos pais, enchia sua mente e seu coração, vendo que eles estavam ajudando a tanta gente que buscava alívio para suas dores e sofrimentos.

E a recomendação do pai para auxiliar no atendimento ao Dr. Henrique Castriciano a deixava em grande expectativa, nervosa. Com o coração batendo forte, as mãos já voltando à temperatura normal após o susto inicial, ela pensou:

– Mesmo sem saber muito como proceder, estou pronta para me desincumbir da missão. Afinal, se meu pai designou-me para essa tarefa é porque sabe que sou capaz de bem executá-la.

O Dr. Henrique Castriciano chegou à casa da família anfitriã na parte da tarde. Foi distintamente recebido, tendo o Dr. Fábio se deslocado para a sala principal a fim de atendê-lo. Após serem servidos doces de frutas da região e café, ouviu-se a voz alta do anfitrião:

– Pronto Dr. Henrique, fique à vontade para receber o tratamento. A minha filha Noilde, estudante da Escola Doméstica, que o senhor criou, vai ajudar no atendimento.

– Dr. Henrique, já ouvi tanto falar no senhor, mas ainda não o conhecia pessoalmente. É grande a minha emoção de encontrá-lo e falar com o senhor. Estou pronta para ajudar no que for possível – disse a solícita jovem Noilde.

– Obrigado, muito obrigado, a todos vocês – agradeceu o visitante.

Após colher a saliva, o Dr. Fábio pôs-se a preparar o conteúdo a ser injetado. Em poucos minutos estava com a injeção pronta para ser aplicada.

Henrique Castriciano estava sentado no centro

da sala. O Dr. Fábio, com a seringa na mão, com ares de grande cientista, parecia convicto da sua invenção:

- Pode levantar a perna da calça Dr. Henrique, para que eu aplique a injeção na sua coxa.

Ao levantar a perna da calça apareceu um outro tecido, pois o ilustre homem estava vestindo ceroulão.

- “A nossa assistente vai agora nos ajudar”, declarou Dr. Henrique. “Minha filha, faça o favor de desamarrar o laço junto ao pé”.

Prontamente, a improvisada auxiliar de enfermagem se pôs a ajudar nos procedimentos preparatórios.

Levantada também a perna do ceroulão, descobriu-se a coxa, pele menos negra do que a face, onde foi aplicada a injeção, à guisa de curar ou prevenir males do famoso escritor e poeta, valetudinário desde a infância, sempre preocupado com as variadas moléstias que lhe afligiam.

Foi assim que Noilde Ramalho conheceu Henrique Castriciano de Souza. Ali, naquela sala de piso de madeira, residência da família Amâncio Ramalho, na pequenina e bucólica cidade de Nova Cruz, na década de 30, quando dois futuros grandes nomes da educação do Rio Grande do Norte, pela primeira vez, encontraram-se, tendo como pano de fundo uma utopia, palavra que bem se adapta às suas vidas. Ele, criador da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e da Escola Doméstica de Natal; ela, seqüenciadora da iniciativa educacional pioneira. Ambos, não somente sonhadores, mas realizadores de sonhos, principais protagonistas de uma história de quase um século de educação de qualidade oferecida a várias gerações de brasileiros, sobretudo de norte-rio-grandenses.

“  
Ele, criador da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e da Escola Doméstica de Natal; ela, seqüenciadora da iniciativa educacional pioneira.”

Anyole Ramalho,  
irmã de Noilde.



# Capítulo

# III

“(...) mas a saudade  
é isto mesmo, é o  
passar e repassar das  
memórias antigas.”

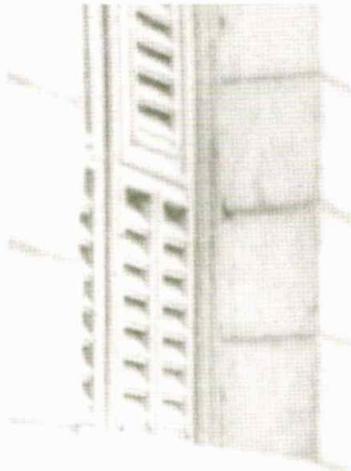
*Machado de Assis*



# Anyole



Anyole, em Nova Cruz, com Dona Lucilla, em frente à sua residência.



## ANYOLE: "ESTOU NAS MÃOS DE DEUS E NADA TENHO A TEMER"

Noilde Ramalho não esquece de uma rápida conversa com o renomado médico de Natal, Dr. Milton Villar Ribeiro Dantas, alguns anos após a morte de sua irmã, Anyole, ocorrida em 1939:

- Seu nome é Noilde Ramalho, não é? Você deve ter parentesco com uma paciente de quem eu não esqueço. Chamava-se Anyole.
- É minha irmã, o senhor foi um dos médicos que a atenderam.
- Sempre terei de lembrar de Anyole, principalmente, do instante em que ela a mim se apresentou em meu consultório. Era uma moça muito bonita, alta, esbelta. Estava muito magra, pele sem brilho, olhar entristecido, mãos delicadas, dedos longos e afilados. Era a própria imagem do Tísico.



Essa doença já atormentava a mente da menina Noilde, pois, desde a infância, ouvia a história do tio Benjamim, mandado pelo pai para o seminário. Naquela época, mais do que hoje, ver um filho ordenar-se padre era uma grande glória, a maior felicidade para qualquer família:

- Eu e sua mãe desejamos muito que você seja padre. É tão bonito! Queremos que você aproveite a sua tendência para os assuntos religiosos. Tente mais uma vez que Nosso Senhor haverá de lhe ajudar.
- Pai, não tenho muita vocação para o sacerdócio, vou tentar somente mais este semestre. O que eu quero mesmo é estudar Medicina.

Benjamim logo deixou o Seminário e foi estudar Medicina no Rio de Janeiro. Formado, retornou e começou a trabalhar na profissão que ele tanto amava.

Certo dia, ainda nos primeiros tempos do

exercício profissional, soube que um colega e amigo estava Tísico, ou seja, sofrendo de Tuberculose Pulmonar. Comovido, foi visitá-lo. O colega, portador da forma severa da doença, ao se aproximar de Benjamim, teve uma hemoptise repentina, cobrindo-lhe o rosto com sangue expelido com força dos pulmões afetados.

Algum tempo depois, Benjamim adoecia de Tuberculose, desenvolvendo uma forma muito grave, a qual evoluiu, rapidamente, para o óbito.

Este fato e, depois, a morte precoce da irmã mais velha, Anyole, na adolescência de Noilde Ramalho, transformaram-se em uma lembrança a reacender-lhe permanentemente fortes emoções. A doença e a sua denominação fixaram-se na memória de Noilde como algo indelével, tanto quanto pungente.

Anyole nasceu em 1914, em Nova Cruz, seis anos antes de Noilde. O casal Odilon Amâncio Ramalho e Lucilla Pessoa Ramalho ficaram exultantes de felicidades pela linda filhinha que chegou para alegrar-lhes a vida. A mãe, muito religiosa, agradecia a Deus a bênção recebida. O pai, com idéias sempre à frente do seu tempo, já começava a pensar que ela seria, no futuro, uma mulher com um decisivo papel na sociedade, a qual, naquele tempo, ainda era muito restritiva à participação feminina.

Anyole teve uma infância feliz, vivendo e fazendo a alegria da família. A pequena cidade de Nova Cruz, do início do século XX, propiciava uma existência repleta de amenidades, onde as meninas freqüentavam o Grupo Escolar e brincavam de boneca, quando não estavam se divertindo com as cantigas de roda: “bom-barquinho”, “atirei-o-pau-no-gato” e outras músicas bem conhecidas do entretenimento e do folclore infantil. Tendo obtido bom desempenho nos estudos, os pais resolveram mandá-la para o Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, onde, em

O colega, portador da forma severa da doença, ao se aproximar de Benjamim, teve uma hemoptise repentina, cobrindo-lhe o rosto com sangue expelido com força dos pulmões afetados.

regime de internato, ela completou o Curso Primário. Disciplinada, Anyole sofria a saudade do viver alegre e feliz de Nova Cruz, mas sabia entender que a decisão dos pais vislumbrava o seu futuro. Depois do período em João Pessoa, foi estudar em Recife. Morando na casa de um tio, José Amâncio Ramalho, formou-se em Técnica de Comércio e Contabilidade, um curso que, mesmo sendo de nível médio, tinha, à época, boa eceitação e empregabilidade, tendo logo começado a trabalhar em uma conhecida empresa voltada para a distribuição de filmes, atendendo à demanda dos cinemas do Nordeste.

Tendo completado 20 anos, Anyole era uma moça linda, alta, esbelta, cabelos soltos, rosto um tanto angelical, olhos expressivos, pele alva e bonita. Chamava a atenção pelo porte elegante, bem como, pela serenidade e empatia que lhe caracterizavam o perfil. Dividia o tempo entre a convivência com a família do tio, o trabalho, a leitura e algum lazer da cidade grande, muito diferente de sua pequenina cidade de origem. Quando a saudade apertava, tomava o trem e ia a Nova Cruz, rever os entes queridos e os amigos. Era uma viagem longa, pois, preguiçosamente, o trem gastava quase 10 horas para fazer o percurso, em virtude da baixa velocidade e das inúmeras estações das diversas cidades de Pernambuco e Paraíba. Sendo divisa com a Paraíba, Nova Cruz era a primeira estação do Rio Grande do Norte, no trecho ferroviário entre Recife e Natal.

Corria o ano de 1936, Anyole tinha 22 anos, quando notou que estava ficando mais magra, apesar da alimentação normal. Também, estava com uma gripe que se prolongava além do habitual. Sabia que a Tuberculose Pulmonar dizimava muita gente, pois era doença para a qual não existia tratamento seguro. Só em pensar isso, sentia um frio a lhe atravessar o corpo. Assim, procurou logo um Médico Tisiologista, um dos



Infância em Nova Cruz: Anyole (ao centro) e Noilde (sentada à esquerda), brincando de boneca.

mais afamados do Recife, Dr. Agenor Bonfim.

– Doutor, estou emagrecendo, tenho tosse, fraqueza. É uma gripe por demais prolongada.

O médico examinou-a cuidadosamente, fez uma anamnese perfeita e um exame físico meticoloso, no estilo que os médicos costumavam fazer, o que muito ajudava na precisão diagnóstica e na confiança que o paciente adquiria. Após esses procedimentos, pediu os exames complementares e marcou o retorno. Foi esse o momento crucial, quando Anyole ouviu do médico as palavras que há dias vinham lhe apavorando a alma:

– Minha filha, não há como lhe negar, até porque você precisa se conscientizar do tratamento prolongado que vai ter que fazer. Seus pulmões estão atacados pela Tuberculose, já existe até o que nós chamamos de cavernas.

Anyole mal ouviu as últimas palavras do médico, pois ali mesmo desmaiou.

O tio José tratou de oferecer os primeiros cuidados que o caso exigia. Além do apoio referente ao tratamento médico, toda sua família se desdobrou em atenção e carinho de que Anyole tanto precisava naquele momento triste de sua vida. Mas ele tinha que tomar outra providência importante: comunicar com urgência o ocorrido ao irmão Odilon. Como fazer? Na década de 30 do século passado eram raros os telefones. O único existente entre Recife e Nova Cruz era o da Rede Ferroviária. Da Estação Ferroviária do Recife conseguiu ligar para a estação de Nova Cruz, tendo um emissário ido chamar o pai de Anyole.

– Odilon, meu irmão, tenho uma notícia que sou obrigado a lhe dar: Anyole foi ao médico e o diagnóstico é Tuberculose Pulmonar. Mas ele afirmou que o tratamento bem executado pode levar à cura. Estou à sua disposição para ajudar no que for necessário.

Odilon Amâncio ouviu o irmão e ficou atônito, como se uma lança lhe tivesse atravessado o peito. Mas era um homem forte, capaz de resistir às tormentas da vida. Um pouco recuperado, lembrou-se da mulher Lucilla, que estava viajando para Natal conduzindo a filha Noilde, então com 15 anos, para deixá-la no internato da Escola Doméstica. Ali mesmo, na Estação Ferroviária de Nova Cruz, soube que o trem que conduzia a mulher e a filha para Natal estava quebrado em São José de Mipibu. Usando mais uma vez o telefone da Rede Ferroviária, tentou, mas não conseguiu se comunicar com Lucilla e com Noilde para transmitir as notícias de Anyole e pedir para que a mulher retornasse rapidamente, a fim de ir ao encontro da filha doente na cidade de Recife.

Com esse intuito, enviou, então, um telegrama para a Escola Doméstica de Natal. Mesmo sendo uma pessoa tranqüila e tendo uma convicção religiosa muito profunda, Lucilla Ramalho foi dominada pela emoção e o pranto transmitia todo seu estado d'alma. Noilde conhecia, assim, ainda muito jovem, sua primeira prova da realidade da vida. Tendo a mãe retornado para Nova Cruz, ela ficou na Escola Doméstica, distante da família, abatida, mas sem compreender bem a gravidade da doença da irmã.

Os pais de Anyole foram para Recife com o objetivo de trazer a filha para Nova Cruz, considerada, naquele tempo, uma cidade de clima agradável e, portanto, favorável à cura de determinadas enfermidades. Encontraram-na prostrada, intensamente debilitada, com uma tristeza capaz de abater a todos. A chegada dos pais trouxe uma força emocional para Anyole, contudo, incapaz de superar a depressão que a doença lhe causava:

– Papai, Mamãe, estou feliz por vê-los, mas não tenho esperanças de ficar boa. Por favor,

Um pouco recuperado, lembrou-se da mulher Lucilla, que estava viajando para Natal conduzindo a filha Noilde, então com 15 anos, para deixá-la no internato da ED.

deixem-me em algum lugar isolado, para que eu não contamine ninguém. Estou nas mãos de Deus e nada tenho a temer.

– Não, minha filha, você vai ficar boa, nós estamos ao seu lado e vamos permanecer até você se recuperar. Em Nova Cruz, você vai receber o melhor tratamento possível e, com fé em Deus, vai melhorar rapidamente.

Como levar a filha para Nova Cruz? Ela estava prostrada, tinha que ir deitada. Ambulância era raridade, nos vagões de passageiros do trem era impossível, até pelo risco de contágio que a doença oferecia. Mais uma vez Odilon Amâncio Ramalho procurou e recebeu o apoio da Rede Ferroviária.

Pela importância das cartas como principal meio de comunicação da época, havia um vagão próprio do Correio, atrelado aos demais vagões de passageiros, no trem que fazia o percurso Recife – Natal. Era pequeno, menos da metade dos outros, com um espaço reservado na frente, onde viajava um funcionário dos Correios, e um vão livre, reservado para as correspondências e encomendas. Esse vagão do Correio foi improvisado como vagão-ambulância. No espaço destinado às cartas, foi instalado um leito, no qual Anyole foi acomodada e pôde, assim, viajar para Nova Cruz, acompanhada dos pais.

Anyole sentiu-se feliz por chegar a Nova Cruz, mesmo sabendo que o seu estado de saúde não era bom. A longa e cansativa viagem foi compensada pela presença afetuosa dos pais, ao seu lado, especialmente da mãe Lucilla que desdobrou-se de cuidados.

À chegada do trem formou-se uma pequena aglomeração de pessoas movidas pelo bem-querer a Anyole, além de outras que estavam ali por simples curiosidade. O máximo que ela conseguia era expressar um tênue sorriso aos que dela mais se aproximavam, pois a

maioria guardava certa distância, pelo medo do contágio. Na época, a Tuberculose Pulmonar tinha duplo mecanismo de aniquilamento da pessoa enferma: a ausência de um tratamento eficaz e o estigma que se abatia sobre o doente. Os especialistas que atendiam esses pacientes eram chamados TISIÓLOGISTAS e os doentes recebiam a denominação de “TÍSICOS”, o que constituía quase um fator de exclusão, um rótulo que se traduzia pelo estereótipo de “caso sem jeito, que gerava um medo exagerado de contágio, causando atroz isolamento do enfermo.” Na verdade, o termo Tísico, vem do grego “phthisikos”, que quer dizer pessoa muito magra, retesada, que se consumiu, característica da Tuberculose Pulmonar antes do tratamento com antibióticos.

Em Nova Cruz, Anyole recebeu os cuidados médicos do Dr. Edgard Azevedo, que detinha grande conceito profissional, pois havia chegado há pouco tempo da Alemanha, onde se formou. Dr. Edgard era irmão do Dr. Orlando Azevedo, também formado na Alemanha, que, por muitos anos, exerceu a clínica nas cidades de Nova Cruz, Santo Antônio, Pedro Velho e Campestre.

Dr. Edgard Azevedo dedicou-se com extremo cuidado no atendimento de Anyole. Contudo, não existia medicação que combatesse o Bacilo de Koch, causador da Tuberculose Pulmonar. Algumas drogas eram tentadas, às vezes de custo elevado, porém de resultados pouco animadores. Foi recomendado que Anyole permanecesse na sala ampla da residência, por ser um ambiente bem ventilado, onde o sol penetrava através de amplas janelas. Com grande sacrifício, os pais de Anyole tudo fizeram; providenciaram os tratamentos mais modernos, no afã de salvar a querida filha. Lucilla Ramalho cercou Anyole de todo carinho e, com esmero, providenciava toda medicação prescrita, além de cuidar da esterilização do material usado,

Na época, a Tuberculose Pulmonar tinha duplo mecanismo de aniquilamento da pessoa enferma: a ausência de um tratamento eficaz e o estigma que se abatia sobre o doente.

conforme orientação médica. Além disso, a alimentação da doente tinha que ser especial, uma maneira de oferecer ao organismo condições melhores de reação do próprio sistema imunológico.

Anyole melhorou, ganhou peso, conseguiu se locomover dentro de casa, conseguiu sorrir; a amargura dissipou-se do seu semblante. Conversava, lia e rezava muito. Além do tratamento com o Dr. Edgard Azevedo, foi também assistida pelo famoso fisiologista Dr. Milton Villar Ribeiro Dantas, em Natal, onde permaneceu por algum tempo.

Entretanto, aquela melhora transformou-se em fugaz esperança. Gradativamente, a doença foi avançando, Anyole perdia peso, suas forças foram declinando. A família sempre ao seu lado, lutando unida, rezando unida. Em nenhum momento Anyole mostrou desespero, nunca se aterrorizou perante a morte iminente. Tinha fortíssima fé em Deus, acreditava que a vida eterna se aproximava e se entregava resoluta à vontade Divina. Pouco antes do dia em que sua alma subiu ao céu, pediu para conversar com o Padre Pedro Moura, Pároco de Nova Cruz, recém-chegado à cidade. Emocionado, Padre Pedro, ao deixar o aposento de Anyole, exclamou:

– Não tenho dúvida: Deus me deu a oportunidade de conversar com uma pessoa santa.

Noilde, ainda muito jovem, adolescente, sofria a dor de ver sua irmã mais velha caminhando a passos largos para a morte prematura. Doía-lhe mais ainda o fato de ficar distante, pois continuava seus estudos em Natal, residindo no internato da Escola Doméstica. Era o dia 23 de julho de 1939 quando ela foi chamada às pressas, a fim de se despedir da irmã. À sua chegada, Anyole fez o último gesto de comunicação e afeto da sua vida: abriu os olhos e esboçou um leve sorriso, partindo para a eternidade poucos instantes depois.

A população de Nova Cruz, já comovida com a doença de Anyole, chorou a sua morte, tendo uma pequena multidão acompanhado os funerais. A família recebeu emocionadas demonstrações de solidariedade, na dor que se abateu sobre a cidade. Seu corpo foi sepultado no cemitério de Nova Cruz, onde repousam seus restos mortais, em túmulo que ostenta um retrato seu, mandado confeccionar em Recife, o qual, mais de 60 anos depois, continua com as mesmas condições de nitidez.

O povo de Nova Cruz comentava sobre as características de santidade da vida de Anyole. Pensavam alguns que ela tinha vindo ao mundo com a predestinação dos que estão mais próximos de Deus. Assim, durante alguns anos, seu túmulo foi visitado por pessoas que levavam velas, flores e faziam orações, em busca de graças de que estavam a necessitar.

Essa foi uma passagem de tristeza na vida de Noilde Ramalho. Foram fatos que a marcaram profundamente, os quais, até hoje, ela traz bem vivos na sua lembrança e na sua emoção. São exemplos de resignação perante o sofrimento e instantes de reflexão sobre o inexorável e sobre a força da Fé.

Pensavam alguns que ela tinha vindo ao mundo com a predestinação dos que estão mais próximos de Deus.



# Capítulo IV

“Se ninguém me  
perguntar, eu sei o  
que é o tempo. Mas  
se alguém me  
pergunta eu não sei o  
que dizer”.

*Santo Agostinho*



## Reminiscências



Noilde Ramalho aos 3 anos.  
Infância vivida em Nova Cruz.

## Reminiscência I: a infância revisitada

Noilde Ramalho faz uma lírica reminiscência da sua infância, deixando que as lembranças aflorem espontaneamente, sem se importar com o formalismo. Faz um passeio por um passado vivido em Nova Cruz (RN) e no Engenho Angelim (PB), principalmente pelos momentos com a família, constituída pelo casal Odilon Amâncio Ramalho e Lucilla Pessoa Ramalho e pelos filhos Anyole (Ni), Ernani (Nando), Clóris (Bá), Aline (Mana), Noilde (Nó) e Haydée (Dêda).

Relembrando pessoas, lugares e fatos que preencheram sua vida de criança, ela fala de Zé Teixeira, figura simpática que participava de todos os eventos sociais da cidade de Nova Cruz, pois era decorador, animador e chefe de cerimônia. Com seus trejeitos engraçados e exagerados, era rigoroso nas normas e regras estabelecidas. Lembra do Prof. José Saturnino de Paiva, que, posteriormente, tornou-se muito conhecido em Natal, pelo seu profundo conhecimento da Língua Portuguesa. Não esqueceu de Tota Davino, “o maior fogueteiro da região”, que nas festas de final de ano fazia as girândolas mais bonitas que se conhecia, impulsionadas por rojões de pirotecnia. Causava embevecimento a todos quando, terminada a combustão, pendia uma flâmula com os dizeres: “Viva o novo ano: 1930”. A emoção aumenta quando ela lembra de Titi (Chica) e Zé Preto, um casal auxiliar da família, pessoas de pele negra, com vários filhos, leais e amigos a vida inteira; e de Beluca, “que me ensinou a rezar o ofício de Nossa Senhora”, até hoje uma rotina semanal da sua vida.

São muitas outras pessoas que chegam à sua mente quando ela se reporta à infância. Com saudade, lembra de Dona Dondon, que lhe ensinou o Catecismo; de Dona Alice, a Professora da 1ª série do Grupo Escolar Alberto Maranhão, além da Profª Maria Laura Fontoura. Não poderiam ficar fora das boas

lembranças as figuras do tio Chiquinho (Francisco Targino Pessoa) e da tia Olindina, com seus filhos, primos queridos que a idade tornavam-nos mais próximos: Genival, Laer, Alix, Eunice e Ivone. O tio Chiquinho, fazendeiro em São José de Campestre, era o mais animado folião dos carnavais da cidade e o mestre das quadrilhas nas festas de São João, fazendo a “marcação” dessa animada dança folclórica, sempre em francês. Figuram nessas lembranças a prima Aparecida, filha dos tios Luiz e Santa, além de Carmézia, filha dos tios José Amâncio e Luizinha.

Os fatos vividos são diversos, com as circunstâncias que compuseram a vida da criança Noilde Ramalho. Hoje, ela os relembra com emoção. Alguns, entretanto, foram marcantes, mesmo que esmaecidos pelo tempo que passou. Seu pai, Odilon Amâncio Ramalho, era homem impetuoso e realizador. Com o intuito de servir, e não de usufruir vantagens, ingressou na política, tendo sido Prefeito de Nova Cruz e Chefe de Segurança da cidade. Ele sofreu as perseguições feitas aos “perrepistas”, partidários do Dr. Juvenal Lamartine, em 1930. Na Intentona Comunista de 1935, também foi alvo de ameaças e possíveis represálias.

Os lugares que serviram de cenário às experiências vividas não foram muitos. Olhe-se a cidade de Nova Cruz, nos anos 20 e 30, com uma pequena população, de pessoas pacatas, simples, religiosas, ordeiras e alegres. Não existiam riquezas acintosas, nem pobres em profusão. A agricultura, a pecuária e o comércio davam o suporte econômico à região. A vida era calma, sem pressa, quase tudo girando em torno das atividades religiosas, da movimentação dos trens e da agitação da feira livre – às segundas-feiras – uma das maiores do Estado. Veja-se, também, o Engenho Angelim, perto da cidade de Pirpirituba, no brejo paraibano, situado em um local elevado, de difícil



A aluna Noilde, nos jardins da Escola Doméstica, na Ribeira.

acesso, principalmente, no período chuvoso. Foi por demais melíflua a vivência infantil no Angelim, não só pelas garapas e rapaduras produzidas no Engenho, mas também – e sobretudo – pelas amenidades, placidez e leveza de instantes de muita felicidade.

Duas casas abrigaram, por maior período, a menina Noilde, oferecendo-lhe segurança, conforto e convívio familiar feliz. Sob esses tetos ela nasceu, ensaiou os primeiros passos, brincou, armou suas casas de boneca, dormiu, sonhou, cresceu e pensou no futuro. O casarão do Engenho Angelim, com poucas janelas, cômodos escuros, era uma construção muito antiga, diferente da moderna casa de Nova Cruz, que tinha água encanada, energia elétrica, copa e cozinha, janelas com grandes vitrais coloridos e piso de assoalho corrido. Até um telefone interligava a casa com o local de trabalho de Odilon Amâncio Ramalho, que fez construir essa confortável residência, fruto do seu pioneirismo e espírito de vanguarda.

A inconfidência sentimental termina quando Noilde Ramalho, aos 16 anos, deixa Nova Cruz e, de trem, toma o caminho de Natal para estudar na Escola Doméstica: “Para trás fica o silo no alto do lajeado, a rua 13 de Maio termina, Nova Cruz já não é vista. O coração tem duas linguagens: a da saudade e a da esperança.” Ela não sabia, não sabia ninguém, que ali começava vida nova de uma das mais fascinantes educadoras que o Rio Grande do Norte já conheceu.

A seguir, ela faz revelações e narra episódios interessantes, reminiscências de um passado que continua bem nítido.

Na minha infância gostava de flores – cuidava do jardim. Fazia troca de plantas com os vizinhos. Estava atenta ao ouvir as conversas dos mais velhos. Quando o assunto não era para criança, logo mamãe acenava para me retirar do local. Era hábito quase diário ficar à mesa após o jantar e ali adormecer, sob os protestos de mamãe, que ordenava onde era o local certo – a cama. Algumas vezes procurava a rede de papai e, entre embalo e cantoria, o sono acabava chegando e, novamente, mamãe exclamava: “vá para a cama!”.

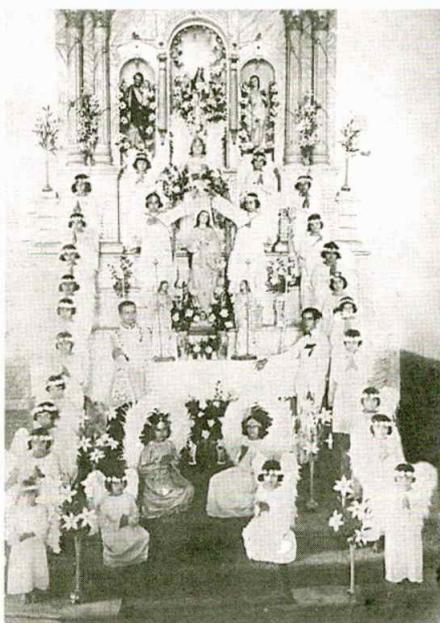
As brincadeiras de calçada reuniam irmãs, primas e algumas colegas da rua. O ritual era o mesmo: “bom barquinho” – “tica” – “a barca virou” – “peia quente”, etc. etc. Toda a brincadeira se fazia em frente de casa, nada da calçada do vizinho. É com saudades que relembro a figura de papai chegando após o dia de trabalho, e nós, Bá (Clóris), Aline (Mana), eu e Haidée correndo para alcançá-lo e pegar na sua mão. Às vezes, quando trazia guloseimas, restava apenas uma mão e nós nos contentávamos em segurar um dedo.

Nas nossas estripulias tínhamos o cuidado de observar Dona Marocas, esposa do Sr. Alcebíades Lisboa, que gritava nos repreendendo se fizéssemos algo que não fosse de seu agrado e até ameaçava informar mamãe.

Saudades do novenário de maio, algumas noites de chuva, o que era uma festa tirar os sapatos e vir pisando na água. Noites de maio com anjos escolhidos e ornados por Zé Teixeira – anjos tão desejados e, às vezes, a decepção profunda quando não atendíamos aos padrões de Zé Teixeira. A novena com os cânticos da ladainha de Nossa Senhora. Os noiteiros mandando estourar os foguetões, o sino repicando na elevação do Santíssimo Sacramento – noites de maio azul e branco de nossa memória. A nossa formação religiosa começava em casa com o Sinal da Cruz, o

## O Catecismo, a 1ª Comunhão e o Grupo Escolar

Os Primeiros  
Professores



Meninas vestidas de anjos, no altar-mor da Igreja Matriz de Nova Cruz, em solenidade religiosa do mês de maio, dedicado à Padroeira, Nossa Senhora da Conceição. À esquerda, Pe. Luiz Adolfo. À direita, Zé Texeira, mestre de cerimônia (década de 30). Fotografia cedida por Antonio da Cunha Lima Pessoa.

Santo Anjo do Senhor, o Pai Nosso e a Ave Maria. A continuidade seria sob os cuidados de uma catequista, Dona Dondon – uma senhora magra, pálida, voz estridente. Era viúva e usava sempre saia e blusa escuras. Sabíamos que era noiva e o seu noivo morava em João Pessoa, àquela época, Paraíba. Nossa preocupação e medo era que o casamento fosse realizado antes de 8 de dezembro de 1929, a data marcada para a 1ª Comunhão. Essa data marca a comemoração da Imaculada Conceição, Padroeira de Nova Cruz. Para alegria de todos, foi cumprido o calendário e o oficiante foi o Padre, que depois tornou-se Cônego Luiz Adolfo de Paula, irmão de Dona Alice, minha professora da 1ª série do “Grupo Escolar Alberto Maranhão”. Da fase de estudo do Curso Primário, com saudades guardo a lembrança da Profª Maria Laura Fontoura. No “curso complementar”, a última etapa do ensino primário, fui aluna do Professor José Saturnino Paiva (pai da Profª da Escola Doméstica Ivani Paiva). O Professor, de temperamento alegre e muito cordial, granjeou a amizade de todos e se tornou amigo e compadre de papai. Costumava ir tomar lanche na minha casa, que ficava na mesma rua do Grupo. Certa vez, atenta às conversas dos dois, ouvi referência ao meu nome e, no diálogo, papai falava dos negócios em baixa e sondava do professor qual das filhas (Noilde e Aline) oferecia maior potencial nos estudos. Eu cursava, apesar de mais velha dois anos, a mesma série de Aline. Esse fato deveu-se à interrupção do estudo por motivo de saúde e por recomendação médica. Era sabido e confirmado que Aline era mais inteligente e bem dotada de qualidades, sempre superando o meu potencial. Mesmo assim, a sentença ouvida foi dolorosa na plenitude de minha adolescência. “Compadre, aproveite Aline, ela é bem superior. Noilde ... vai devagar.” Mas, passados os dias, a decisão de papai foi:

“primeiro Noilde, é mais velha.” Porém, veio a ajuda de Deus, porque, ao iniciar os estudos na Escola Doméstica, recebi bolsa de estudo, podendo, assim, Aline vir para Natal e cursar o Atheneu, como desejava.

No programa escolar havia destaque para os dramas (pequenas peças teatrais). Os passeios escolares eram ansiosamente esperados e realizados com cantos cívicos e canções como “rataplan olhai o céu, vede a luz que nos conduz”, etc. As distâncias percorridas, algumas vezes eram longas, como a ida ao açude de Pau-barriga, na propriedade de Luiz Moreira, cidadão rico, dono de muita terra, a Lapa.

Fato marcante foi a chegada do Inspetor Escolar. Toda escola rigorosamente limpa, os alunos observados nos seus uniformes e o medo de ser argüido pelo visitante, que julgaria o aluno e a professora. Sua presença constaria de visita às salas de aula, verificando cadernos, etc. Seu regresso a Natal representava alívio para todos.

## VIVÊNCIA ALEGRE E FELIZ

A vida social de uma cidade de interior, na minha infância, era muito simples – no meu caso consistia em participar de aniversários das primas e de algumas amigas, colegas do Grupo Escolar. Em casa, toda a maior atenção era o 29 de dezembro, aniversário de papai. Nesse dia, a casa ficava festivamente ornamentada, havia o cardápio de festa e muita alegria em todos nós. Assim, mamãe preparava nosso reconhecimento a ele, papai.

As lembranças da festa da Padroeira com barracas, banda de música vinda de fora, jornal da festa, queima de fogos de artifício, deslumbrando ao nosso olhar o encanto das cores, o brilho e as formas que consagravam Tota Davino como o maior fogueteiro da região. O carrossel, as bancas de jogos, com campainhas a fazer barulho, chamando a atenção dos



Noilde (ao centro), em Nova Cruz, com as irmãs: Clóris, Haydée, Aline e a amiga Lica, vendo-se ao fundo o Grupo Escolar Alberto Maranhão.



presentes para as novas rodadas da sorte. A véspera de Natal com as cestas de alfenins modelados em cravos e animais, as castanhas de caju, os doces secos, às vezes apimentados, davam um toque especial àquela noite que culminava com a celebração da Santa Missa, chamada “Missa do Galo”. No último dia, a realização do baile da festa e a coroação da rainha que vencida pelo maior número de votos.

O São João reunia a sociedade para as danças típicas: quadrilhas, xotes, etc. A indumentária a caráter, roupa matuta; havia, às vezes, o baile do Chitão, tecido de algodão barato com flores vistosas.

O Carnaval era sempre desanimado, fato que nos levava a Campestre, cidade próxima, onde nosso tio Chiquinho comandava a alegria e, mesmo em idade avançada, era o maior folião. A lembrança faz lembrar o primo Genival, querido por todos, imitando os componentes de bloco carnavalesco de pessoas simples do local, cantando:

*“Oh! Mestre Antonho  
Esse seu deproma  
Essa sua goma  
Vou mandar tirar  
Vou te butar  
Num lugar esquisito  
Onde não oiça grito  
Nem galo cantar”.*



Noilde, em pé à esquerda, com as amigas, todas a caráter para o “Baile do Chitão”, em Nova Cruz.

As lembranças do passado criam um território imenso de saudades e Nova Cruz mergulha nos meus sentimentos com força total. Agora, vejo-me na feira-livre comprando os alimentos para uma semana. As pilhas de inhame, batata-doce – as frutas, em especial os abacaxis – a farinha e goma de mandioca. Estou ouvindo o tinir da moeda experimentando se o côco está

seco – tantos produtos – o murmúrio da gente humilde e simples que, com uma leve palminha, chamavamos por “Dona Maria”. Lembro os enterros dos anjinhos nas caixas de azul-celeste – as coroas de flores, as mais simples, acusando a falta da água na terra, o repicar dos sinos anunciando que o céu estava em festa. As lojas dos senhores Matos, Fenelon, Otaviano, Chico Bezerra, o Beco Largo que, passados os tempos, não parece o mesmo. Visão de criança: continuo mantendo a curiosidade de ver o interior da residência de Dona Sinhá, aquele portão e gradil de ferro que só permitia vislumbrar as flores do jardim. E as rosas La France cuidadosamente cultivadas por Dona Adília Lisboa. Ainda cala profundamente a lembrança das filas de latas em frente à Estação Ferroviária, de arquitetura bonita, especialmente pelos batentes em meio círculo, à espera da liberação da água do Piquiri. Igualmente, dói lembrar e pareço ouvir as vozes das crianças em época de crise, a oferecer raspa de juá em troca de alimentos. Nova Cruz! Repito com fé, tenho presente os passeios nas trilhas da estrada de ferro dos noivos e namorados da cidade. Tenho saudades da casa onde nasci em 19 de julho de 1920. Ali desfrutava de água encanada no banheiro, cozinha e copa, onde acendia a luz elétrica pelo interruptor. Naquela casa, a sala de visitas, clareada e embelezada pela luz dos vitrais coloridos e pelo piso de assoalho corrido, emprestava nobreza ao ambiente; era onde podia falar com papai pelo telefone que interligava a residência à área externa do seu trabalho. Nova Cruz, escute! Tenho saudades imensas do meu convívio familiar: papai, mamãe, Ni, Nando, Bá, Aline, Haydée, meu sangue, minha vida, meus amores. Lembrar Titi (minha madrinha), velhinha Beluca, que me ensinou a rezar o ofício de Nossa Senhora, quão longe no tempo, mas tão presentes em meu coração todas essas lembranças: ah, quanta saudade!



Noilde com as irmãs Clóris e Aline, em Nova Cruz (década de 30).

## ATRIBULAÇÕES CAUSADAS POR FATOS POLÍTICOS

Na vida do político, algumas glórias e muitas aflições são participadas pela família. Por muito tempo, papai fez política em Nova Cruz, contra o gosto de mamãe. Exerceu diferentes cargos. Sempre fiel ao seu compromisso partidário e com lealdade aos seus chefes dirigentes de partidos.

Pela política perdemos haveres. Em nossa casa ninguém foi beneficiado, mas todos coerentes e unidos nas alegrias e nos momentos intranquilos.

Declarada a Revolução de 1930 e deposto o Presidente do Estado, Dr. Juvenal Lamartine, político do Partido Perrepista, que papai acompanhava, os eleitores do Partido Liberal, oposição ao governante deposto, estiveram no Grupo Escolar e retiraram o retrato do Dr. Lamartine, quebraram a moldura e, em praça pública, queimaram sua fotografia. Meu irmão, que assistia a distância, recolheu um pedaço do mármore e deu à mamãe, que o guardou com respeito. Recordo o fogo produzindo labaredas, pois o local era próximo à minha casa. Hoje não existe mais o prédio físico, mas, na lembrança de sua ex-aluna há uma fotografia gravada e o hino cantado todos os dias no início das aulas. Ainda perduram a sua melodia e letra: “Ao entrar no templo”, etc, etc.

Em 1935, mês de novembro, ocorreu a Intentona Comunista. Nesse período, papai ocupava a Chefia da Segurança do Município. Os comunistas, vitoriosos na capital, partiram para o interior. As notícias chegavam dando conhecimento da rendição de cidades. Somente a Serra do Doutor, sob o comando do Sr. Dinarte Mariz, resistia heroicamente. A má fama dos revolucionários se espalhava. A era do cangaceiro Lampião parecia ter voltado, com o agravante da falta de respeito às famílias, em particular, às mulheres.

A cidade de Nova Cruz, com um pequeno contingente de soldados, carecia de armas e munição. Abraçado com a responsabilidade do cargo, papai foi à cidade de Caiçara, do vizinho Estado da Paraíba, em busca de ajuda. Era uma segunda-feira, o dia de feira livre, conhecida como uma das maiores do Estado. Grande preocupação na cidade com os boatos e notícias que chegavam. Em minha casa, mamãe foi avisada de que um grupo de homens portando lenços vermelhos no pescoço havia partido da cidade de Santo Antônio em busca de Nova Cruz. A pessoa a ser presa seria exatamente papai, pelo cargo que exercia.

Era necessário, naquele momento, fazê-lo conhecer a gravidade da situação; ele que deveria chegar conduzindo armas. Mas, quem levaria a mensagem de cautela para papai? De pronto me dispus a enfrentar a missão e, em companhia de Zé Preto, marido de Titi, saí a pé, estrada afora, em pleno meio-dia, para encontrar papai, que já deveria, naquele horário, estar retornando. A estrada estava movimentada pelos feirantes, montados em seus cavalos de cargas, que faziam a retirada. Em bandos conversavam sobre o assunto. Muitos caminhavam a pé. Éramos companheiros de movimento na mesma estrada, porém, na mente, havia enorme diferença: eles, retornando, na certeza da paz que encontrariam, e eu, na incerteza dessa paz. A missão teve êxito. Passei a papai o bilhete de mamãe, e ele então, ciente dos acontecimentos, tomou as medidas que achou cabíveis. Nesse dia, de acordo com a combinação entre papai e mamãe, deixamos Nova Cruz, rumo ao Engenho Angelim. Na vertigem do tempo, há lembranças, como a nossa saída apressada por ocasião da Intentona Comunista de 1935, com destino ao Angelim, de nossa propriedade, que, naquela época estava arrendado a José Pina, casado com Dona Cerise. Aproveitando a escuridão da noite, ocupamos

Éramos companheiros de movimento na mesma estrada, porém, na mente, havia enorme diferença: eles, retornando, na certeza da paz que encontrariam, e eu, na incerteza dessa paz.

a carroceria de um caminhão. Todos nós, sob a orientação de mamãe, arrumamos o mínimo necessário para a viagem da qual não havia previsão de volta. O espaço no caminhão era pequeno, pois conosco deveria ir também a família do farmacêutico Fernando Guilherme. Ao ser dado o sinal de partida, mamãe procurou checar se todos estavam acomodados. Nesse instante, sentiu falta de Bá (Clóris): abre a casa, acende a vela e sai à procura dela, que, bem alheia à aflição do momento, estava de cócoras a folhear o seu álbum de figuras de artistas de cinema, selecionando os mais queridos para levá-los ao novo destino. Bem podemos imaginar a reação de mamãe, ela que deixava sua casa e viajava sem a companhia de papai, que exercia função de segurança na cidade. Papai permaneceu em Nova Cruz sob um clima de tensão, pois a ordem na capital estava fora do controle das autoridades constituídas. À distância, acompanhava a preocupação de mamãe de estar longe de casa e sem notícias dele. Soubemos depois que os homens de lenços vermelhos ao entrarem em Nova Cruz mantiveram contato com o Sr. Antônio de Arruda Câmara, cidadão pacato e que gozava de alto conceito. Era estimado e muito elogiada a sua conduta de paz. Até hoje agradeço a Deus o fato de os homens de lenços vermelhos terem sido encaminhados ao Sr. Arruda, que conseguiu desestimulá-los a esperar pela autoridade de segurança, que era papai. Os bons anjos também encaminharam outro homem de bem, o Sr. Luiz Maciel, que levou papai para a sua residência. Sanadas as dificuldades, recebemos de papai orientação para regressar. Os dias no Angelim serviram para reviver as lembranças de nossas brincadeiras quando crianças, passadas nos anos de 1926, 1927 e 1928, dividindo com Pirpirituba durante o calendário escolar. O casal José Pina e Cerise foi gentilíssimo com todos nós.

## ANGELIM E PIRPIRITUBA

Como disse, os anos de 1926, 1927 e 1928 moramos no Angelim e de lá recorro a mudança brusca de ambiente, a casa da nova morada era bem diferente. O casarão tinha sido residência do tio Lulu Cruz, irmão de minha avó materna, Ana Idalina. A casa possuía cômodos escuros, janelas só na parte da frente, feitas de madeira grossa, cozinha comprida e estreita, fogão a lenha feito de tijolo. O de Nova Cruz queimava lenha, mas era um fogão inglês com forno e um depósito de água, externamente era esmaltado de cor branca. Poucas portas externas, no interior havia uma diferença de nível no chão, local de uma antiga capela. Ainda encontramos alguns azulejos portugueses, não existia altar nem nichos de santos. Nos últimos anos era usado para guardar o café em grãos produzidos na propriedade, a qual ficava situada no brejo da Paraíba e produziu no passado grande quantidade de café. A paisagem do Angelim, bem diferente de Nova Cruz, oferecia a beleza do cafezal em flor com um perfume agradabilíssimo. Gostava de acompanhar o ciclo da planta: a flor branca transformava-se em verde, depois em amarelo, vermelho e, por último, em grãos, marrons, quando eram colhidos e levados a secar no local reservado em frente de casa. O Angelim também cultivava cana-de-açúcar para o fabrico da rapadura e tinha inclusive alambique, que produzia cachaça e, ainda, havia as culturas de feijão, milho, arroz e açafrão.

No Angelim a vida mudou muito. Na cidade, havia mais conforto, mas a natureza e a amplitude de espaço encantavam. Lá, tínhamos vacas – como na nossa fazenda Barrinha, perto de Campestre – galinhas, porcos, abelhas, garapa de cana, rapadura, muitas fruteiras que alimentavam a nossa despensa o ano inteiro. O mais importante era ter água doce em abundância. Havia olheiros alegres por toda



De férias, no Engenho Angelim, em Nova Cruz (década de 30).



parte. Para quem morava em Nova Cruz, isso era um grande diferencial. Tudo era festa e novidade, pois até faltava professora para nos cobrar dever. Creio que essa distância dos livros para aprendizagem levava mamãe a fazer uma leitura à noite em um livro que oferecia contos muito interessantes. Minha irmã mais velha, Anyole, foi estudar no Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, naquele tempo chamada Paraíba. Nas férias ela regressou e, com muita festa de nossa parte, foi recebida. Ela era muito querida pelos irmãos. No período de Natal armou uma árvore com um galho frondoso de bambu, enfeitou com tampas de garrafas, etc. Recordo que o primo Laer estava conosco e, consultado sobre o que gostaria de receber de Papai Noel, ele prontamente, respondeu: “um cacho de banana.”

Éramos cinco em idade escolar: Nando, Bá, Aline, eu e Anyole, a qual estava no Colégio das Neves. Haydée ainda não tinha idade. Surge, então, a idéia de alugar uma casa em Pirpirituba, onde funcionava um Colégio das Irmãs Santa Catarina. Para as demais não havia dificuldade, o problema, porém, estava em Ernani (Nando). Indo a Pirpirituba, papai tomou conhecimento do Professor Zeca, que era cego, mas recebia a ajuda da esposa. Sua fama como mestre era a de ser muito enérgico, disciplinador, usava palmatória e menino não brincava na aula dele. Apresentava um nível de exigências que papai pensava ser adequado, pois nem Dona Cícera, tia do Sr. Fenelon, muito enérgica, havia conseguido despertar o interesse do meu irmão pelos estudos.

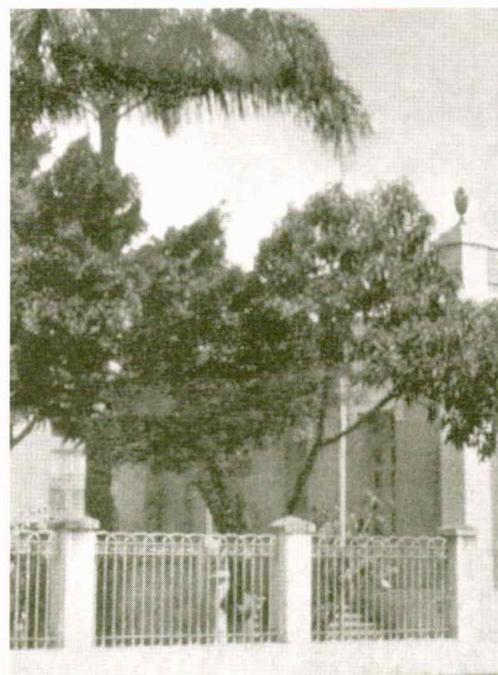
Por dois anos e alguns meses moramos em Pirpirituba. Nosso vizinho se chamava Olegário e queria muito bem a Haydée, que, aos 3 e 4 anos, era muito mimosa. Nosso vizinho era Agente do Fisco e usava cavalo para ir ao trabalho.

## A CAMINHO DA ESCOLA DOMÉSTICA

Contra a vontade de mamãe, papai volta a Nova Cruz e retorna à vida política. Nessa época, já adolescente, continuo os estudos no Grupo Escolar Alberto Maranhão, concluindo o “curso complementar”, como era chamado o hoje Ensino Fundamental II, mas com uma base bem superior de conhecimentos. Os centros de interesses também mudaram e eu desejava participar de atividades sociais, no que encontrava resistência. Era a fase dos olhares furtivos, flertes, etc. Nesse tempo, surge a idéia do estudo na Escola Doméstica, educandário por demais exaltado no nosso meio familiar. Na Escola foram educadas Alix, Eunice, Ivone, filhas dos tios Francisco Targino Pessoa e Olindina; Aparecida, filha dos tios Luiz e Santa; Carmezia, filha dos tios José Amâncio e Luizinha.

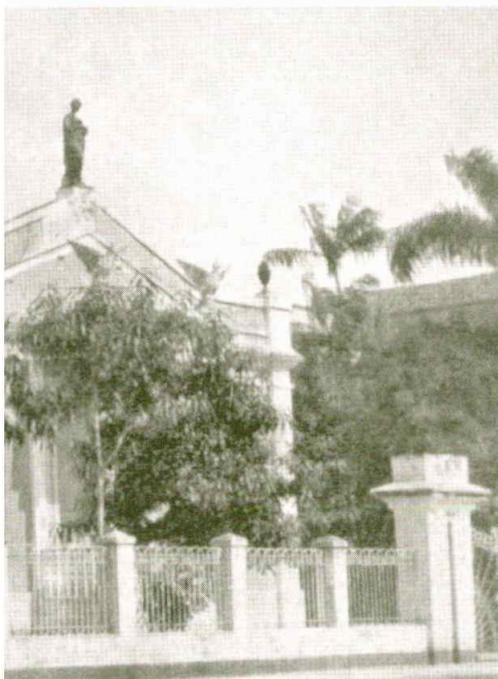
A decisão da escolha foi recebida com a maior alegria e, dentro de pouco tempo, mamãe iniciou a confecção de um enxoval. O número para marcar as peças foi remetido pela prima Alix, a quem chamo carinhosamente de Neném: era o 28, que até hoje sempre que vejo faço a ligação de prazer. Em Natal já estudava minha irmã Clóris, na Escola Normal, situada na Praça Augusto Severo, vizinha à Escola Doméstica. Era residente pensionista do Colégio Pedro II do Professor Severino Bezerra.

Atitude bem comum em lares de numerosa família, surge uma pontinha de ciúme pela confecção do meu enxoval. Parecia que somente “Nó” era filha. Nada mais gostoso do que isso. Chega março, data marcada para ingressar nos estudos, a viagem certa, bagagem arrumada, é hora de partir. Na Estação, o alvoroço das despedidas, o vaivém dos que ocupam a plataforma como um passatempo, a sineta toca, o trem apita, o coração bate, bate forte; tomo lugar junto



Escola Normal, vizinha à Escola Doméstica - décadas de 20/30.





à janela, os olhos umedecem, as lágrimas caem.

A máquina, o carro de bagagem, carro do correio, o carro da 1ª classe, com cadeiras estofadas, lavatório, WC, vidro nas janelas, bagageiro para pequenos pacotes; enquanto o da 2ª classe, somente bancos simples ao longo do vagão. O comboio deixa a Estação, o olhar nas casas com suas janelas ocupadas pelos apreciadores de ver o trem passar. Para trás fica o silo no alto do lajedo, a rua 13 de Maio termina, Nova Cruz já não é vista. O coração tem duas linguagens: a da saudade e a da esperança que se resumem em Nova Cruz e Escola Doméstica de Natal.



Aula prática de cozinha, na Escola Doméstica: Noilde, Safira Mariz, Francisquinha Trigueiro e Salésia Montenegro.



Mudança: Noilde deixa Nova Cruz e chega a Natal para estudar na Escola Doméstica.

## Reminiscência 2:

aluna da  
Escola Doméstica

*“Mergulhar no passado é sentir o perfume das flores nas aulas de jardinagem, é ouvir os mestres nos abrindo horizontes, é ver a cor dos olhos das colegas, é fazer o impossível se tornar possível, ou seja, é ter dentro do coração toda a minha velha Escola: sua parte física, sua gente, sua história e toda a minha saudade.”*

Noilde Ramalho

Noilde Ramalho narra a grande mudança que ocorreu na sua vida, quando saiu de Nova Cruz para Natal, a fim de estudar na Escola Doméstica. Ela resalta a diferença dos dois mundos, a menina-moça que deixa sua pequenina cidade, os hábitos simples, o dia-a-dia ameno no seio da família, para ingressar em uma outra vivência, onde o regulamento rígido estabelecia uma rotina diária completamente diversa das experiências até então conhecidas. Por momentos, uma interrogação acode-lhe a mente: “o que me reservaria o futuro?” Rapidamente, adapta-se à nova situação. Revela-se excelente aluna, mas confessa sua inabilidade para Corte e Costura.

Noilde manifesta homenagem às suas professoras. Faz referência especial à Diretora Alix Ramalho Pessoa: “a quem devoto o meu maior carinho de prima e reconhecimento pelo que faço e tudo quanto recebo de exaltação, foi ela a promotora do que sou”. Sua liderança já se configurava, quando ela diz ter tido a confiança das colegas, que, mesmo sabedoras do parentesco com a Diretora, transformaram-na em repositório de confidências escolares e familiares. Lembra com emoção das colegas de turma, uma a uma, demonstrando tê-las bem nítidas em sua lembrança.

Noilde parece demonstrar certa frustração por nunca ter sido escolhida para fazer o serviço de mesa,



Noilde, Aliete, Letícia, Ilzenir,  
Valdívia e Adália.

durante as recepções oferecidas às autoridades: “No meu conceito, só as alunas mais bonitas, as mais elegantes, mereciam este destaque”. E diz que ficava sempre na cozinha, ajudando a Professora Aguino-ral. Entretanto, o convite formulado pelo Dr. Varela Santiago para que ela fosse a Coordenadora de uma exposição compensou todas as frustrações: “encheu o meu ego de uma satisfação quase infinita”. Parece que desabrochou, naquele convite, a vocação irresistível de uma pessoa dotada das mais reconhecidas habilidades para coordenar pessoas e ações.

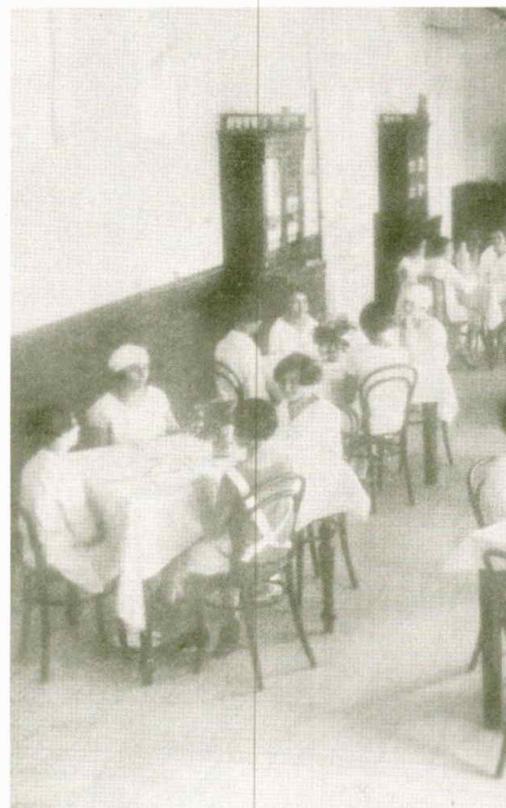
Enfim, povoam sua mente figuras com quem conviveu no seu tempo de aluna da Escola Doméstica, colegas, professoras e funcionários, bem como inapagáveis estão as imagens das salas, corredores, dormitórios, refeitório, escada e corrimão, dos bancos e da cozinha, do velho prédio da Praça Augusto Severo.

A formatura, em novembro de 1939, foi uma prova para testar sua capacidade de resistência a situações inóspitas. De luto, pela morte prematura da irmã Anyole, vítima da tuberculose pulmonar, não participou das festividades programadas para o então Teatro Carlos Gomes, recebendo o diploma três dias antes, no Gabinete da Diretora.

Finalmente, ela volta a Nova Cruz, em condições bem diferentes da jovem que viera estudar na Escola Doméstica, no alvorecer da adolescência. O sentimento era de saudade e de confiança nos conhecimentos adquiridos. E ela diz que assim retornava: “sentindo-me mais segura, consciente da definição do meu caráter e da minha personalidade”. O seu futuro se delineava, pois sua emoção estava impregnada dos ensinamentos inovadores que lhes foram transmitidos: “com fé em Deus, um espaço novo deveria se abrir, como um destino imutável, por



Dormitório da Escola Doméstica, na Ribeira.



Refeitório da Escola Doméstica, na Ribeira.



toda a minha existência”.

E arremata: “A menina feia e magricela, sem grandes méritos, voltava para os seus, mas somente por alguns dias. E, em março de 1940, retornava à sua querida Escola Doméstica”.

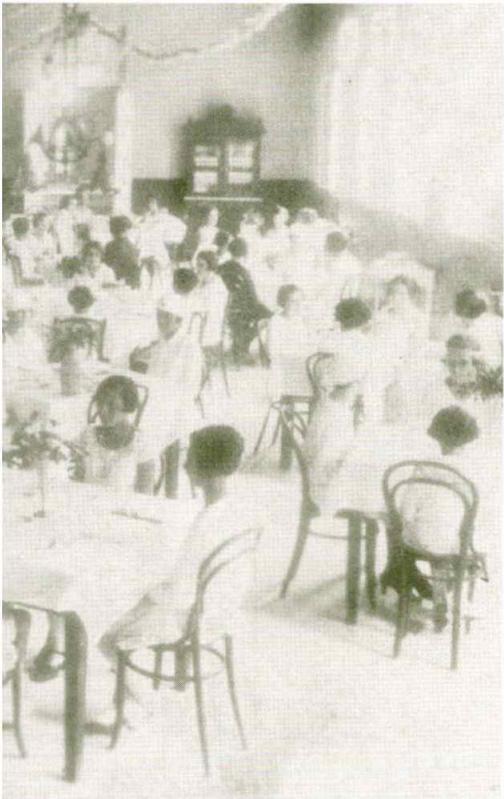
Seguem-se reminiscências que começam com uma situação de dúvida – “o que me reservaria o futuro?” – e terminam em otimismo e confiança.

### DE NOVA CRUZ PARA NATAL – A RECEPÇÃO NA ESCOLA DOMÉSTICA

Um dia de março chega afinal no calendário de folhas destacáveis, tornando-se, este dia, não apenas realidade, mas a concretização de meus sonhos, que a graça de Deus me presenteou através dos dias, meses e anos, fazendo de mim uma pessoa feliz.

O trem de passageiros que tomei em Nova Cruz, com destino a Natal, teve em São José de Mipibu uma parada diferente das estações de Montanhas, Vila Nova (hoje Pedro Velho), Penha (hoje Canguaretama) – essa cidade já minha conhecida, quando aí desembarcava para chegar à Barra de Cunhaú, em temporada de veraneio; Goianinha, a Terra do padrinho de Aline, o Sr. Esaú Marinho. Em São José de Mipibu, a última etapa da tão esperada Natal, não foram por instantes a permanência na Estação, pois, naquela cidade, tivemos de pernoitar devido à falha técnica na máquina do trem que teve de receber reforço da Capital. Ficamos em um hotel, apesar do insistente convite da mãe de Zuleide Sales, que também estava naquele trem, com destino à Escola Doméstica. Fizemo-nos conhecidas e nos tornamos amigas a partir daquele convívio.

O amanhecer em São José de Mipibu foi demorado, tamanha a vontade de chegar à Escola. Durante o percurso, que não é longo, passamos, já



nas proximidades de Natal, pela Colônia São Francisco de Assis para leproso. Mãe chamava minha atenção informando que ali estavam internados o Compadre Félix Marinho e Dona Senhora Silva. Por alguns momentos, ficamos pensando na solidão em que ficaram as duas famílias, quando, por ordem da Saúde Pública, as duas pessoas, os nossos amigos, deixaram suas casas. O tempo passa e, logo, como a recordar Nova Cruz, escuto o apito do trem, aviso da chegada à Estação de Natal. Para o comboio, surge o alvoroço dos passageiros em recolher suas bagagens; mãe, experiente em viagem, procura logo um carregador para levar os nossos pertences. A minha mala com o enxoval viera despachada e só foi possível retirá-la após alguns minutos. Tudo é novidade! O tamanho da Estação, os trajés e as fisionomias dos transeuntes, os abraços da chegada. O trem de passageiros, o melhor meio de transporte para as classes abastadas e as de pouca renda.

Deixamos o trem. No embarcar, em Nova Cruz, o meu estado de espírito era de euforia, mas agora, naquele momento, naquela ponte entre o meu mundo do interior e a cidade grande, era diferente e pensava: “o que me reservaria o futuro?” Transpusemos a Praça Augusto Severo; do outro lado estava a conclusão, não apenas da viagem, mas também do meu mundo constituído de hábitos simples de vida interiorana. Eu, que desejava ardentemente chegar à Escola, fiquei momentaneamente atônita. O chegar, o entrar naquele ambiente, o viver longe de casa faziam esfriar as mãos e o coração bater mais apressado. O nosso programa era: mãe me internar e ir para casa do meu tio Celso, e só regressar após ter concluído todas as exigências que me fossem necessárias. Entretanto, surge, repentinamente, uma mudança de estado de espírito: mãe



Aula de Ordem Doméstica: Noilde com espanador, Elza sentada e Ivone com a vassoura.



recebe um telegrama de papai, das mãos da minha prima Alix, a Diretora da Escola. Papai solicitava a volta imediata de mamãe para ir a Recife, onde morava a minha irmã Anyole, pois ela estava doente, necessitando da sua presença. Até aí, na minha concepção, sentia apenas ausência de mamãe, não sabia a gravidade do estado de saúde de minha irmã e, concluindo, eu estava chegando ao porto seguro de minha imaginação – A ESCOLA.

Como acontece até hoje, as alunas, sem distinção de novas ou antigas, são recebidas com muita festa e há sempre uma aluna escalada para informar à novata os procedimentos do dia-a-dia. No meu caso, toda a expectativa da chegada, a forma de vida, agora teria a regência de um regulamento que pontuava o horário de levantar, cuidar do trabalho doméstico, de varrer e limpar uma peça de casa, as refeições, o horário de aulas, banho, recreio, preparar as lições, e, finalmente, dormir. Com tudo me identifiquei muito bem. Das aulas práticas gostava de Jardinagem, Cozinha, Puericultura, Serviço de Mesa, Horticultura, Lavanderia, Medicina do Lar. Apenas Corte e Costura não conseguia fazer, apesar do esforço que colocava nessa disciplina. Minhas colegas me ajudaram a passar nessa matéria; a elas, o mérito da nota de aprovação. Entrei no segundo ano do curso, conforme a nota obtida no Exame de Admissão – minhas notas sempre foram boas. A nota final para obter o diploma do curso foi 9,2 e no meu diploma tenho a honra de receber as assinaturas de Henrique Castriciano, Juvenal Lamartine, Monsenhor José Alves Landim, Onofre Lopes, Manoel Varela de Albuquerque e Manoel Varela Santiago.

## O DIA-A-DIA NA ESCOLA DOMÉSTICA

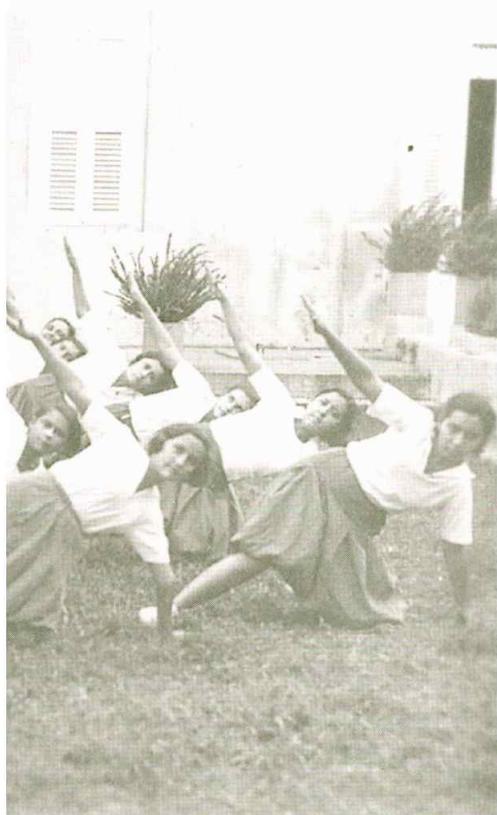
No convívio da Escola sempre desfrutei da atenção dos mestres e aqui vai uma palavra de reconhecimento e muita saudade: Geovana Montenegro, professora de Corografia; Aguinoral Dantas, de Cozinha Prática; Olga Barbosa, de Matemática; Anatilde Marinho, de Português; Dona Adelma Leitão, com a sua paciência nas aulas de Francês. Na pessoa do apóstolo do bem servir, o Dr. Varela Santiago, saúdo todos os meus mestres, de corações cheios de bondade, mentes iluminadas do saber e criaturas que dignificaram a Escola e a geração a que pertenciam. A minha Diretora, Alix Ramalho Pessoa, a quem devoto o meu maior carinho de prima e reconhecimento pelo que faço e tudo quanto recebo de exaltação, foi a promotora do que sou. A minha gratidão por ter sido sua aluna, por chegar a ser professora e, finalmente, dirigente da Escola. A convivência com as colegas sempre salutar e, com o passar do tempo, as amizades iam se tornando mais claras e as demonstrações de confiança eram o registro de todos os momentos. Confissões recebia hipotecando plena confiança de quaisquer experiências vividas por elas, tanto no ambiente familiar, quanto no tocante ao escolar. Isso se devia ao meu procedimento de ser prima da Diretora e saber conviver sem nunca levar nenhum assunto privativo de minhas colegas ao conhecimento do corpo docente e à Direção. Àquela época, receber correspondência de namorado era assunto proibido e cheguei a testemunhar Judite Salustino colocar na boca uma carta do seu apaixonado, diante da súbita aproximação da Diretora. Felizmente, teve um final feliz: casou-se e pôde realizar o seu sonho de felicidade. Fumar, guardar merenda e cigarros em caixotes fechados, muitas vezes se tornaram momentos de vexames para quem, desobedecendo as normas, usava desse procedimento.



Aula de Educação Física. No destaque, Noilde Ramalho.



Valdeci (de preto), Elza Bezerra (à direita) e Valdívia de saia preta, entre outras.



Das colegas do 2º ano lembro-me de Valdívía Gomes, que, no meu ingresso na Escola, já repetia pela terceira vez a mesma série. O pai, Sr. Antônio Gomes, proprietário da “Casa Gomes”, era considerado rico. Valdívía retirava da loja o que queria: tecidos, meias de seda, etc. e seu Epifânio Dias atendia a todos os caprichos da minha colega. Ele era o gerente. Na “Casa Gomes” havia um empregado que atendia pela alcunha de Caju – negro, baixo, olhos vesgos, era o vaivém. Com o passar dos tempos, encontrei-o trabalhando na Policlínica do Alecrim, quando fazia visitas ao Dr. Henrique Castriciano. O Professor Luiz Soares, Diretor da Mantenedora do Hospital, convidara-o para lá. Ele, Dr. Henrique, já há algum tempo recolhido ao Hospital “Miguel Couto”, hoje “Onofre Lopes”, acedeu com a transferência, porque, além de ser uma nova Casa de Saúde, poderia desfrutar da presença do amigo nas visitas quase diárias.

Quantas lembranças vêm povoar a mente, mas, em especial da colega Valdívía: era a pianista nas horas de recreio, na sala com o piano, por nós chamada de Aero Club; alegrava a cada intervalo com as interpretações musicais da moda. Eunice Coreolano também tocava. Essa colega era muito reservada, devido ser comprometida em casamento com o pianista Pedrinho Duarte, ele bem mais velho que ela. Eunice e suas músicas eram menos apreciadas, pois o seu repertório era clássico. Valdívía tocava de ouvido, sem estudo na arte do teclado. Recordo Inês Dantas, filha do Sr. Cristovam Dantas, de família do Ceará-Mirim; ele, Fiscal de Consumo (Fiscal de Rendas), morava na Av. Deodoro, perto do Hospital de Proteção à Infância, hoje Hospital Infantil “Varela Santiago”, o seu fundador. No 3º ano, Inês deixou a Escola, porque seu pai conseguira transferência para uma pequena cidade de São Paulo. Em nosso choro

na despedida de Inês, ela nos consolava dizendo que o pedido de transferência era por melhoria de proventos. No Estado de São Paulo, mesmo em cidade de porte menor, havia maior desenvolvimento na área de fiscalização. Passados anos, tomamos conhecimento que esta pequena cidade recebera a visita do Sr. Presidente da República, o Dr. Getúlio Vargas. O pai de Inês desfrutava de prestígio na cidade, e ela havia granjeado simpatia e demonstrava as habilidades adquiridas na Escola Doméstica, daí ter sido responsável pela organização do banquete oferecido ao ilustre visitante. A este, não faltou a sensibilidade de notar a qualidade do serviço e as observações às regras exigidas para o momento. Teceu comentários elogiosos e lhe foi apresentada a responsável, no caso Inês, bem como o seu pai, o Sr. Cristovam Dantas, que, abordado pelo Presidente, informou o desejo de alcançar a Capital, onde o seu trabalho de fiscalização atingiria melhores possibilidades para a construção sólida da educação dos filhos, que eram muitos. Para a felicidade da família e pelo valor do currículo da Escola Doméstica, através de Inês, o Sr. Cristovam foi transferido para a Capital de São Paulo, a mais desejada instância da Fazenda Nacional.

## AS SAÍDAS – AS EXPOSIÇÕES – O CONVITE

É emocionante recordar os primeiros domingos, as compras na rua Dr. Barata, o maior centro de moda da cidade. Nossas presenças nas regatas do rio Potengi, torcendo um dia pelo Sport, outro, pelo Náutico; as festas de fim de ano no Theatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão, o dia 15 de novembro, data fixa no calendário para exposição dos trabalhos manuais e, também, dos belíssimos bolos artísticos, quando os espaços das salas de aulas eram



Caminhando na rua Dr. Barata  
(década de 30).



Noilde (à frente), aluna da ED, com a colega Elza, na Praça Augusto Severo, vendo-se a fachada da Estação Ferroviária (década de 30).



Fins de semana na Praia do Meio (década de 30).

transformados em salões expositores. Toda a cidade se fazia presente naquele dia. A vigilância às alunas era acrescida pelas professoras externas; os namorados afoitos se arriscavam e algumas vezes as alunas eram chamadas à atenção por não atenderem ao determinado. Foi motivo de exultação o convite do Dr. Varela Santiago expressando confiança na minha pessoa, para tomar conta de uma exposição na Semana da Criança, realizada na seção de Puericultura. Durante as aulas dessa disciplina fomos preparadas sobre vários assuntos, entre eles, “as crendices populares”, alimentação artificial, onde havia a propaganda do Leite Nestlé; o ponto alto da propaganda desse produto era uma vaquinha que balançava a cabeça. As crianças faziam uma festa ao vê-la. Durante as férias de junho, fomos estimuladas a pesquisar sobre amuletos, como: dente de jacaré, semente de mulungu e tantos outros artifícios utilizados pelos menos esclarecidos, durante a fase da primeira dentição das crianças.

Lembro de almoços em que as autoridades eram recepcionadas e as alunas faziam o serviço de mesa. Nunca tive chance de ser escolhida para essa tarefa, sempre ficava na cozinha ajudando a Professora Agui-noral. No meu conceito, só as alunas mais bonitas, as mais elegantes, mereciam este destaque. O convite do Dr. Varela Santiago para ser responsável pela exposição encheu o meu ego de uma satisfação quase infinita. Passei a me sentir “importante” entre todas as colegas. Afinal, o convite partira do próprio Dr. Varela Santiago...

Eram ansiosamente esperadas, pelas alunas internas, as saídas nos finais de semana. De acordo com a permissão dos pais, a aluna se ausentava da Escola para a casa do seu correspondente. No regresso, às segundas-feiras, as novidades sobre passeios, cinema, namoro, etc.

Invocar a velha casa da Ribeira com a sala “Meira e Sá”, palco de nossas maiores reuniões: ali, todos os dias, às 12 horas, a chamada da Diretora constatando presenças, tirando dúvidas, reclamando faltas. O largo corredor de entrada com as bancadas de madeira envernizada de negro, recebia adornos de plantas, jornais, etc., aquele corredor com a porta de entrada medindo por duas das nossas casas, sempre nos obstruindo a visão do exterior por meio de uma outra porta com molas vaivém. Depois dali, a entrada externa. O portão, o banco de madeira medindo mais ou menos três metros. Aquele banco representava o grande *status* de aluna do último ano. A ela era dado o direito de usá-lo em dias e horário determinados, de acordo com o seu comportamento. O grande mérito era ver a rua, a Praça Augusto Severo com suas frondosas árvores, que ocultavam a presença dos namorados. Nesse passeio pela casa, as aulas teóricas e práticas, o refeitório grande com mesas quadradas de quatro lugares, a mesa redonda, sempre usada nos grandes banquetes pelas maiores autoridades; a cozinha com a mesa grande, cujo tampo era de mármore de Carrara, fogão de lenha sempre aquecido e suportando enormes panelões de alumínio; a Puericultura era reservada às alunas do 5º ano que cuidavam das crianças; o Bangalô, onde morava uma professora com um grupo de alunas. Estas reclamavam do eterno ensaio do Professor Alcides Cicco, com sua voz forte de tenor. Os quartos A – B – C – D – E, do dormitório central, eram separados por tabiques pintados de branco, com altura aproximadamente de 1,50m, possuíam camas “patentes”, cômodas de madeira com tampos de mármore e varetas de metal nas laterais para as toalhas. Como esquecer a escada de madeira torneada, corrimão em curvas, mesmo assim, usado pelas alunas destemidas que gostavam de chamar atenção.



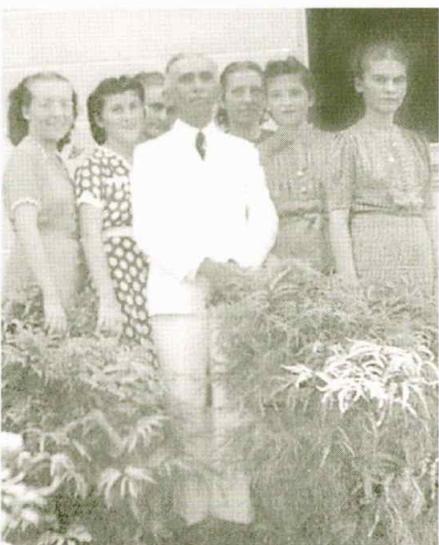
Noilde (à esquerda) entre amigas.  
Ao fundo, a Escola Doméstica.



Com a amiga Marieta e as professoras Julieta e Violeta.



Concluintes da ED de 1939. Noilde, de luto, e suas colegas: Maria Cândida, Dalvaci, Marieta, Lêda (em pé) e Valdívia (sentada).



Prof. Antônio Fagundes, Parainfo da turma de 1939.

## A FORMATURA

O calendário marcava 23 de julho de 1939, dia em que se consumaria a sentença da inevitabilidade do precoce desenlace fatal da minha irmã Anyole, sentença essa que fora anunciada quando da minha chegada a Natal, através daquele telegrama chamando mamãe com urgência. Naquele sombrio 23 de julho, saí às pressas para Nova Cruz, ainda chegando a tempo de presenciar os últimos momentos de vida da minha irmã. O profundo sentimento de perda nos enlutava, levando-nos a penetrar no insondável mistério da morte.

Agora, era o dia 14 de novembro de 1939, três dias antes da festa de formatura marcada para o Theatro Carlos Gomes. O luto, no vestir e na alma, que se abateu sobre toda a família, não permitia festas por um ano. Naquele dia, recebi meu diploma no Gabinete da Diretora. Estava alegre pelo acontecimento, mas, ao mesmo tempo com um aperto no coração por não poder comparecer à solenidade do dia 17, no Theatro. Solidárias, lá estavam minhas colegas: Marieta Cunha, Maria Cândida Faria, Valdívia Gomes, Leda Carvalho e Alvanir Dantas. Minhas profundas emoções impediram-me de estar com elas nas festividades de formatura, para o momento que coroaria nossa permanência na Escola por vários anos.

## O RETORNO

Concluindo esse ciclo da minha vida, é chegada a hora da partida: abracei as colegas, agradei aos mestres e, com os olhos em lágrimas, retornei à Estação. Meu sentimento era de grande saudade, ao mesmo tempo confiante dos conhecimentos adquiridos, sentindo-me segura, consciente da definição do meu caráter e de minha personalidade, com a alma cheia de expectativas e de novas esperanças. Aos meus olhos, o espetáculo era diferente, porém, o ritual era o mesmo:

a sineta dava o sinal, o trem apitava e entrava em movimento; tomei o meu lugar, comecei o caminho de volta à minha cidade.

Ceguei a Nova Cruz, meu ponto de partida. O sonho de viver na Escola e pela Escola não findou e, se não houve palco nem ribalta em um significativo momento da minha vida, com fé em Deus, um espaço novo deveria se abrir, como um destino imutável, por toda a minha existência.

A menina feia e magricela, sem grandes méritos, voltava para os seus, mas somente por alguns dias. E, em 03 de março de 1940, retornava à sua querida Escola Doméstica.





Noilde de férias (à direita, em pé), em Nova Cruz, antes de assumir a função de professora da Escola Doméstica, com as irmãs Haydée e Aline (sentadas), Clóris e a amiga Anita (em pé), no centro.



Noilde, no início da década de 50.

### Reminiscência 3: vocaçãõ para a causa educacional

Noilde Ramalho foi logo convidada para ser Professora da Escola Doméstica, já no ano seguinte à conclusão do curso, quando viu se concretizar, mais rápido do que pensava, algo que ela acalentou, afetivamente, para o seu futuro. Gradativamente, foi se afirmando na função, tendo demonstrado capacidade de adaptação ao ensino de várias disciplinas. Seu perfil de educadora ímpar começava a se evidenciar, quando mergulhou de corpo e alma nos afazeres do magistério. Pouco a pouco, foi demonstrando sua habilidade e sua vocação para a causa educacional.

A Segunda Guerra Mundial foi um período de muita efervescência e ansiedade para a população de Natal. A construção da Base Aérea de Parnamirim, a vinda de milhares de americanos para a cidade, a alteração dos hábitos e da vida pacata dos natalenses, tiveram grande importância em todas as atividades existentes à época. Em 1942, “Parnamirim era o aeroporto mais movimentado do mundo, com aviões aterrissando numa proporção de um a cada três minutos”. (SMITH JÚNIOR, 1992, p. 73). “Diariamente, de 400 a 600 aeronaves transitavam por Parnamirim em demanda da África”. (HIPÓLYTO, 1980, p. 78-79). A partir do ano de 1942, quando o Brasil declarou guerra aos países do Eixo, após o torpedeamento dos seus navios mercantes, a possibilidade de Natal sofrer ataques aéreos tornou-se uma evidência. Era preciso, portanto, preparar a população para saber se conduzir, no caso de efetivação desses ataques.

Noilde Ramalho experimentou e sofreu essa fase de expectativas e ameaças vividas pela população natalense. No seu relato, fica evidente não a preocupação somente consigo própria, mas com sua Escola, com suas alunas e colegas e com sua família. Optou pelos serviços de enfermagem, uma maneira de poder melhor servir ao próximo.

Relembra de pessoas que a ajudaram quando assumiu interinamente a Direção da Escola, dos professores que dignificaram a vida do estabelecimento. Enfatiza a atuação da Professora Margarida Cabral, até hoje emprestando-lhe sua competência e lealdade.

Ao final, relata suas primeiras experiências como Diretora Provisória, sem se dar conta de que ali se iniciava a mais longa interinidade de que se tem notícia: quase seis décadas, até o momento atual.

## PROFESSORA DE VÁRIAS DISCIPLINAS

Como foi diferente a volta a Natal naquele distante março de 1940! Vencida a etapa de estudo de 1936 a 1939, os anseios, as expectativas de vida se firmavam na ambição de estruturar a minha vida, com visão em servir e receber o essencial para o provimento de minhas necessidades. Cheguei à Escola ocupando a vaga da Professora Lisete Duarte, que a deixava por motivo de casamento.

Minha primeira experiência de trabalho foi o Curso de Admissão. A minha sala de aula era o Bangalô, e as alunas Terezinha Aranha, Jacy Guerra, Jurema Lamartine, entre outras crianças de 10 e 11 anos, faziam com suas presenças a realização da sala de aula. O livro adotado era “Programa de Admissão”, um compêndio completo, com o programa das quatro disciplinas: Português, Aritmética, História do Brasil e Geografia. Procurei inovar e, no tempo permitido, aproveitava para ensinar Etiqueta.

No decorrer do período de 1940 a 1945, na minha função de Professora, exercida com muito desvelo, pude ampliar meus conhecimentos, tanto nos conteúdos como, em especial, no trato da pessoa física das nossas educandas. Fiz amigos – conquistei um patrimônio indestrutível no decorrer da minha vida. Pela avaliação da Direção, fui indicada para lecionar



Professora Margarida Cabral.

no Curso de Admissão e, também, Educação Física, quando promovi campeonatos e formei times com disputas entre classes e até com outros colégios.

Fui Professora das disciplinas de Lavanderia, Economia Doméstica, Etiqueta, Jardinagem, Horticultura e Avicultura. Servi como Auxiliar de Enfermagem, atendendo socorros de urgência e a parte prática do setor de Puericultura. Ministrei, também, aulas de Cozinha Teórica e Prática, num curso denominado Curso Anexo, destinado às senhoras da Sociedade. Era residente e tinha os plantões a serem cobertos em dias fixos, durante a semana e aos domingos, sob regime de sorteio. Aos sábados, também sob sorteio, levávamos as alunas às compras, que ocupavam toda a manhã, e atendíamos às necessidades dos programas de costura e outras atividades.

## A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O período da Segunda Guerra Mundial, iniciado em 1939, só veio a preocupar de verdade, após o torpedeamento dos navios brasileiros em nossos mares e com o desembarque de soldados americanos na nossa Base Aérea de Parnamirim.

Os anos de 1942, 1943 e 1944 foram de muita turbulência na cidade. Algumas alunas desistiram do curso em regime de internato, mas com o correr dos dias e sem saber quando terminaria o conflito, as alunas do interior foram voltando. O regime de blecaute mudou a rotina dos trabalhos; passamos a jantar mais cedo e, em conseqüência, outras atividades foram modificadas. O sair à noite para o cinema, a tão agradável “sessão das moças” no Cinema Rex às quartas-feiras, foi cancelado; o meio de transporte – o bonde, usava cortinas pretas para evitar a luz; as avenidas eram escuras; as casas fechadas, com os vidros das portas e janelas com papel escuro. No início, era uma

visão de terror e tristeza. Durante o dia, as ruas com suas lojas cheias de estrangeiros, emprestava uma fisionomia nova de muitas surpresas e até anedotas com os gringos. Na Praça Augusto Severo, do lado oposto, houve a instalação do USO (clube recreativo dos soldados americanos), com o expediente estendendo-se noite a dentro, com as radiolas em grande volume e muita animação. Natal, uma cidade pacata, de noites tranqüilas, silenciosas, cuja alteração se devia apenas às serenatas nas noites de luar, é sacudida de repente por um imenso contingente humano em caminhada à busca de um campo de batalha.

Houve cursos de preparação para a população de como se comportar em caso de um ataque aéreo. Fiz parte desses cursos, ministrados no Teatro Carlos Gomes. Na época, exercia o papel de enfermeira e era de minha responsabilidade manter a maleta com todo material de urgência, incluindo as seringas esterilizadas. Tornou-se um ritual a arrumação diária dessa maleta.

Os jornais e o rádio informavam as diretrizes emanadas do Governo do Estado e do alto Comando Militar e, em certo momento, foi a população avisada que, a partir daquele instante, não mais existiriam exercícios para orientar as pessoas, e, portanto, as sirenes só disparariam se houvesse perigo real. Corriam os dias e, em uma certa noite, não recordo a data, mais ou menos às 19 horas, exatamente a hora da chegada do trem de passageiros de Nova Cruz, a sirene entra em ação nos diferentes pontos da cidade. A esta altura dos acontecimentos, algumas famílias haviam construído os seus abrigos anti-aéreos, mas isso em quantidade muito pequena. O grande número de habitantes não tinha para onde correr. No curso havia sido ensinado ficar o mais protegido possível das madeiras que serviam de esteio nas

Foi a população avisada que, a partir daquele instante, não mais existiriam exercícios para orientar as pessoas, e, portanto, as sirenes só disparariam se houvesse perigo real.

construções; a rua não era indicada, o escuro poderia ser mais prejudicial do que permanecer em casa. Minha família, nessa época, estava morando aqui em Natal, mas eu, no momento do alarme, estava na Escola. Lembro da angústia de minha casa, narrado no dia seguinte: minha irmã Aline tomou-se de pânico e tremia muito; papai, coitado, chegou no trem de Nova Cruz e, com muita dificuldade, alcançou a sua casa à Avenida Deodoro, 294. Na Escola, a ordem era descer do dormitório e permanecer ao ar livre. Parece que estou ouvindo a sirene colocada no Teatro, soando sem parar. Foram momentos de horror: a noite toda em vigília e só no dia seguinte as notícias de “rebate falso” deixaram muita dúvida na população. A notícia, segundo informe, vinha de Fernando de Noronha.

O custo de vida na cidade teve alta considerável: a alimentação, o aluguel de casas (sabia-se de famílias que resolveram mudar-se para o interior e alugar, por preço elevado, as suas residências); as lojas mudaram as suas ambientações; o idioma, o grande obstáculo dos primeiros momentos. Mas a improvisação, a gesticulação e, sobretudo, a necessidade premente, acomodaram e superaram as dificuldades. Aos poucos, taxistas, garotos de rua, engraxates, garçons, etc tentavam se comunicar em Inglês com os americanos, alguns com real sucesso. O visual da cidade sofreu alterações, a musicalidade dos cafés e bares com ritmos e melodias diferentes, os jornais e rádios a noticiar as pretensões dos quintas-colunas.

O Campo Experimental Otávio Lamartine que, em 1949, transformou-se em Escola Agrícola de Jundiá, tornou-se campo de prisioneiros. Estes eram os alemães e italianos residentes há muito tempo em Natal e amigos de muita gente da sociedade. Daí, os prós e os contra às medidas tomadas. Recordo a quermesse da Lagoa Manoel Felipe, promoção das

Parece que estou ouvindo a sirene colocada no Teatro, soando sem parar. Foram momentos de horror: a noite toda em vigília e só no dia seguinte as notícias de “rebate falso” deixaram muita dúvida na população. A notícia, segundo informe, vinha de Fernando de Noronha.

senhoras dos comandantes militares, da sociedade natalense e dos escalões superiores do Governo. Foi uma festa muito linda ao ar livre, como nunca havia sido feito em Natal. A renda seria aplicada em benefício das famílias dos pracinhas.

Esta paisagem da guerra ocorreu durante todo o meu tempo de Professora, com exercício na velha casa, situada à Praça Augusto Severo, 281, Ribeira.

## PROFESSORA E DIRETORA “PROVISÓRIA”

Ano de 1945. O quadro docente da Escola, desfalcado da Diretora, que deixara o cargo em dezembro de 1944 por casamento; a secretária, mais quatro professoras do quadro interno da Escola, também se desligaram das funções. Chega a fase de matrículas. Coloquei meus préstimos à disposição da Escola e realizei não somente o trabalho de secretaria, como providenciei a arrumação necessária para o início das aulas. A essa altura, o Dr. Varela Santiago me confiou provisoriamente a Direção. Segundo ele, a nova Diretora estava sendo ainda identificada.

Fiquei totalmente atordoada quando, sem nenhuma pretensão, nem ambição de mando, de repente, recebia a incumbência de ter a Escola sob meus cuidados e responsabilidades. Ver-me sentar na cadeira e ocupar a mesa da Diretora era como uma ação penosa.

Como resolver a contabilidade? O que fazer dos problemas?

Recorri a Yolanda Dantas, ex-aluna, criatura adorável e solidária, que passava na Escola ao vir do seu trabalho na firma Ademar Medeiros e, com ela, revia todo o resultado financeiro do dia, anotando em um livro-caixa, cuja terminologia, por mim desconhecida, passava a fazer parte do meu novo vocabulário.

Desde a época de aluna, costumava ver o Dr. Varela Santiago chegar à Escola às 14 horas e 45



Professoras da Escola Doméstica em 1945: Raimunda Medeiros, Dinorá Dantas, Noilde Ramalho, Margarida Cabral, Olga Cavalcanti, Lourdes Guilherme, Auristela Ramalho, Francisca Oliveira, Olga Simonetti, Ana Maria Dantas e Dulce Wanderley.



minutos. Visitava a Puericultura, conversava com a Diretora e, duas vezes por semana, lecionava as disciplinas de Medicina, Puericultura e Higiene Geral.

Com seus gestos de fidalgo cavalheiro, chamava as alunas por Senhorita Ramalho, Senhorita Cabral, etc. O seu aperto de mão, ao saudar as pessoas, é ainda lembrado por quem por ele foi cumprimentado.

Passar em revista o corpo docente é lembrar Oscar Wanderley, Professor Coutinho, Paulo Nobre, Dr. Américo de Oliveira Costa, ainda jovem, Chefe do Gabinete Civil do Governo Sylvio Pedroza, atualizado nos assuntos decorrentes do cenário da guerra; Professor Fagundes, com a sua pontualidade britânica; Elza Silva, controlando as peraltices das alunas problemáticas na Sala Meira e Sá.

Recordar a alegria reinante no dia do final da guerra: buzinas dos carros acionadas, foguetões, apitos do trem, e o povo em alvoroço descendo dos carros e abraçando uns aos outros, indiferentes se conhecidos ou não...

Era um dia de maio, uma tarde de maio. Já não precisava mais de blecaute, as cortinas escuras das portas e janelas já não eram mais necessárias – estávamos livres das ameaças de ataques aéreos noturnos! A vida voltava ao ritmo de antes, embora com a cidade “americanizada”.

Por algum tempo, ainda ouvia-se o ruído de vitrolas no USO, nas noites da Ribeira e o rodar dos “jeeps” nas ruas de Natal. As fisionomias rosadas e de cabelos louros, aquele tipo humano de estatura alta e de falar enrolado foi aos poucos desaparecendo da moldura da terra potiguar e, em muitos corações jovens, a desesperança, a saudade e, quem sabe, em algumas, a revolta da guerra ter acabado...

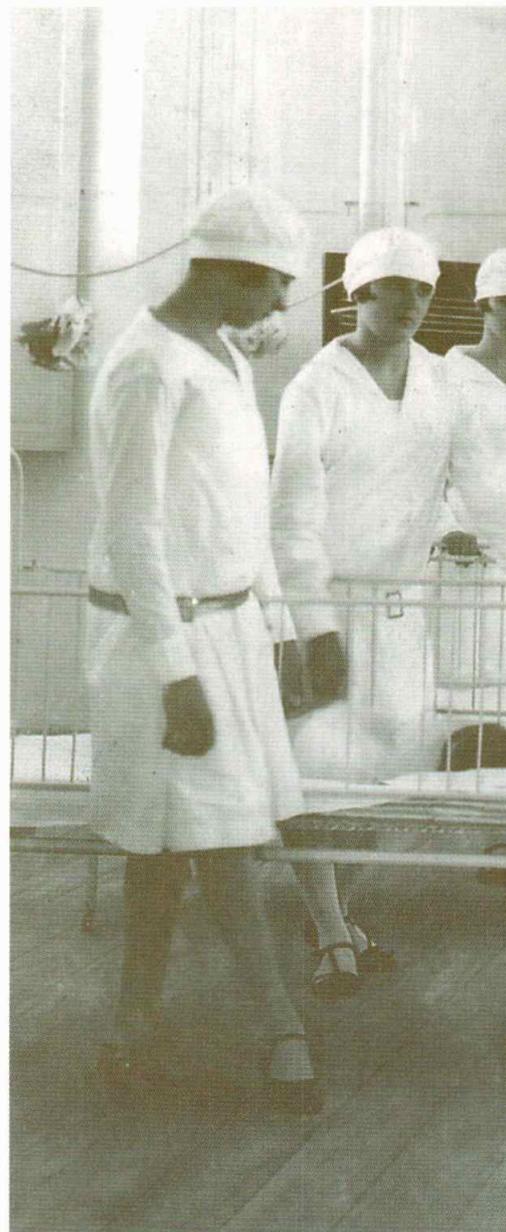
No final das contas, foi o saldo positivo para Natal? Pelo menos recebeu uma Base Aérea, uma Base Naval, responsáveis pelo grande desenvolvimento

alcançado, além da circulação da moeda americana, em função do contingente humano aqui sediado.

Na Escola, a vida permanecia sob a orientação de sempre, já com mais liberdade para as professoras internas, todas jovens, algumas como Margarida Cabral, Francisca Oliveira, Dinorá Dantas, recém-diplomadas em 1944. Elas, que sob meus cuidados e dentro das minhas exigências, eram rigorosamente assistidas nas saídas e advertidas se não atendessem ao horário de chegada. Estava como DIRETORA PROVISÓRIA e usava do direito de implantar disciplina e vigilância conforme ditava a Liga de Ensino. Muito recebi da disponibilidade delas e até hoje conto com a valiosa e indispensável presença e lealdade de Margarida. As outras deixaram a casa de ensino por uma casa construída pelos laços do casamento.

Implantei, no exercício da direção, o “Dia da Ex-Aluna”, consagrando o 1º de setembro para a realização desse evento, com uma belíssima festa representando algumas nações e as alunas vestiam trajes típicos do país escolhido. O palco da festa foi o gramado e o alpendre que circundava as salas de aula, o refeitório, a cozinha e o laboratório de laticínio. À época, o Trio Irakitán, já com apresentações na cidade, foi participar vestindo trajes mexicanos e com repertório de músicas caribenhas, tão ao gosto de todos os presentes. Constatava de um chá preparado e servido pelas alunas.

Recordo o almoço de despedida oferecido pelo Governador do Estado ao Almirante Ary Parreiras, comandante e executor das obras da Base Naval. Aquele foi o último contato do grande marinheiro que viveu anos em Natal, conforme era dito, exclusivamente a serviço da Pátria. Meses depois, recebemos com pesar a notícia do seu falecimento no Rio de Janeiro.





Aula de Puericultura ministrada por Dr. Varela Santiago, na Escola Doméstica, ainda localizada na Praça Augusto Severo, Ribeira, onde Noilde foi aluna e iniciou as atividades de Professora e Diretora.



# Capítulo

# V

O que está fixo numa  
estrela não volta”.

*Leonardo da Vinci*

(1452 – 1519)



# Confissões

Noilde Ramalho abre o seu coração e faz confissões de lembranças alojadas no íntimo do território sentimental. Sempre discreta, ela revela emoções vividas e confessa que, de alguns sonhos não realizados, permanecem, até hoje, os sentimentos de amor e de saudade.

Começa na infância com uma passagem que não lhe sai da memória. Algo que a dureza da vida, bruscamente, transformou em triste, o que era lúdico. Da adolescência ela relembra de uma paixão que persistiu por vários anos. Na idade adulta e na maturidade, surgiram, novamente, envolvimento sentimentais que a conduziriam para o que “parece ser na mulher uma forma de realização pessoal”. Concretas propostas de casamento deixaram-na atônita, pois logo pressentiu que sua missão de vida exigiria-lhe dedicação integral à educação.

Seu “coração já havia sido totalmente dominado”. A Escola Doméstica venceu a luta e a imensurável capacidade de amar de Noilde Ramalho foi por ela atraída. Não havia mais como mudar, sua vocação de educadora ganhou a competição. E ela se diz e se mostra como uma pessoa feliz, realizada, tendo a Escola como seu porto de saída e de chegada, sua razão de viver, sua devoção. Por meio dela, Noilde redobrou-se e doou-se, integralmente, à opção que escolheu, fazendo da sua vida o enredo de “Uma História de Amor à Educação”.

## Confissões:

caminhos e veredas  
no território sentimental



Amores, sonhos, paixões e propostas de casamentos fizeram parte da vida de Noilde Ramalho.

Abro uma porta no território do tempo e percorro veredas e caminhos para identificar emoções vividas no meu espaço sentimental. Hoje, aos 83 anos, vejo que reservei muito pouco tempo para essas emoções.

Começando com a minha infância, recordo com saudades do meu primo Didier. Éramos da mesma idade e, aos 4 ou 5 anos, ele falou que ia me roubar. O seu intuito era levar a prima para sua casa e aí participar das brincadeiras. Papai, que era seu tio, em forma de diversão chamou-o de “meu genro”. Disso resultou um retraimento dos dois e ficamos evitando participação em brinquedos e, até no cumprimento de um para o outro, usávamos “aquele outro” de mim para ele e “aquela outra” dele para mim. Os anos se sucedem e ele vai estudar em Mossoró, no Colégio Santa Luzia, cujo Diretor era um sobrinho de minha avó, Cônego Amâncio Ramalho. Por exigência da mãe dele, minha tia Olindina, Didier foi à minha casa com a recomendação de se despedir de mim. Pouco tempo depois, uma profunda tristeza dominava toda a família. O garoto louro, sério, reservado, de grande expectativa para o futuro, nunca mais retornaria para casa: foi vitimado fatalmente por uma bomba dos festejos de São João.

Na minha adolescência, já aluna da Escola, estou em Nova Cruz, em temporada de férias. O meu primo Amauri, que estudava no Colégio Militar de Fortaleza, levou para usufruir férias o seu colega Pedro, também cadete. Fomos apresentados: ele, estudante do Colégio Militar; eu, aluna da Escola Doméstica. Dessa apresentação surge uma simpatia que se tornou paquera. Àquela época se denominava flerte e só com maior permanência se transformava em namoro. No nosso caso, tivemos por algum tempo troca de correspondência e não esqueço o teor de uma que começava assim: “Noilde, lembro com saudade do nosso primeiro encontro em Nova Cruz e lá, em terra tão feliz,

nasceu o nosso amor. Amor puro, amor sincero, amor sem igual, que eu juro venerar etc etc ...” Essa carta, lida muitas vezes, era meu acalanto, nem sei precisar as repetições, mas fazia com cautela. Estava na Escola e não era permitido receber cartas de namorado. Estava explícito no regimento das alunas internas e, só com a colaboração das colegas externas, estas correndo o risco de serem punidas, era possível haver a troca de correspondências com juras de amor. No meu caso, contei com a bondade de minha prima Sylvia Ramalho. Ela era aluna exemplo e jamais seria inspecionada. Contudo, o romance teve o seu fim e, até a conclusão do curso, não me interessei por outro, pois em meu pensamento só existia o belo cadete.

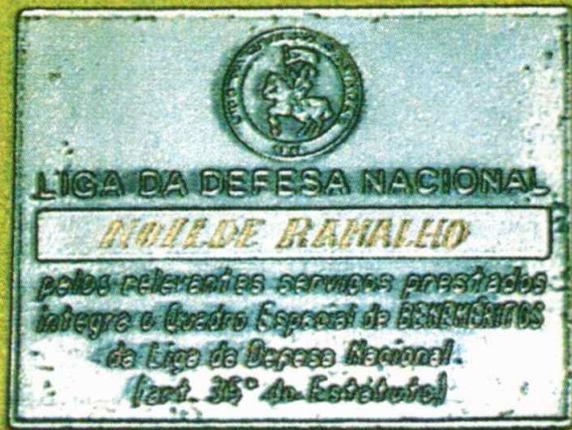
Passsei de aluna para Professora da Escola e, nesse meio tempo, veio a guerra. Natal mudou sua fisionomia, agitou-se, entrou em turbulência, preparando-se para a batalha. A cidade foi invadida por contingentes das forças armadas: Marinha, Aeronáutica e Exército. Meu coração tornou-se verde-oliva, pois meu maior encanto nele assentou praça, vindo do 16-RI. Uma história de verdadeiro amor, entremeada de sonhos e desencantos, de alegria no nosso conviver e de saudades na sua partida para os campos de guerra da Itália. As cartas mais difíceis, pois vinham do “*front*”, lá das cercanias de Monte Castelo, do frio gélido de um inverno rigoroso. O que consolava era o tricotar dos blusões de lã, a pedido da Cruz Vermelha; era rezar diante da imagem de São Judas Tadeu, na Igreja do Bom Jesus. Nas imagens criadas na minha imaginação se misturava o cotidiano e se formavam sonhos de imensurável extensão. Restou a saudade que se arrasta e se aninha, até hoje, agarrada às lembranças.

Percorrendo esses caminhos e veredas, vejo-me passando da fase dos sonhos para a maturidade. Surgem, então, novamente o que parece ser na

Uma história de verdadeiro amor, entremeada de sonhos e desencantos, de alegria no nosso conviver e de saudades na sua partida para os campos de guerra da Itália.

mulher uma forma de realização pessoal, novas propostas de casamento, seguidas das inquietações do uso da aliança, confecção de enxovais, planos de nova vida. Nessa estação do viver, situada no território das emoções, acordei e vi, após análise sentimental, que ali, de braços com o projeto de vida apoiado no real sentimento, estava a Escola. Meu coração já havia sido totalmente dominado. Concluí que, naquele território, a minha existência estava plena. Só via na minha alma a Escola, como missão de vida, adotando-a como meio de me fazer feliz. A ela tenho dedicado o melhor do meu entusiasmo, a fixação do meu pensamento. Através dela, tenho percorrido muitos caminhos e veredas, os quais têm me levado, pelo amor à causa que abracei, à verdadeira felicidade.

Concluí que, naquele território, a minha existência estava plena. Só via na minha alma a Escola, como missão de vida, adotando-a como meio de me fazer feliz.

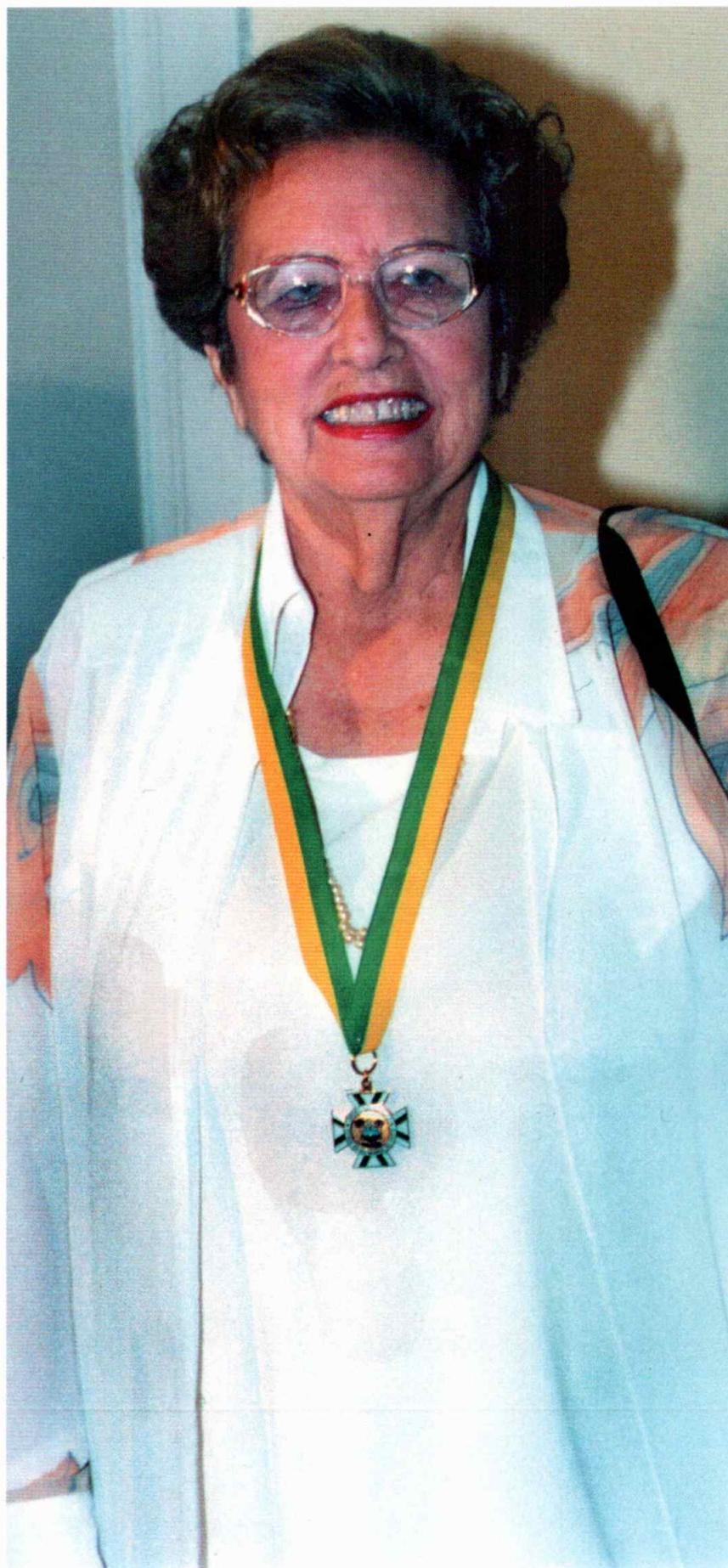


# Capítulo VI

“A grandeza não  
consiste em  
receber honras,  
mas em merecê-las”.  
*Aristóteles (384 – 322 a.C.)*



## Homenagens



Noilde Ramalho após receber a comenda da "Ordem do Mérito do Estado", em 1999.

## Diversas manifestações de reconhecimento do mérito

Embora seja uma pessoa em quem habita a simplicidade, Noilde Ramalho não nega a vaidade por ser distinguida com tantas manifestações de admiração e apreço, algumas das quais se materializam por meio da concessão de diversos títulos honoríficos. Ela diz que credita tudo isso à Escola Doméstica e às unidades co-irmãs, principalmente às pessoas com quem tem convivido e trabalhado por tão longos anos. Segundo seu pensamento, as homenagens recebidas não lhes são exclusivas, mas devem ser compartilhadas com todos que a têm ajudado no cumprimento da sua missão educacional:

*“Sem pieguismo e sem demagogia, entendo que essas premiações do mérito deveriam se estender a todos que me ajudaram a encontrá-lo. Como desvincular o sucesso alcançado da atuação dessas pessoas? É impossível. Tenho tido sorte por conviver com figuras realmente fascinantes no âmbito do meu trabalho, professores, funcionários e estudantes. As minhas queridas alunas são a alegria da vida escolar, são a motivação maior para as tarefas educacionais. Com os mestres, eu divido os galardões recebidos, pois os méritos lhes pertencem. Pela impossibilidade de citar cada um, homenageio todos, fazendo convergir meu pensamento para os perfis singulares do Dr. Varela Santiago e Margarida Cabral, exemplos de amor e de dedicação à Escola Doméstica. Se a perfeição fosse possível no ser humano, Dr. Varela Santiago teria sido um dos primeiros a ostentá-la. Margarida Cabral, que deixou a função de professora para assumir a Secretaria da Escola, é uma das principais responsáveis pelo sucesso da Instituição. A ela, com quem trabalho por tão longo tempo, eu rendo minhas melhores homenagens.*”

*Não poderia, também, excluir os funcionários competentes e comprometidos, que muito têm contribuído para o êxito da missão. Seu Mano e Sinhana são a síntese desse tipo de bem-querer à Escola. E Damião, leal, sincero, bom, é mais que um funcionário, é um amigo com quem eu posso contar a qualquer hora. Com eles, os funcionários, eu quero, também, dividir todas as homenagens que me são prestadas. Para mim o importante é perceber, invariavelmente, que essas manifestações de reconhecimento do longo trabalho realizado não me autorizam a perder o senso da humildade, mas servem, tão somente, como renovação de ânimos para outras ações em prol da educação.”*

Certa vez, foi a professora Noilde Ramalho cumprimentar o Governador do Estado, durante a cerimônia habitual de final de ano. Estava na fila, quando, de repente, uma outra fila se formou para cumprimentá-la. Em uma recepção, geralmente a mesa mais visitada é a sua, superando até a das maiores autoridades, as quais, também, dirigem-se à sua presença, aliando-se às manifestações espontâneas de respeito à sua coerência de vida, voltada principalmente para a promoção humana através da educação. Um jornal da cidade realizou uma série de entrevistas nas quais os entrevistados revelavam suas preferências ou escolhas sobre fatos e pessoas que mais mereciam referência especial. No item “uma mulher natalense” o nome de Noilde Ramalho foi o que mais apareceu.



O Deputado Federal Cunha Bueno faz a entrega da medalha Imperatriz Leopoldina, em 1958.





## TÍTULOS, COMENDAS E MEDALHAS

**1. 1958** – Medalha Imperatriz Leopoldina. O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, conforme Portaria nº 266, de 10/08/1955, do Senhor Ministro da Educação e Cultura, conferiu-lhe o Diploma e a Medalha Cultural, comemorativa da trasladação dos despojos da Imperatriz Leopoldina, do Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro para o Monumento da Independência, na Colina do Ipiranga, no estado de São Paulo.

**2. 1963** – Diploma de Personalidade, como Educadora, na 3ª Noite das Personalidades promovida pela Crônica Social do Recife.

**3. 1963** – Diploma de Cidadã Natalense outorgado pela Câmara de Vereadores de Natal.

**4. 1966** – Diploma de Honra ao Mérito conferido pelo IV Exército 7/RN/ID/7 – 16º RI.

**5. 1967** – Diploma concedido pela Região Escoteira do RN - Distrito de Natal, de Amigo do Escoteiro.

**6. 1967** – Medalha Mérito Alberto Maranhão, outorgada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

**7. 1969** – Certificado de Reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à comunidade, conferido pelo Lions Clube de Natal Leste.

**8. 1970** – Diploma de Mérito conferido por relevantes serviços prestados à Secretaria de Educação e Cultura do município de Natal.



Prefeito Djalma Maranhão entrega o título de Cidadã Natalense. À direita, o Reitor Onofre Lopes (1963).



Recebendo a comenda do Mérito Naval, conferida pelo Presidente da República e entregue pelo Vice Almirante Afonso Barbosa, Comandante do 3º Distrito Naval, em 2003.



**9. 1973** – O Excelentíssimo Senhor Ministro do Exército, concedeu, de acordo com o Decreto 56.518, de 29 de junho de 1965, Artigo 1º, letra “f”, a MEDALHA DO PACIFICADOR, como homenagem especial.

**10. 1973** – Medalha Alberto Santos Dumont, outorgada pelo Ministro da Aeronáutica, durante as festividades do centenário do nascimento do “Pai da Aviação”.

**11. 1979** – Medalha e Diploma de Amigo da UFRN, Resolução CONSUNI, de 17/05/1979, concedidos pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

**12. 1982** – Medalha de Amiga da Marinha.

**13. 1983** – Comenda do Mérito Tavares de Lyra, conforme Lei 156, de 14/11/1983 assinada pela Prefeita Municipal de Macaíba, Dra. Odiléia Mesquita.

**14. 1984** – Diploma de Mérito outorgado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Decreto 8.893, de 12/03/1984, com a Medalha Comemorativa do Centenário de Nascimento do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.



**15. 1993** – Medalha Mérito Henrique Castriciano, conferida pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

**16. 1995** – Medalha do Mérito Câmara Cascudo, outorgada durante evento para distinguir personalidades destacadas, promoção do jornalista Paulo Macedo.

**17. 1996** – Diploma do Mérito Bartolomeu Fagundes, conferido pela Augusta e Respeitável Loja Simbólica Bartolomeu Fagundes.

**18. 1997** – Diploma de Honra ao Mérito, conferido pela Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, pela sua contribuição à cultura.

**19. 1999** – Comenda dos Reis Magos, conferida pelo Centro Norte-Rio-Grandense do Rio de Janeiro.

**20. 1999** – O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, tendo em vista relevantes serviços prestados ao Estado e ao povo do Rio Grande do Norte, conferiu à Professora Noilde Pessoa Ramalho, a Ordem do Mérito do Estado no grau de Grande Oficial, criada pela Lei 5.188, de 30/05/1983.

**21. 2001** – Medalha do Mérito Djalma Marinho, na categoria Mérito Judiciário, conferida pelo Tribunal de Justiça do Trabalho, 21ª Região.

**22. 2002** – Diploma de Honra ao Mérito, conferido pelo Conselho Nacional dos Secretários de Estados da Justiça, Direitos Humanos e Administração Judiciária.

**23. 2003** – Diploma de Honra ao Mérito Nísia Floresta, conferido pelo Conselho Municipal de Direitos da Mulher e das Minorias.

**24. 2003** – Diploma de Amiga da Brigada Felipe Camarão, conferido pela 7ª Brigada de Infantaria Motorizada.

**25. 2003** – Comenda do Mérito Naval, no Grau de Cavaleiro, conferida pelo Presidente da República do Brasil, em reconhecimento aos assinalados serviços prestados à Marinha do Brasil.



Prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves, faz a entrega da medalha "Nísia Floresta", no Dia Internacional da Mulher, em 2003.



O Presidente da Fundação José Augusto, Woden Madruga, inaugura a exposição "A Mulher Potiguar: Cinco Séculos de Presença" (2001).



Exposição "A Mulher Potiguar: Cinco Séculos de Presença", Galeria do Senado Federal - Brasília - 2001.



Cumprimentando o Arcebispo Loris Francesco Copovilla, no museu em homenagem a João XXIII, em Sotto Il Monte, Itália.

## OUTRAS HOMENAGENS

Em 2001, a Fundação José Augusto, à época dirigida pelo Jornalista Woden Madruga, prestou significativa homenagem a vinte e quatro mulheres norte-riograndenses que se destacaram, ao longo da história, nas diversas áreas da atividade humana. Uma exposição denominada "A Mulher Potiguar: Cinco Séculos de Presença", excelente proposta museológica de Hélio Oliveira, foi instalada na Galeria do Senado, em Brasília, no período de 27 de março a 12 de abril. A mesma exposição veio para Natal, ficando no Palácio da Cultura de 25 de maio a 30 de junho. Com muita justiça, foram homenageadas desde Clara Camarão, a índia guerreira que combateu o invasor holandês no Nordeste Brasileiro, até Fernanda Tavares, a "top model" eleita, pela revista americana "Cosmopolitan", uma das oito mulheres mais sensuais do milênio, passando por Nísia Floresta, uma das pioneiras do movimento de emancipação da mulher, no Brasil, e Celina Guimarães, a primeira eleitora da América Latina. Essa ótima iniciativa do Governo do Estado ainda contou com a edição de um bem elaborado livro contendo os resumos biográficos das mulheres focalizadas.

Noilde Ramalho, com muitos méritos, foi incluída entre essas figuras femininas que mereceram destaque na história do Rio Grande do Norte. Tanto na exposição realizada em Natal, quanto no evento de Brasília, ela recebeu grandes homenagens, com espontâneas manifestações de apreço, além de pronunciamentos formais que realçaram sua vida e sua obra educacional tão fecunda.

Noilde guarda com afetiva consideração todas essas insígnias recebidas. Entretanto, dois distintivos ela os tem com um carinho especial. O primeiro, ela mantém como uma dádiva da fé cristã. Trata-se de uma Bênção do Arcebispo Loris Francesco Copovilla, que

foi auxiliar direto do Papa João XXIII e, hoje, é o guardião do acervo memorialístico do venerável Pontífice. O segundo, nela desperta sentimentos de alegria e saudade, pois é assinado por sua prima querida Nicinha, que, agora, está mais perto de Deus, ao lado de outros entes queridos que já partiram. O poeta Diógenes da Cunha Lima, com sua alegre criatividade, no verão de 2001, criou o “Clube da Feliz Idade de Pirangi”, tendo indicado sua mãe Eunice para Presidenta Perpétua da nova agremiação. Noilde estava entre as diversas pessoas agraciadas que receberam das mãos da Presidenta seus respectivos diplomas. Cada sócio tinha somente uma obrigação: ser feliz. Eis o teor do diploma da felicidade:

*Clube da Feliz Idade de Pirangi*

*Fundado em 27/01/2001*

*Certifico, para fins de alegria, que Noilde Pessoa Ramalho foi selecionada, por ter categoria bastante, para ser sócia do C. F. I. P., outorgando-lhe o direito e, sobretudo, o dever de ser feliz. Os seus parentes e amigos são por mim encarregados do acompanhamento, avaliação e reconhecimento do grau de sua felicidade.*

*Diante do mar, firmo o presente Diploma.*

*Pirangi – Parnamirim (RN), 27/01/2001*

*Eunice Pessoa da Cunha Lima  
Presidenta Perpétua*

## Discurso de Noilde Ramalho após receber a Ordem do Mérito do Estado, no Grau Grande Oficial



Discurso de agradecimento.  
Presenças: Paulo Roberto Alves,  
Deputado Francisco José e o Reitor  
Ótom Anselmo.



Recebendo a medalha do  
Governador Garibaldi Alves Filho.

## EXCELENTÍSSIMO SENHOR GOVERNADOR GARIBALDI ALVES FILHO, DEMAIS AUTORIDADES PRESENTES, SENHORAS E SENHORES

O anúncio feito por Vossa Excelência da outorga da **Ordem do Mérito do Estado do Rio Grande do Norte, no Grau Grande Oficial**, é uma honraria que tocou profundamente o meu coração.

“Humilde é aquele que tudo põe em jogo para falar aquilo que ama, e corajoso é o que arrosta a contradição e acrimônia em defesa das suas crenças”.

“Se amamos coisas tais, como a verdade, a beleza e o ser humano, não podemos deixar de falar neles”.

No decorrer destes dias, uma nova cena passou a exercer sobre mim um grande poder, como a chamar-me à responsabilidade para o agora vivido.

Volter ao passado nesta hora significativa, é como levantar uma folha viva de recordações boas...

Sem falsa modéstia, autoriza a ordem íntima do meu coração a reviver momentos semelhantes, em que a pessoa física de Noilde Ramalho ostentava com orgulho o ser Escola Doméstica de Natal.

Hoje, porém, é uma cerimônia da mais alta significação, que me leva a retroceder no tempo e reviver a história de minha vida nesta Terra, dentro do tempo...

Era criança em Nova Cruz, minha cidade berço. Meu pai, chefe político, solicitava à minha mãe que lhe fizesse a bolsa com uma roupa especial, pois viria a Natal e iria ao Palácio. Na fantasia de uma criança que lia e ouvia estórias de fada, àquela época, estória de Trancoso, subir as escadarias do Palácio não havia outra dedução, senão, a de conviver com príncipes e princesas...

Como o tempo é uma fração do próprio tempo, neste percurso tão pleno de vivências, de bons atos e

de realizações, cada pulsar de feitos está situado dentro de um todo harmônico.

Sei que nascemos para uma harmonia com dissonâncias, porque se a vida fosse uma melodia suave seria cansativa e o contraste é necessário para quebrar a monotonia.

Os anos vão longe. Só na Escola, 60 anos de trabalho se aproximam, e, como a história é como um todo de uma fração do próprio tempo, reviver é viver.

Voltando ao presente, vejo-me convidada pelo Excelentíssimo Senhor Governador a vir a este Palácio, o mesmo visitado por meu pai, e, como num conto de fadas, receber diante de tão distinta e seleta assistência, a mais alta condecoração do Estado.

No mais recôndito de minha alma, fica a interrogação – Por que fui agraciada com tão alta honraria, em um Centro Cultural onde tantos outros educadores se destacam?

Senhor Governador, Vossa Excelência, um homem afeito a receber de grandes oradores verdadeiras obras literárias, abra uma exceção e, neste momento, deixe que ofereça a Vossa Excelência, expressão maior do Poder em meu Estado, o mais profundo gesto de gratidão – a minha vida de trabalho que traduzo como uma obra de amor e faça dela uma “corbeille”, não apenas de flores, mas de esperanças no futuro do meu Rio Grande do Norte, entregue nas mãos do seu grande administrador.

Meu muito obrigada.  
Natal, 06 de outubro de 1999

*Noilde Ramalho*





Alunos do Complexo de Ensino ED/HC prestigiam a solenidade, no Palácio da Cultura.

Professora Noilde Ramalho no Salão Nobre da Escola Doméstica, cenário das grandes recepções.



Capítulo  
**VII**



Memoráveis Recepções

## Introdução

A Escola Doméstica, desde a sua criação, foi, com muita frequência, solicitada pelas autoridades e pelos políticos, bem como, por figuras de destaque na sociedade local, a sediar e coordenar as recepções aos visitantes ilustres que chegavam a Natal pelos mais diversos motivos. Inúmeras são as justificativas para essa preferência pela Escola Doméstica: a excelência da Escola, com seu diferenciado projeto pedagógico, o ambiente refinado, o perfeito cerimonial e as regras de etiqueta sem falhas, a certeza de um cardápio sempre adequado ao momento. A presença das alunas, com seus uniformes característicos, vestido branco de mangas longas, servindo todos os participantes e transmitindo muita simpatia, ingenuidade e candura, foi sempre um elemento surpresa, algo inusitado e inesquecível para os visitantes. Isso contrasta com a sisudez dos banquetes oficiais, geralmente oferecidos apenas como mais um ato protocolar.

Essas recepções eram e continuam sendo transformadas em aulas práticas, quando as alunas aprendem a conduta correta de boas anfitriãs, em ocasiões mais formais.

Assim, elas exercitam desde a ornamentação do ambiente e a preparação dos alimentos até a maneira de bem servir, ou mesmo, de se despedir, através de uma forma de aprendizado sem par e inolvidável.

Noilde Ramalho lembra bem de quase todas as recepções. Entretanto, algumas deixaram lembranças mais nítidas, pelas circunstâncias que envolveram o evento, pelos desdobramentos que ocorreram, pelas pessoas presentes ou por um fato inusitado ou relevante que aconteceu. Assim, até para não se tornar cansativo, apenas algumas recepções serão aqui relatadas e comentadas.

A presença das alunas, com seus uniformes característicos, vestido branco de mangas longas, servindo todos os participantes e transmitindo muita simpatia, ingenuidade e candura, foi sempre um elemento surpresa, algo inusitado e inesquecível para os visitantes.

# Almirante Ary Parreiras

(1890 – 1945)



Presidentes Getúlio Vargas e Franklin D. Roosevelt se encontram em Natal (1943).

Fotos: acervo Diário de Natal



Eleanor Roosevelt condecorando oficiais americanos, em Parnamirim (16/03/1944).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Natal transformou-se em ponto estratégico para as forças aliadas, principalmente após a instalação da Base Aérea de Parnamirim. É famoso o encontro histórico do Presidente Getúlio Vargas com o Presidente americano Franklin Delano Roosevelt, aqui em Natal, a 28 de janeiro de 1943. Roosevelt vinha de Casablanca (Marrocos), onde havia se encontrado com o Primeiro Ministro inglês Winston Churchill e com líderes militares franceses. O Presidente americano chamou o colega brasileiro de “dictator in defense of democracy” (“ditador em defesa da democracia”), “e sugeriu que o Brasil fosse um dos fundadores da futura Organização das Nações Unidas. Vargas aceitou e, em troca de dinheiro e armas, enviou tropas brasileiras para a Europa”. (BUENO, 1997, p. 236).

Transformando-se Natal em um centro militar estratégico importante, para aqui foram enviados líderes militares que se destacavam nas suas lides, entre eles o Almirante Ary Parreiras e o General Cordeiro de Farias. Durante a guerra, era o Almirante Ary Parreiras um importante líder das ações militares das forças nacionais sediadas em Natal. Seus grandes méritos conferiram-lhe essa liderança, a qual perdurou mesmo depois do conflito. Era um homem obstinado pelo trabalho, pouco afeito às movimentações sociais. Sob seu comando, foi construída a Base Naval, que ostenta o seu nome. O Almirante era o comandante militar brasileiro responsável pela articulação com os militares americanos, até porque o General Cordeiro de Farias se opunha à presença desse contingente estrangeiro em Natal. Essa posição do General era declarada, a tal ponto que sua esposa, com frequência, usava um distintivo na lapela com a inscrição: “Esta terra tem dono”.

Ary Parreiras chegou a Natal em maio de 1941, precisamente três meses depois que o primeiro navio brasileiro – o Taubaté – foi posto a pique, torpedeado

por submarinos alemães, iniciando uma série de 32 outros covardes ataques à nossa Marinha Mercante. Veio com a missão especial de participar da defesa naval da costa brasileira, além de colaborar na operação que visava a obstruir o Cinturão do Atlântico, área marítima de 1.700 milhas entre Dacar e Natal, plano por demais estratégico para as forças aliadas. Portanto, o Almirante Ary Parreiras figura entre os mais proeminentes chefes militares que viveram em Natal, destacando-se que aqui esteve durante a época agitada e tensa da Segunda Guerra Mundial, sendo o principal responsável pela construção de uma das mais importantes bases navais do país.

A cidade mobilizou-se para homenageá-lo nas suas despedidas. Mais uma vez a Escola Doméstica era instada a realizar o banquete que reuniria as maiores autoridades civis, militares e religiosas do Estado, para homenagear o honrado militar. Noilde Ramalho relembra muito bem dessa ocasião, pois era a primeira vez que um evento dessa natureza ocorria na Escola Doméstica, após sua posse como Diretora. Outro aspecto relevante foi o ambiente emocional existente, tanto por parte do homenageado, como dos promotores da homenagem. Essa recepção na Escola Doméstica foi o último compromisso do Almirante com a cidade de Natal, dali saindo direto para embarcar para o Rio de Janeiro.

O Almirante Ary Parreiras morreu dois meses depois de ter saído de Natal, aos 55 anos de idade. As fotos que registraram seu adeus a Natal, na Escola Doméstica, serviram para orientar a modelagem do seu busto em bronze, que foi fixado em pedestal e em lugar de destaque na Base Naval, que se orgulha do patrono.

O Almirante era o comandante militar brasileiro responsável pela articulação com os militares americanos, até porque o General Cordeiro de Farias se opunha à presença desse contingente estrangeiro em Natal.

# Adhemar de Barros

(1901-1969)



Adhemar de Barros veio ao RN com o prestígio de ser Governador do Estado mais rico do país e, ainda, como potencial candidato a Presidente da República.

Noilde Ramalho estava há três anos na Direção da Escola Doméstica. Em 1948, já começava a mobilização de prováveis candidatos a Presidente da República que sucederia o General Eurico Gaspar Dutra. Entre eles, estavam Getúlio Vargas, ditador que havia sido deposto em 1945 por um “golpe branco”, após 15 anos de governo, e Adhemar de Barros, Governador de São Paulo, eleito em 1947, que, anteriormente, já exercera o cargo de Interventor, por nomeação do próprio Getúlio, durante a vigência do Estado Novo. Ambos representavam as forças populistas, as quais se utilizavam do apoio das classes menos favorecidas, mediante promessas muitas vezes paternalistas e eleitoreiras. O médico e político Adhemar de Barros, Presidente Nacional do PSP – Partido Social Progressista, tinha uma mensagem publicitária esquisita, com o “slogan” **rouba, mas faz**, e Getúlio passou a ser conhecido como o **Pai dos Pobres**. Adhemar de Barros, posteriormente, renunciaria à candidatura, anunciando sua decisão através de famosa entrevista concedida ao renomado jornalista Samuel Wainer, feita durante um vôo no avião do próprio Adhemar, publicada nos jornais associados como “Uma bomba a 3 mil metros de altitude”. Esse fato tem interesse para o Rio Grande do Norte, pois Adhemar de Barros renunciou à candidatura, mas indicou Café Filho como candidato a Vice-Presidente, além de obter o compromisso de que teria o apoio recíproco em 1955.

Assim, Adhemar de Barros veio ao Rio Grande do Norte com o prestígio de ser Governador do Estado mais rico do país e, ainda, como potencial candidato a Presidente da República. O Governador do Rio Grande do Norte, Dr. José Augusto Varela (1896-1976), juntamente com a classe política do PSP e coligados, estavam mobilizados para oferecer, ao ilustre visitante, calorosas homenagens. Afinal, Adhemar era

um dos mais proeminentes homens públicos do Brasil, apesar do seu absurdo “slogan”.

Mais uma vez a Escola Doméstica foi solicitada para organizar um almoço de recepção ao Governador Adhemar de Barros e comitiva. A Diretora da Escola aceitou a solicitação e providenciou tudo para que, como sempre acontecia, todos os partícipes saíssem de lá com imagens inapagáveis em suas mentes. No dia marcado para o almoço, Noilde Ramalho acordou cedo e se prepara para ir assistir à Missa. Ao chegar ao portão do antigo prédio da Escola, onde ela residia, localizado na praça Augusto Severo, viu um envelope grande jogado no chão. Rapidamente, apanhou-o e leu a mensagem anônima que estava em seu interior:

– Esta é uma ordem, não ouse descumpri-la. Esse almoço de hoje para Adhemar de Barros não deve acontecer. Atenção: a Escola Doméstica voará pelos ares se esta ordem não for obedecida.

Noilde Ramalho, muito jovem, ainda sem a experiência a sedimentar-lhe o tirocínio administrativo, já trazia consigo, contudo, a força dos obstinados. Por um instante, ficou com o pensamento obnubilado, as mãos trêmulas, o coração batendo forte. Acalmou-se, respirou forte e resolveu: “Vou à Missa, rezar, pedir a Deus que me ajude na decisão a tomar.” Na Igreja, sua concentração era somente sobre a ameaça recebida. Rezou e pediu ao Divino Espírito Santo que a iluminasse para que adotasse a melhor decisão.

Imediatamente, após as orações, foi ao encontro do Dr. Varela Santiago, Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

– Dr. Varela, olhe a mensagem que deixaram na Escola Doméstica. Estou atordoada. A melhor coisa que fiz foi ir à Igreja e pedir luz para todos nós neste decisivo momento.

Dr. Varela Santiago conhecia a política do Rio Grande do Norte e podia supor, no âmbito das possibilidades e das probabilidades, a origem, da ameaça. Entretanto, tudo era suposição, nada podia garantir nem a origem nem se a mensagem era somente para intimidar, ou seja, uma jogada política. Após conversarem sobre detalhes das providências a ser adotadas, foram à Delegacia de Ordem Social e solicitaram segurança para o evento, que seria realizado, apesar daquela desditosa carta anônima.

Adhemar de Barros chegou com pequeno atraso para a recepção em sua homenagem. Uma pequena multidão aglomerou-se em frente ao prédio da Escola Doméstica, aplaudindo o visitante, o qual acenava para o povo e apertava as mãos dos que estavam mais próximos. Um largo sorriso dominava-lhe o semblante. Fiel ao seu estilo político, Adhemar jogou dinheiro em cédulas para as pessoas aglomeradas, o que gerou certo tumulto.

O Governador homenageado foi recebido à porta principal pela Diretora da Escola e pelo Presidente da Liga de Ensino, ambos apreensivos, porém demonstrando tranqüilidade. O almoço transcorreu dentro de total normalidade. Um sistema de segurança ostensivo foi montado, o que causou certo espanto a alguns presentes, principalmente aos funcionários e professores da Escola, que nada sabiam sobre a ameaça. Noilde Ramalho e Dr. Varela Santiago, mesmo tensos durante todo o almoço, estavam confiantes na decisão que haviam tomado. Ao final de tudo, puderam respirar aliviados e relatar aos outros a experiência vivida.

Fiel ao seu estilo político, Adhemar jogou dinheiro em cédulas para as pessoas aglomeradas, o que gerou certo tumulto.

## Oswaldo Trigueiro

O Governador da Paraíba, Oswaldo Trigueiro, veio ao Rio Grande do Norte, em visita oficial, sendo recebido aqui pelo Governador José Varela. A recepção ocorreu no prédio da Escola localizado na Ribeira, pois somente em 1952 houve a transferência para o novo edifício do Tirol. Noilde ressalta as presenças de um dos mais ilustres políticos do Estado, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, bem como, de um discreto e honrado líder militar, entre os muitos que já passaram por Natal, o General André Fernandes, além de outras destacadas figuras.

Ao lembrar esses acontecimentos, ela menciona um fato pitoresco ocorrido alguns anos depois, quando era Governador do Estado o jovem político Sylvio Pedroza: durante os preparativos para uma importante recepção que ocorreria na Escola Doméstica, um Coronel da reserva do Exército, que gostava de ser tratado pela patente de General, telefonou para saber em qual lugar ficaria sentado à mesa. Informado do lugar em que seria colocado, mostrou-se descontente, pois fazia questão de ficar na mesa principal. Noilde, então, telefonou para Sylvio Pedroza:

- Governador, o general "fulano" não aceita ficar fora da mesa principal, pretensão que é totalmente descabida, conforme o protocolo. O senhor tem alguma orientação especial?
- Tenho D. Noilde; tenho uma orientação especial. Ultimamente tem chovido muito em Natal. Veja se há algum lugar que tenha uma goteira e coloque o vaidoso reclamante exatamente nesse lugar.



José Augusto B. de Medeiros, General Fernandes, Noilde Ramalho, Governador Oswaldo Trigueiro e o Governador José Varela.

Ernesto  
Simões Filho  
(1886 – 1957)  
e  
Anísio  
Spínola Teixeira  
(1900 – 1971)



Ernesto Simões Filho foi Ministro da Educação e Saúde, de janeiro de 1951 a junho de 1953, durante o Governo eleito de Getúlio Vargas. Sua passagem pelo Ministério foi marcada pela discussão do Projeto de Lei sobre Diretrizes e Bases da Educação, o qual, somente em 1961, veio a ser concluído. Foi importante a participação do Ministério para a criação, em 1951, da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior. Simões Filho foi Deputado Federal pela Bahia, sua terra natal, de 1924 a 1930. Jornalista e escritor, fundou, em 1912, o jornal “A Tarde”, ainda hoje em circulação, e, em 1917, era eleito para a Academia de Letras da Bahia. Há uma passagem interessante e que merece um registro, ocorrida quando o Ministro foi demitido do cargo. Estava Simões Filho na Europa, precisamente em Florença, Itália, presidindo a delegação do Brasil no Congresso da Paz Cristã, quando o Presidente da República, por injunções políticas, fez a sua substituição no Ministério. Entrevistado, teceu comentários elogiosos ao Presidente, o que causou certa perplexidade ao entrevistador:

– Ministro, o Presidente Vargas lhe demitiu do cargo de Ministro da Educação e Saúde e, mesmo assim, o senhor ainda faz elogios a ele?

Simões Filho, sem pestanejar, respondeu:

– O Ministro perdeu a Pasta, mas Simões Filho não perdeu a educação.

Anísio Spínola Teixeira nasceu em 12 de Julho de 1900, na cidade de Caetité, Bahia, e faleceu no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1971. A oposição da família afastou-o da decisão de ordenar-se padre. Então, bacharelou-se em Direito, no ano de 1922, na Universidade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro. Em 1928 obteve o título de “Master of Arts” da Universidade Colúmbia – Nova York (USA), após

um ano de estudos, período em que se aproximou de John Dewey e William Heard Kilpatrick, famosos educadores e sociólogos americanos que muito influenciaram as idéias educacionais do mundo, nas primeiras décadas do século passado. Anísio Teixeira exerceu inúmeros cargos públicos, todos relacionados à educação. Entre outros, foi Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal, Diretor da CAPES, da qual foi um dos organizadores, Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), durante 12 anos, Instituição que, atualmente leva seu nome. Foi membro do Conselho Federal da Educação e participou, ativamente, da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024/61). Aliou-se a Darcy Ribeiro na concepção do ousado projeto da Universidade de Brasília. Nos anos de 1946 e 1947 morou em Londres, para exercer as funções de Conselheiro de Educação Superior do Programa das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Anísio Teixeira deixou uma vasta e extraordinária obra escrita, fruto de uma inteligência fulgurante e de uma cultura vastíssima. Mesmo que tenha desempenhado as diversas funções públicas que assumiu com extrema competência e dedicação, seu legado se eterniza por meio de valiosíssima produção intelectual, representada por inúmeros livros, artigos, discursos e ensaios, verdadeiras preciosidades da história educacional brasileira.

Na Revista de Estudos Pedagógicos, Brasília, nº 200-202, páginas 207-242, de janeiro/dezembro de 2001, há um estudo sobre Anísio Teixeira, de autoria de Doracy Rodrigues Farias, Luiza Maria Souza do Amaral e Regina Célia Soares, onde estão relacionados alguns breves depoimentos sobre o grande educador, dentre os quais foram selecionados os seguintes:

“Não sei qual o maior legado de Anísio: se sua obra de administrador e homem de governo, se a sua doutrina política de educador visceralmente democrático.” *(Hermes Lima)*

“Não tenho dúvidas em dizer que Anísio é o maior educador brasileiro de todos os tempos... é um educador completo... tenho profundo respeito, uma profunda admiração pela obra de Anísio. Considero, hoje, o seu pensamento... as suas metas, aquilo que defendeu durante toda a vida, mais atuais do que nunca. Oxalá, da ação de todos nós da educação, hoje, possamos, finalmente, tornar realidade o sonho de Anísio Teixeira”. *(Paulo Renato de Souza)*

“Foi um gigante no pensamento e na ação. Sua presença se estende sobre o Brasil, é visível em todo nosso crescimento, não há setor da vida brasileira sobre o qual o trabalho silencioso de Anísio Teixeira pela educação e pela cultura não tenha exercido influência”. *(Jorge Amado)*

## A RECEPÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

O Ministro Simões Filho foi recepcionado na Escola Doméstica em um jantar muito concorrido, presente o Governador Sylvio Pedroza, em 1952.

Durante a recepção ao Ministro ficou acertada a ida de Noilde Ramalho ao Rio de Janeiro, com o intuito de apresentar as reivindicações da Escola Doméstica, ainda no embalo do encantamento que sobreveio ao ilustre homem público por tudo que viu durante aquela visita. O ambiente, as pessoas, a proposta pedagógica, a disciplina, o desempenho das alunas, enfim, os aspectos físico e funcional da Escola Doméstica haviam



Ernesto Simões Filho.

impressionado fortemente o Ministro da Educação.

Para caracterizar a desenvoltura da Diretora da Escola Doméstica, Dr. Onofre Lopes, em certo tom de afetiva brincadeira, costumava dizer que Noilde Ramalho, com a elegância e a personalidade que Deus lhe deu, quando colocava no vestido um broche de uma radiante e colorida flor, todas as portas para ela se abriam. Assim, poucos dias depois da visita de Simões Filho, lá estava Noilde Ramalho, com a flor mágica na lapela, sendo gentilmente recebida pelo Ministro em seu gabinete do Rio de Janeiro, levando a solicitação de verba para a compra do mobiliário destinado ao novo prédio da Escola, que já estava em fase final de construção. Ainda não afeita às tramitações burocráticas, a reivindicação da Diretora estava sendo apresentada apenas verbalmente, quando o Ministro solicitou que um documento fosse protocolizado:

– Dona Noilde, por favor, faça um expediente no qual a senhora especifique a sua reivindicação. Aquela mesa ao lado tem papel e caneta. Quando terminar, eu mandarei datilografar.

Noilde Ramalho estava ainda redigindo o expediente quando o Ministro Simões Filho, sorrindo, disse:

– Pronto, Dona Noilde. Eu mesmo já me antecipei e fiz uma minuta. Leia e me diga se é isso mesmo.

Noilde Ramalho guarda até hoje esse manuscrito, como algo de real valor histórico para a Escola Doméstica e, também, muito significativo para a sua própria vida de administradora educacional.

O Ministro, então, encaminha Noilde para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, a fim de falar com o Presidente do Órgão, Professor Anísio Teixeira, o qual recebe muito bem a Diretora da Escola Doméstica, mas faz algumas restrições à solicitação:



Professor Anísio Teixeira.

– Professora Noilde, eu ainda não entendi muito bem o projeto pedagógico da sua escola. Por exemplo, na Bahia existem excelentes quituteiras que nunca freqüentaram uma escola.

Noilde Ramalho, meio desapontada, argumentou que o objetivo principal não era ensinar a fazer refeições saborosas. O Projeto da Escola Doméstica era bem mais amplo. No tocante à nutrição, o que se fazia era o ensino do valor nutricional dos alimentos, os quais deviam ser bem preparados e apresentados, além dos aspectos econômicos, de saúde e higiene que se refletem no ambiente familiar.

Antes de sair, fez o convite ao Professor Anísio Teixeira:

– Professor, gostaria muito que o senhor fosse visitar a Escola Doméstica para entender melhor nosso projeto educacional, pois não há, agora, como lhe explicar tudo. Para resumir, eu diria que a cozinha da Escola nós entendemos ser um verdadeiro laboratório de saúde.

Noilde Ramalho despediu-se e voltou ao gabinete do Ministro Simões Filho:

– Então, Professora, como foi a conversa com o Anísio Teixeira?

– Ele me recebeu muito bem, senhor Ministro, contudo, fez um juízo equivocados da Escola Doméstica. Estou meio desanimada, gostaria muito que o professor Anísio fosse a Natal nos visitar.

– Não se preocupe, vou falar com ele e dizer tudo o que eu vi em Natal: o inovador e valioso trabalho que a senhora está fazendo para a valorização da mulher e da família. Além disso, quem manda no

Ministério é o Ministro e, quem manda no Ministro, é a Diretora Noilde Ramalho.

O Ministro Simões Filho muito se empenhou em atender as reivindicações do Rio Grande do Norte. Assim, três grandes projetos receberam seu total apoio, garantindo-lhes a continuidade das obras: a edificação do “Hospital João Machado”, para pacientes de doenças mentais, a construção do novo prédio da Escola Industrial Técnica, transformada posteriormente em Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, ETEFRN, e, depois em CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica do RN, além do Instituto de Educação de Mossoró.

Noilde Ramalho voltou ao Ministério para tratar de assuntos do interesse da Escola Doméstica. Cada vez mais o Ministro Simões Filho admirava a capacidade administrativa da Diretora da Escola Doméstica, bem como, seu perfil de educadora. Assim, certa feita, convidou-a para ocupar um cargo no Ministério:

– Dona Noilde, estou precisando de preencher um importante cargo na administração do Ministério e a senhora tem o perfil desejado para a função. Quero convidá-la a vir para o Rio de Janeiro para assumir um lugar de destaque na minha equipe de assessores.

Noilde Ramalho, ainda meio atônita com o convite, lembrou-se de imediato do seu projeto, da sua paixão, da sua Escola:

– Agradeço muito ao convite, Sr. Ministro, mas meu trabalho no Rio Grande do Norte é muito significativo para mim. Tenho a responsabilidade de dar continuidade a um projeto educacional muito interessante e inovador, para o qual conto com o apoio da sociedade e do próprio Governo.

Após esse diálogo, acima exposto de forma

abreviada, entra na sala o Presidente do INEP, Professor Anísio Teixeira.

Simões Filho volta-se para ele e exclama:

- Veja, Anísio, estou convidando a Diretora Noilde Ramalho para um cargo aqui no Ministério e ela diz que não pode aceitar.

Anísio Teixeira, imediatamente, interferiu em socorro de Noilde:

- Ela tem razão Ministro, a Diretora deve dar continuidade ao seu trabalho educacional, que é de grande importância para a comunidade do Rio Grande do Norte.

O Presidente do INEP conversou um assunto administrativo com o Ministro e, rapidamente, retirou-se. Então, Simões Filho fez alguns comentários sobre o ilustre educador:

- Convidei o Anísio para a Presidência do INEP, contra a vontade de muita gente influente do Governo. Dizem que ele é comunista, mas não tem nada disso. É um homem de idéias avançadas e inovadoras. Queria ser padre, mas sua vocação é outra. Ele é um dos mais respeitados educadores que o Brasil já conheceu, e eu estou convicto de que fiz a melhor escolha.

Noilde Ramalho, que, anteriormente, foi obrigada a discordar do Ministro, agora tinha a oportunidade de concordar e até mesmo reforçar os argumentos a favor de um dos maiores nomes da educação brasileira de todos os tempos, que foi Anísio Teixeira.

Aquela impressão que Anísio Teixeira transmitiu a Noilde Ramalho foi pouco a pouco se modificando, tendo se concretizado essa reversão quando da sua visita à Escola Doméstica. Era uma tarde de sábado e, inesperadamente, o grande educador brasileiro chegou para conhecer o projeto educacional que já lhe

instigava a curiosidade e o interesse. Após conhecer todos os detalhes da Instituição, deixou no “Livro das Impressões” a seguinte mensagem:

*Visito afinal a Escola Doméstica de Natal, sobre que ouço falar desde que comecei a me entender em educação. A instituição tem já 40 anos, provando, durante esse período, duas coisas: 1) que instituições educativas podem ter finalidade pública e organização privada; 2) que instituições educativas podem resistir ao uniformismo das escolas oficiais brasileiras, manter programa autônomo e original e... sobreviver. Que digo? Triunfar e apresentar o espetáculo que aqui assisto, entre surpreso e comovido, de uma escola que pode se emparelhar com o que de melhor exista nos países de melhor e mais alta tradição educacional. Aos autores deste milagre, sobretudo, à Diretora, D. Noilde, os meus parabéns e os meus agradecimentos de educador e de brasileiro.*

*Natal, 11/3/54  
Anísio Spínola Teixeira*

Noilde Ramalho teve a oportunidade de se encontrar outras vezes com o Professor Anísio Teixeira, inclusive visitando-o quando ele era Reitor da Universidade de Brasília.

Ao longo do tempo, foi se firmando entre os dois uma reciprocidade de respeito e admiração, apesar da dimensão nacional que o nome de Anísio Teixeira já assumia. Contudo, ambos sempre experimentaram uma forte afinidade: ter a educação como motivação maior de suas vidas.





Salão Nobre da Escola Doméstica de Natal, por onde começam as mais significativas recepções. Por esse salão já passaram vários Presidentes da República, Ministros de Estado e outros visitantes ilustres.



Noilde Ramalho ao lado do Dr. Varela Santiago durante um ciclo de palestras realizado no auditório da ED.



Tertius Rebello, Noilde Ramalho, Dom Adelino Dantas, Dom Tavares (Bispo nomeado para Caicó) e o Governador Dinarte Mariz, em recepção na Escola Doméstica.



Recepcionando o Embaixador da França, com o Governador José Varela.



Recepção na Escola Doméstica: Assis Chateaubriand, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Sylvio Pedroza, Amaral Peixoto, Clotilde Pedroza e Georgino Avelino, entre outros.

## João Café Filho

(1899 – 1970)

João Fernandes Campos **Café Filho**, nasceu em Natal – RN, em 03 de fevereiro de 1899 e morreu no Rio de Janeiro – RJ, em 20 de fevereiro de 1970.

Estudou no Grupo Escolar Augusto Severo, no Atheneu Norte-Rio-Grandense e na Escola Normal de Natal, tendo ido para Recife, em 1917, a fim de cursar a Academia de Ciências Jurídicas e Comerciais. Mesmo não tendo concluído o Curso de Direito, foi autorizado pelo Tribunal de Justiça a advogar, dedicando-se à defesa de pessoas humildes, especialmente estivadores e pescadores.

Logo cedo, mostrou sua personalidade combativa, sempre na oposição aos poderosos e a favor dos menos favorecidos. Dedicando-se ao Jornalismo, em 1918 dirigiu **A Gazeta** e, logo depois, foi Diretor do **Jornal do Norte**, ambos de sua propriedade.

Em 1926, liderou greves e protestos populares, sendo seu jornal empastelado. Mudou-se, então, para a cidade de Bezerros – PE, onde fundou um jornal e, em 1928, transferiu-se para Recife, quando assumiu a direção de **A Noite**, órgão de oposição radical aos Governos Estadual e Federal. Veio para Natal cumprir pena de 70 dias de prisão, após processo que lhe moveu o governo de Pernambuco.

Em 1929, Café Filho estava no Rio de Janeiro como redator do jornal **A Manhã**. Participou, ativamente, do movimento revolucionário de 1930, quando foi deposto o Presidente Juvenal Lamartine de Faria e nomeado o Interventor Irineo Joffily, que o indicou para Chefe de Segurança Pública. Seu primeiro ato foi libertar todos os presos políticos.

Em 1934, foi eleito Deputado Federal, tendo permanecido na Câmara até 10 de novembro de 1937, quando o Congresso Nacional foi fechado com o advento do Estado Novo. Após um período na Argentina, como exilado, foi, novamente, eleito

O Presidente Café Filho recepcionado pelo Governador Sylvio Pedroza, na Escola Doméstica, em 1954.



Deputado Federal em 1945, oportunidade em que desenvolveu vigorosa campanha oposicionista, usando uma oratória brilhante e contundente.

Em 1950, foi candidato vitorioso a Vice-Presidente da República, em aliança com Getúlio Vargas. Uma curiosidade é que ele foi, também, eleito Deputado Federal pelo Rio Grande do Norte, nas mesmas eleições, optando, naturalmente, pelo cargo de mais representatividade. Assumiu a Vice-Presidência da República em 31 de janeiro de 1951, o que implicava em exercer, simultaneamente, as funções de Presidente do Senado Federal, pois assim determinava a Constituição de 1946. No livro “Parlamentares do Rio Grande do Norte,” de Agaciel da Silva Maia, há o registro dessa passagem da vida de Café Filho:

Foi Presidente do Senado, em virtude de estar exercendo a Vice-Presidência da República no período de 31/01/1951 a 24/08/1954. No período de sua gestão o Senado Federal realizou 349 sessões ordinárias, 27 extraordinárias, 12 especiais, 31 conjuntas, tendo sido apresentadas 867 projetos de lei.

*(MAIA, 2003, p. 209)*

Com o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954, Café Filho assumiu a Presidência da República, onde permaneceu até 02 de novembro de 1955, quando se afastou do cargo devido a sérios problemas de saúde, que acabaram motivando sua internação hospitalar. Um golpe de Estado, consumado no dia 21 de novembro do mesmo ano, deixou-o, definitivamente, alijado da Presidência da República.

Parcialmente recuperado das afecções

cárdio-circulatórias, mas atingido pela truculência golpista, Café Filho não mais retornou à vida pública. Nessa fase de sua vida, prova irrefutável da sua honestidade e da sua história de lutas em favor do bem coletivo e nunca pessoal, estava pobre e desempregado. Foi-lhe oferecido uma Embaixada pelo Presidente Juscelino Kubitschek, porém ele recusou, por questões de coerência de conduta. Agaciel da Silva Maia, no livro já citado explica o episódio:

Mesmo passando por tamanha dificuldade, Café Filho recusou-se assumir uma embaixada que lhe fora oferecida pelo Presidente Juscelino, coerente com o comportamento adotado no decurso de seu Governo, só permitindo a nomeação de embaixadores de carreira.

*(MAIA, 2003, p. 211)*

Para sobreviver, trabalhou em uma empresa imobiliária no Rio de Janeiro, de 1957 a 1959. Em 1960, foi nomeado para o Tribunal de Contas do Estado da Guanabara, pelo Governador Carlos Lacerda, onde permaneceu até a aposentadoria, em 1969.

Até o presente momento, Café Filho foi o único norte-rio-grandense que assumiu a Presidência da República, tendo contribuído muito, nessa função, para o desenvolvimento do seu estado natal, o que fez, também, quando ocupou a Vice-Presidência. São vários episódios que o vinculam, positivamente, à Escola Doméstica de Natal.

## A RECEPÇÃO NA ESCOLA DOMÉSTICA

A recepção ao Presidente **Café Filho** foi uma das mais prestigiadas pelas autoridades e pelas figuras mais representativas da sociedade potiguar. Um fato que merece registro especial é que o Presidente trouxe a faixa presidencial para usá-la aqui, no Rio Grande do Norte, pela primeira vez após a posse na Presidência da República, tendo isso ocorrido na Escola Doméstica, durante o banquete em sua homenagem. Ele mesmo viu esse fato como um simbolismo de emoção telúrica:

– D. Noilde, sinto-me envaidecido em usar a faixa presidencial, aqui na Escola Doméstica, no meu Estado, pela primeira vez após a posse.

Na recepção, em 1954, estavam presentes o Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Nunes Leal, e o norte-rio-grandense, Grimaldi Ribeiro, um dos seus principais assessores. Na ocasião, a Escola fez uma reivindicação para que suas alunas concluintes tivessem sua formação escolar equiparada aos cursos que, atualmente, são chamados Ensino Fundamental e Ensino Médio, desde que fizessem estudos complementares de Física e Química, que não constavam do currículo da Escola Doméstica. O pedido foi bem recebido e, posteriormente, atendido na íntegra, o que representou um dos primeiros passos no caminho de transformação do ensino ministrado na Escola Doméstica para o ensino regular, o que significava equiparação a todas as outras escolas, mantendo, porém, inalteradas algumas disciplinas específicas de formação diferenciada.

Poucos dias após a recepção, a Escola Doméstica recebeu um convite da Presidência da República para uma visita ao Rio de Janeiro e a São Paulo. Convite aceito, uma comitiva formada pela Diretora



Viagem ao Rio de Janeiro, a convite do Presidente Café Filho. O Ministro da Educação e Saúde recebe o grupo: Diretora Noilde Ramalho, Prof<sup>a</sup>. Edianewbe Serejo, Prof. Manoel Varela e as concluintes de 1954.



Noilde Ramalho, pelo Presidente da Liga de Ensino, Dr. Varela Santiago, pelo Prof. Manoel Varela de Albuquerque, pela Professora Edianewbe Serejo e pela turma concluinte seguiu para a Capital da República em avião da FAB. Café Filho recepcionou o grupo na residência de verão da Presidência da República, tendo havido uma apresentação do famoso ator e humorista Grande Otelo. Entretanto, o principal objetivo da viagem era a visita a São Paulo, para conhecer um inovador projeto de alfabetização. Na cidade de São Paulo, o grupo foi recebido e hospedado por Dona Chiquinha Rodrigues, Presidente da Bandeira Paulista de Alfabetização de Adultos, um verdadeiro mutirão pela cidadania. Esse projeto pretendia envolver toda a sociedade no processo de alfabetização de adultos, começando pelas famílias das classes mais privilegiadas, as quais deveriam ajudar a alfabetizar as pessoas com quem lidavam mais diretamente: empregadas domésticas, operários, lavadeiras, etc. Dona Chiquinha Rodrigues causou uma forte impressão no grupo, pelas idéias que defendia com inusitado desprendimento e vontade de servir.

Um fato inusitado ocorreu quando, ainda no Rio de Janeiro, o Presidente Café Filho formalmente recebeu no Palácio do Catete o Dr. Varela Santiago, Prof. Manoel Varela de Albuquerque e a Diretora Noilde Ramalho. Quando os três adentraram em um belíssimo salão para aguardar a vinda do Presidente, Noilde, enrubescida e meio cerimoniosa sussurrou:

– Prof. Manoel Varela, minha anágua caiu, tenho de sair para dar um jeito, ou melhor, vou mesmo pra trás daquelas cortinas.

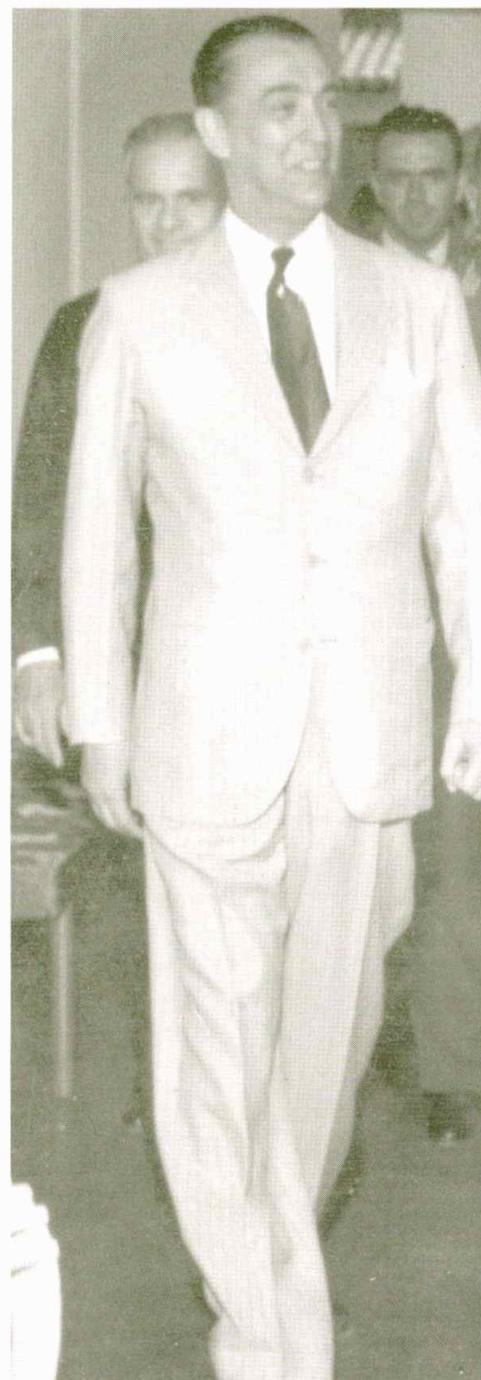
O Professor sorria quando Noilde voltou já com a anágua novamente no lugar, sem que Dr. Varela Santiago nada percebesse.

Juscelino Kubitschek – JK nasceu em Diamantina, MG, tendo se formado em Medicina em 1927. Foi eleito Deputado Federal em 1934, Prefeito de Belo Horizonte em 1940 e Governador de Minas Gerais em 1950. Em 1954 foi lançada, oficialmente, a candidatura de JK à Presidência da República, pelo PSD – Partido Social Democrático, posteriormente aliado ao PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, que indicou João Goulart como candidato a Vice-Presidente. Nas eleições realizadas a 03 de outubro de 1955, JK teve uma pequena maioria, obtendo 36% dos votos, ficando pouco acima do 2º colocado, o General Juarez Távora, candidato da UDN – União Democrática Nacional – que obteve 30% da preferência do eleitorado. Superado o impasse que surgiu com a tese defendida pela UDN, de que o mais votado não poderia assumir o Governo, porque não havia obtido o mínimo de 50% mais 01 dos votos, Juscelino Kubitschek, finalmente, assumiu o cargo de Presidente da República em 31 de janeiro de 1956. Sua administração se caracterizou pelo rumo desenvolvimentista que escolheu, traduzido por um ritmo de otimismo, expressado no “slogan” **50 anos em 5**. Sorridente, bem-humorado, elegante, bom dançarino, moderno, era o “Presidente bossa-nova”, capaz de restaurar no Brasil a auto-confiança do povo. Suas principais realizações, entre outras, foram a expansão da indústria automobilística, a abertura de novas rodovias e a construção de Brasília.

Juscelino Kubitschek visitou a Escola Doméstica, pela primeira vez, ainda como Governador de Minas Gerais. Um grande banquete foi oferecido à comitiva pelo Governador Sylvio Pedroza e por alguns políticos do Estado, com a presença de grandes nomes da política nacional. Tratava-se de um processo de aglutinação de forças, com vistas às eleições de 1955, ficando esse movimento conhecido como “Revoada

## Juscelino Kubitschek

(1902 - 1976)



Presidente Juscelino Kubitschek sendo recepcionado pelo Governador Dinarte Mariz, na Escola Doméstica, em 1957.

dos Governadores”. Assim, além de JK, estiveram na recepção da Escola Doméstica o jornalista Assis Chateaubriand, fundador e Presidente dos “Diários Associados”, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, filha de Getúlio Vargas e mulher de Ernâni do Amaral Peixoto, Presidente Nacional do PSD e Governador do Estado do Rio.

Juscelino Kubitschek voltou à Escola Doméstica, desta vez como Presidente da República. Veio com Dinarte Mariz, então Governador do Estado. Foi uma grande recepção, presentes as mais proeminentes lideranças políticas do Rio Grande do Norte. Juscelino deixou no Livro das Impressões a seguinte mensagem:

*Ao visitar, hoje, em companhia do Governador Dinarte Mariz, a Escola Doméstica de Natal, assaltou-me, logo, uma impressão de serenidade, equilíbrio e ordem na sua administração. O serviço que vem prestando à sociedade de Natal, recomenda-a ao apreço de todos os brasileiros, razão porque deixo aqui consignados os meus parabéns aos seus diretores.*

*Natal, 14-1-57*

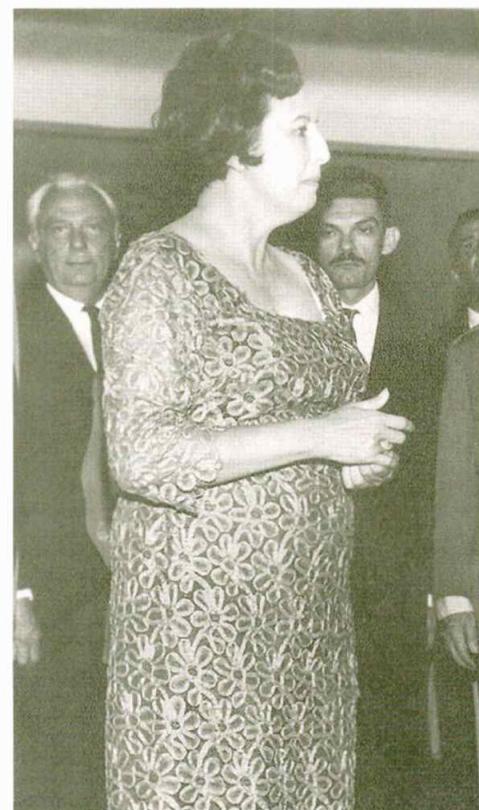
*Juscelino Kubitschek*



## EMBAIXADOR DA AUSTRÁLIA

No início da década de cinquenta, a Escola Doméstica sediou uma recepção ao Embaixador Australiano no Brasil. Era um homem muito elegante, bonito e cordial. Noilde Ramalho foi, sem delongas, convidada para ir ao Rio de Janeiro para participar de uma festa promovida pela Embaixada em homenagem à Rainha da Grã-Bretanha, que seria realizada em um navio, em Angra dos Reis. Ela seria recepcionada pelo Embaixador, na Capital Federal, com todas as honras e estaria em lugar de destaque na recepção do navio. Noilde, entretanto, declinou do convite.

Parece que houve mesmo amor à primeira vista, por parte do Embaixador, o qual não foi correspondido por Noilde Ramalho. Sua vocação de educadora estava muito acima da vocação de embaixatriz. As lides educacionais eram para ela um apelo muito mais forte do que um possível apelo às lides em volta do mundo diplomático.



Noilde conversa com o Presidente Castelo Branco.

# Humberto de Alencar Castelo Branco

(1900 – 1967)



Castelo Branco, primeiro Presidente da República do ciclo dos presidentes generais, foi recebido na Escola Doméstica, no dia 21 de abril de 1965, em almoço oferecido pelas autoridades locais. O sistema de segurança era muito forte, pois o país vivia um período dos mais tensos que se conhece, iniciado desde a renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, em 25 de agosto de 1961, quase sete meses após haver tomado posse. O Vice-Presidente João Goulart, que se encontrava em viagem oficial à China, somente veio a assumir a Presidência no dia 7 de setembro do mesmo ano, após a instituição, pelo Congresso Nacional, do regime Parlamentarista, tendo sido indicado Tancredo Neves para Primeiro Ministro. Em 31 de março de 1964, as Forças Armadas afastam João Goulart da Presidência da República e empossam no cargo, no dia 07 de abril, o Marechal Castelo Branco, um militar respeitado pelo seu histórico profissional, considerado homem culto, moderado e legalista. Inicialmente, o Marechal Presidente parecia querer o rápido retorno do país à legalidade. Porém, com o passar do tempo, cedeu à linha dura das Forças Armadas e caminhou em direção contrária, ao editar o Ato Institucional N° 2, o qual acabou de vez com a Constituição de 1946 e iniciou, de fato, a ditadura militar que perdurou por 21 anos. Entretanto, tudo fez para que o seu mandato não pudesse ser prorrogado. Há um memorável diálogo entre Castelo Branco, de assinalada desvantagem física, baixinho, quase sem pescoço e o General Charles de Gaulle, Presidente da França, primeiro Chefe de Estado de uma importante nação a visitar o Brasil depois do golpe militar, registrado pelo então ministro Roberto Campos: “Senhor Marechal”, perguntou De Gaulle, “sempre me preocupou saber o que é um ditador sul-americano e porque a história os registra tão numerosos”. “Senhor presidente”,

respondeu Castelo, “um ditador sul-americano é um homem, não, necessariamente, um militar como nós dois, que acha extremamente agradável agarrar o poder e extremamente desagradável deixá-lo. Eu deixarei o poder em 15 de março de 1967. E o senhor que planos tem?” O Jornalista Lira Neto, em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, no dia 08 de abril de 2004, diz que Castelo perdeu a queda-de-braço com Costa e Silva, representante maior da “linha dura”, que se impôs como o segundo presidente da fase dos generais. Ele diz que o próprio Castelo tratou de espalhar a piada de que “O Brasil está trocando um Presidente sem pescoço por um outro sem cabeça”.

A Escola Doméstica estava sempre aberta às solicitações para sua participação em eventos sociais significativos, sem que com isso se alinhasse a nenhuma tendência político-partidária ou representasse uma adesão aos detentores momentâneos do poder. Dessa forma, o Presidente Castelo Branco foi distintamente recepcionado pelo Poder Público Estadual, na Escola Doméstica, que mais uma vez contribuía para a difusão da boa imagem da gente potiguar, que, em última análise, termina sendo fator positivo para o atendimento às reivindicações e aos interesses do próprio Rio Grande do Norte.

As organizadoras do evento souberam que o Presidente gostava da música “Rosas Vermelhas para uma Dama Triste”, a qual foi tocada ao violão, durante o jantar, pela estudante Tásia Villar e cantada por um grupo de alunas. Estavam presentes o General Juarez Távora, Ministro do Interior e Obras Públicas, e o Médico potiguar Raimundo de Brito (1909-1968), Ministro da Saúde. Uma rápida digressão para explicar que Raimundo de Brito é filho de Francisco de Brito, homem severo, muito rígido, rigoroso. É de sua inspiração a muito conhecida “Lei de Chico de Brito”



Apresentação musical das alunas ao Presidente Castelo Branco.



Recepção ao Presidente Castelo Branco, na ED. Presentes: Governador Walfredo Gurgel, Ministro Raimundo de Brito, General Juarez Távora e o General Ernesto Geisel.



que significa algo que deve ser cumprido de qualquer maneira, determinação sem alternativas, que deve ser executada ao pé da letra. Também estava presente o General Orlando Geisel, irmão do futuro Presidente Ernesto Geisel, Chefe da Casa Militar da Presidência da República.

Após o jantar, os Ministros indagaram se a Diretora da Escola Doméstica tinha alguma reivindicação a fazer. Noilde Ramalho, atendendo à espontânea manifestação dos ministros, solicitou apoio financeiro para a perfuração de um poço tubular e para a conclusão das obras do prédio da Puericultura, no que foi atendida. Ao final, o Presidente foi presenteado com uma obra de arte popular nordestina, uma imagem do Padre Cícero, seu conterrâneo, esculpada pelo famoso artista Xico Santeiro<sup>1</sup>.

No dia seguinte ao evento, o General Orlando Geisel confidenciou a Noilde Ramalho:

– O Presidente é um homem muito recatado, taciturno, voltado exclusivamente para o trabalho, principalmente por causa do momento delicado em que vive o país. Ontem à noite, foi a primeira vez que vi o Presidente totalmente descontraído.



<sup>1</sup> O potiguar Xico Santeiro (1898-1966), cognome de Joaquim Manoel de Oliveira, nasceu no município de Santo Antônio-RN e morreu em Natal. Foi um mestre na arte popular de esculturas em madeira, tendo sido reconhecido pela mídia e divulgado por todo o Brasil. Suas obras, que se espalharam pelo país e até pelo exterior, eram, predominantemente, os santos que o povo preferia e escolhia, incluindo o Padre Cícero e o Padre João Maria, tendo também representado a rica história e o folclore nordestinos. A Escola Doméstica possui um valioso acervo artístico de Xico Santeiro. Morou no bairro de Mãe Luiza, na década de 60, em imóvel doado pelo então Prefeito Djalma Maranhão.

## PRESIDENTES MILITARES

Com exceção do General Arthur da Costa e Silva, todos os demais Presidentes Militares pós-64 foram recebidos na Escola Doméstica. O primeiro, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, já teve sua visita registrada. Em ordem seqüencial, os Generais Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo visitaram a Escola Doméstica, recepcionados pelo Governo Estadual, em banquetes que contaram com as presenças das maiores autoridades do Estado, tendo todos deixado suas mensagens no “Livro das Impressões”. O que chamava atenção nessas recepções era o rigoroso sistema de segurança que acompanhava cada visita. O grupo precursor, alguns dias antes, já começava a atuar. No dia do banquete havia segurança ostensiva e camuflada. Até os alimentos que seriam servidos tinham que ser provados pelos agentes de segurança.

De todos, o menos formal foi o Presidente Figueiredo, que se mostrou descontraído e alegre, bem diferente do homem amargurado em que se transformou ao terminar o governo, quando pediu a todos para esquecê-lo.

Acompanhando o Presidente Figueiredo, na recepção ocorrida em maio de 1983, entre outros, veio o General Otávio Medeiros, que chefiava o Serviço Nacional de Informações – SNI. O General Medeiros tinha uma filha, Maria Luísa, que estudava na Escola Doméstica, em regime de internato, para onde tinha vindo alguns anos antes. Seu pai conheceu a Escola durante a recepção oferecida, em 1975, ao Presidente Ernesto Geisel, quando resolveu que essa seria a melhor Instituição para a filha continuar os estudos.



O Presidente João Batista Figueiredo chega à Escola Doméstica.



## MINISTROS DA EDUCAÇÃO

Vários Ministros da Educação foram recepcionados na Escola Doméstica, entre os quais figuram os seguintes: Simões Filho, (para quem já existe referência à parte), Oliveira Brito, Jarbas Passarinho, Eduardo Portela, Rubem Ludwig e Ester de Figueiredo Ferraz.

Antônio Ferreira de Oliveira Brito (1908 – 1997) exerceu vários cargos públicos na Bahia, onde nasceu, tendo sido Deputado Federal por várias legislaturas. Foi Ministro da Educação no Governo de João Goulart, no período de 1961 a 1962.

O Ministro Oliveira Brito foi recepcionado em Natal, na Escola Doméstica, pelo Governador do Estado, Aluizio Alves. Essa visita teve desdobramentos importantes para a evolução acadêmica da Instituição, pois os contatos com o Ministério foram facilitados a partir do momento em que o próprio Ministro conheceu de perto o excelente nível educacional da Escola Doméstica.

O Ministro Jarbas Passarinho foi recepcionado na Escola Doméstica no dia 03 de março de 1970, após a primeira solenidade única de Colação de Grau da UFRN, realizada na Praça Pedro Velho, tendo como anfitrião o Reitor Onofre Lopes.

O escritor e crítico literário Eduardo Portella também veio a convite da Reitoria da UFRN, em abril de 1980. Durante o jantar, o Ministro disse ao Reitor Diógenes da Cunha Lima: “Encontro aqui nesta Escola o último reduto da disciplina”.

O Ministro Rubem Ludwig foi recepcionado em Natal pelo Reitor da UFRN, Diógenes da Cunha Lima. Ele deixou, em 24 de junho de 1982, uma bonita mensagem no Livro das Impressões:

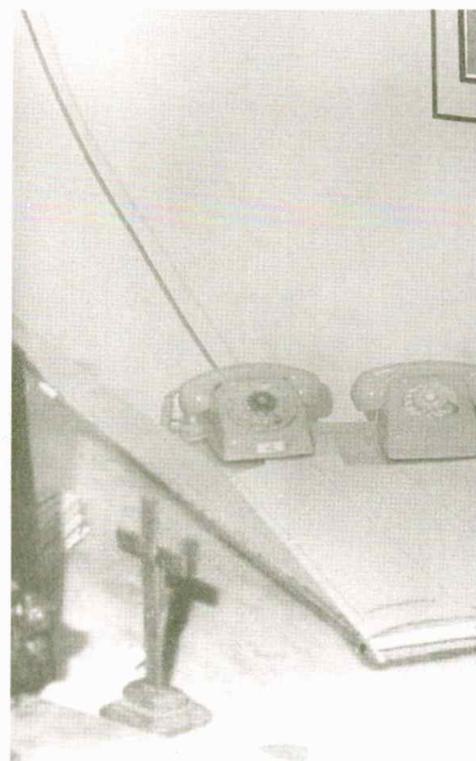
*Mais do que uma Escola, visitei um oásis.  
Ameno, suave, doce.  
Em seus fins magníficos.  
Em seus procedimentos e eficiência impecáveis.  
Difícil destacar o que mais admirar.  
Fácil registrar o que lamentar: a inexistência de  
muitas outras no Brasil como esta.  
Um oásis, suave, doce. Parabéns.*

Ester de Figueiredo Ferraz foi Ministra da Educação durante o Governo do Presidente João Batista Figueiredo, substituindo o General Rubem Ludwig. Primeira mulher a ocupar um ministério, o nome de Ester de Figueiredo Ferraz foi nacionalmente muito bem recebido, em virtude do seu passado de Jurista competente e Professora Universitária, tendo participado do Conselho Federal de Educação durante 12 anos.

Durante a recepção na Escola Doméstica, em 1983, a Ministra revelou-se muito simpática, sorridente e interessada em saber tudo sobre a Instituição. Com a Ministra vieram o Presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, e o artista Aluísio Magalhães.

## O PAPA JOÃO PAULO II EM NATAL

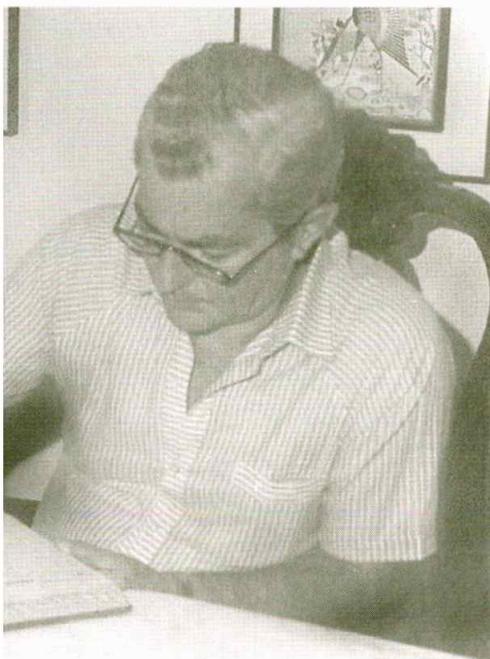
O Papa João Paulo II, eleito em 16 de outubro de 1978, é conhecido como o Papa Peregrino, pois já empreendeu viagens por diversos continentes. Karol Wojtyla é o 264º Papa a ocupar o trono de São Pedro e o seu pontificado é o 4º mais longo da história, pois, atualmente (março de 2004), já são decorridos mais de 25 anos desde a sua posse em outubro de 1978. Nesse período o Sumo Pontífice visitou 130 países e territórios, pronunciou 19 mil discursos, assinou 14 encíclicas, ultimou 1.319 beatificações e 417 santificações.



Ministro Rubem Ludwig escreve bonita mensagem no Livro das Impressões.



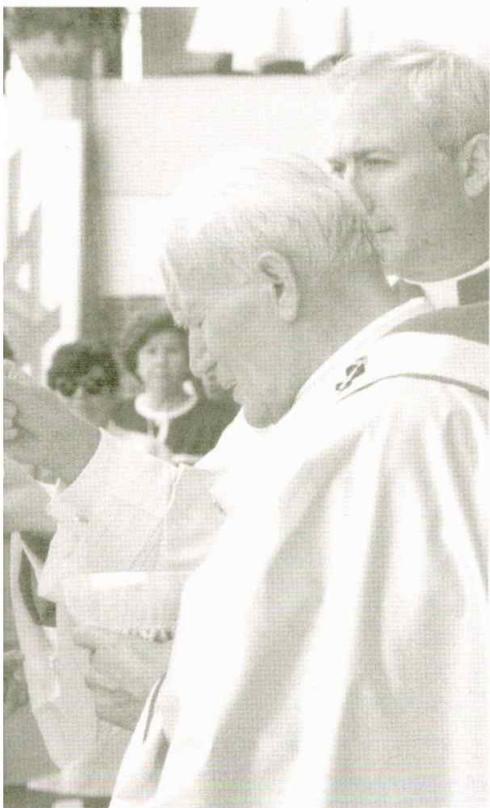
Noilde Ramalho recebe a comunhão do Papa João Paulo II.



Nas comemorações do 25º aniversário do pontificado de João Paulo II, o Cardeal Eugenio de Araújo Sales disse, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, que esse período pontifício significa “a vitória de Cristo, a vitória do Evangelho, algo extraordinário. O Papa, falando com dificuldade, cumpre uma grande missão: fortalecer o Evangelho e continuar o caminho da Salvação. Agradeçamos a Deus a presença de João Paulo II, mesmo em uma cadeira de rodas.”

Em 13 de maio de 1981, o Papa foi vítima de grave atentado na Praça de São Pedro, no Vaticano, planejado com todos os detalhes, tendo o Santo Padre logo perdoado o agressor. Para alguns, somente um pormenor foi esquecido no planejamento do atentado: era o dia de Nossa Senhora de Fátima.

João Paulo II esteve no Brasil três vezes: 1980, 1991 e 1997. Em sua segunda viagem ao país, Natal teve o privilégio de ser o início da peregrinação papal. O vôo da Alitalia veio direto de Roma. Às 17h e 30min, do dia 12 de outubro de 1991, João Paulo II pisava e beijava o solo potiguar, tendo sido recebido, com honras de chefe de Estado, no Aeroporto Augusto Severo, pelo Governador José Agripino Maia, pelo Ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek e por toda a cúpula da Igreja Católica do Brasil. No dia seguinte, o Papa celebrou a missa de encerramento do XII Congresso Eucarístico Nacional, presidido por Dom Alair Villar, Arcebispo Metropolitano de Natal. Um local foi preparado especialmente para o evento que reuniu cerca de 150 mil pessoas, o “Papódromo”, anexo ao Centro Administrativo Estadual. O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio de Araujo Sales, foi o Legado Pontifício – representante do Papa – junto ao Congresso.



Noilde Ramalho não se conforma em ver o “Papódromo” servindo de depósito de objetos inservíveis, e diz, com veemência:

*“O lugar onde o Sumo Pontífice celebrou a missa em Natal deveria ser preservado, transformado em ambiente de oração e de reflexão religiosa. Temos de nos lembrar que aquele momento foi único na história da cidade que viu, ouviu e acolheu quem é considerado pela comunidade católica do mundo o maior homem do século XX. Quando outro Papa virá a Natal? Além de ser o representante de Jesus Cristo na Terra, João Paulo II é um Papa admirado, respeitado e muito querido pela Humanidade. Por que não transformar o Papódromo em um local de veneração ao próprio Papa e aos mártires de Uruaçu e Cunhaú, por ele beatificados?”*

A vinda do Santo Padre a Natal contou com o entusiasmo e o trabalho competente do então Arcebispo Metropolitano, Dom Alair Villar, e do Bispo Auxiliar, Dom Antônio Soares Costa. Contudo, há de se reconhecer que o prestígio do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio de Araujo Sales, um dos norte-rio-grandenses mais ilustres e respeitados em todos os tempos, foi decisivo para que se efetivasse esse fato histórico para o Rio Grande do Norte.

O Bispo Auxiliar da Arquidiocese, Dom Antônio Soares Costa, procurou a Diretora Noilde Ramalho com o intuito de hospedar o Papa João Paulo II na Escola Doméstica, tendo encontrado total receptividade. Entretanto, por não ser uma instituição confessional, o Vaticano não concordou, sendo, depois, escolhido o Centro de Treinamento da Arquidiocese de Ponta Negra, onde o Papa se hospedou durante sua permanência em Natal.



Professora Ivani Paiva e alunas da ED em momento especial com o Papa João Paulo II.

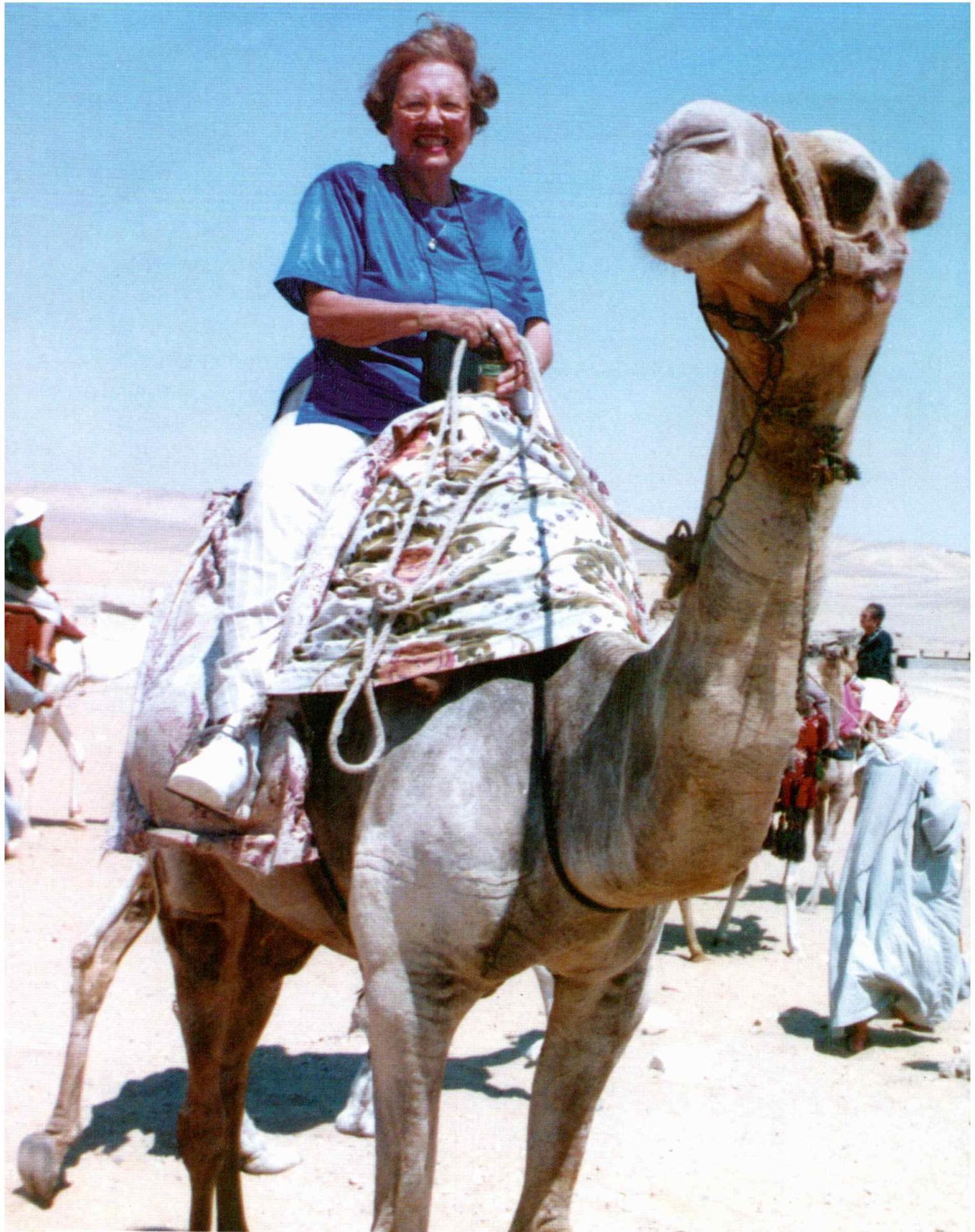


Dom Helder Câmara hospedado na Escola Doméstica, durante a visita do Papa João Paulo II a Natal (1991).

Mesmo não tendo tido a felicidade de receber em suas instalações o Santo Padre, a Escola Doméstica, através de sua Diretora e professoras, especialmente da Prof<sup>a</sup> Violeta Rocha Cavalcante, com a participação da empreendedora e especialista Ignez Motta, ex-aluna do estabelecimento, coordenou as ações necessárias para uma condigna hospedagem ao Papa, desde a preparação dos aposentos, até o cuidadoso cardápio a ser servido. A Prof<sup>a</sup>. Maria do Desterro Cavalcante – May – teve o privilégio de servir o Papa João Paulo II, durante um banquete que lhe foi oferecido. A louça e os talheres que foram usados pelo Sumo Pontífice estão devidamente mantidos como peças intocáveis na Escola Doméstica, como forma de expressar o venerando respeito ao Papa, bem como, de guardar a memória de tão importante evento para a cidade de Natal.

Durante sua visita a Natal, João Paulo II recebeu mais informações sobre o processo de beatificação dos 30 colonos de Cunhaú e Uruaçu, considerados mártires da fé católica. Em março de 2000 houve um reencontro espiritual dos norte-riograndenses com o Santo Padre, no momento da beatificação desses mártires.

Para Noilde Ramalho, o reencontro espiritual se fez com fortes emoções, pois ela estava no Vaticano para ver e ouvir o Papa dizer: “Os mártires que hoje são beatificados saíram, no fim do século XVII, das comunidades de Cunhaú e Uruaçu, no Rio Grande do Norte. André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro, Presbíteros, e 28 companheiros leigos pertencem a essa geração de mártires que regou o solo pátrio tornando-o fértil para a geração de novos cristãos”.



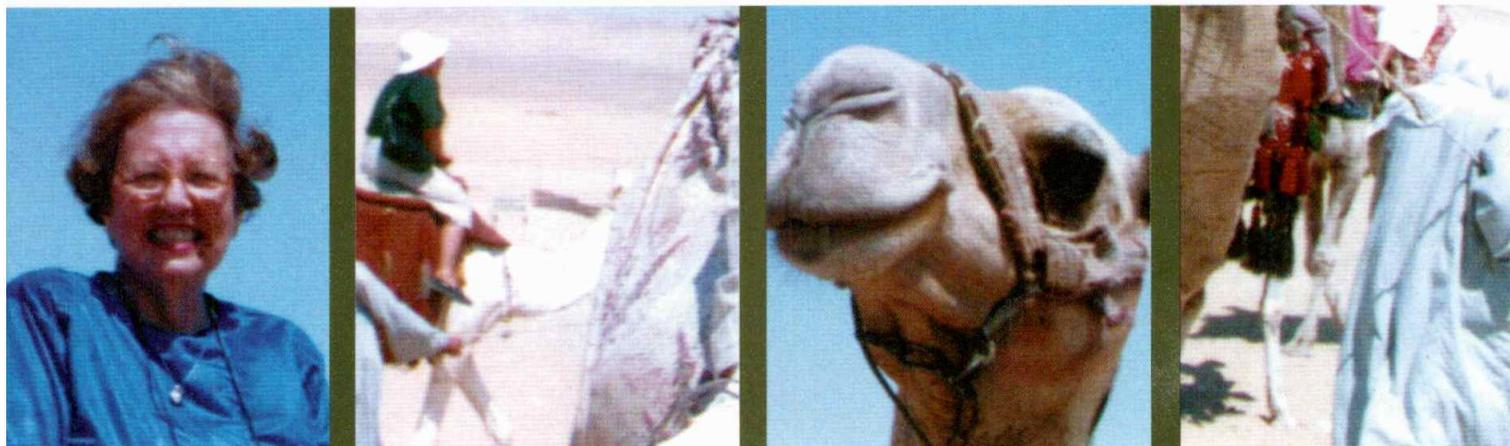
A imponência do camelo e o desejo de se comunicar estão quase a nos dizer que ele tem consciência da "carga" que transporta. *João Malins*

Capítulo  
**VIII**

“Perambular é uma  
grande arte”

*Henri David Thoreau*

*(1817 – 1862)*



Viagens e mais Viagens



Noilde em visita a Pádua, Itália.

## INTRODUÇÃO

*F*oram muitas viagens, de trabalho e de lazer, predominantemente de lazer, no Brasil e no Exterior. Noilde Ramalho confere uma importância grande ao tempo dedicado a viajar, como forma de crescimento cultural, bem como, de renovação de energia para o árduo trabalho do dia-a-dia. Inteligente, perspicaz, culta, observadora, ela tem a percepção do cenário contextualizado e das particularidades, além da capacidade de ver e de entender as nuances de tudo por onde passa. Entende e interpreta as diferenças culturais que, segundo ela, deveriam ser fatores de aproximação, e não, de divergências entre os povos. Noilde diz que essa diversidade é que dá aos seres humanos a vontade de se conhecerem mutuamente, para poder dar as mãos e compreender que o nosso mundo é único e que Deus é o mesmo para todos. Assim, nas suas viagens, ela vai em busca do desconhecido, mas também em busca da aproximação com o que pode estar distante, mas não desconectado do conjunto da coletividade global. Noilde deve ser considerada uma verdadeira “cidadã do mundo”; não somente pelo que conhece do nosso planeta, mas também – e sobretudo – pela assimilação cultural que é capaz de fazer, bem como, pela largueza de sentimentos abertos para as dimensões social e antropológica das diferentes realidades.

Noilde viajou, ao longo da vida, de carro, ônibus, trem, navio e avião, inclusive de hidroavião. Também andou de charrete, carro de boi, burro, cavalo e camelo. Sempre gostou de viajar com um pequeno grupo de pessoas amigas, mas algumas vezes teve que seguir sozinha. Conhece o Brasil quase todo e boa parte do mundo. A Europa tem sido o destino de sua preferência, sendo que, diretamente para Portugal, viajou três vezes, visitando a Ilha da Madeira em duas oportunidades. Ainda não foi à China e ao Japão, mas

esses países estão nos programas de futuras jornadas dessa irrequieta viajadora. Católica fervorosa, diz que sua religiosidade é fator marcante em sua vida. Essa profunda fé em Deus guia-lhe os passos, até nas viagens que empreende, pois na maioria das suas incursões turísticas há sempre motivos cristãos determinantes. Para ilustrar, à Terra Santa ela foi três vezes, a Roma e ao Vaticano, cinco vezes, tendo a oportunidade de ver e aplaudir quatro Papas: Pio XII, João XXIII, Paulo VI e João Paulo II. Em 1950, participou do Congresso Eucarístico Internacional em Munique – Alemanha. Em Turim, Itália, ajoelhou-se perante o corpo de Dom Bosco e, em Lisieux, França, emocionou-se ao visitar a casa de Santa Terezinha. Esteve na Capela de Nossa Senhora das Graças, onde permanece o corpo de Santa Catarina de Labouré, e viu com emoção a língua preservada de Santo Antônio, na bela Catedral de Pádua, Itália. Foi a Assis, também na Itália, visitar o túmulo de São Francisco de Assis, e rezou perante o corpo de Santa Luzia, em Veneza. Em 2001, participou no Vaticano da beatificação dos Mártires de Uruçu e, em 2002, da canonização do Padre Pio.

Considera investimento todo o dinheiro empregado nas suas viagens, pois o retorno cultural supera qualquer apego à acumulação monetária. Apesar de se ver como uma pessoa parcimoniosa nos gastos, por vezes até mesmo interpreta-se como sovina, “amarrada”, principalmente quando se refere aos recursos das instituições que administra; vai longe, sem pena de suas próprias economias, quando se trata de experimentar novas aventuras e emoções, ou de aumentar conhecimentos.

São comentadas aqui somente algumas de suas incursões pelo Brasil e alhures, pois impossível seria fazer relato de todas as suas andanças mundo afora.



São algumas daquelas viagens que deixaram impressões fortes, que impregnaram e marcaram para sempre sua memória.

Ao recordar cenas, fatos e pessoas parece até que tudo volta no tempo, Noilde deixa-se levar pela lembrança do passado como se estivesse revivendo com nitidez momentos por demais significativos e emocionantes da sua existência.



Portugal, Cidade do Porto, Noilde e a amiga Margarida.

Com 16 anos e aluna da Escola Doméstica de Natal, Noilde estava de férias na casa dos pais, na pequena cidade de Nova Cruz. Adorava ficar na sua terra natal, no convívio com a família e com os amigos e amigas. Contudo, aquelas férias seriam diferentes, pois estava se preparando para ir a João Pessoa, onde residiam alguns familiares. Era a primeira vez que iria à capital paraibana, apesar da facilidade de acesso através do trem chamado “Bacurau”, pois saía de Nova Cruz às 3h30min da madrugada, diariamente.

Noilde lembra que o trem exercia forte influência na população local e proporcionava a ligação com Natal, João Pessoa e Recife. O trem de passageiros era uma composição de 5 a 8 vagões, com um pequeno, no final, que servia para frear, e por isso denominado “breque”.

A “Maria Fumaça”, máquina que puxava a composição, funcionava a vapor, produzido em caldeira aquecida pela combustão de lenha, e era conduzida pelo maquinista, que tinha ao seu lado o foguista, encarregado de alimentar a fornalha com o produto da devastação das matas.

Na noite da viagem, Noilde quase não conseguiu dormir. A mãe Lucilla, que havia ajudado a preparar a mala, sugerindo algumas roupas que deviam ser levadas, fez, à despedida, as recomendações bem ao seu estilo:

– Tenha cuidado em acidentes, minha filha, saia somente com sua tia. Evite poeira, chuva e sol quente, para não adoecer.

Pela primeira vez viajando sozinha, essa foi uma fascinante aventura. Logo que o dia clareou, Noilde ficou, pela janela, a contemplar a paisagem que se apresentava com o trem em movimento. Tudo parecia maravilhoso, diferente, provocante de curiosidade, apesar de certa semelhança com sua terra. Nas

## A Primeira Viagem

De Nova Cruz para João Pessoa - PB, no trem “Bacurau”





Washington, túmulo de Kennedy.



Viagem à Grécia, Acrópolis (Atenas).



Noilde e Sônia Câmara, em Nova York (Empire State Building).

idades onde o trem parava, ocorria intensa e ruidosa competição dos vendedores de rolete de cana, tapioca, cocadas e sanduíches. Para matar a sede tinha água, vendida em um único copo de alumínio ou vidro, resfriada e conduzida em quartinhas ou moringas de barro. Até que tudo começava a acalmar quando ouviam-se o apito do controlador de tráfego e o sino da estação, anunciando a partida do comboio. As cidades foram se sucedendo – Noilde lembra bem de Caiçara, Guarabira, Sapé e Santa Rita – até que o coração bateu mais rápido quando o trem parou na Estação de João Pessoa. Ao descer, encontrou logo a tia Adélia, que lhe aguardava com um largo sorriso e prolongado abraço.

Foi um deslumbramento para a adolescente que, até então, somente tinha viajado para Natal, a fim de ficar no internato da Escola Doméstica. Ficaram registrados em sua mente, inapagáveis, a Lagoa Solon de Lucena, o prédio do jornal “União”, o Palácio do Governo e o Teatro Santa Rosa.

As férias já estavam prestes a terminar quando Noilde fez o caminho de volta, embarcando no trem puxado pela altaneira locomotiva “Maria Fumaça”, símbolo de desenvolvimento e modernidade.

Iniciava-se, assim, a saga de uma autêntica viajera, descobridora incansável e perspicaz de novos mundos e de novas paragens.

## RECIFE, PELA PRIMEIRA VEZ

Era o final do ano de 1944, pouco tempo antes do término da Segunda Guerra Mundial. Três professoras da Escola Doméstica, em férias, foram de trem para Recife: Aguinoral Dantas, Luizinha Varela e Noilde Ramalho. As três, com idades pouco acima de 20 anos, empreenderam a “longa” viagem, pois eram quase 24 horas entre a saída de Natal e a chegada à capital

pernambucana. Iam em busca de lazer, de aventuras mesmo, desde que estivessem dentro dos limites das “normas regimentais”. Ficaram hospedadas na “Residência São José”, da ordem das Dorotéias, que estabelecia um rígido horário para chegarem à noite. Além da escuridão que rondava Recife naquela época, as pontes sobre os rios que cortam a cidade muito embeveceram as visitantes. Noilde relembra de leves paqueras durante a viagem, além da curiosidade de melhor conhecer a capital pernambucana.

### RIO DE JANEIRO, PELA PRIMEIRA VEZ

Noilde Ramalho assumira a Direção da Escola Doméstica havia pouco tempo, sucedendo a Amélia Berra, que permaneceu na função apenas por alguns meses, em substituição a Alix Ramalho Pessoa, que pedira afastamento por motivos particulares. Aproximava-se o final de 1945 e Natal vivia o progresso advindo com a Segunda Guerra Mundial, quando a presença americana na cidade impulsionou a economia local com os dólares trazidos pelos gringos. Além disso, houve na população o desenvolvimento de uma mentalidade mais aberta para o intercâmbio com outros mundos, nos âmbitos do próprio País e do exterior.

Dr. Varela Santiago, Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, havia nomeado uma jovem professora para dirigir a Escola Doméstica, que ainda sentia a falta da ex-Diretora Alix Ramalho Pessoa, experiente, tendo inclusive já morado na Europa – precisamente na Bélgica – durante um ano. Agora, assumia uma pessoa com grande potencial, mas ainda precisando de novas experiências e de conhecimento do que de novo se desenvolvia fora de Natal, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Era, portanto, urgente que Noilde Ramalho fosse àquelas cidades, para adquirir novas vivências que seriam úteis nas suas novas

funções. Assim, Dr. Varela Santiago recomendou que a nova Diretora fosse ao Rio de Janeiro com aqueles objetivos. Para tanto, confiou à Prof<sup>a</sup>. Alix Ramalho Pessoa a missão de ser a orientadora de Noilde nessa viagem, para torná-la mais eficaz e mais enriquecida de experiências úteis no desiderato que a motivou.

Noilde se recorda que Dr. Varela Santiago fez várias recomendações para o sucesso da viagem. Recomendou, por exemplo, que ela tomasse Sterogil, um medicamento à base de vitamina C, para evitar resfriados; e, ainda, que as duas professoras não se sentassem nas primeiras filas de poltronas do avião, nem nas correspondentes às asas, tal era o cuidado que dispensava às pessoas que com ele conviviam mais de perto.

Ficaram as duas hospedadas em um hotel na Av. Rio Branco, do qual não recorda o nome, mas guarda a lembrança de uma especialidade do restaurante da casa, o serviço de “charcutaria”, onde era servido uma grande variedade de salames, defumados, frios e conservas.

Para se orientarem melhor, compraram o conhecido “Guia Rex”, com o qual fizeram a programação dos passeios principais. Visitaram a Fundação Osório, uma escola infantil para órfãos de pais militares, mantida pelo Exército. A Diretora muito impressionou Noilde Ramalho. Chamava-se D. Chiquinha, tinha cerca de 80 anos, usava bengala, toda vestida de preto, cabelos brancos muito bonitos e bem arrumados. Pareceu uma figura carismática, simpática e cheia de otimismo. Visitaram, também, a Escola Ana Néri, na Praia Vermelha, famosa Faculdade de Enfermagem. Do hotel para a Escola Ana Néri foram de ambulância, uma cortesia da Instituição anfitriã, pois no momento era o único veículo disponível.

Como não poderia deixar de ser, visitaram a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, sendo em

ambos recebidas com muita cordialidade, pelos parlamentares representantes do Rio Grande do Norte nas duas Casas, entre eles José Augusto Bezerra de Medeiros, Dinarte Mariz, Deoclécio Duarte e Aluízio Alves.

Essa foi uma viagem muito significativa para Noilde Ramalho, desde o motivo que moveu o Presidente da Liga a empreendê-la, a oportunidade que teve de dialogar com a Diretora anterior, Alix Ramalho Pessoa, a experiência e os conhecimentos auferidos com as visitas, até a segurança que adquiriu para prosseguir sem receios no cargo recém-assumido.

## EUROPA, PELA PRIMEIRA VEZ – ROMA E VATICANO

Foi em 1950 e a viagem toda, pela Europa, durou 45 dias. A Professora Lourdes Guilherme, que morava no Rio de Janeiro, intercedeu para que Noilde Ramalho fosse incluída em um grupo de professores e alunos da PUC do Rio, com a participação de poucos convidados, coordenado pelo Padre Jesuíta Leme Lopes, irmão de famoso psiquiatra que tem o mesmo nome. Foram direto para Roma e quando sobrevoaram a “cidade eterna” ela lembrou-se do tio Benjamim, que para aqui viera a fim de se tornar padre, o que não se concretizou, pois o tio tinha mesmo era vocação para a Medicina. O grupo era muito interessante, em sua maioria formado por estudantes universitários, todos voltados para o crescimento cultural que a viagem proporcionaria. É impossível descrever todos os pontos visitados em Roma e no Vaticano, muitos dos quais revisitados em viagens posteriores. Mas Noilde lembra bem do impacto emocional que lhe causou a primeira visão do Vaticano, suas 280 colunas, simétricas, com as 88 estátuas, conferindo ao conjunto uma altura de mais de 20 metros. A Colunata e o obelisco central, com 2800 anos, são de origem egípcia.

Na Basílica de São Pedro, Noilde ficou ex-tasiada, diante de tanta grandeza, de tanta beleza transmissora de comovente força espiritual. É de mais de 100 metros a altura do zimbório central, fazendo com que todos se sintam pequeninos e reflitam quanto ao orgulho e à empáfia que a muitos dominam. A nave central tem mais de 250 metros, pontilhada de enormes colunas de mármore que vão até o teto. A emoção é muito forte, pela fé aguçada que o ambiente provoca, bem como, pela riqueza da arte existente, em todos os detalhes, nas esculturas, nos mosaicos, nos painéis, enfim, no conjunto artístico que fez lembrar Michelangelo, Rafael e Bernini. O orgulho de ser brasileira aflorou quando Noilde, deslumbrada, pela primeira vez estava vendo a Pietá de Michelangelo, escultura restaurada por um patrício, após insana agressão que um louco desfechou sobre a famosa estátua.

A Capela Sistina é outra lembrança viva dessa viagem, tendo sido revisitada em outras oportunidades. Chama-se Sistina porque foi mandada construir pelo Papa Sisto IV, no século XV, demorando alguns anos para a conclusão. A Capela Sistina não é grande, mas é a capela “oficial” do Papa, onde são realizados os conclaves para escolha de novo Pontífice. Michelangelo demorou seis anos para elaborar uma das obras-primas da pintura universal, o “Juízo Final”, na parede do altar, executada no período do Papa Paulo III. No painel, Cristo aparece como juiz, no centro, tendo ao lado a Mãe e São João Batista. Aparecem ainda São Pedro, São Paulo, São Lourenço e São Bartolomeu, além dos ressuscitados subindo ao Paraíso e uma caverna cheia de demônios. No teto, Michelangelo pintou, inspirado na Bíblia, a proto-história da humanidade, desde o Gênesis até o Dilúvio. São nove afrescos que fazem com que o visitante fique com a musculatura do pescoço cansada, para apreciar a beleza da obra. O contraste

da agitação dramática com a serena beleza existente nos vários painéis do teto da Sistina conduzem à representação estética do anseio pela Salvação.

O grupo visitou ainda vários centros culturais do Vaticano, entre os quais a Pinacoteca, os museus Gregoriano-Egípcio, Sacro e Etrusco. É impossível relembrar todos os monumentos e lugares históricos visitados; contudo, da memória, de repente, ressurgem as ruínas do Fórum Romano, o Teatro de Marcelo, o Coliseu, o Capitólio, os museus Capitolinos, a Praça Navona, Fontana dei Trevi, a Via Ápia, as Catacumbas, entre tantos outros. O Coliseu, com capacidade para mais de 80.000 pessoas, construído por Vespasiano e pelo filho Tito, entre os anos 72 e 80 d.C., foi palco de muitas barbaridades praticadas contra inocentes cristãos, sacrificados em honra da fé. Dá para imaginar a crueldade dos espetáculos comandados pela tirania insana. Em 442, o Coliseu foi destruído por um sismo, sendo, posteriormente, reconstruído para preservar um monumento da história da humanidade, o qual evidencia o quanto o ser humano precisa melhorar.

## TURIM

De Roma o grupo foi de ônibus para Turim, que ostenta a condição de ter sido a primeira capital da Itália. Noilde, vizinha dos Salesianos na Ribeira, alimentava um desejo de contemplar o corpo de Dom Bosco, que permanece intacto na Catedral de Turim. Foi emocionante realizar esse sonho, ajoelhar-se e rezar perante o corpo do Santo que permanece preservado, vestido de batina preta e roquete branco. Na cidade, visitou ainda a Catedral de São João Batista, onde se encontra a Capela do Santo Sudário.

## PÁDUA

De Turim seguiram para Pádua, cujo objetivo principal era a Basílica de Santo Antônio de Pádua, de arcos góticos e elementos da arte bizantina. No altar principal, em um ostensório de ouro, está a língua do Santo, conservada, ele que foi grande pregador.

É bom que se diga que Santo Antônio de Pádua é português, pois nasceu em Lisboa, em 1195. Pertencia a uma família rica, com prestígio junto ao poder real, a qual desejava vê-lo encaminhado para as altas posições ocupadas pelos nobres. Entretanto, aos 15 anos recolheu-se na Abadia de São Vicente, arredores de Lisboa e, aos 25 anos, ordenou-se sacerdote. Dirigia-se para a África, quando o navio naufragou e o missionário foi parar em Pádua, onde continuou sua vida de santo até entrar na porta da imortalidade.

## ASSIS

Agora, era a vez de visitar o Santo da simplicidade, da humildade, do desprendimento, o irmão do sol, da água, das estrelas, das plantas e dos animais, ou seja, o Santo da natureza. Em Assis, Noilde reverenciou-o na belíssima Basílica de São Francisco. Um dos santos mais preferidos pelos católicos, São Francisco de Assis representa a gratuidade do amor, o devotamento aos excluídos, a valorização da solidariedade com os que sofrem. Seu lema de súplicas, “Meu Deus, meu tudo”, condensa seus anseios espirituais. Os seguidores do santo dos pobres espalham-se pelo mundo, muitos deles engajados nas Ordens das Clarissas e Franciscana, os quais não encontram nenhuma motivação para apegos aos bens materiais. Sob a sábia orientação do padre Leme Lopes, o grupo visitou, ainda, o Santuário da Porciúncula, nos arredores de Assis, primeira casa da Ordem Franciscana. Os guias turísticos

costumam dizer que na Porciúncula há um local onde as roseiras não têm espinhos, desde o momento em que caíram os espinhos de uma dessas plantas sobre a qual São Francisco havia se deitado, a fim de fazer penitência. Noilde não foi comprovar as afirmativas dos guias, muitas vezes tão cheias de “criatividade”.

## VENEZA

Noilde há muito acalentava o sonho de conhecer Veneza. Foi um verdadeiro encantamento ver a cidade pela primeira vez, as águas dominando tudo, formando ruas que são canais por onde trafegam barcos, gôndolas, lanchas e pequenos navios que fazem os transportes de pessoas e de mercadorias. Primeiro impacto: como é possível existir uma cidade na qual as edificações, aliás belíssimas, parecem aflorar das águas? Ela sabia que Veneza se compõe de um arquipélago com mais de 100 ilhas e quase 200 canais, sendo que o principal, com mais de 3000 metros de extensão, divide a cidade em duas grandes áreas e se comunica com outros canais menores. Sob a orientação do Padre Leme Lopes, o grupo fez passeios de lancha, com uma visão belíssima de antigas edificações, de palácios e igrejas que se sucediam à medida que o barco deslizava pelos canais. Em determinado ponto, desceram todos para visitar a Praça de São Marcos. Para Noilde foi um deslumbramento ver de perto, pela primeira vez, a Basílica de São Marcos, construção do século XI, monumento artístico indescritível, com características arquitetônicas românica e bizantina. As cinco cúpulas da Igreja formam uma cruz, o que lhe confere um aspecto singular. Cavalos em bronze, que os soldados de Napoleão acharam bonitos e os levaram para a França, mas que foram, posteriormente, devolvidos, constituem inusitados elementos em uma Basílica.

Na Praça de São Marcos, Noilde encontrou, degustando vinho e queijos, o Médico natalense Joaquim Luz Cunha e sua esposa Maria, tendo aderido ao convite do casal para juntos comemorarem o encontro e saborearem o bom “tinto” italiano.

O grupo visitou ainda alguns monumentos da arquitetura bizantina, como o Museu de História Natural, Palácio Loredan e Palácio Da Mosto. Campanários famosos foram visitados, entre eles, o de São Jeremias. Outras igrejas, museus e palácios estiveram no roteiro, mas Noilde consegue lembrar ainda da Biblioteca de São Marcos, uma das obras-primas da arquitetura renascentista.

Próximo ao Palácio Ducal, pombos faziam alvoroço em uma praça e pousavam nos braços dos que lhes traziam alimentos. Formou-se um ambiente alegre, divertido, todos querendo uma foto com as aves.

Os passeios de gôndolas não foram feitos, até porque era preciso comedimento nas despesas, para uma viagem de 45 dias. Noilde, em outras ocasiões, fez esses passeios, e os descreve como inesquecíveis, pela própria embarcação e seu gondoleiro, pelo romantismo que envolve o ambiente, com os casais que passam em gôndolas bem próximas e pela música que vem de alguns barcos, quase sempre de cantores líricos, violino e violão. A Ponte dos Suspiros é lugar obrigatório por onde todos têm de passar.

As máscaras e os cristais fazem parte da fisionomia da cidade. A habilidade dos operários-artistas, que modelam os cristais junto ao forno, deixa em todos os visitantes a impressão de que a arte está presente em todos os lugares de Veneza.

## FLORENÇA

Por tudo que conhecia de leituras sobre Florença, Noilde sentiu a emoção a lhe dominar somente em saber que estava chegando a essa famosa cidade, berço e repositório do melhor da arte italiana, centro cultural e histórico reverenciado mundialmente. Tendo sido a capital da Itália de 1864 a 1871, situa-se às margens do rio Arno, na Toscana; fica 230 quilômetros a noroeste de Roma. Berço do Renascimento artístico no Século XIII, Florença também é a terra natal de Dante Alighieri, Michelangelo, Giotto, Botticelli, Maquiavel, Galileu Galilei, Donatello e Ghiberti.

O Padre Leme Lopes levou o grupo a visitar algumas igrejas, mas o tempo maior foi destinado aos museus e galerias. Entre as igrejas, menção especial para a Catedral, em estilo gótico e influência bizantina. O Batistério impressiona logo pelas majestosas portas em bronze, com relevos que mostram o Antigo Testamento e elementos da natureza, obra do artista Laurenti Cionis Ghiberti, que trabalhou mais de 25 anos para completá-la. É impossível descrever os centros artísticos visitados, mas Noilde ressalta o Palácio Pitti, construído no século XV, a Galeria Uffizi, bem como, o palácio onde Leonardo da Vinci criou a Mona Lisa. A Galeria Uffizi, composta de grandes obras da pintura universal, está entre os mais preciosos acervos artísticos da humanidade, tendo alguém já dito que “sem este acervo a história não pode ser escrita”. A galeria é a representação pictórica da Renascença, movimento que mudou e impulsionou a história do homem, libertando-o de um passado que tolhia e estagnava o pensamento. Florença e, especialmente, a Galeria Uffizi foram outras vezes revisitadas por Noilde Ramalho, sempre atraída pela nova oportunidade de apreciar a arte de Giotto, Martini, Fra Angélico, Bellini, Botticelli, Perugino, Leonardo Da

Vinci, Michelangelo, Ticiano, Caravaggio, entre tantos outros famosos autores italianos, além de telas produzidas por grandes artistas da França, Alemanha e Holanda, internacionalmente reconhecidos. Da cidade de Florença, Noilde lembra ainda a Piazza della Signoria, o Palazzo Vecchio com sua torre, construído no século XIV, e a Ponte Vecchio, sobre o rio Arno.

## ZURIQUE

De Florença seguiram todos para Suíça, visitando Zurique, capital do Cantão que tem o mesmo nome. Noilde lembrou-se do Dr. Henrique Castriciano que, ao recordar uma de suas viagens, gostava de falar de um casal jovem de brasileiros que fazia um passeio de barco em um lago da Suíça. Ele tentou se aproximar, sem haver muita reciprocidade por parte dos patrícios. Foi a partir dessa viagem que Dr. Henrique projetou a criação da Escola Doméstica, após conhecer a Ecole Ménagère, no Cantão de Fribourg.

## LOURDES

A excursão foi a Lourdes, nos Pireneus, para que todos pudessem conhecer a famosa Basílica, local onde a Virgem Maria apareceu a uma camponesa, Bernadete Soubirous, tendo sido 18 aparições ao todo, desde a primeira, que ocorreu em 11 de fevereiro de 1858. Numa aparição, a virgem mandou que Bernadete escavasse com as mãos um pequeno filete d'água que descia da gruta, o qual se transformou na fonte milagrosa. Esplendidamente situada, a Basílica é bela e grandiosa, transmitindo muita paz aos visitantes. A fé e a religiosidade das pessoas eram impressionantes. À noite, a procissão das velas circundando a praça foi um espetáculo belíssimo, todos convictos de que estavam no lugar onde Nossa Senhora veio trazer mensagens para ajudar na elevação espiritual do ser humano.

## PARIS

Antes de chegar a Paris, o grupo passou pela cidade de Carcassona, onde estão as mais belas fortificações do país, vindas da Idade Média. Carcassona foi, na Era Mediéfica, centro de importante condado, tendo sido incorporado à França em 1224. Noilde teve a oportunidade de receber na Escola Doméstica, anos depois dessa visita, o Reitor ou Diretor de uma instituição educacional de Carcassona que, em Natal, foi recepcionado pelo então Reitor da UFRN, Prof. Genário Alves da Fonseca, juntamente com outros titulares de universidades européias.

Quando a excursão estava se aproximando de Paris, o Padre Leme Lopes fez preventiva recomendação:

– Todos sabem que Paris oferece o lado bom, com preciosidades culturais, artísticas, históricas e religiosas, mas tem o lado ruim, pois é fonte de inspiração negativa, com ambientes que somente induzem ao pecado. Estejam vocês atentos para essas diferenças e, principalmente, os mais jovens – o que era a maioria – não se deixem envolver pelas coisas do mundo profano.

Paris foi uma festa aos olhos embevecidos de Noilde, com tudo de belo que a cidade apresenta. Foi um grande deslumbramento o primeiro encontro com Paris, revisitada outras vezes. Noilde fixa-se, agora, na visita à igreja de Nossa Senhora das Graças, onde está o corpo de Santa Catarina de Labouré, a santa da medalha milagrosa, inspiradora de crença fervorosa que anima a esperança dos católicos na obtenção das graças às promessas realizadas. A cadeira na qual estava Nossa Senhora, em gestos de oração, quando foi vista por Santa Catarina, permanecia ao lado do altar principal. Uma das mãos de Santa Catarina continua com a cor natural, sendo isso atribuído ao contato que a

Santa fez com Nossa Senhora, no momento da aparição. As pessoas chegavam perto da cadeira que estava sobre um estrado e faziam suas preces. Um casal que estava na excursão, ele, Desembargador no Rio de Janeiro, permaneceu muito tempo em ato de oração nesse local, quando a mulher começou a chorar de forma incontrolável, explicando, após se acalmar, que rezava para que Santa Catarina de Labouré intercedesse pela recuperação de um filho.

## MUNIQUE

O Padre Leme Lopes anunciou a saída para Munique, na Alemanha, destino principal da excursão, pois a participação no Congresso Eucarístico Internacional era o objetivo maior de todo o grupo. Foram oito dias de intensas atividades religiosas, com grandiosas e emocionantes manifestações de fé. Milhares de pessoas de todo o mundo, em uníssono hino de amor a Deus e de convicção cristã. Belíssimo espetáculo de cores e curiosos detalhes produzidos pelas vestes e trajes típicos exibidos pelos peregrinos de diversas partes do mundo, especialmente da Europa. Música sacra predominante conferia ao ambiente o sentimento de paz e reflexão. Os Cantos Gregorianos pareciam querer se espalhar pelo resto do planeta.

Um fato inesperado aconteceu: em uma noite dedicada à meditação e orações pelas vítimas do Holocausto, caiu um tremendo temporal, com chuva torrencial e ventos fortes. Foi um agitado corre-corre, inclusive de alguns padres e bispos que procuravam se proteger. Porém, o celebrante e muitos peregrinos permaneceram em orações, entre eles os brasileiros.

Um pequeno grupo, do qual fazia parte Noilde Ramalho, deslocou-se para Auschwitz para visitar um dos lugares que foi campo de concentração nazista, onde se perpetuou um dos maiores e mais cruéis crimes contra

seres humanos, em todos os tempos. O museu em que se transformou o campo de concentração serve para transmitir uma imagem dos horrores e das atrocidades cometidas, alertando a humanidade para a busca de Deus, pois somente com Ele se encontra o belo da vida e o bem do mundo. Sem Ele, o homem sucumbe no pesadelo, na escuridão e no medo. É chocante ver o requinte de maldade usado para matar homens, mulheres, velhos e crianças; é repugnante saber da frieza com que os comandados de Adolf Hitler se portavam diante da dançante tarefa de levar ao cadafalso uma coletividade de seres humanos para brutal extermínio.

De Munique o grupo voou para Lisboa, e daí, para o Rio de Janeiro, finalizando a excursão. Essa foi uma viagem muito enriquecedora, pelo crescimento cultural que proporcionou, não somente, pelos locais visitados, bem como, pela convivência com pessoas interessadas nesse crescimento. Apesar de ser um grupo grande, não houve um só desencontro, havendo-se o coordenador, Padre Lemes Lopes, com muita competência e cordialidade.

Não há como Noilde deixar de considerar aquela excursão como sendo uma das mais importantes viagens de toda sua vida.

## AMAZÔNIA

Maria Alice Fernandes e Francisco Fernandes, muito mais conhecido como Chico Feio, estavam completando 25 anos de casados, em 1950, e resolveram comemorar as bodas com uma viagem à Amazônia, atendendo convite de Caetano Costa, tio de Alice.

Caetano havia saído de Natal, no início do século passado, atraído pelo eldorado da borracha produzida nos seringais da Amazônia. Chegou até a trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-

Mamoré. A história da construção dessa ferrovia é uma verdadeira odisséia, pois as condições inóspitas da região, especialmente, as doenças tropicais, com ênfase à malária, dizimaram inúmeras vidas de pessoas de diversas nacionalidades. Foram muitos ingleses, norte-americanos e brasileiros que morreram sem ver seus sonhos realizados, além de irlandeses, russos, belgas e caribenhos, entre outros. A estrada de ferro ligaria a fronteira boliviana do rio Mamoré, onde hoje está a cidade de Guajará-Mirim, à cabeceira navegável do rio Madeira, onde existe, atualmente, a cidade de Porto Velho. A saga da ferrovia Madeira-Mamoré é um exemplo da coragem e da resistência dos nordestinos, que foram capazes de enfrentar as adversidades, muito contribuindo para que essa obra desafiadora fosse inaugurada em 1912, mesmo que parcialmente.

Caetano Costa fixou-se na região da bacia do rio Ji-Paraná, um importante afluente do rio Madeira que, por sua vez, é o principal afluente do rio Amazonas. À época, a área pertencia ao Território Federal do Guaporé, que se originou por desmembramento de terras dos Estados do Amazonas e Mato Grosso. Em 1956, passou a se chamar Território Federal de Rondônia, em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, indigenista, integrador nacional, pioneiro nas comunicações com as regiões mais distantes e quase inacessíveis do país, considerado um dos heróis do Brasil, a quem Caetano se referia com muito respeito e dizendo ter com ele trabalhado. Transformado em Estado de Rondônia, pela Lei Complementar nº 81, de 22 de dezembro de 1981, o Território Federal de Rondônia experimentou um dos maiores surtos migratórios do planeta, com sua população crescendo oito vezes em apenas vinte anos.

Na década de 50, a exploração da borracha era uma atividade econômica em plena decadência.

Caetano Costa, no entanto, estava obtendo razoável desenvolvimento nos negócios, vendendo o látex produzido em uma grande área de seringueiras, onde ele construiu uma casa confortável, dotada de energia elétrica produzida por um gerador e por cata-ventos.

Maria Alice Fernandes procurou Noilde Ramalho sabendo da disposição da amiga para viagens:

– Noilde, lembrei-me de você quando recebi o convite do meu tio para ir visitá-lo na Amazônia, ver a vida diferente da floresta. Será uma aventura, pois são vários dias de viagem de barco para chegar ao local, um seringal no meio da mata; pense e me dê uma resposta.

No dia seguinte Noilde já avisava a Alice que o convite estava aceito, ela seria companheira de viagem, não perderia essa oportunidade única.

## EXUBERÂNCIA DA NATUREZA

A Amazônia, maior bioma do planeta, está localizada ao Norte do continente sul-americano e representa 35% de todas as florestas do mundo. Aproximadamente, 67% de sua área pertence ao Brasil, sendo o restante distribuído entre Venezuela, Suriname, Guianas, Bolívia, Colômbia, Peru e Equador. A formação vegetal está dividida em três principais tipos de mata: **igapó, várzea e mata de terra-firme**. A mata de igapó é inundada permanentemente, a várzea é inundada somente nos períodos de cheia e a mata de terra-firme, que compreende mais de 60% da região, normalmente não é inundada. Há também uma diversidade de rios. Podem ser considerados como principais representantes os rios Negro (de águas negras), Solimões, Madeira e Amazonas (águas brancas ou barrentas) e o Tapajós (de águas claras ou transparentes).



No seringal, na Floresta Amazônica: Chico Feio, Noilde, Aninha e Caetano Costa.

Apesar dos solos amazônicos serem estruturalmente pobres, nas várzeas – por receberem matéria orgânica e minerais trazidos na época das cheias – existe maior fertilidade do que no restante da floresta. Esses solos, nos períodos secos, são utilizados pela população ribeirinha para o cultivo, que geralmente é de subsistência. Uma característica marcante da Amazônia é o equilíbrio ecológico da floresta e o relevo típico de planícies; a rica hidrografia, com a mais densa bacia fluvial do mundo; o clima quente e úmido e os solos em geral pobres, mas que recebem grande quantidade de matéria orgânica proveniente da própria floresta que, aliada aos fatores acima, forma um intrínseco ciclo de nutrientes, contribuindo assim para sua subsistência e exuberância.

As seringueiras são árvores de várzea, periodicamente inundadas pelas cheias dos rios de águas brancas ou barrentas. Esses rios são ricos de peixe, ao contrário dos rios de água preta, pouco piscosos, chamados “rios da fome”. A Bacia Amazônica possui a maior diversidade de peixes de água doce do mundo, 15 vezes mais espécies que as encontradas em todos os rios da Europa. O rio Amazonas nasce nos Andes e percorre mais de 6.500 quilômetros até chegar ao Oceano Atlântico, recebendo mais de 1.000 afluentes.

A fauna de aves é muito rica e são mais de 550 espécies de mamíferos encontradas na Floresta Amazônica, que se agrupam em 11 ordens. Algumas espécies estão ameaçadas de extinção, como por exemplo: a onça-parda ou suçuarana, a ariranha e o peixe-boi.

Existem cerca de 300 espécies de répteis, entre eles as maiores tartarugas do planeta, a sucuri, que chega a 10 metros de comprimento, e os variados tipos de jacarés.

Assim, tudo é grandioso e belo na Amazônia. Além da prodigalidade e exuberância da natureza, as

lendas e mistérios da região compõem um quadro rico e forte da aventura humana sobre a terra. As estórias do moleque Saci, do Homem Boto, da Mãe-d'água, cobra gigante e de olhos que parecem tochas fosforescentes, das Amazonas-índias guerreiras, da Vitória-régia, a flor em que se transformou a índia Marai, e muitos outros nascidos na vivência cotidiana dos nativos e caboclos, seus verdadeiros heróis, que, mesmo sendo ultrajados, muitas vezes, permanecem ainda em dezenas de tribos, ou dispersos pelas matas, na tentativa de preservarem seus próprios costumes, línguas e culturas. Raimundo Moraes, um dos mais brilhantes escritores e intérpretes da Região Amazônica, fala da lenda do irapuru, “passarinho do tamanho dum curió, cujo canto mavioso e fascinante tem o condão maravilhoso de atrair, rasteira e submissa, a fauna toda da mata. (...) Orfeu tangendo a lira encantada para amansar os tigres e as panteras não seria tão poderoso, hipnotizante e magnetizador que o irapuru cantando no seio augusto da selva amazônica”.

*(MORAIS, 2000, p. 54)*

Todo esse patrimônio ecológico e cultural precisa ser cuidado e preservado, livrando-o das cobiças econômicas desvairadas. Fontes do Ministério do Meio Ambiente mostram que, de 1970 a 2003, uma área de 653 mil km<sup>2</sup>, equivalente aos territórios da França e de Portugal juntos, sofreram desmatamento, o que equivale a 16,3% da Floresta Amazônica. Essa devastação tem como causas a agricultura, principalmente de soja, a pecuária, a grilagem de terras públicas e a exploração predatória de madeira. Governo e sociedade brasileiros precisam estar atentos para as investidas internas sem controle e para as possíveis ambições alienígenas.

## A VIAGEM

Partiram de Natal os três, Noilde, Alice e Chico Feio, em um avião da Panair rumo à Amazônia. Ao sobrevoar e ver os Lençóis Maranhenses, Noilde diz que lhe vieram à mente as calçadas de Copacabana, também de curvas suaves e simétricas; estas, feitas de pedras pelas mãos do homem; aquelas, feitas de areia, pelas mãos de Deus. Após um dia em Belém, foram para Manaus e, de lá, voaram para Porto Velho, onde um pequeno barco, pertencente ao anfitrião, já os aguardava. Foram cinco dias até chegar ao seringal, navegando pelos rios Madeira e Ji-Paraná. Durante as noites paravam em ancoradouros, para que passageiros e tripulantes pudessem dormir em suas redes, no próprio barco. Noilde relembra que os cortinados usados para proteger dos insetos se estendiam até os punhos da rede, mas não impediam totalmente que os enormes e numerosos mosquitos atacassem. O amanhecer era belíssimo, a vista do rio, da floresta, as nuvens de borboletas, os cantos dos pássaros em sinfonia que obrigavam todos a acordar muito cedo.

No quinto dia, chegaram ao seringal. Estavam diante de uma casa grande, construída de madeira, elevada do chão cerca de um metro e meio, que oferecia um razoável conforto, situada em uma clareira da floresta. Três aborígenes trabalhavam como serviçais e tinham seus afazeres bem definidos: um se responsabilizava pela caça, outro pela pesca e o terceiro ajudava nas tarefas de casa.

A família anfitriã foi esmerada nas gentilezas, proporcionando o melhor conforto possível, desdobrando-se para que os visitantes pudessem usufruir o máximo dessa viagem.

Vários passeios foram realizados de barco ou em uma caminhonete, que pouco podia se afastar da sede da fazenda, pois quase não existiam estradas disponíveis.

Algumas vezes fizeram trilhas pelos arredores, oportunidade em que todos puderam sentir de perto a força e a grandeza da floresta amazônica. Caminhavam em veredas por dentro das matas de terra firme, onde as árvores de grossos troncos e alturas de até 60 metros compõem uma abóbada fechada, com poucos raios de sol a se intrometerem e a vencerem esse teto de caules e folhas, tornando o ambiente úmido, denso e escuro. Os rios, às vezes estreitados e caudalosos, às vezes largos e serenos, as árvores gigantescas, as flores, os pássaros em profusão, as danças das borboletas, o cheiro, o som e a visão das matas, levavam ao deslumbramento. As águas do rio Ji-Paraná eram limpas, consideradas boas para o consumo humano. Em um dos passeios de barco, Noilde relembra ter visto velhas construções e materiais ao relento, tendo sido informada tratar-se de resquícios da construção da Ferrovia Madeira-Mamoré.

Mas Noilde queria saber sobre os mais populosos habitantes da região, os animais:

– Caetano, até agora não vi um só animal selvagem, nem mesmo vocês falam sobre eles...

– D. Noilde, quando aqui chegamos era comum ver muitas onças, antas, preguiças e macacos, além de outros bichos, mas os roncões das máquinas afugentaram os animais.

A alimentação era saborosa, com muito peixe e caça, que ela não se preocupava em saber o tipo, somente pedia que não lhe fosse servido carne de macaco. Ao arrepio da ética ambientalista, em conchas de pequenas tartarugas uma farofa preparada com a própria carne desses animais era costumeiramente servida. Frutas, enormes limas, laranjas, bananas e o fruto do açaí, em profusão. Apesar do grande calor, tinham de usar calça comprida e blusa com manga comprida abotoada, para se proteger dos mosquitos. Usavam,



Frutos do açaí, colhidos na floresta.



Com a menina Aninha Anunciada.

também, repelentes, pois sabiam dos perigos que representavam as picadas dos insetos.

Para se saber das notícias ouvia-se o rádio, que funcionava com bateria de carro, além da leitura de poucas revistas ou jornais que chegavam bastante atrasados.

Após duas semanas, Maria Alice Fernandes, Chico Feio e Noilde Ramalho iniciaram a viagem de volta, juntando-se ao grupo, a menina Ana Anunciada, filha do casal anfitrião, que iria morar em Natal, na casa dos tios, a fim de estudar na Escola Doméstica. Em Porto Velho, no retorno, Maria Alice e Noilde foram visitar um hospital de doenças tropicais. Noilde não esquece o aspecto de um adolescente portador de “Fogo Selvagem”. Essa doença, que na linguagem médica chama-se Pênfigo Foliáceo, afeta pele e mucosas e caracteriza-se por um quadro clínico dramático, grave, com bolhas grandes e generalizadas que conferem um aspecto deformante ao paciente, como se fosse extensa queimadura, ocorrendo intenso sofrimento pela dor queimante que acompanha o quadro clínico. Visitaram ainda um orfanato de meninas, dirigido por freiras. Chamadas para ver o dormitório se depararam com singelas redes enrodilhadas e presas no armador, de encontro à parede.

Essa foi uma viagem muito interessante, pela oportunidade do contato direto com a floresta amazônica, pelo longo percurso nos rios em um barco simples, ou ainda, pela visão direta das seringueiras fornecendo o látex, que, no passado, havia sido o responsável pelo desenvolvimento econômico da região, cujo símbolo maior é a presença do suntuoso e opulento Teatro Amazonas, em Manaus, o primeiro grande teatro brasileiro, inaugurado em 1896.

Noilde diz que onde estão guardadas as boas recordações da vida, há um lugar especial para essa viagem, por tudo que ocorreu e, também, pela recepção

dos anfitriões, além da companhia de Chico Feio e Maria Alice Fernandes, ela que sempre foi excelente amiga, dotada de profundo espírito de solidariedade, tendo desenvolvido por quase toda a vida um trabalho social inexecutável, principalmente, à frente do voluntariado em prol da Liga Norte-Rio-Grandense Contra o Câncer. O nome Maria Alice Fernandes figura no frontispício de um hospital da cidade e é marca inesquecível da virtude humana do desprendimento, bem como, da tenacidade na luta contra a doença e o sofrimento.

## PORTO ALEGRE E BUENOS AIRES

Em 1949 seguiram para Porto Alegre, em avião da Cruzeiro do Sul, Noilde Ramalho, Olga Cavalcanti e Tereza Medeiros, aluna da Escola Doméstica. Na capital do Rio Grande do Sul foram muito bem recebidas por dois casais norte-rio-grandenses que lá moravam, Cláudio Marfiolete e sua esposa Carmem, e Osman Capistrano, funcionário do Banco do Brasil, casado com Aglacy Amorim Capistrano. Cicroneados por esses quatro amigos, viveram momentos agradabilíssimos, visitando a cidade e usufruindo dos seus melhores recantos.

De Porto Alegre, viajando de trem, foram para Santa Maria, onde fizeram baldeação e seguiram para Uruguaiana, na divisa com a Argentina. De carro, passaram pela ponte que une os dois países e chegaram à cidade de Paso de Los Libres, onde se acomodaram em um hotel simples, no centro urbano, enquanto aguardavam embarcar em avião da Aerolíneas Argentina com destino a Buenos Aires. Coincidiu que a companhia aérea estava em greve e, decorridos quatro dias, ainda permaneciam em Paso de Los Libres. Nas idas à sede da empresa aérea conheceram outras pessoas que estavam na mesma situação, aguardando



Em Paso de Los Libres, Argentina, com o espanhol Ardanaz (à direita).

vôo para a capital do país, entre elas um espanhol chamado Ardanaz. Era um homem muito educado, bonito, olhar muito vivo, esbelto, pele bronzeada, cabelos ondulados e cheios, longilíneo, ombros largos, lembrando a figura de um toureiro. Noilde confirma que houve uma simpatia recíproca, tendo ela ensaiado os primeiros passos de tango com o espanhol, em famosa casa de “show” da cidade de Paso de Los Libres.

Noilde e Ardanaz mantiveram correspondência por alguns anos. Certa vez, ela seguia para o Rio de Janeiro quando recebeu, no avião, uma mensagem de Ardanaz, na qual ele dizia da expectativa de reencontrá-la em Salvador, naquele mesmo dia, quando o navio em que viajava faria uma escala. Noilde não hesitou: foi ao chefe dos comissários de bordo e avisou que precisava descer em Salvador. Ao desembarcar, procurou logo uma amiga que estava na cidade, Iolanda Furtaido, indo as duas ao Cais do Porto, aguardar o desembarque do espanhol. Houve emocional reencontro, relembrou os dias vividos em Paso de Los Libres, os tangos dançados, passearam, almoçaram e, ao final da tarde, foram ao reembarque de Ardanaz, ocorrendo os abraços de despedidas, com direito a acenos de lenços à medida que o navio se distanciava. Após algum tempo de comunicação, Noilde perdeu por completo o contato com o espanhol que tanto lhe impressionou e que fez, não há como negar, Cupido tocar-lhe o coração.

Em Porto Alegre o grupo cresceu para quatro pessoas, pois a jovem Maria Maura, 17 anos, amiga das famílias anfitriãs, havia aderido à excursão à Argentina. Já estavam no quinto dia em Paso de Los Libres, sem conseguirem passagem aérea para Buenos Aires, quando resolveram procurar o consulado brasileiro na cidade. O Cônsul, muito simpático, perguntou:

– De onde são essas jovens tão simpáticas?

Apontando para um grande mapa que pendia na parede, Noilde mostrou a cidade de Natal, quando o homem, em tom forte exclamou:

– Desbravadoras!

O Cônsul disse que os trens estavam muito cheios, superlotados, em virtude da greve dos aeroviários. Os únicos lugares disponíveis, naquele dia, seriam em um pequeno vagão destinado ao transporte de correspondências e encomendas. Assim, com a ajuda do Cônsul, embarcaram nesse carro pequeno, onde existia somente um banco, apenas suficiente para acomodar as quatro “desbravadoras”. Foi uma viagem de mais de 30 horas. Na travessia do rio Paraná, os vagões do trem, levados em balsas, quando chegaram à margem de destino, foram atrelados a uma outra locomotiva. Nessa travessia, as quatro turistas ficaram ao ar livre, na balsa, quando conheceram um argentino que estava com a esposa, senhor Miguel Aguirre, muito simpático, que orientou quanto a hotel e passeios que deveriam realizar na capital argentina, bem como, dos cuidados que precisavam ter. O portenho disse ser bisneto do General Aguirre, que lutou pela Independência do seu País, sem contudo, ser muito reconhecido.

A Argentina vivia uma época de favorável desenvolvimento econômico, com o realce de duas figuras emblemáticas da política que representavam o prestígio e o poder do país: Perón e Evita. O povo vivia feliz e orgulhoso da Nação. Buenos Aires era uma festa contínua. As ruas eram movimentadas, alegres, principalmente à noite, quase alcançando as madrugadas. “Shows”, cantores, músicos, artistas, pintores estavam por toda a parte. Para os brasileiros tudo era muito barato. Os edifícios altos eram raros. A alimentação muito boa, à base de carne, com destaque para os assados de carneiro da Patagônia, segundo informavam.



As “desbravadoras” com o argentino Aguirre.

Chamou a atenção um cavalo muito bonito, porte elegante, parecia até vaidoso, mas relegado a puxar uma carroça cheia de legumes e belíssimas uvas.

Após essa viagem, Noilde voltou três vezes a Buenos Aires, sem nunca se arrepender, porém, sem jamais reencontrar aquela cidade esfuziante de alegria que vira pela primeira vez. Durante o governo militar, na década de 80, lá chegou, viajando no navio Funchal. No grupo que saía de Natal estava sua querida prima Nicinha (Eunice Pessoa da Cunha Lima). Quis mostrar-lhe o metrô e, ao perguntar a um portenho qual a direção para a Estação Evita Peron, recebeu uma seca e monossilábica resposta, dando a impressão de que esse nome era proibido ser pronunciado.

A mais recente viagem à Argentina foi em 2002, quando o país estava em forte crise econômica. Com todas as dificuldades existentes, ela considera que Buenos Aires é sempre uma boa cidade para se visitar, pelas suas belezas, pela elegância das pessoas, pela musicalidade reinante, pelos *shows* de tango, pelas galerias, enfim, por uma variedade de opções que agradam o bom gosto dos que vão em busca de lazer e de ótimos programas que lhes acrescentem alegria e cultura.

## NATAL–RIO DE HIDROAVIÃO

Aconteceu logo depois do término da Segunda Guerra Mundial. Noilde Ramalho e Helena Furtado, em férias, foram ao Rio de Janeiro, viajando em um hidroavião da empresa Aerogeral. Fizeram duas amerissagens no Rio São Francisco, uma delas na cidade de Petrolina. Na amerissagem, Noilde diz que ocorria uma intensa vibração e sacudia bastante, parecia até que o avião ia se partir em pedaços. Semelhante a um barco, jogavam cordas e âncora para fazer o aparelho se posicionar para embarque e desembarque.

Noilde e Helena embarcaram no navio Comandante Ripper de volta a Natal. As duas fizeram amizade com o Comandante do navio, com quem Noilde chegou a dançar nas festas a bordo. Ela faz questão de assinalar que essa aproximação com o Comandante do navio ficou limitada pelas “Normas Regimentais” de conduta, aprendidas desde a infância e adolescência através de lições que seus pais sabiamente lhe ensinaram.

## MOSSORÓ

Foi em 1983. O Prefeito Dix-Huit Rosado convidou Noilde Ramalho e a Escola Doméstica para participarem das festividades do 30 de setembro, data importantíssima para a cidade.

Noilde sempre manteve grande admiração pela gente mossoroense, sua bravura, seu amor à terra e seu pioneirismo. Além disso, a Escola Doméstica costumeiramente era escolhida por muitas famílias mossoroenses para trazerem suas filhas, a fim de vivenciarem o seu diferenciado projeto pedagógico.

Em 30 de setembro de 1883, portanto, 5 anos antes da promulgação da Lei Áurea, em que a Princesa Isabel abolia a escravidão no Brasil, Mossoró, através da sua sociedade organizada, à frente o líder Romualdo Lopes Galvão, alforriava todos os seus escravos, passando a cidade, também, a ser “território livre” para quantos lá chegassem em busca da libertação. Aquele foi um dia de muitas festas, de muita vibração cívica e de manifestações de orgulho pela decisão unânime de tornar livre o município de Mossoró da vergonha da escravidão.

Desde 1913, por Lei Municipal, o 30 de setembro é feriado e tem sido a maior data cívica da cidade de Mossoró.

Aquele 30 de setembro de 1983 era, portanto, um pouco diferente, pois assinalava o primeiro



O Comandante do navio, com quem Noilde dançou a bordo, vindo do Rio de Janeiro.

centenário do acontecimento histórico em que Mossoró se antecipava ao proferir o grito de liberdade e de igualdade para todos, independente da origem étnica das pessoas. A Prefeitura e o povo mossoroense prepararam uma festa grandiosa para as comemorações do Centenário.

Ela guarda bem viva na memória aquele 30 de setembro de 1983, não só pelas festividades, recepções, solenidades, pelo desfile da Escola Doméstica com sua banda de percussão, mas, sobretudo, pela vibração cívica do momento, a alegria dominante, o sentimento de amor e de orgulho pela cidade, que envolvia todos, chegando a dominar de emoção os visitantes.

Além do pioneirismo na Abolição da Escravatura, Mossoró também é pioneira no voto feminino, pois foi lá que a professora Celina Guimarães Viana tornou-se a primeira eleitora da América do Sul, em 1927, fato que representa um marco da valorização da mulher, motivo maior da existência da Escola Doméstica.

Noilde põe essa viagem entre as mais significativas da sua vida, pelas lembranças fortes dos instantes vividos, pelo carinho com que a Escola Doméstica foi recebida pelo Prefeito Dix-Huit Rosado e pela população, bem como, pela data histórica de um evento que é orgulho não somente de Mossoró, mas de todo o Rio Grande do Norte.

Turismo na Terra Santa: em frente  
ao Castelo Notre Dame, em Jerusalém.





Viagem à Terra Santa, Cafarnaum.

## TERRA SANTA, PRIMEIRA VIAGEM

A primeira viagem à Terra Santa ocorreu em 1998, sob a orientação do Padre José Mário de Medeiros, tendo Noilde participado de mais duas excursões com o mesmo destino, em 1999 e 2000.

Saindo de Natal, o grupo foi para São Paulo, e daí tomou o avião para Roma, fazendo escala em Frankfurt, na Alemanha. Ao chegar ao hotel em Roma, às 23h30min, todos já exaustos pelas longas horas de vôo, dirigiram-se para os apartamentos a fim de repousarem. Qual não foi a surpresa do Padre José Mário, ao sair do elevador, no andar em que se encontrava, quando encontra no corredor Noilde Ramalho, com o rosto sorridente perguntando: “Padre, qual é a programação para esta primeira noite em Roma?” A bem da verdade, ele não acreditou no que estava ouvindo e disse: “Dona Noilde a senhora está brincando, não é?” Ela replicou: “Padre, eu quero aproveitar todo o tempo. Não vim a Roma para dormir, isso eu faço muito bem em Natal”.

De lá, o grupo embarcou rumo ao Egito, chegando ao Cairo, onde permaneceu por três dias, uma cidade de vinte milhões de habitantes que abriga quase toda a população egípcia. Essa cidade possui cerca de mil mesquitas. Noilde diz que a capital do Egito lhe pareceu muito barulhenta, um trânsito caótico, porém, há lugares interessantíssimos para se visitar. Como exemplo, foi fascinante a visita ao Museu Egípcio, onde riquíssimo acervo histórico e artístico pode ser visto e apreciado, destacando-se as estátuas, como a do Faraó Quéfren (IV Dinastia), em diorito negro. Os sarcófagos são exponenciais na sua representação do esplendor de uma época. Entre tantos outros, a atenção se detém no sarcófago de Tutancâmon, do último período da XVIII Dinastia (1361-1352 a.C.), resplandecente trabalho artesanal, feito com cerca de 200 quilos de ouro.

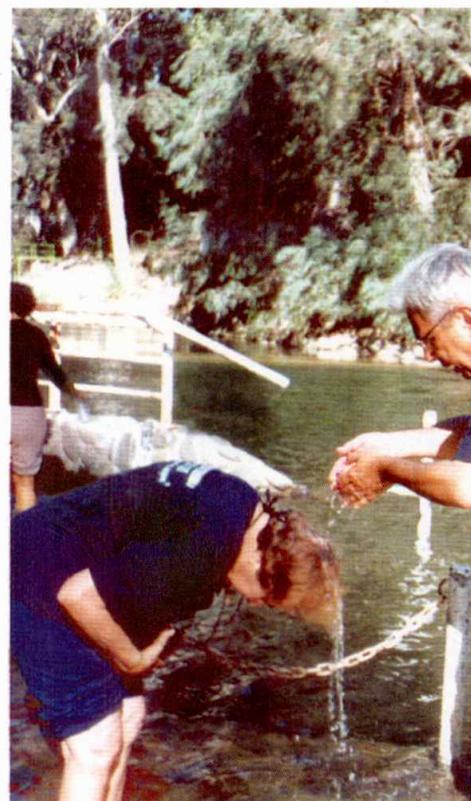
Uma das noites, por sinal de lua cheia, saíram todos para assistir ao belíssimo espetáculo de luz e som nas Pirâmides.

Durante o dia foram visitar as Pirâmides e a Esfinge. Noilde diz que são, realmente, impressionantes. Contudo, esperava que fossem mais altas. Ela não quis adentrar essas “maravilhas” construídas pelo homem em um passado longínquo, pois falava-se da possibilidade de contrair infecções causadas por fungos existentes no ambiente.

Agora, era a vez de ver quem subiria no camelo. Estavam todos hesitantes, quando ela disse: “Não tenho medo, nasci e cresci no interior, sempre gostei de andar a cavalo, que tem quatro patas como um camelo, não deve ser muito diferente, eu vou montar”. Ao lembrar do fato, Noilde ri e fala da experiência vivida: “O senhor que conduzia o camelo chamava-se Antonius, era um árabe bonito, elegante, muito elegante, parecia um cigano; tinha a pele queimada, tostada. E quando a pessoa sobe, monta no camelo, ele fica como se estivesse de joelhos; quando levanta a primeira perna, dá um solavanco medonho, na segunda sai melhor, no final é gostoso, divertido”. Após ela decidir pela montaria, outras pessoas aderiram à idéia.

O grupo saiu do Cairo com destino ao Monte Sinai, pelo deserto do mesmo nome, tendo antes atravessado o túnel sob o Canal de Suez. Noilde não subiu o Monte Sinai, onde, segundo a Bíblia, Moisés recebeu as Tábuas da Lei. Teve receio, pois alertaram que seria uma jornada cansativa, em caminho de muitas pedras. O Canal de Suez é uma parte estreita do Golfo de Suez, o qual é um braço do Mar Vermelho.

O rio Nilo foi visto sob forte impressão emocional, pois houve uma encenação e poesia declamada para



No rio Jordão, Noilde faz a renovação do batismo, oficiada por Padre José Mário, sob o olhar de Violeta.



exaltá-lo, como se fosse um enamorado, algo que está dentro do coração dos egípcios. Foi bela a exaltação que eles fizeram ao Nilo, e todos saíram com sentimento de que aquelas águas fazem verdadeiro milagre.

De ônibus, a excursão seguiu para Israel. No percurso, encontraram algumas montanhas, que, ao longe, mostravam pequenas manchas, as quais eram portas de cavernas. Em uma delas, visitada por algumas pessoas do grupo, tratava-se de residência de monges ortodoxos (mosteiro de São Jorge em Kosi-ba). Desde o início da Era Cristã estas cavernas ou grutas foram o refúgio de eremitas.

Na chegada a Jerusalém, Noilde pensou na família; gostaria que todos estivessem vivendo a mesma experiência. No grupo, entretanto, estava a sua prima muito querida Nicinha (Eunice Pessoa Cunha Lima), que, apesar da idade já avançada, participava ativa e alegremente de quase todos os programas, tendo ao lado, com muito desvelo, a filha Olindina Maria Cunha Lima Freire, que parecia mais um Anjo da Guarda.

Sob a orientação do Padre José Mário de Medeiros, começou a visita aos pontos que mais interessam aos cristãos em Jerusalém, pois a cidade é centro de peregrinação também para judeus e muçulmanos. A partir da Guerra dos Seis Dias, em 1967, a cidade, que conta com cerca de 500.000 habitantes, passou a ser dominada por Israel, sendo hoje a capital do país. Antes, desde a criação do Estado de Israel, em 1948, Jerusalém estava dividida em uma zona jordaniana e outra, israelense. Os lugares santos estão sob a jurisdição das três religiões monoteístas.

Em seu livro “Topônimos da Terra Santa”, com muita propriedade, Padre José Mário de Medeiros se refere a essa cidade:

Rodeada pelas colinas da Judéia, Jerusalém reina sobre todas as cidades do mundo. Seu reino não tem nada de material. Sua grandeza reside em ter sido eleita por Deus, há mais de 30 séculos, para proclamar a Santidade de Seu nome como baluarte da fé monoteísta.

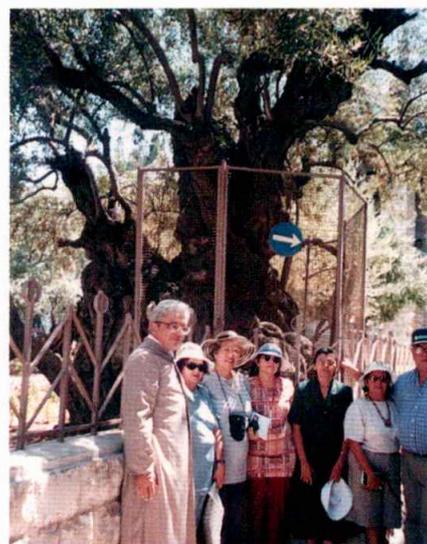
(...)

Ela é a capital religiosa da metade da raça humana. Para os judeus, ela é o símbolo do seu passado glorioso e a esperança do seu futuro. Para os cristãos, ela é a cidade dos últimos ensinamentos de Jesus, aquela que o viu morrer e ressuscitar. Para os muçulmanos, é a cidade onde o profeta Maomé, acredita-se, ascendeu aos céus. Jerusalém, fonte de fé e paz, a mais sagrada cidade do mundo, tem sido também uma cidade de terror, guerra e sangue.

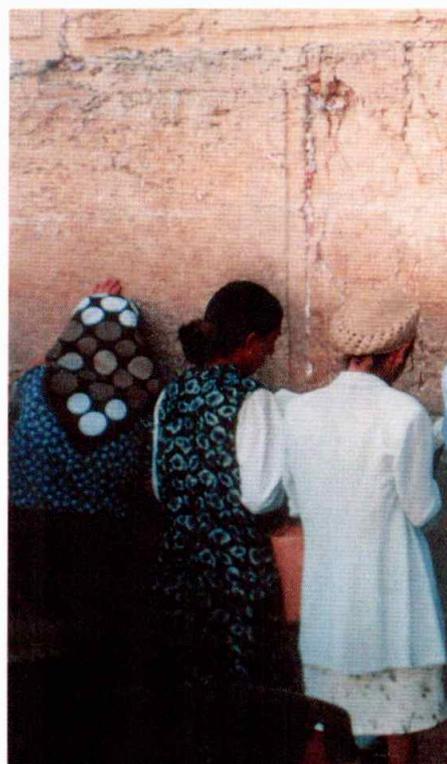
*(MEDEIROS, 2000, p.54)*

A primeira visita foi à Basílica do Santo Sepulcro, com fachada em estilo românico. Os muçulmanos são os porteiros da Basílica. A parte reservada aos cristãos é bem pequena. A Pedra da Unção, de cor rosa, tem 2,70 metros de comprimento, 1,30 metros de largura e 30 centímetros de altura. Nessa pedra, José Arimatéia e Nicodemos prepararam o corpo de Jesus para levarem à sepultura.

O Muro das Lamentações também foi visitado, local de profunda religiosidade do povo judeu. Separados, homens e mulheres fazem suas orações. Noilde conta um fato engraçado ocorrido com ela no Muro das Lamentações: “Lá, o costume é rezar em voz alta, homens para um lado, mulheres para outro. Fiquei perto de duas judias, uma de preto,



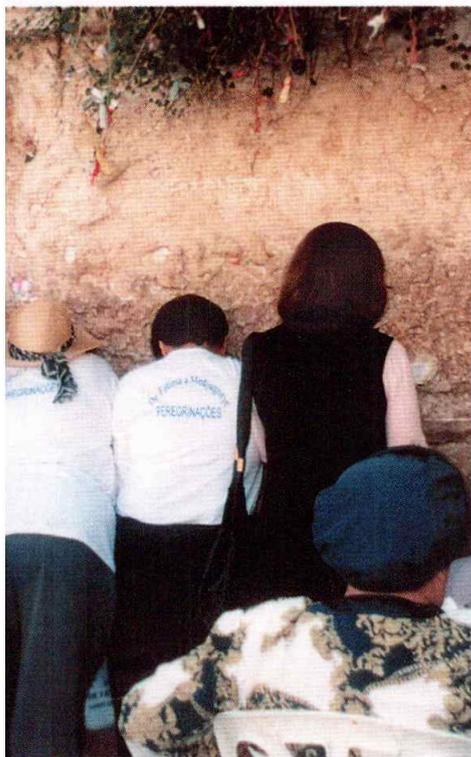
Padre José Mário lidera o grupo na visita ao Monte das Oliveiras.



Noilde Ramalho (usando chapéu com fita) conversa com Deus, em voz alta, no Muro das Lamentações, Jerusalém.



Noilde apanhou da calçada e guardou esse ramo de oliveira, caído de uma árvore da época de Jesus, no Monte das Oliveiras, em Jerusalém.



toda enrolada. Aí, comecei a ter vontade de falar com Deus, como todos estavam fazendo: pensei que Ele não fosse me ouvir a linguagem do coração. Cada pessoa do grupo tomou seu lugar e eu pensei que todos estivessem afastados. Passei a rezar e a pedir perdão a Deus por algumas faltas cometidas, que eu interpretava como pecados. A gente vai entrando no clima, envolvendo-se e se entusiasmando com o ritual do lugar e começa a falar com Deus em voz alta, certa de que as pessoas vizinhas nada estavam entendendo. Acontece que Ninita, com medo de se perder, havia voltado e ficado bem perto de mim. Surpreendida, ao vê-la tão próxima, eu disse: menina, você estava aí? Agora vai ter de guardar segredo. Foi motivo de muito riso.”

Em Jerusalém, o grupo ainda visitou o Getsêmani, a Igreja das Nações, onde estão representadas as características religiosas de diversos países, construída entre 1919 a 1924. Fica no Monte das Oliveiras, ao Leste de Jerusalém. O Brasil está representado por um quadro de Nossa Senhora Aparecida. Do Monte das Oliveiras se tem uma visão da parte antiga da cidade de Jerusalém, divisando-se as colinas da Judéia até o Mar Morto. O Monte das Oliveiras tem importância para os judeus, porque lá foram sepultados os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias. Por outro lado, para os cristãos é local de acontecimentos significativos na vida de Jesus Cristo. No Monte das Oliveiras, Jesus chorou pela humanidade e ensinou a rezar o Pai Nosso. Foi local preferido para Seus recolhimentos, meditações e orações. Além dos lugares já referidos, o grupo ainda visitou os seguintes locais históricos e religiosos: Muralhas de Jerusalém, Vale do Cedron, Cidadela de Davi, Torre Antônia, Via Dolorosa, Arco Ecce Homo, Capela da Flagelação, Basílica do Santo Sepulcro, Mesquita El-Aqsa, Cenáculo, Monte Scopus.

Em todas essas visitas Noilde era quem mais demonstrava interesse em saber detalhes históricos e religiosos.

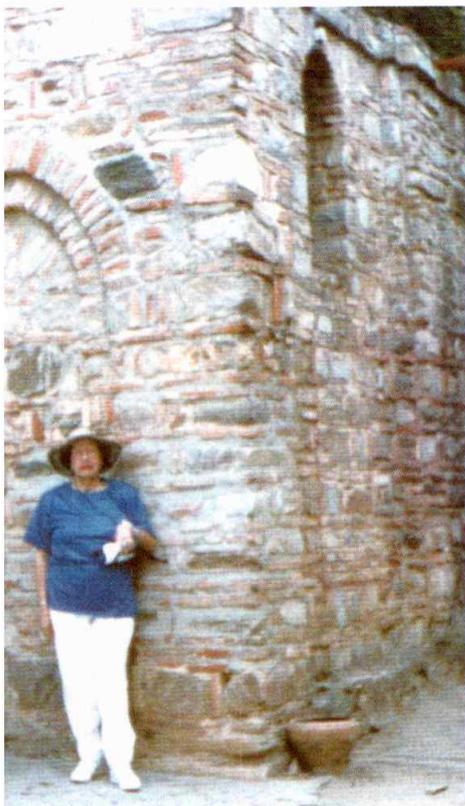
Saindo de Jerusalém, viajando nove quilômetros para o sul, o grupo chegou a Belém, cidade com cerca de 30.000 habitantes, onde Jesus nasceu em uma de suas grutas.

Nessa etapa da viagem, a Igreja da Natividade foi o local que mais emocionou. A Igreja tem formato de uma cruz de 60 metros de comprimento e 30 metros de largura. Na página 44 do livro “Topônimos da Terra Santa”, do Padre José Mário de Medeiros, onde é descrita a Igreja da Natividade, lê-se: “Duas pequenas entradas conduzem à Gruta da Natividade, que tem forma retangular e é iluminada por 48 candelabros. Uma estrela de prata com a inscrição em latim “Hic de Maria Virgine Jesus Christus natus est” (Aqui nasceu Jesus da Virgem Maria) assinala o lugar do nascimento de Cristo. A Santa Manjedoura está situada à direita. A rocha primitiva, enegrecida pela fumaça das velas e candelabros, pode ser vista acima da manjedoura. O teto original da gruta foi substituído por outro de alvenaria, no século IV. As paredes foram revestidas de amianto à prova de fogo, ofertado pelo Marechal Mac Mahon, Presidente da França, em 1874”.

Dois episódios que ocorreram durante a viagem são narrados pelo Cônego José Mário de Medeiros, os quais relacionam-se com a personalidade de Noilde Ramalho. Em Jerusalém, estava o grupo visitando a Mesquita El-Aqsa, construída entre 705 e 715, tendo sido restaurada em 1035 pelo Califa do Egito El-Zahir, quando Noilde Ramalho foi cercada por um grupo de crianças de uma escola. Sem ela falar árabe, nem as crianças português, ficaram por alguns momentos em perfeita comunicação, usando a linguagem do



Casa do apóstolo João, onde Nossa Senhora viveu após a morte de Jesus Cristo.



afeto que brota da pureza de sentimentos. O outro episódio ocorreu na Mesquita de Hebron, chamado em árabe Haran el-khalil (Santuário do Amigo). Ali, um senhor muçulmano de certa idade, com ares do velho Abraão, cujo cenotáfio lá se encontra, ao perceber a chegada de Noilde, imediatamente, dirigiu-se ao grupo e assim falou: “Aquela senhora tem ares de nobreza e passos de rainha”.



No Vaticano, em frente à igreja que tem Dom Eugenio de Araujo Sales como titular. No grupo, o atual Arcebispo de Natal, Dom Matias Patrício de Macêdo.



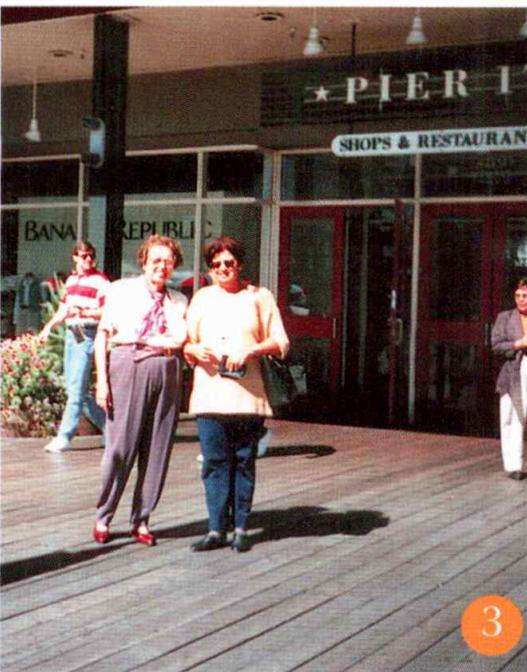
1

Foto 1  
Noilde dançando nas ruas de Santiago de Compostela.



2

Foto 2  
Com amigas em Nova York.



3

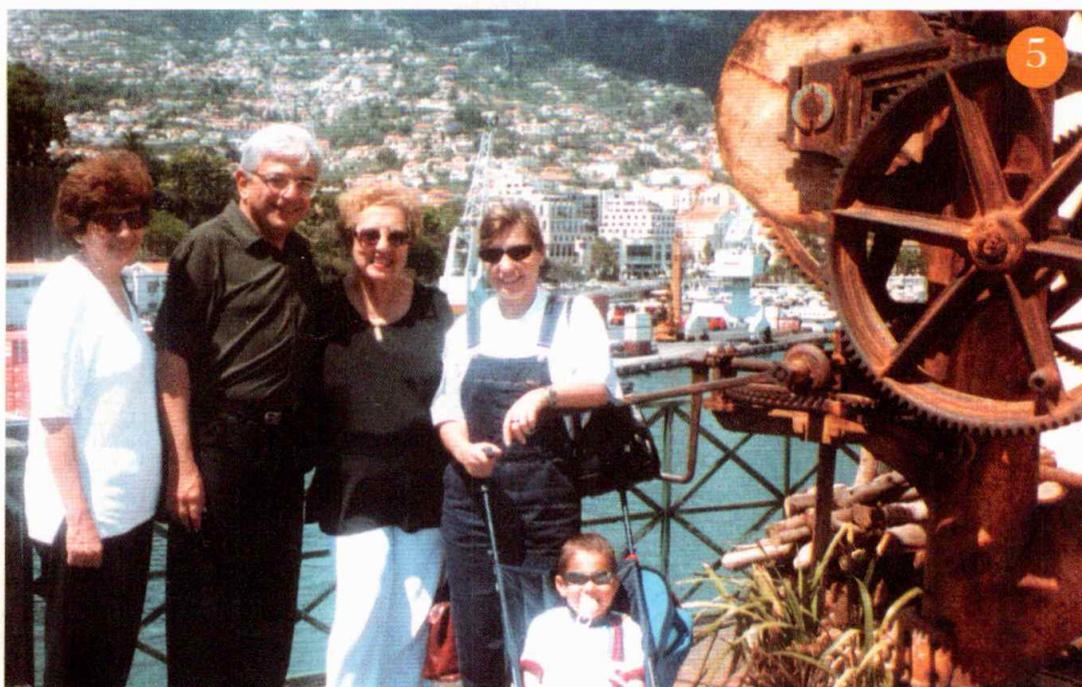
Foto 3  
Em Quebec, no Canadá.



4

Foto 4  
A descontração nas ruas de Atenas.

**Foto 5**  
Ilha da Madeira



**Foto 6**  
Vaticano: Padre José Mário, Terezinha Fonseca, Noilde e Lida.



**Foto 7**  
Nas ruas de Óbidos, Portugal.

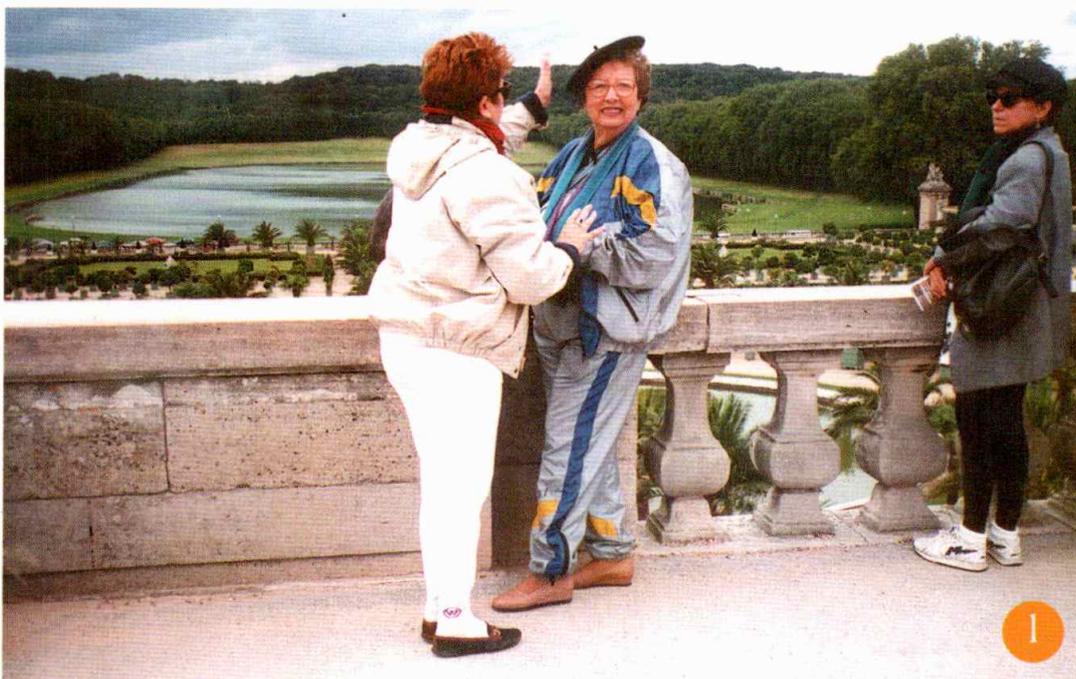


**Foto 8**  
Basílica de São Pedro - canonização do Pe. Pio.



**Foto 9**  
Em visita a Martins-RN, apreciando o artesanato local.

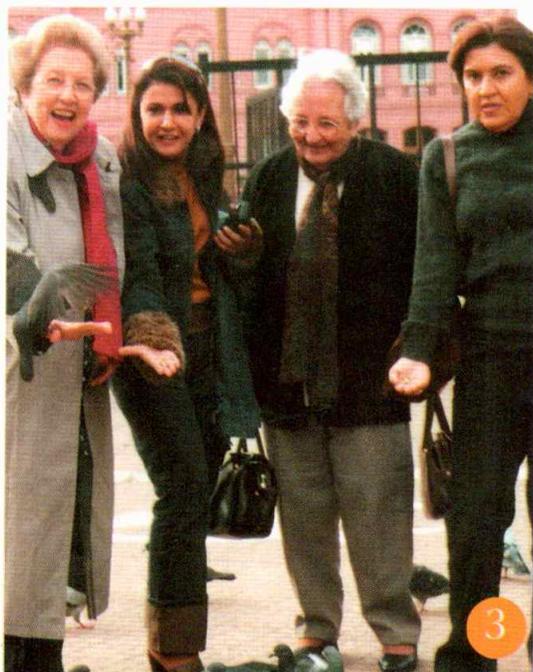




**Foto 1**  
Apreciando os jardins do Palácio de Versalhes.



**Foto 2**  
Central Park, Nova York, com um grupo de estrangeiras.



**Foto 3**  
Casa Rosada, Buenos Aires, com Márcia, Haydée e Sônia.



**Foto 4**  
Com a amiga italiana Lida, na cidade de Padre Pio.

**Foto 5**

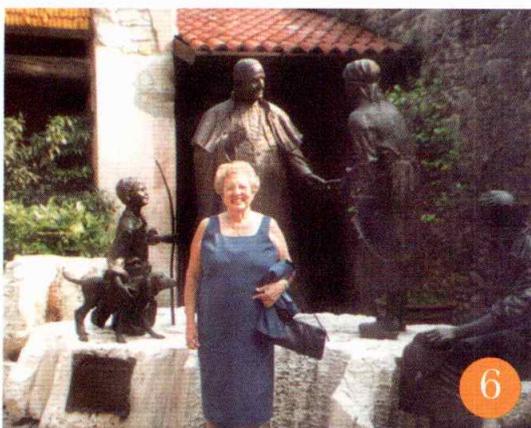
Viagem no Funchal para a Argentina. No grupo: Jessé Filho, José Dantas, Aline, Nicinha, José Garcia, Zélia Garcia, Onofre Lopes, Kleber Moraes, Noilde, entre outros.



5

**Foto 6**

Casa onde nasceu João XXIII, transformada em museu. Sotto Il Monte, cidade italiana.



6

**Foto 7**

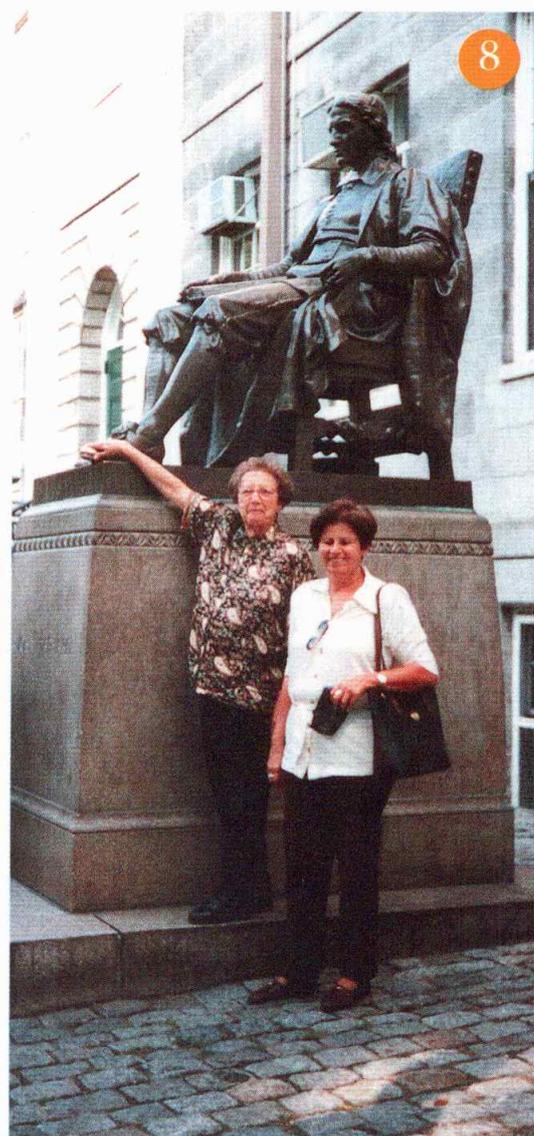
Em passeio de navio pelo mar da Galiléia.



7

**Foto 8**

Visita à Universidade de Harvard, com Naire.



8

Prédio onde funcionou a  
Escola Doméstica, de 1914 a  
1952, localizado na Praça  
Augusto Severo, Ribeira.



# Capítulo IX

“That little man... he says women can't have as much right as men, cause Christ wasn't a woman. Where did your Christ come from? From God and woman. Man had nothing to do with Him.”

*Sojourner Truth (1797-1883)*

*Feminista e abolicionista americana – Durante a Convenção sobre os Direitos das Mulheres – Akron, Ohio – USA – 1851.*



## A Escola Doméstica de Natal e As Ecoles Ménagères na Suíça

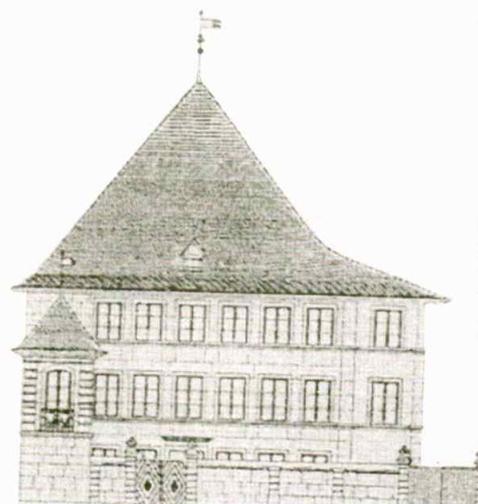
## Introdução

A criação da Escola Doméstica de Natal, em 1º de setembro de 1914, constituiu evento de absoluto pioneirismo, haja vista que o ensino dedicado às mulheres, com ênfase no lar e na família, havia iniciado na Europa poucos anos antes. Historicamente, os avanços em qualquer área da atividade humana, vindos dos países mais desenvolvidos, chegavam ao Brasil, primeiramente, através de Estados do Sul e Sudeste, ficando o Nordeste quase sempre a reboque. Não por incapacidade dos nordestinos, porém por dificuldades inerentes às desvantagens estruturais que sempre acompanharam essa importante região do país. A regra foi quebrada, de forma magistral, no início do século XX, com a instalação, no Rio Grande do Norte, da primeira escola do Brasil voltada para o ensino doméstico, tendo a família como o objetivo maior do seu projeto pedagógico. Um homem de mente privilegiada e de sentimentos benfazejos, de idéias avançadas, impregnado pela vontade de ser útil à coletividade, de forma desprendida, estava na origem desse desiderato audacioso.

Deus presenteou o Rio Grande do Norte, fazendo nascer aqui Henrique Castriciano de Souza, poeta, escritor, intelectual possuidor de larga e profunda erudição, que foi o idealizador e fundador da Escola Doméstica de Natal. Ele estava convicto da necessidade de alçar a mulher do ostracismo, de oferecer-lhe digna e merecida educação, para que reformas sociais importantes acontecessem, atreladas às mudanças que, certamente, haveriam de ocorrer no âmbito dos lares e das famílias.

A fim de melhor estruturar e consolidar suas idéias sobre a educação doméstica, Henrique Castriciano viajou à Europa, no ano de 1909, embarcando em um navio na cidade de Recife. Foi, especialmente, para a Suíça, país que estava na vanguarda do ensino doméstico, porquanto o próprio governo havia

A Ecole Ménagère, de Fribourg, Suíça, em 1900.  
Fonte: Referência 121



decidido apoiar o movimento feminista que reivindicava essa ação valorizativa da mulher. A Ecole Ménagère de Fribourg, uma das primeiras a ser criada na Confederação Helvética, serviu de ponto de referência e observação, da qual o poeta Castriciano recebeu subsídios que serviram de ilustração ao seu inovador projeto educacional. É oportuno dizer que a Ecole Ménagère de Fribourg não foi copiada em Natal, embora tenha sido a experiência concreta que atraiu o olhar e a emoção do poeta e educador norte-rio-grandense. Inicialmente, a orientação européia se fez presente, até porque duas professoras formadas na escola de Fribourg vieram participar da fase de implantação, além de outras estrangeiras que se alinharam entre as que ajudaram os primeiros passos da Escola Doméstica de Natal. Rapidamente, entretanto, houve total adaptação à cultura brasileira, e, especialmente, aos hábitos e “*modus vivendi*” dos nordestinos, o que garantiu autenticidade à nova escola e, conseqüentemente, a possibilidade de crescer e de perpassar o tempo, sendo hoje uma Instituição quase centenária.

Assim, para uma compreensão melhor do contexto histórico que envolveu a criação da Escola Doméstica de Natal, é importante uma breve retrospectiva do ensino doméstico na Suíça, com ênfase à fase inicial da implantação das Ecoles Ménagères.

### “ECOLE MÉNAGÈRE” NA SUÍÇA

No fim do século XIX, as feministas reivindicavam, na Suíça, o ensino doméstico obrigatório para todas as moças do país. O objetivo era, de forma imediata, preparar as mulheres para a luta contra o alcoolismo, a tuberculose e a mortalidade infantil.

Nessa época, a sociedade industrial começa a levar as trabalhadoras para as fábricas e usinas. As associações femininas identificam esse processo



como uma ameaça, interpretando como um crime social, quando as esposas e mães deixavam suas casas para ingressarem em um trabalho árduo e de remuneração inexpressiva. Representava o sacrifício do lar em favor dos interesses da indústria. O pensamento era de que a família seria prejudicada sensivelmente e, com o passar dos anos, seriam grandes os malefícios à sociedade. Portanto, alguma coisa deveria ser feita para mudar essa situação de degradação do papel feminino, em atendimento aos interesses da própria comunidade.

Em 1888, foi fundada a Sociedade de Utilidade Pública das Mulheres Suíças, que logo deu início à reivindicação do ensino doméstico obrigatório nas escolas, a fim de devolver à mulher seu papel de depositária da felicidade e da moralidade da família. Essa idéia se disseminou pelos diversos cantões suíços. Propagava-se a mensagem de que as mães deveriam tornar seus lares agradáveis, atraentes, fazendo com que os maridos deixassem o alcoolismo e não se degradassem nos bordéis. Ao mesmo tempo, as alimentações mais adequadas, além da higiene mais correta, seriam fatores impeditivos da disseminação da Tuberculose (sério problema à época), bem como, da diminuição da mortalidade infantil. A Sociedade de Utilidade Pública das Mulheres do Cantão de Vaud, em 1901, divulgou a seguinte mensagem: “A bem dizer, e sem a mínima megalomania, a ciência do lar, compreendida na sua mais larga aceitação e no sentido mais elevado da palavra, está na base das sociedades, instrumento de ser melhor, ferramenta de higiene, agente de concordância e moralidade. Tanto vale a mulher, quanto valerá a família e a sociedade”.

<sup>1</sup> Além de outras fontes, as informações sobre as Ecoles Ménagères, especialmente da escola de Fribourg, foram obtidas através da Embaixada da Suíça no Brasil. Há de se ressaltar o empenho da senhora Marília Serra, responsável pelo setor cultural da Embaixada, que disponibilizou precioso material informativo advindo, por solicitação, do Cantão de Fribourg. Por feliz coincidência, Marília Serra é sobrinha-neta da ex-Diretora da Escola Doméstica de Natal, Amélia Bezerra Filha.



Correspondência da Embaixada da Suíça no Brasil, reportando-se ao envio de documentos sobre a Ecole Ménagère de Fribourg<sup>1</sup>.

Uma das primeiras escolas domésticas da Suíça foi a Ecole Ménagère de Genebra, fundada em 1893. Diante da imobilidade das autoridades, a Sociedade de Utilidade Pública das Mulheres Suíças abre escolas domésticas em várias cidades. Porém, era preciso apoio financeiro. A sociedade, então, pressiona a Confederação por esse apoio, à semelhança do que já se fazia para os cursos profissionais masculinos. Por que não oferecer suporte financeiro para os cursos profissionais femininos? E, finalmente, a vitória das reivindicações feministas se efetivou, com o anúncio, a 30 de dezembro de 1895, do apoio oficial: “A Confederação, visando a desenvolver o ensino de economia doméstica e da instrução profissional que será dada à mulher, subvencionará as empresas e os estabelecimentos existentes ou a ser criados, que tenham esse objetivo”.

Estava, assim, lançado o ensino doméstico na Suíça, no final do século XIX. Todavia, ele se dispersa de diferentes maneiras: cursos itinerantes rurais, cursos noturnos para operárias, classes populares, escolas domésticas e escolas normais para formar professores especializados. A exemplo do que já estava acontecendo em diversos países europeus, várias associações se mobilizam. Em 1897, dois anos após a decisão federal, a Sociedade de Utilidade Pública das Mulheres Suíças decide pressionar ainda mais e envia, a todas as autoridades cantonezas, petição para que o ensino doméstico obrigatório se efetive. Porém, a princípio, somente Fribourg responde positivamente.

Entretanto, não houve, de imediato, aprovação geral ao ensino doméstico obrigatório. A burguesia entendeu que esse princípio de ensino iria usurpar o domínio da família. Suspeitou que ele quisesse revolucionar o “*savoir-faire*” tradicional.

O ensino doméstico então proposto deveria ser múltiplo, prático e teórico, cobrindo um leque de

funções de organização, prevenção, competências econômicas e sociais. Era preciso informar às mulheres das descobertas científicas, ensiná-las a usar técnicas e aparelhos modernos, além de torná-las consumidoras conscientes. Para isso, era necessário ensinamentos de Biologia, Química, Física e noções de Medicina, incluindo Puericultura e Higiene.

Em 1941, treze cantões suíços tinham Escolas Normais de Educação Doméstica, destinadas a formar professoras para atuarem no nível secundário. Elas pertenciam ao Estado, a Instituições Religiosas ou às Sociedades Femininas. Os estudos variavam em ofertas de disciplinas e em duração, que oscilava de 1 a 3 anos.

Em 1953, o ensino doméstico, oferecido na escola regular, é obrigatório em 18 cidades suíças, quando se estende ao sexo masculino, mas perde espaço e já não ocupa posição de vanguarda.

Na década de 70, a obrigatoriedade sofre modificações, com a recomendação da Conferência Suíça dos Diretores Locais da Instrução Pública para que o ensino doméstico se adequasse às prioridades das áreas principais. Em 1981, a mesma entidade solicita que o ensino de todas as disciplinas seja misto.

## FRIBOURG – A ESCOLA PIONEIRA

O ensino doméstico na Suíça floresceu a partir da experiência da Ecole Ménagère de Fribourg, onde Henrique Castriciano encontrou as informações e a motivação para criar a Escola Doméstica de Natal.

As mulheres da boa sociedade ficaram convencidas, antes do século XX, da necessidade de uma educação global para moças, a fim de que elas pudessem exercer bem o papel de promotoras de uma melhor qualidade de vida. As mulheres de Fribourg, da aristocracia e burguesia, mobilizaram-se, no final do século XIX, em favor de um ensino doméstico



O Embaixador da Suíça no Brasil é recebido na Escola Doméstica por Noilde Ramalho, Otto Guerra (à esquerda) e Osório Dantas (à direita).

“Era preciso informar às mulheres das descobertas científicas, ensiná-las a usar técnicas e aparelhos modernos, além de torná-las consumidoras conscientes.”



obrigatório. Era preciso lutar contra a depravação dos costumes, ocasionada pelo mundo das fábricas, frear a crise do casamento e o êxodo rural.

Em 1898, Mme. Marie Sophie Emilie de Gottrau-Wetteville fundou a Ecole Ménagère de Fribourg, destinada a formar instrutoras para essa área, dando à escola uma dimensão internacional. É interessante destacar que Mme. de Gottrau-Wetteville utilizou de seus próprios bens e riquezas em benefício de sua principal obra, a Escola Doméstica da rua Morat (Fribourg), que ela fundou através de generosas doações e de sacrifícios pessoais. Seis anos depois, Fribourg promulga uma lei que torna obrigatória às jovens a freqüência aos cursos de aperfeiçoamento doméstico, após o fim da escola primária. Foi a primeira lei na Suíça, tornando obrigatório o ensino doméstico, promulgada em 10 de maio de 1904. A formação prática doméstica era, portanto, um complemento e o coroamento da instrução primária.

Dessa Ecole Ménagère vieram as duas romenas, Héléne Bondoc e Jeanne Negulesco, para dar início às atividades da Escola Doméstica de Natal.

Em 1908, Mme. Gottrau-Wetteville organizou e presidiu o Primeiro Congresso Internacional de Ensino Doméstico, em Fribourg. O Comitê Internacional do Congresso contou com a participação da Rainha da Romênia, a Princesa da Baviera, a Duquesa da Rússia, além de M. Deucher – Vice-presidente do Conselho Federal e Chefe do Departamento da Indústria.

O Comitê Central de Organização estava constituído por:

- M. Georges Python, diretor da Instituição Pública do Cantão de Fribourg, Presidente do Conselho Estadual.

- M. Jean Brunhes, Reitor da Universidade, representante da Direção da Instituição Pública de Fribourg.
- Mme. Coradi-Stahl – Presidente da Sociedade Utilidade Pública das Mulheres Suíças, “*expert*” federal para o ensino doméstico – Zurique.

Esse Congresso representou um marco fundamental para o ensino doméstico, tendo sido criado um organismo internacional para coordenar as atividades dessa área educacional, com sede em Fribourg, onde permaneceu até 1931.

Para que o ensino doméstico acontecesse nas escolas regulares, era preciso dotá-las do mínimo necessário para essa finalidade. Desse modo, precisava dispor de cozinha, espaços físicos para refeitório, sala de passar roupa, lições de corte e costura, etc. Não era necessário, entretanto, ser sofisticado, deveria ser simples, como se fosse o prolongamento do lar. As comunidades se organizaram e ajudaram o Poder Público a implementar essas instalações e benfeitorias.

Apesar do sucesso, foram muitas resistências a ser vencidas. Por que substituir, a altos custos, a função educativa das famílias? Os pais viam com maus olhos suas filhas se ausentarem do trabalho no campo e nas fazendas. Enfim, foram muitos os obstáculos que surgiram contra o ensino doméstico obrigatório.

O ensino na Ecole Normale Ménagère de Fribourg, para a formação de instrutoras, era muito mais completo, havendo disciplinas de Química, Biologia, noções de Medicina, Língua Estrangeira, além de Higiene, Puericultura, Prevenção de Doenças, Alimentação, Cozinha, Horticultura e outras.

As qualidades requeridas para a profissão de professores de Economia Doméstica contemplavam

Apesar do sucesso, foram muitas resistências a ser vencidas. Por que substituir, a altos custos, a função educativa das famílias? Os pais viam com maus olhos suas filhas se ausentarem do trabalho no campo e nas fazendas.

os seguintes requisitos:

- aptidões físicas, psíquicas e intelectuais necessárias aos diferentes graus de ensino;
- qualidades morais, altruísmo e consciência profissional;
- elocução fácil, senso pedagógico, segurança, ser dinâmica, equilibrada, estimulante e feliz;
- clareza de espírito e facilidade de comunicação com crianças, paciência, facilidade de adaptação às diferentes idades e nível dos alunos;
- interesse pelos problemas pedagógicos e sociais;
- habilidade manual, senso estético, imaginação, senso de organização.

Os mestres, assim especializados, deveriam desenvolver nas alunas as seguintes habilidades:

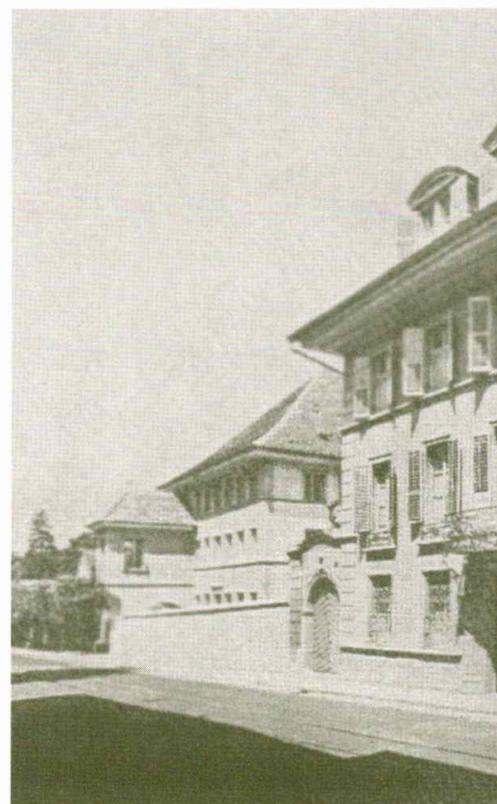
- oferecer às jovens os meios de exercer um papel ativo no âmbito familiar;
- desenvolver seus espíritos de iniciativa e lhes dar a possibilidade de assumir responsabilidades;
- desenvolver a criatividade, o senso do belo e habilidade manual;
- escolher e difundir informação útil às jovens nos seguintes domínios: alimentação, higiene, vestimentas, habitação, vida familiar;
- ensinar noções de trabalho racional visando à economia de forças, tempo e dinheiro.

O trabalho incessante das associações femininas e o impacto fantástico do Congresso de 1908

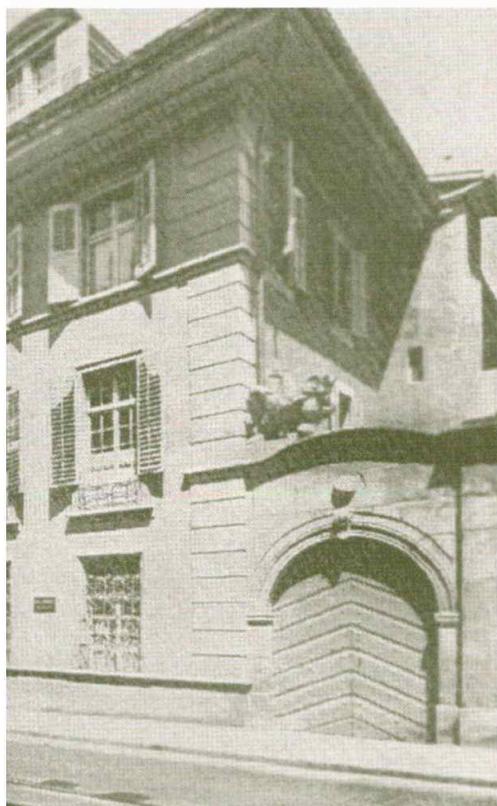
projetaram Fribourg dentre as cidades mais distinguidas, na Suíça e na Europa, no ensino doméstico. A Escola Doméstica de Fribourg passou por algumas mudanças administrativas que merecem destaque. Em 1900, recebeu apoio do Conselheiro de Estado George Python e da Sociedade Friburguense de Utilidade Pública, instalando-se em nova sede, à rua Morat, sob o nome de Ecole Normale Ménagère. Em 1919, por interferência de Python, a Direção da Escola é confiada à Congregação de Santa Úrsula, que somente deixou essa missão em 1986. Em 1987, o Conselho Estadual aprova a aquisição pelo Estado do patrimônio da Associação de Escola Normal Doméstica de Fribourg. A partir dessa decisão, a Ecole Normale Ménagère tornou-se Ecole Normale Cantonale, com duas formações, uma voltada para o ensino infantil e outra, para a economia familiar.

Atualmente, na Suíça, a ênfase é dada à economia doméstica familiar, a qual deve se inserir no projeto global da educação geral e social. Não se focaliza mais na cozinha, porém na íntegra do ensino da prevenção, da educação para o consumo, para a cidadania. Não há separação por sexo. Os professores e professoras de Economia Familiar precisam agora ministrar outras disciplinas (Línguas Estrangeiras, Educação Física, etc.). Esses profissionais devem ter uma formação generalista.

Agora, o direcionamento é para a exigência de diploma universitário para ser professor de Economia Familiar. Os professores estão se reciclando nas universidades, optando por algumas disciplinas correlatas com essa área.



Ecole Normale Cantonale, Fribourg, Suíça, em 1989. Fonte: Referência 121.



## A VISITA DE HENRIQUE CASTRICIANO À ESCOLA DE FRIBOURG

Em sua viagem à Europa em 1909/1910, Henrique Castriciano foi visitar a Ecole Ménagère de Fribourg, na busca de ampliar seus conhecimentos sobre a Educação Doméstica, que ele sonhava em implantar em Natal. Eis o que ele diz sobre essa visita, em sua magistral conferência "A Educação da Mulher", pronunciada no dia 23 de julho de 1911, quando da instalação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte:

(...)

A este respeito seja-me permitido dizer alguma coisa sobre o que vi em Friburgo. O que mais me interessou alli não foi o contraste, muito curioso, aliás, de duas línguas, a francesa e a alleman, traçando, por assim dizer, o limite dos dois bairros em que se divide a cidade, a capital de um cantão limitrophe de dois outros, tão diferentes entre si, o cantão de Berne e o de Vaud, a raça gauleza e a germanica, com religiões diferentes, com idiomas diversos, mas com um só destino - a afirmação cada vez mais real, do paiz a que pertencem. Ao penetrar a Escola Normal Ménagère de Friburgo, senti logo o encanto, o bem estar que dá a casa suissa, em que, não raro, a decoração vegetal imprime uma nota pacificante de bucolismo, dando ao espirito do hospede um como aviso de tranquilidade, de trabalho silencioso, de ternura forte.

A directora, alta, robusta, muito a vontade no seu avental de dona de casa,



Mme. Marie Sophie de Gottrau-Wetteville, fundadora da Ecole Ménagère de Fribourg, Suíça.  
Fonte: Volanther, Hugo, 1989.

enquanto me mostrava os diversos compartimentos da escola, ia respondendo, com bondade, sem constrangimento, as perguntas que eu fazia, lisongeadada talvez com a minha admirada curiosidade.

Começamos, naturalmente, pela sala, simples e assejada e passámos a ver o gabinete, ainda mais simples, apenas com alguns livros de sciencia doméstica, as salas de jantar e de costura, o recinto das aulas, o dormitorio, o pequenino laboratorio de chimica e physica, o museu escolar, as secções de lavagem e engommado, a copa, a cosinha, o galinheiro, o jardim, o pomar.

Em cada canto eu ia recebendo uma lição, arrastando a minha inferioridade ao pé daquela senhora despretenciosa quase humilde, sem vestidos complicados, mas com profunda cultura e admiravel intuição da vida. Penetrei a sala de medicina e hygiene, no momento em que o professor terminava a prelecção do dia. As moças ouviam-no religiosamente; algumas ras-cunhavam notas.

Ao sairmos, a directora<sup>2</sup> me disse ser um curso muito simples de physiologia, principalmente de physiologia alimentar pois que é indispensável à boa dona de casa conhecer o processo organico da assimilação e desassimilação.

Era de ver a naturalidade com que se passava de assumptos dessa ordem aos referentes à costura, ao engommado, à

---

<sup>2</sup> Tudo leva a acreditar que a “directora” referida por Henrique Castriciano é Mme. Marie Sophie Emilie de Gottrau-Wetteville, ícone maior do ensino doméstico da Suíça, na fase de implantação.

cosinha, à engorda de aves e até aos diversos meios de remendar e transformar as vestes de longo uso, porque, dizia ella, a verdadeira educação é a que ensina a moça a não considerar inferior qualquer serviço domestico.

Aquillo tudo constituia para mim interessantissima novidade; mas o que me surpreendeu deveras, foi a pomponière, um prolongamento da escola onde as alumnas vão ensaiar praticamente o que aprenderam na aula theorica de puericultura.

Dessa aula, ellas trazem noções de physiologia e hygiene dos recém-nascidos; faz-se necessario, porém, para conhecimento da difficil psychologia infantil para esclarecimento dessa longa serie de problemas que se resumem nos cuidados necessarios à nossa espécie em sua primeira infancia, que as educandas acompanhem dia a dia, sob a vigilância de mestras competentes, o crescimento dos meninos.

Sente-se bem o que há de superior neste ensino, o que há de delicado nele pela bondade maternal que suggere, dando ensejo à educanda de acompanhar de perto a mysteriosa evolução da alma humana, ainda em começo, ainda infantil, ainda inconsciente, mas já sofredora, exprimindo num grito e numa lágrima o que mais tarde repetirá em soluços rythmados, em paginas admiraveis ou simplesmente na prece dos vencidos, na oração dos humildes.

E é para ver o cuidado, o zelo caridoso, a ternura fraternal com que as

alumnas cumprem os seus deveres, aceitando sem hesitação os misteres que lhes são distribuídos, a verificação do peso, o aleitamento artificial, o asseio da roupa e do leito...

À noite, disse-me a directora, ellas revezam-se e, sem o menor signal de fadiga ou de aborrecimento velam os doentinhos, se os ha, ouvindo os conselhos do medico e aprendendo theórica e praticamente o meio de lhes fazer voltar a saúde.

Não pude resistir à curiosidade bastante simplória, confesso de perguntar se havia representante da alta sociedade entre aquellas mocinhas risonhamente atarefadas com trabalhos que a nossa ignorancia teima em julgar humilhantes.

Era indiscreta a pergunta; mas entre risonha e surpresa, a directora me respondeu:

Todas ellas pertencem às melhores familias do cantão. Em Fribourgo o ensino domestico é obrigatorio: frequentam-no as moças, ao sahirem da aula primaria, um dia por semana, durante dois annos... Minutos depois, ao deixar a Escola, uma serie de reflexões se apresentavam ao meu espirito. Naturalmente, eu comparo o que vira ao que se passa no Brasil..

*(CASTRICIANO, 1911, p. 28-32)*

## Conclusão

Essa é uma rápida retrospectiva das “Ecoles Ménagères” na Suíça, que serviram de fonte de inspiração e de informações para o projeto da Escola Doméstica de Natal, instalada em 1º de setembro de 1914. Globalmente, a sociedade muito mudou nesse período de quase 100 anos. Mister se faz, portanto, que se vislumbre a participação do ensino doméstico na extraordinária revolução social que aconteceu nos séculos XIX e XX, no tocante ao posicionamento da mulher na sociedade. O Rio Grande do Norte pode se orgulhar de ser protagonista e pioneiro dessa experiência que representa um dos fortes mecanismos da emancipação feminina. Tanto na Suíça como no Brasil, tanto em Fribourg como em Natal, as condições de vida da mulher de hoje são totalmente diferentes de um século atrás. Todavia, mesmo que, na época atual, o homem se veja envolvido em quase todas as atividades do lar, a mulher jamais perderá a primazia para determinadas atribuições da vida em família, seja por próprio alvedrio, seja porque Deus e a Natureza assim quiseram. Dessa forma, a Escola Doméstica de Natal continua seu pioneirismo, pois atualizou-se, equiparou-se ao ensino da modernidade, mas se manteve na tradição de valorizar aspectos que nunca deixarão de ser especiais à condição feminina.

Praça Augusto Severo, Ribeira, 1917: duas alunas da Escola Doméstica vão ao encontro da nova Diretora, a norte-americana Leora James.  
(Acervo da família de Osório Bezerra Dantas).



Capítulo

# X



A Natal que Viu Nascer a  
Escola Doméstica -  
A Inauguração -  
A Vanguarda do Projeto -

Em 1914, Natal tinha cerca de 25.000 habitantes, ou seja, 3% da sua população atual (2004). Dois bairros, Cidade Alta e Ribeira, concentravam as residências, o comércio e as repartições públicas, apesar de já existirem o Alecrim, Petrópolis, Tirol e Rocas, todos ainda incipientes em benfeitorias e em adensamento populacional.

As ruas tinham seus leitos cobertos de areia e barro, ou revestidos por um calçamento de pedras pretas, retiradas dos arrecifes existentes nas praias circunvizinhas. Esse tipo de calçamento era bastante rústico, irregular, feito com pedras de diversos tamanhos, algumas pontiagudas e sem qualquer acabamento. A travessa Pax, entre a rua São Tomé e a avenida Câmara Cascudo, ainda mostra esse tipo de revestimento de ruas, uma evocação ao passado que deve ser preservado. A avenida Tavares de Lira tinha pavimentação com paralelepípedos, pedras facejadas de granito. Foi a partir de 1924, quando assumiu a Prefeitura da cidade o engenheiro Omar O'Grady, que o uso do paralelepípedo se expandiu em diversas ruas e logradouros públicos.

Um grande avanço tecnológico estava, há pouco tempo, modernizando a vida natalense: em 2 de outubro de 1911, o Governador Alberto Maranhão inaugurou a luz elétrica da cidade, 32 anos após Thomas Edison ter inventado essa maravilhosa forma de iluminação. Antes, era a escuridão total, depois transformada em penumbra pelos lampiões a querosene (1883), e a gás acetileno (1905). Aliás, a penumbra pouco mudou, pois os quatrocentos focos de luz elétrica das ruas eram com lâmpadas de 25 velas. Além disso, rezava o contrato com a firma fornecedora de energia que, durante seis noites a cada mês, a iluminação elétrica não funcionaria, ficando, pois, a claridade sob a responsabilidade da lua, o que faz pensar no romantismo da época, propício às serestas e serenatas.

“(...) Isso quer dizer que está por fazer a nossa educação moral, cujos alicerces, queiramos ou não, têm de ser lançados pela mulher, porque toda a reforma humanitária há de necessariamente começar por ella”.

*José Braz (Henrique Castriciano). Crônica: Aspectos Natalenses – crítica aos costumes – Gazeta do Comércio, 16-04-1903*

No mesmo 02 de outubro de 1911, foi inaugurado o serviço de bondes elétricos da capital, o que lhe conferia um certo ar de modernidade. Inicialmente, eram oito bondes a se deslocarem, entre a Ribeira e Cidade Alta. Pouco tempo depois, outros bairros foram beneficiados, quando a “frota” aumentou para doze bondes.

O sociólogo Itamar de Souza diz que o bonde, com seus bancos contínuos e inteiriços, serviu, também, para aproximar as pessoas, pois não existia outro tipo de transporte urbano:

O bonde foi um elemento socializador. Nele viajavam o governador do estado, desembargadores, juízes, mulheres de elite e mulheres operárias, assim como o cidadão comum com suas piadas e irreverências.

*(SOUZA, 2001, p. 41)*

Os bondes elétricos, assim chamados porque antes existiram os bondes puxados por burros, fizeram parte do cenário da cidade por várias décadas, sendo motivo, também, para o surgimento de piadas e de momentos hilariantes. Como, por exemplo, o divertimento dos alunos do Atheneu ao verem o bonde deslizar nos trilhos por eles ensaboados, na enladrada avenida Junqueira Aires, hoje, Câmara Cascudo. Esses veículos, que permaneceram circulando em Natal até meados dos anos 50, deixaram saudades, não somente pela eficiência do serviço prestado, como também, porque eles se transformaram em símbolos de uma época de vida mais amena e tranqüila, contrastante com as atribulações que vieram atreladas ao processo modernizante de civilização, onde velocidade é palavra de ordem sempre em evidência.



Bonde passando em frente do prédio da Prefeitura Municipal de Natal, a caminho da Ribeira.



Cine Polytheama, inaugurado em 8 de dezembro de 1911.



Av. Tavares de Lira, primeiras décadas do século XX.



Rua Cel. Pedro Soares (hoje, João Pessoa) início do século XX.

Na Medicina, por volta de 1914, predominava em Natal a figura sem par do Dr. Januário Cicco. Sendo cirurgião e clínico geral, atendia a todos os casos que lhe apareciam, sempre com muita competência e ânimo pelo trabalho.

Havia somente o “Hospital de Caridade Juvino Barreto”, inaugurado em 12 de setembro de 1909, pelo Governador Alberto Maranhão, que cedeu sua casa de veraneio, situada no “Monte de Petrópolis”, para que se transformasse nessa unidade hospitalar. Iniciou com apenas dezoito leitos e um médico, Dr. Januário Cicco, que veio receber um eficiente auxiliar somente em 1917, o Dr. Otávio de Gouveia Varela. Com o tempo, esse nosocômio se transformou e mudou de nome, foi chamado Hospital Miguel Couto, Hospital das Clínicas e, desde 1º de novembro de 1984, denomina-se Hospital Universitário Onofre Lopes.

Nas primeiras décadas do século XX, os natalenses se divertiam com as festas religiosas, os entrudos, os carnavais da Av. Tavares de Lira, as danças folclóricas, as conversas descontraídas nas praças e calçadas, os bailes elegantes, geralmente festas em casas de famílias, as tertúlias e os saraus.

O futebol em Natal tem quase a mesma idade da Escola Doméstica. Se bem que tenham sido criados outros clubes alguns anos antes, o ABC Futebol Club e o América Futebol Club foram fundados em 1915, tendo o Alecrim Futebol Club iniciado suas atividades esportivas em 1917. Esse esporte tomou impulsos e se consolidou a partir de 1928, quando foi inaugurado o *Stadium* Juvenal Lamartine. Outro esporte que cresceu na mesma época foi o remo, com a fundação do Centro Náutico Potengi e do Sport Club de Natal, ambos no ano de 1915.

Não se pode esquecer que os banhos de mar foram, desde os primórdios da cidade, opção saudável

de lazer, uma das suas vantagens naturais, pela presença das praias tão próximas e tão aprazíveis.

O Theatro Carlos Gomes, inaugurado em 1904, representou um avanço nas opções de lazer e cultura da cidade, como também, o primeiro cinema de Natal, Polytheama, inaugurado em 8 de dezembro de 1911, que funcionou durante vinte anos.

No capítulo referente à criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, que ocorreu três anos antes da Escola Doméstica, encontra-se a caracterização do ensino que existia em Natal e no Estado, nas primeiras décadas do século XX.

O Estado do Rio Grande do Norte é uma das menores unidades da federação, participando com apenas 0,6% do território nacional, com os seus 53.015 km<sup>2</sup>. O censo de 1920 registrou uma população de 537.135 habitantes. No período acima referenciado, a economia se baseava na comercialização do sal, do algodão, da cera de carnaúba e do açúcar. A produção açucareira sofreu forte revés com a falta de mão-de-obra escrava e com êxodo nordestino direcionado para os seringais da Amazônia. Por outro lado, houve um implemento da cotonicultura, destacando-se o Rio Grande do Norte não somente pela quantidade de algodão produzido, mas, sobretudo, pela qualidade do produto. A pecuária, que nunca representou forte componente econômico, foi quase arrasada em 1915, quando a seca dizimou 70% do rebanho bovino. O sal, historicamente, sempre fez parte da pauta de exportação do Estado. Grandes companhias que se instalaram em Macau e Mossoró deram impulso modernizante a esse setor da economia norte-riograndense. A industrialização que se instalou, na época, estava vinculada à economia essencialmente agrícola, principalmente à produção do algodão. Em 1920 foram registrados 197 estabelecimentos industriais no Rio Grande do Norte, os quais empregavam 2.146 operários.

Portanto, Natal era uma cidade tranqüila, com poucas opções de comunicação com os centros mais adiantados, fazendo com que as notícias chegassem à cidade com certo atraso. Para sair da sua terra, o natalense tinha que ir montado a cavalo, de trem ou usar a via marítima, diminuída em sua plenitude pela presença da Pedra da Bicuda, na entrada da barra do rio Potengi. Com a inauguração da ponte metálica sobre esse rio, em 1916, a opção de transporte ferroviário foi ampliada.

Em 21 de dezembro de 1922, amerissou, no rio Potengi o primeiro avião visto em Natal, o Sampaio Correia II, pilotado pelo cearense Euclides Pinto Martins, tendo como auxiliar o norte-americano Walter Hinton, inaugurando uma vocação aeronáutica da cidade e uma nova era nos meios de transporte. Natal se engalanou para receber essa grande novidade. A comissão formada para organizar a recepção ao famoso hidroavião e aos seus tripulantes havia preparado três dias de festas. Entretanto, no dia seguinte à chegada, 22 de dezembro de 1922, inesperadamente, o Sampaio Correia II deslizou nas águas do Potengi e levantou vôo, rumo ao Sul do País. Um forte sentimento de frustração, e mesmo de revolta, tomou conta dos natalenses. Câmara Cascudo, em “O Livro das Velhas Figuras”, volume 2, assim se reporta ao episódio:

Nem queiram saber o tamanho da decepção. Natal inteira ficou furiosa. Preparar tanta festa bonita, passeio atraente, tanta roupa nova, tanto plano sedutor para o baile, e tudo desaparecer, carregado pelo vento de duas hélices!... Desaforo. “A República”, amuada, nunca mais publicou uma só palavra sobre Euclides e o Hinton.

*(CASCUDO, 1976, p. 146)*

Dessa maneira, os registros rápidos, agora expostos, servem apenas para oferecer uma visão geral das condições de vida existentes, principalmente em Natal, na época em que foi instalada a Escola Doméstica. Contudo, muitos aspectos da urbe natalense não constam aqui, até para não cansar o leitor. O relato sucinto apresentado pretende tão somente motivar e tornar mais compreensíveis as passagens históricas do notável estabelecimento de ensino, que, há quase cem anos, chegou a Natal, mobilizando toda uma comunidade em torno do seu inovador e avançado projeto educacional.

## A INAUGURAÇÃO

O prédio bonito, em estilo neoclássico, localizado na Praça Augusto Severo e mandado construir pelo Governo do Estado, já estava pronto. As professoras romenas Héléne Bondoc e Jeanne Negulesco, formadas na Ecole Ménagère de Fribourg – Suíça – e contratadas para dirigirem o novo estabelecimento de ensino, haviam sinalizado que tudo estava em ordem para receber as alunas. A população e suas lideranças estavam mobilizadas e ansiosas para verem a concretização de um projeto tão acalentado.

Porém, como inaugurar a Escola Doméstica sem a presença de seu idealizador, daquele que lhe deu vida e alma? Henrique Castriciano encontrava-se na Europa, com dificuldades para regresso em virtude do início da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, tudo leva a crer que ele aquiesceu para que ocorresse a inauguração, a fim de proporcionar o imediato funcionamento da Instituição.

Assim sendo, na tarde do dia 1º de setembro de 1914, em sessão solene realizada no próprio prédio da Praça Augusto Severo, 281, sob a presidência do Governador Ferreira Chaves, foi inaugurada a Escola Doméstica de Natal. Entre as autoridades, estavam o Dr. Francisco de

Sales de Meira e Sá, Presidente da Liga de Ensino, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, Cel. João Juvenal Pedroza Tinoco, Cel. Romualdo Lopes Galvão, Pedro Soares de Araújo, além das duas professoras estrangeiras Melle. Hélène Bondoc e Melle. Jeanne Negulesco.

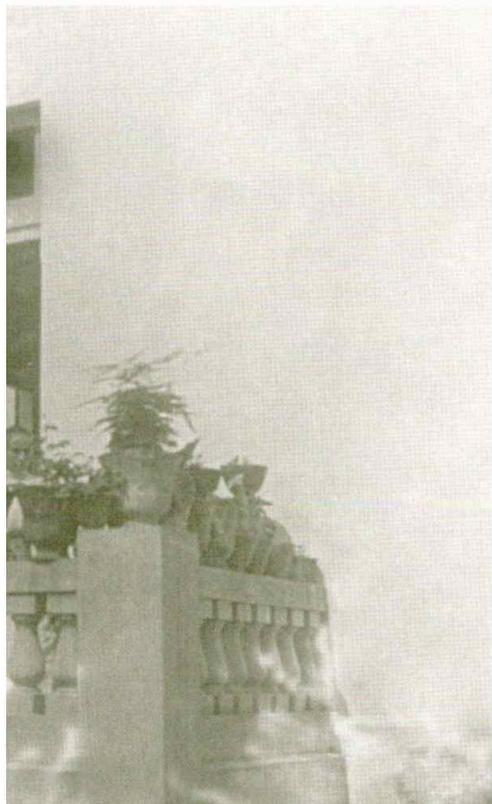
A sociedade natalense prestigiu a solenidade, porquanto muitas pessoas assinaram a ata da sessão solene. Em seu discurso, Dr. Meira e Sá destacou a figura de Henrique Castriciano e a sua belíssima conferência pronunciada na instalação da Liga de Ensino, em 23 de julho de 1911, ressaltou a Ecole Ménagère de Fribourg como inspiradora do projeto norte-rio-grandense, além de se referir ao apoio recebido do Ministro dos Negócios Exteriores, Dr. Lauro Muller, assim como, do Dr. Raul do Rio Branco, representante do Brasil na Suíça, para a contratação, por quatro anos, das duas professoras romenas. O orador ainda lamentou a ausência de Henrique Castriciano e agradeceu ao Governo do Estado a imprescindível colaboração, enfatizando a participação decisiva do Governador Ferreira Chaves, sem esquecer de se reportar ao Governador anterior, Alberto Maranhão, também um aliado da nobre causa.

Encerrando a solenidade, ouviu-se a palavra do Governador Ferreira Chaves, que assim iniciou sua oração:

*“Desvanço-me da alta distinção com que me quis cativar a fidalga bondade do honrado Dr. Meira e Sá, ilustre presidente da Liga de Ensino, convidando-me a presidir a modesta, mas bem expressiva solenidade da inauguração da Escola Doméstica nesta capital. É o primeiro instituto, do gênero, que se estabelece no país, circunstância por si só bastante para justificar plenamente o grato alvoroço que se nota aqui no ânimo de todos.*”



O Governador Ferreira Chaves, na inauguração da Escola Doméstica.



*Aliás, devemos reconhecer — e publicando-o experimento indizível contentamento — que desde o instante em que surgiu a ideia desta fundação, acolheram-na para logo as mais pronunciadas simpatias populares.*

*E havia motivo para esse aplausivo movimento do espírito das massas. Os que conhecemos a grandeza moral da pequena Confederação Helvética, os que lhe admiramos as expansões liberais e as belas conquistas que há feito nos domínios do pensamento e da ação, constituindo um povo modelar, a que nenhum outro excede no constante exercício de sólidas virtudes cívicas, vemos, por igual, que a situação de bem estar, de abundância, de conforto e de prosperidade a que atingiu esse privilegiado país, repousa, principalmente, na educação e no ensino. E as Escolas Domésticas, que encontram na Suíça a pátria de origem, têm concorrido, de modo eficaz e decisivo para a solução desse magno problema, o mais importante na vida dos povos — educar e instruir.”*

E mais adiante:

*“A educação e a instrução, afirma-o notável filósofo, tem conjuntamente por objeto e desenvolvimento e o exercício das faculdades; mas a primeira dirige-se mais à alma, ao coração, às paixões e a segunda à imaginação, ao entendimento, ao espírito; aquela tem antes por objeto formar o caráter e os hábitos; esta, criar e alimentar a inteligência. É essa, minhas senhoras e meus senhores, a dupla missão a que se propõe o belo instituto cuja inauguração aqui nos reúne”.*

**(CHAVES, 1914)**

O jornal A República, do dia 02 de setembro de 1914, noticiou o evento com destaque. Eis alguns trechos da matéria:

*“Realizou-se ontem nesta capital sob a presidência do Sr. Governador do Estado, com a presença da Diretoria da Liga de Ensino, as professoras Hélène Bondoc e Jeanne Negulesco, o representante do sr. bispo diocesano, altas autoridades do ensino, pessoas gradas e grande número de senhoras de nossa melhor sociedade, a inauguração solene da Escola Doméstica criada pela Liga de Ensino, no edifício próprio, à praça Augusto Severo.*

*O comparecimento das pessoas da mais elevada posição social que assistiram a essa cerimônia demonstra o interesse que esse instituto de ensino profissional da mulher – o primeiro que surge no Brasil – desperta no povo riograndense, pressuroso como sempre, por todos os órgãos de sua representação, em aceitar e amparar todas as manifestações do progresso.*

*O “sonho de poeta” de Henrique Castriciano é, desde ontem, uma realidade, devido a um concurso de circunstância e a um esforço de vontades, dentre os quais merece os maiores encômios a ação inteligente e decidida da atual administração do Dr. Ferreira Chaves que a despeito da política de severas economias, não mediu sacrifícios para concluir o edifício e dotá-lo de todo mobiliário e aparelhos necessários ao preenchimento dos seus fins educativos”.*

Estava inaugurada a Escola Doméstica de Natal, em um dia que ficou, para sempre, vinculado à história do Rio Grande do Norte, pelo pioneirismo



O Governador Ferreira Chaves, Henrique Castriciano e outras autoridades, em solenidade na ED.



Arquivo da família de Osório Bezerra Damas

do projeto, como também, pela contribuição inexcusável que o estabelecimento tem proporcionado ao Estado, na sua área específica de atuação.

## A VANGUARDA DO PROJETO

Para um pequeno estado do Nordeste brasileiro, a instalação em seu território de uma escola feminina, dedicada ao ensino doméstico, nos moldes do praticado na Europa, constituía um evento de ousado vanguardismo, considerando a época da sua fundação. Deve-se levar em conta a estrutura arcaica e patriarcal das famílias nordestinas, também não muito diferentes das oriundas de outros rincões do Brasil, em que predominava o poder masculino, repositório de todas as benesses sociais. Às mulheres reservavam-se atividades secundárias ou, quando muito, o aprendizado superficial de contar, ler e escrever. Deveras, é um fato histórico de extraordinário significado, pela ruptura que representou a fundação da Escola Doméstica de Natal, tendo isso ocorrido no quase desconhecido Rio Grande do Norte.

Outro aspecto surpreendente foi o avançado currículo que a nova escola adotou para o início de suas atividades. Na sua elaboração, houve o concurso das duas professoras romenas, Héléne Bondoc e Jeanne Negulesco, bem como, de representantes da Liga de Ensino. Certamente, à forte influência da experiência já vivida pela Ecole Ménagère de Fribourg, trazida pelas estrangeiras, associou-se a participação de professores locais, para, a partir de conceituação da realidade regional, chegar-se à definição do melhor conteúdo programático a ser ministrado. O resultado foi a criação de um currículo que contemplava matérias práticas e teóricas, a ser trabalhado pela educação e pela instrução, levando a aluna, ao final do curso, à aptidão para as lides domésticas e para os desafios da vida, pelos conhecimentos e cultura adquiridos.

Deveras, é um fato histórico de extraordinário significado, pela ruptura que representou a fundação da Escola Doméstica de Natal, tendo isso ocorrido no quase desconhecido Rio Grande do Norte.

Câmara Cascudo, em seu livro *Nosso Amigo Castriciano*, comentando o pensamento de Henrique Castriciano sobre o ensino doméstico, assim se expressa:

Henrique não riscava essas fronteiras para o destino feminino. Queria que a sabedoria doméstica fosse a base do conhecimento, a inicial, indispensável, insubstituível, correspondendo às exigências jurídicas do registro civil. Sem esses fundamentos não haveria mulher, mas uma entidade disponível e marginal para ser ocupada por qualquer atividade imposta pelos sentidos desocupados. O maior título feminino era o de DONA DE CASA. Depois podia ser doutora em Astronáutica, Física Molecular ou Eletrônica. Quando diziam que a moça dificilmente seria outra coisa depois de um curso na ESCOLA DOMÉSTICA, enchendo-se de problemas e resoluções respondia que a menina diplomada estaria em condições superiores de poder escolher outro rumo porque conhecia o seu mundo e uma finalidade instintiva e congênita, valorizada pelos duplos métodos, racional e científico.

*(CASCUDO, 1965, p.137)*

O primeiro currículo, para um curso de três anos, contemplava as seguintes disciplinas: Cozinha, Cozinha Prática, Curso Teórico de Alimentação, Leitearia, Animais Domésticos – Espécie Bovina, Avicultura, Economia Doméstica, Lavagem de Roupas, Conserto de Roupas, Contabilidade, Corte e Feitio de Vestuário, Rouparia, Botânica e Jardinagem,



Inauguração da Puericultura, em 1919.



Física, Química, Anatomia, Higiene Individual e Medicina Prática, Linguagem Nacional, Corografia e História do Brasil.

Em 1920, estando na direção da Escola Doméstica a norte-americana Leora James (Miss James), o curso doméstico passou para quatro anos. Felipe Guerra diz, em seu artigo publicado n'A República em 27 de novembro de 1927, que naquele período, além do curso regular, as alunas freqüentavam um curso preparatório de dois anos, o que elevava para seis anos o tempo total de estudos. O currículo foi acrescido das seguintes disciplinas: Aritmética, Álgebra, História Geral, História do Brasil e História do Rio Grande do Norte, Francês, Inglês, Direito Usual e Educação Social. O estudo de Música e Desenho tornou-se obrigatório, sendo facultativo Piano, Violino, Pintura e Datilografia. Português era obrigatório durante todo o curso. Pouco depois, o tempo total de estudo foi fixado em cinco anos. Ainda, em 1919, foi fundado o Instituto de Puericultura, em pavilhão separado da Escola, o qual passou a receber a orientação do Dr. Manoel Varela Santiago. No artigo abaixo, Felipe Guerra assim registrou o início do ensino de Puericultura na Escola Doméstica:



No dia da inauguração da Puericultura da Escola Doméstica.

Separado do edifício principal dentro da área da Escola, foi edificado elegante e confortável pavilhão para a secção destinada ao ensino de “Medicina do Lar e Puericultura”. Essa cadeira foi, em boa hora, desde o início entregue aos cuidados do Dr. Manoel Varela Santiago, que a ela se dedica não só como mestre, pelo interessado apostolado a que se tem, em benefício e proteção da criança. Faz parte do último ano escolar. No pavilhão, dotado da necessária aparelhagem, são recebidas

crianças pobres, de diferentes idades, entregues à vigilância das alunas. As crianças mais tenras são acompanhadas por suas mães, que as amamentam; todos os demais cuidados ficam a cargo das alunas, que, sob a vigilância do professor, acompanham o desenvolvimento infantil. Como auxiliar do dirigente da “Puericultura” há uma enfermeira, cargo que durante alguns anos foi exercida por Miss Rose James, diplomada pelo “Watts Hospital da América do Norte”. Depois da retirada dessa enfermeira tem sido o lugar exercido por alunas, diplomadas pela Escola.

(GUERRA, 1927)

Vê-se, portanto, quão amplo era o ensino ministrado pela Escola Doméstica, desde os tempos do alvorecer, o que pode constituir uma surpresa para quantos não conhecem sua história. Também, nota-se o rigor de suas atividades, a visão universal e a preocupação com o regional que perpassavam suas ações pedagógicas. Às disciplinas práticas se acrescentavam as relacionadas à cultura humanística e às ciências. É de admirar a ênfase às artes, tendo a Escola, por vários anos, contado com a participação do maestro italiano Thomaz Babini, que organizou no estabelecimento uma orquestra de câmara. Babini foi professor de Aldo Parisot, Ítalo Babini e Waldemar de Almeida Júnior, que desenvolveram brilhante carreira musical nos Estados Unidos, além de Mário Tavares, que se notabilizou no Rio de Janeiro. Ítalo Babini, filho de Thomaz, atuou por 39 anos como o principal violoncelista da Detroit Symphony Orchestra. Estando aposentado, oferece, atualmente, Master Classes em diversas universidades dos Estados Unidos e do México.



Maestro italiano Thomaz Babini organizou uma orquestra de câmara na Escola Doméstica (décadas de 20/30).



O escritor Humberto de Campos (1886-1934), convidado pelo Governador Juvenal Lamartine, veio para uma visita a Natal, em outubro de 1928, oportunidade em que conheceu a Escola Doméstica de Natal, tendo deixado em seu livro “Fragmentos de um Diário” esse belíssimo texto:

*Quinta-feira, 25 de outubro - Desde o amanhecer, começam a aparecer, ao longe, formando o litoral, dunas de vegetação rala, que lembram crânios atacados de doença impiedosa, a qual lhes tivesse arrancado parte do cabelo. Às oito horas, finalmente, surge no alto de um morro, ao sul da barra, um pedaço da cidade, de que é sentinela avançada, que espia o mar. E em pouco estamos diante de Natal, guardada por uma vigorosa linha de rochedos, de que é ôlho um farol.*

*O navio lança ferro. Chega a primeira lancha. E dela sai, e sobe a escada um homem trajando democraticamente brim branco. Estatura mediana, magro, rosto escanhoado, olhos claros, com vestígios diretos de limpo sangue europeu. É Juvenal Lamartine, governador do Estado, que nos vem convidar, ao Senador Silvério e a mim, para uma visita à cidade.*

*Natal é uma dessas capitais do Nordeste brasileiro que refletem o homem da região: pequena, de casas baixas, mas sólida, resistente, e sempre igual. De particular, um estabelecimento de ensino, único no país: a Escola Doméstica, em que 130 moças aprendem a ser donas de casa” recebendo lições de costura, de humanidades, de escrituração mercantil, de cozinha, de higiene, de jardinagem e de puericultura. Cada moça toma conta de uma criança de tenra idade durante sete dias. É a semana da Mãe.*



Foto: acervo da família de Osório Bezerra Dantas

Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez dá a bênção ao prédio e invoca a proteção de Deus para a Escola Doméstica de Natal.

*Parada da Mocidade e da Graça, à nossa chegada. Um batalhão de moças, trajando uniforme branco, faz-nos a recepção. Tôdas fortes, robustas, alegres, bonitas, coisa rara no Brasil, onde a proporção das mulheres feias é de 80%. Entre as moças, duas filhas do governador.*

*Após a visita ao estabelecimento, o almoço, na sala ampla, em que se multiplicam as mesas redondas. Cardápio fino, e farto, em que se lêem, ao lado do nome da iguaria, os das alunas que a prepararam. É a noção da responsabilidade nos domínios do forno e do fogão.*

*Sôbre a toalha branca, de linho puro, rosas vermelhas. Nas outras mesas, oito a oito as alunas, festivas, gárrulas, joviais, com descrição elegante. Servem-nas as companheiras, como a nós. E quando nos levantamos, tôdas elas se erguem, e fazem, quase tôdas sem constrangimento, o sinal-da-cruz com a singeleza das almas simples e boas. Comovente espetáculo, êsse, das moças que têm fé!*

*Ao escrever, no livro do estabelecimento, a minha impressão da visita, descubro, no momento de datá-la, que hoje é dia do meu aniversário. Quarenta e dois anos! . . . E passa uma nuvem triste, no céu da minha alegria...*

No “Livro das Impressões”, no qual os visitantes ilustres registram suas passagens pela Escola, ele escreveu a significativa mensagem:

*“Cada lar que se forma é uma pedra do edifício da Pátria. Abençoados sejam, pois, aquelles que, educando a Mulher para a organização feliz de um lar, preparam, nesse caso, a solidez e a majestade do Brasil de amanhã.”*

*25.10.928*

*Humberto de Campos*





Alunas e docentes da Escola Doméstica. Presença da Diretora, Julia Serive, ladeada por Felipe Guerra e Varela Santiago. À esquerda, Thomaz Babini e, à direita, Flodoaldo de Goes (década de 20).



Ministro  
Oliveira Lima

Dr. Manoel  
Dantas

Dr. Meira e Sá

Dr. Henrique  
Castriciano

Diretora Leora  
James

Primeira turma concluinte da Escola  
Doméstica de Natal, 1919, tendo o  
Ministro Oliveira Lima como Paraninfo.

Capítulo  
**XI**



As Diretoras da  
Escola Doméstica -  
Diretora Alix Ramalho Pessoa -  
Diretora Leora James

São dois ciclos bem caracterizados de Diretoras da Escola Doméstica: o primeiro, com as professoras estrangeiras, vai de 1914 a 1926; e o segundo, das professoras brasileiras, estende-se de 1927 até o momento atual (2004).

A primeira Diretora foi Melle. Héléne Bondoc, ajudada por Melle. Jeanne Negulesco, ambas romenas, formadas na Ecole Ménagère do Cantão Suíço de Fribourg. Elas permaneceram na função durante mais de três anos.

Inicialmente, ao chegarem a Natal, elas ficaram hospedadas, por alguns meses, na residência do Dr. Manoel Dantas, homem culto e de extraordinária visão de futuro, além de ser um dos maiores entusiastas do projeto da Escola Doméstica. Esse fato serviu para "aclimatar" as duas jovens professoras, diminuindo o inevitável choque cultural e, assim, adaptá-las ao estilo de vida dos natalenses.

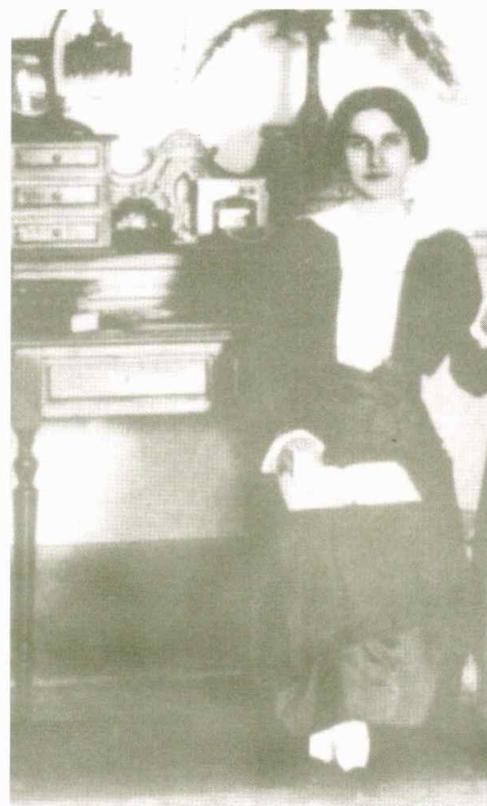
Em 1917, assume a direção do estabelecimento a norte-americana Leora James, ex-Diretora de uma escola da Virgínia (USA). Miss James foi uma excelente Diretora, reformulou o currículo, estabeleceu rotinas acadêmicas e elevado padrão disciplinar. Mostrou-se sempre competente, austera, mantendo-se no cargo com muito zelo e dignidade até o final do ano de 1922. Infelizmente, foi vítima de maledicências, pois divulgou-se que ela estava tentando influenciar as alunas no caminho da sua religião protestante. Espontaneamente, afastou-se do cargo e ausentou-se, definitivamente, de Natal.

Em substituição a Miss James, assumiu a direção a alemã Allexandra von Schimnielpfeig, que por pouco tempo exerceu o cargo. Com sua saída, a direção do estabelecimento coube à Melle. Edwigs Schüller, filha de alemães, nascida no Brasil e educada na Alemanha. Após um ano, ela transmitiu o cargo à

## As Diretoras da Escola Doméstica



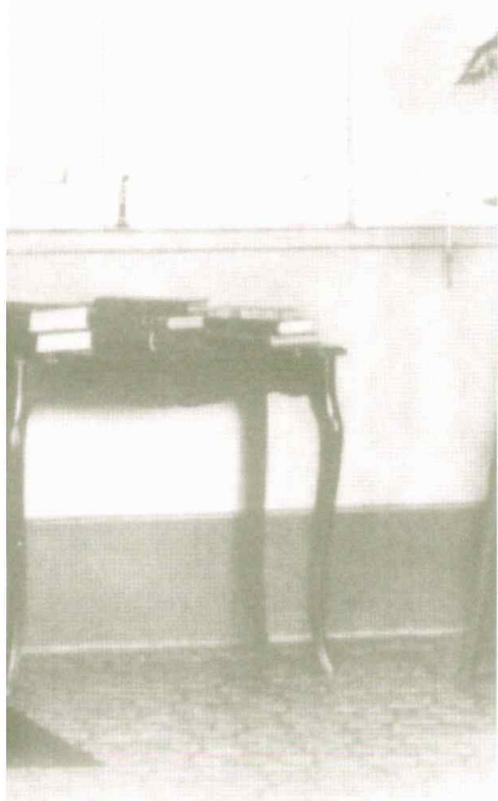
A francesa, Melle. Julia Serive, Diretora da ED de 1925 a 1926



Primeira Diretora da ED, a romena Melle. Héléne Bondoc - 1914.



Sentado em uma mesa, o menino (4 anos) Osório Bezerra Dantas é amparado pela romena Melle. Hélène Bondoc. Osório foi presidente da Liga de Ensino de 1985 a 1999 (acervo da família de Osório Bezerra Dantas).



Mrs Isabel Baird, irlandesa, que residia, com esposo e filhos, no Rio Grande do Norte, há muitos anos, sendo muito conhecida como ótima educadora. Mrs Baird veio a falecer, antes de completar um ano como Diretora da Escola Doméstica, ocasião em que o cargo passou a ser ocupado pela francesa Melle. Julia Serive, também residente no Estado, atuando como Diretora da Escola de Comércio para moças. Com ela termina, em 1926, o ciclo das diretoras estrangeiras da Escola Doméstica de Natal.

Importante assinalar que as estrangeiras não somente ocuparam funções de direção, porquanto muitas vieram exclusivamente para o ensino de disciplinas.

O ciclo das diretoras brasileiras iniciou-se no ano de 1927, com a Professora Maria Emiliana Silva assumindo a direção da Escola.

Esse ano é significativo para o Rio Grande do Norte, assim como, para a mulher brasileira, pois, no dia 25 de outubro, o então Presidente do Estado, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, promulgou a Lei 660 que, em seu Artigo 77, dava à pessoa do sexo feminino o direito de votar e ser votada. No dia 25 de novembro desse ano, registrou-se a primeira eleitora do Brasil, na cidade de Mossoró, quando o juiz Israel Ferreira Nunes deferiu o pedido de inscrição eleitoral de Celina Guimarães Vianna. Há que se perguntar: houve influência da Escola Doméstica de Natal, Instituição pioneira da valorização da mulher, para a concretização desse fato importantíssimo para a conquista da cidadania feminina?

No ano de 1929, por interferência da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, duas professoras da Escola Doméstica foram para a Bélgica, a fim de se aprofundarem no estudo e na observação do ensino doméstico naquele país. Santa Guerra e Alix Ramalho Pessoa permaneceram mais de um ano no país europeu,

fazendo pesquisa, enfim, enriquecendo-se de conhecimentos para serem aplicados quando do regresso a Natal. Foi um prêmio importantíssimo criado pelo Governo do Estado para contemplar as alunas que mais se destacassem nos estudos.

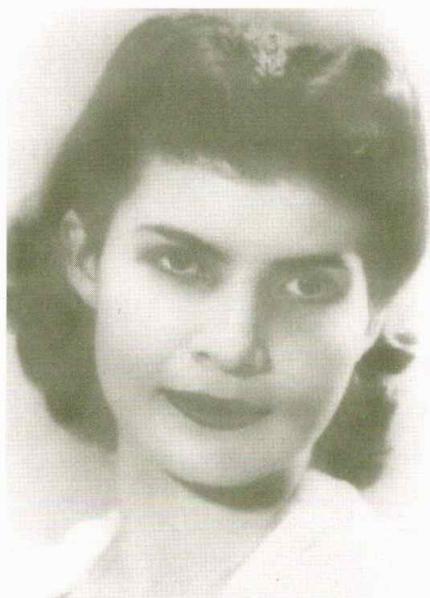
Em junho de 1930, a professora Santa Guerra assumiu a direção da Escola, permanecendo no cargo até 1935. Estava preparada para a função, não somente, pelo seu valor intelectual, como também, pelo proveitoso estágio realizado em várias escolas européias de ensino doméstico. Contudo, ela enfrentou grandes dificuldades decorrentes de vicissitudes políticas, especialmente a Revolução de 30, que destituiu o Presidente Washington Luiz e afastou Juvenal Lamartine do Governo do Estado, tradicionalmente um amigo da Escola. Foram dias de grande agitação política que afetou, sobremaneira, a vida da Escola Doméstica. Houve elevada taxa de evasão de alunas e, conseqüentemente, *déficit* orçamentário inevitável. Contudo, D. Santa Guerra, com muito tirocínio e liderança, soube vencer as dificuldades e fez retornar o ritmo normal de crescimento da Escola.

Em abril de 1935, assumiu o cargo a professora Alix Ramalho Pessoa, que, durante nove anos, dirigiu o estabelecimento com muito equilíbrio administrativo, realizando um trabalho profícuo e competente. Houve um aumento considerável do alunado, vindo estudantes de vários Estados da Federação, atraídas pela fama da Escola.

Alix Ramalho Pessoa teve que enfrentar, poucos meses depois da posse, as ameaças representadas pelo irrompimento da Intentona Comunista de 1935. Houve prisões arbitrárias e debandadas de autoridades, criando-se um ambiente de total insegurança. O medo de uma invasão da Escola Doméstica, em nome da Revolução, tornou-se evidente. Felizmente, nada de anormal



Professora Maria Emiliania Silva, a primeira Diretora brasileira da Escola Doméstica, em 1927.



Professora Amélia Bezerra,  
Diretora de 1944 a 1945.

aconteceu, além da suspensão das aulas por alguns dias.

Um outro episódio que afetou esse período administrativo foi a deflagração da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Todavia, somente a partir de 1942, quando Natal passou a ocupar um lugar de destaque no cenário da Guerra, com possibilidade de ser atacada por forças do Eixo, é que se fez sentir com mais intensidade os efeitos psicológicos dessas ameaças. A Defesa Civil se mobilizou e realizou treinamentos com a população, orientando quanto aos procedimentos adequados em caso real de agressão militar inimiga. Os hábitos rotineiros estavam totalmente transtornados, pela militarização crescente e, sobretudo, pela presença de grande contingente americano na cidade. Fez-se necessário muito equilíbrio e discernimento da Diretora Alix Ramalho, no sentido de orientar alunas e professoras para a melhor conduta em caso de bombardeios, sem, contudo, deixar que fossem dominadas pelo pânico, pelo medo incontrolável. Era preciso manter a calma e persistir com o funcionamento regular da Escola, o que, realmente, aconteceu.

Alix Ramalho Pessoa desempenhou a função de Diretora da Escola Doméstica sempre com muita dedicação, integridade e amor ao trabalho. Deixou o cargo em março de 1944.

Amélia Bezerra Filha, jovem, bonita e bem preparada intelectualmente, formada em Filosofia, assumiu a direção por um prazo inferior a um ano, preferindo o casamento à função administrativa.

Finalmente, em março de 1945, assumiu a direção da Escola Doméstica de Natal a Professora Noilde Ramalho. Convidada pelo Dr. Varela Santiago, Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, para exercer o cargo provisoriamente, já está próxima de completar seis dezenas de anos de "interinidade".

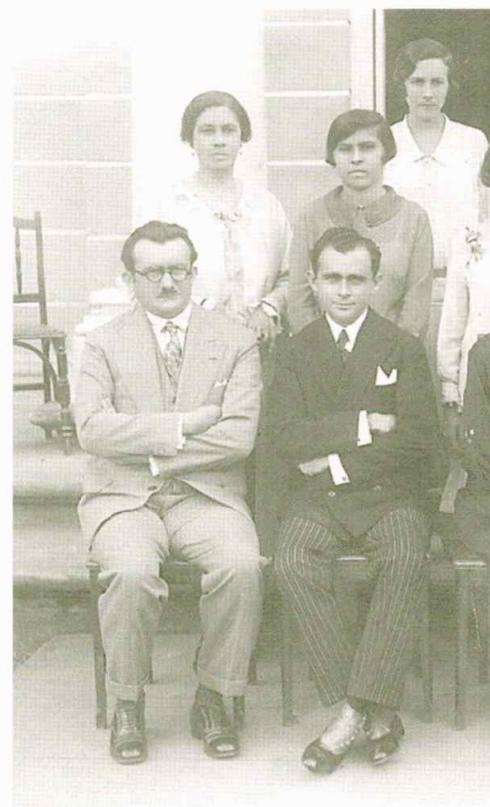


Professora Noilde Ramalho,  
Diretora desde 1945.

A Escola Doméstica e as Instituições co-irmãs, Complexo Educacional Henrique Castriciano e FARN, reconhecem o mérito dos que souberam se doar ao trabalho nos primórdios do projeto educacional idealizado por Henrique Castriciano. Aluna na década de 20 e Diretora na segunda metade da década de 30, até meados dos anos 40, Alix Ramalho Pessoa representa muito bem essas entusiastas do passado, de quem, os que fazem o presente, muito se orgulham. Excluindo Noilde Ramalho, foi a Diretora que permaneceu por mais tempo na função. Conserva-se lúcida e animada aos 93 anos de idade (2004). Em rápida entrevista, relembra de fatos relacionados à sua passagem pela Escola, bem como, da sua viagem de estudos à Bélgica:

- Fale um pouco da sua experiência na Bélgica:
  - Nós fomos, eu e Santa Guerra, em 1929, para a Bélgica, a fim de fazer estágio de um ano e aprender, na prática, nas Ecoles Ménagères. Viajamos em um navio pequeno, sem muito conforto; foi quase um mês de viagem.
- Quais escolas foram visitadas?
  - Não lembro de todas, mas nós demos mais tempo no Instituto Ménagère de Laeken, perto de Bruxelas, mas ficamos hospedadas em Bruxelas.
- Como eram essas escolas?
  - Muito boas. Elas eram rurais, como se fossem uma fazenda. O ensino era muito dirigido para o meio rural. Por exemplo: nós aprendemos tudo sobre leite, até ordenhar. As alunas ajudavam, ou mesmo, faziam os trabalhos da Escola. Existiam poucos funcionários.

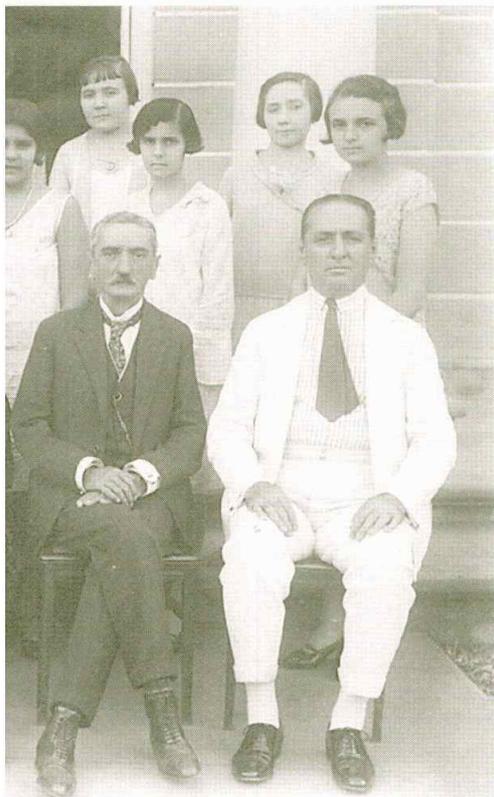
## Diretora Alix Ramalho Pessoa



Turma de 1928 com os Professores Varela Santiago, Flodoaldo de Góes, Maria Emiliana (Diretora), Felipe Guerra e Thomaz Babini.



Diretora nas décadas de 30 e 40 (9 anos), Alix Ramalho Pessoa exerceu o cargo com muita competência.



- As alunas eram internas?
  - Algumas alunas moravam na própria escola, outras passavam somente o dia. Era comum encontrar estudantes de outros países, como Itália, Romênia, Lituânia.
- Vocês visitaram outros países?
  - Eu tinha muita vontade de conhecer Paris. Em uma fase de recesso escolar, fomos visitar essa belíssima cidade; foi ótimo! Após alguns anos, retornei à capital da França para fazer estágio, depois que me formei em Serviço Social.
- Não tinha dificuldade com o idioma?
  - Tinha não, eu dominava muito bem o francês.
- E agora, ainda fala francês?
  - Não sei, acho que não (risos).
- Por que você foi escolhida para ir fazer estágio na Bélgica?
  - Foi um prêmio que ganhei do Governo do Estado, por ter sido aluna laureada da turma.

Sobre seu tempo como aluna e Diretora da Escola Doméstica ela guarda algumas lembranças e surpreende ao revelar que administrar não era sua vocação, apesar do reconhecimento geral de que sua gestão foi ótima:

- Lembra de alguma característica importante da sua gestão como Diretora da Escola Doméstica?
  - As alunas achavam que eu era muito rigorosa e eu era mesmo (risos).

• Você pediu para se afastar da Direção, mesmo sendo reconhecida como excelente Diretora. Por que fez isso?

– Eu cumpri meu dever, mas não tinha vocação para administradora de uma escola. Eu queria mesmo era ser Assistente Social e desenvolver meu trabalho nessa área, como realmente, pude fazer, após deixar a função. Dr. Varela Santiago não gostou, ele não queria que eu saísse; ficou com raiva de mim, mas depois passou.

• Lembra-se do Dr. Henrique Castriciano?

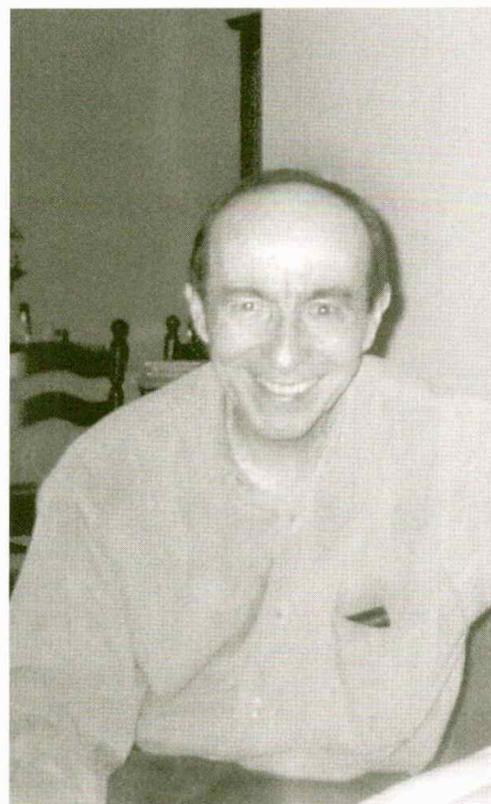
– Claro que lembro, ele era uma pessoa impressionante, um grande poeta. Lembro bem de certa vez, quando ele ia saindo da Escola (Ribeira), parou junto à porta principal, olhou para fora, e disse: *"Quero um dia ver isso aqui tudo arborizado, de preferência com flamboyant, subindo em direção à Cidade Alta. Como Natal ficará bonita!"*. Ele era assim, um homem muito sensível, um poeta mesmo.

• Lembra de alguma Ex-Diretora?

– Tenho vaga lembrança de uma francesa, mas lembro bem de Emiliana; ela foi minha professora e eu a admirava muito.

• Tem alguma referência especial, alguém que você recorda por ter ajudado muito a Escola?

– São tantos que eu temo cometer alguma omissão. Mas vou escolher um, em nome de quem homenageio todos os outros: Professor Flodoaldo de Góes. Ele ajudou muito a Escola Doméstica desde os primeiros anos. Não há como esquecer a sua dedicação e zelo. Era um homem inteligente, preparado e muito bom.



Daladier Pessoa Cunha Lima  
entrevista Alix Ramalho.



• Há um artigo da aluna do 3º ano, Alix Ramalho Pessoa, muito bem escrito, publicado na revista "A Escola Doméstica", no ano de 1926, denominado "CRISPIM". Quem era Crispim?

– (risos, risos) - Crispim era um esqueleto que servia para estudos de Anatomia. Ele era muito arrumadinho, vivia sentado em uma cadeira, como se estivesse vivo; eu gostava muito dele (risos).

• Lembra do maestro Thomaz Babini?

– Lembro muito, era um apaixonado por música. Certa vez, a mãe de uma aluna foi muito grosseira comigo. O maestro Babini percebeu e ficou perto de minha sala, para me proteger se fosse necessário. Graças a Deus não foi preciso a intervenção do Professor Babini (risos). Dois enteados seus eram alunos de violino e violoncelo (Danilo e Aldo Parisot).

• Em 1935 você era a Diretora. Lembra de algum episódio da Intentona Comunista?

– Estava no Theatro Carlos Gomes (atualmente Teatro Alberto Maranhão), juntamente com algumas professoras e alunas, assistindo a uma solenidade, quando começamos a ouvir estampidos de balas. Foi um temor muito grande por parte de todos os presentes. O Governador do Estado, Dr. Rafael Fernandes, estava lá e saiu para se proteger. O Professor Severino Bezerra, que tinha um colégio próximo, convidou-nos para irmos para lá, mas eu, primeiro, fui à Escola Doméstica, colocar o segredo do cofre (risos). A Escola nada sofreu naquele episódio.

- E Noilde Ramalho, fale um pouco sobre ela.
  - Noilde é muito competente, tem demonstrado isso durante todos esses anos dirigindo a Escola Doméstica. Ela foi aluna, quando eu era Diretora. Sempre mostrou liderança, sendo uma pessoa que nasceu para administrar, o que não é fácil. É uma sorte da Escola ter encontrado a dedicação de Noilde por tão longo tempo. Eu sugeri o seu nome ao Dr. Varela Santiago. Porque era muito jovem, assumiu provisoriamente e nunca mais saiu. É uma bênção de Deus a presença dela na Escola Doméstica.

Em 1938, Henrique Castriciano foi Paraninfo da turma concluinte da Escola Doméstica. Em seu discurso, lido por Eloy de Souza e publicado no jornal "A República", de 18 de novembro de 1938, ele se reporta à Diretora do estabelecimento:

Progrediram também por nossa causa alguns irmãos do Norte e do Sul. Talvez um dia os vejamos adiante de nós outros. Não importa. Até lá continuemos a trabalhar com serena alegria, como acabais de o fazer, senhoritas, por tantos e tantos meses, tendo à vossa frente mestras e mestres dedicados entre os quais é de justiça nomear a vossa Diretora, cujo nome declino com satisfação e respeito, d. Alix Pessoa.

*(CASTRICIANO, 1938)*



Alix e Noilde: um pacto de dedicação e lealdade à Escola Doméstica. Haydée, irmã de Noilde, também participa da visita à ex-Diretora (2003).



Professora Santa Guerra, Diretora da Escola de 1930 a 1935.



## ESTÁGIO NAS ECOLES MÉNAGÈRES DA BÉLGICA

Santa Guerra, em "O Ensino Doméstico na Bélgica", publicação inserida na Coleção Mossoroense, número 652, de 1989, fala da viagem que ela e Alix Ramalho Pessoa fizeram à Bélgica, no período de março de 1929 a julho de 1930, referindo-se aos estudos realizados nas seguintes escolas: Institut Normal Supérieur Menager Agricole de Laeken (Bruxelas), Ecole Moyenne d'Agriculture (Quatrecht), Escola Doméstica Superior de Heverlé (Heverlé), Ecole Ménagère Agricole de Berlaer - Lierre (Berlaer), Escola Doméstica de Wavre - Notre-Dame (Malines). Revela, também, que a permanência maior foi na escola de Laeken:

Enfim, 15 de outubro. Vida nova. Alix e eu, passámos pela igrejinha do lugar e continuamos, caminho da Escola. Para lá chegar, eram precisos cerca de 20 minutos a pé, através de um parque. O outomno matizava as árvores de tonalidades diversas. Pisávamos os montões de folhas mortas, que o vento frio daquela estação derrubava constantemente.

E mais adiante:

Os trabalhos práticos ocupam toda manhã. A tarde, das 14 às 17 horas, são as lições theoricas. Destas, muito apreciava as de methodologia, de moral, pedagogia e psicologia, pelo director, as aulas de hygiene do dr. Calwuwe, as aulas de chimica alimentar, o curso de religião, quase com projecções luminosas, e outras.

(...)

No intervallo entre os cursos práticos e as lições theoricas, ia diariamente à sala de leitura, que me interessava sobremaneira, com a sua excellente bibliotheca, onde há cerca de 3000 volumes, não de livros romanescos ou fúteis, mas de assumptos concernentes a educação em geral e especialmente a educação feminina, desde o tempo de Fenelon ou antes, até livros do variadissimo assumpto da vida dos campos, de agricultura, de criação de economia domestica, etc.; estudos de moral, de psychologia, de philosophia, de hygiene, medicina, de sadia literatura, emfim, livros instructivos, úteis á consulta das alumnas em suas pesquisas e documentações.

*(GUERRA, 1959, p. 22, 28-29)*

As duas natalenses, que seriam, em seguida, Diretoras da Escola Doméstica de Natal, iniciaram a viagem de volta à sua terra, no dia 02 de julho de 1930, "pelas águas do Escalda, no convez do Bugé."

## TESTEMUNHA DA HISTÓRIA

São poucos depoimentos pessoais de testemunhas do episódio ocorrido no então Theatro Carlos Gomes, na noite de 23 de novembro de 1935, quando foi deflagrado o movimento denominado Intentona Comunista. Alix Ramalho Pessoa estava, naquele instante, no Theatro assistindo à solenidade de entrega de certificados aos concluintes do curso do Colégio Marista, oportunidade em que os alunos encenavam uma peça. Lá estavam as maiores autoridades do Estado: Dr. Rafael Fernandes, Governador; Dr. Aldo Fernandes, Secretário Geral; Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros, Chefe

do Gabinete Civil do Governador; Dr. Gentil Ferreira, Prefeito de Natal; Dr. Edgar Barbosa, Diretor da Imprensa Oficial.

Ouvidos os primeiros disparos, o Dr. João Medeiros Filho, Diretor Geral de Segurança Pública, dirigiu-se ao Theatro para alertar o Governador dos perigos que lhe rondavam, saindo, em seguida, para tentar organizar a resistência aos revoltosos. Chegando ao 21º B.C, foi preso e recolhido ao xadrez dos soldados. Aldo Fernandes, em depoimento constante no livro "82 horas de Subversão", autoria de João Medeiros Filho, relata aqueles momento vividos do Theatro:

Em meio ao silêncio, ouviram-se tiros repetidos nas proximidades, que foram logo identificados como fuzis automáticos usados pelas Forças Armadas. Ao mesmo tempo, soube-se, era dirigido um ataque ao Quartel da Polícia Militar, onde ainda conseguiram penetrar o seu comandante, o bravo Major Luiz Júlio, e também o Coronel José Otaviano Pinto Soares, comandante do 21 BC, que não pôde mais entrar no seu quartel, que estava em plena rebeldia.

*(MEDEIROS FILHO, 1980, p.62)*

O Governador Rafael Fernandes permaneceu no Theatro Carlos Gomes até o final da solenidade, quando, então, saiu para se refugiar na residência de seu amigo Xavier de Miranda, localizada na Av. Duque de Caxias, sendo acompanhado por Aldo Fernandes, Capitão Genésio Lopes, Capitão José Bezerra de Andrade, Epifânio Fernandes e Heráclito Fernandes. Na residência de Amador Lamas, protegeram-se: Gentil Ferreira, Paulo Viveiros, Edgar Barbosa e o Monsenhor João da Matha Paiva.

Esse movimento insurrecional, que terminou na manhã do dia 27 de novembro de 1935, transformou a pacata e tranqüila Natal em cidade onde imperava o medo e o terror. Instalou-se o caos, pois os líderes do movimento estavam desorganizados e despreparados. Felizmente, o tempo de desordem foi curto. Infelizmente, não tão curto que tivesse evitado a perda de algumas vidas.

O Colégio que serviu de proteção à Diretora, às professoras e alunas da Escola Doméstica, naquela noite de tensão e medo de 1935, é referido no livro "Natal Que Eu Vi", do escritor Lauro Pinto, quando se refere ao Prof. Severino Bezerra:

Fundou e manteve, por muitos anos, o Colégio Pedro II e depois com a denominação de Rui Barbosa, na antiga chácara do italiano João Batista Toselli, ao lado do Teatro Alberto Maranhão. Colégio de Respeito e Admiração. Ajudado por quase toda a família, manteve no colégio um alto padrão de instrução e disciplina. Instruiu muitas gerações. Quando ensarilhou as armas, estava pobre e desiludido.

*(PINTO, 1971, p.57)*

À época, o estabelecimento estava ainda com o primeiro nome: Colégio Pedro II.

## SERVIÇO SOCIAL

Terminada sua participação na Escola Doméstica, Alix Ramalho Pessoa formou-se pela Escola de Serviço Social de Natal, no ano de 1950, tendo sido aluna destacada e, posteriormente, profissional de elevado conceito. Foi Estagiária e Assistente Social do Sesi. No seu trabalho de final de curso, sob o título "Uma



Alix Ramalho.

Experiência de Serviço Social no Sesi", recebeu nota 10, com louvor.

De agosto a dezembro de 1956, Alix Ramalho Pessoa fez estágio nos Estados Unidos, visitando inúmeras escolas (Elementary School and High School) e universidades, observando, principalmente, o desenvolvimento do ensino da Economia Doméstica do país. Ela foi representando a Escola Doméstica de Natal, por indicação da Liga de Ensino, tendo sido a única representante do Nordeste no grupo de nove pessoas, todas do sexo feminino. O estágio foi coordenado pelo International Cooperation Administration – U. S. of America Operation Mission to Brazil. Entre outras, foram visitadas as seguintes Instituições: New Mexico College of A and M State College, State Teachers College at Terre Haute - Indiana, Purdue University - Lafayette - Indiana, Montgomery Farm Women's Cooperation Market - Maryland, Agricultural Research Center - Maryland.

O grupo conheceu de perto a atenção dispensada à Economia Doméstica, além de receber orientação e vivenciar um pouco a vida rural, bem como, o Sistema Educacional americano.

A 31 de janeiro de 1957, Alix Ramalho Pessoa entregou à Liga de Ensino circunstanciado relatório, no qual, nas conclusões, oferece algumas sugestões para o aperfeiçoamento das atividades da Escola Doméstica de Natal.

Com a implantação da UFRN, a convite do Reitor Onofre Lopes, ingressou na Universidade, quando organizou e coordenou, por muitos anos, o Serviço Social Médico do Hospital das Clínicas, depois Hospital Universitário Onofre Lopes, de onde saiu pela aposentadoria. Fiel à sua vocação de servir, foi, até enquanto suas condições físicas permitiram, colaboradora do voluntariado da Cúria Metropolitana.

## Diretora Leora James

Voltando o olhar para o passado da Escola Doméstica, Noilde Ramalho vê, com grande admiração, o trabalho desenvolvido pela ex-Diretora Leora James, uma professora norte-americana que aqui viveu de 1917 a 1922. As estrangeiras que exerceram o cargo, seis no total, foram todas competentes e muito contribuíram para a implantação da Escola, na sua missão - para a época revolucionária - de valorizar a mulher e prepará-la para o desempenho de um papel significativo na sociedade, diferente daquele caracterizado pelas subalternidade, apatia e opressão. Entretanto, na opinião e no julgamento de Noilde Ramalho, que conhece a história do educandário, nenhuma outra Diretora advinda do além-mar, no tocante ao resultado do trabalho na Direção do estabelecimento, pode se equiparar a Miss James. Tendo trazido algumas professoras dos Estados Unidos e da Inglaterra para ajudá-la no seu mister, Leora James deu impulso ao projeto pedagógico da Escola Doméstica, fazendo associar disciplinas práticas, voltadas para a economia regional ou para o desenvolvimento de habilidades pessoais, a outras, enriquecedoras do conhecimento geral, voltadas para o aprendizado teórico e para a elevação cultural das alunas. O curso doméstico passou para 4 anos, acrescido de mais 2 anos de estudos preparatórios. Além disso, estabeleceu regras disciplinares e rotinas do dia-a-dia que foram essenciais para a consolidação do inovador projeto educacional idealizado por Henrique Castriciano, com o objetivo de fazer a mulher assumir o seu lugar na vida da comunidade, de forma ativa e atuante, sem perder os atributos naturais e próprios da natureza feminina.

Foi na gestão de Miss James que ocorreu a primeira diplomação das concluintes da Escola Doméstica, em memorável solenidade ocorrida no Theatro Carlos Gomes, no dia 25 de novembro de 1919. O paraninfo



Norte-americana Leora James, que foi Diretora de 1917 a 1922.

da turma foi o Ministro Manoel de **Oliveira Lima**, que fez uma homenagem à mulher norte-rio-grandense, pois seu discurso foi sobre a escritora Nísia Floresta. Na solenidade, saudando o ilustre visitante, falou o Dr. Francisco de Sales **Meira e Sá**, além do Dr. Henrique Castriano, idealizador e fundador da Escola.

Os primeiros diplomas de "Donas de Casa", assinados pela Diretora Leora James, foram entregues às seguintes alunas: Doralice Barros, Dulce Meira e Sá, Emília de Oliveira, Izabel Dantas e Maurília Guerra.

Felipe Guerra, em artigo datado de novembro de 1927, faz referência especial ao trabalho desenvolvido pela educadora norte-americana quando Diretora da Escola Doméstica:

Com a retirada das professoras contratadas tomou a direção da Escola a norte-americana Miss Leora James, ex-Diretora da Escola Superior do Estado da Virginia e de North Carolina.

O programa foi muito ampliado; o curso elevado a seis anos, a idade para a matrícula fixada em onze anos, mínima.

Sendo, em geral, pouco satisfatório o grau de cultura escolar das candidatas à matrícula, foi criado um curso preparatório de dois anos, ficando o "curso doméstico", propriamente dito, elevado a quatro anos.

O estudo de música, de desenho, tornou-se obrigatório, sendo facultativo o estudo de piano, violino, pintura, datilografia; o estudo de português, obrigatório do primeiro ao sexto ano; foram criadas as cadeiras de aritmética, álgebra, história geral, do Brasil e do Rio Grande do Norte,

francês, inglês, direito usual. Durante a direção de Miss L. James vieram da América do Norte cinco professoras especializadas em jardinagem, horticultura, criação, cozinha e química culinária.

Miss Leora James deixou a direção da Escola ao terminar o ano letivo de 1922. Educadora competente, austera, interessou-se vivamente pela Escola, a que dedicava todos os seus momentos, sempre em contato com as alunas, como zelosa, previdente e moralizada mãe da grande família entregue aos seus cuidados.

(GUERRA,1927)

A vinda da norte-americana para Natal começou a se delinear quando, em 1917, Henrique Castriciano foi proferir palestra em Recife, levando sua idéia, e já a sua experiência, sobre a nova escola voltada para a educação da mulher. Ao final, dele se aproxima uma jovem missionária que estava assistindo à palestra, manifestando o interesse de conhecer a Escola Doméstica:

– Dr. Henrique, gostaria de me apresentar: meu nome é Leora James, sou americana e estou trabalhando no Brasil em missão religiosa. Suas palavras me deixaram curiosa em conhecer a Escola Doméstica de Natal.

-Com muita satisfação receberemos a senhora em Natal. Veja a data mais conveniente e mande dizer por carta; a senhora será hospede da Escola.

Pouco tempo depois, Miss James veio a Natal conhecer o projeto que tanto a impressionou. Não demorou muito para que ela fosse convidada e assumisse a Direção do estabelecimento, em 1917, onde permaneceu até final de 1922.



Diretora Leora James com um grupo de professoras, algumas estrangeiras.



Arquivo da família de Osório Bezerra Damás

Noilde Ramalho diz que a educadora norte-americana não foi devidamente reconhecida, exatamente ela que deveria ter sido homenageada e prestigiada, para que a história registrasse a honra ao mérito pelo trabalho edificante desenvolvido. O episódio que resultou na saída de Miss James da Direção do educandário, bem como, de Natal, é bem marcante desse impróprio julgamento do qual ela foi vítima. Por maldade ou por errônea interpretação dos fatos, difundiu-se a notícia de que a Diretora estava fazendo a cooptação das alunas para a sua religião protestante. Sem nada saber, Miss James dirigiu-se ao Palácio do Governo a fim de convidar o Governador Antônio José de Melo e Souza (1867-1955), de tradicional família católica para a solenidade de formatura da turma concluinte:

– Governador, mais uma vez vimos convidar Vossa Excelência para prestigiar a solenidade de colação de grau da Escola Doméstica. Alunas e professores, todos nós ficaremos muito envaidecidos da sua presença.

O Governador, sem querer dar à Diretora qualquer chance de explicação, respondeu:

– Senhora professora, eu tenho o maior apreço pela Escola Doméstica e, especialmente, pelo seu fundador, Dr. Henrique Castriciano. Entretanto, estou sabendo que a senhora tem feito proselitismo junto às alunas, tentando atraí-las para a sua religião. Tem uma condição para a minha presença na solenidade: a ausência da Diretora.

Esse diálogo foi contado a Noilde Ramalho muitos anos depois, pela própria Leora James, quando as duas se encontraram no Rio de Janeiro, tendo a educadora norte-americana revelado que essa ríspida conversa com o Governador representava uma das maiores decepções da sua vida, principalmente,

pela injustiça praticada. O episódio levou-a a se afastar da Direção da Escola Doméstica e a deixar a cidade, levando consigo esse sentimento de frustração muito forte. Não cobrava gratidão, porém não queria ter sido julgada de forma tão leviana e injusta.

No início da década de 50, Noilde Ramalho soube, por intermédio do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, que Leora James estava morando no Rio de Janeiro, no Hotel Serrador, centro da cidade. Em uma de suas viagens ao Rio, Noilde foi ao Hotel, na tentativa de encontrar a ex-Diretora. Chegando ao balcão de atendimento, dirigiu-se a um dos funcionários:

– Você pode me ajudar? Preciso falar com uma hóspede; seu nome é Leora James; informaram-me que ela reside aqui.

Após alguns minutos e atendendo o funcionário do Hotel, Noilde repete com voz mais alta o nome completo da pessoa que ela procurava:

– Miss James, uma norte-americana, Leora James.

Nesse instante, uma senhora que estava no final do hall de entrada do hotel fazendo coleta de correspondências no escaninho da Caixa Postal, aproxima-se, e, delicadamente, pergunta:

– Por favor, a senhora está procurando por quem?

– Estou procurando por Miss James, Leora James; informaram-me que ela mora neste Hotel.

– Sou eu, mas não moro mais aqui, venho semanalmente apanhar minhas correspondências. Agora, estou residindo no Hotel Novo Mundo.

Ao identificar quem a procurava, Miss James ficou emocionada e abraçou demoradamente Noilde Ramalho, marcando um encontro posterior para poderem

“Não cobrava gratidão, porém não queria ter sido julgada de forma tão leviana e injusta.”

se conhecer melhor e saber das atividades profissionais desenvolvidas, pois eram duas educadoras que o destino fê-las partícipes, em épocas diferentes, de um mesmo desafio representado pelo inovador projeto educacional da Escola Doméstica.

Noilde Ramalho voltou a se encontrar com Miss James em outras ocasiões, quando soube do lamentável episódio com o Governador Antônio de Souza. Ao deixar Natal, Leora James trabalhou na conhecida Escola Rivadávia Correia, no Rio, bem assim, participou da criação da Escola Aureliano Leal, em Niterói. Após se casar com um norte-americano, foi residir nos Estados Unidos, tendo ficado viúva. Retornou ao Brasil, passando a desenvolver suas atividades educacionais em uma fundação no Espírito Santo.

Uma carta em inglês, datada de 18 de julho de 1935, pertencente ao Museu Nísia Floresta da Escola Doméstica, foi escrita por Miss James para Henrique Castriciano, na qual a norte-americana, que morava em San Diego - Califórnia, reporta-se ao falecimento do seu marido. A carta vem com a assinatura de Leora James Sheridan, nome por ela adotado após o casamento.

Em conferência proferida na Federação das Academias de Letras do Brasil, em outubro de 1947, evocação ao poeta Henrique Castriciano, Aducto Miranda Raposo da Câmara se refere à presença de Leora James no Rio de Janeiro, quando ela foi homenageada na Associação Brasileira de Educação:

Em 1º de agosto de 1939, houve, no Rio, uma expressiva homenagem a Mrs. Sheridan (Sra. Leora James), que, tendo dirigido a escola, estava, após prolongada ausência, em visita ao Brasil, acompanhada de uma filha, brasileira de nascimento. À recepção solene e brilhante, que lhe fez a

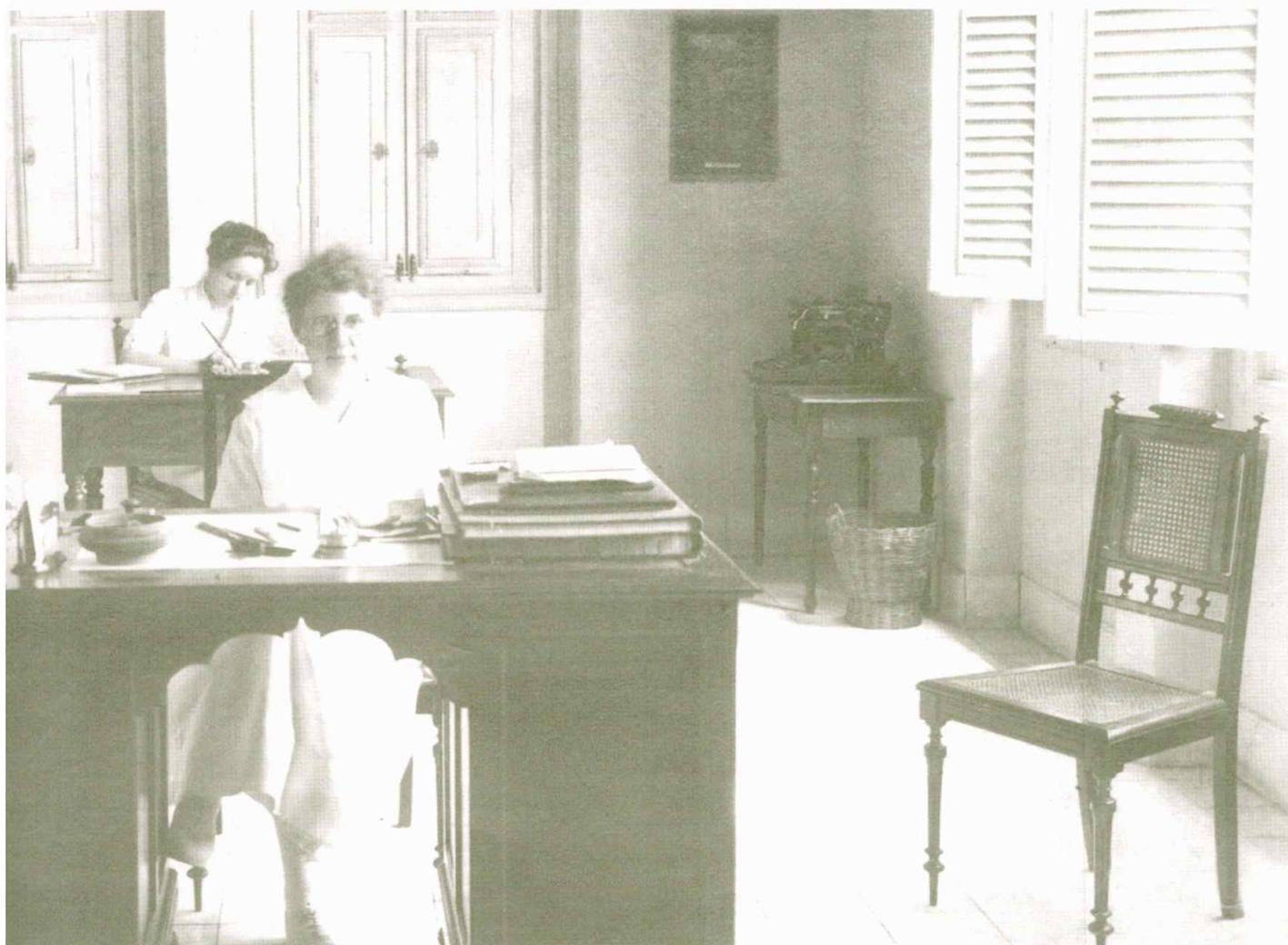
Associação Brasileira de Educação, compareceram representantes dos mais destacados dos nossos meios pedagógicos. Henrique e Eloi de Souza lá estiveram. Houve três oradores que saudaram a visitante ilustre, cabendo-me a honra de falar em nome do Rio Grande do Norte. Recordei a sua fase áurea à frente do estabelecimento, e não pude deixar de recordar o papel de Henrique Castriciano, de quem partiu o impulso inicial. Os jornais que noticiaram a festa, ignoraram a sua ação, o fiat do seu entusiasmo de iluminado, e omitiram até o seu nome entre os componentes da mesa. O poeta recalcou o desgosto que isto lhe causou. Meses depois, quando recebeu uma revista com o meu discurso, extravasou a sua queixa, em uma carta que me enviou de Natal: - "Meu caro Aducto. Abraço fraternal. Só agora vi em letra de fôrma na Revista Potiguar, a sua bela saudação a "D. Miss James" (como as mães das meninas sertanejas chamavam a grande educadora). E quero, mais uma vez, agradecer a você a generosidade de suas expressões a meu respeito, tanto mais valiosas quanto as vejo publicadas, depois do silêncio, aquele silêncio inqualificável da imprensa do Rio, deixando no limbo o meu nome, sem dúvida o julgando indigno de aparecer entre o dos figurões que homenagearam a santa criatura, naquela bonita noite, e fizeram parte da mesa, a que eu, em má hora, fui chamado".

(CÂMARA, 1947)



Noilde Ramalho convidou a ex-Diretora a vir a Natal, visitar a nova Escola, ver o crescimento do estabelecimento que ela tanto ajudou, ainda na fase de implantação. No entanto, ela recusou, menos, por mágoa ou ressentimento, e mais, por proteção contra um possível sofrimento emocional.

O contato com a professora norte-americana foi mantido por alguns anos, mesmo após seu retorno definitivo aos Estados Unidos, contato que o tempo se encarregou de dissipar. Contudo, jamais se dissiparão da memória de Noilde Ramalho as lembranças da grande educadora Leora James, uma idealista que acreditava no poder da educação, e que muito contribuiu para a consolidação dos ideais da Escola Doméstica de Natal.



Professora norte-americana Leora James: méritos reconhecidos.

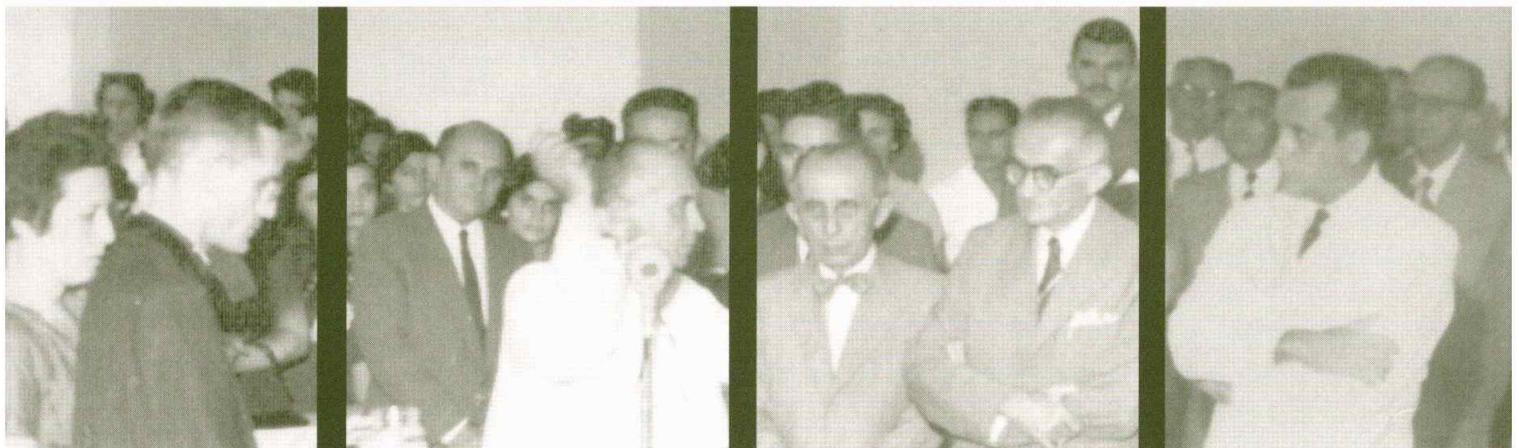


Inauguração do novo prédio da Escola Doméstica, no Tirol (01/03/1953): Padre Eugenio de Araujo Sales, Noilde Ramalho, Carlos Filgueira, Monsenhor João da Matha Paiva, Aldo Fernandes, Nestor dos Santos Lima, Varela Santiago e o Governador Sylvio Pedroza, entre outros.

# Capítulo XII

"Ninguém galga uma colina apenas olhando-a"

*Henry Ward Beecher (1813-1887)*



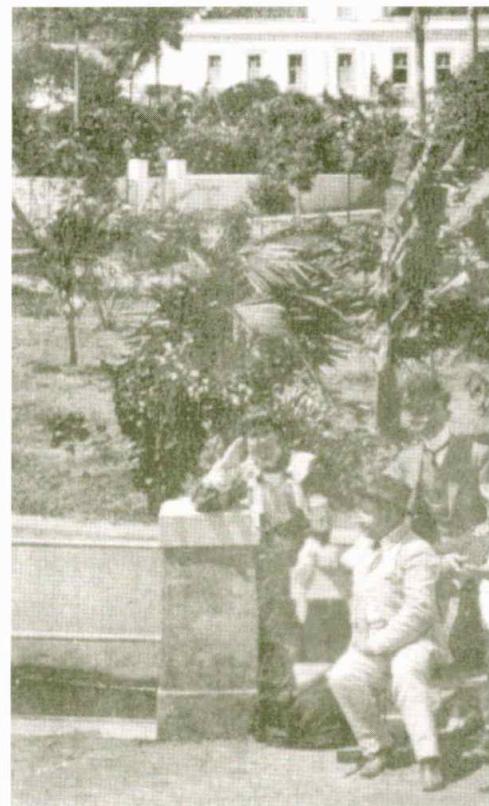
Novo Prédio da Escola Doméstica -  
A Luta sem Tréguas para a  
Concretização de um Sonho -  
Expansão Gradativa e Segura

O antigo e bonito prédio da Escola Doméstica de Natal, na Praça Augusto Severo, com elementos preponderantes do estilo neoclássico, projeto arquitetônico do Dr. João Thomé Saboya, foi inaugurado em 1914, tendo sido construído com suporte do erário público estadual, mediante o apoio e entusiasmo do Governador Joaquim Ferreira Chaves. Na época, a Ribeira era o principal bairro de Natal, onde se concentravam o comércio, as atividades culturais e sociais, sendo, também, área residencial importante. Nas ruas Dr. Barata, Padre Miguelinho e Chile estavam as principais lojas da cidade, que vendiam de artigos de armarinho, livros, jóias, tecidos e chapéus, a móveis, veículos, alimentos e material de construção. A Av. Tavares de Lira foi, na primeira metade do século XX, a mais destacada artéria da cidade, abrigando lojas, hotel, bares e cafés. Itamar de Souza, em "Nova História de Natal", cita uma crônica publicada no jornal "A República" de 24 de janeiro de 1926:

É uma avenida que exprime a alma tumultuária do bairro: a Ribeira. Há de tudo nessa avenida. Deságua no Potengi, de cujo cais se admiram os poentes. Tem moderna gracilidade do "ficus-benjamin", contrastando com as velhas linhas coloniais de seus edifícios. Enfileiram-se num contínuo aspecto de solenidade, os nossos poucos mais de cem automóveis, em disparidade com as carroças e veículos inferiores que também por ali transitam.

Avenida de festa e de trabalho. Cortam-na ainda os bondes promíscuos, isto é, sem distinção de classes. Desfilam jornalistas e jornaleiros. Senhorinhas gentis fazem o seu costumado passeio pedestre, rápido,

## A Escola Doméstica na Ribeira



Praça Augusto Severo - Ribeira, vendo-se a pontezinha e o córrego, anos 30/40.

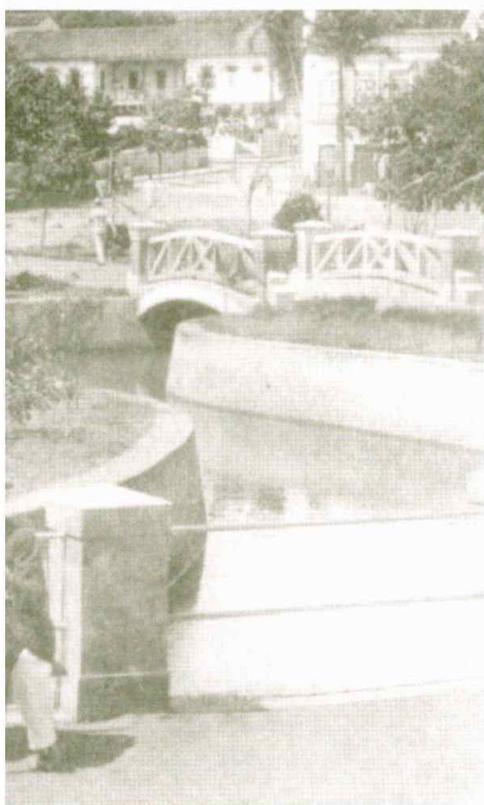
fugitivo, enquanto penetram a casa de modas ou verificam, de relance, o movimento do ancoradouro.

(*A REPÚBLICA, 1926 apud SOUZA, p.265*)

A Praça Augusto Severo, limitada ao nascente pelos edifícios do Theatro Carlos Gomes, Escola Normal (depois, Grupo Escolar Augusto Severo) e Escola Doméstica de Natal, era ponto de encontro dos natalenses, nas alegres manhãs de sol, nas tardes vagarosas e nas noites calmas de antigamente. Logradouro ameno, onde crianças, jovens e adultos iam com frequência em busca do ócio e do lazer. Árvores frondosas, bancos, chafariz, uma pontezinha sobre córrego, coreto, tudo isso conferia à Praça um ambiente romântico e acolhedor. Em 1913 foi inaugurado o monumento em homenagem ao ilustre potiguar Augusto Severo, pioneiro e mártir da aviação, falecido em 1902 quando seu balão PAX, que sobrevoava Paris, incendiou-se e causou a morte do aeronauta e do mecânico Sachet.

O escritor Lauro Pinto, em seu livro "Natal Que Eu Vi", se reporta liricamente à Praça Augusto Severo:

Na Ribeira existiu - porque hoje só encontramos um grosseiro arremedo - o mais belo e encantador jardim da Cidade, uma verdadeira obra prima de arte e bom gosto. Natal jamais terá outro igual. Jardim que alegrava os olhos e a alma dos Natalenses. Era um grande éden que tomava toda a Praça Augusto Severo em forma circular, muitas árvores, canteiros floridos e bem tratados. O jardim era cortado por alamedas com o piso de pedrinhas, vários canais e pontes com que a maré cheia causava deslumbramento. No meio dos canais



Acervo / Diário de Natal

algumas ilhotas com sapos artificiais. Recreio para nós e mais para os pássaros que eram numerosos, quer os canoros voando pelas árvores, quer as rolinhas simpáticas bicando as sementes no chão. Possuía o jardim um grande e belo coreto de madeira, montado em base de alvenaria, sendo obra prima de marcenaria, localizado com frente para a rua das Virgens, hoje, Câmara Cascudo. A banda musical da Polícia Militar realizava sempre magníficas retretas. Havia mais outra grandiosidade: uma fonte ornamental de bronze, constante de uma bacia tendo no centro, em plano elevado, um índio estrangulando uma jibóia que jorrava água pela boca. Esta riqueza em arte e bronze desapareceu. No mesmo éden havia uma herma de Nísia Floresta, em bronze, num pedestal de pedra polida, bastante simples, mas muito bonito. Onde está ela?

(PINTO, 1971, p. 27.)

Contudo, a Ribeira era sempre invadida pelas águas todas as vezes que uma chuva torrencial coincidia com o nível da maré alta. Para construir a Praça Augusto Severo, o Governador Tavares de Lira teve que mandar fazer um grande aterro no local escolhido para o logradouro. Além disso, no final da década de 40, a Ribeira já não apresentava o mesmo *glamour* do passado. O comércio existente tendia para a predominância de produtos industriais, materiais de construção e peças automotivas; a Praça Augusto Severo estava se desfigurando gradativamente; as residências, agora, concentravam-se no Tirol e em Petrópolis, pois Natal não mais se resumia a dois bairros como no passado, a Cidade Alta e a Cidade Baixa (Ribeira).

Recreio para nós e mais para os pássaros que eram numerosos, quer os canoros voando pelas árvores, quer as rolinhas simpáticas bicando as sementes no chão.

Mais uma vez Lauro Pinto fala da Ribeira, agora se referindo à Escola Doméstica e à sua transferência do bairro:

E mais ainda, nossa querida e gloriosa **Escola Doméstica** nasceu na Ribeira e lá ficou por quase meio século. Era, por muitos motivos, o orgulho da Ribeira e alegria de todos e especialmente dos rapazes. Era, como ainda hoje é, a sala de visita de Natal; estabelecimento que já ganhou fama internacional. Entre as boas coisas que já se fizeram no Estado, a Escola Doméstica figura em lugar de destaque. Assim, constituía uma manhã ou tarde de festa quando a Doméstica saía a passeio pelas ruas da Ribeira e ia até o Cais Tavares de Lira. Meninas bonitas, impecavelmente fardadas com a tradicional vestimenta branca, inquietas, risonhas e felizes. Parece que ainda estou vendo ... a Diretora Maria Emiliana Silva conduzindo um bando de garças: Cecília Oliveira, Margarida Filgueira, Olga Barbosa, Aurina Galvão, Nasilha, Paulina, Juraci e Elza Lamartine, Cloris Xavier, Joana Darc Pereira, Lídia Zarembo, Celina Cavalcanti, Laurita e Iracema Jacinto, Maria Aparecida Neto, Elizabeth Tinoco, Iracema Galvão, Iluminata Santa Rosa, Maria Augusta Dantas, Safira e Iracema Fernandes, Mafalda e Giovane Montenegro, Julieta Dantas, Maria de Lourdes Couto, Noemia, Djanira e Lindalva Luceña, Wenceslina e Giselda Salustino, Alix Ramalho, Aguinoral Dantas, Chicuta Nolasco, Maria Luiza e Lindalva Pinheiro,

Entre as boas coisas que já se fizeram no Estado, a Escola Doméstica figura em lugar de destaque. Assim, constituía uma manhã ou tarde de festa quando a Doméstica saía a passeio pelas ruas da Ribeira e ia até o Cais Tavares de Lira.

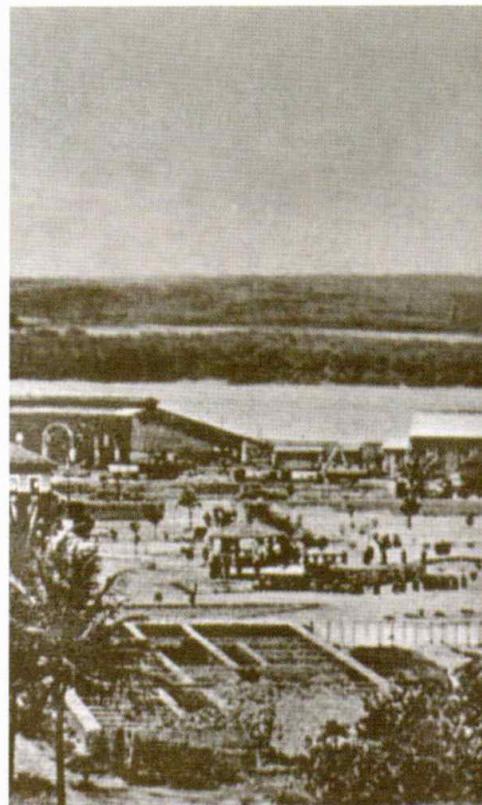
Maria de Lourdes Capistrano, Anita Ferreira de Souza, Eunice Resende, Célia e Cecília Marinho, Wancy e Calipso Aquino, Yara Alice do Rego, hoje, senhora Yara do Rego Pinto e outras de cujos nomes não me recordo no momento. Era um bando de adolescentes tocadas pela beleza das mulheres nordestinas, as filhas espirituais do imortal Henrique Castriciano. Há poucos anos, a Escola Doméstica mudou-se para o Tirol. Mas, quem, como eu, viu tudo isto e hoje passa por aquela casa grande e bonita onde atualmente funciona um departamento do INPS, ao lado da Faculdade de Direito, e que escolheu naquele viveiro cheio dos pássaros mais lindos de Natal uma moça para sua esposa, sente uma imensa saudade como se tudo já tivesse passado na vida. Com a transferência da Doméstica, a Ribeira sofreu mais um duro golpe.

(PINTO, 1971, p. 28)

E, finalmente, mais um belo texto sobre a velha Ribeira, autoria do erudito escritor Dorian Gray Caldas:

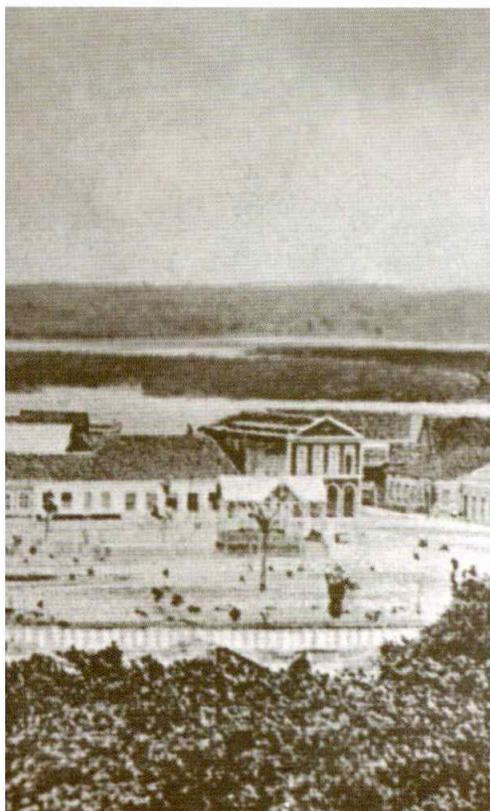
Onde estão os catraieiros, os barqueiros do rio Potengi, os canguleiros e os xarias cantados em versos por Navarro, e em prosa deliciosamente viva de Veríssimo de Melo? Onde estão os comerciantes da rua Chile, seu César, seu Mesquita, Olímpio Tavares, meu pai, guarda-livro de Álvaro de Brito? "Estão todos deitados, estão todos dormindo, dormindo profundamente", como dizia Manuel Bandeira.

(CALDAS, 2004, p.6)



Ribeira, anos 20/30.

Onde estão os catraieiros, os barqueiros do rio Potengi, os canguleiros e os xarias cantados em versos por Navarro, e em prosa deliciosamente viva de Veríssimo de Melo?



Arquivo Diário de Natal

## DOAÇÃO DO TERRENO DO TIROL

Há pouco tempo na Direção da Escola Doméstica, Noilde Ramalho percebeu que seria necessário deixar o prédio da Ribeira para se instalar em local mais adequado, que oferecesse mais conforto para os usuários e mais funcionalidade para as atividades da Instituição. Era preciso que a Escola estivesse mais próxima das residências das famílias que levavam suas filhas para o estabelecimento, exceção para as alunas do internato, vindas de outras cidades de várias regiões do país. E as enchentes da Ribeira atormentavam a Diretora da Escola:

– Era um verdadeiro suplício para as famílias, para os professores, para as alunas e para os funcionários que tinham de ir para a Escola em dias de muita chuva. Às vezes, ficávamos completamente ilhados, pois era impossível a aproximação de qualquer veículo.

Tomada a decisão, dois obstáculos se apresentavam como forças contrárias à execução da idéia: o primeiro, de ordem circunstancial, afetiva, pois o amor e o apego ao velho edifício pedia para nele permanecer a fim de manter a tradição e o respeito às origens; o segundo, de ordem econômica, era a falta de dinheiro para comprar ou edificar uma nova sede para a Escola. Se o primeiro apresentava-se mais fácil de superar, até porque a realidade assim exigia, bem como, o respeito às origens começava com a vontade de crescer e de ser cada vez mais útil ao Estado, o segundo passou a preocupar a Diretora, pois não existia qualquer reserva financeira que garantisse o menor passo inicial nessa direção. Desanimar, porém, nunca foi atitude presente na vida de Noilde Ramalho. Para ela, parece que as dificuldades momentâneas são sempre fontes de novas forças, de novas energias. Por isso, decidiu que levaria adiante

esse propósito, tendo obtido o apoio total da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Ainda em 1945, durante recepção na Escola Doméstica, oferecida ao Almirante Ary Parreiras, na sua despedida de Natal, a Diretora conversava com algumas pessoas sobre a idéia da mudança de local da Escola, quando o Deputado Federal José Arnaud, genro do Senador João Câmara, que morava em uma bonita casa na Avenida Hermes da Fonseca, com entusiasmo, disse:

– D. Noilde, há um grande terreno em frente à minha residência, onde funcionou o Esquadrão de Cavalaria, que pertence ao Estado e que seria o local perfeito para a Escola Doméstica. Pode contar com o meu apoio para que o Governo faça a doação do imóvel.

Aquela sugestão do Deputado José Arnaud acendeu uma luz de esperança e de otimismo, que não mais se afastou da sua lembrança, como se fosse uma predestinação irreversível. A Liga de Ensino entusiasmou-se com a sugestão, tendo Noilde instigado o Presidente, Dr. Varela Santiago, a interceder junto ao Interventor Ubaldo Bezerra para conseguir a doação do terreno:

– Dr. Varela, seu pedido ao Dr. Ubaldo Bezerra, representando toda a Liga de Ensino, será definitivo para o atendimento. Por favor, mostre ao Governador que o benefício há de ser para o Rio Grande do Norte, pois a Escola Doméstica, todos sabem, já é um orgulho da nossa terra.

Dr. Varela Santiago, no seu estilo discreto, sereno, mostrou-se favorável à idéia e prometeu ir ao Palácio levando o pleito, o que realmente fez, sem delongas. Na volta, exultante de alegria, porém sem demonstrar claramente essa emoção, pois era sua maneira de ser, disse que o Dr. Ubaldo Bezerra havia concordado

com a doação do imóvel à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. A partir dessa decisão, foram implementadas ações para efetivar a transferência do terreno, com área de 17 hectares, tendo o ato final de doação, na Assembléia Legislativa, ocorrido já no Governo do Dr. José Augusto Varela. Dessa forma, esses dois homens públicos, especialmente o Dr. Ubaldo Bezerra, são eméritos benfeitores do Complexo Educacional que tem sua origem na Escola Doméstica de Natal.

## A OBSTINAÇÃO PARA CONSTRUIR O NOVO PRÉDIO

O terreno amplo, bem localizado no florescente bairro do Tirol, ainda mantinha uma velha edificação que abrigara o Esquadrão de Cavalaria, o qual, no passado, havia sido comandado pelo famoso Joca do Pará.

Noilde Ramalho habituou-se, ao longo da vida, a aceitar desafios, não tendo hesitado quando, ainda muito jovem, foi convidada para assumir a Direção da Escola Doméstica, dando continuidade ao trabalho de pessoas tão ilustres, a maioria professoras estrangeiras. Agora, estava diante de um novo grande desafio: construir o prédio da Escola no terreno que fora doado pelo Estado, partindo do zero, pois não havia qualquer quantia disponível nas economias do estabelecimento:

– Vamos vender esse prédio da Ribeira, mesmo sofrendo por isso, e começar a construção; faremos economias, campanhas, vamos mobilizar a sociedade e o Governo; Natal precisa ter uma Escola que empolgue pelo pioneirismo e pelas instalações; não sossegarei enquanto não conseguir - pensava a entusiasmada Diretora.

Todas as sugestões possíveis passaram a ser feitas com o objetivo de efetuar a venda do bonito

Natal precisa ter uma Escola que empolgue pelo pioneirismo e pelas instalações; não sossegarei enquanto não conseguir - pensava a entusiasmada Diretora.

imóvel da Praça Augusto Severo. Foi quando chegou ao conhecimento da Diretora da Escola Doméstica a informação de que o IAPC - Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários - estava planejando uma mudança de sede. Além dos contatos locais, seriam necessárias gestões políticas para que o Governo Federal efetivasse a compra do imóvel, perfeitamente adaptável às pretensões do IAPC. Não havia pessoa mais adequada para essa tarefa do que o Dr. João Café Filho, à época Vice-Presidente da República. Era necessário, portanto, obter a adesão do Dr. João Café à causa da Escola Doméstica.

Nesse meio tempo, o Vice-Presidente veio a Natal, ficando hospedado na residência de Olavo Galvão, na Av. Getúlio Vargas, uma casa bonita que chamava a atenção pelo telhado em forma de chalé com grande inclinação, próprio para regiões onde há precipitação constante de neve. Noilde, então, decidiu pedir o apoio do Vice-Presidente para seus planos de expansão da Escola Doméstica, indo ao seu encontro na casa de Olavo Galvão. O Dr. Varela Santiago, Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, não podia se envolver diretamente na tarefa, pois era genro de Juvenal Lamartine, ferrenho opositor de Café Filho.

Noilde foi distintamente recebida por Café Filho, que estava adoentado, dizia-se que estava "Surmenage", ou seja, em repouso, sob cuidados médicos. Assim, foi por ele atendida, em um dos aposentos da bonita residência da família Galvão:

– D. Noilde, peço que a senhora compreenda porque não posso recebê-la de forma mais apropriada, mas existe uma recomendação do meu médico para guardar repouso e eu soube que a senhora tem certa pressa em falar comigo.

Noilde, então, decidiu pedir o apoio do Vice-Presidente para seus planos de expansão da Escola Doméstica, indo ao seu encontro na casa de Olavo Galvão. O Dr. Varela Santiago, Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, não podia se envolver diretamente na tarefa, pois era genro de Juvenal Lamartine, ferrenho opositor de Café Filho.

Café Filho estava vestindo elegantemente um pijama de seda, recostado, com uma vira também de seda a cobrir-lhe parcialmente o corpo.

– Dr. João Café não se preocupe, eu entendo muito bem a situação. Pelo contrário, agradeço sua gentileza de me receber, mesmo estando doente.

Noilde Ramalho, que estava um pouco apreensiva, ficou logo muito à vontade, mediante a grande cordialidade com que foi recebida pelo Vice-Presidente.

– Nossa pretensão, Dr. João Café, é que o senhor interfira para que o IAPC compre o edifício atual da Escola Doméstica, para que nós possamos construir um novo prédio.

O ilustre norte-rio-grandense viu-se logo envolvido pelo entusiasmo da Diretora e, aderindo à idéia, disse:

– Farei o possível para atendê-la, D. Noilde, até porque o superintendente local, Miguel Rocha, manifestou interesse por um lugar mais adequado para instalar o Instituto. Já existe um terreno para a construção das novas instalações?

– Existe sim, um grande terreno localizado na Av. Hermes da Fonseca acaba de ser doado, pelo Estado, à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Café Filho prometeu visitar o terreno indicado. Poucos dias depois, já restabelecido, foi ao local acompanhado por Noilde. O grande terreno ainda abrigava a velha edificação, que tinha servido de sede ao Esquadrão de Cavalaria. Na ocasião, ele exclamou:

– Minhas lembranças desse local não são muito boas, pois aqui fiquei preso por vários dias.

Noilde pensou que isso fosse influenciar negativamente na decisão do Vice-Presidente, pela lembrança desagradável causada por aquele reencontro

“Minhas lembranças desse local não são muito boas, pois aqui fiquei preso por vários dias.”

com o ambiente que lhe serviu de prisão. Mas isso não ocorreu, pelo contrário, em pouco tempo o IAPC comprou o prédio da Escola Doméstica por quarenta mil cruzeiros, sendo que dois mil cruzeiros foram gastos com a legalização da transferência.

Agora, era preciso correr com a construção do novo prédio da Av. Hermes da Fonseca, até porque o IAPC necessitava de receber o imóvel comprado.

Antes do valor adquirido com a venda do antigo prédio, uma pequena quantia havia sido destinada à Liga de Ensino, proveniente do Ministério da Saúde, que acatou o projeto do Dr. Varela Santiago, com apoio do Deputado Federal Aluizio Alves, para construção de um Instituto de Puericultura. Certa feita, um grupo de pessoas ilustres da cidade, entre as quais Eloy de Souza, foi convidado para visitar o local onde estava sendo erguido o novo edifício da Escola Doméstica. No local existiam alguns alicerces que o Dr. Varela Santiago dizia ser do Instituto de Puericultura. Eloy de Souza, então, mostrou-se surpreso e confidenciou:

– D. Noilde, vim visitar a construção da Escola Doméstica e o Varela fica falando em Instituto de Puericultura; esclareça-me, por favor.

A Diretora disse da verba recebida do Ministério da Saúde e explicou que o Instituto de Puericultura estava englobado no projeto total da Escola, tendo o Dr. Eloy de Souza se mostrado plenamente satisfeito.

O terreno recebido pela doação do Estado era uma planície de restinga, coberta por vegetação herbácea, uma espécie de gramínea rasteira. Pouquíssimas árvores, isoladas, perdidas na vastidão da área.

Noilde Ramalho, sempre sensível às coisas da natureza, apreciadora da beleza que o mundo vegetal oferece, tratou logo de arborizar o local da futura escola, mesmo antes da construção iniciar. Foram plantadas inúmeras árvores que, atualmente, conferem à

O terreno recebido pela doação do Estado era uma planície de restinga, coberta por vegetação herbácea, uma espécie de gramínea rasteira. Pouquíssimas árvores, isoladas, perdidas na vastidão da área.

área uma beleza ímpar. Como, por exemplo, os oitizeiros enormes que adornam a entrada da Escola Doméstica, dispostos lado a lado e formando uma abóbada de caules e folhas, que se entrelaçam nos seus prolongamentos mais altos; parecem até que são um abraço afetivo e permanente de boas-vindas, proporcionando ao espaço por eles protegido uma sombra agradável e um ambiente de paz e bem-estar. Margeando a Escola Doméstica, à esquerda, existe outra área de sombra proporcionada, também, por grandes oitizeiros, protegendo a via de acesso de veículos que leva a um estacionamento.

Atualmente, é um conjunto agradável e ameno, onde se vê a integração harmônica entre a natureza e as edificações, com o verde e as sombras das frondes a suavizarem o olhar dos privilegiados usuários e dos visitantes. Circundante, encontram-se as dunas com sua vegetação característica da Mata Atlântica, sítio ecológico onde riquíssimas flora e fauna são preservadas.

O primeiro projeto arquitetônico do novo prédio a ser construído para a Escola Doméstica foi de autoria do Engenheiro Otávio Tavares. Entretanto, coube ao Engenheiro Hélio Lopes de Oliveira a elaboração definitiva do projeto, bem como, do acompanhamento da construção. Hélio Lopes era mineiro e tinha vindo para Natal a fim de planejar e fazer a coordenação técnica da implantação da Base Naval de Natal, um dos pontos essenciais na preparação da cidade para sua atuação como área estratégica durante a Segunda Guerra Mundial.

Começava, então, a se concretizar mais um sonho de Noilde Ramalho. Para ela, era emocionante ver os alicerces aflorarem, emergirem do chão e sobre eles se elevarem as colunas e as paredes. Pouco a pouco delineavam-se, no concreto e no tijolo, as formas e os espaços saídos do papel. Sugestões ela fez

Atualmente, é um conjunto agradável e ameno, onde se vê a integração harmônica entre a natureza e as edificações, com o verde e as sombras das frondes a suavizarem o olhar dos privilegiados usuários e dos visitantes.

várias, durante a fase do projeto, e, até mesmo, com a edificação iniciada, pois tinha na sua mente a escola funcionando na sua integralidade. Lembra-se bem que teve de mudar o local do refeitório e da cozinha, pois onde estavam no projeto inicial não atenderiam à boa funcionalidade.

Foram quase três anos de intenso labor, visitas diárias às obras. Por várias vezes, chorou por encontrar algumas dificuldades para fazer o que ela considerava ser o melhor. Lembra-se bem do piso que ela imaginava para o andar superior, em forma de tabuleiro de xadrez, com cerâmicas grandes. O difícil era conciliar poucos recursos financeiros com uma edificação que fosse condigna de sua nobre missão. Mas sua obstinação estava acima dos obstáculos, apequenavam-se as dificuldades diante da força de um sonho e de um entusiasmo por uma causa. Os choros, as noites de insônia, as apreensões, as dúvidas, tudo haveria de se dissipar e se transformar na vitória de um ideal.

## A TRANSFERÊNCIA E A INAUGURAÇÃO

Em março de 1952, houve a transferência para o novo prédio, que ainda estava em construção. Não havia como acomodar convenientemente o internato, o que obrigou as alunas internas a irem dormir na Ribeira, em casa que pertenceu a Avelino Freire, situada por trás do Theatro Carlos Gomes. Após alguns dias, considerados os atropelos gerados pelo deslocamento de alunas e professoras, foi adotada a opção pelo dormitório da Escola, mesmo em construção. As condições eram insatisfatórias, pois nem mesmo portas e janelas haviam sido ainda instaladas. Noilde relembra com emoção daquela fase, quando o amor das alunas pela Escola foi essencial na superação das dificuldades:

– "As alunas daquele período deram muita força para a consolidação do sonho, pois



Átrio central da Escola Doméstica. Em destaque, o busto de Henrique Castriciano.



vieram alegres e felizes para um prédio inacabado. Nada reclamaram, pelo contrário, foram incentivadoras, encorajando a todos nós, dando uma parcela de sacrifício em benefício das turmas futuras. A Escola tem uma carinhosa gratidão para com as alunas daquela época, especialmente para a turma concluinte de 1953."

Até financeiramente as alunas ajudaram. Um exemplo dessa participação foi a "campanha do garrote", em 1952, quando cada aluna do interior, na maioria filhas de fazendeiros, dava um garrote para a Escola. Com o dinheiro proveniente da venda dos animais foi comprada uma geladeira industrial de quatro portas, na firma Severino Alves Bila, a qual até hoje funciona normalmente.

A inauguração oficial da nova Escola Doméstica, situada na Av. Hermes da Fonseca, 789, somente ocorreu em 1º de março de 1953, precisamente um ano após ter sido transferida do antigo endereço, na Praça Augusto Severo, 281. Realizou-se uma grandiosa festa, prestigiada pela sociedade, com a presença de alunas, professores, autoridades civis, militares e religiosas. O Governador Sylvio Pedroza falou, ressaltando a importância do evento. Também estava presente o Senador José Ferreira de Souza.



A descontração de estudantes do HC e da ED.



## A EXPANSÃO

A parte inaugurada representava o núcleo do prédio central, incluindo área administrativa, algumas salas de aula, dormitório, auditório, cozinha e refeitório. Gradativamente, foram sendo construídos outros pavimentos e ampliados os serviços oferecidos. Assim, surgiram o Pavilhão da Puericultura e do Ensino Infantil, novas salas de aula, setor de apoio pedagógico, casas para aulas práticas de administração do lar. Em 1965, era inaugurado o Ginásio Noilde Ramalho, com capacidade para 3.000 pessoas, além da piscina com arquibancada coberta. Em 1967, a Biblioteca Auta de Souza inicia o funcionamento, com as instalações muito boas e com um acervo de 5000 livros, e, em 1974, é a vez do Centro de Ciências Juvenal Lamartine, com laboratórios de Biologia, Física e Química, com área total de 550m<sup>2</sup>, de aprazível e sólida construção.

Noilde Ramalho, ao lado de sua extraordinária vocação de educadora, revelou sempre aptidão administrativa comprovada ao longo dos anos. A expansão física da Escola processou-se em função da ampliação dos serviços oferecidos, os quais apresentavam uma constante seqüência de sucessos. Apenas, como exemplo, é pertinente registrar sua ação para que, em 1956 e 1958, fossem instalados os cursos Pré-Primário e Primário, respectivamente, além do decisivo passo dado pela Escola Doméstica quando, em 1962, teve reconhecidos seus cursos no nível Ginásial e Colegial, hoje transformados em Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A exemplo das Ecoles Ménagères suíças e francesas, desde o início havia uma tendência aos ensinamentos relacionados com a prática rural, porque, inclusive, essa era a recomendação de Henrique Castriano para a Escola Doméstica de Natal. O primeiro currículo já contemplava estudos sobre o leite e gado leiteiro, fabricação de manteiga e queijo, botânica,

horta, avicultura e apicultura. Com a transferência para o Tirol, essa prática se intensificou, pois uma mini-fazenda foi implantada no grande terreno disponível, a qual abastecia a Escola de leite e manteiga, que, às vezes, chegavam a ser comercializados. Noilde Ramalho extravasava seu entusiasmo por essas atividades, que ofereciam às alunas a oportunidade de ver e aprender técnicas modernas de criação de bovinos, especialmente voltadas para a produção de leite e seus derivados. Atualmente, com a ampliação das edificações escolares, a mini-fazenda foi desativada.

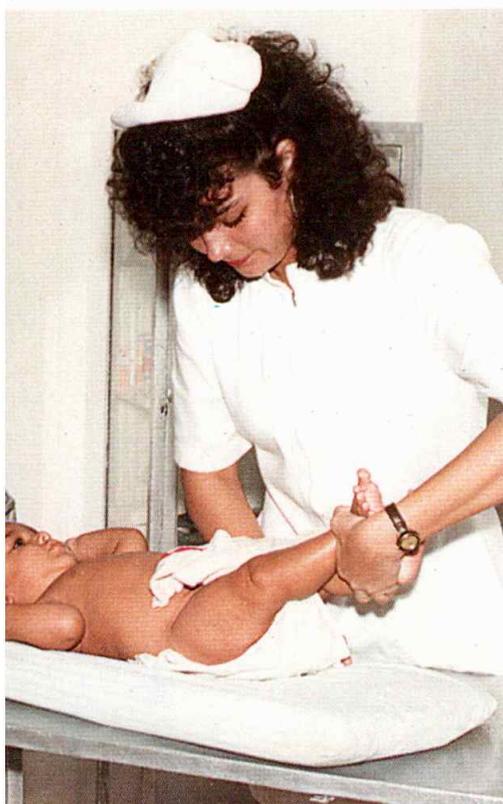
Ao longo dos anos, portanto, foi se ampliando a área edificada da Escola Doméstica, sempre obedecendo a criterioso planejamento que preservava a funcionalidade, a estética, o meio ambiente e a unidade de estilo arquitetônico, constituindo-se, atualmente, em um conjunto harmônico de rara beleza, sem sofisticções, mas muito expressivo da sua nobre missão de formar jovens, crianças e adolescentes para o desempenho futuro do papel feminino no mundo moderno. A arquitetura obedece ao estilo neocolonial, tão em moda na metade do século passado, na qual se destaca a cor branca das paredes que dão visão especial ao tom cerâmico dos telhados coloniais. A fachada do prédio principal é imponente, em dois pavimentos, com duas colunas cilíndricas no pórtico de entrada, janelas e portas formando semi-arcos superiores. Ao adentrar o prédio, todo visitante logo se impressiona pela beleza e pelo bom gosto do Salão Nobre, onde estão móveis no estilo Luiz XVI, peças de antiguidades, telas a óleo e, sobre uma mesa, o precioso Livro das Impressões, que contém mensagens deixadas pelas figuras ilustres que vieram algum dia à Escola Doméstica, tais como Presidentes da República, Ministros de Estado, Governadores, autoridades religiosas e diplomáticas, professores, educadores, líderes políticos, empresariais e



Alunas da ED em frente à Biblioteca Auta de Souza.



Puericultura da Escola Doméstica: alunas cuidam de crianças, sob supervisão.



militares, entre outros. Em seguida, um ambiente acolhedor se apresenta: o átrio central, grande área descoberta, ajardinada, que interliga as salas de aula e o setor administrativo, e que proporciona ventilação e iluminação natural ao corpo principal do prédio. Mais adiante, outra área gramada e de jardins, delimitada pelo refeitório, pelas salas de aula e pela biblioteca, lugar muito agradável, que transmite serenidade, calma interior e bem-estar, onde se realizam as recepções ao ar livre, lançamentos de livros, concertos musicais e saraus.

Enfim, as instalações físicas da Escola Doméstica são bonitas, estéticas e funcionais, onde as construções se integram à natureza, proporcionando conforto e bem-estar aos usuários. São ótimas salas de aula, laboratórios de última geração, excelente biblioteca, parque esportivo completo, além de instalações para estudos de Nutrição, Puericultura e Economia Doméstica. Toda essa estrutura adequa-se ao ensino básico de elevado padrão, preparando a mulher para competir e participar de todos os setores da sociedade moderna, sem perder de vista certos atributos que são inerentes à própria condição feminina, com os quais lhe brindaram Deus e a Natureza.

Uma das características da Escola Doméstica é a existência do regime de internato, que começou desde a fundação do estabelecimento e se mantém até hoje. O pavimento superior do prédio principal destina-se aos aposentos das alunas internas. Meninas e moças de quase todo Brasil já vieram estudar na Escola Doméstica, na maioria provenientes de estados do Norte e Nordeste. Atualmente, pelas próprias mudanças nas condições de ensino, diminuiu o número de alunas internas, sendo, em grande parte, do interior do Rio Grande do Norte.

Um outro aspecto marcante é a participação da Escola em eventos e iniciativas de interesse da

comunidade. Professores e alunas têm se envolvido em atividades e demandas sociais, orientando, ministrando cursos, seminários, formando parcerias em tudo que possa resultar em benefício coletivo. Como exemplo, há que se ressaltar a participação, desde a primeira hora, no programa CRUTAC, experiência de extensão universitária maior que já ocorreu no Brasil, iniciado na UFRN, pelo Reitor Onofre Lopes. Convocada, lá estava a Escola Doméstica dando sua contribuição, participando da equipe que atuava no meio rural. Entre outras ações, as mulheres do campo

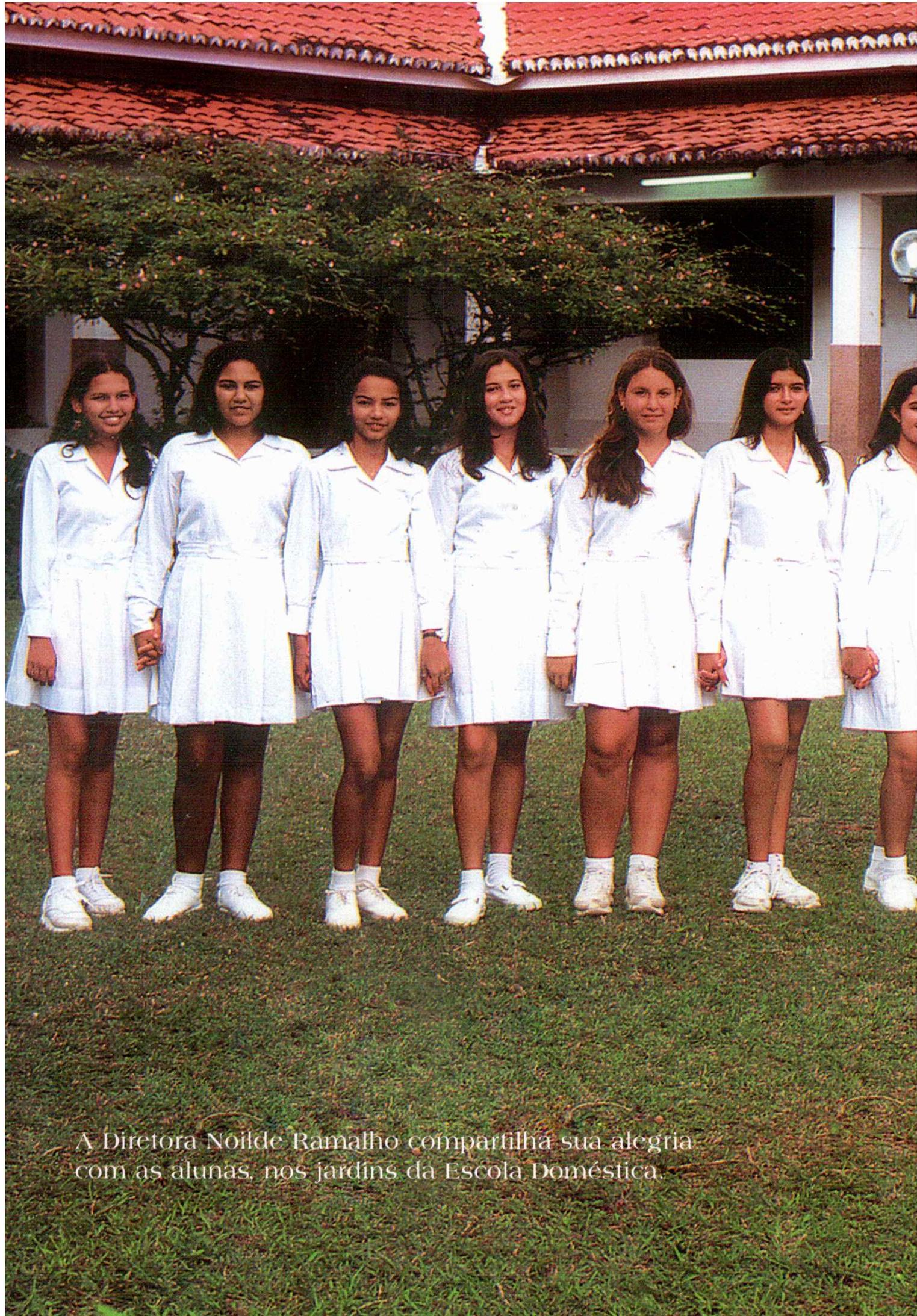
Fachada principal da  
Escola Doméstica, no Tirol.



aprendiam boas noções de higiene do lar, do corpo e dos alimentos. A arte culinária fazia parte do programa, com ênfase ao melhor aproveitamento dos alimentos produzidos na região, com vistas a melhorar os índices nutricionais da população.

Por outro lado, a presença das alunas da Escola Doméstica nas solenidades e nos eventos significativos da cidade, há 90 anos, com seus uniformes brancos, representando paz, simplicidade e beleza, constitui-se em uma tradição de Natal, a qual inspira simpatia e traduz a valorização da força feminina.





A Diretora Nólde Ramalho compartilha sua alegria com as alunas, nos jardins da Escola Doméstica.





Diretora Noilde Ramalho: objetivos bem definidos e firme capacidade de decisão.

# Capítulo XIII

"A apatia só pode ser vencida pelo entusiasmo e o entusiasmo só pode ser despertado por duas coisas: primeiro - um ideal que tome de assalto a imaginação; segundo - um plano definido e compreensível para levar o ideal à realização prática."

*Arnold Toynbee (1852-1883)*



## Duas Decisões Cruciais

## Opções de rumo

*S*eis estrangeiras e quatro brasileiras dirigiram a Escola Doméstica de 1914 a 1945, ou seja, por um período de 31 anos. De 1945 até o momento atual, 2004, somente uma Diretora: Noilde Pessoa Ramalho. São 59 anos de total desvelo, de renúncia a projetos pessoais, em favor de uma causa educacional que, desde tão jovem, ela decidiu que seria a sua devoção.

Essa longa e profícua seqüência administrativa, realizada com abnegação e competência, garantiu o crescimento da Instituição, de forma coerente e organizada, sem interrupções e descontinuidades de objetivos e metas. Em uma visão panorâmica e retrospectiva, ressaltam-se as grandes mudanças estruturais que ocorreram, ao mesmo tempo em que o prestígio institucional se manteve e se consolidou. A evolução aconteceu de forma gradativa e segura, pois começando com uma escola feminina que, apesar do elevado nível não se incluía no ensino regular, atingiu-se a educação superior. Para isso, várias etapas foram vencidas, entre as quais de destaca o reconhecimento dos cursos da Escola Doméstica e a decisão de não deixar o estabelecimento se incorporar à UFRN. Essas opções de rumo foram importantes para os avanços que se sucederam, representados, principalmente, pela fundação de um colégio misto, o Complexo Educacional Henrique Castriciano e, depois, pela criação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN. Acompanhando essa evolução, houve significativo crescimento das instalações físicas. De um prédio construído nas primeiras décadas do século passado, bonito, até mesmo imponente - para a época em que surgiu - mas com uma localização que, gradativamente, estava se tornando imprópria, além de pequeno para seus planos de desenvolvimento, passou-se para um Campus belíssimo, em ótima área geográfica da

São 59 anos de total devotamento, de renúncia a projetos pessoais, em favor de uma causa educacional que, desde tão jovem, ela decidiu que seria a sua devoção.

cidade, de construções amplas e confortáveis e com a natureza preservada a adornar-lhe o âmagio e o entorno. Nesse Campus, que abriga os dois Colégios e uma Faculdade, pode estudar desde a criancinha da pré-escola, até o aluno de pós-graduação.

## PRIMEIRA DECISÃO: RECONHECIMENTO E REVALIDAÇÃO DO CURSO

Logo após assumir a direção da Escola Doméstica, Noilde Ramalho entendeu que era necessário fazer a adequação do currículo ao ensino regular, ou seja, fazer a equiparação aos níveis Primário e Secundário, que já foram chamados de 1º e 2º Graus, Ginásial e Colegial e, hoje, denominam-se Ensino Fundamental e Médio, que compõem o Ciclo Básico.

Em 1947, foi, então, em busca do apoio da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, presidida por Dr. Varela Santiago:

– Dr. Varela, tenho uma preocupação quanto ao futuro da Escola. Estou começando a perceber que outros colégios, como o Colégio Imaculada Conceição, o Marista e o Neves estão oferecendo vantagens aos alunos, pois quando terminam os estudos eles podem ingressar em uma Faculdade, o que não ocorre com as nossas alunas. Por que não fazer a reforma dos nossos currículos, a fim de atender a essa justificada demanda? Além disso, é perfeitamente possível manter o ensino doméstico, ao mesmo tempo que se oferece o ensino regular.

Dr. Varela Santiago ouviu atentamente a observação da Diretora e prometeu convocar uma reunião do Conselho Diretor da Liga para apreciar a matéria.

A reunião não demorou a acontecer, oportunidade em que Noilde defendeu o seu ponto de vista.

Logo após assumir a direção da Escola Doméstica, Noilde Ramalho entendeu que era necessário fazer a adequação do currículo ao ensino regular.

Dr. Varela, na ocasião, solicitou que o conselheiro Antônio Fagundes, à época ocupando o cargo de Diretor da Instrução Pública, equivalente ao de Secretário da Educação do Estado, emitisse a sua opinião sobre o assunto, o qual se manifestou, preliminarmente, contrário à idéia:

– A preocupação da Diretora é elogiável, porquanto mostra o seu cuidado com o futuro da Escola. Contudo, não vejo ameaça em manter o currículo atual. Não podemos alterar o projeto original de Henrique Castriciano de formar Donas de Casa. A Escola nasceu com esse objetivo e não deve se preocupar com outros estabelecimentos que já nasceram com outra missão. Portanto, até o momento, não concordo com essa sugestão de D. Noilde, apesar de prometer que farei um estudo mais minucioso sobre o tema.

– Mas Prof. Fagundes, estamos perdendo alunas para os outros colégios, argumentou Noilde.

– Perdemos por um lado e ganhamos por outro. Sou da opinião que a Escola deve permanecer com seu projeto original, apenas se adequando às mudanças que a modernidade passa a exigir.

Com isso, a Liga de Ensino não apoiou, inicialmente, a proposição da Diretora, que, todavia, estava convicta da necessidade dessas mudanças. Assim, após a frustração ocasionada por aquela reunião da Liga, a floraram em Noilde dois sentimentos inalienáveis: primeiro, que o Prof. Antônio Fagundes, mesmo equivocado, continuava sendo para ela um belo exemplo de vida, um educador de inexcitáveis virtudes; segundo, que não desistiria da idéia, não se acomodaria, iria à luta para levar avante sua proposição.



Aula de Técnicas Culinárias (2004).

Com isso, a Liga de Ensino não apoiou, inicialmente, a proposição da Diretora, que, todavia, estava convicta da necessidade dessas mudanças.



Sob a concordância do Dr. Varela Santiago, foi conversar com Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, então Deputado Federal, apresentando-lhe seu pensamento quanto às urgentes alterações curriculares que ela julgava absolutamente necessárias. Dr. José Augusto mostrou-se solidário com a Diretora da Escola Doméstica, prometendo fazer um estudo mais detalhado sobre a questão.

Pouco tempo depois, informava-lhe que havia elaborado um projeto que inseria o ensino doméstico como curso profissionalizante e equiparado à escola regular. Esse projeto foi apresentado, na Câmara Federal, pelo Deputado Olavo Cruz, de São Paulo, mas não evoluiu para aprovação e execução.

Em 1954, durante a recepção na Escola Doméstica ao Presidente João Café Filho, a Diretora Noilde Ramalho, já contando com o apoio da Liga de Ensino, apresentou ao Presidente sua preocupação em equiparar e reconhecer os cursos da Escola. O Presidente prometeu apoiar e, poucos meses depois, a Portaria do MEC nº 98, de 23 de dezembro de 1954, concedia às portadoras de diploma de conclusão do curso doméstico o direito de se matricularem na 1ª série dos cursos técnicos comerciais, industriais e agrícolas. Foi o primeiro passo, mas ainda insuficiente para a meta pretendida por Noilde Ramalho.

Em 1962, o Ministro da Educação, Oliveira Brito, foi recepcionado na Escola Doméstica, conhecendo de perto seu projeto pedagógico. Impressionado com o que viu, prometeu se empenhar para solucionar a questão da falta de equivalência dos cursos oferecidos. Assim, em 22 de julho de 1962, o Diário Oficial da União publicou Portaria por ele assinada, atendendo ao constante no Processo 200.573/62, que reconhecia e revalidava o curso da Escola Doméstica em nível Ginásial e autorizava a implantação do nível Colegial, o que veio a ocorrer em 1964.

Dessa forma, foram 15 anos, desde que Noilde começou a questionar a situação vigente, até a efetivação do reconhecimento e da equivalência do curso oferecido na Escola Doméstica. Sem dúvida, esse constitui um dos grandes eventos que garantiram a continuação da Escola Doméstica. Há que se perguntar: teria ela sobrevivido se tivesse permanecido com sua proposta original, que, mesmo tendo um ótimo currículo e oferecendo ensino de qualidade, não permitia às concludentes o ingresso no nível superior? A resposta parece óbvia, o que evidencia os méritos de Noilde Ramalho na antecipação do problema e na busca das soluções.

Olhando o passado, Noilde relembra das suas preocupações com essa decisão, que ela põe entre uma das mais importantes que teve de enfrentar:

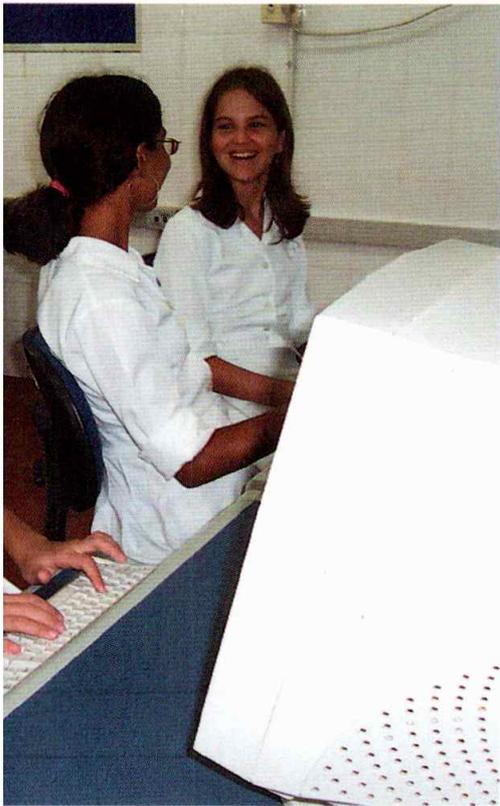
"Vi, logo que assumi a Direção, que uma mudança de rumo seria essencial para a sobrevivência da Escola. O mundo estava mudando e não tinha como não acompanhar essas mudanças, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. A mulher já começava a disputar o mercado de trabalho, ela não se conformava mais em permanecer somente nas lides domésticas. Então, a nossa tarefa seria de conciliar a tradição da Escola, as suas disciplinas voltadas para o lar e a família, com as outras exigidas pelo ensino básico. A carga horária das disciplinas domésticas foi diminuída, como, por exemplo, a supressão da parte de leiteria, em benefício do ensino regular. Dessa forma, manteve-se a tradição, sem prejudicar as exigências da modernidade".

Sobre esse tema, o Prof. José Geraldo de Albuquerque, em artigo publicado na "Revista da Escola



Laboratório de Informática da Escola Doméstica (2004).

Vi, logo que assumi a Direção, que uma mudança de rumo seria essencial para a sobrevivência da Escola. O mundo estava mudando e não tinha como não acompanhar essas mudanças.



Doméstica", edição de setembro de 1994, faz o seguinte comentário:

Quando o mundo da ciência e da cultura evolui, permanecer presa às tradições, pelo simples fato de não querer mudar, seria fatal para a meta desenvolvimentista implantada. Esta casa não deixou de lado suas tradições, simplesmente, ajustou-se dentro do planejamento orientado e partiu para a luta na certeza de vencer.

*(ALBUQUERQUE, 1994)*

E mais adiante, no mesmo artigo, o autor cita o grande escritor e jurista Mário Moacyr Porto, que assim se reporta à Escola Doméstica:

É um estabelecimento modelar. Em um país sem apreço pela tradição, a Escola é um exemplo a ser seguido e imitado. E não pensem que a Escola de D. Noilde se fossilizou no anacronismo de uma pedagogia obsoleta.

Pelo contrário, sensível às mais recentes conquistas da pedagogia, a escola, sem perder ou desprezar as suas raízes, situa-se na vanguarda do ensino em nossa terra. É bom, nesses tempos sombrios em que vivemos, ter oportunidade de falar bem de uma instituição que se impôs ao respeito e à admiração de todos.

*(PORTO apud ALBUQUERQUE, 1994)*

Para alguns, esse aspecto passa despercebido ou é pouco valorizado. Mas, na contextualização histórica da Escola Doméstica, ele merece todo o realce,

principalmente, pela forma correta com que foi abordado, pelas conclusões alcançadas que propiciaram, não somente, a longa vida da Instituição, mas também, a sua segura evolução. A firme convicção de Noilde Ramalho e a sua visão de futuro garantiram o êxito da crucial decisão.

## SEGUNDA DECISÃO: A ESCOLA DOMÉSTICA E A UFRN

Durante muitos anos a Escola Doméstica de Natal esteve presente nos Estatutos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como órgão integrante especial, apesar de permanecer com suas características de Instituição de caráter privado. Uma breve retrospectiva se faz necessária, não só como registro histórico, mas também para evidenciar uma crucial decisão que, naturalmente, teve Noilde Ramalho como principal responsável.

Em 1959, pela Resolução nº 017/59 do CONSUNI - Conselho Universitário, de 24 de maio de 1959, a Escola Doméstica de Natal passou à condição de órgão complementar da UFRN.

No Estatuto da Universidade, aprovado pelo Parecer nº 327/65, de 03/08/1965 do Conselho Federal de Educação, a Escola Doméstica aparece como órgão complementar. Em uma reforma do Estatuto, de 1968, a Escola surge como ... "órgão suplementar, respeitada a sua autonomia de entidade privada". Nas novas versões estatutárias de 1973 e 1975, o Parágrafo Único do art. 8º diz: "A Escola Doméstica de Natal é órgão suplementar de natureza especial, respeitada, assim, a sua autonomia administrativa e didática", enquanto que as versões de 1977 e 1979, no Art. 9º, estabeleceram que "A Escola Doméstica de Natal é uma instituição com mandato universitário em suas atividades culturais".

Durante muitos anos a Escola Doméstica de Natal esteve presente nos Estatutos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como órgão integrante especial, apesar de permanecer com suas características de Instituição de caráter privado.

O Estatuto da UFRN, aprovado pelo Parecer nº 318/87, de 08/04/1987, do conselho Federal de Educação, e homologado pelo Ministro da Educação, conforme a Portaria nº 340, publicada no D.O.U. de 25/05/1987, determinava, em seu Art. 152, o seguinte:

*"A Escola Doméstica de Natal, instituição de ensino de Segundo Grau, passa à condição de órgão suplementar especial da Universidade, sem implicações modificadoras de sua natureza jurídica de direito privado.*

*§ 1º - As relações de colaboração entre a Escola e a Universidade são definidas mediante a celebração de convênios, os quais devem ressaltar a autonomia administrativa e didática da Escola.*

*§ 2º - Não se estendem nem se aplicam ao dirigente da Escola Doméstica de Natal as gratificações de função previstas na legislação em vigor e especialmente no Art. 11, do parágrafo único, do Decreto-Lei nº 1820, de 11 de dezembro de 1980, e respectivo anexo IV, e no Anexo II do Decreto nº 85487, de 11 de dezembro de 1980".*

Esse Estatuto ficou famoso na Universidade, porque criou, entre outras excentricidades, um Conselho Universitário que poderia chegar a cerca de 300 (trezentos) integrantes.

A partir de 1981, vários professores foram contratados pela UFRN e colocados à disposição da Escola Doméstica de Natal, que, em contrapartida, oferecia campo de estágio para alunos da Universidade, em seus laboratórios e instalações, além de bolsas de estudos em seus cursos, para alunos indicados pela UFRN. Esse procedimento estava amparado por convênio interinstitucional.

Todavia, essa parceria começou a ser contestada por vários setores da Universidade, intensificando-se a oposição ao convênio no período administrativo iniciado em 28 de maio de 1987.

Por outro lado, o Tribunal de Contas da União, em vários relatórios conseqüentes de inspeções rotineiras, passou a questionar a regularidade do convênio, por ser a Escola Doméstica de Natal uma Instituição de direito privado, sendo peremptório em recomendar a rescisão.

Dessa forma, estava a Escola Doméstica de Natal diante de duas opções: aceitar o processo de incorporação à Universidade Federal do Rio Grande do Norte ou se desligar daquela instituição universitária. Acertadamente, a Liga de Ensino decidiu que a Escola deveria desligar-se da UFRN, permanecendo com sua autonomia, conferida pela prerrogativa de entidade de direito privado.

Finalmente, a Resolução nº 87/88 do CONSAD, de 14 de julho de 1988, assinada pelo Reitor Daladier Pessoa Cunha Lima, determinava a rescisão imediata do convênio entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Escola Doméstica de Natal.

Passados os anos e esmaecidas as reações emocionais, há hoje o sensato reconhecimento de que a opção da UFRN foi correta, sob o ponto de vista da administração pública, assim como foi, também, acertada a decisão da Escola Doméstica de Natal, que se manteve ativa e independente, condições essenciais para a continuação da sua missão e para o desenvolvimento do seu projeto educacional. No centro dessa crucial decisão estava a Diretora Noilde Ramalho.

Instada a se pronunciar sobre essas duas decisões importantes para a vida da Escola Doméstica, Noilde Ramalho fez o seguinte comentário:



"Não tivesse havido o reconhecimento do curso doméstico, sua transformação em ensino regular, a Escola teria entrado em um processo de morte lenta. No segundo caso, com a incorporação à UFRN, teria havido, provavelmente, a morte súbita da Instituição".



Sala de aula da Escola Doméstica de Natal (2004).

QUEN QUER  
A PAZ DEVE  
APRENDER A  
AMAR

SE OS OLHOS  
VÊEM COM AMOR  
O DOORO E BRANCO  
SE COM OLHO  
CINZA E NEGRO

A ARTE DE VIVER  
É SIMPLEMENTE  
A ARTE DE  
CONVIVER

6º B HC  
LUIZ DE OLIVEIRA

Imaginem todas as pessoas  
vivendo em PAZ!  
6º B/C

6º B 7º A 7º C 8º A 8º B 1º A 1º B 2º A PRE EX-PRE 5º A 5º B 6º A 6º B 6º C



Capítulo

# XIV



A Escola, a Cultura e o Esporte:  
*Mens Sana in Corpore Sano*

ênfase às atividades culturais extra-curriculares tem sido um traço marcante na vida da Escola Doméstica, como também, do Complexo Educacional Henrique Castriciano. Certamente, o fato de ter sido fundada a Escola por um eminente homem de letras, Henrique Castriciano, fez com que houvesse esse diferencial no dia-a-dia da Instituição, ao longo de sua história quase centenária. Para que isso ocorresse, sem dúvida, foi preciso que pessoas com boa formação humanística, desde o início, fossem as responsáveis pela direção do estabelecimento.

O que dizer, por exemplo, da inovadora iniciativa de se ter oferecido às alunas da Escola, em 1919, estudos de Psicologia? Dr. Varela Santiago, em ato de absoluto pioneirismo, colocou a Escola Doméstica na vanguarda, em âmbito nacional, nessa área do conhecimento.

O "Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros", de autoria de Regina Helena de Freitas Campos, Rio de Janeiro, 2001, faz referência ao Dr. Varela Santiago e à Escola Doméstica:

### SANTIAGO SOBRINHO,

### MANUEL VARELA (1885-1977)

Natural de Touros - Rio Grande do Norte, estudou no Atheneu Norte-rio-grandense e concluiu o curso de Medicina no Rio de Janeiro, com a tese intitulada **Estado clínico das paralisias conseqüentes à sífilis cerebral**, defendida em 1910. Estudou também em Paris e em Lausanne, na Suíça, especializando-se em saúde da mulher e da criança. De volta a Natal, tornou-se o primeiro diretor do Hospital de Alienados. Criou as seguintes instituições: Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte, Educandário

## A Escola e a cultura

A Cultura e o Esporte, permanentemente, estiveram em destaque na Instituição, tanto no período anterior a 1945, quanto após Noilde Ramalho assumir a direção da Escola Doméstica. Para ela, essas são atividades indissociáveis de um projeto educacional completo e, portanto, devem ser olhadas com absoluta prioridade.

Oswaldo Cruz, Jardim de Infância do Educandário Oswaldo Cruz, Instituto de Puericultura da Escola Doméstica, Centro Pedagógico da Escola Doméstica. No seu curso de Puericultura, ministrado na Escola Doméstica de Natal, Varela Santiago introduz, em 1919, pela primeira vez em Natal, o estudo da Psicologia Experimental aplicada à educação infantil.

*(CAMPOS, 2001, p. 343)*

Em 1919, Henrique Castriciano elaborou precioso conteúdo programático, eclético e culturalmente amplo, para a sua disciplina Educação Social. Mesmo sendo curricular, há de se registrar alguns tópicos do programa, apenas para que se possa avaliar o seu alto nível educacional: "As tradições - O culto à arte - O desenho, a poesia e o romance como veículos de propaganda nacional - O bom e o mau nacionalismo - Condição moral e material da burguesia no Brasil - A falta de conexão entre as classes no Brasil - O papel da mulher como agente de civilização brasileira - A iniciativa feminina na Suíça, na Inglaterra, na América do Norte, na Alemanha, na Suécia, na Noruega e no Brasil."

No Boletim comemorativo do cinquentenário da Escola Doméstica de Natal, há referência ao Departamento Cultural:

A esfera cultural é a esfera dos valores. Atrás e além da ciência, da arte, da técnica, da filosofia, da economia, do direito, da história, da educação, existe um mundo de valores que é preciso preservar e servir. É o mundo de Deus. O mundo da ética e do espírito. São os valores que dão sentido à vida.

*(BOLETIM, 1964, p. 60)*

A seguir serão relacionados alguns eventos e realizações que servem para bem ilustrar esse traço marcante de apoio à cultura, característica da Escola Doméstica desde os primórdios.

- No início da década de 20, a Escola já exibia uma Orquestra de Câmara, regida pelo grande maestro italiano Thomaz Babin. Nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil, a orquestra fez apresentação no Theatro Carlos Gomes, conforme registra Meira Pires em seu livro "História do Teatro Alberto Maranhão".
- Nessa mesma década, é fundado o Grêmio Littero-Musical Auta de Souza que, entre outras iniciativas, criou a "Revista da Escola Doméstica". Essa Revista, de bom nível redacional, com alguns excelentes trabalhos escritos por alunas, professores e convidados, circulou com dois números em 1925 e dois em 1926.
- As seis concluintes de 1925 tiveram que preparar monografias, que eram mais do que trabalhos simples de final de curso, ganhando o status de "theses".
- Em 1921, Henrique Castriciano cria a letra do Hino da Despedida, que se completa com a música do maestro Luigi Maria Smido<sup>1</sup>. É um belo Hino cantado pelas alunas, ao se despedirem da Escola.

---

<sup>1</sup> O Maestro Luigi Maria Smido chegou a Natal em 1903, vindo de Belém-PA. Foi Regente da Banda do Batalhão de Segurança e da Orquestra do Theatro Carlos Gomes. Após alguns anos fora de Natal, voltou à cidade em 1923. Faleceu no Rio de Janeiro, em agosto de 1943, tendo sido confundido com o fidalgo Luigi Maria Von Schmidt und Insbruck, rico, colega do Rei Victor Emmanuel III (Itália).

## HINO DA DESPEDIDA

*Partimos nós, partimos nós  
E vós colegas ficais  
Tendo saudade de vós  
Não choraremos jamais*

*Que a saudade é como um fio  
De veludo ou de retroz  
Não nos separa como um rio,  
Nos ligará mais e mais.*

*Parti, parti, parti  
Que se for'anos afora  
Voltará com a melodia da voz sonora  
Que a saudade feita de sol e harmonia  
Terra é fecunda e rica  
Da claridade da aurora.*

*Partimos nós, a luz do sol  
É quem nos guia ao nosso lar,  
Convosco fica o arrebol  
Da paz que vamos gozar  
Que a saudade em toda parte  
É como a luz de um farol  
Que ri na sombra e reparte  
Mesmo ao longe o seu luar.*

– Em 1928, foi fundado o jornal "O Lar", tendo Santa Guerra como Diretora e Alix Ramalho Pessoa como Secretária. Nesse ano foram publicados oito números. Em 1929, o jornal teve a publicação interrompida, conforme relata Manoel Rodrigues de Melo em seu livro Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte - 1909-1987:

A viagem da Diretora Santa Guerra e da Secretária Alix Ramalho Pessoa à Europa e mais tarde a Revolução de 30 determinaram a suspensão do jornal, que somente em 1932 voltou a circular.

(MELO, 1987, p. 172)

Depois de um novo período de interrupção, "O Lar" voltou à circulação a partir de 1963.

- O dia da ex-aluna é instituído em 1º de setembro de 1945, pela então Diretora Noilde Ramalho.

- A Biblioteca Auta de Souza foi inaugurada em 1967, contando com um rico e diversificado acervo.

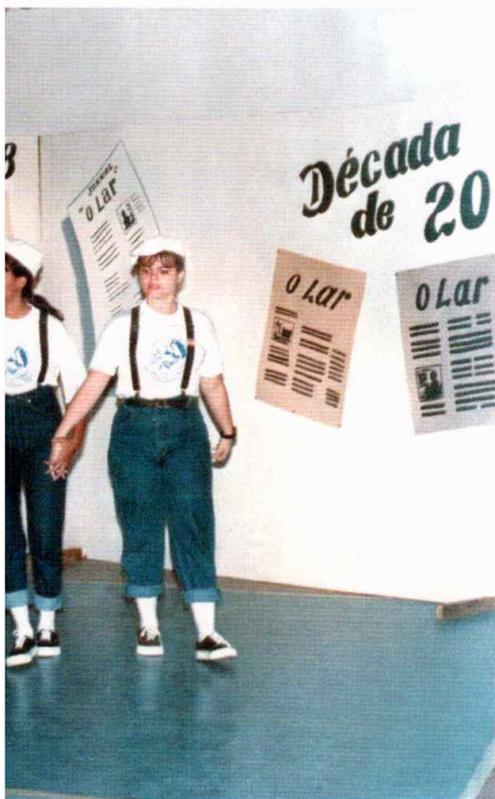
- Em 1974, ocorreu a inauguração do Museu da Escola Doméstica, cujo acervo é de real valor histórico, especialmente no tocante à documentação iconográfica disponível.

- O Teatro Escola Chicuta Nolasco Fernandes, justa homenagem a uma ex-aluna e ex-professora, escritora, dramaturga, figura de mulher muito admirada e respeitada nos meios sociais e intelectuais da cidade, foi inaugurado em 1976.

- O dia 15 de março de 1987 é muito significativo também para a Escola Doméstica, pois, por esquizogênese, nasce o Complexo Educacional Henrique Castriciano, com uma estrutura física composta de pavimentos de sala de aula, laboratórios, auditório, área esportiva, setor administrativo e biblioteca, tudo disposto de forma a configurar um harmonioso Campus. A Biblioteca (Espaço Luz) ampla e confortável, com boas condições de ventilação e iluminação naturais, em ótima localização, já dispunha de acervo com cerca de 3000 volumes, área de leitura, sala de estudos de grupo, sala de autores do Rio Grande do Norte, setor de obras raras, além de um salão nobre para palestras, conferências e exposições. Esse espaço



A história do jornal "O Lar" é contada por alunas da Escola Doméstica, em apresentação teatral.



cultural, disponível para os alunos dos dois Colégios, representou um vigoroso suporte às atividades de estudos e pesquisas para estudantes e professores do complexo de ensino. Estavam, assim, criadas as condições para a implantação do Ensino Superior.

- Surge mais um jornal, "Folhas", que teve seu primeiro número em circulação no ano de 1991.

- Em 1998, foi a vez da fundação da "Revista Folhas de Relva", com ótima apresentação, contando com a participação de alunas da Escola Doméstica, de professores e de colaboradores. A Revista tem como Editoras Responsáveis a Prof<sup>a</sup>. Graça Aquino e Ell Brandão Villar. O Professor Pablo Capistrano, em artigo publicado em "O Jornal de Hoje", Natal, RN, do dia 22 de setembro de 2000, tece o seguinte comentário sobre a Revista:

... O mais interessante é que, do ponto de vista acadêmico, a Folhas de Relva é uma revista de qualidade, não apenas pela produção poética unindo nomes já canonizados, mas também pelos textos filosóficos e pela crítica literária de qualidade. Por isso e por mais a Escola Doméstica está de parabéns por ter uma publicação que muitos estabelecimentos de terceiro grau gostariam de ter e, principalmente, por navegar contra a maré de mercantilização e mesmice que toma conta da educação do país.

(CAPISTRANO, 2000)

- A Academia Juvenil de Letras é uma iniciativa singular, capaz de despertar grande motivação para as atividades intelectuais dos estudantes. Ela tem como exemplo a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Os objetivos da Academia Juvenil de Letras são:

- Desenvolver, orientar e difundir a Literatura.
- Promover, estimular e participar de cursos, palestras, seminários ou qualquer outro evento relacionado com a Cultura e a Literatura.

Cada cadeira tem um Patrono, escolhido entre grandes personalidades com destaque nas letras do Estado. Sobre o Patrono, o acadêmico/acadêmica titular da Cadeira tem de aprofundar seus conhecimentos.

A Academia Juvenil de Letras da Escola Doméstica foi criada em 2001, e a do Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1994. As duas Academias têm recebido permanente e entusiástico apoio da Prof<sup>a</sup>. Graça Aquino e da Prof<sup>a</sup>. Aparecida Fernandes. Conforme artigo publicado no informativo do Complexo de Ensino ED/HC, de novembro de 2003, de autoria da Prof<sup>a</sup> Maria Aparecida Fernandes Trindade, o tema é abordado da seguinte maneira:

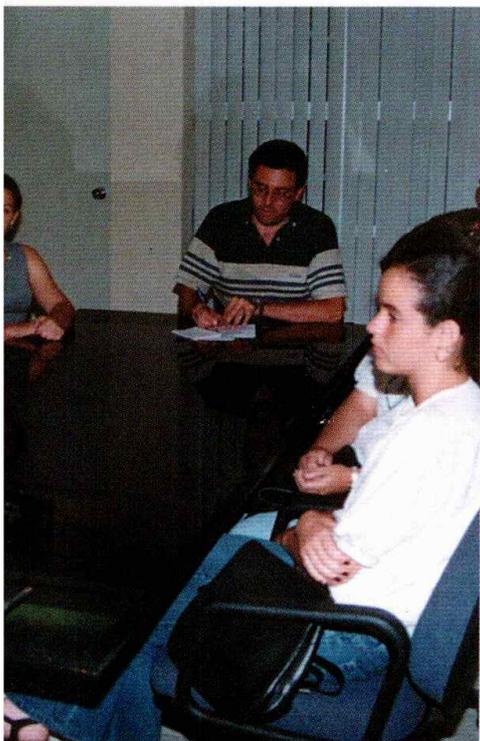
(...) Porém, o exercício da educação ainda é promissor. Podemos sair e encontrar práticas educativas que, por veredas embora mais árduas, integram professor-aluno na educação da sensibilidade - parafraseando Rubem Alves. Exemplar é a experiência das Academias Juvenis de Letras da Escola Doméstica e do Henrique Castriciano. Aí, encontramos adolescentes - alunos como quaisquer outros, mas com um diferencial: são amantes da nossa literatura. E lêem. Escrevem. Recitam poesias. Promovem a produção literária através dos concursos de poesia, crônica, conto. E o que os diferencia dos demais? A compreensão do mundo que têm é muito mais aguçada. Não recebem puramente informações; discutem-nas. Relacionam os vários



Academia Juvenil de Letras  
"Henrique Castriciano" - 1998.



Autores do livro "Natal Nua", estudantes do HC e da ED, acompanhados dos jornalistas Eugênio Parcelle e Graciêma Cameiro, reunidos com o Governador Garibaldi Alves Filho (1999).



conhecimentos. Não se deixam teleguiar. Posicionam-se. São muito mais que meros concorrentes num vestibular próximo. Num contexto em que se absorve o que é descartável, esses adolescentes alcançam a imortalidade em cada poema que declamam, porque exercitam os sentidos sem o apelo utilitarista característico de nossa sociedade. Eles personificam o belo e dão, aos outros, a emoção e a possibilidade do sonho.

*(TRINDADE, 2003)*

- O livro "Natal Nua", editado em 1999, dentro das comemorações dos 400 anos de Natal, procurou responder às seguintes perguntas: Qual a cidade que temos? Qual a cidade que queremos? Durante dez meses um grupo de alunos da Escola Doméstica de Natal e do Complexo Educacional Henrique Castriciano enveredou pela vida real da cidade. Das favelas, na periferia, até os pontos mais sofisticados, indo mesmo à Governadoria, no Centro Administrativo Estadual; do forno do lixo à Prefeitura de Natal; das prostitutas às maiores autoridades. Foram dezenas de pessoas entrevistadas e muitas fotografias para documentação. Ao final, um excelente livro foi publicado, fruto do trabalho reflexivo dos alunos dos dois colégios, o qual mostra a realidade, sem retoques, da nossa capital, os aspectos bons e, os que precisam muito melhorar.

- O livro "Redescobrimo o Brasil", também escrito por alunos do Complexo Educacional Henrique Castriciano e da Escola Doméstica de Natal, foi um trabalho conjunto com a ONG - Companhia TerrAmar. Além das pesquisas em livros, revistas e jornais, os alunos também viajaram para outros Estados, como Bahia, Pernambuco e Paraíba, conhecendo comunidades indígenas e iniciativas voltadas para

o desenvolvimento e para a inclusão social. Esse projeto dos livros "Natal Nua" e "Redescobrimdo o Brasil" foi coordenado pelos jornalistas Eugênio Parcellle e Graciêma Carneiro, contando com o entusiasmo da Professora Noilde Ramalho.

- Anualmente, realiza-se uma Feira de Cultura e Ciência, na qual a participação dos alunos se reveste de muito entusiasmo pelos trabalhos apresentados. A Feira revela, na sua plenitude, o excelente nível educacional e cultural das diversas atividades implementadas no período letivo nos dois colégios, Escola Doméstica e Complexo Educacional Henrique Castriciano.

- A música sempre foi uma atividade artística de realce na Instituição. São Orquestras, Corais, Grupos Musicais, Ensino de Canto e de Instrumentos, os quais envolvem alunos e professores. A Dança, o Teatro e as Artes Plásticas têm sido, também, uma constante na vida dos dois Colégios. Os grupos artísticos, muitas vezes, sofrem com a temporalidade dos alunos/alunas artistas, mas se refazem e reaparecem com novas forças. Atualmente, a garbosa Banda de Música do Complexo Educacional Henrique Castriciano está em plena atividade, com instrumentos de sopro e percussão, sob a regência do Maestro Francisco Xavier Bezerra.

- A Literatura, em particular a norte-rio-grandense, tem sido constante no dia-a-dia dos Colégios. Não poderia ser diferente, pois o idealizador e fundador da Escola Doméstica era um homem de letras e poeta de reconhecidos méritos. Ao longo do tempo, a poesia, seja em forma de criação, de ensaios, de estudos ou de recitais, tem contribuído para fortalecer a alma institucional. Na atualidade, um grupo de alunos e alunas que compõem as Academias Juvenis de Letras da ED e HC têm realizado excelentes recitais, quando são declamados, com prioridade, poemas de autores norte-rio-grandenses.



Temas sociais são abordados nas Feiras de Ciências e Cultura da Escola.



Feira de Ciências da ED.



• A Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN, a Escola Doméstica de Natal e o Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 2002, apoiaram e editaram o CD "Compositores Potiguares", um projeto coordenado pelo Professor Cláudio Galvão. São músicas de autores norte-rio-grandenses, interpretadas ao piano, de forma magistral, pela Prof<sup>a</sup>. Luiza Maria Dantas. Além da essencialidade da beleza dos acordes, há o resgate da memória musical, pois algumas composições já haviam caído no esquecimento.

Aqui estão apenas algumas realizações e eventos que sempre marcaram a vida da Escola Doméstica e que, no presente, constituem uma prioridade tanto para a Escola, quanto para o Complexo Educacional Henrique Castriciano. Na mesma direção, a FARN também se envolve com as atividades extra-curriculares que representem o crescimento cultural das instituições.

Noilde Ramalho está no epicentro desse movimento humanístico contínuo e de grande repercussão. Da sua sensibilidade de educadora flui o incentivo ao desenvolvimento de uma pedagogia que induz ao florescimento de mentes livres, e não de mentes robotizadas, em que a mesmice cede lugar à criatividade.





A Diretora Noilde Ramalho ladeada pela Coordenadora Geral, Cristine Cunha Lima Rosado e pela Coordenadora de Esportes, Flávia Uchôa. Professores: Denis Lisboa, André Justino, Francileide Custódio, Ricardo Freitas e Arnaldo Costa, com alunos que se destacaram nos JERN'S de 2003.

## A Escola e o esporte

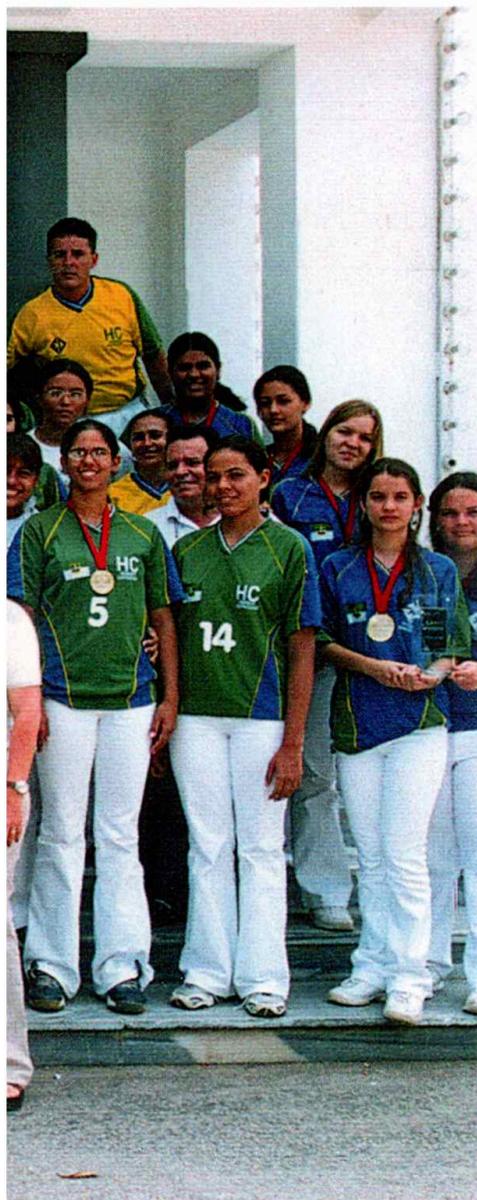
Desde a sua fundação, a Escola Doméstica de Natal voltou sua atenção para a necessidade do exercício físico. Com o nome de "Cultura Physica", os exercícios oferecidos e exigidos das alunas, nos primeiros anos, eram feitos por meio da Ginástica Calistêmica, ou seja, voltada para a beleza e o vigor físicos. Nas décadas iniciais, alguns esportes de competição chegaram a ser praticados, como o Voleibol, o Basquetebol e o Tênis.

Entretanto, com a posse da Diretora Noilde Ramalho, em 1945, as atividades esportivas da Escola, assim como, a Educação Física, expandiram-se e se aperfeiçoaram. Em 1965, o Ginásio de Esportes Noilde Ramalho foi inaugurado, com capacidade para 3000 pessoas sentadas, dotado de modernos equipamentos para a prática de várias modalidades esportivas. No ano seguinte, foi a vez da inauguração de uma piscina semi-olímpica e de uma pista de atletismo com 400m.

A expressão "Mens sana in corpore sano" perfeitamente se adequa ao projeto educacional de Noilde Ramalho. Exemplo? Em 1967, menos de um ano após a inauguração de um complexo esportivo, abrem-se as portas da Biblioteca Auta de Souza.

Com as novas instalações para a prática esportiva, restava implementar o setor e incentivar as potencialidades das jovens alunas. Nesse sentido, foi dada ênfase às modalidades de Voleibol, Basquetebol, Handebol, Natação, Xadrez, Atletismo, Tênis de Mesa e Ciclismo. O resultado veio de forma exuberante e exultante: a Escola Doméstica se consagra pentacampeã dos Jogos Escolares do Rio Grande do Norte, no ano de 1971.

Mas não ficou por aí. Cabe ressaltar que, a partir daquela "época de ouro", a Escola continuou obtendo bons resultados nas diversas competições de que participava. As alunas continuavam motivadas



para a prática da Educação Física e do Esporte, recebendo da Direção total apoio, no sentido de, rotineiramente, valorizar e desenvolver o bem-estar físico e a saúde corporal.

Com a inauguração do Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1987, ampliou-se a área destinada ao esporte nas Instituições. No dia 11 de abril de 1992, foi inaugurado o Ginásio da Integração, o Campo de Futebol e o Centro Polivalente e, no dia 15 de março de 1993, a Piscina Olímpica estava à disposição dos alunos. O Ginásio da Integração, com capacidade para 6000 pessoas sentadas, é um dos melhores do Estado, atende a várias modalidades de esportes, além de servir para apresentações culturais, como Música, Dança e Teatro. Possui placar eletrônico, tabela hidráulica, tem boa aeração e concepção arquitetônica que une funcionalidade e bom gosto. A Piscina Olímpica (50 metros), também, está entre as melhores do Estado, servindo para qualquer tipo de competição, quer de âmbito nacional, quer internacional.

Outro evento muito indicativo da exuberância do setor esportivo da Escola Doméstica e do Complexo Educacional Henrique Castriciano foi o intercâmbio cultural-desportivo Brasil/USA, realizado em setembro de 1993. Vinte e três alunos/atletas e seis professores/técnicos dos dois colégios foram aos Estados Unidos, para participar de competições e treinamentos. Em Miami, competiram com estudantes americanos em Voleibol, Basquetebol e Natação e, na cidade de Fort Lauderdale, participaram de uma clínica no International Swimming Hall of The Fame, um dos maiores centros aquáticos do mundo.

O Parque Esportivo da Escola Doméstica/Complexo Educacional Henrique Castriciano/FARN se destaca no cenário educacional do Rio Grande do Norte. Excetuando-se as grandes unidades de ensino, qualquer



Campus do país blasonar-se-ia por ter um semelhante.

Torna-se evidente que por trás de tudo isso há uma atleta, que embora não esteja fisicamente praticando esporte, possui elevado espírito esportivo, a vontade de competir, de vencer; que sabe festejar a vitória e vê na derrota a necessidade de melhorar sua performance; que tem coragem, garra, perseverança, paixão pela luta, que sabe combater o bom combate. Seu nome? Todos sabem que Noilde Ramalho é essa fonte inexaurível de energia e força, exemplo, também, para quantos apreciam a prática esportiva, que, sem dúvida, é um bom caminho para se alcançar uma vida individual mais saudável e uma sociedade mais feliz.



A descontração e a alegria das alunas nas alamedas do Campus.



Henrique Castriciano de Souza, fundador da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e da Escola Doméstica de Natal.

# Capítulo XV

"Educai, para isto, a mulher e com ela marchai  
avante, na imensa via do progresso, à glória que leva  
o renome dos povos à mais remota posteridade."

*Nísia Floresta (1810 - 1885)*



Liga de Ensino do  
Rio Grande do Norte

A inteligência e a inquietude do pensamento geram idéias que se transformam em fatos e acontecimentos, os quais se seqüenciam ao longo do tempo, construindo a história do homem. Assim, o maior acontecimento sociológico do século XX, a emancipação da mulher, foi um processo que evoluiu através de séculos e de gerações.

Não obstante terem os líderes da Revolução Francesa (1789) negado às mulheres os seus direitos elementares, o ideário desse movimento, de relevante ruptura social para o mundo, representou, certamente, significativa influência no florescimento das reivindicações feministas que irromperam na Europa, Estados Unidos e América Latina no século XIX. Por outro lado, o Positivismo de Auguste Comte, com suas variações inspiradas em Littré e Spencer, mesmo que oferecesse suporte à manutenção do “status quo” que restringia a mulher à condição de mãe e esposa, idealizada na sua pureza, voltada para o lar e para o trabalho de dona-de-casa, defendia, também, a educação feminina como uma condição essencial ao desenvolvimento da sociedade.

Nísia Floresta Brasileira Augusta, batizada e registrada com o nome de Dionísia Pinto Lisboa (1810-1885), norte-rio-grandense que se tornou orgulho de homens e mulheres do Brasil, foi precursora dos movimentos feministas no país, tendo enfrentado muitas discriminações e revanchismos. Nísia Floresta, sob o título “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens”, traduziu para o Português, em 1832, a partir da edição em Francês, o livro “A Vindication of the Rights of Woman”, de autoria da feminista inglesa Mary Wollstonecraft<sup>1</sup> (1759-1797). Esse livro, editado em Londres no ano de 1792, constitui um marco mundial do movimento de emancipação da mulher. Wollstonecraft se voltava contra os argumentos de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), o qual insistia em que, educadas, as

Assim, o maior acontecimento sociológico do século XX, a emancipação da mulher, foi um processo que evoluiu através de séculos e de gerações.

mulheres perderiam seu poder natural sobre os homens: "Educate women like men," says Rousseau, "and the more they resemble our sex the less power will they have over us<sup>2</sup> ." (apud WOLLSTONECRAFT, 1988, p. 62). Ela, então, contra-argumentava: "This is the very point I aim at. I do not wish them to have power over men; but over themselves<sup>3</sup> ." (WOLLSTONECRAFT, 1988, p. 62). Assim, a famosa escritora inglesa queria a mudança da própria mulher, não para superar os homens, mas para desenvolver o intelecto e, com isso, ganhar dignidade pessoal e se tornar cidadã com todos os seus direitos e deveres. Na intrepidez de Nísia Floresta as mensagens reformadoras ecoaram fortemente, passando ela a ser, no Brasil, a principal divulgadora dessas revolucionárias idéias. Criou no Rio de Janeiro, em 1838, o Colégio Augusto, dedicado à educação de moças. Em 1853, no Rio de Janeiro, publicou a obra "Opúsculo Humanitário", na qual ela combatia os preconceitos e reivindicava, com veemência, a educação da mulher. Eis um pouco de suas idéias expostas nesse livro:

Não vos diz a consciência que a mulher nascida nesta vigorosa terra superabundante de magnificências naturais, respirando sob um céu radiante, no meio da poesia de tão admirável natureza, não se pode limitar ao papel que tem até hoje representado? Não sentis que a sua missão nesta parte da América civilizada, tão balda ainda de instituições caridosas, não deve ser a de recolher fictícios triunfos tributados à

---

<sup>1</sup> Há controvérsias quanto ao livro que foi traduzido por Nísia Floresta. Segundo a pesquisadora e escritora Nathalie Bernardo da Câmara, o livro de Nísia "O Direito das Mulheres e a Injustiça dos Homens" seria uma tradução, a partir de uma versão em francês, da obra "Woman not inferior to man", de autoria de Mary Wortley Montagu (1689-1762), publicado na Inglaterra em 1739, que adotou, por proteção, o pseudônimo de "Sophia, A Person of Quality".

<sup>2</sup> "Eduque mulheres como homens", diz Rousseau, "e por mais que elas se assemelhem ao nosso sexo menos poder terão sobre nós."

<sup>3</sup> "Este é o ponto que enfoco. Eu não desejo que elas tenham poder sobre os homens; mas sobre elas mesmas."

matéria, quando o seu espírito pode e deve pretender a elevar-se a mais dignas e nobres aspirações promovendo na Terra o bem ao seu semelhante?

*(FLORESTA, 1853, p. 159)*

Essas proposições renovadoras e progressistas de Nísia Floresta, que colocavam a educação como a melhor maneira para reverter a condição de inferioridade feminina, sem desmerecer o papel que a própria natureza atribui à mulher - o de ser mãe, conseqüentemente, ter forte vinculação ao lar - repercutiram em todo o Brasil e, especialmente, no Rio Grande do Norte.

Tendo já permanecido em Paris, de 1849 a 1852, mudou-se para a Europa em 1856, quando se aproximou do Positivismo e de Auguste Comte, com quem manteve estreitos laços de amizade, que não foi demais prolongada, pois o Filósofo faleceu em 1857.

Além de diversas obras escritas em Língua Portuguesa, Nísia Floresta publicou outros livros nos idiomas Francês e Italiano.

Não há dúvidas de que Henrique Castriciano, o fundador da Liga de Ensino e da Escola Doméstica de Natal, ao mesmo tempo em que se interessou pelo legado intelectual de Nísia Floresta, recebeu forte influência das idéias dessa extraordinária escritora, no sentido de levar adiante o projeto pioneiro voltado para a educação feminina.

O crescimento dos movimentos feministas no Brasil se configura com a criação, a partir de meados do século XIX, de jornais e periódicos dedicados às mulheres: "Bello Sexo" (Rio de Janeiro, 1862); "Sexo Feminino" (Minas Gerais, 1873); "Echo das Damas" (Rio de Janeiro, 1885); "A Família" (São Paulo, 1889), entre outros. Esses movimentos feministas, seriam

Não há dúvidas de que Henrique Castriciano, o fundador da Liga de Ensino e da Escola Doméstica de Natal, ao mesmo tempo em que se interessou pelo legado intelectual de Nísia Floresta, recebeu forte influência das idéias dessa extraordinária escritora, no sentido de levar adiante o projeto pioneiro voltado para a educação feminina.

considerados tímidos, se vistos à luz da realidade atual. Contudo, na época causaram verdadeiros processos convulsivos nas elites mais conservadoras. Mesmo no alvorecer do novo século, muitos redutos conservadores da recalcitrante família patriarcal brasileira negavam-se a aceitar a educação formal feminina. Nesses segmentos da sociedade, as meninas deveriam permanecer no lar, rodeadas de cuidados, vigiadas atentamente e devotadas às prendas domésticas. Na mentalidade predominante ainda estavam a casa-grande, com suas alcovas e camarinhas, além da menina-moça submetida ao isolamento e aos "cuidados de mucamas de confiança". Poucos professores eram admitidos para, nos próprios lares, oferecerem ensinamentos rudimentares de escrita e aritmética. Em muitas famílias continuava a prática do cerceamento do direito de escolha dos maridos, devendo as moças casarem com noivos escolhidos pelos genitores, sob a influência de parentes próximos, quase sempre na idade em que mal desabrochava a puberdade.

## AMBIENTE EDUCACIONAL

No Brasil colonial a educação ficou quase restrita à ação dos Jesuítas, por omissão da Metrópole, tendo esses sacerdotes atuado de forma rígida quanto à doutrinação religiosa, privilegiando a elite colonial, porquanto os indígenas eram fortemente catequizados. O escolasticismo dos Jesuítas exerceu forte influência na formação cultural da Colônia, contrapondo-se às idéias científicas modernizantes que começavam a surgir na Europa. Contudo, pela competência e abnegação, são considerados verdadeiros heróis de uma saga educacional encerrada em 1759, quando foram, em ato de absoluta insensatez, expulsos do Brasil. Ressalte-se que o ensino propiciado pelas missões jesuíticas era quase exclusivamente dirigido ao sexo masculino. Com a Independência, essa situação educacional começou a mudar.

A Constituição outorgada em 25 de março de 1824 diz que “a instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”. Além disso, fala em “Colégios e Universidades, onde serão ensinados os Elementos das Ciências, Bellas Letras e Artes”. O Ato Adicional de 1834 transferiu para as províncias a obrigação de formar professores para o Ensino Primário e Secundário, o que ensejou a criação das Escolas Normais nas diversas regiões do país. Esse fato abriu, mesmo que de forma muito limitada, um espaço para a inserção da mulher no mercado de trabalho, no exercício de uma profissão revestida de prestígio, pois o professor sempre foi visto com respeito e admiração. Ainda que se alimentasse na aura da maternidade, a sistematização da atividade de professora de crianças abriu às mulheres as primeiras portas de acesso ao espaço público, libertando-as, mesmo timidamente, dos limites do espaço privado exclusivo das lides domésticas. Segundo Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte, a primeira Escola Normal foi criada em 1874, e, após três anos de funcionamento, havia diplomado somente três professores, tendo sido extinta em 1878. A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891, mantém a responsabilidade do Ensino Primário com os Estados e Distrito Federal e confere ao Congresso, mas não privativamente, a incumbência de criar Instituições de Ensino Superior e Secundário nos Estados. Essa Constituição preceitua que “fosse leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos” (CURY, 1985, p. 85). Não era da exclusiva competência da União criar Instituições de Ensino Superior e Secundário nos Estados. Portanto, do ponto de vista legal, podiam os Estados federados legislar sobre os mesmos, ficando aberta a possibilidade de criação de Instituições particulares nesses níveis de ensino, sobrepostas às escolas de âmbito oficial.

Ainda que se alimentasse na aura da maternidade, a sistematização da atividade de professora de crianças abriu às mulheres as primeiras portas de acesso ao espaço público, libertando-as, mesmo timidamente, dos limites do espaço privado exclusivo das lides domésticas.

O Rio Grande do Norte, no início do século XX, apresentava um quadro educacional muito precário. Conforme o Professor e Sociólogo Itamar de Souza, em 1912, o Rio Grande do Norte possuía apenas vinte e três estabelecimentos de ensino público de nível primário, com uma matrícula em torno de 2.500 alunos. Além desses estabelecimentos, funcionavam também dezenas de escolas particulares. Quanto ao Ensino Secundário público, existia apenas o Atheneu Norte-Rio-Grandense.

Em 1918, em mensagem dirigida ao Congresso Legislativo, o Governador Joaquim Ferreira Chaves afirmava que, naquele ano, “freqüentaram os estabelecimentos de ensino públicos e particulares do estado 10.127 alunos...” (LYRA, 1924, p. 153).

Em Natal, para educar as meninas das famílias mais favorecidas economicamente, só havia o Colégio da Imaculada Conceição – CIC, fundado em 1902 e dirigido pelas Irmãs da Congregação de Santa Dorotéia do Brasil.

Outro dado importante para se compreender essa época é o censo demográfico de 1920, que apresentou o seguinte quadro do Rio Grande do Norte: população total somava 537.135 habitantes, dos quais, apenas, 17,76% sabiam ler e escrever (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, 1936).

Foi, por conseguinte, dentro desse contexto educacional, que o Dr. Henrique Castriciano de Souza teve a luminosa idéia de criar a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, e, conseqüentemente, a Escola Doméstica de Natal.

## CRIAÇÃO DA LIGA DE ENSINO DO RN

Henrique Castriciano de Souza era o mais proeminente intelectual da Província, no início do século passado. Câmara Cascudo, em seu livro “Nosso Amigo Castriciano”, assim fala sobre o poeta:

Aqueles que conheceram Henrique Castri-  
ciano de perto prestarão depoimento unân-  
nime de sua cultura. Não apenas cultura,  
conhecimento que a memória condensa,  
mas a maneira de expô-la, utilizá-la na  
conversa, movimentando-a nos debates e  
voltas de uma discussão cordial.

Os livros publicados por Henrique Castri-  
ciano, todos eles juntos, jamais darão a  
mais distante idéia do que sabia positiva-  
mente o seu autor.

*(CASCUDO, 1965, p. 61)*

Por outro lado, ele era um homem atormentado pela doença, a vida inteira. Buscava, incessantemente, as diversas alternativas para cura ou alívio dos males que lhe afligiam. Guiado por esse intuito, embarcou num transatlântico em Recife, em meados de 1909, com destino à Europa, especialmente à Suíça, onde permaneceu até agosto de 1910. Voltou com promessa de cura para os problemas de tireóide e de remissão da tuberculose pulmonar. Voltou, também, com sua idéia consolidada de criação de uma escola de educação feminina, pois observou de perto e colheu amplo material da Ecole Ménagère, em Friburgo, Cantão suíço. Sentiu e entendeu que a educação oferecida àquelas moças, na Suíça, dava-lhes uma visão libertadora da vida, preparando-as para um mundo menos desigual entre homens e mulheres quanto aos mandamentos da cidadania.

Henrique Castri-  
ciano lançou as idéias da criação de uma escola que viesse retirar essas meninas-moças da submissão patriarcal, de modo a transformá-las em potenciais fontes de mudanças de uma sociedade dominada pelo mito da superioridade masculina. Instruídas e educadas, as alunas, ao saírem da Instituição a ser criada, deveriam mostrar a face de uma nova

Henrique Castri-  
ciano  
lançou as idéias da  
criação de uma escola  
que viesse retirar essas  
meninas-moças da  
submissão patriarcal,  
de modo a transformá-  
las em potenciais  
fontes de mudanças  
de uma sociedade  
dominada pelo mito da  
superioridade  
masculina.

mulher, pronta para as renovadoras lides da vida em família, assim como, deveriam estar preparadas para os embates que os novos tempos e a própria sociedade delas exigiriam. Renovariam os saberes no âmbito privado e alçariam vôos no espaço público, pois assim lhes permitiria a cultura a ser adquirida em programas escolares voltados para o despertar do potencial feminino, até então obscurecido e mantido latente por equívocos culturais históricos.

Em conferência pronunciada a 23 de julho de 1911, na instalação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, ele resume, brilhantemente, o seu pensamento sobre a importância da educação feminina para o desenvolvimento da sociedade. Um episódio, com o qual ele inicia sua histórica conferência, fê-lo avaliar a urgente necessidade de mudanças, principalmente no Brasil. A seguir, tópicos da conferência:

*"Em fins do outomno de 1909 viajava eu no Lago Lemán, de Genebra para Lausana, quando irrepreensivelmente vestido, veio sentar-se perto de mim um casal brasileiro.*

*Eu viajava como touriste de recursos parcos, calçando sólidas botinas de couro de bezerro, vestindo econômico e rude casacão de casimira escura.*

*Cumprimentei os patrícios, elles retribuíram com frieza a minha saudação; e não foi adeante a nossa cortezia. Entre nós cabiu um silêncio frio, irritante, hostil.*

*Comecei a ler ou a fingir que lia; o casal me observava com disfarce, mal escondendo a sua confusão deante de um compatriota sem jóias finas e sem trajar ao rigor da moda.*

*As barcas que trafegam no Lemán conduzem sempre o numero considerável de passageiros; foi-me fácil, portanto, mudar de banco.*

*Fiquei mais à vontade e pude olhar sem vexame esse par de compatriotas ingênuos, não sei se ricos, não sei se distintos, mas muito bem trajados. O rapaz, magríssimo, ostentava no polegar direito magnífico anel: doutor em alguma coisa... A moça, de olhos garços e tez branca, formosíssima, tinha o ar macilento das reclusas, a beleza mórbida das mulheres fataes.*

*A barca estacionou um instante em Coppet, onde, com a mais viva alegria, entraram diversas educandas, acompanhadas das professoras em respeitosa camaradagem, sorrindo ao sol de Outubro, excepcionalmente bello naquele dia, derramando também o seu riso de luz no lago tranquillo e nos Alpes nevados.*

*Aquellas moças vestiam com absoluta simplicidade e conduziam, sem languidos requiebro, pesadas bolsas a tiracollo, contendo artefactos de ensino."*

E mais adiante:

*"Temos que começar pelo princípio, isto é, pela família, de onde sae para a escola e para a vida o homem de amanhã.*

*À mulher cabe a tarefa principal nessa nova educação, mas como poderá ela concorrer efficazmente para o fim desejado sem a necessária cultura?"*

*(...)*

*"Temos alguma instrução mas quase não temos educação; e sem esta é impossível formar um grande povo.*

*Dahi o doloroso contraste observado entre nós, não somente entre o litoral, aparentemente civilizado, e o sertão inculto, mas entre a sala e*

*a cozinha; nos grandes centros, entre o hábito exterior e as condições materiais do indivíduo".*

(...)

*"Quando as extraordinárias qualidades moraes e intellectuaes das senhoras brasileiras forem aproveitadas por meio da educação forte e sã, em harmonia com a vida, ver-se-á a nação em marcha para um progresso impossível de prever."*

(...)

*"Não nos detenhamos deante da afirmação que o nosso pensamento não vingará, por contrário aos costumes nacionaes. O raciocínio é infantil.*

*Na phrase de um dos grandes preconizadores da Escola Nova, François Guex, o systema educacional que se fixa, immobilizado pela rotina, é uma causa morta; deve ser um organismo vivo, evoluindo com as necessidades collectivas, sempre attento à realidade variável."*

E, finalmente, diz Henrique Castriciano:

*"Para ser grande esse povo só falta educação, e para que esta se torne efficaç deve ser distribuída pelos dois sexos, moldados os conhecimentos às necessidades de cada porção territorial.*

*Assim, amaremos melhor a pátria; e a seiva da terra, fundida com a energia dos habitantes, rebentará em fructos nos campos e em esperanças no coração do homem.*

*A vós minhas senhoras, esta nova e augusta maternidade: a formação social do Brasil de amanhã!..."*

Assim, nascia a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, sob o batismo de uma mensagem humanista,

Assim, amaremos  
melhor a pátria; e a  
seiva da terra, fundida  
com a energia dos  
habitantes, rebentará  
em fructos nos campos  
e em esperanças no  
coração do homem.

inovadora, voltada para a emancipação da mulher até então subjugada aos preconceitos e alijada dos elementares atributos da cidadania, tendo como arauto o poeta, escritor, pensador e pesquisador Henrique Castriano de Souza.

Há muito ele vinha se dedicando aos estudos da situação em que se encontravam as mulheres na sociedade. Sua mente privilegiada e sua sensibilidade não aceitavam o estado de alienação em que viviam, alijadas do processo educacional e, conseqüentemente, representando um grande potencial mantido em estado latente, portanto, desperdiçado. Certamente, esse sentimento o levou a ser o “descobridor” de Nísia Floresta, a norte-rio-grandense que foi precursora do feminismo no Brasil, que defendeu a educação da mulher como a maneira de libertá-la da subalternidade em que se encontrava. Em conferência pronunciada na Federação das Academias de Letras do Brasil, em homenagem à memória de Henrique Castriano, em 1947, Aducto Miranda Raposo da Câmara, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, sobre esse tema assim se expressou:

Investigou sobre a vida de Nísia Floresta na Europa, viajando quilômetros e quilômetros para entrar em contacto com as raras pessoas que a conheceram. Visitou o cemitério em que jazem seus restos, e conseguiu uma fotografia da sepultura. Correspondeu-se com a filha e as sobrinhas da excelsa escritora que arrancou do olvido. Foi a sua perene veneração por esta singular mulher de letras que a revelou ao Brasil.

*(CAMARA, 1947)*

As viagens empreendidas por Henrique Castriciano à Europa, especialmente à Bélgica e à Suíça, serviram para consolidar a sua idéia de que era necessária a educação das jovens, de forma prática nas lides de dona de casa e de mãe de família, ao mesmo tempo que se oferecia ensino voltado para o crescimento intelectual. Dessa forma, as futuras esposas e mães poderiam ser úteis à elevação educacional da família, célula máter da sociedade. Tratava-se da quebra de paradigmas arraigados por séculos na sociedade patriarcal brasileira. Maria da Conceição Pinto de Goes, Professora de História da América Latina na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-aluna e ex-Professora da Escola Doméstica, em artigo publicado em setembro de 1994, na Revista da Escola Doméstica, fala com muita propriedade das mudanças trazidas pelo projeto de Henrique Castriciano:

O objetivo maior era a criação de uma Escola pluralista para formar “donas de casa”, em cursos de cinco anos de duração. Mas, não qualquer dona de casa. Esta categoria estava impregnada de significações novas. Referia-se a uma mulher que não abrisse mão de sua condição feminina, que assumisse conscientemente o seu importante papel de agente de integração social, em um país cuja identidade nacional ainda estava longe de ser alcançada. Era uma liberação equacionada em um currículo de inspiração européia (Suíça, Alemanha e Bélgica) mas que estava aberto a modificações e adaptações à realidade e condições brasileiras. O mais importante, a mulher começava a conhecer o seu próprio mundo, o seu próprio corpo e os seus direitos.

*(GOES, 1994)*

Henrique Castriciano não ficou sozinho nessa aventura educacional inovadora e até mesmo revolucionária para a época. Ao contrário, contou ele com o apoio das maiores lideranças políticas, religiosas, educacionais e intelectuais, de empresários, militares, agricultores, funcionários públicos, enfim, a comunidade norte-rio-grandense aliou-se ao criador da nova organização, não apenas de forma numérica, mas, sobretudo, trazendo entusiasmo e vibração para pôr em prática as idéias expostas e defendidas por um dos pioneiros da transformação do papel da mulher na sociedade brasileira.

À sessão magna de instalação da Liga de Ensino estiveram presentes o Governador do Estado, Alberto Maranhão, Dr. Henrique Castriciano de Souza, o Juiz Federal Dr. Francisco de Sales Meira e Sá, Desembargador Luiz Manuel Fernandes Sobrinho, o Bispo Diocesano D. Joaquim Antônio de Almeida, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, Romualdo Lopes Galvão, Avelino Freire, João Juvenal Pedroza Tinoco, Francisco Cascudo, João Dionysio Filgueira, Cel. Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão, Prof. Flodoaldo de Góes, entre tantos outros. A ata de fundação foi assinada pelo Governador Alberto Maranhão, e por mais cento e trinta e nove pessoas.

Uma comissão foi designada, sob a presidência do Dr. Francisco de Sales Meira e Sá, com o objetivo de estabelecer as primeiras providências para a efetivação da Liga, com ênfase à elaboração dos Estatutos. A 8 de outubro de 1911 foram discutidos e aprovados os estatutos, que, em seu Artigo 1º, diziam:

*“Art. 1º - É fundada em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma associação denominada Liga de Ensino, visando, em geral, a auxiliar os*

*poderes públicos em tudo que disser respeito à instrução e educação do povo, e em particular, fundar escolas para instrução e educação da mulher”.*

O primeiro Conselho Administrativo, tendo como Presidente Dr. Francisco de Sales Meira e Sá, foi constituído por Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão (Vice-Presidente), Henrique Castriciano de Souza (Secretário), José Augusto Bezerra de Medeiros (Bibliotecário) e Avelino Alves Freire (Tesoureiro), havendo ainda a colaboração de João Dionysio Filgueira, Romualdo Lopes Galvão, João Juvenal Pedroza Tinoco, Pedro Soares de Araújo, Juvenal Lamartine, Manoel Dantas e Luiz Fernandes de Oliveira.

Nesses quase 100 anos de existência, a Liga de Ensino tem tido a participação de personalidades da maior representatividade no Rio Grande do Norte. Sua fundação teve como motivação maior a instalação da Escola Doméstica de Natal, ocorrida em 1914. Porém, em 1987, a Liga de Ensino criou o Complexo Educacional Henrique Castriciano, escola que atende alunos dos dois sexos. Em 1999 foi a vez da instalação da FARN – Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

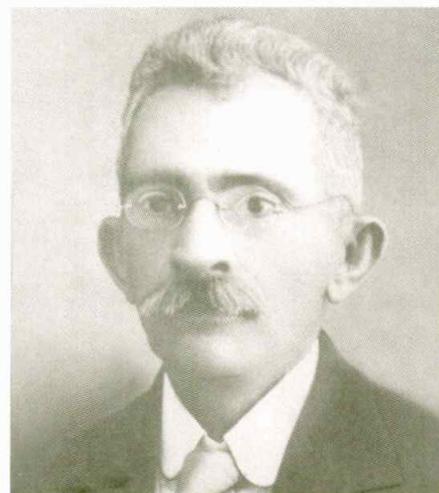
Como mantenedora desses estabelecimentos, a Liga de Ensino, ao longo do tempo, tem desempenhado importante ação educacional, destacando-se como Instituição sem fins lucrativos, voltada exclusivamente para os objetivos primordiais de oferecer serviços de alta qualidade.

## PRESIDENTES DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

### PRIMEIRO PRESIDENTE: FRANCISCO DE SALES MEIRA E SÁ (1856-1920)

*Exercício da Presidência: de 1911 a 1920*

Meira e Sá exerceu a Presidência a partir da criação da Liga, a 23 de julho de 1911. Era um dos homens mais respeitados e admirados do Estado, pela coerência, honradez e grande capacidade demonstradas no exercício de elevadas funções. Foi Juiz de Direito, Chefe de Polícia, Desembargador, Senador da República, Vice-Governador e Juiz Federal. Não restam dúvidas de que o seu nome, revestido de alto prestígio, confiabilidade e credibilidade, foi deveras importante para a consolidação da Liga de Ensino e, depois, da própria Escola Doméstica de Natal. Permaneceu na Presidência da Liga até 1920, ano em que faleceu.



### SEGUNDO PRESIDENTE: HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA (1874-1947)

*Exercício da Presidência: de 1921 a 1922*

Henrique Castriciano exerceu a Presidência da Liga apenas por um ano, após o falecimento de Meira e Sá. O criador da Liga de Ensino e, portanto, da Escola Doméstica de Natal, parece que nunca desejou assumir a Presidência da Entidade. Tudo leva a crer que a sua gestão foi, voluntariamente, transitória, enquanto havia a escolha definitiva do novo Presidente.

Nas primeiras décadas do século XX, ele era considerado o mais proeminente homem de letras do Estado. O seu interesse pelo trabalho intelectual de Nísia Floresta, uma das pioneiras do movimento



de emancipação feminina no Brasil, certamente, levou-o a desenvolver os estudos e as articulações que culminaram com a instalação da Escola Doméstica. Há de se ressaltar, portanto, que Henrique Castriciano, além da sua consagrada erudição, deixou quatro grandes legados para o Rio Grande do Norte: a valorização da mulher através da educação; a “descoberta” de Nísia Floresta; a criação do movimento escoteirista; e, finalmente, a influência intelectual que exerceu sobre o jovem Câmara Cascudo, incentivando-o nas primeiras incursões no melhor da literatura mundial.

Henrique Castriciano concluiu o Curso Jurídico no Rio de Janeiro, em 1908, sendo nomeado, logo em seguida, para o cargo de Procurador Geral do Estado. Como Secretário do Governo Alberto Maranhão, redigiu a Lei nº 145, de 06 de agosto de 1900, que instituía prêmio para autores norte-rio-grandenses, legislação pioneira de incentivo à cultura no Estado. Eleito Deputado Constituinte, em 1915, foi alçado à condição de Presidente da Assembléia, assumindo, assim, as funções de Vice-Governador, no Governo Ferreira Chaves, pois era esse o mandamento legal, à época. Com a reeleição, na chapa encabeçada pelo Governador Antônio José de Melo e Souza (1867-1955), permaneceu no cargo até 1924.

Câmara Cascudo diz que Henrique Castriciano não foi um autêntico político, recebendo influência do irmão Eloy de Souza, que exerceu mandatos de Deputado Estadual, Deputado Federal e Senador da República, atuando, por mais de quarenta anos, em atividades parlamentares. Eis o que diz Câmara Cascudo:

“Henrique Castriciano foi político por contágio. Contágio do irmão Eloy de Souza (1873-1959), vocação legítima na espécie...”

(CASCUDO, 1965. p. 79)

Ele deixou dois excelsos continuadores: na dimensão cultural, Luís da Câmara Cascudo, apto a haurir, sapientemente, a convivência com o Mestre Henrique, na fase inicial da sua fulgurante jornada intelectual, voando, depois, para os patamares mais altos da glória; na dimensão educacional, Noilde Ramalho, que tem sabido seqüenciar a grande obra do criador da Escola Doméstica, com um labor profícuo que se prolonga por quase seis décadas, contribuindo para a formação integral de gerações, um belo exemplo para o Rio Grande do Norte e para o Brasil.

### TERCEIRO PRESIDENTE: MANOEL GOMES DE MEDEIROS DANTAS (1867-1924)

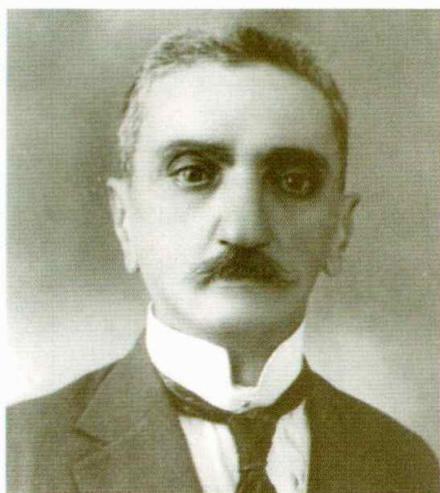
*Exercício da Presidência: de 1922 a 1924*

Manoel Dantas, Jornalista, Advogado, Juiz, Procurador Geral do Estado, Professor, Diretor da Instrução Pública, foi um homem eclético, dinâmico e competente. Entretanto, no jornalismo ele alcançou o ápice da realização pessoal, escrevendo, fundando e dirigindo jornais. Uma das suas paixões era a fotografia, deixando rico acervo iconográfico de grande valor histórico para a cidade de Natal. Pesquisador, Historiador, Geógrafo, ele mostrou seu estilo de vanguarda ao traduzir e publicar, pela primeira vez no Brasil, o “Manifesto Futurista”, do italiano Fillippo Thomazzo Marinetti (1876-1944), no qual o autor condenava toda forma tradicional de Literatura e Arte. Denominado “o Profeta de Natal”, pelo escritor Diógenes da Cunha Lima, em seu livro “Natal – biografia de uma cidade”, Manoel Dantas revelou impressionante capacidade de antever o futuro, em conferência pronunciada no Salão de Honra do Palácio Potengi, no dia 21 de março de 1909, sob o título “Natal daqui a cinqüenta anos”.



Aliou-se a Henrique Castriciano e a outros intelectuais, líderes políticos, empresários e educadores, desde a primeira hora, com o intuito de consolidar o projeto da Escola Doméstica de Natal, uma ação pioneira de educação feminina no Rio Grande do Norte e até mesmo no Brasil. Hospedou em sua residência, por alguns meses, as duas Professoras romenas, Héléne Bondoc e Jeanne Negulesco, formadas pela Ecole Ménagère do Cantão de Fribourg, Suíça, que tinham vindo para dar início às atividades da novel Instituição de ensino doméstico, inaugurada a 1º de setembro de 1914.

Tendo sido um dos fundadores da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, precursora da Escola, veio a ocupar a Presidência da Entidade, sucedendo a Henrique Castriciano, permanecendo na função até seu falecimento, ocorrido em 15 de julho de 1924.



#### QUARTO PRESIDENTE: FELIPE NERI DE BRITO GUERRA (1867-1951)

*Exercício de Presidência: de 1924 a 1942*

O nome de Felipe Guerra está definitivamente associado à questão nordestina, pois ele figura entre os primeiros que se dedicaram a pesquisar os fenômenos das secas e a mostrar as soluções mais viáveis e plausíveis. Seu livro “Secas contra a seca” é um clássico nesse tipo de bibliografia, sendo considerado um dos melhores estudos sobre o assunto, até hoje elaborado. Bacharel em Direito, exerceu as funções de Promotor Público, Juiz de Direito, Procurador Geral do Estado e Desembargador do Tribunal de Justiça. Na “História do Rio Grande do Norte”, Câmara Cascudo assim o define:

“Magistrado culto, simples, de alta fibra-tura moral, era um exemplo digníssimo de saber e caráter”.

*(CASCUDO, 1955, p. 498).*

Eleito, em 1891, Deputado à Primeira Assembléia Constituinte do Rio Grande do Norte, conseguiu a reeleição em 1892, exercendo o mandato até setembro de 1894. Nas lides políticas, Felipe Guerra, também, houve-se com muita honradez, pondo sua inteligência, criatividade e bravura em prol do interesse coletivo.

O exercício da função de Professor acompanhou-o de forma quase constante. A vocação de transmitir conhecimentos e formar cidadãos e cidadãs era parte integrante de sua personalidade. Ensinar fazia-lhe bem, animava-lhe o espírito, pois sua magnanimidade pedia para ele dividir com outros os seus saberes. Conseguiu, assim, conciliar as inúmeras ocupações com a tarefa desprendida do magistério.

Chegou a Natal em 1918 e, logo depois, estava participando do corpo docente da Escola Doméstica, ensinando a disciplina Direito Usual, além de integrar o Conselho Diretor da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, do qual, posteriormente, acabaria sendo Presidente.

Felipe Guerra prestou inestimáveis serviços à Escola Doméstica de Natal. Seu período administrativo foi o segundo mais longo na história da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

## QUINTO PRESIDENTE: MANOEL VARELA SANTIAGO SOBRINHO (1885-1977)

*Exercício da Presidência: de 1942 a 1972*

Varela Santiago é um dos mais destacados nomes da Medicina do Estado, em todos os tempos. Bastar-lhe-ia a criação do Serviço de Proteção à Infância do Rio Grande do Norte, entidade precursora do Hospital Infantil Varela Santiago, que ele dirigiu por 37 anos, para colocá-lo entre os homens que merecem ser permanentemente homenageados pelos seus conterrâneos.



Estudioso, pesquisador, era ao mesmo tempo cientista e médico voltado para as demandas sociais. Dedicou-se, especialmente, à luta pelos cuidados aos pacientes portadores de Hanseníase e de patologias mentais, bem como, às crianças enfermas. Exerceu o cargo de Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública durante os Governos de José Augusto Bezerra de Medeiros e de Juvenal Lamartine de Faria. Fundou e dirigiu a Sociedade de Assistência dos Lázaros e Defesa Contra a Lepra do Rio Grande do Norte.

Dr. Varela Santiago participou da vida da Escola Doméstica por décadas, como professor de Puericultura, tendo, em 1919, inserido o ensino de Psicologia no programa dessa disciplina, um ato pioneiro no Brasil. É identificado como o Presidente da Liga de Ensino que por mais tempo permaneceu nas funções, sendo considerado, depois de Henrique Castriciano, seu maior benfeitor. O atual estatuto da entidade registra-o como “Presidente Perpétuo”. Entre tantos feitos grandiosos para a Escola Doméstica, como, por exemplo, a criação do Instituto de Puericultura, em 1919, figura a sua ação junto ao Governo do Estado para a doação do amplo terreno do Tirol que abriga hoje os prédios da Escola Doméstica, do Complexo Educacional Henrique Castriciano e da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

Recebeu vários prêmios honoríficos, entre os quais o de Cavaleiro da Ordem do Mérito Médico, concedido pela Presidência da República. A Congregação dos Professores da Faculdade de Medicina de Natal, em 09 de março de 1956, conferiu-lhe o título de Professor Honorário. Foi o descobridor do talento de Noilde Ramalho, tendo feito sua nomeação para Diretora da Escola Doméstica, mantendo com ela uma longa convivência administrativa, muito profícua e cordial.

## SEXTO PRESIDENTE: ONOFRE LOPES DA SILVA (1907–1984)

*Exercício da Presidência: de 1972 a 1984*

Com a renúncia de Varela Santiago, por motivo de doença, assumiu a Presidência da Liga de Ensino um outro Médico, não menos ilustre, Onofre Lopes da Silva. Após terminar o Curso de Medicina no Rio de Janeiro, Onofre Lopes foi aos Estados Unidos fazer estágio de aperfeiçoamento em cirurgia. Sua cultura não se restringia somente à Medicina, sendo autor de vários trabalhos científicos e de cunho literário. Pertenceu à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, tendo sido seu Presidente por vários anos. Em 1958, fundou a Universidade do Rio Grande do Norte, por meio de ato de criação assinado pelo Governador Dinarte de Medeiros Mariz, transformada, posteriormente, em Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fruto, também, da sua tenacidade e obstinação para consolidar a Instituição, sem dúvida o mais significativo benefício que chegou ao Estado no século passado.

Onofre Lopes se revelou um grande entusiasta e incentivador da Escola Doméstica. Sendo, simultaneamente, Reitor da UFRN e Presidente da Liga de Ensino, diligenciou para que a Escola Doméstica passasse a figurar como órgão complementar da Instituição Universitária, o que ocorreu através de convênio assinado em 20 de junho de 1959. Lançou, ao lado de Noilde Ramalho, a pedra fundamental, em 01/09/1964, da Faculdade de Ciências Domésticas, a ser edificada em área onde hoje se encontra a FARN - Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

Fulgurante na defesa dos seus ideais e veemente ao difundir suas convicções, sempre persistente, obstinado e com grande capacidade de liderança, não



se contentou apenas em fundar a UFRN. Foi mais além: criou o maior programa de extensão universitária que se tem notícia no Brasil, o CRUTAC, o qual se expandiu da experiência na UFRN para quase todas as Universidades Federais do País.

Onofre Lopes sucedeu e continuou, com muitos méritos, o trabalho de Varela Santiago à frente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. O seu nome engrandeceu todas as Instituições que tiveram o privilégio de sua participação. A Liga de Ensino haverá sempre de reverenciar sua memória, não somente pela sua prolongada colaboração com a Entidade, mas também por se tratar de um dos maiores benfeitores do Rio Grande do Norte, em todos os tempos.



## SÉTIMO PRESIDENTE: OSÓRIO BEZERRA DANTAS (1910-2004)

*EXERCÍCIO DA PRESIDÊNCIA: de 1985 a 1999*

Alguns meses após o falecimento de Onofre Lopes, a Presidência da Liga de Ensino passou a ser ocupada por Osório Bezerra Dantas, filho de Manoel Dantas, que havia assumido as mesmas funções 64 anos antes. Professor, empresário, desportista, Osório Dantas estava sempre disponível para participar de tudo que resultasse em interesse da comunidade. Na mocidade, exerceu as funções de jornalista, trabalhando como assessor direto de Assis Chateaubriand, nos Diários Associados. Destacou-se como um dos maiores conhecedores e incentivadores da cotonicultura do Estado. Entre outras ações, ressalta o prestígio alcançado pela supremacia do algodão Seridó de fibra longa. Mesmo após a aposentadoria, continuou na atividade privada como industrial da área têxtil. Fundou o Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem, tendo sido seu Presidente por muitos anos, sempre reeleito por unanimidade.

Teve efetiva participação na UFRN: Professor de Economia e Administração Rural do Colégio Agrícola de Jundiá, professor e um dos criadores do curso de Tecnologia Têxtil, além de membro, por vários anos, do Conselho Universitário, como representante das classes empresariais.

Homem digno, probo, correto, manteve-se coerente durante toda sua longa existência. De uma linhagem familiar caracterizada pela honradez e competência, Osório Bezerra Dantas deixou um legado de bons serviços prestados ao Rio Grande do Norte. Será lembrado pelos exemplos de amor à família e ao trabalho e de dedicação total a tudo em que se envolveu, sempre no intuito de bem servir à coletividade.

Dentre os fatos relevantes do período administrativo que teve Osório Bezerra Dantas como Presidente da Liga de Ensino, destaca-se a Resolução, com a sua assinatura, da Criação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

## OITAVO PRESIDENTE: MANOEL DE MEDEIROS BRITO (1928)

### EXERCÍCIO DA PRESIDÊNCIA:

iniciou em 1999 (é o Presidente atual)

Com a renúncia de Osório Bezerra Dantas, por motivo de doença, Manoel de Medeiros Brito assumiu a Presidência da Entidade, em 25 de março de 1999. Sua lúcida gestão tem garantido o bom funcionamento e o desenvolvimento das Instituições Educacionais à Liga vinculadas.

Bacharel em Direito, o atual Presidente da Liga de Ensino acumula variada e vasta folha de bons serviços prestados ao Rio Grande do Norte. Assim, entre outros, ele assumiu os seguintes cargos: Chefe do Escritório de Representação do Governo do Estado, na



Capital Federal; Assessor Parlamentar; Procurador Advogado dos Feitos do Estado; Ministro do Tribunal de Contas do Estado; Secretário Chefe do Gabinete Civil do Estado; Secretário Estadual do Interior e Justiça (oito anos); Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública (quatro anos).

Com poucas incursões na atividade empresarial, Manoel de Medeiros Brito, além de inúmeras atividades na esfera pública, tem oferecido sua colaboração a várias Instituições comunitárias, como, por exemplo, o Instituto Tancredo Neves, do qual é Presidente, e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte, entidade mantenedora do Hospital Infantil Varela Santiago.

Dessa forma, por mais de 50 anos, Manoel de Medeiros Brito tem exercido funções públicas relevantes, que propiciam uma convivência prolongada e múltipla com os grandes nomes da política norte-riograndense. Com isso, tornou-se repositório de fatos e passagens do maior interesse para a história recente do Estado. Apesar da diversidade dos cargos exercidos, alguns até mesmo considerados difíceis incumbências, além das paixões ensejadas pelas lides políticas, ele mantém íntegras as amizades e, igualmente, preservados o respeito e a admiração que recebe dos contemporâneos, em virtude de seus gestos de magnanimidade, que se somam à competência, dignidade e honradez que sempre caracterizaram sua vida.

Complexo Educacional Henrique  
Castriciano: qualidade de ensino  
e amor à natureza.



Capítulo

# XVI



Complejo Educacional  
Henrique Castriciano

ÁTRIO  
CENTRAL



Átrio Central: área comum ao HC e à FARN



## O Nascimento de uma Nova Escola

Noilde Ramalho há muito sonhava em expandir a atividade educacional por meio de uma escola mista, o que não podia fazer na Escola Doméstica, pelas características desse estabelecimento de ensino, restrito ao alunado feminino. Além disso, era preciso ocupar o terreno existente, já que somente uma parte da área estava sendo usada com as edificações da Escola Doméstica. Assim, sua proposição de criar o Complexo Educacional Henrique Castriciano foi aprovada pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, em 20 de junho de 1986.

Ela já havia posto no papel o que imaginava ser a estrutura física da nova escola: queria edificações horizontais, em estilo colonial, divididas em blocos com as diversas funções, interligadas facilmente e de completa integração com a natureza. Entregou a missão de elaborar o projeto arquitetônico, com essas premissas, à Arquiteta Janice Costa Fernandes e ao Engenheiro Jorge Trindade Fernandes. De fato, já sonhava com a implantação futura do ensino universitário, pois delineava-se a construção de um Campus, apto a abrigar esse nível educacional.

As obras iniciaram-se com rapidez e continuaram em ritmo acelerado. Noilde enfrentou sol, poeira e barulho, mas comandou, pessoalmente, a construção do Complexo, pois tinha a meta de pôr em funcionamento a escola no ano de 1987. E o sonho da grande educadora, mais uma vez, transformou-se em realidade. No dia 15 de março de 1987, o Complexo Educacional Henrique Castriciano iniciava suas atividades, com a Unidade de Ensino do 1º Grau. Funcionando em dois turnos, com oito salas de aula, essa unidade iniciou com 436 alunos de ambos os sexos. Logo no ano seguinte, 1988, a unidade do 2º Grau era implantada, ao mesmo tempo em que a estrutura física, também, estava sendo ampliada.



A Professora Maria Lúcia Marques, em artigo publicado na Revista da Escola Doméstica, setembro de 1994, assim se expressa sobre o novo Colégio:

O Complexo Educacional Henrique Castriçano foi estruturado, desde a sua primeira Unidade de Ensino, com as condições necessárias ao desenvolvimento de um currículo completo e dia letivo integral, onde o aluno, vivendo num ambiente propício à realização da prática educativa, dispõe dos meios e instrumentos de conhecimentos para vivenciar, por si mesmo, experiências enriquecedoras que o levam a descobrir suas virtualidades para penetrar no conhecimento da natureza e da humanidade que o rodeia e influencia, assegurando, dessa forma, a possibilidade de instruir-se segundo as suas próprias capacidades.

A proposta é oferecer uma escola básica de qualidade, que possa afirmar nos alunos os valores maiores da pessoa humana como a liberdade com responsabilidade, o senso das artes, a disposição da convivência solidária, o espírito aberto a novas idéias e a capacidade de trabalhar produtivamente. Uma escola da qual o aluno saia não apenas instruído, mas educado com suficiente provisão de experiência e pensamento reflexivo para poder guiar-se na vida.

Todas as áreas do currículo proposto ao aluno devem tratar de conteúdos que o estimulem intelectualmente e apresentem um significado para sua vida, relacionando-se com o que já lhe é familiar. A experiência é algo que se cria pela própria vivência.

(MARQUES, 1994)



Solenidade de inauguração do Complexo Educacional Henrique Castriçano, em 01/09/87: Governador Geraldo Melo, Professor Osório Dantas, Prof<sup>a</sup>. Noilde Ramalho, Reitor da UFRN Daladier Cunha Lima, Prof. Otto Santana e Prof. Antonio Soares, entre outros.

O espaço físico foi se ampliando, à medida que crescia o número de alunos. Em 15 de março de 1994, o Complexo Educacional Henrique Castriciano foi considerado concluído, quando contava com área construída de 12.264m<sup>2</sup>, capaz de oferecer as melhores condições para estudo, recreação, lazer, artes, socialização, visando à realização de uma prática educativa voltada para a formação de futuros cidadãos e cidadãs, com a consciência de suas responsabilidades individuais para com a família, a sociedade, o país e a natureza. Eram 32 salas de aula, distribuídas em quatro pavilhões, interligados por um átrio central, com laboratórios amplos, auditório, biblioteca, ginásio de esporte com capacidade para 6.000 pessoas, piscina olímpica e outra semi-olímpica, campo de futebol, ampla área de estacionamento.

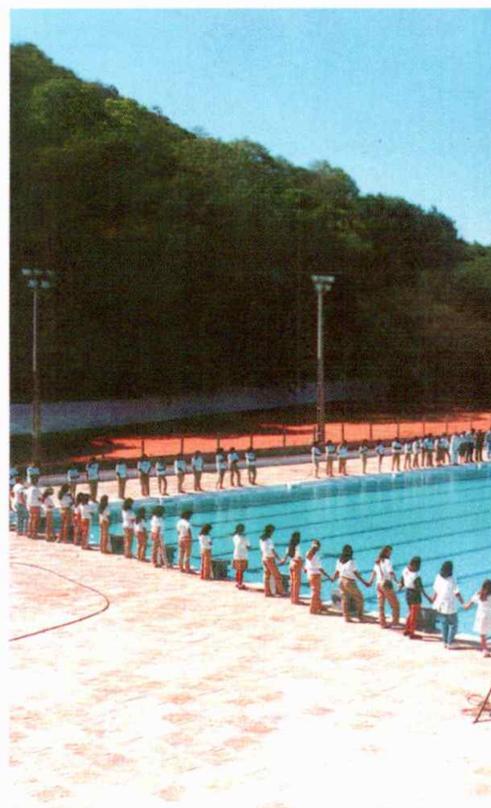
Dentre as instalações que foram oficialmente entregues à Liga de Ensino, naquela data, estava o Espaço Luz, que compreende a biblioteca e um bonito salão para exposições, concertos, palestras e outras atividades culturais. A biblioteca foi inaugurada com amplas instalações, com quase 900m<sup>2</sup> de área, um acervo de 3.000 volumes, sala de estudos de grupos, área de leitura, administração e sala de obras raras.

## COMPARTILHANDO O ESPAÇO FÍSICO

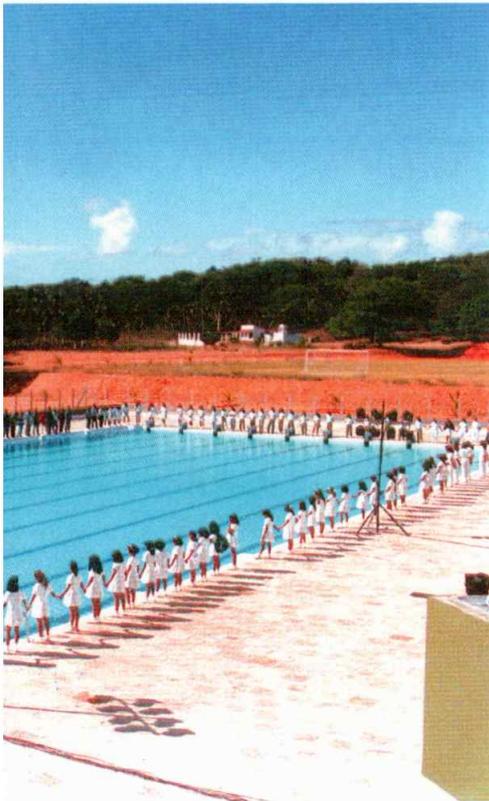
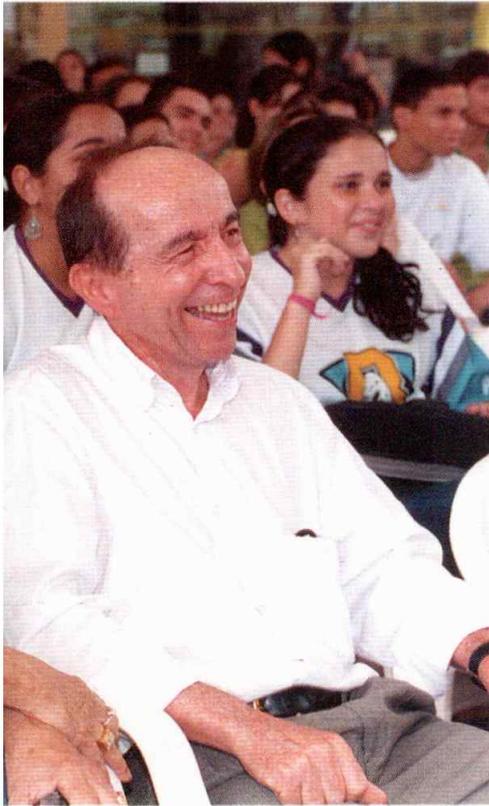
Mesmo sendo considerado concluído em 1994, o Complexo Educacional Henrique Castriciano, desde então, continuou a melhorar em termos de instalações físicas e funcionalidade, sendo seu projeto pedagógico sempre revisto e atualizado. Com a instalação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN, em 1999, que compartilha muitas das instalações do Complexo, várias modificações ocorreram na estrutura física, sempre com o sentido da otimização, o que beneficia tanto o Colégio, como a Faculdade.



Noilde e Daladier assistem a uma apresentação dos alunos do HC.



Em 1993 houve a inauguração da piscina olímpica do HC.



Em atendimento às necessidades de expansão, o estacionamento foi disciplinado, os laboratórios modernizados, os equipamentos de apoio didático foram multiplicados, a Biblioteca tornou-se informatizada e ganhou em disponibilidade de ambientes especiais para estudos e o acervo disponível foi consideravelmente ampliado. Além disso, A FARN, que tem se beneficiado de toda essa longa experiência educacional e do elevado conceito da Escola Doméstica e do Complexo Educacional Henrique Castriciano, faz a sua parte, subsidiando as unidades co-irmãs com sugestões e orientações, sobretudo no que concerne às atividades que podem ser compartilhadas, visando ao aprimoramento e ao melhor funcionamento das Instituições.

Um marco da integração da Escola Doméstica, do Henrique Castriciano e da FARN é o Centro de Convivência Clara Camarão. Situado em ponto estratégico, capaz de atender bem às três unidades, o Centro tem 968,23m<sup>2</sup> de área construída, com projeto arquitetônico arrojado, de autoria do arquiteto Néio Arcanjo, onde a beleza se evidencia por suas linhas de modernidade, sendo ao mesmo tempo confortável e funcional. Dispõe de espaço central amplo, bem ventilado e beneficiado pela luz natural, conta com palco e camarins, lojas, lanchonetes, livraria, sala de reprografia, escritório financeiro, prefeitura do Campus, além de outras instalações necessárias ao bom funcionamento como área de convivência em ambiente universitário. A inauguração do “Centro de Convivência Clara Camarão” ocorreu em 04 de outubro de 2001, com a presença de várias autoridades, entre elas a Prefeita de Natal, Prof<sup>a</sup> Wilma Maria de Faria. Noilde Ramalho quis homenagear a bravura da mulher norte-rio-grandense, escolhendo o nome da índia guerreira para identificar essa unidade do Campus. Clara Camarão participou diretamente das batalhas

contra os invasores holandeses. Combateu sem tréguas os inimigos, montada a cavalo e usando habilmente o arco e a flecha, a lança e o tacape, contra as espadas e arcabuzes das tropas holandesas. Seu marido, Antônio Felipe Camarão, o índio Poti, é considerado o grande herói das lutas travadas contra as tropas de Maurício de Nassau. Os inimigos invasores foram derrotados, registrando a história a coragem sem par de Clara Camarão e de Poti, destacando-se a batalha de Porto Calvo, em 1637, e a primeira batalha dos Guararapes, em 1647, quando a bravura dos dois foi essencial para a vitória das forças luso-brasileiras. Uma estátua da índia guerreira, em tamanho natural, esculpida pelo artista potiguar Emanuel Câmara, sobre pedestal em uma das entradas do Centro, celebra, permanentemente, o reconhecimento à bravura e à altivez da mulher potiguar, de tantos exemplos que dignificam e engrandecem a participação feminina na construção de uma sociedade mais evoluída, mais justa e mais harmônica.

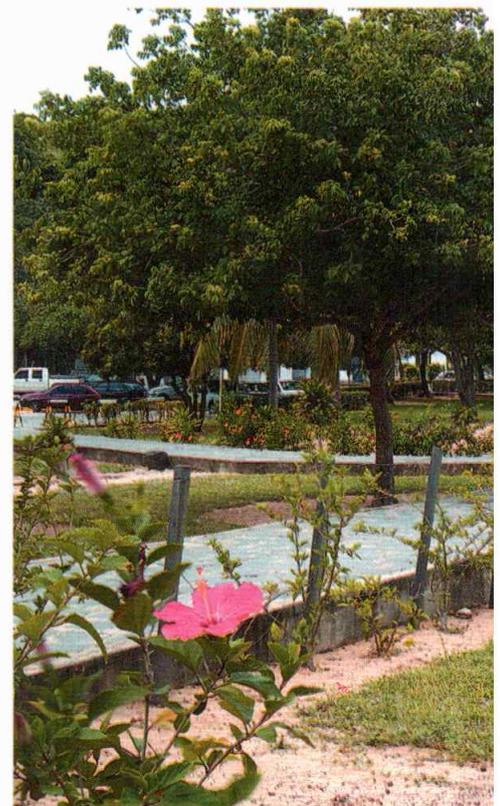
## A INTEGRAÇÃO COM A NATUREZA

A Prof<sup>ª</sup> Maria Lúcia Marques, em seu artigo anteriormente citado, assim se expressa, no tocante à integração do Complexo com a natureza:

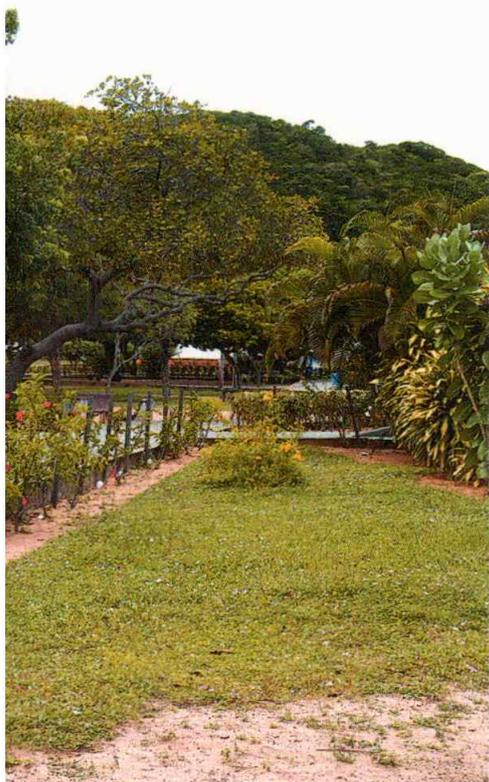
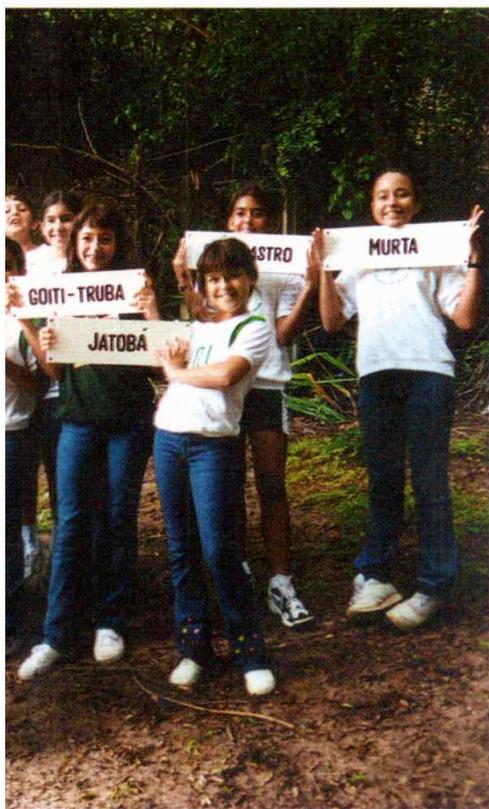
O Complexo Educacional Henrique Castriçano é uma escola ecológica. Incrustada em uma área física privilegiada, circundada pelo verde das árvores que compõem parte da Mata Atlântica, um cenário ímpar, viveiro das mais diversas e variadas espécies de aves tropicais, que alegram e harmonizam o ambiente com a mais bela e melodiosa sinfonia da natureza, fruto das mais legítimas aspirações de sua fundadora, que



Alunos do HC pesquisando a flora existente nas dunas que circundam o Campus.



Campus da FARN e HC: integração com a natureza.



continua dando uma parcela preciosa de seu esforço e entusiasmo pela causa educacional do país, um exemplo vivo da eloqüente capacidade empreendedora da mulher, que deverá ser seguido por todos nós.

(MARQUES, 1994)

De fato, é um verdadeiro encantamento a área em que se situa o Complexo Educacional Henrique Castriciano, bem como, a FARN, co-habitantes que são do mesmo privilegiado espaço. Noilde Ramalho é a grande construtora desse microcosmo ecológico, pois a quase totalidade das árvores e plantas foram por ela disseminadas. Antes da ocupação da área pela Liga de Ensino, poucas árvores existiam, o campo era dominado por vegetação rasteira, uma restinga monótona. Agora, a riqueza vegetal da área integra-se ao verde da Mata Atlântica que, florescendo nas elevações das dunas circundantes, parece abraçar afetivamente o Complexo.

Frondosamente, destacam-se cajueiros, mangueiras, pau-brasil, pau-ferro, pitombeiras, ipês e acácias. O Bosque dos Bambus é uma área especial onde o verde ondulante dessas árvores confere ao ambiente uma placidez permanente. Podem os olhos alcançar a beleza das várias unidades de algodão silvestre, com suas flores amarelas, de tamarindos, goiabeiras, coqueiros, cajás, cuités, acácias, “flamboyants”, sucupiras e craibeiras. Uma tamareira floresceu de uma tâmara que Noilde trouxe de Cafarnaum, em viagem realizada à Terra Santa, em 1998.

Todo esse bosque se veste de plantas menores que ajardinam a área, propiciando um belíssimo colorido pelas flores e folhagens que se alternam em predominâncias viçosas, mantendo a beleza e a amenidade do Campus o ano todo.

Misturam-se nos jardins uma grande variedade de plantas: antúrio, areca-bambu, cipreste, dracena, palmeira, papoula, quaresmeira, rabo-de-arara, verbenha, onze-horas, lírio-da-paz, espirradeira, esponjinha, comigo-ninguém-pode, “bouganville” e bromélia. Para o deleite dos usuários da Instituição e dos visitantes, outras pérolas da natureza podem ser vistas e apreciadas: alamanda, pacavira, sete-léguas, mussaenda, jibóia, jasmims-dos-poetas, hibisco, jamaica, cróton, costela-de-adão, chapéu-de-napoleão, boa-noite, bom-dia, avenca, beijo-pintado, bela-emília, jasmin-manga, pitanga, guabiraba, caeté e cambará.

As chananas, plantas pequeninas e com belas flores amarelas, que enchem os canteiros de Natal, ornamentam também o Campus. As chananas se espalham pela extensão da cidade, verdadeiros brindes de beleza que prodigamente a mãe terra oferece aos olhos e à sensibilidade dos natalenses.

O poeta Diógenes da Cunha Lima, em seu livro “Natal – biografia de uma cidade”, diz:

Entendidos em florística e em vernáculo atestam a grafia com cê agá. Miranda Sá, que entende dos dois (e de poesia), assegura: “com xis, a flor de Natal adquire o mistério das incógnitas”. Miranda ainda considera a flor emblema de nossa cidade.

E mais adiante:

A xanana, flor de Natal, não serve para ser plantada em jarro, recusa floreira, não dá lucro à florista. Deus é o floricultor da xanana.

(LIMA, 1999, p. 17, 19)

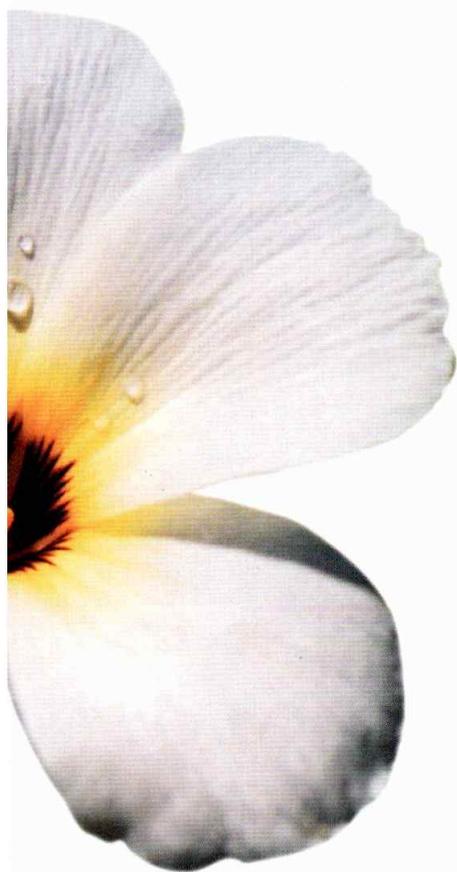
Quando ocorre a floração arbórea, o espetáculo



A xanana, considerada a flor-emblema da cidade de Natal.



O camaleão virou animal-símbolo do Complexo Educacional HC.



é bellissimo, com as copas das árvores assumindo colorações diferentes. A floração do pau-brasil chama a atenção, pelo verde brilhoso das folhas e o amarelo vivo das flores. Na Primavera, após a estação chuvosa, a floração é o anúncio da reprodução das espécies, pela formação posterior do fruto e da semente. Os oitizeiros, as craibeiras, ipês-roxos e amarelos, acácias, cajueiros, mangueiras e sucupiras; todos mostram suas alegrias coloridas, traduzindo a fertilidade da natureza. Um espetáculo bellissimo de cores e formas pode ser apreciado, porque as flores aparecem na extensão do Campus.

Todo esse parque ecológico, com vários hectares de extensão, é cuidado com muito carinho e atenção. Noilde Ramalho conhece todas as plantas existentes, preserva-as com muito apreço e consideração, entendendo-as como seres vivos que representam dádivas de Deus.



Nesse microcosmo vegetal, variado, belo e viçoso, desenvolve-se um microcosmo animal, formando-se um nicho ecológico harmônico, exemplo e prova de que é possível a convivência do progresso humano com a natureza preservada. Não é raro o encontro de raposas que deixam o *habitat* natural, nas matas que recobrem as dunas circundantes, e vêm dar um passeio entre os veículos estacionados, durante as horas silenciosas das noites do Campus. Tijuçu e tatu não são surpresa ao serem vistos, e os sagüis fazem a festa nas árvores, além de saborearem as frutas doces do pomar. Os camaleões esbeltos, esguios, olhos vivos e brilhantes, simpáticos, com o verde bonito e mimetizante, de tão freqüentes tornaram-se o animal-símbolo do Complexo Educacional Henrique Castriciano, representando a ênfase ecológica do projeto pedagógico do Colégio.

Os pássaros fazem a alegria do bosque, com a inquietude dos vôos e a sonoridade dos cantos. A

variedade das espécies, nas manhãs ensolaradas, proporciona uma sinfonia de gorjeios, sem regente. Entendem-se e se comunicam sonoramente bem-te-vis, canários, golinhas, sabiás, galos-de-campina, lavadeiras, papa-capins e pintassilgos. Os numerosos pardais, mesmo que não gozem da mesma simpatia dos outros, também são filhos de Deus. Anum-preto e anum-branco são habitantes freqüentes, além dos beija-flores, com suas agitações de asas, o bico filiforme e a elegância do pequenino porte. As rolinhas, vistas às vezes em vôos, nos galhos das árvores ou nervosas e desconfiadas caminhando no chão em busca de alimentos, são também ouvidas, através de um canto triste, abafado e distante. Sanhaços, canções e vem-vens, que não são muito assíduos, fazem ao lugar uma visita vez por outra.

Assim é o Campus, onde estão instalados a Escola Doméstica, o Complexo Educacional Henrique Castriciano e a Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN. Um lindo lugar, onde a natureza, preservada e considerada, retribui, propiciando ao homem a possibilidade de apreciar o belo, de usufruir a serenidade do ambiente e de receber os influxos de uma vigorante e positiva energia.

Como seqüenciadora da obra educacional do criador da Escola Doméstica, Noilde Ramalho tem se revelado, também, uma entusiasta do movimento escoteirista. Fundou e muito incentiva o 52º Grupo de Escoteiros Henrique Castriciano, do qual é a Presidente de Honra.

Dessa forma, o Complexo Educacional Henrique Castriciano é o filho varão da prole educacional de Noilde Ramalho, onde, como em todas as suas iniciativas, ela atua como se fosse o núcleo de uma força centrífuga, transmitindo ondas contínuas que instigam e incentivam o amor pelas ações educativas, a opção pela qualidade e o carinho com a natureza.



O contato com a natureza e a integração: alunos do HC e alunas da Escola Doméstica, no anfiteatro.

Vista aérea do Camp  
da EARN e



Capítulo

# XVII



Faculdade Natalense para  
o Desenvolvimento do  
Rio Grande do Norte - FARN

AUDI  
ADM  
BLOC  
BLOC  
BLOC



FARN

ACADÊMICA



## Primórdios

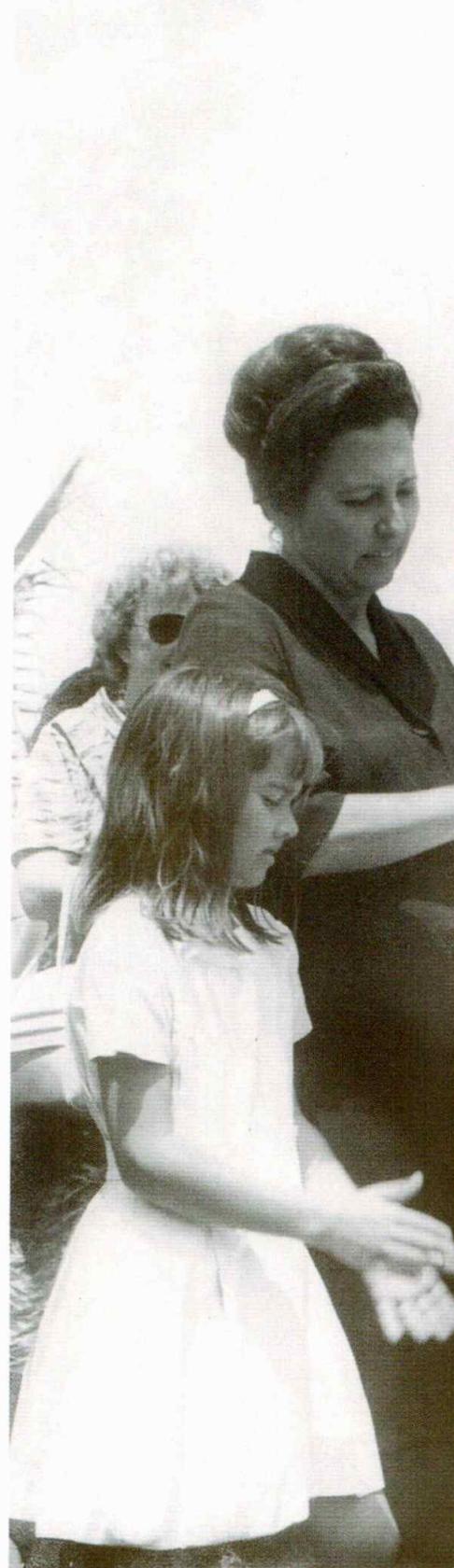
Noilde Ramalho há muito pensava em criar uma unidade de Ensino Superior, a partir da experiência educacional da Escola Doméstica e da tradição e respeitabilidade da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. De fato, no ano de 1964, foi lançada a pedra fundamental de uma Faculdade, com uma frase do Reitor da UFRN à época, Dr. Onofre Lopes da Silva, com o seguinte teor:

*“Aqui, com idealismo e fé, será construído o prédio da Faculdade de Ciências Domésticas.”*

A pedra foi fixada em uma área distante da Escola Doméstica, tendo sido necessário abrir uma estrada de acesso ao local, situado próximo de onde hoje se encontra o setor administrativo da FARN. Essa pedra encontra-se guardada, pois foi retirada porque os alunos das primeiras séries do Complexo Educacional Henrique Castriciano, inaugurado em 1987, pensavam que era o túmulo do ilustre norte-rio-grandense que dá seu nome ao Colégio. Nessa fase inicial, o curso de Economia Doméstica foi o sonho acalentado do projeto do Ensino Superior, posteriormente caindo em desinteresse, por se tratar de uma profissão não regulamentada e um curso de pouca demanda.

A idéia, entretanto, ficou latente, até que, no início da década de 90, um projeto de criação dos cursos de Economia e Administração foi encaminhado ao Ministério da Educação, o qual não prosperou e foi arquivado pelo MEC.

Cumprir frisar que Henrique Castriciano já vislumbrava a Escola Doméstica evoluindo para o Ensino Superior. Em 1938, em seu discurso de paraninfo das alunas concluintes desse estabelecimento, ele revela sua acurada visão de futuro:



A idéia de criar uma unidade de Ensino Superior surgiu em 1964.



*“E como o mundo avança todos os dias e com ele a mulher, do Curso Secundário passaremos um dia ao Superior e será completa nossa vitória.”*

*(...)*

*“Tranqüilizem-se porém os céticos. Não estou falando da escola de hoje, que é entretanto um belíssimo atestado de vossa capacidade e do vosso esforço. Falo, é bom acentuar, da Escola Superior de amanhã, composta de centenas e centenas de alunas, com laboratórios, estádios, bibliotecas.”*

*(CASTRICIANO, 1938)*

## DO SONHO À REALIDADE

Na verdade, o sonho do Ensino Superior começou, efetivamente, a se concretizar quando, em fevereiro de 1997, Noilde Ramalho formalizou convite ao Professor Daladier Pessoa Cunha Lima para coordenar o projeto da nova Faculdade a ser implantada sob a égide da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. A idéia era associar o elevado conceito da Instituição com um nome que detivesse credibilidade e respeitabilidade, além de reconhecidos méritos acadêmicos e efetiva vivência universitária, enriquecida, ainda, por proveitosas incursões em Universidades do Exterior. Com efeito, o Professor Daladier preenchia esses requisitos e estava aposentado da UFRN, onde, por muitos anos, exerceu atividades como docente do Curso de Medicina, quando, também, envolveu-se com a Pesquisa e a Extensão, além de ser detentor de comprovada e notória experiência na administração superior da Universidade, no desempenho das funções de Diretor do Centro de Ciências da Saúde, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Vice-Reitor e Reitor.

Aceito o convite, Noilde Ramalho programou uma visita do Prof. Daladier ao Complexo Educacional Henrique Castriciano, onde deveria funcionar a

Faculdade. Daladier Cunha Lima ficou encantado com as instalações físicas e com o ambiente de total conexão e integração com a natureza. O prédio da Biblioteca chamou-lhe a atenção, pela amplitude do espaço, a localização perfeita e a tranquilidade existente, tudo propício para a implantação do Ensino Superior. Noilde Ramalho mostrava-se entusiasmada, vendo que aquele Campus que ela começara, com o Ensino Fundamental e Médio, poderia ser ampliado na sua utilização e na sua finalidade educacional:

– À noite, toda essa estrutura fica completamente ociosa. Na minha imaginação vejo isto aqui repleto de alunos, nos três turnos, a Faculdade funcionando, a alegria dos jovens em busca de uma formação profissional competente.

Daladier Cunha Lima expressou, sucintamente, sua aprovação e seu entusiasmo pelo que estava vendo:

– O Campus está construído, Prof<sup>a</sup> Noilde. É claro que precisamos fazer algumas adaptações e ampliações, mas o local e as instalações são perfeitos para uma Faculdade, nos moldes que idealizo, que tenha a qualidade acima de tudo.

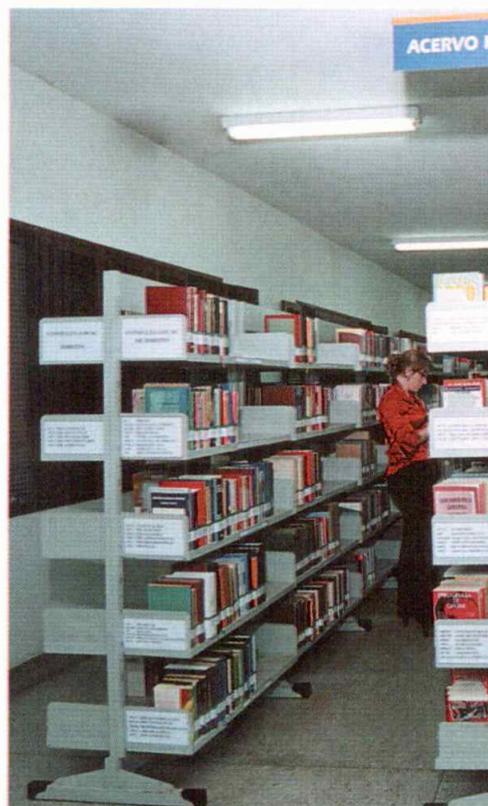
Essa última frase mereceu uma nova observação de Noilde Ramalho:

– Estamos com a mesma disposição e o mesmo pensamento. Vamos fazer não somente mais uma Instituição de 3º Grau, mas, sobretudo, uma Faculdade que se diferencie pela qualidade.

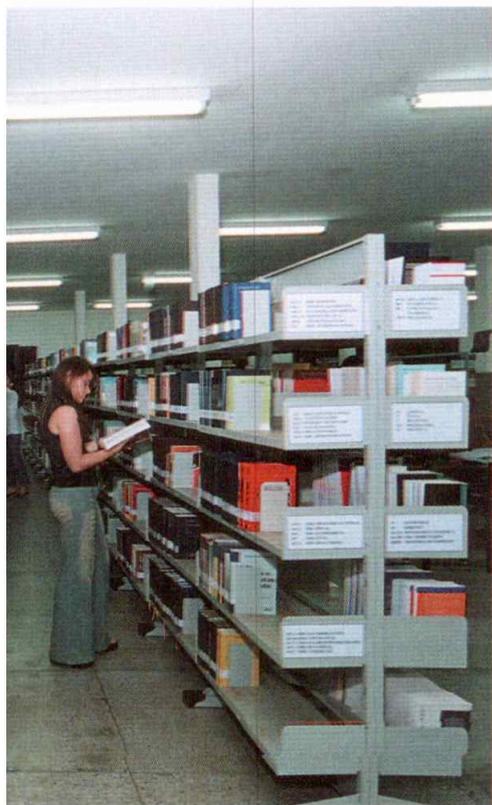
Estava, assim, selado o compromisso entre dois educadores, de construir uma Instituição embasada em princípios que privilegiassem a qualidade das ações a serem desenvolvidas e que tivessem objetivos voltados para metas a serem atingidas, em função de um



Perfeita integração das instalações físicas com a natureza.



Uma atualizada e moderna biblioteca foi instalada no espaçoso e funcional prédio que já estava construído.



competente trabalho educacional. Embora não tenha havido documento para formalizar esse compromisso, ele foi tacitamente reconhecido pelos dois educadores envolvidos e tem sido honrado nesses quase seis anos de existência da FARN, sob os auspícios da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

No dia 28 de abril de 1997, o Conselho Diretor da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, reunido sob a Presidência do Professor Osório Bezerra Dantas, decide pela criação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, editando a Resolução nº 01/97 que foi publicada no Diário Oficial do Estado em 04 de junho de 1997. A Portaria nº 02/97, de 28 de abril de 1997, também assinada pelo Professor Osório Bezerra Dantas, designa, respectivamente, o Professor Daladier Pessoa Cunha Lima e a Professora Angela Maria Guerra Fonseca para os cargos de Diretor Geral e Vice-Diretora Adjunta da Faculdade recém-criada.

Desde o convite formulado por Noilde Ramalho, em fevereiro de 1997, Daladier Cunha Lima passou a realizar, sob sua coordenação, reuniões periódicas com um grupo de professores, quase todos que haviam integrado a administração da UFRN, durante seu reitorado. Assim, integravam esse grupo de voluntários, além de Daladier, os seguintes educadores: Angela Maria Guerra Fonseca, Stenio Gomes da Silveira, Alcir Veras, Lúcia Almira de Medeiros Chacon, Giuseppi da Costa e Laércio Segundo de Oliveira, os quais haviam sido Pró-Reitores, Procurador Geral, Vice-Reitor e Chefe de Gabinete da Reitoria. As primeiras reuniões ocorreram na Escola Yázigi, localizada na Av. Afonso Pena, 1206, Tirol, da qual Daladier era, à época, o Diretor. Dois assessores contratados participaram de algumas reuniões, os professores Vicente Moro e Raimundo Gomes Vieira. Esse grupo

discutia e analisava desde a concepção da Faculdade e a legislação existente, até os mínimos detalhes para garantir a diferenciação da Instituição a ser instalada.

Em janeiro de 1998, havia sido disponibilizada uma sala para servir de local de trabalho das pessoas responsáveis pela criação da Faculdade. Nesse tempo, o grupo passou a contar com um Coordenador Executivo, Professor Alcir Veras e com a secretária Maria das Graças Monte Miranda de Araújo. Pouco depois, foi protocolizado no MEC o processo de pedido de autorização de funcionamento da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, além dos processos de autorização de funcionamento dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Bacharelado em Sistemas de Informação e Direito.

Impõe-se assinalar, como registro histórico, que o primeiro nome usado para a novel Faculdade foi UNINATAL, posteriormente mudado para Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, com a sigla FARN. Esse nome guarda uma relação direta com a Missão da Faculdade, a qual tem o seguinte teor:

“Participar ativamente do desenvolvimento sócio-econômico local e regional, por meio da formação de profissionais de nível superior com capacidade criadora, espírito científico e atitude transformadora do seu meio e, interinstitucionalmente, cooperar para o intercâmbio e divulgação de idéias e procedimentos que propiciem a elevação cultural e o aprimoramento do ensino e da pesquisa, utilizando, para isso, a busca permanente da qualidade de suas ações, embasando-se em uma tradição centenária no campo educacional.”



Iniciadores da FARN: Vicente Moro, Andréa dos Santos, Alcir Veras, Stenio Silveira, Noilde Ramalho, Daladier Cunha Lima, Hebe Marinho, Luiz Damasceno, Edson Amaral e Aluizio Rocha (1999).



Aliás, Noilde Ramalho e Daladier Cunha Lima sempre foram concordantes de que o desenvolvimento do Estado deveria ser o *leit motiv* da Faculdade a ser instalada.

Gradativamente, foram os processos de pedidos de autorização de funcionamento dos cursos sendo aprovados, na Secretaria de Educação Superior – SESu e no Conselho Nacional de Educação – CNE, pois à época eram essas duas instâncias que se pronunciavam sobre o assunto. Em fevereiro de 1999, a FARN, autorizada pelo MEC, realizava seu primeiro concurso vestibular, quando foram oferecidas 380 vagas, para as quais concorreram 967 candidatos.

## INSTALAÇÃO DA FACULDADE

Em 25 de fevereiro de 1999, em sessão magna, no auditório do Complexo Educacional Henrique Cas-triciano, foi instalada, oficialmente, a Faculdade Nata-lense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN, com a presença de ilustres convidados, dos membros do Conselho Diretor da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, de diversas autoridades, entre as quais estavam o Desembargador Rafael Godeiro, representante do Presidente do Tribunal de Justiça do Es-tado, o Arcebispo Metropolitano de Natal, Dom Hei-tor de Araújo Sales, o Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Prof. Ivonildo Rego, o Rei-tor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Prof. José Walter da Fonseca, Dra. Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, o Reitor da Universidade Poti-guar, Prof. Mizael Barreto, o Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Prof. Diógenes da Cunha Lima, o Diretor da Facex, Prof. José Vieira, Vice-Almirante Jorge Alberto Pereira da Silva, Coman-dante do 3º Distrito Naval, Professora Eleika de Sá

Bezerra, Secretária de Educação do Município de Natal e representante da Prefeita da Capital, Wilma Maria de Faria. O Governador Garibaldi Alves Filho não compareceu por estar viajando, vindo à FARN, posteriormente, a fim de proferir conferência.

Na ocasião, usaram da palavra o Diretor Geral da Faculdade, Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, o Arcebispo Metropolitano, Dom Heitor de Araújo Sales, a Professora Noilde Ramalho e o Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, Prof. Osório Bezerra Dantas. Durante a solenidade, foi prestada uma homenagem à Assistente Social Alix Ramalho Pessoa, ex-Diretora da Escola Doméstica, quando lhe foi entregue uma placa com a seguinte mensagem:

“No momento da instalação da FARN, nossa calorosa homenagem à ex-Diretora da Escola Doméstica de Natal, Alix Ramalho Pessoa, como reconhecimento de que os frutos hoje colhidos são resultado do trabalho de algumas pessoas que, no passado, souberam plantar as bases fortes da Instituição, através da competência, desprendimento e dedicação.”

*Natal, 25 de fevereiro de 1999*

Em seu discurso, o Prof. Daladier Pessoa Cunha Lima expressou sua admiração pela Professora Noilde Ramalho:

“Toda a admiração que temos por essa mulher extraordinária, assume dimensões muito maiores quando com ela lidamos com mais intensidade. A Escola Doméstica tem tido a sorte de tê-la como Diretora há mais de 50 anos. São várias



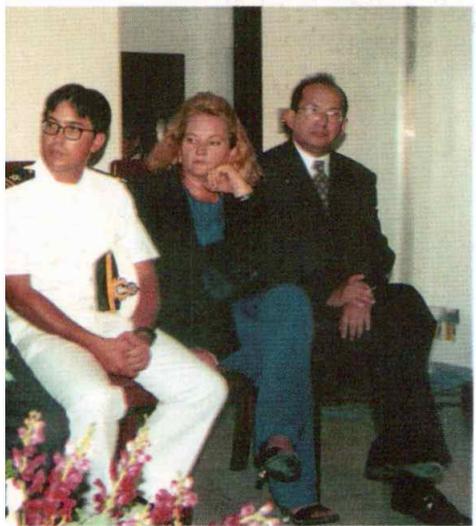
Instalação da FARN (fev. de 1999).



Instalação da FARN - Osório Bezerra Dantas faz pronunciamento.



Instalação da FARN .



gerações que a reverenciam e agradecem a educação recebida. Ela sabe, como ninguém, ser ativa e cordial, respeitosa e receptiva. Expandiu sua ação educacional, há 15 anos, criando o Complexo Educacional Henrique Castriciano, um colégio bem implantado, saudável, com edificações que assemelham a um verdadeiro Campus, onde estamos e onde irá funcionar a FARN.

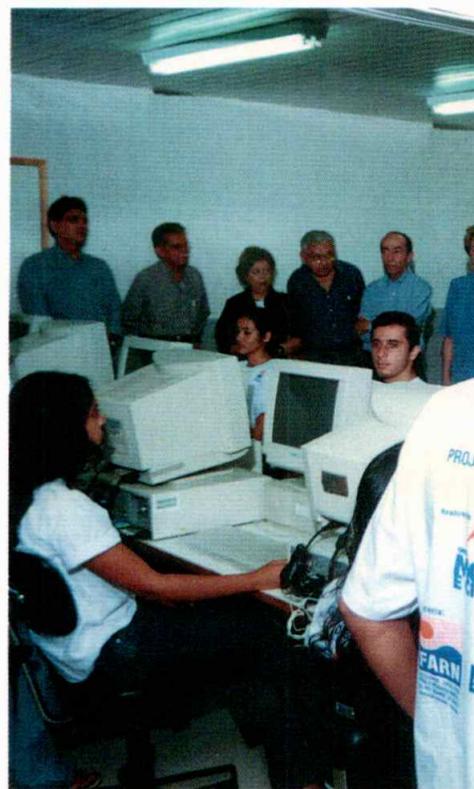
A Professora Noilde poderia até dizer: “estou satisfeita com o muito que já fiz. Vou continuar a dirigir os colégios, receber homenagens e usufruir as lãureas da vitória”. Entretanto, sua impressionante energia não lhe permite tal atitude. Energia que nasce de uma fonte inesgotável de motivação pela causa educacional. Voltou-se para novas importantes tarefas e intensificou sua incessante missão e predestinação de educadora ímpar na história do Rio Grande do Norte e, talvez, do Brasil. Resolveu criar a FARN, tendo recebido da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte delegação para prover tudo o que fosse necessário para tal intento. Superou-se nesse mister, não só revelando uma extremada visão de futuro, mas, sobretudo, estando presente com sua marcante liderança, em todos os momentos, o que foi decisivo para a totalidade do êxito alcançado. Sua presença transmite respeito e segurança, amizade e confiança e suas decisões, sempre rápidas e seguras, transmitem a certeza de resultados eficazes e efetivos.”

Ainda em seu pronunciamento, na instalação da Faculdade, o Diretor Geral fez, entre outros, os seguintes comentários sobre a Instituição:

“A FARN manterá estreito relacionamento com a sociedade norte-rio-grandense. Nosso planejamento será baseado na Missão da Faculdade, nas potencialidades internas e, sobretudo, nas demandas e expectativas da sociedade. Estaremos abertos e receptivos a novas idéias e sugestões e atuaremos com visão de futuro, valorizando sempre o pensamento prospectivo. Procuraremos, permanentemente, o diálogo construtivo com os governos, com a classe política, com o empresariado e com a classe trabalhadora. Estaremos em conexão com as Instituições Educacionais, nos diversos níveis, públicas ou particulares. Enfim, estas portas estarão abertas, não só as portas, mas os corações, as almas, as mentes, na busca das melhores energias e sinergia em favor da educação do Rio Grande do Norte.”

E mais:

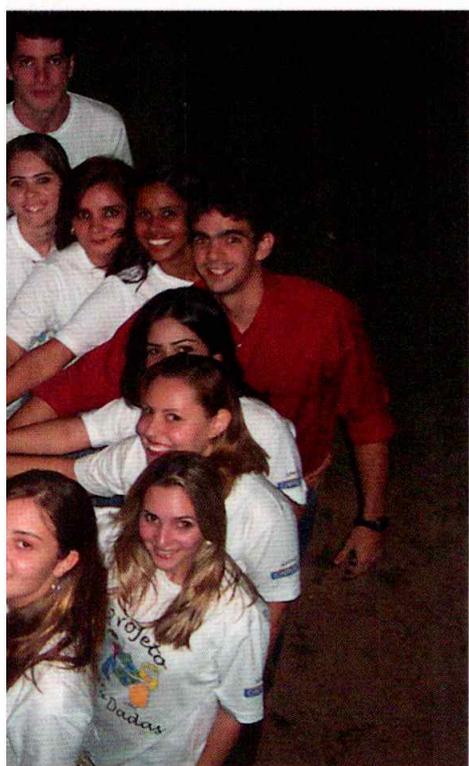
“É fácil entender o papel do Ensino Superior no mundo da informação e do conhecimento. E as Universidades têm procurado mostrar, ao longo do tempo, não só capacidade de adaptação às mudanças, mas, também, capacidade de exercer a função catalisadora dessas mudanças, com núcleos de cultura, ciência e de conhecimento. O surgimento da FARN, no cenário



A FARN e o compromisso com a comunidade: Extensão Universitária no município de Pamamirim.



Projeto Mãos Dadas (FARN): formando profissionais competentes e com responsabilidade social.



educacional do Rio Grande do Norte, reveste-se de uma consciência do seu papel, tanto no que concerne ao contexto do mundo globalizado, quanto à sua missão de participar no desenvolvimento cultural e sócio-econômico do Estado e do Brasil. É grande a nossa disposição e é muito forte a nossa fé de que a FARN nasce na hora certa, no lugar certo. E, também, lembrando dos nomes já citados, nasce sob a responsabilidade de pessoas certas. Agradecemos a Deus a felicidade desta hora e agradecemos a todos que, de uma forma ou de outra, participaram do itinerário até agora percorrido. Aos que já estão conosco edificando essa Instituição pedimos que continuem com o total comprometimento com os ideais da FARN. E convocamos homens e mulheres de boa vontade a se unirem nessa tarefa de construir um futuro melhor para as novas gerações.”

Dom Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Metropolitano de Natal, durante a bênção das instalações, disse uma frase que ficou na memória da Faculdade, como um símbolo a indicar-lhe a direção do futuro:

*“Esta Instituição tem vocação de eternidade.”*

## EVOLUÇÃO INSTITUCIONAL

A aula inaugural da Faculdade foi inovadora e surpreendente: os três Senadores da República, representantes do Rio Grande do Norte, abordaram o tema “*Perspectivas do Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Norte*”. Assim, os Senadores José Agripino Maia, Geraldo Melo e Fernando Bezerra, brilhantemente, apresentaram suas visões sobre o tema proposto, marcando o compromisso da Instituição com o processo de desenvolvimento do Estado.

Eleva e engrandece a Instituição o registro da aula inaugural do Curso de Direito, que se constituiu em noite memorável na história da FARN: o Jurista Paulo Bonavides, o maior constitucionalista brasileiro, pronunciou uma conferência digna dos auditórios mais seletos, das Universidades mais evoluídas, abordando o tema “*As Salvaguardas da Constituição*”. Na oportunidade, o Professor Paulo Bonavides foi saudado pelo Professor Doutor Paulo Lopo Saraiva, seu discípulo e amigo, e integrante do corpo docente da FARN.

Esse gesto do Professor Paulo Bonavides, atendendo ao convite da FARN, uma Instituição recém-instalada, muito representou, e representará sempre, como estímulo à busca da competência, como se fosse um batismo de iniciação nos mais elevados ditames do saber jurídico.

Noilde Ramalho tem acompanhado toda a evolução da FARN, desde seu alvorecer até o momento atual. Por delegação da Liga de Ensino, ela tem sido a provedora de todas as demandas da sua fecunda ação educacional. Atualmente, Noilde Ramalho é a Chanceler da FARN, por sugestão do Diretor Geral Daladier Pessoa Cunha Lima, em ofício encaminhado à Liga de Ensino, que, em janeiro de 2003 acatou a sugestão, quando foi criada a função e designada a



Os Senadores José Agripino, Geraldo Melo e Fernando Bezerra ministraram a aula inaugural da Faculdade.



Entrega de premiação de trabalhos de pesquisa vencedores no III Congresso de Iniciação Científica da FARN.



sua titular, cuja tarefa principal é a de supervisionar as atividades da Instituição.

O Conselho Diretor da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte tem sido importante para a evolução da FARN, oferecendo sua contribuição sempre que necessária. Os dois Presidentes que têm seus mandatos correspondentes à vida da Instituição merecem o registro das suas valiosas participações. O primeiro, Prof. Osório Bezerra Dantas, tem o mérito de ter sido o subscritor do documento de criação da Faculdade, além de ter acompanhado seus primeiros passos. O segundo, Dr. Manoel de Medeiros Brito, que assumiu a Presidência em 25 de março de 1999, tem se revelado um entusiasta da FARN, em todos os momentos. Sua participação representa significativo apoio ao crescimento da Faculdade, bem como, para a manutenção do respeito e da admiração que a sociedade norte-riograndense devota à Liga de Ensino e, também, aos três estabelecimentos educacionais a ela vinculados.



Nesses quase seis anos de funcionamento, a FARN tem evoluído, tanto em estrutura física, equipamentos, acervo bibliográfico, número de alunos, professores e funcionários, quanto na qualidade de suas ações. Foram criados núcleos de Pesquisa e de Extensão, os quais, ao lado do ensino, garantem a indissociabilidade das três atividades finalísticas essenciais do Ensino Superior de qualidade. A iniciação científica tem merecido especial destaque na Instituição, considerada a melhor maneira de envolver o aluno na prática investigativa, como forma de torná-lo autônomo no processo ensino-aprendizagem.

Os recursos humanos têm garantido o êxito institucional alcançado. A eficácia administrativa decorre do trabalho de funcionários motivados e treinados. O sucesso acadêmico é conseguido pela ação educacional de um corpo docente competente, leal para

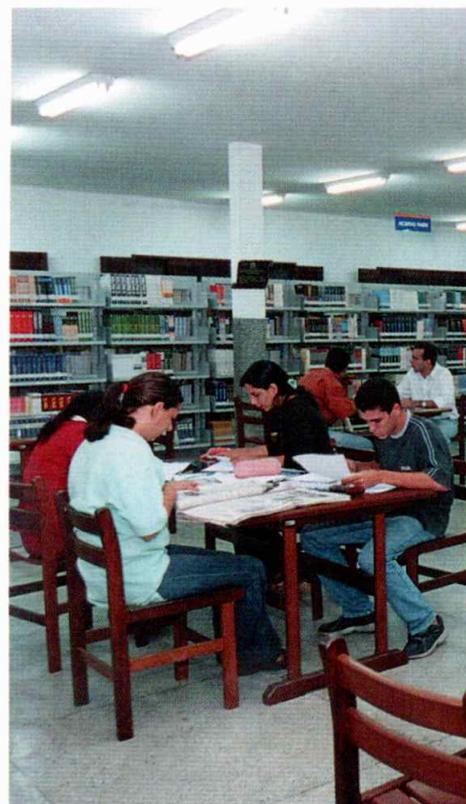
com a Instituição, dedicado e comprometido. O bom resultado pedagógico apóia-se em um corpo discente interessado nos estudos e que sabe usufruir as boas oportunidades que a FARN oferece.

Criada em 2001, a Revista da FARN é fator importante de incentivo à pesquisa e à produção intelectual de professores e alunos. Sob a coordenação editorial do Professor Itamar de Souza, a Revista tem publicação semestral, sendo o Conselho Editorial exigente no tocante às normas e à qualidade dos artigos. A Revista da FARN está registrada no IBICT, sob o número ISSN 1677-2261.

Além dos quatro cursos de graduação inicialmente aprovados pelo MEC, quando da instalação da Faculdade, mais dois estão sendo oferecidos: Licenciatura em Computação e Administração em Marketing, iniciados em 2001, havendo uma programação de expansão que obedece ao Plano de Desenvolvimento Institucional. A Pós-Graduação *lato sensu* tem sido ofertada e a FARN está se preparando para ingressar na Pós-Graduação *stricto sensu*.

O Campus da FARN é belíssimo. São vários hectares de área verde, onde as edificações se integram ao ambiente, de forma a preservar a natureza. A estrutura física é em parte compartilhada com o Complexo Educacional Henrique Castriciano, havendo, entretanto, setores de funcionamento exclusivos da Faculdade, a exemplo de alguns blocos de salas de aulas, laboratórios, área administrativa, além de algumas especificidades da Biblioteca. A descrição pormenorizada do Campus consta no capítulo referente ao Complexo Educacional Henrique Castriciano.

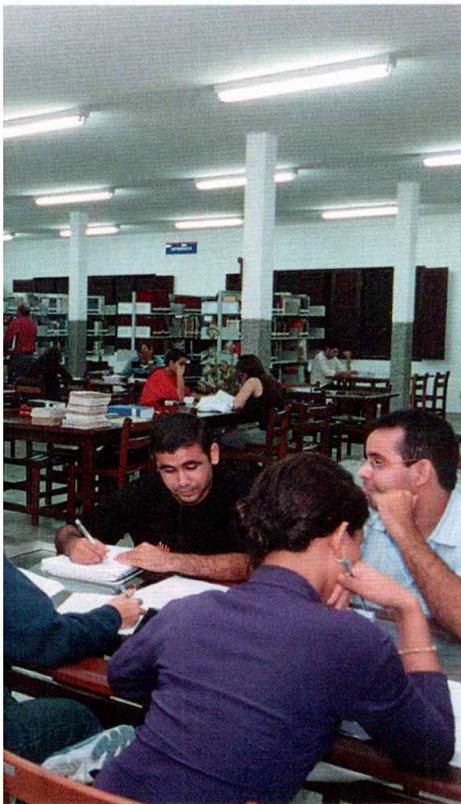
Sem dúvida, a Biblioteca da FARN tem merecido um cuidado especial dos administradores. Dispondo de todos os elementos necessários ao bom funcionamento de uma biblioteca universitária, é local de



A Biblioteca é prioridade e destaque na FARN.



Centro de Convivência Clara Camarão, área de lazer do Campus.

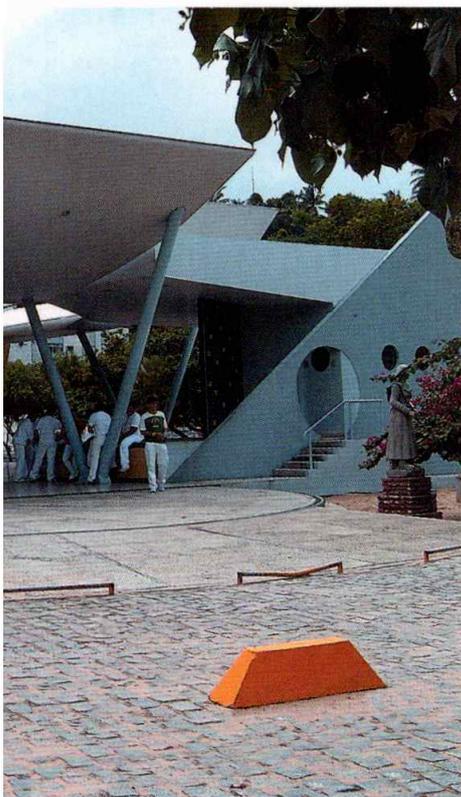


destaque na Instituição. As repetidas avaliações efetuadas pelo MEC, quando das verificações *in loco* para autorizações ou reconhecimentos de cursos, têm atribuído conceito máximo a essa unidade da Faculdade. Ao completar cinco anos de funcionamento, o acervo já ultrapassa trinta mil volumes. É honroso assinalar que, no dia 18 de novembro de 1999, era inaugurada a Sala Prof. Múcio Villar Ribeiro Dantas, no espaço da Biblioteca, que abriga todo o precioso acervo bibliográfico do referido professor, o qual, ainda em vida, transferiu para a FARN essa valiosa fonte de estudos que consta de aproximadamente 4.500 volumes. Na ocasião, presente o Professor Múcio Villar Ribeiro Dantas, a Professora Noilde Ramalho fez o seguinte pronunciamento:

“Aqui, neste preciso instante, homenageamos a figura do jurista Múcio Villar Ribeiro Dantas, que, por seus próprios méritos, alcançou o ápice de sua carreira, como homem, como professor, como jurista e, maior que todas as honrarias recebidas, o galardão de pai de família exemplar.

Esta sala, que abriga os preciosos livros de sua tão importante biblioteca, não ficará silente, porque eles falarão de suas pesquisas e contarão a sua vasta cultura, dizendo que as páginas de coleções notáveis estão abertas, ávidas de novos leitores, pesquisadores e, quiçá, continuadores do seu exemplo ímpar.

Ao descerrar essa placa, ver-se-á que este recinto cultural, com muita honra para todos nós que fazemos estas Casas de Educação, leva, orgulhosamente, o seu nome, já imortalizado, sim, por todas as gerações.”



## O CICLO ACADÊMICO

Completando o ciclo acadêmico da FARN, a primeira colação de grau ocorreu em janeiro de 2003, quando 105 concluintes receberam seus diplomas de conclusão dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Sistemas de Informação. A solenidade contou com a presença do Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, Dr. Manoel de Medeiros Brito, da Chanceler da FARN, Professora Noilde Ramalho, do Diretor Geral da FARN, Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, da comunidade acadêmica, além de altas autoridades do Estado, entre elas a Governadora Wilma Maria de Faria, o Presidente do Tribunal de Justiça, o Desembargador Aécio Sampaio Marinho, o Comandante do 3º Distrito Naval, Almirante Júlio de Saboya e o Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor Ótom Anselmo de Oliveira.



Primeira Solenidade de outorga de grau: Des. Aécio S. Marinho, Governadora Wilma de Faria, Prof. Daladier Cunha Lima, Dr. Manoel de Medeiros Brito e Prof<sup>a</sup>. Noilde Ramalho (janeiro, 2003).

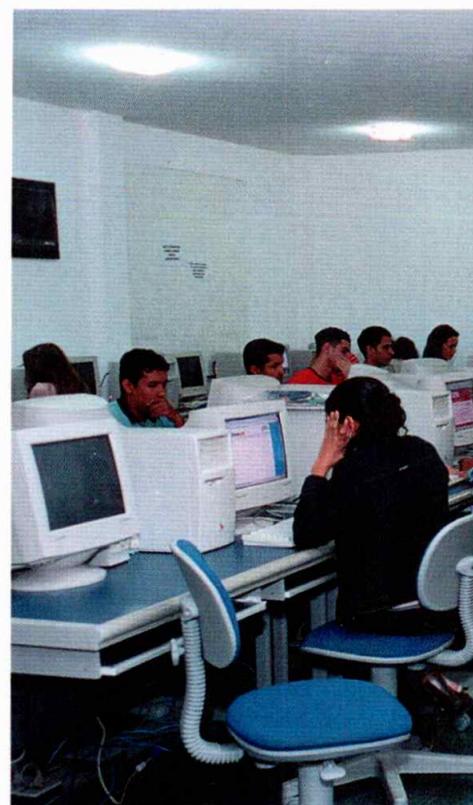
O Diretor Geral da Faculdade, Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, durante essa histórica solenidade, fez entusiástico e emocionante pronunciamento do qual seguem alguns trechos:

“A Faculdade que almejamos, desde os primeiros dias do ano de 1997, quando começamos a preparar o projeto após ter recebido convite da Liga de Ensino do RN, através da Professora Noilde Ramalho, para implantar o Ensino Superior, está gradativamente se consolidando. Uma Faculdade onde predomina um ambiente agradável e estimulante de labor intelectual de alta qualidade, ao lado de objetivos sociais bem definidos. Uma Faculdade onde as pessoas se sentem unidas, de mãos dadas, na busca do mesmo ideal; onde os professores sentem-se confortáveis na sua nobre missão e realizados no cumprimento do edificante trabalho docente; onde o aluno sente-se totalmente motivado e integrado à vida acadêmica; onde os colaboradores podem realizar suas importantes tarefas de bem interagir com as demandas internas e externas. Uma Faculdade onde o debate democrático é uma constante, onde não há imposições, onde o pensamento e as idéias são livres, onde todos, através dos órgãos colegiados, podem participar ativamente dos rumos da Instituição. Por que se degrada o ambiente universitário quando não há democracia, nem liberdade, onde prepondera a vaidade pessoal ou a lógica imposta somente pela força do mercado. A universidade é lugar

sagrado de idéias, de divergências, de conflitos, ao mesmo tempo em que é lugar de construção do conhecimento, de comprometimento com o projeto global do destino humano.

(...)

De nossa parte, também é hora de agradecer a todos os que fazem a FARN, reconhecendo que a noite de hoje, histórica na vida da Faculdade, é fruto de um trabalho coletivo, solidário, competente, sem exageros de vaidade, mais do que isso, trabalho que tem suporte no ideal de fazer o bem, de ser útil, na boa vontade de se querer construir um mundo melhor para esta e para outras gerações. Há, entretanto, que se destacar os funcionários, os professores dos três cursos, os coordenadores, Prof<sup>a</sup> Catarina da Silva Souza, Prof. Edson Luiz Amaral de Oliveira e Prof<sup>a</sup> Livia Maria Martins da Silva, todos competentes e dignos. Ainda uma referência à Prof<sup>a</sup> Fátima Cristina de Lara Menezes Medeiros, Diretora Administrativa, ao Prof. Stenio Gomes da Silveira, Diretor Acadêmico e à Prof<sup>a</sup> Angela Maria Guerra Fonseca, Vice-Diretora, com os quais dividimos a tarefa de bem gerir esta Faculdade. À Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, aqui representada pelos membros do Conselho Diretor já mencionados, o nosso agradecimento pelo apoio recebido. Referência especial merece o Presidente da Liga, Dr. Manoel de Medeiros Brito, que vem dirigindo a Instituição mantenedora com muito equilíbrio, discernimento e



Estudantes e professores dispõem de modernos laboratórios de informática.



Conforto e funcionalidade nas salas de aula.



entusiasmo por tudo que envolve a Faculdade. Dr. Manoel de Medeiros Brito tem sabido continuar o trabalho iniciado por homens da estirpe de Henrique Castriano, Varela Santiago, Onofre Lopes e Osório Dantas, este último Presidente da Liga de Ensino quando da instalação da Faculdade, a quem rendemos nossas homenagens. Finalmente, e com emoção, a palavra à Prof<sup>a</sup> Noilde Ramalho, idealizadora da Faculdade, mentora e, agora, Chanceler da FARN. Claramente, não sabemos se os nossos sentimentos de contentamento e júbilo ultrapassam os mesmos sentimentos vividos pela Prof<sup>a</sup> Noilde neste momento, ela que esteve todos os anos, meses, dias e minutos, em todos os lugares, vivenciando conosco o pulsar da novel Faculdade, vendo os sonhos, gradativamente, transformarem-se em realidade. Prof<sup>a</sup> Noilde: dedicamos-lhe esta noite, dedicamos-lhe esta vitória, para que sirva de moldura à sua renovada inspiração de grande educadora. Estamos felizes por ter contribuído, nestes 4 anos, com seu grande projeto educacional.

Por último, nosso agradecimento a Deus, a quem muitas vezes recorremos para nos guiar e nos amparar pelos melhores caminhos. Sem Ele nada somos, porque o homem sem Deus não tem rumo, é um angustiado existencial, um naufrago sem esperanças. Deus é fonte de luz, de calma e de paz. Vivenciemos o que disse Santo Agostinho: ‘Deus é mais íntimo a nós do que nós a nós mesmos’”.

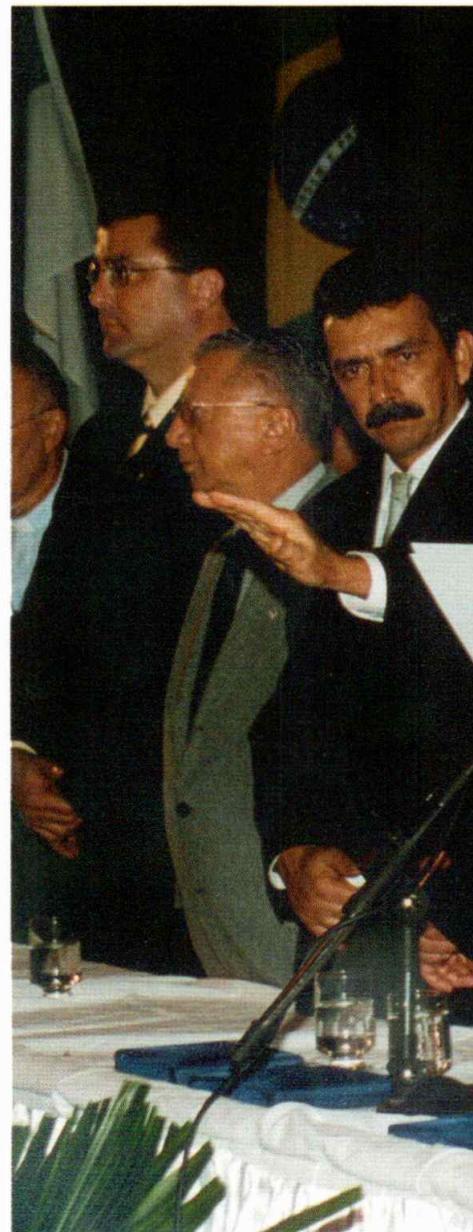
No dia 15 de janeiro de 2004, no Centro de Convenções de Natal, realizou-se a solenidade de formatura da primeira turma do Curso de Direito, quando colaram grau cinqüenta e seis concluintes. Na ocasião, a FARN conferiu o título de Professor *Honoris Causa*, a maior honraria da Instituição, ao Professor Paulo Bonavides, considerado um dos mais renomados juristas da atualidade no Brasil, sendo o expoente em Direito Constitucional. Esse foi o primeiro título honorífico concedido pela Instituição, em uma noite especialmente singular e de glórias para a Faculdade. O homenageado, que foi saudado pelo Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, pronunciou eloqüente discurso de agradecimento, além de ter deixado mensagem que bem traduz a sua sapiência jurídica. A Assembléia aclamou o Professor Paulo Bonavides como o “Guardião Maior da Cidadania”.

Em seu discurso, o Diretor Daladier Pessoa Cunha Lima prestou homenagem ao Professor Osório Bezerra Dantas, que havia falecido poucos dias antes, e que era o Presidente da Liga de Ensino quando ocorreu a instalação da FARN, tendo sido ele, também, o subscritor da Resolução de criação da Faculdade.

Agora, passada essa primeira fase de implantação, a FARN se prepara para vôos mais altos. Contudo, como sempre fez, sem desconsiderar as diversas etapas de um processo seguro de crescimento. Afinal, a meta maior não é o mero formalismo de um *status* acadêmico, mas a conquista desse *status* pela perseverante busca da qualidade das suas ações educacionais.

Para isso, a Faculdade tem se preocupado em ter o melhor, no tocante ao quadro docente, à estrutura física e ao projeto pedagógico, com vistas a oferecer também o melhor para seus alunos.

A comunidade norte-rio-grandense, ao longo desses anos, vem reconhecendo a FARN como uma



Instituição diferenciada, que tem como referência a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e as suas duas unidades de ensino básico, especialmente a Escola Doméstica, os educadores responsáveis pela administração da Faculdade, e o seu ícone maior, Noilde Ramalho.



Primeira solenidade de colação de grau do curso de Direito, prestigiada pela presença do Jurista Paulo Bonavides (primeiro à direita), que recebeu, na ocasião, o título de Professor *Honoris Causa*.



Capítulo

# XVIII



Depoimentos

As pessoas que escreveram os depoimentos contidos neste capítulo foi enviada, previamente, uma carta no seguinte teor:

## À Guisa de Explicação

*Natal(RN), 30 de outubro de 2003.*

*Prezado...*

*Em setembro do próximo ano, a Escola Doméstica de Natal estará completando 90 anos de existência. Para comemorar condignamente esta data, achamos por bem homenagear aquela pessoa que, desde 1945, tem dedicado sua vida a este educandário: Prof<sup>a</sup> NOILDE RAMALHO.*

*No intuito de tornar conhecida às novas gerações a sua obra educacional, resolvemos fazer a sua biografia, que se confunde com a trajetória da Escola Doméstica, do Complexo Educacional Henrique Castriciano e da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN.*

*Ora, biografar uma pessoa com uma ação educacional tão fecunda necessita, para ser mais ilustrativo e interessante, contar com a participação de personalidades que conheçam de perto as características individuais e o trabalho da biografada. A idéia é fixar em um painel as marcas indeléveis da vida da Professora Noilde Ramalho.*

*Por isso, temos a satisfação de convidá-lo a enriquecer esse painel, escrevendo o seu depoimento, o seu testemunho, pertinentes à vida e à obra educacional da Prof<sup>a</sup> Noilde Ramalho.*

*Na certeza de que o convite será aceito, agradecemos, antecipadamente, a sua preciosa colaboração, a qual muito honrará esse necessário e oportuno trabalho biográfico.*

*Sem mais para o momento, subscrevemos,*

*Atenciosamente,*

***Daladier Pessoa Cunha Lima***

*P.S.: Permita-nos solicitar que a sua colaboração seja enviada até dezembro próximo, texto impresso e em disquete, devendo ter a dimensão de, no máximo, 50 linhas em fonte 12 (se possível).*

Quis o autor do livro que houvesse uma variedade de áreas de atuação dos participantes desse painel biográfico, tornando-o abrangente e bem representativo da comunidade norte-rio-grandense. Os diferentes ângulos de visão, com as nuances próprias de cada um, propiciaram um interessante e amplo espectro de avaliação.

A tarefa se mostrou fácil, pois o nome da figura focalizada é capaz de aglutinar opiniões diversificadas, porém, todas convergindo na direção do reconhecimento do mérito. Mérito ressaltado e atribuído a quem, cotidianamente, tem dedicado a vida a uma missão que, ao longo do tempo, transformou-se em “Uma História de Amor à Educação”.

## AVE NOILDE, AVE ESCOLA DOMÉSTICA

Agnelo Alves\*

Não atino sobre os motivos que moveram o professor Daladier da Cunha Lima de colocar-me na mesma galeria de depoentes ilustres na composição da biografia da professora Noilde Ramalho. Talvez, quem sabe, porque sendo uma unanimidade em Natal, Noilde dispensa títulos e adereços, bastando a si mesma a sua outra parte, a Escola Doméstica. As duas, Noilde e Escola Doméstica, são dois entes num só.

Quem criou a Escola Doméstica foi o professor Henrique Castriciano, cuja memória reverencio com respeito e louvor. Conheci-o já em idade avançada, professor emérito, intelectual festejado, lá em Angicos, onde fora em busca do clima para arejar os pulmões comprometidos, e eu, um menino ainda no “beabá” da vida. Hoje, a sua imagem me parece algo esmaecida pelo tempo decorrido. Lá se vão mais de 60 anos.

– É um homem do saber – dizia meu pai referindo-se ao professor Castriciano, repetindo sempre a mesma frase para outras pessoas, suas amigas, que costumavam conversar, sentadas na calçada lá de casa. Os assuntos eram os mais variados, desde as notícias de inverno ou seca, negócios, política e da guerra na Europa, pontificando aí a palavra do “homem do saber”, o professor Castriciano.

A Escola Doméstica iria prosseguir muito além dele, o seu criador. Tenho certeza, entretanto, que o “homem do saber” não imaginava que surgiria alguém para fecundá-la pela dedicação, pelo talento, pela operosidade, pelo amor. Surgiu a professora Noilde Ramalho. Se meu pai ainda fosse vivo, mesmo eu já na idade de saber – não aprendi tanto - gostaria de ouvi-lo.

---

\* Escritor. Jornalista. Atual Prefeito do Município de Parnamirim/RN.

A aura da Escola Doméstica tem seus contornos humanos à imagem e semelhança da professora Noilde Ramalho. Tanto quanto a aura da professora Noilde Ramalho ganhou contextura e visibilidade com a Escola Doméstica. Por isso, não se fala numa sem se referir à outra.

Como ele definiria dois entes num só, a Escola Doméstica do professor e criador Henrique Castriciano e a professora Noilde Ramalho, a quem coube continuá-la plena nos seus objetivos, múltipla nos desdobramentos e adequações para fazê-la perene para todas as gerações, para todo o sempre.

Posso imaginar, com fé, que o professor Henrique Castriciano, onde estiver, vive a graça de saber que a sua criatura ganhou realmente vida perene, enraizando-se pelas gerações que educou, pela magia do legado e, sobretudo, por quem o recebeu como missão que se fez espontânea, natural, que só as criaturas predestinadas merecem e sabem cumprir. Foi neste contexto que surgiu a professora Noilde Ramalho.

A aura da Escola Doméstica tem seus contornos humanos à imagem e semelhança da professora Noilde Ramalho. Tanto quanto a aura da professora Noilde Ramalho ganhou contextura e visibilidade com a Escola Doméstica. Por isso, não se fala numa sem se referir à outra. Não se vê uma sem ver a outra. Duas almas numa só, visível, tocável, palpável, como coisa entre duas criaturas que se adotam no amor, mutuamente, e só as duas entendem.

Olhando para trás, contemplo com amenidade as meninas da Escola Doméstica, vestidas de branco, desfilando pelas ruas de nossa cidade ou pontificando nas homenagens aos nossos mais ilustres visitantes acolhidos nos salões da escola. Olhando para frente, me deixo quedar na antevisão da criatura multiplicada e fecundada pela dedicação talentosa e enérgica, mas sem perda da amenidade da doce professora Noilde Ramalho.

Ave Noilde Ramalho. Ave Escola Doméstica.  
Hosanas para o Professor Henrique Castriciano.

11/11/03

## HONRA AO MÉRITO

Alcyr Veras\*

Ao receber o generoso convite do Prof. Daladier Pessoa Cunha Lima para expressar o profundo sentimento de admiração que tenho pela educadora Noilde Ramalho, ocorreu-me a imagem lírica, de significado atávico, fortemente sublinhado nos idílicos versos do grande poeta lusitano Fernando Pessoa:

*“O rio que passa  
na minha terra  
é mais bonito  
do que o rio Tejo,  
porque o rio Tejo  
não passa na minha terra”.*

Tomei emprestada essa bela construção poética para dizer que pode até haver importantes e grandiosos estabelecimentos de ensino em outros estados brasileiros, mas neles não há Escola Doméstica, porque Escola Doméstica só existe em solo norte-riograndense.

O respeito que lhe devoto não provém unicamente da condição de Diretora operante e talentosa, mas de sua vasta e edificante obra educacional, quiçá inédita no Brasil, pelo elevado espírito de abnegação e sobretudo pela prodigiosa longevidade.

A saga pioneira da professora Noilde lembra a história daqueles dois operários que estavam carregando pedras. Ao passar por eles, o transeunte dirige-se ao primeiro e pergunta: o que estás fazendo? Estou carregando pedras para fazer uma parede. Voltando-se, então, para o segundo e repetindo a mesma pergunta, este responde: estou carregando

---

\* Professor Universitário. Escritor.

pedras para construir uma Catedral. A comparação é apropriada e oportuna. Nossa educadora é, realmente, a incansável e diligente operária da construção de Catedrais do ensino.

A professora Noilde Ramalho sempre alimentou o sonho de instalar o segmento de ensino de terceiro grau. Para Walt Disney, um dos maiores nomes do entretenimento mundial, “se podemos sonhar, também podemos tornar nossos sonhos realidade”. Estava, portanto, na hora de transformar o sonho em realidade viva. Para essa ingente missão, convidou o professor Daladier Pessoa Cunha Lima, educador largamente consagrado no meio universitário, homem de visão lúcida e sensata. Caiu como uma luva, não poderia haver escolha melhor. Digo isso porque sou testemunha, em mais de duas décadas, de seu trabalho competente, de sua seriedade e honradez.

A Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN nasceu em berço saudável. Assistida por uma equipe de “pediatras” entre os melhores conhecedores do ensino universitário nordestino-grandenses, do qual, modestamente, tive o privilégio de participar e muito aprender.

Embora a FARN tenha alcançado excelentes resultados e esteja se consolidando como uma das instituições de ensino superior mais sérias do Rio Grande do Norte, o fertilíssimo estoque de idéias da professora Noilde Ramalho não se esgotou. Ela é inimiga do comodismo e parece ser este seu único inimigo declarado. Pois, em seu coração, não há espaços para mágoas e ressentimentos.

A energia e a vitalidade da professora Noilde Ramalho são incontestes, excedem as medidas e as normas da razoabilidade. Padre José Mário, que a tem acompanhado em algumas de suas inúmeras viagens ao exterior, tanto em peregrinações religiosas, como

Embora a FARN tenha alcançado excelentes resultados e esteja se consolidando como uma das instituições de ensino superior mais sérias do Rio Grande do Norte, o fertilíssimo estoque de idéias da professora Noilde Ramalho não se esgotou.

em merecido lazer, contou-me um acontecimento interessante. Certa vez, ao chegarem ao Hotel, em companhia de outras pessoas, após um exaustivo dia de viagem estafante, estavam todos desejando descansar por algumas horas. Mas, o pretendido repouso acabou frustrado porque, de repente, a professora Noilde aparece diante do grupo, arrumada e pronta para iniciar, imediatamente, o itinerário de visitaçãõ.

Há um misto de curiosidade e indagação quando se procura saber como a professora Noilde faz — qual a sua receita — para conciliar e manter em harmonia o lado árido do trabalho com sua aguçada sensibilidade humana, sem perder a graça e a elegância feminina. Para responder essa pergunta, ela, certamente, empregaria as palavras de Antoine de Saint-Exupéry: “só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”.

*Natal, 17 de março de 2004*

Aline Ramalho  
Dantas e Haydée  
Ramalho Pessoa\*

## NOILDE, NÃO EXISTE IGUAL

Nós considerávamos Noilde, quando criança, meio arengueira, talvez porque ela quisesse sempre mandar nas suas irmãs mais novas: “Em mim ela mandava, mas não conseguia controlar Aline”. Ela fazia amizade com todos, especialmente com os mais velhos e nós não conseguíamos obter essa simpatia das pessoas. Noilde, ainda menina, cumprimentava a quem encontrasse, dando bom-dia e boa-tarde a todos por onde passava. Isso não era hábito na cidade de Nova Cruz e algumas pessoas estranhavam e não aceitavam, como Dona Marocas, que fechava a cara e não respondia. Ela gostava muito de plantas, de flores, de jardins. Certo dia, recebeu de presente um pé de cravo, plantado em uma panela de barro, já preta pelo longo tempo de uso. Nós ficamos admiradas, mas isso mostrava como Noilde era querida. Ela adorava arrumar a casa, inventava, sugeria a mamãe novas maneiras de tornar o ambiente mais bonito e ajudava na preparação das refeições, indo sempre à cozinha para dar opiniões. Talvez por isso ela foi escolhida para estudar na Escola Doméstica.

**Nó** era sovina, tudo ela queria economizar. Assumia a tarefa de servir determinados alimentos, como o queijo e a goiabada, quando as fatias distribuídas eram extremamente finas. A reclamação era geral. Usávamos chamá-la Tia Lica, uma tia que ficou conhecida na família por ser muito “amarrada”. Nosso primo Amauri dizia que o fatiador de queijo, que conseguia fatias quase transparentes, havia sido por ela patenteado.

Sempre foi determinada e cheia de iniciativas. Por volta dos 12 anos, quando papai não podia, era Noilde quem fazia a feira, quando comprava tudo para o

---

\* Irmãs de Noilde Ramalho.

consumo de uma semana. Também não perdia as oportunidades de usufruir o melhor. Quando ouvia a batida para partir um coco seco ela se antecipava e gritava: “A água é minha, não é mamãe?”. Gostava muito da primeira raspagem, a chamada “flor do coco”. Por ter feito as compras, ela interpretava que todas as caixas de sabonetes vazias lhe pertenciam.

Noilde é uma criatura maravilhosa. Para a sua família, especialmente na condição de filha, irmã e tia, a sua bondade é tanta que não há palavras para descrevê-la.

Em um certo momento, papai viu-se em situação difícil, pois tinha que pagar uma elevada quantia de um empréstimo feito por um amigo, do qual ele era o avalista. Noilde passou alguns anos de tudo se privando para ajudar papai nessa eventualidade. Nesse período, já Diretora da Escola Doméstica, ela foi a uma solenidade e, como não tinha sapatos adequados, teve de calçar uns emprestados, bem apertados. Passou mal durante a solenidade, tendo que sair para livrar os pés e poder respirar aliviada. Nosso irmão Ernani, que tinha um temperamento difícil e nunca se equilibrou na vida, ela jamais deixou de ajudar, preferindo até que ele não soubesse. Um certo dia, Nando foi à Escola Doméstica vestindo a roupa mais velha e mais suja. **Nó** recebeu Nando com a maior alegria, da maneira habitual. Depois, ele confidenciou à nossa prima Aparecida Lisboa que não tinha entendido a atitude de Noilde, pois ele tinha ido com o intuito de chocá-la, de provocar-lhe constrangimento. Outra pessoa a quem ela esteve, por longos anos, dando irrestrito apoio, foi a nossa querida irmã Clóris, ao ponto de presenteá-la com um televisor, antes mesmo de possuir esse tipo de equipamento.

Enfim, Noilde doa-se aos seus entes queridos com gestos de carinho, solidariedade e desprendimento. Não se trata somente de ajuda material, mas,

sobretudo, é a presença certa nas horas incertas, é a palavra de incentivo, são as atitudes de orientação e de força espiritual, que fluem do seu enorme bem-querer à família.

Aquela menina sovina continuou na fase adulta, quando se trata das economias das Instituições que ela administra. Todavia, no plano pessoal, não amealhou riqueza, preferindo compartilhar tudo em obediência aos sentimentos que nascem no seu bondoso coração.

Por fim, vemos em **Nó** a ternura que em mamãe transbordava, aliada à austeridade e à capacidade de iniciativa que eram traços marcantes da personalidade de papai.

“Noilde é uma criatura maravilhosa. Para a sua família, especialmente na condição de filha, irmã e tia, a sua bondade é tanta que não há palavras para descrevê-la.”

## UM MITO NA EDUCAÇÃO

Aluizio Menezes\*

O esporte marcou o início de minha amizade com a Professora Noilde Ramalho.

Militando na imprensa especializada, destaquei a seqüência de vitórias obtidas pelas equipes da Escola Doméstica, nos Jogos Escolares do Rio Grande do Norte. Abri manchete no jornal onde trabalhava, chamando de IMBATÍVEIS as atletas que conquistaram vitórias memoráveis, levando a ED ao título de Pentacampeã dos JERN's.

O meu trabalho e o de outros cronistas da época motivaram a confecção de um gigantesco painel, onde os recortes de jornais foram afixados.

Foi a abertura de minha identificação com a Professora Noilde Ramalho, que, nos nossos encontros, lembrava sempre das suas IMBATÍVEIS atletas.

Depois, privei mais de perto do seu convívio, quando da matrícula de minhas filhas, na ED, amizade que se fortalece ainda mais com a presença de meus netos, tanto na ED, quanto no Henrique Castriciano.

Ao longo destes anos, tenho acompanhado de perto o extraordinário trabalho desenvolvido pela Professora Noilde Ramalho em favor da educação em nosso Estado.

Com o apoio da Liga de Ensino, criou o Complexo Educacional "Henrique Castriciano", hoje, uma referência entre nós, na formação de gerações de excelentes alunos.

Logo depois, surgiu a FARN, escola de Ensino Superior, que já entregou ao Estado os seus primeiros profissionais.

É difícil apontar qual o mais destacado grupo de educadores, reunidos naquelas unidades de ensino.

---

\* Jornalista. Funcionário Público (aposentado).

Acompanho, hoje, mais de perto – pertenço ao quadro de associados da Liga de Ensino – o dinamismo, a dedicação e o forte desejo de bem servir ao seu povo, demonstrados pela Professora Noilde Ramalho, em tudo o que diz respeito à educação.

Ainda há um sonho a ser concretizado: o funcionamento de curso destinado ao pessoal da terceira idade, cujo modelo será dos mais inovadores, pelo ineditismo que vai nortear o seu funcionamento.

Rendo aqui, com todo o respeito, a minha homenagem à Professora Noilde Ramalho, pela sua extraordinária contribuição ao sistema educacional no Estado.

Peço a Deus que renove cada vez mais a sua força, o seu entusiasmo e a sua dedicação, para continuar o seu gigantesco trabalho, que merece a consagração e o respeito dos norte-rio-grandenses, e a Ele, agradeço a felicidade de estar incluído no vasto e seletivo grupo de amigos da Professora Noilde Ramalho, verdadeiro mito na educação entre nós.

Rendo aqui, com todo o respeito, a minha homenagem à Professora Noilde Ramalho, pela sua extraordinária contribuição ao sistema educacional no Estado.

## ESCOLA DOMÉSTICA: DO NATAL DOS BONDES AO NATAL DOS SHOPPINGS

Álvaro Alberto  
Barreto\*

Quem viveu em Natal nos primeiros cinquenta anos do século XX, não podia nunca imaginar o que seria essa cidade anos depois.

Era uma Natal já planejada, de ruas largas, mas, sem pavimentação. Era uma Natal sem televisão, onde as notícias do mundo eram divulgadas em auto-falantes.

Natal do bonde. Natal da Usina no Baldo da Força e Luz. Natal dos poucos telefones e de número diminuto de automóveis.

Era Natal do Aero Club, da Rua Dr. Barata, do Centro Esportivo, das regatas no Potengi entre o Sport e Centro Náutico.

Natal, ponto importante na 2ª Guerra Mundial.

E nessa Natal, quando a ela se fazia qualquer referência, o nome da Escola Doméstica pontificava pela criatividade do seu fundador, Henrique Castriciano de Souza, que num gesto de modernidade tentava dar, através da educação, uma nova condição à mulher.

Se, em Natal, chegava algum visitante ilustre, acontecia alguma recepção para uma personalidade *VIP*, os caminhos e as notícias tinham o seu “pipocar” nos salões da Escola Doméstica.

Os uniformes brancos de suas alunas marcavam presença nas festas da padroeira e no desfile de 7 de Setembro.

Mas Natal, acompanhando as profundas mudanças acontecidas no mundo, também mudou. O espaço ocupado pela mulher nas universidades, nas empresas, nas profissões liberais se agigantou. A mulher dona de casa, rainha do lar, passou a ser, somente, mais

---

\* Empresário.

um atributo necessário nos novos desafios por ela enfrentados.

Coincidentalmente, assumia a direção da já então conhecida e famosa Escola Doméstica de Natal uma jovem Diretora : Noilde Ramalho. Aceitou ela o desafio, de sem trombetear reformas, sem derrubar construções solidamente erigidas, sem alterar conceitos antes firmados, fazer no dia-a-dia de sua gestão as mesmas transformações existentes no mundo, preparando a mulher para os novos desafios a ela impostos pela modernidade. E assim, inicialmente, seu curso de formação foi equiparado ao curso Secundário e Médio, foi criado o Complexo Educacional Henrique Castriano e finalmente a Faculdade. E isso tudo foi feito sem que a imagem da própria Escola fosse apagada da mente dos natalenses.

O mérito da Diretora, Noilde Ramalho, foi de diariamente atualizar uma estrutura existente sem a necessidade de transformar sua missão numa revolução mercadológica.

E hoje, passado quase um século de sua fundação, a Escola Doméstica de Natal, sob o comando de Noilde Ramalho, continua sendo um marco na vida da nossa Cidade.

O mérito da Diretora, Noilde Ramalho, foi de diariamente atualizar uma estrutura existente sem a necessidade de transformar sua missão numa revolução mercadológica.

## SEMEADORA DO SABER

Fui sua biógrafa no livro “**Mulheres Especiais**” (páginas 303 a 307, Global, SP, junho de 2003) sob o título “Uma vida dedicada à Educação”; sua foto e citação a eternizaram em “**O Colecionador de Crepúsculos**” (Gráfica do Senado Federal, dezembro de 2003). Enfim, Noilde é personagem permanente da minha galeria emocional e particular.

Seu dinamismo constante, porém, obriga-me à recriação da narrativa existencial dessa mulher emblemática.

Voluntariamente investiu na cultura como tema, e no trabalho como meta. Seu desafio é a busca da perfeição. Semeadora, distribui os grãos do conhecimento na Escola Doméstica – no próximo mês de setembro, completando noventa anos de profícua existência – no Complexo Educacional Henrique Castriciano e, finalmente, como Chanceler da FARN – Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do RN – (cujo Reitor é, no meu entendimento, um ser multifacetado, Daladier da Cunha Lima, nome de filósofo, criador de esperanças.)

Noilde Ramalho Pessoa poderia dormir sob os louros de suas realizações. Mas, além de sua determinação e da certeza de ter seguido autêntica vocação, o que nela mais me impressiona é a atualização permanente. Antenada, sua curiosidade abençoada a impulsiona em direção à vitória. Vive em constante ebulição. Pergunto-me: será esse o segredo da sua jovialidade? Meu pai, Luís da Câmara Cascudo, sempre afirmava que “é preciso se ocupar para não se preocupar.” O contato diário com sonhos e anseios dos seus jovens alunos deve ser o soro mágico que afasta

Ana Maria  
Cascudo  
Barreto\*

---

\* Procuradora de Justiça. Escritora.

a velhice, para outros, implacável.

Corajosa, é guerreira cujo elmo brilhante é a verdade e a espada simboliza a paixão. Com tais armas, vence todas as pelejas, pois a amplitude e os investimentos em educação e pesquisa permitem o estabelecimento de instituições sólidas, reconhecidas nacional e internacionalmente.

Sua grande recompensa – na minha ótica – é a convivência com seguidas gerações de alunas, de cujas vidas é parte marcante e influência benéfica.

Seu porte de rainha é suavizado pelas flores perfumadas de ternura, recolhidas daqueles a quem dedicou atenção profunda e diária.

É assim Noilde, semeadora do saber. Lembrando dela, selecionei três citações que lhe poderiam ser dedicadas:

*“O semeador, depois de realizar a tarefa, afasta-se, e deixa a semente germinar”.*

*Johann Wolfgang von Goethe – (1749 – 1832)  
Poeta, filósofo, dramaturgo e escritor alemão.*

*“O amor não é missão para covardes”*

*Ovidio, 43.<sup>o</sup>C, - 17  
Poeta e pensador romano.*

*“Não se ganham corações de presente. Corações, só os recebemos por merecimento...”*

*William Butter Yeats – (1865 – 1939)  
Poeta inglês.*

É o meu depoimento.

Natal, 4 de março de 2004

Vive em constante ebulição. Pergunto-me: será este o segredo da sua jovialidade? Meu pai, - Luís da Câmara Cascudo – sempre afirmava que “é preciso se ocupar para não se preocupar.”

## DESNECESSARIAMENTE ADMIRÁVEL!!!

Certa vez, lendo um artigo sobre educação, deparei-me com uma frase do psiquiatra Paulo Gaudêncio, que dizia que “educar é a arte de se tornar desnecessário”. Achei forte. Posso até dizer que relutei entre minhas idéias, para acreditar que educar é realmente isso; é dar liberdade, é possibilitar a escolha de caminhos, já que se enxerga longe, é conseguir transmitir conhecimentos, atuando positivamente no desenvolvimento de cada ser humano.

Foi nesse momento que voltei no tempo e me lembrei da figura estimada de Noilde Ramalho, com quem tive a honra de conviver durante toda a minha adolescência, período em que estudei na Escola Doméstica.

Digo que lembrei de Dona Noilde e acredito que me lembrarei sempre, porque não vejo a palavra educação como um simples substantivo; tenho mesmo a convicção de que essa palavra deveria ser composta, assim, educação não poderia nunca ser separada de Dona Noilde.

Quem teve ou ainda tem o prazer de estar ao lado dessa mulher vitoriosa e visionária, sabe que não estou exagerando.

Dona Noilde dirige a Escola com a maestria de uma grande capitã, que conduz o seu barco para ancoradouros seguros, guiando e orientando as alunas para o caminho do bem, da correção e da justiça, construindo dessa forma, uma sociedade cidadã.

E não falo somente dos saberes convencionais e disciplinares de uma escola, falo dos saberes que não se apagam, que não se perdem, falo dos saberes da vida. Também confesso que não foi das disciplinas mais difíceis, tendo em vista a mestra, com seu exemplo de

---

\* Ex-Aluna da Escola Doméstica. Atual Presidente da SEMTAS.

firmeza, respeito, compromisso e seriedade.

Uma mulher de caráter e cumpridora dos seus deveres, que adotou para si um grande dever, o de influenciar positivamente, no sentido de transformar as alunas que ali passaram, em grandes árvores humanas, que darão frutos para uma existência eterna. E aqui acrescento os dizeres de um sábio oriental: “Quando plantar para um ano, semeie grão; quando plantar para uma década, plante uma árvore; quando plantar para a vida, eduque o homem”.

Hoje eu fico ainda mais feliz, porque sei que o que sinto não é privilégio meu, e sim de todos que passaram pelas mãos de uma das pessoas mais admiráveis que já conheci.

“Dona Noilde dirige a Escola com a maestria de uma grande capitã, que conduz o seu barco para ancoradouros seguros, guiando e orientando as alunas para o caminho do bem, da correção e da justiça, construindo dessa forma, uma sociedade cidadã.”

## Irmã Carmen Alves\*

Quando, em 1969, cheguei em Natal para dirigir o Colégio Imaculada Conceição, falava-se dos “referenciais em educação” da Diretora da Escola Doméstica – *Noilde Ramalho*.

Daí, num crescendo de admiração, nasceu a amizade que hoje lhe dedico e que, penso convencida, também gozo da reciprocidade.

Não mantemos convivência freqüente. Mas, asseguro, quando nos encontramos, a pauta dos assuntos educacionais se esgota. Dificuldades, realizações, eventos, mudanças, projetos em andamento. Uma troca de experiências, de onde saio sempre ganhando.

Até já realizamos, como atividade comum, a “Jornada da Paz” em sua 3ª edição, como prática do Projeto “*Construção de uma Cultura de Paz*” que vai aglutinando os estudantes das Escolas de Natal. Uma rede de solidariedade. Três mil alunos ou mais a gritar pela Paz – que se faz hoje imperiosa aspiração no mundo, em nosso Brasil. Nessas e noutras ocasiões, vou descobrindo em *Noilde* a vocação de Mestra. De quem sabe renovar, com criatividade, os dons que Deus lhe concede e que ela põe em prática, com fidelidade cristã.

As marcas do compromisso cristão e pedagógico são transparentes em seus gestos, em suas decisões, na busca de alternativas novas, no desempenho de suas responsabilidades. E sempre com novas estratégias vai mantendo a sua ESCOLA (as suas ESCOLAS) como espaço plural, aberto aos ideais da juventude, dessa juventude irrequieta que busca fazer a tessitura de seu futuro, de sua vida – no sonho, no mito, na magia, no símbolo; que se expressa com novos “dizeres”, mas que guarda no coração o nome dos educadores que acompanham os seus passos.

---

\* Religiosa. Diretora do Colégio Imaculada Conceição - CIC.

*Noilde* – educadora – vai cumprindo esta missão: abrir caminhos enfrentando os desafios de um novo tempo. Encara as mudanças sem abdicar dos princípios norteadores de seu agir pedagógico e cristão.

*Noilde* – Diretora – é a *Noilde* professora, administradora. São aspectos ou expressões que revelam, no dia-a-dia, seu carisma de “mestre-escola”.

No reconhecimento de meus limites, exalto a figura da querida amiga *Noilde*, louvando a dádiva que Deus lhe fez como doador de seu próprio ser, como dispenseiro da graça de sua bela missão.

“ Não mantemos convivência freqüente. Mas, asseguro, quando nos encontramos, a pauta dos assuntos educacionais se esgota. Dificuldades, realizações, eventos, mudanças, projetos em andamento. Uma troca de experiências, de onde saio sempre ganhando. ”

## DONA NOILDE

Minha admiração por D. Noilde Ramalho começou no ano de 1969, quando vim trabalhar aqui na Escola Doméstica. Eu era muito moço e vinha do interior. Naquela época, eu pensava que diretor de escola ficava só no gabinete, resolvendo os problemas dos alunos e, depois de uns meses, vi que ela era bem diferente. Naquele mesmo ano, fomos até a cidade de João Pessoa/PB para fazer compras para a Escola, pois Natal era ainda pequena e o comércio não era como o de hoje, que tem de tudo. Saímos daqui às 4h e 30min da manhã de uma quinta-feira e chegamos na mesma hora da sexta-feira. Imagine que às 7 horas da manhã ela estava no gabinete trabalhando; quem via tanta disposição nunca ia acreditar que ela tinha dormido pouco mais de duas horas.

Dona Noilde continua com aquela mesma disposição, parece que não cansa. Poucos sabem, mas é no período de férias que ela mais trabalha, pois sempre tem o que ela chama de "limpeza da casa". Nesse período, a gente conserta tudo aquilo que durante o ano foi se desgastando, faz reforma e constrói. Antes, era só a Escola, mas agora tem o Henrique e a FARN, que está crescendo muito, o que aumentou ainda mais o trabalho de D. Noilde. Com o crescimento da FARN é necessário construir e, nesse período, Dona Noilde deixa de ser a Diretora pra ser a Engenheira; ela não se incomoda de enfrentar o sol forte e a poeira e durante toda a construção ela sempre acompanha tudo de perto. Muitas vezes chega até a discutir com os engenheiros, que no final da batalha têm que baixar a cabeça e reconhecer que a Diretora estava certa e sabia mais que ele, que estudou só pra esse ofício.

Damião Manoel  
de Oliveira\*

---

\* Funcionário da Escola Doméstica de Natal.

Outra virtude de dona Noilde é o poder de decisão. Ela sempre toma a decisão certa, seja lá o que for... Lembro uma aluna muito trabalhosa que fugiu da Escola e já era noite quando nós a encontramos em uma pousada perto da rodoviária. Só deu tempo a moça pegar as malas na Escola e, na mesma hora, viajamos para Fortaleza, eu, D. Noilde e duas professoras, para entregar a menina à família.

Acho que tá bom... não tem papel o suficiente para escrever o que dona Noilde representa para esta Escola e para os funcionários. Não é só a Diretora, pra gente ela é muito mais que isso e sempre está pronta pra atender, ajudar e aconselhar. Não importa se é professor, coordenador ou vigilante, ela sabe dar o elogio ou a bronca, se precisar.

Já ouvi muito D. Noilde dizer que esta Escola é a vida dela, mas acho que é o contrário: é ela a vida desta Escola. Não gosto nem de pensar como seria esta casa sem ela no comando. Não estou dizendo que não tem gente capaz, mas igual a ela com certeza não vai ter nunca, pois acho que ninguém vai ter a mesma dedicação, amor e muita, muita renúncia. Sabe de uma coisa? Depois de trinta e quatro anos de casa, ela ainda me deixa admirado!

Já ouvi muito D. Noilde dizer que esta Escola é a vida dela, mas acho que é o contrário: é ela a vida desta Escola.

## FIDELIDADE À EDUCAÇÃO

Diógenes da  
Cunha Lima\*

*“Em educação cada amanhecer é um novo dia e, nesse novo dia, nós temos algo a modificar, a aprender, trabalhar”.*

*(Noilde Ramalho, em entrevista)*

Ela é toda firmeza, exatidão, constância na formação de hábitos e atitudes por extrema lealdade à educação. Depois de meio século dirigindo uma das melhores escolas brasileiras, Noilde Ramalho exerce a sua função como se estivesse no primeiro ano. E confessa o seu entusiasmo. Assim é que está sempre imaginando e realizando novas melhorias, porque entende que a educação é um processo de mudança e aperfeiçoamento. A mulher natalense ajuda a formar mulheres brasileiras.

Quem tem o privilégio de ver e conviver com as atitudes e ações da Diretora da Escola Doméstica, sente que direção e escola são verdadeiras instituições indissociáveis, percebe que Noilde Ramalho é um instante nobre da educação brasileira.

Jornalistas, em coluna semanal de Natal, indagam sobre um livro, uma paisagem, o prato preferido, o que falta a Natal, a noite etc. Grande parte dos entrevistados responde indicando urna mulher natalense: Noilde Ramalho. O sentido da resposta e da natural preferência dos entrevistados por este símbolo de mulher natalense é a sua extrema dedicação e elegância no que faz.

Há uma distinção social para a ex-aluna da Escola (ED), que é singular na sua estruturação, no seu corpo docente, nos seus objetivos, disciplinas, renovada

---

\* Advogado. Poeta. Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

metodologia. A diplomada pela ED é distinguida pelo potencial de formação que recebeu e de quem se espera um comportamento ético e social. A instituição forma mulheres para enfrentar a complexidade da atualidade, adquirindo base para servir, no futuro, a profissão escolhida sem prejuízo da sua feminilidade.

Já em 1911, na fundação da Liga de Ensino, Henrique Castriciano defendeu o artesanato, valorizando-o como trabalho e como ensino, bem assim cozinha, leiteria, criação de gado, horticultura.

As primeiras administradoras da Escola foram trazidas da França, Romênia, Estados Unidos, Alemanha. As professoras Héléne Bondoc e Jeanne Negulesco foram as primeiras a dar uma visão avançada da participação feminina. Daqui, uma professora de destaque, Santa Guerra, e uma aluna, a melhor concluinte do curso, Alix Ramalho Pessoa, saíram para estudar na Bélgica. Na volta dirigiram, aportando novas técnicas de conhecimentos à Escola. A elas segue-se até o presente a Mestra Noilde Ramalho, pioneira no Brasil em liderança escolar por mais de meio século.

As forças da tradição sincronizada a uma renovação permanente são diretrizes que outorgam à ED o prestígio e o alcance das metas institucionais. O uniforme branco, mantido há mais de 80 anos transmite simpatia, clareza e delicadeza de atitudes de cidadania e urbanidade que a Escola valoriza nas coisas da terra desde o princípio, antes mesmo de se distinguir como ecologia. Todos esses princípios são desenvolvidos pelo corpo docente, com o professor sentindo-se promovido e respeitado. A Academia Juvenil de Letras é iniciativa das alunas na busca do aprimoramento cultural.

Hoje, a Escola é parte de um complexo de educação com a FARN – Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte e o Colégio

Henrique Castriciano. Noilde Ramalho orienta as Instituições com vínculo afetivo e altivez, com zelo que beira à veneração. E Natal tem o privilégio, único no mundo, de oferecer um estabelecimento escolar em que um aluno pode ter entrado no berçário para a puericultura, começar os estudos e continuar até a conclusão do curso superior.

Quem tem o privilégio de ver e conviver com as atitudes e ações da Diretora da Escola Doméstica, sente que direção e escola são verdadeiras instituições indissociáveis, percebe que Noilde Ramalho é um instante nobre da educação brasileira.

Elizabeth Mafra  
Cabral Nasser\*

## NOILDE RAMALHO, DURA SEM PERDER A TERNURA

Falar sobre Noilde Ramalho é voltar à minha adolescência, quando ingressei na Escola Doméstica. A Escola me surpreendeu pelo ambiente de liberdade de vestir, falar, brincar, dançar que ali encontrei. Vinha de um colégio onde nada disso existia. Foram três anos, reprimidos e sufocados. Daí o meu primeiro encantamento ao chegar à Escola. Com o tempo, criei laços de amizade muito fortes com algumas colegas e, sem restrições, fora das aulas nós podíamos conversar à vontade. Não vestíamos farda no dia e isto para mim foi deslumbrante. À noite, após o jantar, ficávamos ouvindo música e dançando. Muitas colegas eram conhecidas e aplaudidas como exímias dançarinas. Uma delas, após terminar o curso da Escola, foi para o Rio de Janeiro, pois pretendia profissionalizar-se como dançarina. Nessa época, predominavam o mambo e o frevo.

Mas nem tudo eram flores. Nesse mar de encantamento juvenil existia a figura austera da Diretora – Noilde Ramalho. Nós não tínhamos medo dela, e sim, pavor. Ela impunha-se pela presença; pelo seu olhar duro e disciplinador. Quando circulava pelos corredores, de longe percebíamos sua aproximação e todas levantavam em sinal de respeito. Era firme nas decisões e, com isso, posso afirmar, ia influenciando na formação da personalidade de cada uma. Sua dureza só nos dirigia para um caminho – o correto, o certo, o direito. Algo que ela não admitia, não perdoava, era a mentira.

Porém, por trás dessa fortaleza existia uma figura terna, compreensiva e atenta a tudo que se passava com cada aluna. Conhecia de perto a família de cada

---

\* Antropóloga. Professora. Ex-Aluna da Escola Doméstica

uma e se algum problema existia procurava conversar e ajudar a enfrentá-lo. Se alguém ia à enfermaria ela estava atenta, supervisionando. Se fosse algo grave era a primeira a chamar o médico e comunicar à família. Se alguém estava com um problema na escola ou na família, ela chegava na hora exata para com sua solidariedade e palavras de conforto dar a sua assistência.

A figura de D. Noilde era tão imponente, sua presença tão marcante que eu me sentia uma formiga diante dela. A sensação que eu tinha era como se nunca tivesse passado de um metro de altura e ela tivesse mais de dois. E essa estatura aumentava, porque sempre estava sobre saltos altos. É como se diz popularmente no Nordeste: o medo aumenta o tamanho das coisas. Com toda essa avaliação de dureza, hoje, estimando o relacionamento aluna/diretora, depois de tantos anos, posso garantir, as alunas a respeitavam muito. Mesmo quando ela era dura ao nos corrigir, ouvíamos caladas e com muito respeito. Ninguém a contestava.

Mas, quando passamos a ser ex-alunas, há uma transfiguração na nossa idéia sobre Noilde Ramalho. Agora a vemos de corpo inteiro, em toda sua grandeza humana. É a Noilde que acompanha e interessa-se pela trajetória de vida de cada ex-aluna. Sua relação passa a ser maternal. Ela vibra ou se entristece com o sucesso ou insucesso, com a dor ou alegria de cada uma de nós. Sua ligação afetiva não pára com a formatura. Ela nos acompanha pela vida afora.

Hoje, quando a visitamos, ela senta e conversa como se fôssemos duas amigas que não nos víssemos há muito tempo e procura saber notícias de toda a família, da vida profissional ou doméstica. Seu interesse é verdadeiro. É real. Não se trata de uma mera formalidade social. Aquele olhar duro de ontem, que admoestava nossas traquinagens juvenis, torna-se um olhar meigo, amigo, que encima um riso acolhedor. É essa dimensão

humana que está faltando a muito educador de hoje, que tem suas relações educador/educando regidas pelo tilitar das moedas na caixa registradora.

Nas minhas lembranças de tantos anos passados, não recordo de jamais ter visto D. Noilde de sapato baixo. Ou negar sua idade. E hoje, na altivez dos seus oitenta e três anos, continua em cima do salto alto supervisionando com muita competência um complexo educacional que ela ampliou, do maternal ao terceiro grau. Como também continua dura sem jamais perder a ternura.

Quando circulava pelos corredores, de longe percebíamos sua aproximação e todas levantavam em sinal de respeito. Era firme nas decisões e, com isso, posso afirmar, ia influenciando na formação da personalidade de cada uma. Sua dureza só nos dirigia para um caminho – o correto, o certo, o direito.

*“Humilde é aquele que tudo põe em jogo para falar daquilo que ama. Corajoso é o que arrosta a contradição e a acrimônia do argumento em defesa de suas crenças.*

*Se amamos coisas, tais, como a verdade, a beleza, a vida, o ser humano, não podemos deixar de falar nelas. A verdadeira amizade não suporta o silêncio e logo traduz-se em palavras. E quando ela é profunda, traduz-se logo em canto.*

*Um dos pequenos prazeres da amizade consiste em apregoá-la. Se você gosta do seu amigo, diz a canção, diga isso a ele.”*

Neste perpassar dos anos, e lá se vão trinta e quatro anos, volver o passado, é como levantar uma folha viva de recordações boas...

E nisto, não contraditamos o humanista Berdiaef, quando ele afirma que devemos só amar o passado, quando nele só há o que é bom e belo.

A história de sua vida nesta terra, dentro do TEMPO, é como um todo de uma fração do próprio TEMPO.

Deste percurso tão pleno de vivência, de bons atos e de realizações, vamos ver que cada pulsar dos seus atos está situado dentro de um todo harmônico, contrariando os historiadores ao afirmarem que nascemos para uma harmonia com dissonâncias, porque se a vida fosse uma melodia suave, seria cansativa e o contraste seria necessário para quebrar a monotonia.

O trabalho valorizado pela capacidade incontestante de sua inteligência, pelo brilho de suas idéias, na

---

\* Jornalista. Funcionária Pública (aposentada).

audaz decisão de superar todas as dificuldades para dar ao Complexo que tão bem dirige, onde inseridos estão: a Escola Doméstica de Natal, o Complexo Educacional Henrique Castriciano e a FARN, a altura e a grandeza de uma “OBRA”, na proporção do desafio do amanhã e na medida dos anseios e esperanças que todos esperavam de você.

Enfocada a sua situação de Chefia, sem perda de autoridade, demonstrou, pelos atos emanados e apreço que revelava para com seus subordinados e auxiliares, fosse qual fosse a esfera hierárquica, que o trabalho dignifica a criatura humana. Que os lamentos dos nossos semelhantes, ou as alegrias esfuziantes, deverão ser ouvidas com equanimidade e justiça, a fim de que, no futuro, a humanidade se possa unir em alguma parte, onde bons corações saudarão bons corações, e um lugar onde os sonhos de amor imperecível, de fraternidade duradoura, ter-se-ão finalmente realizados.

Enfocada a sua situação de Chefia, sem perda de autoridade, demonstrou, pelos atos emanados e apreço que revelava para com seus subordinados e auxiliares, fosse qual fosse a esfera hierárquica, que o trabalho dignifica a criatura humana.

## NOILDE PESSOA RAMALHO

Em um alvorecer tropical, votivo e jubiloso, tributamos uma singela homenagem a Noilde Pessoa Ramalho, professora de gerações, pelos 90 anos da Escola Doméstica de Natal, sob a sua eficiente e profícua direção.

Adotamos, para este mister, uma atitude sóbria, sensata e espontânea, porque reconhecemos que a Cultura está acima de qualquer conveniência de ordem política. Daí, a independência assumida no trato das promoções que merecem apoio e aplauso.

Assim, pois, exaltamos a figura de Noilde Pessoa Ramalho, Diretora da Escola Doméstica de Natal, desde 1945.

E, desde já, proclamamos: fácil é conhecê-la, admirá-la. Difícil é imitar-lhe a conduta, como criatura humana e educadora emérita.

Obviamente, não estamos à procura do elogio louvaminheiro e cortejador. Com essa linguagem não nos acostumamos.

Por isso, eis nosso gesto solidário e sereno, o sorriso afável, a expressão do bem-querer, nesta romaria lírica, voluntária, sentimental, pela união fraterna de seus partícipes, como que “unindo, em ramalhetes, as nossas felicidades miúdas”, para evocar o mestre Cascudo, genial e humilde.

Portanto, pelo magno evento, festivo e telúrico, aflui e renasce, nas fisionomias e na alma de cada um de nós, em nível de carinho e respeito, o testemunho autêntico dos valores que se eternizam pela simpatia e admiração contagiantes.

E na lembrança dos Três Reis Magos - presença histórica e santa nas tradições potiguares - lhe

---

\* Escritor. Advogado. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

oferecemos, à luz do simbolismo cristão, ouro, incenso e mirra, como dádiva dos céus, em agradecimento ao que fez, está fazendo e continuará a fazer pela educação da infância e da juventude natalense e brasileira.

Decerto, não foi Victor Hugo, como alguns pensam, mas, sim, Segundo Wanderley, o “príncipe da poesia Potiguar”, amigo do santo Padre João Maria, que, em paralelo com o **homem**, definiu a **mulher**, esse sacrário de abnegação, amor e sacrifício - como sendo “*o anjo, a virtude suprema, invencível pelas lágrimas, capaz de todos os martírios. É também esperança, coração e olhar que santifica*”.

Congregando-nos, dessa forma, em torno desses conceitos sacrossantos, em voz uníssona, que este conagração de luz, som, beleza, euforia possa traduzir a louvação mais gratificante à prof<sup>a</sup>. Noilde Pessoa Ramalho, a mulher educadora, sem frustrações, sem vaidades pueris, diferente de pseudos poderosos e de alguns governantes insensatos e sem bom senso, quando se trata, sobretudo, de promover a Cultura e a Educação.

Prof<sup>a</sup>. Noilde - convenhamos - perluastra sempre os caminhos da humildade, da pertinácia, do dever de bem ensinar, apanágios maiores de sua integridade moral e firmeza de caráter.

Todo o Rio Grande do Norte a admira e a respeita, vale a pena repetir. Este torrão norte-riograndense que serve de berço e túmulo de uma Nísia Floresta, Auta de Souza, Isabel Gondim, Santa Guerra, Palmira Wanderley, Chicuta Nolasco Fernandes e tantas outras inesquecíveis escritoras e poetisas.

Traduz e sintetiza este breve depoimento a vitória de seu idealismo e de seu ininterrupto mister à frente da Escola Doméstica, há mais de meio século, sob a égide da inspiração e do ideal de Henrique Castriciano de Souza, o mensageiro do saber e do humanismo.

Louvores, também, à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, órgão mantenedor da importante Escola. Idem ao Complexo Educacional Henrique Castriciano e à Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN.

Já disse o mestre saudoso Nilo Pereira, certa vez, a respeito da Professora Noilde:

*“Continuadora incansável de um ideal”.*

E parece até que Renan fez gravar, em sua memória, a célebre lição:

*“Para realizar grandes coisas, precisamos viver como se nunca tivéssemos de morrer”.*

Agradecemos, enfim, Noilde Pessoa Ramalho, o seu exemplo de vida. Ele é perene.

Noilde Pessoa Ramalho, a mulher educadora, sem frustrações, sem vaidades pueris, diferente de pseudos poderosos e de alguns governantes insensatos e sem bom senso, quando se trata, sobretudo, de promover a Cultura e a Educação.

Cardeal Dom  
Eugenio de  
Araujo Sales\*

NOILDE RAMALHO: UMA BENFEITORA

Há pessoas, como Noilde Ramalho, que avançam em idade e em virtudes. Conheci-a quando ainda sacerdote e, como Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Natal, fiz parte do órgão diretor da Escola Doméstica. Essa tão louvada Instituição é merecedora da gratidão do Estado do Rio Grande do Norte, pela extensa e profunda ação educativa. Vou além, pois de vários outros Estados do Brasil tem recebido, no decorrer dos anos e atualmente, alunas, dado o nível elevado e a importância dos ensinamentos aí ministrados.

A Escola Doméstica, pela sua própria natureza, forma a inteligência e o caráter de suas alunas, tendo em vista o bem da Família. Ao tratar da importância da Escola Doméstica, vêm à memória o nome do Dr. Varela Santiago e a Liga de Ensino. O alicerce da sociedade reside no conceito cristão do ambiente doméstico e é de um valor altamente positivo, mesmo para quem não compartilhar com nossa Fé. Algumas correntes de pensamento contrapõem o Estado à célula mater da sociedade, a Família. Essa visão acarreta muitos males que vêm afligindo a Humanidade. O Estado deve proporcionar recursos e outros meios para que ela possa, robustecida em sua estrutura, garantir a paz, a unidade do lar. A Legislação vigente é responsável pelo enfraquecimento de um ambiente doméstico e suas conseqüências negativas.

A Igreja não se cansa de iluminar a comunidade humana com essas verdades e proporcionar a força da vida cristã nessa matéria. O Concílio Ecumênico Vaticano II, no documento “*Gaudium et Spes*” (nº 14) diz: “O bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável

---

\* Arcebispo Emérito da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

situação da comunidade conjugal e familiar (...) O Concílio deseja ilustrar e robustecer os cristãos e todos os homens que se esforçam para proteger e fomentar a nativa dignidade do estado matrimonial e seu alto e sagrado valor”.

Uma educação que preserva esses valores constitui um válido contributo ao autêntico pensamento das relações domésticas. Em seus ensinamentos transmitidos aos alunos não pode faltar a educação religiosa, respeitada a liberdade de crença.

A presença de uma direção inteligente e segura fortalece a Instituição destinada a promover a educação doméstica, segundo os ditames do Evangelho. E aí se coloca a importância de Noilde Ramalho como Diretora da Escola Doméstica de Natal. Não se trata de uma instituição católica, mas de uma escola que caminha segundo os ensinamentos cristãos. A presença dessa Diretora assegura o rumo e preserva dos desvios e, se os há, promove oportuna correção.

Como norte-rio-grandense, alegro-me pelo longo caminho percorrido, pelos benefícios espalhados em tão elevado grau e numa matéria de particular interesse da Igreja, o lar. O ensinamento do “Catecismo da Igreja Católica” (nº 2207) — válido para todos os homens de boa vontade, está assim resumido: “A Família é a célula originária da vida social. É a sociedade natural na qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e a vida de relações dentro dela continuam os fundamentos da liberdade, da segurança e da fraternidade no conjunto social (...) A vida em família é iniciação para a vida em sociedade”. A Escola Doméstica de Natal é um estabelecimento de ensino preparando as gerações para a preservação dos valores da família. E a responsabilidade para alcançar esse

objetivo, por anos e anos, tem sido assumida, em última instância, por Noilde Ramalho e sua equipe. A vitoriosa Escola Doméstica é a coroa que Noilde porta consigo.

Parabéns, Noilde, por seu trabalho, que é devidamente reconhecido pela sociedade e abençoado por Deus!

*Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 2003*

“A presença de uma direção inteligente e segura fortalece a Instituição destinada a promover a educação doméstica, segundo os ditames do Evangelho. E aí se coloca a importância de Noilde Ramalho como Diretora da Escola Doméstica de Natal.”

## MAIS DO QUE UMA EDUCADORA

As instituições têm alma. A frase da psicóloga Viviane Senna me faz lembrar a educadora Noilde Ramalho, Diretora geral do complexo formado pela Escola Doméstica de Natal, pelo Henrique Castriciano e mais recentemente pela Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Ao longo dos anos, ela dedicou-se de tal forma à educação que as escolas passaram a ser a sua família, a sua vida!

E como num processo de simbiose, a escola e Dona Noilde parecem parte de um corpo só, imerso no Universo. Afinal, como não lembrar da sua presença ao ver a floração dos cajueiros e sentir o seu cheiro no ar? Como não senti-la ao ouvir o assobio dos bambus no final da tarde? Como não se encantar com o ipê-roxo que todo ano cresce no Parque das Dunas, apontando para os colégios?

Sem sombra de dúvida, não existe uma escola onde a natureza é tão presente quanto lá.

Mas não é somente o meio ambiente que faz a diferença nas escolas, unindo o prazer do aprendizado à qualidade de vida. Há muitos detalhes que passam despercebidos para muitos visitantes. A presença da arte, nos mais diversos espaços, mostra a sensibilidade acentuada de quem faz a Escola Doméstica no seu cotidiano. E tudo feito com amor e qualidade.

As festas na Escola Doméstica capitaneadas por Dona Noilde são inesquecíveis. Por lá já passaram Presidentes da República e Ministros. Por lá estudaram meninas de várias partes do País. Por lá muitas aprenderam a viver, a se preparar para um mercado de trabalho competitivo e ao mesmo tempo administrar um lar, numa mistura entre tradição e modernidade, num

Eugênio  
Parcelle da Silva\*

---

\* Jornalista.

desafio sempre presente.

É neste mundo que ela circula.

Engana-se quem pensa que ela é uma mulher solitária, pelo fato de não ter se casado e gerado filhos. Dona Noilde não tem tempo para sentir solidão; as suas responsabilidades são tantas e sua vida tão dinâmica que, na verdade, o dia precisaria ter mais horas para fazer tudo aquilo que quer. A questão de não ter casado, mais do que a falta de oportunidade, foi uma opção. E quem precisa de filho com tantas crianças e adolescentes para cuidar, sem falar nas meninas internas – uma experiência de vida também inesquecível?

Mas são poucos os privilegiados para quem Dona Noilde se revela. Ela faz parte daquele grupo de pessoas que parece refletir luz. Suas palavras não são apenas palavras, carregam histórias e acontecimentos que terminam ajudando. Quando acontece algum problema e dela se aproximam no maior desespero, só a sua calma já tranquiliza. E aí vem os seus conselhos, risinhos: “você ainda são novos, têm muito ainda para aprender. Não se preocupem, tudo se resolverá”.

Passam-se horas e horas ouvindo-a falar, a contar as histórias que viveu e vive, algumas muito engraçadas. É pena que o tempo não permite esse privilégio. Vivemos num tempo em que não se tem tempo para conversar, sentir as pessoas e encantar-se com elas. É um tempo que passou e todos sentimos falta. Substituíram-se as pessoas pelo fascínio da imagem da televisão. É o homem substituído pela máquina. É a isso que chamam de avanço da tecnologia, de modernidade. Mas precisa haver o resgate da humanidade, do toque na mão, do abraço amigo.

Dizem que o modelo da Escola Doméstica está ultrapassado. Quem diz isso é quem não conhece a proposta. Muito pelo contrário, torna-se cada vez mais necessário que as adolescentes e jovens tenham um

aprendizado sobre a vida doméstica, assim como um ensino que permita uma profissionalização ou mesmo enveredar pela Academia. O ensino deve acontecer em sintonia com a realidade. É papel da escola dar oportunidades; as escolhas cabem a cada um.

Um dia, passando por sua sala, D. Noilde mostrou a roupa do pastoril, que iria dançar numa fazenda em Canguaretama, junto a várias amigas. Num outro, preparava-se para visitar o santuário de Fátima, em Portugal. O valor dado à cultura popular e à religiosidade são marcantes na sua história. Ela une o passado ao futuro, vivendo além do seu tempo. E isso perpassa a escola. A valorização das raízes e a preocupação com a formação para o que vem, suscitam ações permanentes.

Enfim, é um privilégio ter Dona Noilde como amiga e parceira de vários projetos. Sua história orgulha o Rio Grande do Norte. Somos um Estado que tem referências, pessoas a quem podemos seguir. Gente de valor que, mesmo assim, permanece na humildade, servindo como um exemplo de vida bem vivida. “Sou uma mulher realizada e muito feliz”, disse ela, num determinado dia, e seus olhos transmitiam alegria e muita paz.

“Ela faz parte daquele grupo de pessoas que parece refletir luz. Suas palavras não são apenas palavras, carregam histórias e acontecimentos que terminam ajudando.”

Fernando  
Bezerra\*

## PROFESSORA NOILDE RAMALHO: FIGURA EMBLEMÁTICA DA EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE

A professora Noilde Ramalho é uma figura emblemática da história da educação no Rio Grande do Norte.

Ela é um símbolo e um exemplo marcantes para gerações futuras de educadores e educandos.

Recordo a sua dedicação e o seu amor à tradicional e exemplar Escola Doméstica de Natal desde quando funcionava na velha Ribeira, na aprazível e bela praça em frente ao antigo prédio.

A vitalidade física e, acima de tudo, espiritual da Professora Noilde é um estímulo a todas as pessoas que jamais deveriam parar de trabalhar. Ela continua firme, sempre presente, sempre fiel aos princípios que nortearam a criação de suas obras a partir da Escola Doméstica.

A idade biológica pouco importa. A juventude espiritual da Professora Noilde é ponto alto de sua rica e nobre biografia.

Assim, associado a tantos, deixo este sucinto depoimento. Espero que contribua para o registro da passagem de tão significativa data da educação em nosso Estado.

“A vitalidade física e, acima de tudo, espiritual da Professora Noilde é um estímulo a todas as pessoas que jamais deveriam parar de trabalhar.”

---

\* Engenheiro. Empresário. Senador da República.

## UMA VIDA, UM SONHO E UM IDEAL

“Uma rosa é uma rosa, uma rosa, uma rosa”. A rosa que desabrocha. A rosa que abre suas pétalas para captar a vida em todas as dimensões. Participar da Criação, exercitando também o dom de criar, amar, sonhar, imaginar, voar. Ascender como pássaro para descortinar as maravilhas do viver. Adquirir o saber naquela visão socrática do “quanto mais eu sei, menos eu sei”. Formar consciências num compromisso renovado com a ética, a moral, o bem comum e a percepção de que, em cada ser humano, em cada nova vida, em cada criança e em cada jovem, há a presença do amor infinito de Deus. Eis a essência da vida, dos sonhos e dos ideais de Noilde Ramalho: o amor sem fim.

A Escola Doméstica de Natal. As meninas e moças de branco. 1945. Natal em pleno pós-guerra. Natal revestida por um véu encantador: o verdejar de suas ruas, suas praças, suas avenidas. A vida bucólica e romântica de uma cidade que sofrera desafios em seus hábitos na convivência com estrangeiros. Especialmente americanos e ingleses. Mas o legado de Henrique Castriciano de Souza seria perpetuado, ampliado, revigorado e fantásticamente renovado pela professora Noilde Ramalho. A Escola Doméstica de Natal não apenas se ajustou aos novos tempos. Venceu-os. Superou-os. Estabeleceu, heroicamente, respostas inovadoras no campo pedagógico, ampliando o campo da formação intelectual e profissional de suas alunas.

A atuação da professora Noilde Ramalho granjeou para a Instituição conceito e reconhecimento internacionais. A Natal provinciana dos anos 40 e 50 acolhia na Escola Doméstica jovens procedentes de todas as regiões do Brasil e da América Latina. As grandes

---

\* Jornalista. Senador da República. Ex-Governador do Rio Grande do Norte.

recepções, especialmente em homenagem a Chefes de Estado e personalidades da vida cultural e política do país, converteram a Instituição, sempre modelar, numa espécie de chão sagrado do Rio Grande do Norte. Grandes eventos culturais, até então, tinham na Escola seu “logus” natural, legítimo e autêntico.

Michel Quoist, grande pensador cristão, dizia ser impossível amar alguém sem conhecê-lo: “não se ama a quem não se conhece”. O Rio Grande do Norte ama e admira Noilde Ramalho. Porque a conhece muito bem. Sua vida, seus ideais, suas lutas, seu devotamento à Escola Doméstica e às instituições dela decorrentes: Complexo Educacional Henrique Castriano e Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN.

A Escola Doméstica completa, neste ano de 2004, 90 anos de existência. É impossível estabelecer limites para os benefícios por ela gerados. As gerações de professores e alunas, desde sua instalação e funcionamento, os que aos seus objetivos devotaram e misturaram sua alma e seu espírito, seus sonhos e sua disponibilidade, têm na professora Noilde Ramalho um exemplo e uma fonte inesgotável de doação aos seus objetivos institucionais. É uma vida de entrega, que expressa o quanto um ser humano pode realizar por seus semelhantes. A vida de uma mulher que honra e dignifica as mulheres do Rio Grande do Norte. Vida de uma professora que exercitou sua missão na plenitude do seu sentido: elevar a condição humana pelo amor a cada um e todos.

É uma vida de entrega,  
que expressa o quanto  
um ser humano pode  
realizar por seus  
semelhantes.

## D. NOILDE RAMALHO

Há pessoas que marcam uma família, uma cidade, uma época. Aqui, em Natal, pode-se dizer que D. Noilde é uma pessoa que marcou a vida de nossa cidade e sua história neste final de milênio.

Certamente, a educação é uma das áreas mais importantes onde alguém pode desempenhar sua atividade, doar sua vida. Foi exatamente aí onde D. Noilde mostrou a grandeza de sua personalidade e do seu coração. É muito grande o número de mulheres que hoje enriquecem nossa sociedade e que receberam de D. Noilde os verdadeiros valores de uma vida, mas principalmente seu exemplo tão enriquecedor.

Não é fácil encontrar numa grande comunidade como uma Cidade, um Estado, alguém que conte com a unanimidade de opiniões positivas a seu respeito. D. Noilde conta com esta unanimidade. Demos graças a Deus por sua vida tão rica de méritos.

## Dom Heitor de Araújo Sales\*

É muito grande o número de mulheres que hoje enriquecem nossa sociedade e que receberam de D. Noilde os verdadeiros valores de uma vida, mas principalmente seu exemplo tão enriquecedor.

---

\* Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal.

Heriberto Ferreira  
Bezerra\*

## ESCOLA DOMÉSTICA: VITRINE DE NATAL.

Não entenderia Natal sem a Escola Doméstica e não entenderia a Escola Doméstica sem a figura da Professora Noilde Ramalho, a quem chamaria de MULHER MONUMENTO.

A velha Ribeira, que abriga as mais doces recordações de todos nós, ao perder a Escola Doméstica mergulhou nas sombras da decadência e elegeu a melancolia e a dor das saudades como realidades lastimáveis e, maiores ainda, porque constantes, irreversíveis.

Desde que foi criada, a Escola Doméstica se transformou na mais linda vitrine da nossa Natal que tanto amamos. Nela, as nossas jovens passaram vestindo o uniforme branco, cor que traduz a pureza dos seus ideais.

Sempre se proclamava a originalidade dos objetivos da Escola Doméstica, dirigidos ao preparo da mulher para a edificação de um lar rico de felicidade. Dentre eles, os cuidados dedicados à criança eram persistentes e meticulosamente ensinados e supervalorizados. Nesta atividade também tive participação durante alguns anos. Ainda hoje, ao me encontrar com as minhas ex-alunas de puericultura, me vêm à mente aquelas fisionomias de adolescentes, agora decoradas pelas belezas dos filhos que ganharam e pela felicidade que abrigam. Todas elas são o valor maior da minha vaidade pessoal, também vestida de branco.

Orgulho de uma vida inteira e de todo o estado do Rio Grande do Norte, a nossa Escola Doméstica recebe, da sua dirigente maior e das suas dedicadas auxiliares, a administração impecável e farta de méritos. Dona Noilde é onipresente em todos os

---

\* Professor Titular da Clínica Pediátrica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (aposentado). Médico Pediatra.

recônditos de uma Instituição que vê cristalizados os sonhos da gente potiguar.

De um autor ignorado:

*Conta teu jardim pelas flores,  
Nunca pelas folhas que caem.  
Conta teus dias pelas horas douradas,  
E esquece por completo as nuvens.  
Conta tuas noites pelas estrelas,  
Não pelas sombras.  
Conta tua vida pelos sorrisos,  
Não pelas lágrimas.  
E, alegremente, ao correr do tempo,  
Conta tua idade pelos feitos - não pelos anos.*

Ao completar 90 anos de nascida, a Escola Doméstica abandona a cronologia da vida e valoriza a multiplicação infinita dos seus feitos. O bem que se faz nunca deverá ter fim, mas sempre deverá sofrer multiplicação.

Vale citar Regina Chedid, em momento feliz:

“Há sol em todas as mulheres. Deus não lhes deu apenas forma e conteúdo, nem só sensualidade, sexto sentido, sensibilidade e graça. Deu-lhes um coração insuperável e um pouco da própria luz.”

*Dona Noilde: com a luz que Deus lhe deu, continue a iluminar os caminhos floridos que a Escola Doméstica percorrerá em busca do futuro.*

“Dona Noilde é onipresente em todos os recônditos de uma Instituição que vê cristalizados os sonhos da gente potiguar.”

Joanilson de  
Paulo Rego\*

## PROFESSORA NOILDE RAMALHO, SIMPLEMENTE DONA NOILDE

Hoje, pela manhã, ao despertar, olhei uns quadros ao meu redor, e veio a mim toda a recordação de minha infância, de minha adolescência, de minha juventude cheia de sonhos e de ideais. E, no meio dessas lembranças, dois vultos me surgiram à mente. Um, envolto no crepe da maior saudade, o vulto de minha mãe, educadora, professora de várias gerações, um baluarte do ensino e um exemplo do valor da mulher.

E o outro, contemporâneo do meu destino de homem natalense, o vulto de Dona Noilde Ramalho, professora, educadora, dirigente, mulher de fibra longa e sedosa, com a rusticidade da resistência e a fineza de um raio de luz. Ela povoa o universo de minha admiração maior, espontânea, gratuita, nascida de um sentimento que irrompe do coração e nele permanece, principalmente porque existem mil razões para cultivá-lo, aprimorá-lo, expandi-lo, na mistura feliz de orgulho e de afeto.

Por isto, as palavras que dirijo à Dona Noilde, em meio a tantos outros depoimentos de pessoas ilustres de nossa terra, carregam o calor da amizade, da alegria de conhecê-la e de vê-la sempre com alumbramento, com um jovial e cúmplice fervor de quem acredita no futuro porque gosta da convivência com a juventude.

Dona Noilde vive em Natal como uma condessa no seu condado, uma bailarina no palco, uma santa no céu. Todos a reconhecem e estimam. Desde aquelas pessoas que com ela estudaram em tempos já longínquos, todas mulheres, depois aos alunos de hoje, da Escola Doméstica ou do Henrique Castriciano, este um colégio misto, até os alunos da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do

---

\* Advogado. Professor. Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - RN.

Norte, que sabem ser ela a madrinha, a bússola, o norte, a motivação, a razão maior de ser, o rumo certo para a sua ânsia de saber.

Tive a honra de com ela compor uma das chapas Diretoras da Soamar RN, eu na condição de Presidente e D. Noilde, na de Vice-Presidente. Tive a felicidade de, juntamente com ela, recebermos, na Escola, ajudados por suas alunas, prendadas, educadas e bonitas, a pessoa do Ministro da Marinha e altas autoridades do nosso Estado, em nossa posse como Presidente da Soamar Brasil.

Tive sempre, como professor, como homem público, como dirigente, o privilégio de elegê-la como um dos meus Ícones, figura quase legendária que sempre me inspirou a lutar pelo bem, pelo bom e pelo belo, até como uma das formas de fazer-me merecedor de sua amizade.

Por isto, este meu depoimento apaixonado. Paixão que é uma forma ardente de amar, de reconhecer publicamente o tirocínio de uma das mais importantes mulheres do nosso tempo, de expor, com tintas fortes, a admiração que a sua vida toda devotada ao ensino e às grandes causas do nosso povo e do nosso Estado, despertou em todos os norte-rio-grandenses.

Reconhecimento e admiração que robustecem a nossa crença no valor permanente do bem, do trabalho e da vocação, os três pilares que alicerçaram a vitória de Dona Noilde, que é a vitória de todas estas virtudes, colocadas sempre a serviço da educação e da felicidade da juventude do Rio Grande do Norte.

De parabéns pois, o Dr. Daladier Pessoa Cunha Lima e todos os idealizadores desta homenagem tão justa de reconhecimento ao fecundo labor de quem preenche muitos espaços na história dos grandes vultos que fazem o pensamento transformar-se em história, em prol do povo potiguar.

“Dona Noilde vive em Natal como uma condessa no seu condado, uma bailarina no palco, uma santa no céu. Todos a reconhecem e estimam.”

Jessé Dantas  
Cavalcanti\*

## NOILDE, EDUCAÇÃO E EXEMPLO

É impossível não lembrar o dia em que conheci Noilde Ramalho: era um 16 de dezembro de um ano histórico, 1944. A II Grande Guerra estava chegando ao seu final. Para mim, a data tinha e tem ainda outros significados – foi o ano da minha formatura na Faculdade de Odontologia do Ceará.

Entre outros convidados que vieram do Rio Grande do Norte para emprestar brilho e alegria ao recém-formado, Aguinoral, minha irmã, professora da Escola Doméstica de Natal, e Noilde, amiga e colega na mesma Instituição de ensino.

Naquele ano já se comentava a possível indicação da professora Noilde para a direção da Escola, previsão esta que se concretizaria já no ano seguinte. Os palpites eram bem fundamentados: em que pese a juventude, a professora Noilde se destacava do corpo docente da ED como um exemplo de competência, profissionalismo e inteligência. Às opiniões de terceiros, acrescentei os meus próprios conceitos, alicerçados durante aquele breve contato cearense. A amiga da minha irmã era uma jovem bonita, esbelta, elegante. Traços fáceis de serem notados à primeira vista – e praticamente inquestionáveis. Mas, entre uma solenidade e outra, entre o passeio de bonde pela Praia de Iracema e o baile dos formandos no “club” mais badalado da capital alencarina, foram se revelando para mim qualidades que iam muito além dos atributos físicos: a conversa fluía agradável, sensata, inteligente, comedida. Tudo aquilo que Noilde é, é a base para que alcançasse as realizações únicas que promoveu no ensino educacional do nosso estado.

Hoje, é fácil explicar a trajetória inigualável de Noilde Ramalho à frente de um dos orgulhos do

---

\* Odontólogo. Professor da UFRN(aposentado). Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Odontologia.

ensino potiguar. Em 1944/45, ninguém poderia imaginar o que a jovem Diretora seria capaz de fazer pela Escola Doméstica de Natal. Éramos jovens, com todos os sonhos, esperanças e inexperiências que só os jovens têm o privilégio de possuir. Eu mesmo não poderia imaginar que teria uma filha – Ana Célia – e que ela um dia vestiria, orgulhosa, a farda da ED. Muito menos poderia prever que atravessaria muitas e muitas vezes os portões da Escola, sendo sempre magnificamente recebido pela maior anfitriã que Natal já viu – uma grandeza que tem sua importância multiplicada pelo infinito número de jovens que educou na arte do bem servir.

Na verdade, uma das últimas vezes que estive lá não foi exatamente na Escola Doméstica, mas no Henrique Castriciano, um dos muitos ramos dessa árvore frondosa que Noilde soube exemplarmente cultivar. Corria o ano de 1997 (já faz tanto tempo assim?) e eu assistia à formatura do meu neto mais velho, Daniel, conluente do Segundo Grau. Na distância dos anos, o sempre sorriso generoso da professora Noilde, formando gerações, educando nossos filhos, nossos netos... Um patrimônio já eterno.

“A amiga da minha irmã era uma jovem bonita, esbelta, elegante. Traços fáceis de serem notados à primeira vista – e praticamente inquestionáveis.”

## NOILDE RAMALHO: UMA DAMA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No decorrer das últimas décadas tenho encontrado inúmeras e significativas vezes a professora Noilde Ramalho. Um desses encontros se deu em Brasília, por ocasião de uma justa homenagem que o Senado Federal acabara de lhe prestar.

Encontrei-a acompanhada do carinho de suas ex-alunas em nossa residência funcional no Distrito Federal. Naquele momento dirigi-lhe um convite para que no dia seguinte nos concedesse o privilégio de um almoço no Palácio do Planalto.

Com muita emoção a recebi na minha sala de trabalho, de onde se descortinava todo o belo conjunto arquitetônico da Praça dos Três Poderes, projetada pela genialidade de Oscar Niemeyer.

Observando-a senti emanar daquela dama um elo de nobreza e simplicidade, demonstrado através de gestos e atitudes nunca esquecidos, especialmente por aqueles que têm a oportunidade e o privilégio de privarem da sua amizade.

Pensava: pelos jardins encantadores da Escola Doméstica, inúmeras autoridades e Chefes de Estado, inclusive muitos dos que freqüentaram e exerceram o poder naquele palácio, receberam a hospitalidade e o carinho da Professora Noilde.

Quantas e quantas vezes a Escola se engalanou e num impecável ritual exibia as virtudes que fazem brotar os gestos mais delicados da alma humana. Tudo sob a regência e a inspiração da professora Noilde Ramalho, que sempre demonstrou uma capacidade ilimitada de transmitir a todos entusiasmo, carinho e segurança. As pessoas que convivem com esta

---

\* Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ex-Deputado Federal.

extraordinária educadora, seja aluno, ex-aluno, professor ou servidor mais humilde recebem nas suas palavras o estímulo, a alegria e a firmeza da sua orientação.

Quem visita a Escola Doméstica, leva recordação, guarda imagens de uma extraordinária visão cuja essência é próprio do ser humano. Em cada recanto, seja na sala de aula, nas quadras de esportes ou nos seus amplos jardins existe a presença forte e sempre reinante de um humanismo singular. Quem por lá passou sentiu a força dessa convivência marcante, nunca deixando de lembrar o que aprendeu. Quem por lá passou e viveu, transmite aos outros a beleza de um aprendizado irradiante e duradouro.

A professora Noilde Ramalho é responsável por essa aprendizagem, por essa magia, por esse poder transformador que ela conseguiu fazer brotar em todos os recantos da Escola Doméstica.

Posso fazer essas afirmações porque na nossa Casa existe o prolongamento dessa força transformadora. Sônia, Lissa e Maria de Fátima sintetizam, pelo carinho com que cultivam os amigos e os ambientes o extraordinário valor educacional da Escola Doméstica.

A professora Noilde é a educadora que sabe viver o seu tempo, que aglutina especialistas para ver realizado um projeto identificado com as raízes que o conceberam, mas flexível e adaptável às correntes do pensamento que se moderniza. Ela soube construir alicerces e neles colocou as sementes do sentimento do amor à educação. O seu projeto cresceu, desafiou tempo e espaço, venceu desafios e incertezas, mas foi e chegou, vitoriosamente, onde deveria chegar. Nesse projeto estão a Escola Doméstica, o Colégio Henrique Castriano e a FARN, como marcas incontestáveis do espírito empreendedor dessa notável e sábia mulher.

As marcas do seu idealismo, da sua força interior, do seu compromisso com a modernidade estão

por todos os recantos da obra que realiza. Nesse empreendimento se plantaram árvores, se educaram pessoas para a vida, se motivou e impregnou de entusiasmo os seus colaboradores.

A professora Noilde Ramalho enche de orgulho esta terra potiguar. Ela perpetua, com muita dignidade, a obra de Henrique Castriciano, consolidada pelo trabalho dedicado do Dr. Varela Santiago. Ela tornou viva, feliz e plena a instituição educativa que honra e glorifica a nossa querida cidade do Natal, o nosso Nordeste, o nosso Brasil.

“  
As marcas do seu  
idealismo, da sua força  
interior, do seu  
compromisso com a  
modernidade estão por  
todos os recantos da  
obra que realiza.”

**NOILDE RAMALHO:  
TALENTO E DIGNIDADE**

Antes de se tornar famosa pela beleza de suas atrações turísticas, Natal já era conhecida pela Escola Doméstica.

Fundada nos anos quarenta, só para moças, recebia jovens do Brasil inteiro. Foi durante bom tempo nossa melhor referência para o Brasil.

A professora Noilde Ramalho, além do mérito de ter preservado essa Instituição criada por Henrique Castriciano, justo orgulho dos norte-riograndenses, teve a visão de mundo para implementar a sua renovação, promovendo o seu ingresso no Terceiro Grau.

Pela ação desenvolvida nos últimos cinquenta anos, à frente da Escola Doméstica, Colégio Henrique Castriciano e Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, Noilde Ramalho garantiu um lugar de destaque no julgamento dos seus contemporâneos e se projeta como um exemplo de competência e dedicação a ser lembrado pelas gerações futuras.

Orgulho-me do seu talento e de sua dignidade.  
Orgulha-me sua amizade.

José Agripino  
Maia\*

“Orgulho-me do seu  
talento e de sua  
dignidade. Orgulha-me  
sua amizade.”

---

\* Engenheiro. Senador da República. Ex-Governador do Rio Grande do Norte.

Cônego José  
Mário de  
Medeiros\*

## NOILDE RAMALHO, ELA NÃO CABE EM PALAVRAS

Cada ser humano é uma palavra do Criador que não se repete, é alguém cuja forma é quebrada, por assim dizer. Cada um de nós é único, irrepetível na sua unicidade. Mas, se isso é verdade de todos, há pessoas tão únicas e predestinadas que chamam a atenção dos que as conhecem e as amam.

Falar sobre D. Noilde é extremamente difícil. A diversidade de qualidades humanas, as virtudes cristãs e a perene juventude de sonhos, ideais e realizações fazem de seu ser a pessoa indescritível. Ela não cabe nas palavras.

Costumo afirmar que as pessoas enquanto sonham, servem e amam, não têm tempo para envelhecer. Acredito que esse é um dos segredos guardados ciosamente no coração de D. Noilde. É alguém que vê sempre na frente, que sabe fazer a hora e não espera acontecer, como diz a música. Volta-se todo o tempo para quem dela precisa. É incansável servidora e nisto encontra um verdadeiro prazer. Ela mesma afirma que a Escola Doméstica é a religião de sua vida. Fez da educação a razão maior de sua ação e a transformou num perene ato de amor. Existe uma empatia entre D. Noilde e os(as) alunos (as). Seu magistério é efetivamente um ministério, no sentido pleno da palavra.

A diversidade de qualidades humanas, as virtudes cristãs e a perene juventude de sonhos, ideais e realizações fazem de seu ser a pessoa indescritível. Ela não cabe nas palavras.

---

\* Sacerdote. Vigário da Paróquia do Bom Jesus das Dores. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

## Júlio Saboya de Araújo Jorge

Convidado que fui para compor parte dos dados biográficos da Professora Noilde Ramalho, não poderia deixar de fazê-lo, com muito orgulho e satisfação.

Todavia, reportar-me-ei apenas a um pequeno período, recente, de 2001 a 2003, quando tive a honra de desfrutar do relacionamento da Querida Mestre.

Em tão curto período, desenvolvemos, graças ao seu dinamismo, objetividade, mas antes de tudo amor pelo semelhante, algumas parcerias em atividades relacionadas à Marinha, em especial ao Comando do 3º Distrito Naval e à Sociedade dos Amigos da Marinha, culminando com a realização, pela primeira vez, em 19 de novembro de 2002, de uma belíssima cerimônia cívico-militar, no pátio de entrada do complexo da Escola Doméstica, em reverência ao Dia da Bandeira. Cerimônia realizada de acordo com o previsto no Cerimonial para a Marinha do Brasil, com a participação ativa do Corpo de Alunas da Escola Doméstica, na presença do Sr. Prefeito da Cidade de Natal, das autoridades da Escola e da Marinha, inclusive Guardas-Marinhas do Navio-Escola Brasil, na ocasião recém-chegado ao porto.

Não poderia deixar de citar, também, que pelos méritos ao longo desses anos em que a Marinha, personificada pelo Comando do 3º Distrito Naval, encontra-se em Natal, a nossa Mestre querida foi, em 11 de junho de 2003, agraciada com a Medalha da Ordem do Mérito Naval. Uma forma oficial de agradecer o carinho e a amizade em tantos anos de relacionamento e convivência.

Professora Noilde, como diria minha neta: a Senhora é demais!

“Professora Noilde,  
como diria minha neta:  
a Senhora é demais!”

---

\* Vice-Almirante - Atual Diretor do Pessoal Militar da Marinha.

Lília Rosado  
Maia Ciarlini\*

## DEPOIMENTO SOBRE NOILDE RAMALHO

Falar de Noilde e falar da Escola Doméstica são coisas que, nos meus sentimentos e nas minhas memórias, fundem-se. Conheci Noilde na década de 40, na praia de Tibau, na casa de praia de meus tios Oitava e Raimundo Cantídio. Eu devia ter em torno de uns onze anos de idade. Ela era uma jovem muito bonita, prendada e de muita personalidade. O encontro com Noilde foi decisivo para plantar em mim o desejo de vir a estudar no internato da Escola Doméstica. Meu pai me apoiava, mas exigiu que eu fizesse, primeiro, o Curso Ginásial em Mossoró. Ao concluí-lo, pude, em março de 1953, realizar talvez o meu primeiro sonho, que era fazer o curso da Escola Doméstica.

Naquela época, já havia sido vendido o prédio da Ribeira e estava bem adiantada a construção da nova escola no Tirol. Os alojamentos para o internato eram precários e todos os dias nós apanhávamos um ônibus fretado para dormirmos num alojamento improvisado na Ribeira, onde me parece que funcionava a Puericultura no prédio antigo. Na manhã seguinte, retornávamos de ônibus para a Hermes da Fonseca para assistir às aulas no prédio que estava sendo construído. O refeitório e a cozinha funcionavam numa casa velha, no novo terreno. Era lá que Sinhana e as professoras internas (Margarida, Edianeub, Joana D'arc, Raimundinha) ministravam nossas aulas práticas. As outras aulas eram ministradas nas salas do novo prédio, ainda sem acabamento, onde tudo em termos de instalações era bastante improvisado. Mas a dedicação, a coragem e a competência administrativa de Noilde tornavam tudo muito gostoso e, dentro de

---

\* Ex-Aluna da Escola Doméstica.

alguns meses, já estávamos com a obra bem adiantada, tudo funcionando com tal sintonia e equilíbrio que nós, alunas, já nos sentíamos acolhidas e com bastante conforto. Nesse ambiente tão propício, o nosso aprendizado era abundante.

As dificuldades, avalio que deviam ser enormes. Algumas vezes, Noilde se deslocava para o Rio a fim de pleitear e acompanhar a liberação de verbas para as obras junto ao Ministro da Educação, Simões Filho. No dia seguinte ao seu retorno, ela continuava na sua sala de Diretora, disponível com um sorriso franco e sempre atenta para qualquer solicitação das alunas, como a mãe carinhosa que sabia providenciar tudo para o nosso bem-estar e nada nos faltava, nem mesmo sua classe para nos repreender quando necessário. Com o prestígio merecido que sempre gozou junto ao Dr. Varela Santiago e a todos os membros da Liga de Ensino, tocava tudo na mais perfeita sintonia.

Durante todos esses anos, Noilde conseguiu levar adiante fielmente o ideal de Dr. Henrique Castriano, que via a preparação das jovens para serem mães e donas de casa competentes como um fundamento essencial para a construção de uma sociedade melhor e mais feliz. Posso testemunhar que a minha experiência na Escola Doméstica deu-me uma base sólida para a vida. Após o curso da Escola, casei-me e passei a maior parte do tempo vivendo no Rio, longe da terra natal e do apoio dos meus pais. Mesmo nessas condições, encontrei, nos conhecimentos adquiridos na Escola, as soluções para enfrentar os desafios como esposa, mãe e cidadã. Sou grata a todos os meus mestres e, em especial, a Noilde pela preparação que recebi e que tanto me ajudou na construção de minha família.

Todas as vezes que retorno a Natal e vou visitá-la, tenho a sensação de que o tempo não passou para

essa educadora nata. A fé na educação e na instrução continua com o mesmo frescor da juventude. Ela continua sonhando grande. Mais recentemente, partiu para aumentar o seu campo de ação criando a FARN. Dessa forma, com inspiração divina, vai prestando um serviço inestimável, com uma luz própria, à frente da ED e do HC. Sua obra de educadora constitui, com certeza, uma das páginas mais bonitas que a mulher já escreveu na história do nosso Estado.

“Sou grata a todos os meus mestres e, em especial, a Noilde pela preparação que recebi e que tanto me ajudou na construção de minha família.”

PROFESSORA NOILDE:  
A AMIGA DA ARTE

Grandes homens têm a capacidade e a sensibilidade de exaltar os valores de uma mulher. Assim procede o Professor Daladier Pessoa Cunha Lima através do que escreve no livro biográfico sobre a Professora Noilde Ramalho.

Conheci a Professora Noilde Ramalho no início da década de cinquenta. Nessa época, ainda criança, executei ao piano, no auditório da Escola Doméstica de Natal, obras de Henrique Oswald, numa homenagem ao grande compositor brasileiro. Sua meiguice e carinho destinados à criança-pianista me fizeram, já naquele momento, destacá-la como uma pessoa singular.

Inúmeras vezes pisei no palco da referida Escola na condição de pianista ou acompanhando alunos meus para realizações de recitais, sempre obtendo o apoio evidente da grande educadora potiguar.

Durante o período que exerci o cargo de Diretora da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1968-1980), recebi da Professora Noilde Ramalho total incentivo às promoções de extensão universitária, tais como: seminários, festivais, semanas da música, recitais, etc... Sua presença é querida em todas as reuniões culturais e sociais.

O CD Compositores Potiguares nº 01, com edição esgotada, só foi possível sua gravação em virtude da valorização oferecida pelas administrações da FARN, ED e HC.

A Professora Noilde Ramalho tem valorizado a arte potiguar, bem como, recebe na Escola Doméstica de Natal, grandes artistas e vultos históricos do país e do exterior. Ademais, tem o cuidado de

---

\* Professora. Musicista. Pianista. Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

manter na ED uma Professora de Artes com o escopo de atender aqueles que com sabedoria e sensibilidade procuram a Educação Artística.

Sua nobre figura humana representa a elegância sem afetação, a educação com simplicidade de gestos, a inteligência traduzida na postura de sua forma competente de administrar e a firmeza de caráter nas suas atitudes.

A Escola Doméstica de Natal é a sala de visitas do Rio Grande do Norte guarnecida com o seu belo piano Essenfelder; Noilde Ramalho é a grande DAMA do nosso Estado.

“Je suis enchantée d’avoir fait sa connaissance.”

“A Professora Noilde Ramalho tem valorizado a arte potiguar, bem como, recebe na Escola Doméstica de Natal, grandes artistas e vultos históricos do país e do exterior.”

## NOILDE RAMALHO E A ESCOLA DOMÉSTICA

Luiz G. M.  
Bezerra\*

Noilde Ramalho é uma mulher iluminada, parecendo-nos ter nascido predestinada, exclusivamente, para servir à Escola Doméstica de Natal, seguindo os passos dos pioneiros – Henrique Castriciano, Meira e Sá, Manoel Dantas, Felipe Guerra, Onofre Lopes, Varela Santiago e tantos outros potiguares beneméritos.

Jovem ainda, foi uma aplicada aluna da Escola, logo depois excelente professora de Educação Física e, finalmente, Diretora, dirigindo a Escola Doméstica até os nossos dias.

A partir de 1945 foi nomeada pela Liga de Ensino para gerir os destinos da tradicional Escola Doméstica, fundada em 1914. Noilde foi sempre uma mulher decidida. De uma acentuada visão administrativa de ações multiplicadas e de espírito de luta invejável, a jovem Diretora, desde cedo, granjeou a confiança da Liga e da comunidade natalense.

Os exemplos deixados na Escola Doméstica pelas notáveis educadoras estrangeiras, no período de 1910/1926 – Helena Bondoch, Jeanne Negulesco, Leora James, Alexandra Von Schimnielpfeig, Edwigs Schüller, Isabel Bird e Julie Serive, além das potiguares, no período de 1927/1944, Maria Emiliana Silva, Caetana de Brito Guerra, Alix Ramalho Pessoa e Amélia Bezerra Filha, fizeram com que a jovem Diretora Noilde Ramalho, gentilíssima, simples, de elegância singular, soubesse dar continuidade à longa e bela história da Escola Doméstica de Natal, dando um significado especial, lembrando o passado daquelas pioneiras educadoras; sentido muito grande ao presente e uma sentinela constante do seu futuro radioso,

---

\* Escritor. Empresário. Sócio Efetivo e Diretor do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

graças à sua competência, ao seu alto tirocínio administrativo, rigorosa e admirada por suas alunas e pela comunidade potiguar.

Por todos os ângulos podemos observar a professora Noilde, a amiga de todos, simpatia irradiante, cicerone incomparável da belíssima história da Escola Doméstica, tudo de forma cativante, emanada de uma austeridade notória, rigorosa e respeitada; virtudes próprias de uma alma pura.

Durante o período de 15/07/1968 a novembro/2002, demos a nossa modesta colaboração à Escola Doméstica, como um dos membros da Liga de Ensino e nestes 34 anos, acompanhando as figuras notáveis de Onofre Lopes, Otto de Brito Guerra, Avalmar Furtado de Mendonça, Osório Bezerra Dantas, já falecidos, Max Azevedo, Edgar Dantas e Alexandre Magno Siqueira Marinho, dentre outros, tivemos a feliz oportunidade de acompanhar os passos da professora Noilde Ramalho, sempre atenta aos problemas da nossa Escola Doméstica, lembrando apenas fatos que, certamente, receberam o apoio e iniciativa direta da Liga de Ensino – a fundação da Associação das Ex-Alunas; a inauguração do “Ginásio Noilde Ramalho”, no Jubileu de Ouro; as piscinas; as pistas de atletismo e as arquibancadas cobertas; a inauguração do “Museu Henrique Castriciano”; o prédio da Biblioteca “Auta de Souza”; a construção do “Complexo Educacional Henrique Castriciano” e o título de Pentacampeã dos jogos estudantis, coroando o êxito daquela que teve a sua primeira fase da Escola Doméstica como professora de Educação Física.

Não esquecerei jamais os grandes momentos que presenciei do amor de Noilde Ramalho à nossa Escola Doméstica, a sua religião – quando por meios escusos pretendiam desapropriar uma grande área livre que existia na Escola, para construção demagógica de

casas populares; quando também pretendiam excluir a Escola como órgão Complementar da Universidade, e também quando tentaram ridicularizar a Escola num certo Carnaval, quando, de revolta, as lágrimas vieram aos olhos de Noilde, o Anjo da Guarda da Escola.

Grande desempenho teve também a Diretora Noilde, quando pretendia sempre algo mais para a Escola e viajava para o sul do país com a finalidade de manter contatos com Ministros e assessores, resolvendo os problemas com exposições francas e convincentes, com simplicidade e poder de argumentação.

Assim, tem sido o papel importantíssimo da Diretora Noilde Ramalho à frente da Escola Doméstica de Natal nestes longos anos, fazendo com que todo o Rio Grande do Norte, venha lembrar, com orgulho, os grandes e notáveis potiguares que fizeram, no passado, a história pioneira da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, entidade mantenedora da Escola Doméstica de Natal, a mais conceituada entidade educacional do Estado.

É este o depoimento que fazemos, com imensa alegria, a respeito da grande amiga e professora Noilde Ramalho, que é a própria história da Escola Doméstica de Natal.

“ Por todos os ângulos podemos observar a professora Noilde, a amiga de todos, simpatia irradiante, cicerone incomparável da belíssima história da Escola Doméstica. ”

Manoel de  
Medeiros Brito\*

## NOILDE RAMALHO, A EDUCADORA

Vivíamos as benesses do após guerra e a fartura de um bom inverno no Sertão nordestino, quando, já estudante nesta Capital, em 1946, resolvi procurar a Professora Noilde Ramalho, recém designada pelo Dr. Manoel Varela Santiago Sobrinho, então Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, para dirigir a Escola Doméstica de Natal.

O objetivo da minha audiência com a jovem Diretora era obter uma bolsa de estudos no Internato da Escola para minha irmã Jahy, que terminara o Curso Primário no Grupo Escolar “Antonio de Azevedo”, em Jardim do Seridó, nossa terra.

Ouviu-me atenta e cortesmente e me orientou como deveria proceder para obter o que pretendia; na sua simplicidade e franqueza, características de sua personalidade, esclareceu-me que a decisão sobre o pleito era de competência do Conselho Diretor da Liga de Ensino, presidido pelo Dr. Varela Santiago, cuja composição me informou. Foi o bastante para que o procurasse e apresentasse as razões que justificavam a minha pretensão; o resultado foi auspicioso: estava deferido o meu pedido e a mana Jahy cursou os cinco anos sem qualquer ônus para a nossa querida e saudosa Mãe.

Em decorrência, estabeleceu-se um vínculo de amizade e reconhecimento a todos que integravam o Conselho Diretor da Liga e, especialmente, à Professora Noilde Ramalho.

Os anos se passaram, fui para o Rio de Janeiro, então Capital da República, em 1950, a fim de me submeter ao Vestibular na Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal, logrando aprovação.

---

\* Bacharel em Direito. Presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Já acadêmico de Direito, fui secretariar o jovem Deputado Federal Aluizio Alves, por indicação do parente e Amigo, Industrial Dinarte Mariz.

Nessa condição, passei a assessorar toda a bancada Federal do Rio Grande do Norte no Congresso Nacional, intercedendo junto aos seus componentes, em favor da Escola Doméstica de Natal e do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte, fundado e dirigido, igualmente, pelo Dr. Varela Santiago.

Durante minha permanência no Rio de Janeiro, pude acompanhar de perto as atividades e o desempenho da Professora Noilde Ramalho, junto aos órgãos da administração federal, cujos titulares a recebiam com carinho e prestimosidade, considerando as proposições que lhes eram formuladas em favor da Escola Doméstica, pela jovem e simpática Diretora.

Foi assim que conseguiu, no Ministério da Educação e Saúde, em 1951, o reconhecimento do Curso de Economia Doméstica, equiparando-o ao 1º e 2º Graus; as gestões que fez junto à figura venerada do então Ministro Simões Filho foram decisivas para alcançar o seu intento; foi, a meu ver, o seu Batismo de Fogo, nas relações estabelecidas com o Poder Federal para melhorar o ensino e ampliar as atividades da Escola.

Isso somente foi possível graças à sua capacidade de argumentação, à seriedade e clareza das reivindicações que apresentou, para análise, aos órgãos do MEC.

Professora Noilde Ramalho se transformara em principal colaboradora do Dr. Varela Santiago, ajudando-o não apenas como Diretora da Escola Doméstica, mas, e principalmente, como sua representante junto aos poderes constituídos do Estado e da República.

Sua trajetória de sucesso estava apenas começando. Com a escolha do inesquecível amigo Onofre

“A capacidade administrativa e a obstinação da Professora Noilde Ramalho na busca da expansão e qualidade do ensino então restritas à ED, têm sido uma constante no exercício da missão que lhe foi confiada.”

Lopes para o 1º Reitor da UFRN, a Escola Doméstica se transformou em órgão complementar da recém-fundada Universidade, recebendo, conseqüentemente, a participação financeira do MEC, com vistas à melhoria do ensino, constante preocupação da Diretora, bem como à ampliação de suas instalações.

A capacidade administrativa e a obstinação da Professora Noilde Ramalho na busca da expansão e qualidade do ensino então restritas à ED, têm sido uma constante no exercício da missão que lhe foi confiada.

Ascendendo à Presidência da Liga de Ensino, em virtude do falecimento do Dr. Varela Santiago, em 1977, o Reitor Onofre Lopes delegou à Professora Noilde Ramalho competência para executar os programas decorrentes da parceria com a UFRN, objetivando o aperfeiçoamento do corpo docente da Instituição.

Com novas atribuições, além da responsabilidade de comandar a Escola Doméstica, a Professora Noilde foi, gradativamente, ampliando sua ação empreendedora, que culminaria com a criação do Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1987 e, mais recentemente, a Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, em funcionamento desde 1998 sob a lúcida e operosa direção do Professor Daladier Pessoa Cunha Lima.

Tais iniciativas, que se consolidaram através do conceito de que desfrutaram os estabelecimentos recém-inaugurados, refletem o acerto da escolha do Dr. Varela Santiago quando a designou, em 1945, para dirigir a Escola Doméstica de Natal.

Essas considerações demonstram que a Professora Noilde Ramalho é portadora de requisitos inexcedíveis para exercer a proeminência entre os mais notáveis educadores potiguares, merecendo o respeito, a admiração e a consagração de todo o Rio Grande do Norte.

## DONA NOILDE, A FADA-MADRINHA

Sou ex-aluno da Escola Doméstica. Pouca gente de fora de Natal sabe, e mesmo muitos natalenses não sabem que a Escola é mista em suas séries pré-escolares. Pois é. Eu fiz o maternal na Escola (minhas irmãs mais velhas estudavam lá). E foi uma época, para mim, inesquecível.

Minha professora - eu sou do tempo em que tia era só a irmã da mãe ou do pai da gente, ou a mulher do tio -, era a querida Dona Salete (há quanto tempo não vejo...). Nós usávamos um uniformezinho liso (branco, azul-claro ou verde-água eram as cores preferidas), calçados de "Conga". Os meninos hoje já não sabem que tênis é esse. Eu achava a farda bacana, porque tinha uma golinha como de médico, com os botões do lado, e não no meio da camisa. A classe era imensa, e a gente empilhava as carteiras, daquelas que não têm uma cadeira pregada, para fazermos cabanas, castelos, cavernas e tudo o mais que a imaginação permitisse. Brincávamos, como toda criança, de massinha, pintávamos a dedo com tinta guache, fazíamos colagens de milho, feijão e cola branca. E, sobretudo, aprendíamos e nos divertíamos muito.

A Escola tinha vantagens que nenhum outro Jardim-de-Infância poderia ter, a começar do espaço. Uma verdadeira fazenda em pleno centro de Natal. Havia um jaboti grande - ou seriam dois? - no jardim da entrada, com casinha e tudo. Fora a fazenda, mesmo, que havia lá atrás, para o lado do morro. O ginásio e a piscina, onde infelizmente nunca nadei. O máximo. E o parque, que ficava na frente, dando para a Hermes da Fonseca? Era grande, completo, perfeito para meninos de quatro ou cinco anos. Tínhamos ali caixas

---

\* Professor. Escritor. Desembargador Federal.

de areia, uma casa dos anõezinhos, gangorras, balanços, aqueles brinquedos de girar - alguém sabe o nome? Lá, brincávamos de tica, esconde-esconde, pega-ladrão. Foi lá que beijei uma menina (no rosto, eu era inocente...) pela primeira vez.

Cantávamos a “Canção do Dia” (*saudamos os professores, saudamos os coleguinhas, bom dia!, bom dia!*), “Marcha Soldado” e muitas outras. Por falar em soldado, não esqueço a marcha, devidamente fantasiado, do 7 de Setembro. A espingarda que compunha o tipo, achava-a a coisa mais preciosa. Atirava e fazia barulho (uma espécie de espoleta), e para mim era igual a uma “de gente grande”. Punha-a em cima do meu guarda-roupa, a salvo de qualquer curioso, especialmente de meu irmão. Não faço idéia de quando a perdi, mas lembrar disso me dá uma saudade danada. Toda festa (dia das mães, dia da árvore, dia disso e daquilo) tinha uma comemoração especial. Recordo que tive muito medo do dia do índio. Não quis ir. Achei que as tribos guerreiras que via nas matinês do Cine Rex, assobiando, gritando e atirando folhas infalíveis e mortíferas, iam atacar. Prefери ficar em casa com meu “Forte Apache”.

Esse mundo mágico, que era o Jardim-de-Infância da Escola Doméstica de Natal, tinha uma fadameadrinha: Dona Noilde. Os que viveram coisas como estas que agora conto nesta pequena página de doces e queridas lembranças infantis saberão como me sinto grato a ela. Ao carinho que ela me dispensou na fase mais bela da vida, e que jamais deixou de expressar, sempre que nos reencontramos, mesmo depois de adulto. Essa mulher e educadora admirável parece ter uma memória fantástica, pois jamais esquece aqueles que, em algum momento, passaram por suas mãos boas e operosas.

E sempre me impressionou o fato de passar o tempo e ela continuar a mesma. Foi minha Diretora, foi

de minhas irmãs, foi diretora de minha mãe. Dona Noilde continua do mesmo jeito. Dona Noilde é imortal, mas não só por sua obra e por sua importância para Natal, como são imortais os membros das academias de letras. Acho que Dona Noilde é imortal mesmo, fisicamente. Se não for, merece. Deus é quem sabe.

Certa vez, recém-empossado Procurador da República, compareci a uma solenidade militar, cheia de Almirantes, Generais e Brigadeiros. A função ainda não havia começado, mas lá estava Dona Noilde, mais empertigada e garbosa que qualquer um dos oficiais, no palanque de honra, para onde estavam me conduzindo. Ela me vê, sai da fila, vem me abraçar e diz, entusiasmada: “Meu filho! Que felicidade tive com sua aprovação! Que orgulho para a Escola, ver um ex-aluno nessa posição de destaque, na Procuradoria da República...”. Os homens de farda, quase todos de fora de Natal, conhecendo a Escola por sua fama de instituição de ensino feminino, mandaram-me terríveis olhares de esguelha.

Espero que pelo menos algum deles esteja lendo este texto. Vai perceber o mal-entendido. De todo modo, não importa. Eu tenho orgulho de ter sido aluno da Escola Doméstica de Natal. E de ter estudado sob a direção dessa fada de amor e dedicação, dessa figura imortal que é Dona Noilde, a quem mando, por estas linhas, um beijo de carinho e reconhecimento.

“Dona Noilde é imortal, mas não só por sua obra e por sua importância para Natal, como são imortais os membros das academias de letras. Acho que Dona Noilde é imortal mesmo, fisicamente. Se não for, merece. Deus é quem sabe.”

Maria Margarida  
Texeira Cabral  
Morgantini \*

## SEIS DÉCADAS DE CONVIVÊNCIA

Ontem, vendo a gravação da entrevista de Noilde na TV Universitária, "Memória Viva", revivi, com muita saudade e felicidade, a trajetória de nossa convivência de 59 anos, aliás, 64 (5 de aluna e professora).

Ano letivo de 1945, 1º de março, eu e mais duas colegas concluintes da turma de 1944, Francisca Oliveira e Dinorá Dantas, iniciávamos com você uma nova e importante etapa em nossas vidas.

Conosco, outras professoras, dentre elas uma outra ex-aluna, Olga Simonetti, também professora interna, que prestou valiosa colaboração no início de sua direção. Ela, Olguinha, foi para mim uma espécie de guru, ensinando, orientando, ajudando. Era chamada pelo nosso grupo de enciclopédia, pois nenhuma consulta feita a ela ficava sem resposta.

Você, Noilde, que assumiu o cargo de Diretora interinamente, em pouco tempo tornou-se titular. Os seus novos comandados estavam vivenciando o nascer de uma nova Líder, que aos poucos ganharia espaço e reconhecimento, não só no âmbito estadual, mas no país.

É com muito orgulho que digo: acompanhei e participei de sua trajetória. Sou a testemunha mais antiga do seu crescimento e do dia-a-dia de seu trabalho.

Dr. Henrique fundou a Escola. Homens como o Dr. Varela Santiago, Dr. Manoel Varela de Albuquerque, Dr. Onofre Lopes, Prof. Antonio Fagundes e muitos outros, prestaram-lhe grandes serviços, mas VOCÊ a fez crescer.

Vi a Escola mudar de seu pequeno e querido Prédio da Ribeira e ser instalada na Bela e Grande Casa do Tirol.

---

\* Professora. Secretária Geral da Escola Doméstica de Natal.

Aqui, com mais espaço, você criou novos cursos, atualizou currículos e foi, também, engenheira, arquiteta e mestre de obra na construção da nova casa.

Acompanhei o seu sonho e testemunhei a realização dele - o Complexo Educacional Henrique Castriciano.

Quando de visita à Escola, as ex-alunas admiram sua jovialidade e disposição. Conheço o segredo: nunca deixou de sonhar, criar e realizar. No seu cotidiano não existe o impossível, existe sim, um novo objetivo.

Com o passar do tempo e com mais experiência, foi ganhando confiança e partiu para sonhos mais ousados.

A FARN é outro sonho realidade e a prova está no seu sucesso.

Segui o conselho de meu avô, Miguel Teixeira, que dizia: "Procure uma grande árvore que lhe dê boa sombra".

Você, a Escola e os amigos que aqui fiz são na minha vida esta Boa Sombra.

Nesta caminhada de seis décadas, confundo os sentimentos de admiração e respeito pela chefe competente, a amiga das horas alegres ou difíceis, ou uma das muitas irmãs eleitas no coração.

Os seus novos comandados estavam vivenciando o nascer de uma nova Líder, que aos poucos ganharia espaço e reconhecimento, não só no âmbito estadual, mas no país.

## Maria Conceição Pinto de Góes\*

### NOILDE RAMALHO

Uma personalidade pode dar a cara a uma instituição, a uma cidade, a uma época. Quase sempre está à frente do seu tempo.

Quando falamos nas mudanças ocorridas no bojo da modernização no Brasil, que marcaram todo o século XX, se o indicador for educação, dois nomes se destacam: Anísio Teixeira e Paulo Freire.

No final da década de 50, com a economia nordestina em crise, há um empobrecimento e uma crise social em marcha. Um paraibano, Celso Furtado, a pedido do Presidente da República, elabora e implementa o Projeto da Sudene, tornando-se uma referência na economia brasileira. Até hoje, quem fala em SUDENE fala em Celso Furtado.

Na segunda metade da década de 60, há uma efervescência cultural em todo mundo ocidental. Os jovens estão à frente e querem mudanças. Em Paris, Londres, Washington, Rio de Janeiro, ouve-se o grito: “É Proibido Proibir”. Um jovem poeta baiano, Caetano Veloso, levou a sua poesia e a sua coragem a dar o tom a seu tempo. Tropicália vira sinônimo de Caetano.

Na segunda metade do século XX, em Natal, várias figuras humanas se destacam em setores diversos, mas duas personalidades são ímpares: Djalma Maranhão e Noilde Ramalho.

O Prefeito Djalma Maranhão ligou seu nome às mudanças mais importantes na cidade de Natal.

Foi pioneiro na percepção e coragem em enfrentar a questão da erradicação do analfabetismo na teoria e na prática. Isso marca um tempo brasileiro.

Noilde Ramalho é uma bela mulher. Não abre mão da sua feminilidade, no vestir, no falar e em sua

---

\* Professora. Escritora.

sensibilidade. Assume a condição de educadora com afeto maternal formando várias gerações de mulheres.

Noilde Ramalho dá vida a uma grande instituição: a Escola Doméstica de Natal.

Esta instituição, por sua vez, dá nome à cidade e é motivo de orgulho de toda uma região.

A Escola Doméstica de Natal, sob a sua direção, não se amarrou em conservadorismo mascarado de tradição, ao contrário, acompanhou as mudanças exigidas por novos tempos. Sua expansão alcançou a educação fundamental, média e superior. A Escola criou as condições para que homens e mulheres, sem discriminações, possam obter uma formação plural condizente com o mercado de trabalho. E isso foi feito sem abrir mão de garantir a condição feminina.

Noilde Ramalho tem as marcas da beleza da cidade de Natal. Incorpora a alvura das dunas, a suavidade da brisa marinha, a fortaleza do Forte dos Reis Magos e a generosidade do povo humilde que habita essa cidade. É parte dela.

*Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 2004.*

Noilde Ramalho é uma bela mulher. Não abre mão da sua feminilidade, no vestir, no falar e em sua sensibilidade. Assume a condição de educadora com afeto maternal formando várias gerações de mulheres.

## TRÊS GERAÇÕES PELA ESCOLA

– Até para consertar uma janela na Escola Doméstica é preciso que você vá lá? – perguntou Idália, minha mãe.

– É. Vou levando o marceneiro e sei o que é preciso ser feito – respondeu meu pai, Flodoaldo.

Em casa, ele, professor de História, preparava as aulas da Escola e como secretário da Liga de Ensino, escrevia as atas das reuniões. O saber e o fazer na Escola eram tarefas suas, assumidas. Estas são algumas lembranças de menino. Foi a primeira geração.

Em 1950, minha namorada Conceição terminava o ginásio do Colégio das Neves e eu, atrevido como sempre, fui conversar com seu pai, Chico Ferreira. Disse-lhe:

– Quando terminar a Faculdade de Direito, vou casar com sua filha e constituir família. Aqui tem uma escola que ensina como ser dona de casa e criar filhos – é a Escola Doméstica.

O futuro sogro concordou. A integração de Conceição à Escola foi perfeita: em 53, quando terminou o curso, foi, imediatamente, contratada para ser professora. Ensinou dois anos. Casou em 1955. Aprendeu não só a criar filhos - descobriu a cidadania.

Em fins dos anos 50, voltei à Escola como seu professor de História. O enlevo durou seis meses. *Mas eis que chega a roda-viva / E carrega o destino pra lá* – como diz Chico Buarque. Conceição e eu fomos a segunda geração.

No dia 26 de maio de 1964, ao terminar minha aula na Faculdade de Filosofia, passei pela Escola Doméstica para recolher os três filhos que lá estudavam. De lá, fui à casa da sogra, onde me esperava a mulher com mais dois filhos, um deles no ventre. Da Rua Felipe Camarão à Joaquim Fabrício rodamos no velho

---

\* Professor. Jornalista. Escritor.

jipe sob a algazarra dos pequenos. Ao chegar em casa, fui preso pelo policial Veras, sob a acusação de subversão política. Clara Raissa, José Roberto e Moacyr são a terceira geração. Para Maria Idália e Leon já não haveria Escola Doméstica. Eram os tempos da diáspora.

Todo esse prólogo é para dizer que um testemunho meu sobre Noilde Ramalho é uma fala de quem é “de dentro” da Escola e não somente o olhar de um profissional da educação que vê, “de fora”, a instituição e sua Diretora.

Noilde é uma educadora de corpo inteiro. Lapidar essa pedra preciosa é descobrir o lavor de cada faceta. Educadora como administradora: ela recolheu os princípios da Escola e até hoje cumpre a tarefa com fidelidade. Educadora como planejadora: seus olhos acompanham o mundo em mudança, daí a expansão para as áreas fundamental, média e superior do ensino, agregando-as à Escola. Educadora como mestra: ela conhece e convive com cada professor e cada aluno, sabe quem é quem, o que faz e como faz, presença permanente no dia a dia da Escola. Educadora como executiva: ela sabe recrutar, formar, estimular e avaliar as equipes de trabalho. Educadora como política: ela sabe que o futuro se constrói aliando a tradição ainda válida à inovação necessária e, assim, equilibra as metas arrojadas com a defesa de um núcleo educacional onde continua presente o ensinar boas maneiras, civilidade social, etc. Educadora como ente de amor: como Paulo Freire, ela sabe que o ato docente não é só um ato político, mas, também, um gesto de amor – daí o grande coração de Noilde a presidir a Escola em todas as suas dimensões.

O poeta Henrique Castriciano é o grande inspirador da Escola e por ela passaram dezenas de notáveis mestres – mas, no curso do tempo, a instituição ganhou a cara de Noilde Ramalho, definitivamente.

*Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2004.*

Educadora como ente de amor: como Paulo Freire, ela sabe que o ato docente não é só um ato político, mas, também, um gesto de amor – daí o grande coração de Noilde a presidir a Escola em todas as suas dimensões.

## Dom Nivaldo Monte

Só na natureza o homem pode encontrar os elementos essenciais para atingir a sua perfeição. Ele não precisa de artificialismos baratos ou soluções complicadas para atingir seus objetivos.

Daí porque a Autenticidade é a virtude primordial em busca de sua realização existencial. A forma explicita o ser, mas ela não acrescenta coisa alguma à essência do ser. Os modismos e a técnica podem ser úteis, jamais necessários à grandeza do ser. O homem e a mulher para serem verdadeiro homem e verdadeira mulher não necessitam de adjetivos. Só a realidade é verdadeira. Se você me pergunta o que é a verdade, eu simplesmente lhe diria: a verdade é a realidade. Deus, quando ofereceu a Moisés, na sarça ardente, uma definição de si mesmo, para que ele pudesse levar aos judeus oprimidos do Egito, não encontrou outra melhor definição que a de dizer ao mensageiro: “aquele que é lhe envia ao povo de Israel”. A consciência de nossa identidade é que nos dá a posse de nossos valores essenciais.

Não é que neguemos os valores das formas, mas que estes valores não ultrapassem os limites de sua utilidade assumindo os foros de uma necessidade.

O maior elogio que podemos dar a alguém é dizer que este alguém é uma pessoa autêntica, para o qual a camuflagem da vaidade de adjetivos, muitas vezes ociosos de valores, não se fazem necessários à expressão de sua grandeza.

É sobre a ação destes pensamentos que olho a figura de Noilde, que soube representar bem o seu papel de mulher, sem artificialismos inúteis e camuflagens enganadoras, assumindo, antes de tudo, no terreno da educação, a operacionalidade que exige sua natureza de

---

\* Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal.

mulher autêntica, matizando sua natureza e sua existência com as formas de um trato fidalgo, fruto de uma inteligência poderosa e uma sensibilidade que a todos nos encanta e nos oferece segurança. Firme em suas atitudes, sem jamais perder a ternura feminina e o encanto pela vida e pela natureza que a cerca.

Deus nos criou para louvor de sua glória e cada um de nós se torna epifânia de Deus, na medida em que nos servimos da vida para revelar aos olhos do mundo a verdade, a beleza, a bondade do Criador.

Esta epifânia só se revela na medida em que elegemos o objetivo do pensamento de Deus. Ao me criar Ele me fez um Homem e não uma flor, uma águia, uma pérola. É, pois, sendo um homem, que eu revelo a grandeza de Deus. Para mim, a santidade não é outra coisa além de ser o que Deus quis que eu fosse. É sendo homem que eu darei glória a Deus.

Aí está porque para mim a grandeza dessa nossa irmã está na simplicidade de seu coração, na naturalidade de seus gestos e na autenticidade de sua natureza.

Noilde nunca me pareceu uma mulher artificial, cheia de modismos e afetações. Nisto podemos dizer que ela sempre foi uma mulher autêntica, e nesta autenticidade está a grandeza de sua personalidade.

*Natal, 02 de dezembro de 2003*

Firme em suas atitudes, sem jamais perder a ternura feminina e o encanto pela vida e pela natureza que a cerca.

Otomar Lopes  
Cardoso\*

## NOILDE RAMALHO E O SONHO DO POETA

Ex-aluna que, aos 15 anos de idade, sua mãe a enviou para estudar na Escola Doméstica de Natal. Na convivência de estilo austero de educação, descobriu, desde cedo, sua vocação.

Diretora, com dinamismo próprio, imprimiu permanente jovialidade à Escola Doméstica de Natal. Fiel protetora, com desvelo, guardou anos de idéias e lembranças, tornando a Escola Doméstica de Natal órgão vivo do pensamento de Henrique Castriciano. Estimulou e gerou riquezas de espírito, imortalizando gerações que por aqui passaram e passam ainda hoje, e que desempenham missões com traços desse “sonho de poeta”.

Nesta homenagem à Professora Noilde Ramalho, demonstra-se que ao se falar em Escola Doméstica de Natal também será lembrado o que fez aqui a ex-aluna, a professora, a Diretora Noilde Ramalho, sua imagem, sua história.

*Rio de janeiro, 22 de dezembro de 2003*

Diretora, com  
dinamismo próprio,  
imprimiu permanente  
jovialidade à Escola  
Doméstica de Natal.

---

\* Professor (aposentado). Escritor.

## A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO AMOR

Pablo  
Capistrano\*

Quando eu comecei a lecionar na Escola Doméstica imediatamente percebi a força da presença de Dona Noilde Ramalho. Era como se, em cada pedaço daquela escola, um fragmento da alma desta mulher estivesse registrado. Era como se, em cada detalhe, em cada ato, passo ou discurso, um pouco da voz, dos gestos e do toque de Dona Noilde estivesse presente, marcando o compasso da sinfonia diária daquela instituição quase secular.

Imediatamente eu me fiz um grande questionamento: “como alguém consegue preencher, de forma tão intensa, a vida de uma instituição de ensino como aquela?”.

Não foi preciso muito tempo para que eu conseguisse entender a natureza daquela união. Não foi necessária muita metafísica para que eu pudesse perceber o que unia, de forma tão íntima, a vida da professora Noilde Ramalho à história daquela escola, fundada sob o ideário do doutor Henrique Castriciano, uma das mentes mais brilhantes que nosso estado já produziu. Não precisou de muito esforço para sentir, reverberando em meu espírito, a chave daquela questão inquietante.

Os gregos antigos apresentavam o amor sob diversas formas. Eles falavam do *Eros*, o amor físico, que unia as espécies e produzia a vida. Falavam do *pathos*, da paixão que perturbava os espíritos e devastava as almas frágeis num furor incontido e num desejo louco de permanência e fusão entre o amante e o objeto amado. Falavam da *filia* que ligavam os filósofos à sabedoria, que unia os amigos na semelhança dos espíritos e na afinidade das idéias. Eles falavam desses amores e falavam

---

\* Professor. Escritor.

também de um amor sublime, um amor divino. O *ágape*, descrito com intensa poesia na carta de Paulo aos Coríntios. Um amor que envolve o sacrifício, a entrega, a abnegação. Um amor que implica o esvaziar-se de si. O abandonar-se de si mesmo, o despojar-se de si mesmo para dar lugar à eternidade. Esse amor divino é o amor que se basta a si mesmo, que se dá sem a ansiedade do retorno, sem a aflição da correspondência. É o amor que, na acepção do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, “ama amar o outro”.

Esse é um amor de leveza insustentável. Que não se contém num único espírito, que transborda e contamina o ambiente. Que constrói a história.

Só havia uma única resposta possível para se entender a força da presença de Dona Noilde Ramalho em todos os espaços físicos e mentais daquela escola: o amor.

Um amor que levou esta mulher, dotada de uma força de caráter notável e de uma presença marcante, a dedicar sua vida ao projeto pensado por Henrique Castriciano. Que a levou a fazer daquela escola seu lar e de todas as garotas que ali passaram a extensão espiritual das filhas que ela, biologicamente, não teve. Um amor que implica a entrega e a doação de si. Um amor que, no esvaziar-se de si mesmo, transborda e contamina.

Muitas são as pistas que nos fazem compreender a natureza do legado de Dona Noilde. Elas estão dadas no seu exemplo de vida. Se nós, como membros do corpo docente da Escola Doméstica de Natal, do Henrique Castriciano e da FARN, tivermos o cuidado de prestar atenção nessas pistas, vamos encontrar, ali, todos os sinais, todas as indicações, todos os ensinamentos, todas as ferramentas, para fazer com que o projeto de Henrique Castriciano siga em frente e atravesse o século que vem, forte e revigorado.

O amor, às vezes é um peso de insustentável leveza. Um peso que é até difícil de carregar, especialmente para aquele que ama. Que, em alguns momentos, pode mesmo destroçar o espírito daqueles que o sentem. Mas, quando se aprende a amar o próprio amor, quando se aprende a estar feliz com aquilo que se faz, o amor se torna um instrumento poderoso de libertação e lança, sem pudor algum, o amante no caminho da eternidade.

Esse é um amor de leveza insustentável. Que não se contém num único espírito, que transborda e contamina o ambiente. Que constrói a história.

Raimundo  
Nonato Fernandes\*

## UMA ESCOLA PADRÃO E SUA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

O ensino médio, no Rio Grande do Norte, viu-se enriquecido, desde longa data, com um modelo pedagógico que, à formação escolar, reservada ao sexo feminino, associa a educação doméstica, preparando donas de casa para todos os afazeres de um lar conjugal. Trata-se, como é notório, da Escola Doméstica de Natal, de há muito conhecida em todo o País.

É sabido que essa instituição chegou até nós por iniciativa de ilustre e saudoso conterrâneo, o escritor e poeta HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA, inspirado em modalidade análoga que, em viagem à Europa, no ano de 1910, conheceu na cidade de Friburgo, Suíça, ou seja, a “Ecole Ménagère”.

O primeiro passo foi a criação, em 1911, da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, entidade de natureza privada cujo primeiro Presidente foi o Desembargador do Tribunal de Apelação FRANCISCO SALES MEIRA E SÁ, com a colaboração de membros do magistério estadual e outros profissionais e o apoio do Governo. A organização da Escola ocorreu em 1º de setembro de 1914, instalando-se ela em prédio próprio na Praça Augusto Severo, esquina com a Rua Sul, na Ribeira.

As duas primeiras Diretoras – Hélène Bondoc e Jane Negulesco – vieram da Romênia, seguindo-se outras cinco procedentes dos Estados Unidos, Alemanha, Holanda e França (Leora James, Alexandra Schmielpfeig, Edwige Schuller, Isabel Baird e Sérive, respectivamente). As demais foram nossas conterrâneas Caetana de Brito Guerra (D. Santa), Alix Ramalho Pessoa, Amélia Bezerra Filha e, a partir de 1945, a atual Diretora Noilde Pessoa.

---

\* Professor (aposentado). Advogado. Escritor. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Não apenas pela novidade do ensino doméstico, de que é pioneira no Brasil, mas essencialmente pela eficiência e qualidade do seu trabalho educacional, a instituição atraiu o interesse de famílias de outros Estados, que para ali, mandaram suas filhas. E, antes que a cidade viesse a ter restaurantes de boa qualidade, confiava-lhe o Governo do Estado a organização de banquetes nas recepções oficiais a visitantes ilustres.

Esses visitantes deixaram registradas, em livro a esse fim destinado por sua Direção, impressões altamente elogiosas, que documentam o prestígio do estabelecimento em todas as fases de sua já longa existência. Isso ocorreu com maior intensidade durante a 2ª Grande Guerra, quando Natal sediou contingentes militares brasileiros e norte-americanos.

Em março de 1953, a Escola se instalou na atual sede da Av. Hermes da Fonseca, nº 789, no bairro do Tirol, construída na gestão da atual Diretora. A esta se devem, ainda, importantes melhorias de ordem material e a ampliação das áreas de ensino nas condições atualmente existentes. Das primeiras destacam-se:

a) a anexação, por doação do Governo Estadual, do terreno que servira de sede ao antigo Esquadrão de Cavalaria da Polícia Militar, até o limite com a Rua João Lindolfo, ao Sul;

b) a construção de um segundo pavimento no edifício-sede, onde se acha instalado um amplo e confortável auditório; do edifício do Colégio Henrique Castriano, em atividade a partir de 1988; de um ginásio e uma piscina para competições esportivas; das instalações destinadas à Faculdade Natalense para Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, inaugurada em 22 de fevereiro de 1999.

No campo do ensino, a realização mais importante da atual Diretora, com o beneplácito da Liga, foi sem dúvida a criação da FARN e do Colégio. A

primeira, sob a direção do Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, seu organizador, oferece presentemente os cursos de Administração, Administração com Habilitação em Marketing, Ciências Contábeis, Direito, Bacharelado em Sistemas de Informação e Licenciatura em Computação, contando com amplas instalações, uma boa biblioteca e apreciável contingente de alunos.

O Colégio Henrique Castriciano, que ministra os níveis de ensino integrantes da educação básica, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com uma experiência amadurecida em 15 anos de funcionamento, goza igualmente do melhor conceito pela qualidade do corpo docente, de suas instalações e dos recursos técnicos utilizáveis em aulas práticas.

O que se vem expor demonstra que, sem embargo dos bons serviços prestados pelas anteriores dirigentes, merece destaque especial a gestão da Professora Noilde Ramalho Pessoa, seja pela surpreendente jornada de 58 anos, com integral dedicação aos interesses da Escola, seja porque, mantendo sua tradição de excelência, enriqueceu-a sobremaneira nos planos patrimonial e educacional.

Em março de 1953, a Escola se instalou na atual sede da Av.

Hermes da Fonseca, nº 789, no bairro do Tirol, construída na gestão da atual Diretora. A esta se devem, ainda, importantes melhorias de ordem material e a ampliação das áreas de ensino nas condições atualmente existentes.

**NOILDE RAMALHO:  
A MAIS INFLUENTE MULHER DO RIO  
GRANDE DO NORTE NO NOSSO TEMPO**

Nunca mais aparecerá na história da educação uma mulher que reúna tantas qualidades. A persistência a fez começar a vida de educadora muito cedo, influenciando pelo menos quatro gerações. Chicuta, Hilma, Patrícia e Ana Paula. A Vocação fez dela a paciente educadora que cuidou de alunas: inteligentes e tolas, ricas e pobres, bonitas e feias, boas e más, comunicativas e introspectivas, participativas e as que diziam: "Tô nem aí". E todas receberam dela o carinho, a amizade, a compreensão, a cultura e a educação. Todas levaram dela, para suas vidas, a lembrança da austeridade fraterna, da severidade carinhosa e da exigência compreensiva.

D. Noilde elogia, homenageia e patrocina tudo que acha bom, bonito e útil. Dos mais simples trabalhos de aula das alunas que descobrem as letras, as palavras, as frases, as artes, a comunicação, até os mais importantes lançamentos de livros que fizeram a história do RN. Tudo de bom, de bonito e de útil foi estimulado e prestigiado por ela.

Serão necessárias muitas gerações para que seja apreciada a grandeza do que ela construiu até agora. Sua luminosidade espalha-se por todos que a conhecem. Ela prestigia e faz com que tudo que planeja se torne uma boa realidade. Tudo que ela faz dá certo. As pessoas que ama terminam se amando entre si. Assim gosta de todos e todos terminam gostando dela também.

A habilidade e os propósitos sempre grandiosos fizeram-na ter um crescimento retilíneo e constante.

---

\* Médico. Escritor. Artista Plástico.

Nunca sofreu oscilações decorrentes das transformações políticas. Ao contrário, a política sempre se nutriu nos ideais de Dona Noilde Ramalho. Ela sempre iluminou as sombras, afastou as ervas nocivas e abriu os melhores caminhos deixando a caminhada mais fresca e leve para todos.

Na caminhada que ela faz diariamente na Avenida Afonso Pena deve levar na sua companhia lembranças, saudades, alegrias, doces tristezas e principalmente a certeza de estar fazendo o melhor para que todos realizem os seus mais impossíveis e gloriosos sonhos. E quantos sonhos se realizaram nas muitas gerações de moças que passaram pela Escola Doméstica de Natal?

A generosidade é uma das mais marcantes qualidades de D. Noilde. Só procura para si o essencial para uma vida digna. Nunca lutou pela própria riqueza. Para os outros, ao contrário, procurou os melhores espaços para o aprendizado, os mais agradáveis lugares para o crescimento, os mais imponentes ambientes para o desenvolvimento dos esportes, das artes e da vida em sociedade. Contribui assim para que a mulher ocupe hoje o lugar de liberdade, atuação, criatividade, cultura e igualdade que ocupa.

Dona Noilde ouviu discursos, recebeu homenagens de muitas e muitas gerações. Quando a Escola Doméstica ainda situava-se na Ribeira, na Praça Augusto Severo, ela ouviu o discurso de uma oradora de turma na conclusão do curso. Essa aluna dizia ao terminar o discurso que: “Precisamos enfrentar as incompreensões, as críticas e receber com humildade os aplausos para que as ações delas emanadas atravessem o futuro”. Dona Noilde ouvia as orientações que ela mesma ensinara. E esta aluna, que se tornaria depois grande amiga e colega de missão, chamava-se Chicuta Nolasco Fernandes.

Muitos anos depois, Dona Noilde ouviu o discurso de outra oradora de turma também homenageando o seu incansável trabalho. Era a filha de Dona Chicuta, Hilma Femandes Serejo, que também se formava na Escola Doméstica e estava nessa segunda geração dizendo: “Caras concluintes: Para esta escola voltarão suas filhas e como eu, muito mais tarde, vocês experimentarão essa emoção que agora experimento, revivendo esse dia, numa dimensão diferente, numa perspectiva mais humana, porém tão sentimental, tão emotiva que lhes farão avaliar melhor o tempo que passou e não volta. E dizer como Olegário Mariano:

“Como o presente é bom! Como é triste o passado! E que gosto de mel tem o gosto da vida!”.

E muitos anos mais tarde ela ouviu o discurso de Patrícia Serejo da Costa, filha de Hilma (neta de Chicuta) e também oradora de turma que dizia no seu discurso: “aprendemos aqui a enfrentar os pequenos, médios e grandes desafios da vida...”

Depois dessas três gerações da minha família, já estamos com Ana Paula da Costa, bisneta de Dona Chicuta; isso representa a quarta geração de uma história gloriosa da Escola Doméstica e da ação educadora perene de Dona Noilde.

Virão depois muitas e incontáveis gerações que estarão homenageando o trabalho de Dona Noilde, a mulher que mais influenciou o RN no nosso tempo. Ela está fazendo voar cada vez mais alto, e num vôo cada vez mais harmonioso, o pássaro que Henrique Castriciano liberou do ninho para cumprir essa grandiosa missão de educar.

Ela sabe atrair para si as pessoas adequadas aos seus ideais. Por isso sempre contou com a melhor equipe de professores e orientadores educacionais. Da mesma forma, sempre se sentiu atraída pelas pessoas

que comungam com ela os melhores propósitos.

Dona Noilde não busca o aplauso, nem sequer o reconhecimento, busca educar. Apenas o faz pela alegria e emoção de fazer a coisa certa. Constrói pela grandeza de construir a coisa útil. Idealiza para ver a idéia grandiosa se tornar realidade, enobrecendo a vida de todos.

“Ela prestigia e faz com que tudo que planeja se torne uma boa realidade. Tudo que ela faz dá certo. As pessoas que ama terminam se amando entre si. Assim gosta de todos e todos terminam gostando dela também.”

## NOILDE RAMALHO: ASPECTO DE UMA PERSONALIDADE ILUSTRE

Noilde Pessoa Ramalho é uma daquelas personalidades a quem Bertoldt Brecht classificaria como indispensável, pois se enquadra, perfeitamente, entre aquelas que lutam com afinco em todos os momentos de sua profícua existência em prol da causa que abraçou. E essas pessoas, o grande poeta e dramaturgo alemão chamou-as definitivamente de “imprescindíveis”.

Nascida em Nova Cruz/RN, veio no início de sua juventude – juventude essa que conserva, em muitos aspectos, até hoje – para Natal, com a finalidade de estudar na recém-criada Escola Doméstica. Essa escola especial e peculiar era, e ainda é, única no cenário educacional brasileiro.

A Escola Doméstica de Natal, fundada por Henrique Castriciano, meu ilustre conterrâneo macaibense, mas cidadão do mundo, surgiu no cenário cultural do Rio Grande do Norte como obra de um intelectual superiormente dotado, culto, de elevadíssima inteligência, de sentimentos altruísticos, viajado e realizado como homem público e educador. Acometido na juventude pela tuberculose, buscou tratamento médico na Suíça e em outros centros médicos europeus. Sua temporada nos sanatórios da Suíça e sua passagem pela Bélgica, revigorou-o e restabeleceu-lhe, em grande parte, a saúde.

Voltou da Europa entusiasmado com as inovações na área da educação e encantado com a idéia de uma Escola Doméstica para Natal. Aqui chegando, tratou de aplicar, na prática, os conhecimentos trazidos da Europa. Funda a Liga de Ensino que é, até hoje, a entidade mantenedora da Escola Doméstica,

---

\* Escritor. Jornalista. Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

o educandário padrão e modelar da mulher brasileira, especialmente da mulher potiguar. Nesta hercúlea tarefa foi assessorado por outros pioneiros, entre os quais cumpre destacar o nome do Dr. Varela Santiago.

Foi nessa Escola destinada à formação integral do caráter e da personalidade dos educadores voltados para a administração de lares, que a futura professora e depois Diretora Noilde Ramalho ingressou para nunca mais de lá sair. Estudou todo o seu curso no antigo prédio da Ribeira, na Praça Augusto Severo, ao lado do prédio onde tempos depois funcionou a Faculdade de Direito, local onde cursei e concluí o meu curso jurídico.

Em 1945, assumiu a professora Noilde Ramalho a Direção Geral do já famoso estabelecimento, pelo qual passou a trabalhar com redobrado afincamento. Foi sob sua égide que se desenvolveram as reformas indispensáveis para que a Escola Doméstica atualizasse sua grade curricular, nos moldes das reformas educacionais que estavam sendo implementadas no país pelo Ministério da Educação e Cultura, MEC, e assim se equiparasse ao ensino regular. Mas a Diretora Noilde Ramalho jamais deixou de zelar para que os ideais, os princípios e as características diferenciadas da já tradicional Escola Doméstica fossem mantidos. Promoveu as reformas exigidas pela legislação, mas sem “desfigurar” as características da educação voltada para o lar e para a família.

Foi também o trabalho e a competência da Professora Noilde Ramalho, auxiliada por homens, mulheres e governantes de visão que tornaram possível a transferência da Liga de Ensino, da Escola Doméstica, para suas atuais instalações na Avenida Hermes da Fonseca. Nessas novas instalações iniciaram-se os trabalhos de educação primária, com o Henrique Castriciano, e de educação superior, com a FARN, Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do

Promoveu as reformas exigidas pela legislação, mas sem “desfigurar” as características da educação voltada para o lar e para a família.

Norte. O seu trabalho, a sua competência e a sua perseverança fizeram com que a instituição crescesse, sendo, atualmente, um complexo de ensino que oferece da educação infantil à superior.

Pelos seus relevantes serviços prestados à Educação, a professora Noilde Ramalho merecidamente recebeu medalhas, comendas, distinção e títulos honoríficos relacionados com educação e cultura nas esferas municipal, estadual e nacional. A Professora Noilde Ramalho é um exemplo de vida e de trabalho. Raramente se encontra uma família no Rio Grande do Norte que não tenha se beneficiado do seu magnífico trabalho educacional, formando gerações e gerações de estudantes que mais tarde se destacaram nos mais variados campos e nas diferentes atividades humanas, sem prejuízo de sua formação básica - a educação doméstica para a administração do lar e da família.

Em minha própria casa, minha querida irmã Nidia encheu o nosso lar de alegria ao concluir o curso da Escola Doméstica. E os benefícios de seu trabalho educacional não se restringem ao nosso Estado, pois a cada ano mais e mais alunas, de outros Estados, principalmente da Região Nordeste, vêm buscar a cultura, o saber e a solidez do ensino e da educação oferecida pela Escola Doméstica de Natal, sob a competente direção da Professora Noilde Ramalho.

Por tudo isso, e por muito mais que o espaço não me permite registrar aqui, a realização de seu trabalho ímpar a colocou entre as mais destacadas mulheres que figuram nas páginas douradas da História do Rio Grande do Norte e do nosso País, pela sua cultura, pela sua inteligência, pela sua alegria, pela sua solidariedade e pela nobreza de caráter.

Vingt-un Rosado\*  
e  
América Rosado\*\*

## A ESCOLA DOMÉSTICA E NOILDE

Aos quinze anos de idade Noilde ingressou na Escola Doméstica, que ela iria comandar por mais de meio século, numa verdadeira saga de heroísmo.

Em 1945 assumiu a direção da Escola.

Hoje, o poema de Castriciano se abriga no teto da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, Faculdade superiormente dirigida por Daladier da Cunha Lima, de uma dinastia de reitores, nascido como Noilde, na valorosa cidade de Nova Cruz.

Competência, devotamento total, carinho para cada ser humano que habita o mundo de Castriciano, funcionários, estudantes, professores, eis algumas das vertentes que compõem o reinado desta singular personalidade, Noilde Pessoa Ramalho, na ótica dos autores, a maior mulher do Rio Grande do Norte, depois de Nízia Floresta.

**Obs.:** Os autores, Vingt-un Rosado e América Rosado, elaboraram um precioso trabalho, sob o título “Castriciano, Noilde e a Escola Doméstica”, publicado pela Coleção Mossoroense, que compreende 23 páginas. O texto acima é a página final desse trabalho.

Competência,  
devotamento total,  
carinho para cada ser  
humano que habita o  
mundo de Castriciano.

---

\* Escritor. Professor (aposentado). Editor da Coleção Mossoroense. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

\*\* Escritora.

## Wilma Maria de Faria\*

A Professora Noilde Ramalho é uma mulher reconhecidamente vocacionada para o pioneirismo. Uma mulher que fez história em nosso Estado por seu exemplo de dedicação à nobre tarefa de educar. A vida de Noilde Ramalho é a própria vida da Escola Doméstica e uma devoção comovente aos ensinamentos do mestre Henrique Castriciano.

Pela Escola Doméstica de Natal passaram gerações e gerações de mulheres que se destacaram na vida social, política e educacional do Rio Grande do Norte. Noilde Ramalho faz da tradição um estilo e da expansão uma marca. Mantém fielmente os preceitos que norteiam a Escola Doméstica desde a sua criação e absorve a modernidade como instrumento para fazer mais pelas novas gerações de norte-rio-grandenses.

Com a firmeza típica das mulheres, Noilde Ramalho conserva um padrão de qualidade no ensino que se tornou referência em todo o país. Jovens de diversas regiões procuram a Escola Doméstica para adquirir os seus conhecimentos se inserindo num modelo tão particular quanto vitorioso.

É inegável o sentimento de gratidão e respeito dedicados à grande educadora potiguar, por todas as alunas e ex-alunas da Escola Doméstica. Pessoas que ali passaram e que guardaram no coração toda a experiência vivida. São ex-alunas orgulhosas, que transferiram esse sentimento para as suas filhas e netas.

Associo-me a toda a comunidade da Escola Doméstica, da Escola Henrique Castriciano (mais um avanço tocado pelas mãos de Noilde Ramalho) e da FARN, instituição de ensino superior, na homenagem a uma mulher empreendedora, dinâmica e corajosa.

Saudar Noilde Ramalho é cumprimentar a todas nós, mulheres do Rio Grande do Norte.

“É inegável o sentimento de gratidão e respeito dedicados à grande educadora potiguar, por todas as alunas e ex-alunas da Escola Doméstica.”

---

\* Professora. Atual Governadora do Rio Grande do Norte. Ex-Deputada Federal. Ex-Prefeita de Natal.

Yêdda Moura  
Carvalho\*

## NOILDE RAMALHO

Falar sobre Noilde. O quanto já foi dito! Noilde Ramalho, eterna Diretora da ED, homenageada, reconhecida, exaltada em palavras justas e inexcedíveis.

O que dizer, senão recordar. Teria páginas a escrever, estórias e histórias a relatar. Porém tudo chegaria a um só denominador: a história de Noilde significa dignidade, doação, tenacidade e sobretudo muito amor e dedicação.

1947. Chegava à Escola Doméstica depois de seis anos em um colégio religioso de hábitos rígidos e portas fechadas. Deparava-me aos 16 anos com duas escolhas fundamentais ao meu destino: permanecer no mesmo estabelecimento ou procurar um horizonte novo, uma proposta diferente, enfim, uma mudança radical, a começar pelo fato de passar o dia inteiro fora de casa.

Tinha um conhecimento superficial do que era a Escola Doméstica. As informações eram pouco esclarecedoras. Mesmo assim, a opção foi decidida e numa bela manhã de março chego ao lugar que consideraria por toda a minha vida, um paraíso bem especial - A Escola Doméstica.

Da Diretora, recém-nomeada, conhecia apenas o nome: Noilde Ramalho. Nem tinha idéia de que se tratava de uma jovem professora a quem o Dr. Varela Santiago confiara a direção de uma escola dita leiga e vista com algum preconceito por uma minoria (?) numa cidade simples e pacata.

A Escola Doméstica, velha, tinha uma arquitetura simples e funcional. Situava-se na Ribeira, e mais parecia uma grande chácara com pessoas simpáticas e roupas coloridas.

---

\* Ex-aluna e ex-Professora da Escola Doméstica.

Ao entrar, deparava-nos com um longo corredor e logo, na 1ª sala à esquerda, ficava o gabinete da Diretora. Percorríamos este corredor na ponta dos pés, pois lá estava a alta cúpula da Escola: Diretoria, Secretaria, a temida sala Meira e Sá, e já no final, a linda escadaria de madeira que conduzia aos dormitórios de professoras e internas. Acesso interdito às semi-internas.

Por conta do respeito que Noilde nos impunha, imaginávamos que tinha mais idade, quando muitas de suas alunas, na época, eram suas contemporâneas.

Ao longo de minha trajetória pessoal jamais afastei-me da Escola. Os meus anos de glória (e foram poucos, considerando a intensidade com que foram vividos) passei-os na Escola. Era boa aluna, pianista nos bailes dos domingos no refeitório, presidente do grêmio, porta-bandeira, comandante de pelotão, etc.

Em contrapartida, em algumas disciplinas, meu desempenho era sofrível: Tricô, Costura, Cozinha Artística, Leitaria, aí vai... Noilde, antes como agora, sabia tudo sobre todas as alunas; acompanhava meus sucessos e insucessos com uma certa indiferença, porém com a perspicácia e a atenção de costume.

Desfiles, procissões, reuniões no Instituto Histórico, lá estávamos nós, alunas da ED, sob a supervisão heróica de Noilde, que nos acompanhava subindo e descendo as lendárias ladeiras da Ribeira.

Apesar dos percalços de agulha e fogão, considerava a Escola um céu aberto e por isto entendo tão bem a frase de Noilde: “Escola Doméstica, religião de minha vida.”

Pertenci ao tempo em que nós, alunas, visitávamos os alicerces do prédio atual, cuja construção teve como co-participante na engenharia e arquitetura a incansável Diretora.

Passeávamos distraídas, como diz a canção,

pisando não os astros, mas os sonhos e as sementes do templo educacional representado hoje por todo o complexo ED/Henrique Castriciano e FARN.

Acompanhamos e vimos emergir o ideal de estar perto do céu, do mar e das dunas. Somos testemunhas da obra que marcará indelevelmente a tenacidade da sempre jovem Diretora que conheci há 59 anos – Noilde Ramalho.

Tempo de vida no qual havia o prazer de ter sido aluna, de ser ex-aluna, ex-professora, ex-presidente da Associação de ex-alunas, sempre contando no meu caminho, com a amizade disciplinada de Noilde, com o apoio em momentos difíceis, a solidariedade e o ombro querido no qual já derramei tantas lágrimas.

*A Noilde, a minha gratidão  
e o meu afeto.*

“Noilde, antes como  
agora, sabia tudo sobre  
todas as alunas;  
acompanhava meus  
sucessos e insucessos  
com uma certa  
indiferença, porém  
com a perspicácia e a  
atenção de costume.”



Capítulo  
**XIX**



Textos, Fotografias e  
Documentos Relevantes

Convidado pelo Dr. Daladier Pessoa Cunha Lima, Diretor Geral da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do RN (FARN) para participar desta obra em homenagem à Professora Noilde Ramalho, resolvemos fazer uma abordagem sintética, porém, sociológica sobre a mulher brasileira, desde a colonização até os dias atuais. A nossa dissertação compreende os seguintes aspectos:

- 1 – A situação familiar e jurídica da mulher;
- 2 – Seu acesso ao sistema educacional;
- 3 – Sua inserção no mercado de trabalho;
- 4 – A conquista da cidadania política.

## 1- A MULHER NA SOCIEDADE COLONIAL-PATRIARCAL

Uma vez descoberto o Brasil em 1500, os colonizadores portugueses transpuseram inevitavelmente para o território brasileiro as suas instituições políticas, religiosas, econômicas, sociais e culturais. Eles implantaram aqui uma sociedade latifundiária, patriarcal, escravocrata e socialmente híbrida. O patriarcado brasileiro foi uma transposição do patriarcado medieval, no qual, o chefe da família decidia soberanamente tudo sobre a vida e a morte da sua esposa e dos seus filhos. Por outro lado, o caráter híbrido da nossa sociedade originou-se da miscigenação do colonizador português com as índias e as mulheres africanas. O sociólogo Gilberto Freyre analisou com proficiência esta dimensão da nossa sociedade (FREYRE, 1989, p.5).

De maneira bastante assemelhada, reproduziu-se no seio da família da classe dominante a dialética do senhor e do escravo. As Ordenações Filipinas asseguravam ao patriarca o respaldo jurídico para ele

## Em homenagem à Professora Noilde Ramalho

A Mulher na Sociedade  
Brasileira: da Submissão  
à Emancipação

*Itamar de Souza*<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Itamar de Souza é Mestre em Sociologia pela USP, Bacharel em Filosofia, Professor Universitário e escritor.

agir legalmente sobre os seus subordinados. Ele podia surrar a esposa, assassiná-la impunemente em caso de adultério ou, então, quando a convivência no lar se tornasse insuportável, enclausurá-la num convento. Em regra, a mulher casada da classe dominante era o elemento belo, porém, fraco, intelectualmente inferior ao homem, submisso, recluso ao lar e juridicamente tutelado. Salvo raras exceções, a mulher passava o seu tempo cuidando dos filhos, costurando, bordando, cozinhando, dando ordens aos criados e desasnando os filhos (quando ela sabia ler) e instruindo-os nos rudimentos da religião católica.

Entre a soberania do marido-senhor e a submissão da esposa-procriadora, desempenhava papel importantíssimo o frade confessor. Ele tinha o privilégio de penetrar nos arcanos da casa-grande, onde ouvia as lamúrias, as frustrações e tentava amenizar as dores e os sofrimentos das esposas e das filhas solteiras, que viviam sob rígido controle senhorial. O sociólogo Gilberto Freyre atribuiu ao confessor o papel de psicanalista (FREYRE, 1951, p. 254).

A mulher solteira era educada nos mesmos padrões da sua genitora para ser uma esposa fiel e obediente ao marido. Eram proibidas de namorar, e o casamento delas era um arranjo estratégico realizado pelos pais, visando à ascensão social e econômica da família. A idade núbil, para as moças, variava entre 11 e 15 anos; para os homens, oscilava entre 40 e 50 anos. Assim, um número incalculável de mulheres-quase-crianças passava do domínio paterno para viver, até o fim da vida, sob a autoridade do senhor-marido.

## 2 – DA TUTELA À EMANCIPAÇÃO JURÍDICA

Na sociedade colonial brasileira, as relações sociais foram regulamentadas por sucessivos estatutos jurídicos, sendo as Ordenações Filipinas, célebres pela sua rigidez, as mais duradouras, pois vigoraram do século XVII até 1830. Nestas Ordenações, observa o jurista Júlio Fabbrini Mirabete “o crime era confundido com o pecado e com a ofensa moral” (MIRABETE, 2003, p. 42-43). O marido tinha o direito de surrar e de matar impunemente a esposa adúltera, “salvo se o marido for peão e o adúltero fidalgo ou nosso desembargador” (LARA, Org., 1999, p. 151). Esse direito bárbaro só desapareceu da legislação brasileira com a promulgação do Código Civil Brasileiro de 1916. O referido Código Civil tutelou fortemente a mulher casada, nos artigos 242 e 251, ao estabelecer que, sem o consentimento do marido, ela não podia exercer fora do lar uma profissão, alienar bens, ser tutora, litigar em juízo e outros atos jurídicos.

O processo de destutelação jurídica da mulher casada brasileira teve o seu ponto de partida em 1962, quando o Presidente da República, João Goulart, sancionou a Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962, mais conhecida por Estatuto da Mulher Casada. A Constituição Federal de 1988 avançou nesta mesma direção. O Novo Código Civil Brasileiro, que entrou em vigor em janeiro de 2002, completou o processo de destutelação da mulher casada ao estabelecer igualdade jurídica entre os sexos.

### 3 – A EDUCAÇÃO DA MULHER

No período colonial (séc. XVI-XVIII), a mulher brasileira era quase totalmente analfabeta. Os Padres Jesuítas, que foram os primeiros educadores do Brasil, vieram para cá com a incumbência de educar somente “os meninos” (LEITE, 1938, p. 6). As meninas indígenas e as de famílias pobres foram excluídas da educação. As poucas mulheres da classe dominante que aprenderam os rudimentos da leitura e da escrita tiveram como mestres os capelães dos engenhos ou os tios-padres que tinham acesso à casa-grande.

Durante o período imperial, somente após a Independência (1822) é que o Estado brasileiro preocupou-se em organizar um sistema educacional público. O primeiro passo foi a Lei Geral do Ensino, de 1827, que determinou a criação de “escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos, escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas”... (SANTOS, 1957, p. 494). O resultado prático foi pouco animador, pois era enorme a falta de professores. Então, para suprir essa deficiência, a Regência Trina baixou o Ato Adicional de 1834, que descentralizou a educação e mandou criar Escolas Normais em cada Província do Brasil. A partir de então, as mulheres começaram, de maneira progressiva, a conquistar e seu espaço no magistério público do Brasil.

A Constituição Republicana de 1891 estabeleceu a separação jurídica entre a Igreja Católica e o Estado. Além disso, proibiu que os padres se elegessem para o Parlamento. Diante deste impasse, a Igreja voltou-se para a educação, instalando, entre 1890 e 1930, cerca de 276 Escolas Primárias e Secundárias. Destes educandários, 50,36% cuidavam da educação feminina (MOURA, 2000, p. 251). Foi, nesse contexto histórico, que surgiu a Escola Doméstica de Natal, em 1914. A partir de

1944, ao assumir a direção deste educandário, a Professora Noilde Ramalho engajou-se no processo de emancipação da mulher através da educação.

Somente após a II Guerra Mundial, por razões do processo de desenvolvimento, os governos Federal e Estadual cuidaram com mais interesse da educação pública em todos os níveis.

No tocante ao Ensino Superior, as mulheres só vieram ter acesso no século XIX, graças ao Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, que permitiu o ingresso das mulheres nos cursos superiores. Antes dessa data, a mulher brasileira que quisesse conquistar um diploma universitário tinha que ir estudar no estrangeiro. Apesar dessa abertura legal, a presença feminina nas universidades brasileiras foi muito reduzida até 1970. Da década de 1980 para o ano 2000, o número de mulheres universitárias cresceu aceleradamente. Verdade é que, em 2000, elas representavam 56,13% do total de universitários brasileiros.

#### 4 – A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Para as mulheres das classes populares, trabalhar fora de casa nunca foi problema. Mas, para as da classe dominante, as barreiras e os preconceitos eram enormes. Para estas mulheres, o trabalho fora de casa era visto como um desvio moral, ou como se diz na linguagem tradicional da moral católica, uma “ocasião próxima de pecado”.

À semelhança do que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, o desenvolvimento econômico urbano-industrial do Brasil destruiu paulatinamente as barreiras sociais contra o trabalho das mulheres fora de casa. Verdade é que o censo demográfico de 2000 registrou um contingente de 31 milhões de mulheres no mercado de trabalho, isto é, 40% do total dos

trabalhadores. É claro que, para ter acesso aos cargos de direção e de comando, as mulheres tiveram que investir na sua escolaridade.

Indo ao encontro das aspirações de igualdade no mercado de trabalho, defendida pelas feministas de todo mundo junto à ONU, o Presidente João Goulart baixou o Decreto nº 52.476, de 12 de setembro de 1963, que assegurou às mulheres o direito de ocupar todos os postos públicos e de exercer todas as funções públicas, sem nenhuma restrição. (BUENO, 1972, p. 223). Por sua vez, o Presidente da República, Arthur da Costa e Silva, baixou a Lei nº 5.473, de 10 de julho de 1968, eliminando todas as discriminações contra as mulheres no provimento dos cargos públicos. Por isso, vemos hoje, no Brasil, mulheres nas Forças Armadas, no Itamaraty, mulheres Juízas, Desembargadores, Procuradoras e etc...

## 5 – A CONQUISTA DA CIDADANIA POLÍTICA

A conquista da cidadania política, aqui entendida exclusivamente como o direito de votar e ser votado, foi, no Brasil, um reflexo do que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, desde o final do século XIX até o início do século XX. O primeiro país do mundo ocidental a conceder à mulher a cidadania política foi, sem dúvida, a Nova Zelândia, em 1893. De 1901 a 1921, Áustria, Finlândia, Noruega, Dinamarca, Islândia, Austrália, Inglaterra, Irlanda, Holanda, Alemanha, Luxemburgo, Suécia, EUA e Canadá atenderam às reivindicações das feministas, dando às mulheres o direito de votar e serem votadas (SINEAU in DUBY; PERROT, 1995, v. 5, p. 553)

Sintonizadas com o feminismo do Velho Mundo, as feministas brasileiras mobilizaram as suas energias para conquistas semelhantes no Brasil. Encontraram

no Deputado Federal, Dr. Juvenal Lamartine de Faria, um importante aliado. Verdade é que, em 1927, o referido deputado potiguar conseguiu que o Governador do Estado do Rio Grande do Norte, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, incluísse nas disposições Gerais da nova Lei Eleitoral do Estado o direito da mulher potiguar votar e ser votada. Esta novidade política concretizou-se através da Lei nº 660, de 25 de outubro de 1927.

Em âmbito nacional, o Dr. Getúlio Vargas, então Chefe do Governo Provisório, concedeu à mulher brasileira a tão almejada cidadania política, inserida no Código Eleitoral de 1932. Estavam, assim, atendidas as reivindicações das feministas brasileiras. Segundo pesquisa realizada pelo Prof. Walter Costa Porto, de 1950 até 1999, o povo brasileiro já elegeu 130 mulheres para a Câmara Federal.

O último passo dado neste assunto foi realizado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso ao baixar a Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997, que assegura 30% das vagas de cada partido ou coligação, nas eleições proporcionais, para a candidatura de mulheres. Ficou, deste modo, estabelecido o “sistema de cotas”, que vinha sendo reivindicado pelos feministas brasileiras.

## 6 – CONCLUSÃO

Ao longo desta explanação, vimos como foi difícil o caminho percorrido pelas mulheres brasileiras para, enfim, se emanciparem. A estrutura das instituições coloniais, transplantadas da Europa para o Brasil, plasmou comportamentos individuais e coletivos durante mais de três séculos. Mas, à medida que o Brasil foi se amoldando às idéias democráticas da Revolução Francesa e trilhando os caminhos do desenvolvimento capitalista, as estruturas sociais entraram num processo irreversível de mudanças. Do cadinho destas transformações emergiram uma nova concepção de sociedade, um novo conceito de ser humano, uma nova mentalidade jurídica, da qual a mulher foi uma grande beneficiária. Então, de pessoa incapaz de administrar os seus bens, ela, no século XX, passou a dirigir a própria sociedade, exercendo os mais elevados cargos da administração pública. Da categoria de analfabeta ou semi-alfabetizada, ela tornou-se doutora de universidade; de submissa ao marido e juridicamente tutelada, ela passou a ser a dona dos seus próprios atos. Por estas razões, inferimos que a emancipação que a mulher alcançou na sociedade ocidental e, sobretudo no Brasil, é, talvez, a mudança social mais profunda a que a humanidade assistiu no decorrer do século XX. No mundo ocidental, quase todas as portas lhe foram abertas e quase todas as barreiras foram eliminadas do seu caminho. Faltam-lhe, apenas, alguns aperfeiçoamentos para que o ideal de igualdade de direitos com os homens atinja a sua plenitude. Atualmente, a lei que impera é esta: *Omnia hominibus! Omnia mulieribus!* Tudo para os homens! Tudo para as mulheres!

PALAVRAS PRONUNCIADAS NA  
SOLENIIDADE DE ENTREGA DE  
CERTIFICADOS, QUANDO NOILDE  
RAMALHO FOI MADRINHA DE TURMA  
CONCLUINTE, EM MACAÍBA, RN, 2001.

Meus amigos:

Falasse eu, agora, a língua dos homens e até mesmo a dos anjos, de modo seco e impessoal, sem demonstrar amor e amizade por vocês, creiam-me, seria como o metal que soa ou o badalar de um sino que tine quando tocado.

E isto o que significaria para os seus corações? Certamente, apenas ficaria em suas mentes um som forte ou fraco que não lhes tocaria a alma.

Mas, se todos nós, nesta comunidade que os acolhe com carinho, lhes disséssemos que são parte de um forte elo que nos une pelo amor fraternal que lhes dispensamos, certamente vocês sentir-se-iam capazes de transpor montanhas em busca dos seus objetivos maiores.

O amor fraternal é benigno, não é invejoso e nem soberbo.

Eis a razão de estarmos aqui reunidos, comungando dos mesmos sentimentos e desejando que, com o passar dos anos, nesta vivência de paz, sejam no futuro homens íntegros e justos.

O mundo onde irão viver lhes preservará a fé e a esperança em dias de paz e luz; vocês vencerão porque terão dentro de si o maior dos bens, o amor.

*Shalon*

Macaíba, 15 de dezembro de 2001.

*Noilde Ramalho*

Crônica de Rachel  
de Queiroz,  
publicada no  
jornal "O Poti"

08 de janeiro  
de 1995

## NATAL, RIO GRANDE DO NORTE

Minha Fortaleza natal que me perdoe, mas Natal, R. G. do Norte, de onde estou chegando, está mesmo demais. Lindas como sempre, as praias abertas, a cidade a cavaleiros das dunas, debruçada sobre o mar – aquele imenso, verde mar do Nordeste, que só vai acabar na África.

Na orla, os modernos e funcionais hotéis de turismo apresentam apenas um andar a nível da rua; de lá desabam sobre a encosta terraços e piscinas, até atingirem a praia, embaixo. Outra sorte de Natal é que os altos edifícios que lá existem (e existem até demais queixam-se os natalenses) se dispersam pelos bairros, respeitam os centros históricos e as referências importantes, como a casa de Luís da Câmara Cascudo, pai e avô dos estudos folclóricos no Brasil; e também o famoso baobá gigante de origem perdida no tempo cujo dono é o ilustre reitor Diógenes da Cunha Lima.

Contudo, o ponto máximo de Natal é a sua arqui-famosa Escola Doméstica. Pelo nome parece um educandário especializado em assuntos de sala e cozinha, para a formação de donas-de-casa e mão-de-obra doméstica. Mas que engano. A Escola Doméstica de Natal, sob esse nome modesto, abriga uma academia da mulher moderna. E foi, a Escola Doméstica, o berço do que há de melhor no feminismo brasileiro, o são, o bonito, o que vai à luta e produz resultados. Fundou-a Henrique Castriciano, homem ilustre, poeta, teatrólogo, diplomata, que trouxe para Natal da Suíça, da Inglaterra, um grupo de professoras, técnicas de ensino, para criar uma escola de aperfeiçoamento da mulher, que fosse para além das tradicionais "prendas do lar". Castriciano queria levar as moças da sua terra, sem perda da feminilidade e da sua posição tradicional dentro da família; para horizontes

muito mais abertos. Se destinadas a ser mães, aprendessem puericultura e os elementos essenciais da pediatria; as professoras conhecessem os modernos métodos de ensino, além do bê-á-bá, a tabuada e a caligrafia. As donas-de-casa que não se limitassem aos segredos da doçaria caseira: entendessem da composição e balanceio dos alimentos; a música, a dança tinham o seu lugar; e, virtude maior, davam-se às alunas permanentes lições de brasilidade e cidadania. Quando, por todo o mundo além, a mulher era ainda considerada “objeto de cama e mesa” (na definição irônica de Heloneida Studart), as meninas da Escola Doméstica aprendiam a ser cidadãs. E por causa desses ensinamentos, que traziam para dentro dos lares a consciência cívica da mulher, foi o Rio Grande do Norte o primeiro Estado da Federação a instituir e praticar o voto feminino. Só mais tarde os outros Estados do Brasil nos deram o direito ao voto, naturalmente estimulados pelos adiantados potiguares.

Henrique Castriciano, inventor e criador da ED, era uma personalidade muito especial. Conheci-o numa viagem de navio Rio-Fortaleza, para mim, para ele Rio-Natal. Eu o sabia irmão de Auta de Sousa, a doce e famosa poeta de Horto, coletânea de versos românticos (prefaciados por Bilac) e morta de tuberculose aos vinte e poucos anos. Várias gerações de adolescentes decoravam e recitavam as rimas dolentes de Auta. No navio, Castriciano e eu ficamos amigos; ele mostrava paciência e carinho ante as minhas petulâncias juvenis, me contava coisas da Europa. E falava da Escola Doméstica, a menina dos seus olhos e motivo de inveja para todas nós, meninas do Nordeste, que estudávamos nos colégios de freiras, prisioneiras das “santas gaiolas”, como dizíamos. Nunca o esqueci; sábio, bondoso, partilhando com a gente a sua larga visão do mundo.

Esta semana, justamente, estou voltando de Natal, onde fui comemorar os 80 anos da ED, parainfando uma turma de mais de 90 formandas, lindo bando de moças que se aprestam para enfrentar os vestibulares próximos: querem ser médicas, engenheiras, cientistas – e o que mais apareça... Foi uma noite de alto nível, presidida pela “Diretora perpétua” da ED, dona Noilde Ramalho, aluna e sucessora de Castriciano já há 50 anos. Grande dama que se dedicou totalmente ao que é a obra e o amor de sua vida, cumprindo o ideal do mestre, cujas idéias soube ampliar e modernizar. Dona Noilde é uma espécie de ícone da população natalense. Os homens que se cuidem, pois que aquelas “meninas de Noilde” vão longe mesmo. É só esperar.



Noilde Ramalho entrega a Rachel de Queiroz a medalha Henrique Castriciano.



Foto 1  
Solenidade de  
colação de grau  
da FARN em  
2003.



Foto 2  
Na mesma famí-  
lia, quatro gera-  
ções de alunas da  
Escola Doméstica.



Foto 3  
Crianças da pré-  
escola com Noilde  
Ramalho e  
Margarida Cabral.

Foto 4  
A FARN e ED  
apoiaram o lança-  
mento do livro  
"Expansão do Rio  
Grande do Norte",  
do Prof. Otomar  
Lopes Cardoso.  
(2003).



Foto 5  
 Presidente  
 Fernando Henrique  
 Cardoso  
 recepcionado na  
 ED. Presenças do  
 Ministro Adib  
 Jatene, ex-Ministro  
 Aluizio Alves,  
 Governador  
 Garibaldi Alves  
 Filho e outros polí-  
 ticos do Estado.



Foto 6  
 Visita do Cardeal  
 Eugenio de Araujo  
 Sales à Escola  
 Doméstica (2003).

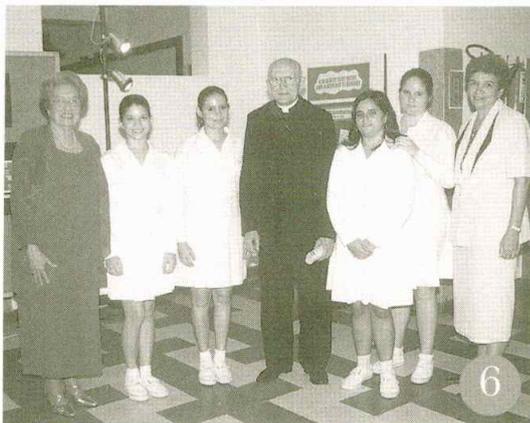


Foto 7  
 Vice-Presidente da  
 República,  
 Aureliano Chaves,  
 em visita à Escola  
 Doméstica,  
 acompanhado  
 pelo Governador  
 Tarcísio Maia.

Foto 8  
 A FARN  
 homenageia  
 Vingt-un Rosado:  
 Professor Elder  
 Heronides,  
 Almirante Júlio  
 Saboya, Noilde  
 Ramalho, Manoel  
 de Medeiros Brito,  
 Daladier Cunha  
 Lima e Vingt-un  
 Rosado.



A Diretora da Escola Doméstica enviou congratulações pelo regresso dos militares brasileiros que combateram na Segunda Guerra Mundial. O General Mascarenhas de Moraes agradeceu.

"Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1945.

Exma. Snra. D.<sup>a</sup> Noilde Ramalho:  
Acuso o recebimento do telegrama em que V. S., em nome da "Escola Doméstica de Natal", congratula-se pelo regresso ao Brasil da minha pessoa e dos nossos bravos patrícios que combateram nos campos da Itália.

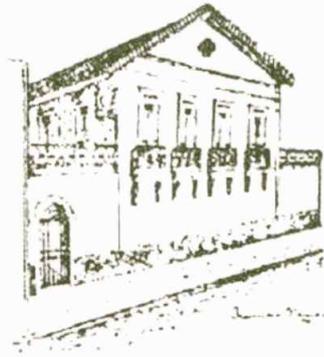
Com os meus melhores agradecimentos, envio a V. S. os mais sinceros votos pela sua ventura pessoal e crescente prosperidade da "Escola Doméstica de Natal".

(a) J. B. Mascarenhas de Moraes,  
Gen. Div.

## Agradecimento do General Mascarenhas de Moraes

# Mensagem de Luís da Câmara Cascudo

14-3-74



Rua Junqueira Aires, 377  
NATAL  
Rio G. do Norte-(Brasil)  
C. P. 59 000

Bem pode deduzir, minha querida NOILDE RAMALHO, quanto lamento estar ausente das comemorações votivas ao centenário de H. CASTRICIANO, fundador, animador, sonhador, o primeiro e seu permanente enamorado da ESCOLA DOMÉSTICA.

Foi a sua alegria única, derradeiro consolo, orgulho sereno. Registre essa irradiação mental do poeta no meu NOSSO AMIGO CASTRICIANO, 1965 pensando homenageá-lo reunindo dados biográficos e uma fiel e pequenina antologia de prosa e verde. Manuel Varella evoca-lo-á soberbamente.

Peço considerar-me invisível e presente na SALA HENRIQUE CASTRICIANO, atendendo sua visita e convite desvanecedores. Todas as congratulações pela data inesquecível para este seu votado e fiel admirador

Luís da Câmara Cascudo

Em 1952, Noilde Ramalho foi recebida em audiência pelo Ministro da Educação, Dr. Simões Filho, na qual a Diretora da Escola Doméstica de Natal apresentou pleito de ajuda financeira para completar a construção do novo prédio do estabelecimento, além da compra de mobiliário. A Diretora não havia levado ofício de solicitação e, para ajudá-la, o próprio Ministro minutou o documento, encaminhado, posteriormente, ao Professor Anísio Teixeira.

Minuta de ofício  
redigida pelo  
Ministro  
Simões Filho

ofício  
do Diretor da Escl. Doméstica de Natal  
do Prof. Anísio Teixeira,  
Documento submetido ao Insp.  
Gen. L.

A Escl. Doméstica de Natal, educan-  
do de largo cunho e tradicional, vem se esforçando  
que mantenha deus dos grandes deus, no  
momento especialmente necessário, do apoio e respeito  
dos órgãos que representam.

O Brasil é montado, embora  
primariamente visando <sup>primariamente</sup> a educação da  
mulher para a sua resolução inclui uma  
seu currículo normal <sup>matérias</sup> necessárias  
a fim de ser, alunos - concluintes professores  
de economia doméstica. A Direção da  
Escola aguarda a abertura dos trabalhos  
na Assembleia Legislativa Estadual a fim de  
solicitar a aprovação de uma lei que  
equipare, no aproveitamento para o ma-  
gisterio nas escolas estaduais, os alunos  
da Escl. Doméstica às <sup>escolas</sup> Normais.

Assim, Gen. L., <sup>está</sup> vem  
respeitosamente, <sup>segundo</sup> conforme solicitar o auxílio  
pel Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, de  
C. H. P. ... (Hans Muller de Cruz) para  
terminar de construção da Escl. Doméstica de

Artigo de Nilo  
Pereira, Notas  
Avulsas, publicado  
no jornal  
“Dois Pontos”

De 12 a 18 de  
março de 1988\*

NILO PEREIRA EXALTA  
A ESCOLA DOMÉSTICA

D. NOILDE

Em contacto com a Escola Doméstica de Natal - de cuja turma concluinte fui paraninfo este ano - pude sentir de perto o que representa para essa instituição a figura de sua Diretora, D. Noilde Ramalho.

Tenho pela Escola Doméstica de Natal uma velha admiração. Sei muito bem o que ela valia para o seu idealizador, Henrique Castriciano, que lhe deu tudo de si.

No meu discurso de paraninfo tentei reviver o nome do Dr. Henrique que enche a Escola de uma sonoridade especial. Tenho a impressão de que ele ali estava, visto através da névoa que envolve os mortos e nos traz de volta entes queridos e distantes.

D. Noilde Ramalho mostrou-se inexcedível em gentilezas para com o convidado e o meu filho Roberto, que me acompanhava. Sendo grande educadora, afirmava-se também como grande anfitriã, recebendo-nos com uma fidalguia que só os espíritos de eleição possuem.

O mesmo diga-se de Osório Dantas, presidente da Liga do Ensino, que fundou a Escola Doméstica e que, ao longo do tempo, desde 1911, é uma afirmação da capacidade de servir aos altos ideais da comunidade.

A atual Diretora da Escola Doméstica de Natal é inexcedível no cumprimento de sua tarefa. Dinâmica e inteligente, sabe perfeitamente conduzir a Escola para os seus altos desígnios. Isso é o que se pode verificar ao primeiro contacto com a notável instituição, que, ainda hoje, é única no Brasil.

Num mundo dilacerado pela falta de solidariedade, pela violência, pelo desamor, a Escola Doméstica de Natal chega a ser uma ilha ou um oásis em pleno deserto.

---

\* Pertencente ao Arquivo do Professor José Geraldo de Albuquerque.

Sinto-me bem em estar lá, mesmo por breves horas. É muito importante a missão de educar moças, numa hora desta, que é de perversão e de negação da própria dignidade humana. A Escola de D. Noilde Ramalho - como podemos muito bem chamá-la - realiza o milagre de formar a juventude nos mais elevados princípios, ao mesmo tempo que a prepara para o lar, que, ao sabor das idéias modernas, vai naufragando lentamente.

Já se disse que a Escola Doméstica de Natal é o mais belo poema de Henrique Castriciano. Mas é também a continuidade no tempo e no espaço do seu ideal de grande mestre.

*Transcrito do "Jornal do Comércio",  
de 24/12/87*



## O bom humor e o entusiasmo para o trabalho

Algumas estórias engraçadas permearam o dia-a-dia do convívio com Noilde Ramalho, especialmente relacionadas com um grupo de docentes da Escola Doméstica, que lá trabalhou nas décadas de 70 e 80 (algumas professoras ainda permanecem na Instituição). Desse grupo, faziam parte as Professoras: Gézia Cury, Ivani Paiva, Vera Macedo, Joana D'Arc de Lima, Salete Dantas, Zoraide Acioly, Naire dos Santos Paiva, Helena Hunka, Terezinha Fonseca, Ana Maria Freire Cunha Lima, Alucília Mendes Tavares, Sônia Câmara, "May" (Maria do Desterro Cavalcante) e o Professor Glauco Medeiros, dentre tantos outros. A seguir, são registrados alguns casos interessantes e pitorescos que foram extraídos do numeroso elenco de fatos e passagens que refletem a descontração e o bom humor no ambiente, que, por sua vez, serviam para energizar, cada vez mais, o entusiasmo pelo trabalho que todos possuíam.

### PADRES E BISPOS HOSPEDADOS NA ESCOLA DOMÉSTICA

Durante a visita do Papa João Paulo II a Natal, em 1991, a Escola Doméstica hospedou vários Padres e Bispos que vieram participar do grande evento católico que se realizava na cidade.

Noilde Ramalho, no afã de melhor receber tão ilustres e respeitados hóspedes, determinou que cada professora fosse responsável por um Padre ou Bispo, a fim de proporcionar-lhes apoio logístico durante a permanência em Natal. Muito ao seu estilo, porém, teve cuidado de usar a seguinte estratégia: para os hóspedes mais moços, foram escaladas as professoras mais velhas, de preferência as bem casadas, enquanto que, para os mais velhos, que era a maioria, foram designadas as professoras mais jovens, solteiras, as quais muito se divertiram quando pressentiram a estratégia da Diretora.

## O VESTIDO DE BOLAS VERMELHAS

Noilde Ramalho tinha um vestido de bolas vermelhas que as professoras relacionavam-no com o estado de humor da Diretora. Se ela, portanto, estivesse com esse vestido, usando sapatos pretos e com um chaveiro na mão, aí sim, ninguém facilitasse, pois os famosos “carões” eram iminentes, esperando somente o instante certo. Para se protegerem, como uma espécie de prevenção, as professoras alertavam umas às outras para rezarem a seguinte oração, fazendo o Sinal da Cruz:

*“Corpo aberto, coração ferido.  
O Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo  
Está entre nós e livra de todos perigos. Amém.”*

## O CRUCIFIXO DE FRANCI

Franci fazia parte das professoras que residiam na própria Escola, a fim de cuidarem das alunas internas. Essas professoras eram mais exigidas pela Diretora, que, vez por outra, aplicava-lhes um “carão”, quando detectava alguma infringência das rigorosas normas. Entretanto, Franci estava sempre a salvo dessas “pequenas” admoestações. Suas colegas verificaram que ela mantinha na parede do seu quarto um bonito Crucifixo, o qual deveria ser o seu infalível protetor. A Professora Salete, então, resolveu “roubar” o Crucifixo da amiga. Logo em seguida, foi chamada à sala de Noilde Ramalho, quando, por outro motivo, recebeu a maior reprimenda: “Deve ter sido castigo pelo roubo do Crucifixo”, pensou Salete.

## “INCERTAS” DA DIRETORA: A MESINHA DOS PÉS DE MAY

A professora May estava de plantão no internato da Escola Doméstica. No avançado da noite, já

cansada, sentou-se e colocou os pés em cima de uma mesinha de centro. Noilde Ramalho, que sempre exigiu das professoras uma irrepreensível conduta e postura exemplar, também sempre gostou de dar “incertas”, chegando de forma inesperada, para ter certeza de que tudo estava conforme suas recomendações. Nessa noite, ela surpreendeu a Professora de plantão em inadequada forma de repouso. May, entre acordada e dormindo, pensou que estava sonhando quando viu a Diretora entrar na sala, e ir à geladeira, somente acordando mesmo quando ouviu sua voz: “May, você permite eu colocar esse copo na mesinha dos seus pés?”

## PASTORIL, NA FESTA DA FAMÍLIA RAMALHO

Em 1998, Noilde reuniu boa parte de sua Família Ramalho. Para a casa sede da Fazenda Terra Nova, em Macaíba – RN, de propriedade da anfitriã, acorreram familiares vindos de várias cidades, principalmente do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Foi uma ótima oportunidade de reencontro, de abraços de confraternização e, até mesmo, de conhecimento recíproco, principalmente para os de pouca idade. O ponto alto das festividades foi um colorido Pastoril, no qual Noilde Ramalho era a Diana, dançando descontraidamente, divertindo-se bastante e alegrando a todos. Com sua fantasia azul e vermelha, ela comandou o espetáculo, tornando essa festa familiar em um momento de felicidade inolvidável.

A Professora Gézia, tocando acordeão, era a responsável pelo conjunto musical da festa. Um dos seus auxiliares, no final do pastoril, já tendo tomado “umas e outras”, dirigiu-se à Noilde, dizendo: “Eu nunca vi uma “coroa” tão animada e dançando tão bem quanto a senhora. Podia mesmo ir dançar na televisão”. Noilde riu muito, mas Gézia quase desmaiou.



A Diana e seu alegre pastoril da Família Ramalho.

## O FUSQUINHA DE DONA NOILDE

Noilde Ramalho, com a idade já acumulando algumas dezenas de anos, resolveu aprender a dirigir. Tomou logo a iniciativa de contratar uma Escola Especializada e de comprar um Fusquinha. É preciso reconhecer: nesse aprendizado, não obteve um bom desempenho. Na posição de motorista, ela sentava bem à frente, o corpo quase encostado à direção do veículo. Ao dar a saída, parecia que o carro estava “atolado”. O pobre do Fusquinha tinha que ser forte: andava em primeira por grande percurso, pois a motorista ou esquecia, ou não gostava de mudar de marcha. E ainda havia a complicação do salto alto, uma constante nos sapatos que ela usa.

Certo dia, Noilde perguntou à Professora Gézia: “Tem coragem de ir comigo, no Fusquinha, até a minha casa?” Gézia não titubeou: “Tenho, Dona Noilde; por que não?” De soslaio, olhou e viu que ela estava com sandália de plataforma, ficando mais tranqüila. Na ida, tudo bem, somente pequenos sustos. Na volta, quando o carro fez o retorno, que era quase em frente à Escola Doméstica, por pouco não se chocou com a cigarrreira da esquina. Noilde, sorrindo, perguntou: “Gézia, você teve medo?” Com a voz trêmula, ela respondeu: “Não, Dona Noilde, com a senhora eu vou até para Roma”.

Definitivamente, Noilde Ramalho nunca foi boa motorista. Uma vez, teve de parar o Fusquinha, pois estava chovendo e ela não sabia dirigir com o limpador de pára-brisas em funcionamento. Mas, é assim mesmo; afinal, ninguém é perfeito.

## É PROIBIDO FUMAR

A Sala dos Professores da Escola Doméstica sempre foi espaço de descontração, especialmente durante os lanches, nos intervalos de aulas. Algumas



regras, entretanto, deviam ser obedecidas, entre elas a proibição de fumar no recinto. Certo dia, durante o lanche, duas jovens professoras não resistiram ao apelo de fumantes inveteradas e encheram o ambiente de fumaça. Eis que, inesperadamente, chega a Professora Noilde Ramalho. Com sua tradicional diplomacia, foi logo dizendo: “Precisamos ver que fumaça é essa, e esse odor...” A Professora Helena Hunka queimou a mão, ao fechá-la tentando apagar o cigarro. De repente, o cheiro característico foi sendo substituído, pelo de pano queimado, pois a Professora Alucília quis apagar seu cigarro no bolso da blusa.

### **SIM! QUEM É?**

A Diretora Noilde Ramalho mantinha-se sempre atenta, no sentido de saber com quem estavam namorando as Professoras Internas, aquelas que cuidavam das alunas que residiam na Escola. Certa feita, Noilde atendeu a um telefonema de um namorado da professora Salete. No quadro reservado para se deixar mensagens destinadas aos professores, ela escreveu: “Salete: o senhor fulano ligou para você. Sim! quem é?” Daí por diante, o namorado da Professora Salete ficou conhecido pela alcunha de “Sim, quem é?”

### **ESCORREGAR PELO CORRIMÃO**

A Professora Helena Hunka nunca esqueceu a maneira como foi admoestada por Noilde Ramalho, durante uma de suas brincadeiras quando era, ainda, aluna da Escola Doméstica. No corrimão de uma das escadas da Escola, algumas alunas mais afoitas, conseguiam se equilibrar e nele descer escorregando de cima para baixo. Certo dia, quando algumas alunas se dirigiam para a escada, Helena, sempre muito saída, gritou: “A primeira do corrimão sou eu”; e lá se foi,

crente que estava “abafando”. Ao terminar a proeza, tropeçou em uma pessoa. Assustada, olhou para a Diretora, que lhe disse: “Muito bem Helena, bela descida. Vou mandar tirar todos esses degraus, pois eles não servem para nada”.

## O TAPETE DO *FLAMBOYANT*

Na área interna da Escola Doméstica existe um belíssimo *flamboyant*. Na época da floração, forma-se verdadeiro tapete vermelho no chão, embaixo da copa, pela queda das pétalas. A Professora Ninita, com a sua mania de limpeza, mandou retirar toda aquela cobertura floral. Ao notar a ausência do tapete do *flamboyant*, Noilde Ramalho não se conteve: “Ninita, como você fez uma coisa dessa? É inadmissível a destruição das belezas naturais; onde está a sua sensibilidade?” A pobre Ninita chorou de arrependida e procurou remediar a situação. Na ausência da Diretora, chamou Chico, funcionário da limpeza, e ordenou que ele, das janelas do pavimento superior, batesse com um barrote nos caules do *flamboyant*, na esperança de que novo tapete vermelho viesse a se formar. Além do insucesso da experiência, a tentativa de Ninita alimentou brincadeiras e gozações por parte das colegas.

## ACONTECIMENTOS DE VIAGENS

A Professora Sônia Câmara tem feito algumas viagens com Noilde Ramalho e relata certos acontecimentos reveladores da sua personalidade múltipla e rara:

- Sônia foi com Noilde e Denise Dantas para Nova Iorque, em julho de 2000. Noilde estava completando 80 anos e, como sempre faz, preferiu “fugir”. Num determinado dia, ela optou ficar repousando, pois sentia leves dores em um dos joelhos.

Ao regressarem do passeio, Sônia e Denise encontraram-na no saguão do Hotel, em animada conversa com vários jovens, de distintas nacionalidades, inclusive brasileiros. Depois, uma senhora do Paraná disse para Sônia: “Essa sua amiga parece ser uma mulher extraordinária, ela transmite isso”.

- Em viagem de cruzeiro realizada em grande navio, com passageiros de várias nacionalidades, Sônia, inesperadamente, encontrou Noilde comandando um grupo, em torno do piano, cantando e dançando alegremente várias músicas, entre as quais “Bandeira Branca”.

- Em Santiago de Compostela, de repente, Noilde transformou-se na mais animada foliã, dançando carnaval pelas ruas da cidade.

## HOMO-VIDENTIS-ITAPORANGUENSIS

Em 1982, Noilde Ramalho convidou alguns professores para irem à sua Fazenda Terra Nova, a fim de assistir ao jogo Brasil x Argentina, pela Copa do Mundo que se realizava na Espanha. Havia, naquela época, um grupo de professores que mantinham forte amizade, dentro e fora da Escola. Entre eles, a figura inesquecível de José Vieira, conhecido por “Homo Itaporanguensis”, pois sua cidade natal era Itaporanga-PB. Noilde recebeu todos com a sua fidalguia de sempre. Após o almoço, resolveram fazer um “bolo”, através de sorteio com os 22 jogadores que entrariam em campo, para ver quem ficaria com o nome do atleta que faria o primeiro gol. Vieira foi sorteado com Zico. Depois, fizeram outro “bolo”, sobre o placar final do jogo. O “Homo-Itaporanguensis” apostou em

Brasil 3 x 1 Argentina. Iniciado o jogo, o Brasil abre o escore, com um gol de Zico e, com isso, Zé Vieira embolsou o primeiro “bolo”. O jogo descamba para a violência, com Maradona, que estava ainda começando sua carreira, comandando a “apelação”. De repente, Vieira aponta para o televisor, como se estivesse falando com Maradona: “Da próxima vez você será expulso!” Dois minutos depois, o craque argentino comete uma falta desleal e, imediatamente, é expulso de campo. Todos brincam com Zé Vieira, o novo vidente, o professor dos poderes extra-sensoriais. Final do jogo, o placar apontava: Brasil 3 x Argentina 1. Vieira ganhou o outro “bolo” e novo apelido: “Homo Videntis Itaporanguensis”.

**NOTA:** Essa estória envolvendo o Professor José Vieira, que marcou época como Professor de Português da Escola Doméstica, e que, muito cedo, partiu para a eternidade, foi contada pelo ex-professor Glauco Medeiros. Com emoção, ele assim conclui: “Na ocasião, comentamos a recepção maravilhosa de Dona Noilde e fomos unânimes em concordar que ela era a arquiteta e a argamassa que fazia a união do grupo. Tenho certeza que todos que passaram pela Escola Doméstica, que tem Dona Noilde como Diretora e Margarida Cabral como Secretária, referendam as palavras que aqui deixo, repetindo Tiradentes:

*“Se dez vidas eu tivesse, dez vidas  
eu daria para retornar àquele tempo”.*

*Velhos tempos, velhos dias!  
Quanta saudade!*

## UM APARTAMENTO ONDE CABEM MUITOS PEZINHOS

Feliz, divertida, generosa, sensível e muito observadora. Tímida quando vai externar seus sentimentos por escrito, mas de um discurso de improviso belíssimo quando se ouve a voz do seu coração. Convidetes, cartas, flores e presentes fazem parte do seu dia-a-dia. Visitas de ex-alunas a contagiam de alegria. Cartinhas de alunos desenhadas e pintadas são guardadas com muito carinho. Aniversários de alunos, ex-alunos, formatura, casamento, velórios, missas, além das solenidades oficiais são prestigiadas com sua presença, pois faz questão de não faltar a nenhum.

Sua saúde é invejável, suas taxas estão sempre normais, o que desperta curiosidade em saber como consegue, já que participa de recepções quase diariamente, alimentando-se de tudo sem restrições, mas com moderação, apesar da idade (muitos aos 50 anos já estão em dieta absoluta). O respeito à fitoterapia também faz parte da sua personalidade. Contatos entre amigas e ex-alunas que simpatizam com a medicina natural, resultam em receitas e dicas, ou até mesmo os próprios produtos que são cuidadosamente investigados, usados e divulgados para os mais próximos. Muitas simpatias e unguentos naturais, além, claro, de sua fé, foram responsáveis pela cura da “erisipela”, que a castigou há três anos, durante dois meses, tempo que até os médicos ficaram boquiabertos pela sua recuperação. Seus saltos altos proibidos por alguns meses, voltaram com a mesma elegância e determinação. Ainda não se sabe o segredo, com certeza advindo da natureza, de sua pele sempre estar sedosa e descansada. Nunca fez cirurgia corretiva, apesar de não gostar das gordurinhas do pescoço. Suas pernas, não muito robustas, são sempre motivo para ela própria

censurar e rir. Seus cabelos arrumados (por Raquel há muitos anos), batom e um pouco de pó são seus únicos recursos para estar sempre bonita.

José Eduardo, meu filho, hoje com dez anos, quando tinha seis anos foi levar um presente de Natal em seu apartamento, na rua Seridó. Deixei-o com Viviane, sua amiguinha, no elevador rumo ao sétimo andar para fazerem a surpresa, já que era a primeira vez que iam em sua residência. Quando voltaram perguntei:

– Dudu, e aí? Vovó Noilde gostou dos brincos?

– Adorou.

– E você?

– Achei muito bonita a casa dela, mas muito cheia de coisas, mal cabia meu pezinho.

Atualmente, ela mora em outro endereço, bem mais amplo, e sempre conta a história de Dudu justificando o novo apartamento, “onde cabem muitos pezinhos”.

**NOTA:** Esse texto foi escrito por quem priva da amizade e conhece o cotidiano de Noilde Ramalho, a Jornalista Graciêma Maria da Costa Carneiro, Assessora de Imprensa do Complexo de Ensino



Noilde com Alix Ramalho e outras primas, sobrinhas e irmãs na inauguração do novo apartamento.



## DATAS E EVENTOS SIGNIFICATIVOS

<b>23/07/1911</b>	Criação e Fundação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.
<b>01/09/1914</b>	Fundação da Escola Doméstica de Natal.
<b>12/01/1915</b>	A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte adquire personalidade Jurídica.
<b>26/01/1915</b>	A Liga de Ensino é considerada de Utilidade Pública Estadual. (Decreto nº 34 do Governo do Estado - Lei 383 de 18/11/1915 da Assembléia Estadual).
<b>11/08/1915</b>	Fundação do Pavilhão de Puericultura.
<b>15/11/1919</b>	Diplomação da 1ª Turma de Donas de Casa, paranin-fada pelo Ministro Oliveira Lima.
<b>15/11/1921</b>	É criado o Hino da Despedida - Letra do Dr. Henrique Castriciano - Música do Maestro Luigi Maria Smido.
<b>12/09/1925</b>	Instalação do Grêmio Líteo Musical "Auta de Souza".
<b>15/04/1928</b>	Fundação do Jornal "O Lar" e tiragem de sua 1ª edição.
<b>26/09/1938</b>	A Liga de Ensino é registrada no Conselho Nacional do Serviço Social, conforme Processo 3.881/38.
<b>01/09/1945</b>	Instituição do "Dia da Ex-Aluna" da Escola Doméstica.
<b>10/12/1946</b>	Doação do terreno situado à Av. Hermes da Fonseca, 789, pelo Governo do Estado (Decreto-Lei 651), para construção e instalação da nova sede da Escola Doméstica.

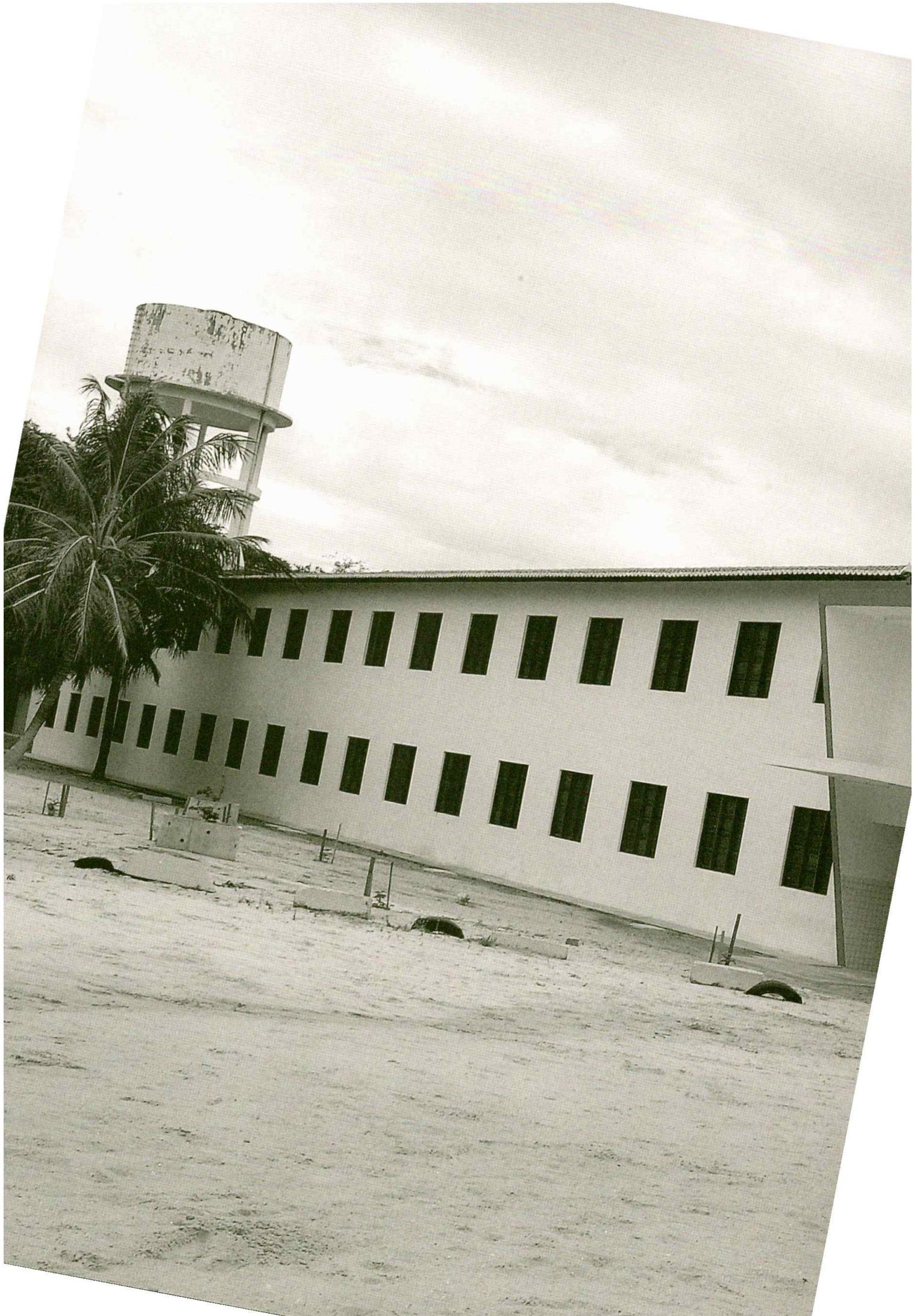
<b>03/12/1951</b>	Assinatura da Escritura de Venda ao IAPC da antiga sede da Escola Doméstica.
<b>01/03/1953</b>	Inauguração solene da nova sede da Escola Doméstica, na Av. Hermes da Fonseca, 789.
<b>01/03/1953</b>	Inauguração e hasteamento solene da primeira Bandeira da Escola - criação do Prof. Roderick Carneiro.
<b>23/12/1954</b>	Às portadoras de diploma ou certificado de conclusão do Curso Doméstico é permitida matrícula na 1ª série dos Cursos Técnicos Comerciais, Industriais e Agrícolas (Portaria Ministerial 983).
<b>12/10/1955</b>	Inauguração da nova sede do Pavilhão de Puericultura "Varela Santiago".
<b>01/03/1956</b>	Fundação do Departamento Pré-Primário, Escola Maternal e Jardim-de-Infância.
<b>01/09/1957</b>	Fundação da Associação de Ex-Alunas da Escola Doméstica.
<b>20/06/1959</b>	Convênio Firmado com a Universidade do Rio Grande do Norte, incluindo naquela Instituição a Escola como órgão Complementar.
<b>23/12/1960</b>	Pela Lei 2.803 o Governo do Estado equipara as diplomadas pela Escola Doméstica, quando no exercício do magistério Estadual, às diplomadas pela Escola Normal de Natal e pela Escola Normal de Mossoró, com os mesmos direitos e vantagens.
<b>23/05/1962</b>	Reconhecimento do Curso Doméstico no nível Ginasial e criação do Curso Doméstico de nível Colegial. (Proc. 200.537/62, publicado no D.O.U. 22/06/62).

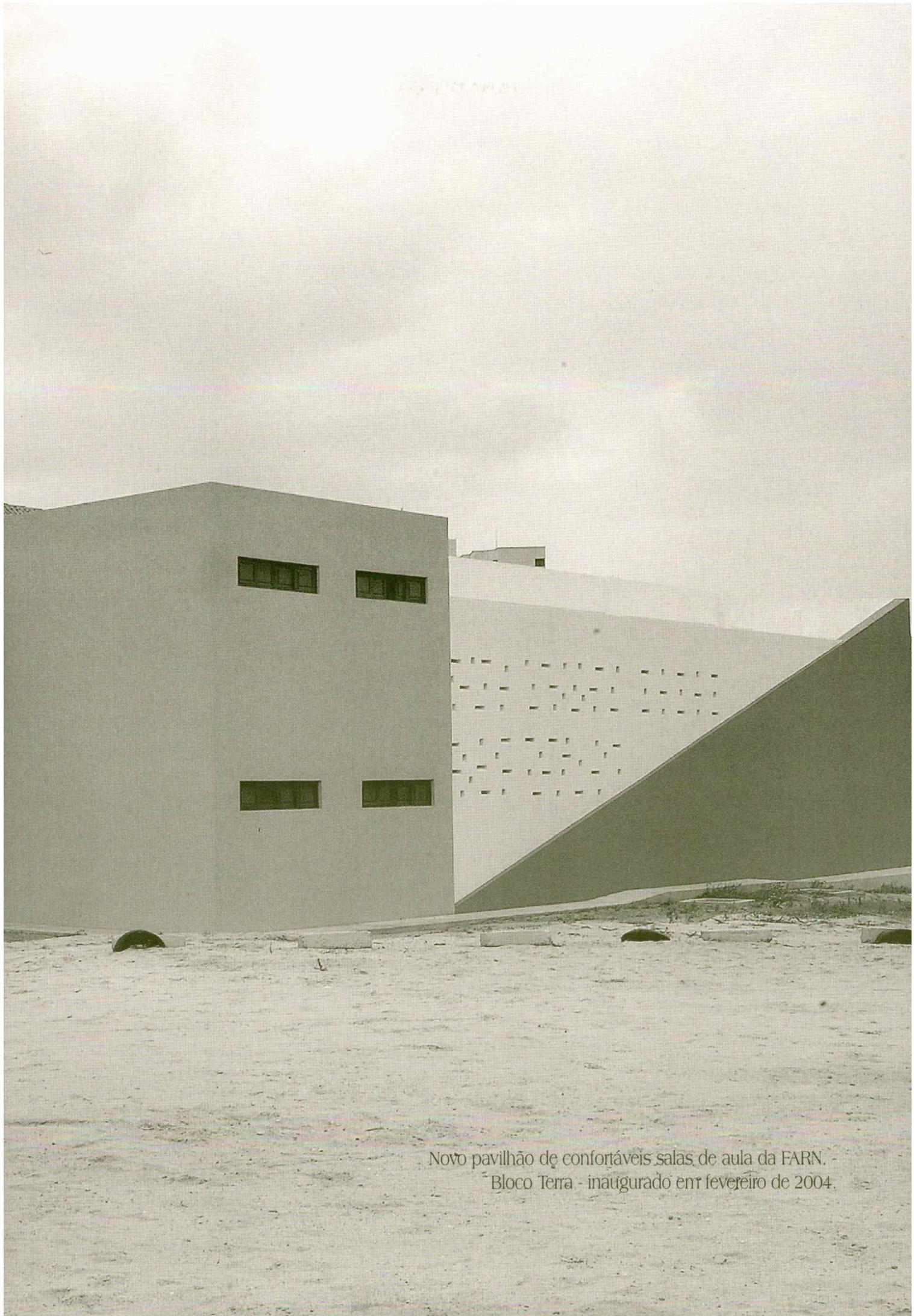
<b>01/09/1963</b>	Fundação do Jornal "O Lar da Ex-Aluna".
<b>24/12/1963</b>	A Escola Doméstica de Natal, pela inscrição 73, é registrada na Diretoria de Ensino Industrial (Portaria Coletiva do MEC. Publicada no D.O.U. de 24/12/63).
<b>01/09/1964</b>	Fundação do Jornal "O Lar Mirim", editado pelas alunas do 1º grau menor.
<b>01/09/1964</b>	Jubileu de Ouro da Escola Doméstica.
<b>01/03/1965</b>	Inauguração do Ginásio de Esportes "Noilde Ramalho" com 1.200m <sup>2</sup> de área coberta e capacidade para 3.000 pessoas sentadas.
<b>06/05/1967</b>	Inauguração do Prédio da Biblioteca Auta de Souza com acervo de cerca de 5.000 livros.
<b>16/09/1967</b>	Inauguração da Piscina Semi-Olímpica (25,00 x 12,5).
<b>16/09/1967</b>	Inauguração da Pista de Atletismo com 400m.
<b>13/11/1968</b>	A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte é considerada de Utilidade Pública Federal - Dec. 63.613/68, D.O.U. 13/11/68.
<b>01/06/1973</b>	Instituída pela Resolução 01/73 da Liga de Ensino o Diploma de Amigo da Escola Doméstica.
<b>15/03/1974</b>	Inauguração do Museu "Henrique Castriciano" com acervo de livros de alta importância, sendo alguns inéditos.
<b>13/12/1974</b>	Inauguração do Centro de Ciências "Juvenal Lamar-tine", com laboratórios de Química, Física e Biologia.

<b>01/09/1976</b>	Inauguração do Teatro Escola "Chicuta Nolasco Fernandes", com capacidade para 300 pessoas.
<b>20/05/1980</b>	Portaria de SEC/RN/515/80 reconhece os Cursos da Escola Doméstica de Natal, (D.O.E./RN 28/08/80).
<b>28/04/1984</b>	Inauguração do novo Pavilhão de Puericultura "Varela Santiago".
<b>01/09/1987</b>	Inauguração do Complexo Educacional Henrique Castriçano, Escola de 1º e 2º graus, para atender alunos de ambos os sexos.
<b>10/08/1989</b>	Instituída pela Resolução 01/89 da Liga de Ensino a medalha do Mérito Henrique Castriçano.
<b>01/09/1989</b>	Criação da Bandeira da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.
<b>01/09/1989</b>	Criação da Bandeira dos 75 anos de fundação da Escola Doméstica de Natal.
<b>01/09/1989</b>	Jubileu de Brilhante da Escola Doméstica.
<b>11/04/1992</b>	Inauguração do Ginásio da Integração, com capacidade para 6.000 pessoas, além do Centro Polivalente e do Campo de Futebol.
<b>15/06/1993</b>	Inauguração da Piscina Olímpica (50 metros).
<b>28/04/1997</b>	Criação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN, pela Resolução nº 01/97, do Conselho Diretor da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

- 28/04/1997** Designados, respectivamente, o Diretor Geral da FARN, Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, e a Diretora Geral Adjunta, Professora Ângela Maria Guerra Fonseca, pela Portaria nº 02/97, assinada pelo Presidente da Liga de Ensino.
- 
- 06 e 07/02/1999** Realização do primeiro Concurso Vestibular da FARN, para os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito e Sistemas de Informação.
- 
- 25/02/1999** Instalada, em Sessão Solene, a Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.
- 
- 04/10/2001** Inauguração do Centro de Convivência Clara Camarão, com 968m<sup>2</sup>.
- 
- 09 e 10/10/2001** Realização do 1º Congresso de Iniciação Científica da FARN.
- 
- Nov./2001** Criação da Revista da FARN.
- 
- 14/02/2002** Inaugurado o Pavilhão Marte, novo bloco com 11 salas de aula da FARN.
- 
- 02/05/2002** Instalação do Núcleo de Prática Jurídica "Djalma Marinho".
- 
- 14/01/2003** Criada a função de Chanceler da FARN, através da Resolução nº 01/2003 de 14/01/2003, do Conselho Diretor da Liga de Ensino.
- 
- 14/01/2003** Designada a Professora Noilde Ramalho para exercer a função de Chanceler da FARN, através da Portaria nº 01/2003 de 14/01/2003, assinada pelo Presidente da Liga de Ensino.

- 17/01/2003** Realização da solenidade de outorga do Grau Acadêmico aos primeiros concluintes dos Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Sistemas de Informação da FARN.
- 
- 15/01/2004** Realização da solenidade de outorga do Grau Acadêmico aos primeiros concluintes do Curso de Direito da FARN.
- 
- 15/01/2004** Conferido o primeiro título de Professor *Honoris Causa* da FARN, outorgado ao Professor Paulo Bonavides.
- 
- 10/02/2004** Inaugurado o Pavilhão Terra, novo bloco com 24 salas de aula da FARN.





Novo pavilhão de confortáveis salas de aula da FARN. -  
Bloco Terra - inaugurado em fevereiro de 2004.

## TERMO DE ABERTURA DO LIVRO DAS IMPRESSÕES

Servirá o presente livro para registro de impressões de pessoas que visitem a Escola Doméstica de Natal.

Contém 300 páginas typographicamente numeradas.

Secretaria da Escola, 2 de março de 1920

*Flodoaldo Celestino Goes*

### A PRIMEIRA “IMPRESSÃO”

*“Visitando hoje a Escola Domestica, estabelecimento de ensino ménagère creado neste Estado pela iniciativa de H. Castriciano, colhemos realmente do exame e inspecção em todos os seus departamentos a mais lisongeira impressão, não só quanto ao que diz respeito à sua organzição interna, como aos methodos educativos em uso, sob a alta capacidade dirigente da grande americana Miss Leora James e suas dignas auxiliares.”*

*Maria d’Assunção Regalado Costa*

*João Vicente da Costa*

*Christalino Costa*

*Alcindo Costa*

### PALMIRA DOS GUIMARÃES WANDERLEY

(1894-1978)

Poetisa e Escritora norte-rio-grandense, publicou crônicas, poemas, saudações e ensaios nos diversos jornais de Natal e de outras cidades (Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador). Recebeu vários prêmios literários, inclusive da Academia Brasileira de Letras.

#### **Mensagem:**

*“Levo da Escola Doméstica a mais agradável*

Algumas mensagens deixadas no "Livro das Impressões" por destacadas pessoas que visitaram a Escola Doméstica de Natal

*inspiração. Ella é bem digna da illustre directora que a dirige com intelligencia e elevação de idéias.”*

*Palmira Wanderley*

*Natal, 12 - 3 - 1921*

## WASHINGTON LUÍS (1869-1957)

Presidente da República de 1926 a 1930, quando foi deposto, a poucos dias de completar o mandato. Lema da sua administração: “Governar é abrir estradas”. Cumpriu exílio na Europa e nos Estados Unidos.

### **Mensagem:**

*“A Escola Domestica de Natal é um estabelecimento que abriga a admiração, impõe imitação e honra o Estado do Rio Grande do Norte.*

*Aqui deixo os meus applausos sinceros e os votos de prosperidade.”*

*Natal, 8 de agosto de 1926*

*Washington Luís*

## JUVENAL LAMARTINE DE FARIA (1874-1956)

Escritor, Político, exerceu os cargos de Governador do Rio Grande do Norte, Senador e Deputado Federal. Entre outras ações pioneiras, destacou-se: o apoio à aviação civil no Estado, o empenho para a efetivação do voto feminino e a luta no combate à lepra. Foi um dos grandes amigos da Escola Doméstica de Natal. Continuando o amor telúrico, seu filho, o notável escritor Oswaldo Lamartine de Faria, é considerado o maior estudioso dos sertões do Seridó.

### **Mensagem:**

*“Acabo de visitar a Escola Doméstica, que está em ótimas condições de e com um material pedagógico modesto mas em condições de bem servir*

*ao seu fim. No que diz respeito a importância da Escola Domestica como estabelecimento de educação, orgulho-me em reconhecer que não se encontra no Brasil, mesmo nos estados mais prósperos e que cuidam com carinho do problema do ensino, nenhum estabelecimento que se lhe possa comparar. A Liga de Ensino, dirigida com tanta elevação pelo desembargador Felippe Guerra, e a D. Maria Emiliania, Diretora actual da Escola Domestica, deixo aqui as minhas felicitações que são também as do Rio Grande do Norte.”*

*Natal, 29 de fevereiro de 1928*

*Juvenal Lamartine de Faria*

### CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO (1869-1959)

Almirante da Armada Portuguesa, Historiador, Matemático, Geógrafo e Aeronauta. Com Sacadura Cabral fez, de avião, a primeira travessia do Atlântico Sul. Em junho de 1931, esteve em Natal como passageiro do DO.X, famoso hidroavião que amerissou no rio Potengi.

#### **Mensagem:**

*“Encantado pelo método e boa ordem que notei nos serviços desta casa de educação e preparação de moças para a verdadeira vida de família.”*

*Em 1931 – junho – 12*

*Gago Coutinho*

*Passageiro do Avião DO.X*

### JUAREZ DO NASCIMENTO

### FERNANDES TÁVORA (1898-1975)

General do Exército, Líder Militar, participou, ativamente, de movimentos revolucionários. Foi candidato a Presidente da República nas eleições que deram a vitória a Juscelino Kubitscheck. Exerceu as

funções de Ministro de Estado, Deputado Federal e Diretor da Escola Superior de Guerra.

**Mensagem:**

*“Visitei a Escola Doméstica de Natal, e dessa visita levo a impressão de que é de um tal gênero de escola de que mais necessita o Brasil – porque ali não se aprende a ler ou escrever, mas, antes de tudo, a eficientemente viver.”*

*Major Juarez Távora*

*Natal, 4/3/32*

**PLÍNIO SALGADO (1895-1975)**

Escritor, Político, Jornalista, fundou e dirigiu a Ação Integralista Brasileira. Por mais de uma vez foi candidato à Presidência da República. Elegeu-se Deputado Federal em várias legislaturas.

**Mensagem:**

*“Estive hoje nesta Escola e a impressão que levo, como brasileiro, é de orgulho tanto no país como no Extrangeiro, não vi estabelecimento congêneres melhores. A ordem, o método, a execução, as condições estéticas e sanitárias, tudo revela o extremo cuidado e a preocupação de tornar este estabelecimento um verdadeiro formador da mulher patricia.”*

*Natal, 17 de agosto, 1933*

*Plínio Salgado*

**PEREGRINO JÚNIOR (1898-1983)**

Médico, Escritor, Jornalista, recebeu a saudação do Poeta Manuel Bandeira quando assumiu a Cadeira nº 18 da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em Natal-RN e, aos 22 anos, foi morar no Rio de Janeiro.

Desenvolveu intensa atividade intelectual e universitária, tendo sido Professor Catedrático da Faculdade Nacional de Medicina.

### **Mensagem:**

*“Visitando a Escola Doméstica de Natal, a minha impressão, como norte-rio-grandense e como brasileiro, é de orgulho e entusiasmo. O grande problema do Brasil é o problema da educação. A base deste problema fundamental da nacionalidade está nas mãos da mulher brasileira. E é o ensino doméstico – do qual esta escola foi precursora e é modelo – fazendo donas de casa e mães de Família, que pode tornar a mulher brasileira, pela cultura e pela inteligência capaz de resolver esse problema primacial do Brasil.”*

*Peregrino Júnior*

### **CARLOS LACERDA (1914-1977)**

Político, Jornalista, Escritor, era contundente no uso da palavra escrita e falada. Envolveu-se em episódios que foram cruciais para o país. Foi Deputado Federal e Governador da Guanabara. É considerado um dos maiores líderes políticos do Brasil no século XX.

### **Mensagem:**

*“Há muitos anos ouço falar desta Escola – e sempre bem. Mas não há como confrontar o que nos dizem com o que os nossos olhos vêem. Creio que de melhor nada se poderia dizer senão isto: tomara que este exemplo se espalhe por todo o Brasil!”*

*Natal, 20 agosto 51*

*Carlos Lacerda*

ERNANI DO AMARAL PEIXOTO  
JUSCELINO KUBITSCHEK  
ALZIRA VARGAS DO AMARAL PEIXOTO

**Mensagem:**

*“Lamento não ter podido permanecer mais tempo visitando esta Escola para conhecer maiores detalhes de seu funcionamento e os belos resultados que consegue em relação aos seus altos objetivos. O seu nome já transpôs as fronteiras do Brasil e espalhou-se pelo mundo como um dos estabelecimentos educacionais mais dignos de elogio.”*

*Natal, 20 – Novembro 1951*

*Ernani do Amaral Peixoto*

*Juscelino Kubitschek*

*Alzira Vargas do Amaral Peixoto*

ERNESTO SIMÕES FILHO (1886-1957)

Político baiano, exerceu o cargo de Ministro da Educação e Saúde, de 1951 a 1953, durante o Governo eleito de Getúlio Vargas. Jornalista e Escritor, fundou e dirigiu importante jornal da cidade de Salvador, “A Tarde”, ainda hoje em circulação.

**Mensagem:**

*“A Escola Doméstica, que ora visito, é uma dessas iniciativas que Deus abençoa. Aqui se ensina a ser útil e benfazeja à sociedade em seu ambiente admirável, em que se associam a educação e as inspirações angélicas da caridade. Não há louvores que bastem aos que criaram e mantêm esta instituição, que é a suma honra da civilização desta tão agradável e acolhedora cidade.”*

*Natal, 12 de março 1952*

*Simões Filho, Ministro da Educação e Saúde*

## GILBERTO FREYRE (1900-1987)

Escritor conhecido mundialmente, Sociólogo, Antropólogo, sua principal obra, “Casa-grande & senzala”, é considerada de fundamental importância para a interpretação da sociedade e da cultura brasileiras. Gilberto Freyre está entre os mais aplaudidos e premiados intelectuais do país, em todos os tempos.

### **Mensagem:**

*“Encantado com o que acabo de ver nesta Escola, que é uma honra para o Brasil inteiro e não apenas para o Rio Grande do Norte, deixo nestas palavras meu entusiasmo. Aqui está uma Escola que é no gênero inspiração, exemplo e estímulo para os brasileiros de outros Estados.”*

*Natal, 22 de agosto de 1954  
Gilberto Freyre*



## *Câmara dos Deputados*

Brasília, 8 de setembro de 1964.

Professora Noilde:

Se há neste País instituições que, por suas finalidades e alto padrão com que trabalham, honram o ensino e prestam relevantes serviços à Nação, a Escola Doméstica de Natal se inclui sem favor entre as primeiras.

Ben pode passar, portanto, a satisfação com que recebi o seu amável convite para o Jubileu de sua Escola. Tomei, logo, a firme deliberação de comparecer pessoalmente para participar de suas alegrias e fruir, eu próprio, do contentamento da população de Natal por tão auspiciosa efeméride.

Pela segunda vez, todavia, os meus fadões conspiraram contra minha vontade, pois inesperada doença em pessoa que me é muito cara não me permitiu ausentar-me desta cidade. Daqui, todavia, acompanhei as festividades e pedi a Deus pelo continuado êxito da Escola e pela felicidade de sua grande diretora.

Rogo, assim, aceitar, com minhas escusas, o testemunho de meu apreço.

Atento admirador,

  
Oliveira Brito

---

\* Oliveira Brito, destacado político baiano, foi Deputado Federal, Ministro da Educação e Ministro das Minas e Energia. Empenhou-se para a efetivação do reconhecimento dos cursos da Escola Doméstica.

CARTA DE ODILON RIBEIRO COUTINHO  
PARA NOILDE RAMALHO

*Odilon Ribeiro Coutinho*

Minha admirada amiga  
Prof<sup>a</sup> Noilde Ramalho:  
Recebi, com uma preleza a que  
nós vamos nos desabituando  
neste país, a cópia do dis-  
curso pronunciado pelo histo-  
riador Oliveira Lima como  
pararainfo da primeira tur-  
ma de moças, formada pela  
Escola Doméstica. Que ins-  
tituição admirável, a que a  
senhora dirige. É o que se  
pode chamar uma institui-  
ção bem fadada. Tive como  
inspirador Henrique Castri-  
ciano, como primeira diretora  
a senhorita Lopa James, como primei-  
ro pararainfo, a figura singular  
de Oliveira Lima, e agora, nesta

Odilon Ribeiro Coutinho

fase ascensional, que, para o bem do Rio Grande do Norte, vem-se desenvolvendo há várias décadas. Tem na senhora, não apenas a diretora, <sup>mas</sup> a fada-madrinha que, com seguro tino e lúcida visão, mantém o prestígio crescente dessa casa que o historiador pernambucano considerou, em seu discurso de parainfo, "a única escola deste gênero que possui o país..... e que o Brasil todo estará amanhã copiando."

Renovando o meu agradecimento, cumprimentos - a com admiração e respeito.

Odilon Ribeiro Coutinho

Paratyba, janeiro de 96.

## TIA NÓ

O amanhã é a interrogação  
do homem ao desconhecido.  
Um amanhã que em breve  
se tornará passado  
Deixando a saudade contida  
na recordação da vida adormecida.  
A lembrança de um olhar  
sereno, plácido, amigo  
A imagem de mulher que  
se confunde com minha mãe.  
A fortaleza de amor  
que me abriga, trazendo-me a certeza  
de vencer o tempo, de sorrir,  
de sentir a vida numa cantiga.  
A cascata mansa, límpida,  
que me acalenta, que me guia  
a procura da fé, do mundo  
do futuro e do dia-a-dia.  
A esperança de um rosto meigo  
de um sorriso luminoso, cálido, querido  
O retrato da Tia Nó  
que me acalenta, que me guia  
a procura da fé, do mundo  
do futuro e do dia-a-dia.  
A esperança de um rosto meigo  
de um sorriso luminoso, cálido, querido  
O retrato da Tia Nó  
que levarei comigo.  
Houve um dia em que aqui cheguei  
de uma partida... angustiada, ferida  
Vim à procura do horizonte  
do saber, do pensamento.  
Foi a senhora que me animou

Poema dedicado  
à Diretora da  
Escola Doméstica,  
em 1975, pela  
aluna Carmen  
Verônica

tirou-me a lágrima insistente da face  
Venceu-me o bloco orvalhado de silêncio  
deu-me calor.

No amanhã  
quando minhas mãos se enrugarem  
Sentar-me-ei na ilusão da vida  
nas passagens multicoloridas  
dos sonhos meus.

Lembrar-me-ei desta casa branca – Esco-  
la antiga  
dos meus jardins, do luar  
daquele bosque que encanta  
dos eucaliptos, do campo, do mar ...  
Levarei a imagem sua – eterna vida  
Recordarei as horas infindas  
de noites mal dormidas  
que lhe fiz passar.  
Sentirei, vibrando eterno,  
o amor desta Mãe querida  
Tia Nó – Mãe minha  
Mãe da Escola – Mãe e amiga.

*03/06/75 – terça-feira*

## ANAÍ (8 ANOS) E O PERFIL DA SUA DIRETORA

A Diretora Noilde Ramalho recebe, frequentemente, interessantes mensagens escritas pelas alunas da Escola Doméstica. A seguir, o texto e o desenho que representam o perfil da Diretora, delineado pela aluna Anaí Arantes Leme da Silva, 8 anos, atualmente matriculada na 3ª série da Escola Doméstica.



Sabia que a diretora Noilde Ramalho, não estudou na Escola Doméstica quando era criança, mas quando ela era adolescente? Com 15 anos que veio estudar na Escola Doméstica de Natal.

A diretora Noilde Ramalho, é do R.N, mas ela não é Nataense porque ela nasceu em Nova Cruz. Noilde Ramalho não tem filhas, ela é solteira, mas ela tem os irmãos.

Fiquei sabendo que a diretora Noilde Ramalho, acha que a importância da mulher para o mundo é atual e que é principal responsável pela formação do homem.

A diretora Noilde Ramalho é toda primeira e exaltada.

Noilde Ramalho, por meio de seu currículo (30 anos) dirigiu uma das melhores escolas, a qual foi para lá disso que ela trabalhou e se empenhou durante meio século (30 anos), mesmo labutando diário para tornar a sua, as nossas escolas referências respeitáveis de ensino.

A diretora Noilde Ramalho tem 84 anos e até hoje ela é muito animada e considerada um exemplo de mulher natalense, por pesar de não ter nascido em Natal.

3ª série  
Norma

\* Trabalho

Sobrinho querido, o médico José Dantas de Araújo Filho recebe afetuoso abraço.





Foto 1  
Diretoria da  
Associação das  
Ex-alunas, em dia  
de festa de  
aniversário da ED.

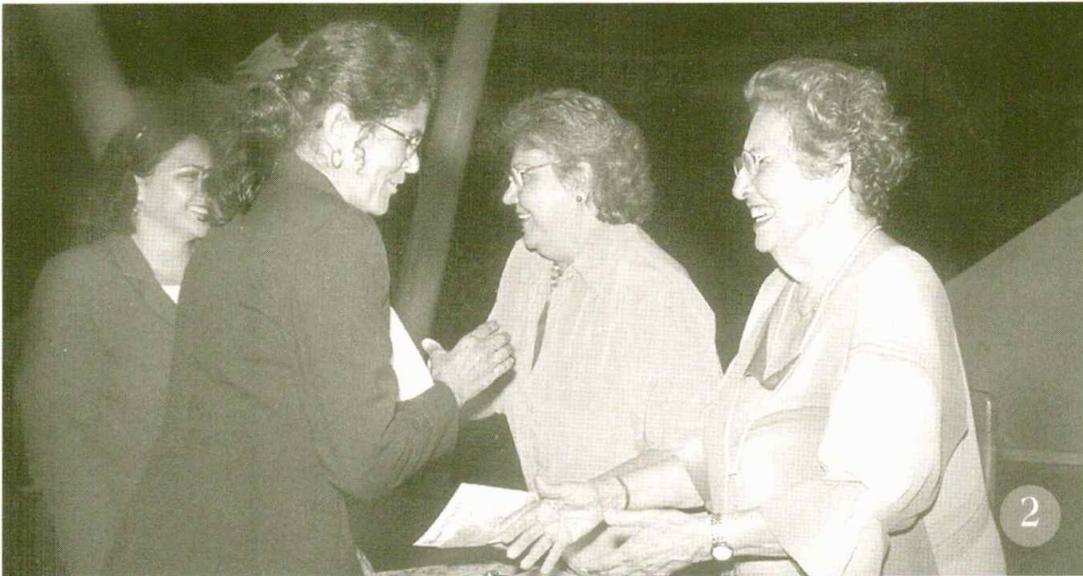


Foto 2  
Noilde Ramalho e  
Angela Guerra  
Fonseca cumprimentam as alunas  
Kainara e Kátia,  
premiadas no 2º  
Congresso de  
Iniciação Científica  
da FARN (2002).

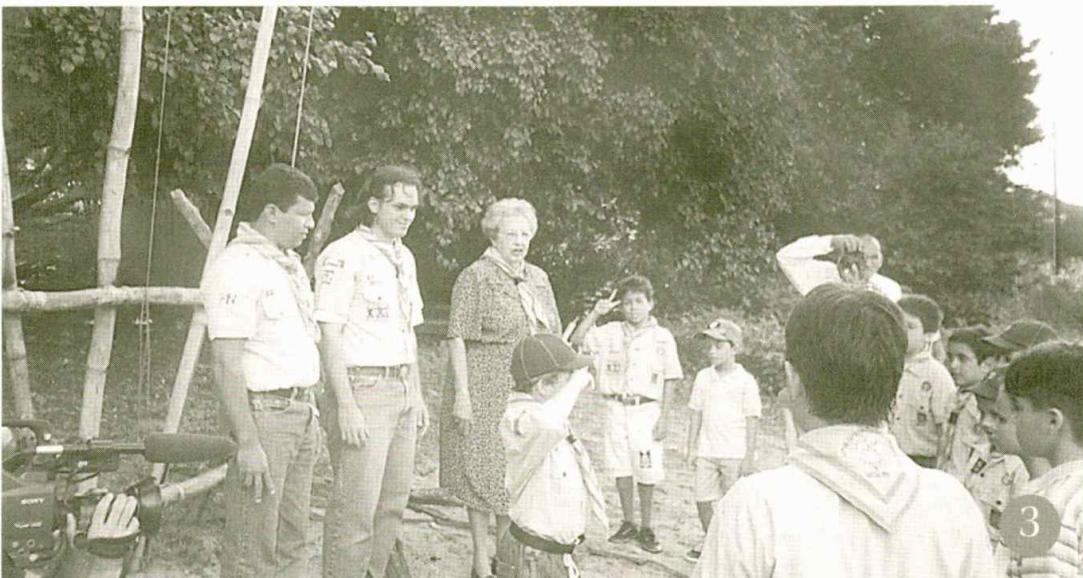


Foto 3  
Noilde Ramalho,  
entusiasta do  
Escotismo, criou o  
52º Grupo de  
Escoteiros no HC,  
do qual é a  
presidente.  
Solenidade de  
"Promessa dos  
Lobinhos" (2001).

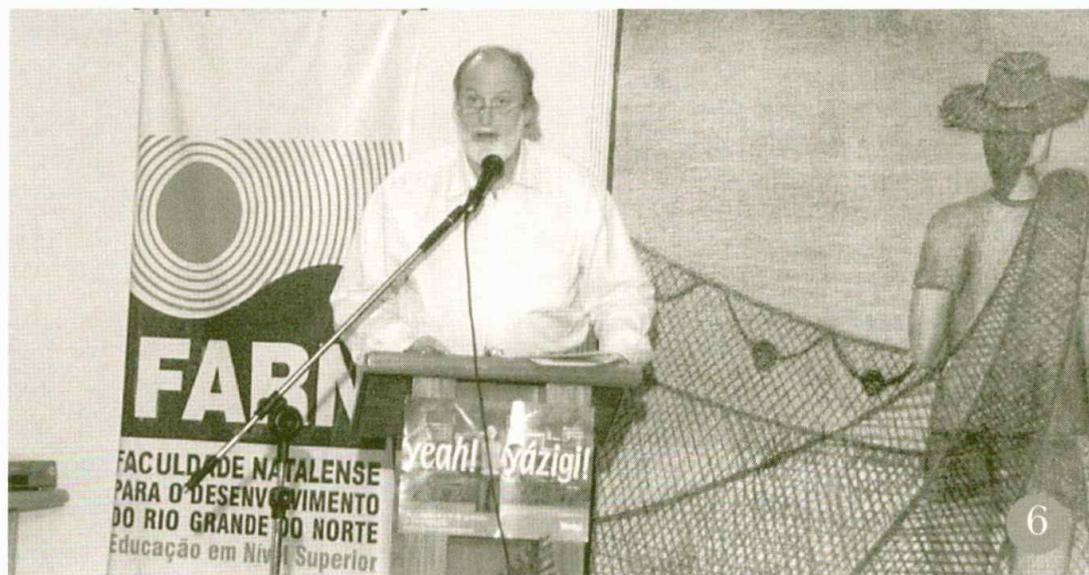
Foto 4  
Exposição de trabalhos em Congresso de Iniciação Científica da FARN, visitada por Dr. Manoel de Medeiros Brito, Noilde Ramalho, Daladier Cunha Lima e Alcir Veras.



Foto 5  
Grupo de Danças da Escola Doméstica em apresentação no dia da inauguração do Complexo Educacional Henrique Castriciano.



Foto 6  
FARN, 2003: Ricardo Young, Presidente nacional do Yázigi e integrante do Instituto Ethos, faz conferência sobre a responsabilidade social nas empresas.



## Referências

- 1 AFFONSO, Almino. **Testemunhos e perfis**. [S.l.: s.n], 2003. 221p.
- 2 AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 367p. (Pensamento Humano).
- 3 AGUIAR, José Nazareno Moreira de. **Cidade em Black-out**: crônicas referentes à Segunda Guerra Mundial. Natal: Editora Universitária, 1991. 73p.
- 4 ALBUQUERQUE, José Geraldo de (org.). **Henrique Castriciano**: seleta textos e poesias. Natal: RN Econômico, 1994. v.1.
- 5 \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Natal: RN Econômico, 1994. v.2.
- 6 \_\_\_\_\_. A Escola Doméstica de Natal: 1953 até hoje. **Revista Literária**, Natal, set. 1994. Edição Especial.
- 7 ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998. 225p.
- 8 ANUÁRIO estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: Departamento de Estatística e Publicidade, 1936. 435p.
- 9 AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. **Fragmentos de uma obra inédita**. Tradução Nathalie Bernardo da Câmara. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 152p.
- 10 BARROS, Eulália Duarte. **Uma escola suíça nos trópicos**. Natal: Ofset, 2000. 306p.
- 11 BASTOS, Aurélio Wander. Constituições, educação e constituinte no Brasil. **Educação Brasileira**, Brasília, v.7, n.14, p.55-80, 1985.

- 12 BOLETIM Comemorativo do cinquentenário da Escola Doméstica de Natal: 1914-1964. Natal: Imprensa Universitária, 1964. 76p.
- 13 BOLETIM Comemorativo dos 75 anos Escola Doméstica de Natal: 1914-1989. Natal: Gráfica União, [1989]. 76p.
- 14 BRASIL. **Código Civil da República dos Estados Unidos do Brasil de 1916**. Anotado por João Luiz Alves. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia., 1917.
- 15 BUENO, Eduardo. **História do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 1997. 320p.
- 16 BUENO, Ruth. **Regime jurídico da mulher casada**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- 17 CALDAS, Dorian Gray. O sítio da Ribeira. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 6, 18 abr. 2004.
- 18 CÂMARA, Adauto Miranda Raposo da. **Evocação ao poeta Henrique Castriciano**. [Rio de Janeiro], 1947. Conferência proferida na Federação das Academias de Letras do Brasil em outubro de 1947.
- 19 \_\_\_\_\_. **História de Nísia Floresta**. 2.ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997. 162p.
- 20 \_\_\_\_\_. Henrique Castriciano. **Jornal do Comércio**, [Recife], 26 out. 1947.
- 21 CÂMARA, Cassiano Arruda. **Um repórter na corda bamba: do tipo móvel ao notebook**. Natal: Gráfica Santa Marta, 2002. 288p.
- 22 CAMPOS, Humberto de. **Fragmentos de um diário**. Rio de Janeiro: Mérito, [1929?].
- 23 CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Dicionário biográfico da psicologia**. Brasília: Imago, 2001. 461p.
- 24 CAPISTRANO, Pablo. **Jornal de Hoje**, Natal, 23 set. 2000.

- 25 CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Global, 2001. 323p.
- 26 \_\_\_\_\_. **História da República no Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965. 307p.
- 27 \_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955. 554p.
- 28 \_\_\_\_\_. **Historia da cidade do Natal**. 3.ed. Natal: RN Econômico, 1999. 496p.
- 29 \_\_\_\_\_. **Nosso amigo Castriciano**. Natal: Imprensa Universitária, 1965. 256p.
- 30 CASTRICIANO, Henrique. **Educação da mulher**: conferência realizada pelo Dr. Henrique Castriciano no dia 23 de julho de 1911. Natal: Typographia do Instituto, 1911.
- 31 CASTRO, Nei Leandro de. **A mulher potiguar**: cinco séculos de presença. Natal: Fundação José Augusto, 2001. 58p.
- 32 CHAVES, Joaquim Ferreira. Discurso da Fundação da Escola Doméstica de Natal. **A República**, 02 set. 1914.
- 33 CONSTANTINO, Luciana. Desmatamento na Amazônia cresce 2%. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 abr. 2004. Folha ciência, p. A16.
- 34 COSTA, Gianine Cunha. **O cultivador de amizades**: “É o Dr. Zacarias, doze, zero cinco: o Dr. Zacarias”. Natal: Gráfica JB, 2002. 933p.
- 35 CRYSTAL, David. **Biographical encyclopedia**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 1179p.
- 36 CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação e as constituições brasileiras. **Educação Brasileira**, Brasília, v.7, n.14, p.81-106, 1985.

- 37 DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Brasília: Imprensa Nacional, art. 152, 25 maio 1987.
- 38 DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: Editora Universitária, 1995. 365p.
- 39 EDUCATION dês filles: XIX-XXes. Disponível em: <<http://hypo.ge.ch/www/cliotexte/html/education.femmes.xix.html>>. Acesso em: 02 dez. 2003.
- 40 FARIAS, Doracy Rodrigues; AMARAL, Maria Luíza Souza do; SOARES, Regina Célia (Comp.). Anísio Teixeira: breve biografia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.82, n. 200/201/202, p. 207-242, jan./dez. 2001.
- 41 FELIPE, José Lacerda Alves. **A (RE) invenção do lugar: os Rosado e o “País de Mossoró”**. João Pessoa: Grafset, 2001. 192p.
- 42 FERNANDES, Chicuta Nolasco. **Menina feia e amarelinha**. Natal: Editora do Rio Grande do Norte, 1973. 152p.
- 43 FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez, 1989. 164p.
- 44 \_\_\_\_\_. **Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia**. Tradução Francisco das Chagas Pereira. Natal: UFRN, 1998. 390p.
- 45 FORSTER, Simone. **L’Economie domestique: ringarde ou d’avant-garde?**. Disponível em: <<http://www.unine.ch/iRDP/breche/educ>>. Acesso em: 12 nov. 2003.
- 46 FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 26.ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- 47 \_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

- 48 GALVÃO, Hélio. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v.19, n.8, p. 45-60, 67-75, maio 1970.
- 49 GOES, Maria Conceição Pinto de. A Escola Doméstica de Natal: o caminho para sair da camarinha. **Revista Literária**, Natal, set. 1994. Edição Especial.
- 50 GRILO, Maria Simonetti Gadêlha. **Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta**. Natal: Clima, 1989. 169p.
- 51 GUERRA, Felipe. Liga de Ensino, Escola Doméstica de Natal. **A República**, Natal, 27 nov. 1927.
- 52 GUERRA, Santa. **O ensino doméstico na Bélgica**. Mossoró: [S.n.], 1989. (Coleção Mossoroense, 652)
- 53 GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001. 364p.
- 54 HAHNER, June E. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940**. Tradução Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003. 448p.
- 55 KNOWLES, Elizabeth. **The Oxford dictionary of quotations**. New York: Oxford University Press, 1999. 1136p.
- 56 LA FORMATION professionnelle dès femmes. Disponível em: <[http://www.fravenkommission.ch/pdf/f\\_4\\_2\\_bildung.pdf](http://www.fravenkommission.ch/pdf/f_4_2_bildung.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2003.
- 57 LARA, Silvia Hunold (org.). **As ordenações filipinas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 58 LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugalia, 1938. tomo 1.

- 59 LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Escola Doméstica de Natal**: fundada em 1914. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1945. 37p.
- 60 LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo**: um brasileiro feliz. Natal: RN Econômico, 1978. 184p.
- 61 \_\_\_\_\_. **Natal**: biografia de uma cidade. Rio de Janeiro: Lidador, 1999. 320p.
- 62 \_\_\_\_\_. **Solidão solidões**: uma biografia de Dinarte Mariz. Brasília: Senado Federal, 2002. 210p.
- 63 LIRA NETO. O Paletó do general. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 abr. 2004. Opinião, p. A3.
- 64 LOPES, Gizelda. **Mulheres de Mossoró**: as Senadoras: uma saga política. Brasília: Projecto Editorial, 2002. 240p.
- 65 LOPES, Lúcia Leite Ribeiro Prado. **Machado de A a Z**. São Paulo: Editora 34, 2001. 368p.
- 66 LYRA, Augusto Tavares de. **Chorographia do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Brasileira "Lux", 1924. 190p.
- 67 \_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Nordeste Gráfica, [1998?]. 434p.
- 68 LYRA, Sophia A. **Rosas de neve**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1974. 151p.
- 69 MACHADO, João Batista. **Perfil de República no Rio Grande do Norte**: 1889-2003. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000. 271p.
- 70 MAIA, Agaciel da Silva. **Parlamentares do Rio Grande do Norte**: Deputados: Império e República. Brasília: Senado Federal, 2003. 352p.

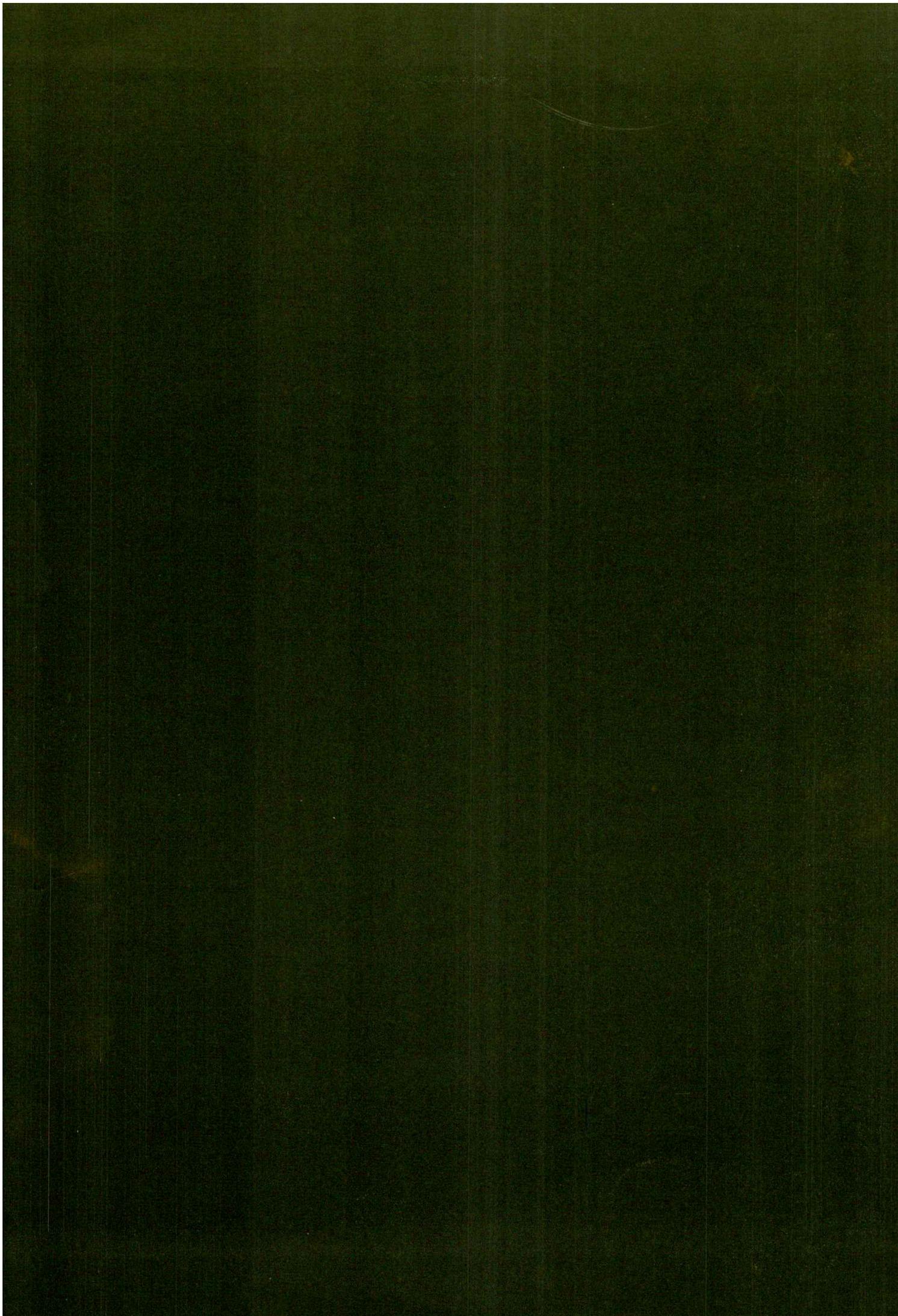
- 71 MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2002. 418p.
- 72 MARQUES, Maria Lúcia. Complexo Educacional Henrique Castriciano: uma escola do futuro. **Escola Doméstica – Revista Literária**, Natal, set. 1994. Edição Especial.
- 73 MEDEIROS FILHO, João. **82 horas de subversão: Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte**. Brasília: Senado Federal, 1980. 204p.
- 74 \_\_\_\_\_. Augusta. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v.30, n.18, p.95-106, jan./dez. 1983.
- 75 MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Terra natalense**. Natal: Fundação José Augusto, 1991. 214p.
- 76 MEDEIROS, Jose Augusto Bezerra de. **O Rio Grande do Norte no Senado da República**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980. 101p.
- 77 MEDEIROS, José Mário de. **Topônimos da Terra Santa**. Natal: RN Econômico, 2000. 125p.
- 78 MELO FILHO, Murilo. **O Nosso Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Consultor Assessoria de Planejamento, 1993. 52p.
- 79 MELO, João Wilson Mendes. **A Cidade e o trampolim**. Natal: Sebo Vermelho, 2003. 162p.
- 80 MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1909-1987**. São Paulo: Cortez, 1987. 269p.
- 81 MELO, Protásio Pinheiro de. **Contribuição norte-americana à vida natalense**. Brasília: Senado Federal, 1993. 176p.

- 82 MELO, Veríssimo de. **Patronos e acadêmicos:** Academia Norte-Rio-Grandense de Letras antologia e biografia. Rio de Janeiro: Pongueti, 1972. v.1.
- 83 \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Pongueti, 1972. v.2.
- 84 \_\_\_\_\_. **Síntese cronológica da UFRN: 1958-1988.** Natal: Editora Universitária, 1991. 279p.
- 85 MIRABETE, Júlio Fabbrini. **Manual de direito penal.** 20.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- 86 MISSÃO Rondon. Brasília: Senado Federal, 2003. 254p.
- 87 MORAIS, Marcus César Cavalcanti de. **Retrato narrado da cidade de Natal.** Natal: Sergraf, 1999. 145p.
- 88 MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim:** uma nobre figura de mulher. Natal: Imprensa, 2003. 156p. (Coleção Mossoroense)
- 89 \_\_\_\_\_. **Leituras de mulheres no século XIX.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 108p.
- 90 MORAIS, Raimundo. **Na planície Amazônica.** 7.ed. Brasília: Senado Federal, 2000. 175p.
- 91 MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil.** São Paulo: Loyola, 2000.
- 92 NAVARRO, Jurandyr. **Oradores, Rio Grande do Norte: 1889-2000:** biografia e antologia. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000. 701p.
- 93 NEGREIROS, Sanderson. **Na direção do relâmpago.** Natal: Editora da UFRN, 2001. 274p.

- 94 NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história 1500-2000.** Rio de Janeiro: Edições Consultor, 1995. 648p.
- 95 PEREIRA, Nilo. Henrique Castriciano: artista inacabado. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v.23, n.11, p.7-20, jun. 1974.
- 96 \_\_\_\_\_. **José Augusto B. de Medeiros: um democrata.** Petrópolis: Vozes, 1981. 253p.
- 97 PETROVICH, Enélio Lima. **Evocando Henrique Castriciano.** Natal: Manimbu, 1978. 17p.
- 98 PINTO, Lauro. **Natal que eu vi.** Natal: Sebo Vermelho, 2003. 71p. Fac-Simili.
- 99 PIRES, Meira. **História do Teatro Alberto Maranhão: 1904 a 05.03.1952.** Natal: Fundação José Augusto, 1980.494p.
- 100 REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a integridade do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 2001. 254p.
- 101 RIBEIRO JÚNIOR, João. **Auguste Comte e o positivismo.** Campinas: EDICAMP, 2003. 344 p.
- 102 RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da educação brasileira.** 6.ed. Vozes: Petrópolis, 1984. 180p.
- 103 ROCHA, João Augusto de Lima (org.). **Anísio em movimento.** Brasília: Senado Federal, 2002. 306p.
- 104 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil: 1930-1973.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1984. 267p.
- 105 ROSAS, José Tarcísio (coord.). **Personalidades históricas do Rio Grande do Norte.** Natal: Ofset, 1999. 231p.

- 106 SÁ, José Nilson de. **A Estrada que percorri**. Natal: Impressão Gráfica e Editora, 2003. 282p.
- 107 SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de história da educação**. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- 108 SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 567p.
- 109 SILVA, Marcos (org.). **Dicionário crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, 2003. 327p.
- 110 SINEAU, Mariette. Direito e democracia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1995. v.5.
- 111 SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. Natal: UFRN, 2001. 228p.
- 112 SMITH JÚNIOR, Clyde. **Trampolim para a vitória**. Natal: Editora Universitária, 1993. 225p.
- 113 SOUZA, Itamar de. **A República velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930**. Natal: Senado Federal, 1989. 269p.
- 114 \_\_\_\_\_. **Diário do Rio Grande do Norte**. Natal: Diário de Natal, 1999. 334p. Fascículos do Diário de Natal.
- 115 \_\_\_\_\_. **Nova história de Natal**. Natal: Diário de Natal, 2001. 734p. Fascículos do Diário de Natal.
- 116 STEIN, Edith. **A Mulher: sua missão segundo a natureza e graça**. Tradução Alfred J. Keller. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999. 306p.

- 117 TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro de. **História regional: Rondônia.** 4.ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001. 232p.
- 118 TRINDADE, Maria Aparecida da S. Fernandes. Para além da sala de aula. **Informativo do Complexo de Ensino ED/HC,** Natal, nov. 2003.
- 119 VIVEIROS, Paulo Pinheiro de. **História da aviação no Rio Grande do Norte.** Natal: Editora Universitária, 1974. 233p.
- 120 VONLANTHER, Hugo. **Inauguration de l'Ecole Normale de Canton du Fribourg.** Fribourg: Saint-Canisius, 1989. 47p.
- 121 WOLLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman.** 2nd ed. New York: W.W. Norton, 1988. 316p. (A Norton Critical Edition).



## Xanana

A capa, uma **chanana**, ou **xanana**, como preferem e recomendam seus apaixonados poetas, é a fixação de um instante de beleza natural que a sensibilidade artística de Giovanni Sérgio foi capaz de descobrir. É a união da técnica, da arte e da natureza para mostrar que se pode encontrar nas coisas simples o encantamento aos olhos e ao espírito.

Para proteger as páginas deste livro, que fala de amor, de amor à educação, nada melhor do que as pétalas da xanana, a flor do Natal, a flor popular, dos canteiros, dos quintais, dos recantos das calçadas, dos campos, a flor das manhãs ensolaradas da nossa cidade.

*O Autor.*

A impressão deste livro contou com o apoio da

**CAIXA**  
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL





*Dorian Gray Caldas*

Falar sobre o livro de Daladier Pessoa Cunha Lima, "Noilde Ramalho: Uma História de Amor à Educação", é para mim uma tarefa de incomparável alegria.

Este novo trabalho de Daladier envolve-nos de tal maneira, que é difícil para o escritor destacar os capítulos de maiores emoções, os melhores momentos da leitura: sejam reminiscências, confissões, ou depoimentos vividos.

O conteúdo deste trabalho magistral do Professor Daladier sobre a vida e a obra da Professora Noilde Ramalho, todavia, não é de fácil definição. Primeiro, porque o Autor vai além do tempo agostiniano, quando, e por razões tão excepcionais, diz, citando-o; "Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o pretérito, já não seria tempo mas eternidade". Julgo assim que está confirmada nesta Biografia a categoria de obras que pertence a todo o tempo e, ainda, "o que nos conforta são as longas lembranças do passado", ainda citando Santo Agostinho.

Li esta Biografia com o coração pulsando de simpatia por cada palavra, registro, lembranças, emoções, depoimentos.

Não se pode avaliar um texto apenas folheando-o, lendo-lhe o sumário, ou pinçando os assuntos mais relevantes, ou situações mais documentais. Um livro é como uma vida, temos de ir ao rio desta vida para que possamos entender o curso deste rio, a profundidade deste rio, como nos fala o poeta negro Langston Hughes no seu poema antológico. As variantes, o que não está definido explicitamente, as anotações subliminares, o que apenas sugere e o autor atento percebe, a descrição da palavra nas entrelinhas do texto, a sutileza da pergunta (ou perguntas), conduz o leitor à apaixonante

solidariedade com o entrevistado: a tácita aceitação dessa comunicabilidade que refluí do diálogo e que o coloca acima das contingências comuns e torna-o único. Assim é este livro sobre a vida desta notável educadora, harpa sensível, harmoniosa, solidária, som e luz, encantamento. A Professora Noilde Ramalho prodigaliza e é referência nacional. Méritos, todos. Reconhecida por mais de uma geração; elegância e cultura, discernimento, doação.

Noilde Ramalho sabe a hora exata, a oportuna coincidência (se houver) do que melhor pode ser feito pelo ensino, o que eu chamaria de concretude da ação do bem comum, em função de uma idéia, um projeto de vida comunitária. Isso ela faz com mestria, todavia com leveza e arte interagindo no social, com o qual estamos todos envolvidos; professores e educadores, alunos e estetas; toda uma gama de circunstâncias com que a Professora Noilde Ramalho interage, convive, iluminando com a sua radiante presença.

Li, meu caro Professor, escritor Daladier Pessoa Cunha Lima, o seu livro num crescente de admiração pelo seu trabalho afortunadamente reconhecido pelos depoimentos inseridos em sua obra.

Tenho por hábito ler biografias, de reis, rainhas, celebridades, mas, confesso, a Biografia de Noilde Ramalho confirma a excepcionalidade deste seu trabalho na palavra exata, no texto limpo como um diamante ou simples como um anel na expressão nerudiana. Isso confirma a vocação dos Cunha Lima, a marca, o signo, deste clã reavivado pela lembrança do seu Pai, fazendeiro de sonhos, tão cedo depositados no coração dos seus filhos.

Este livro é muito mais que uma biografia, é um Testamento forte de emoções na legitimidade comovedora de um apostolado. A vida da Professora Noilde Ramalho, da qual somos seus bem-aventurados, de enternecidas simpatias.

*Dorian Gray Caldas*



Daladier Pessoa Cunha Lima nasceu em 1939, na cidade de Nova Cruz-RN. Aos 12 anos, veio para Natal e, em 1965, formou-se em Medicina na UFRN. Pós-graduado pela USP, tem, ainda, especialização em Medicina do Trabalho e em Administração Universitária. Por vários anos Médico atuante e Professor de Medicina, publicou diversos trabalhos de pesquisa em revistas especializadas. Primeiro Reitor eleito da UFRN, exerceu o cargo de 1987 a 1991, após ter assumido as funções de Diretor do Centro de Ciências da Saúde, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Vice-Reitor da Universidade. Sua experiência acadêmica é também enriquecida pela vivência em Instituições Universitárias no Exterior. Ao se aposentar, abdicou do exercício da Medicina e optou pelas atividades em Educação, tendo instalado, em Natal, as Escolas de Idiomas Yázigi. Em seguida, passou a se dedicar à criação e implantação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - FARN, da qual é o Diretor Geral, desenvolvendo profícuo trabalho cultural e educacional. É membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e autor de inúmeros trabalhos escritos em forma de palestras, conferências, discursos e artigos publicados em jornais de Natal.

ISSN 01-904881-1-3

